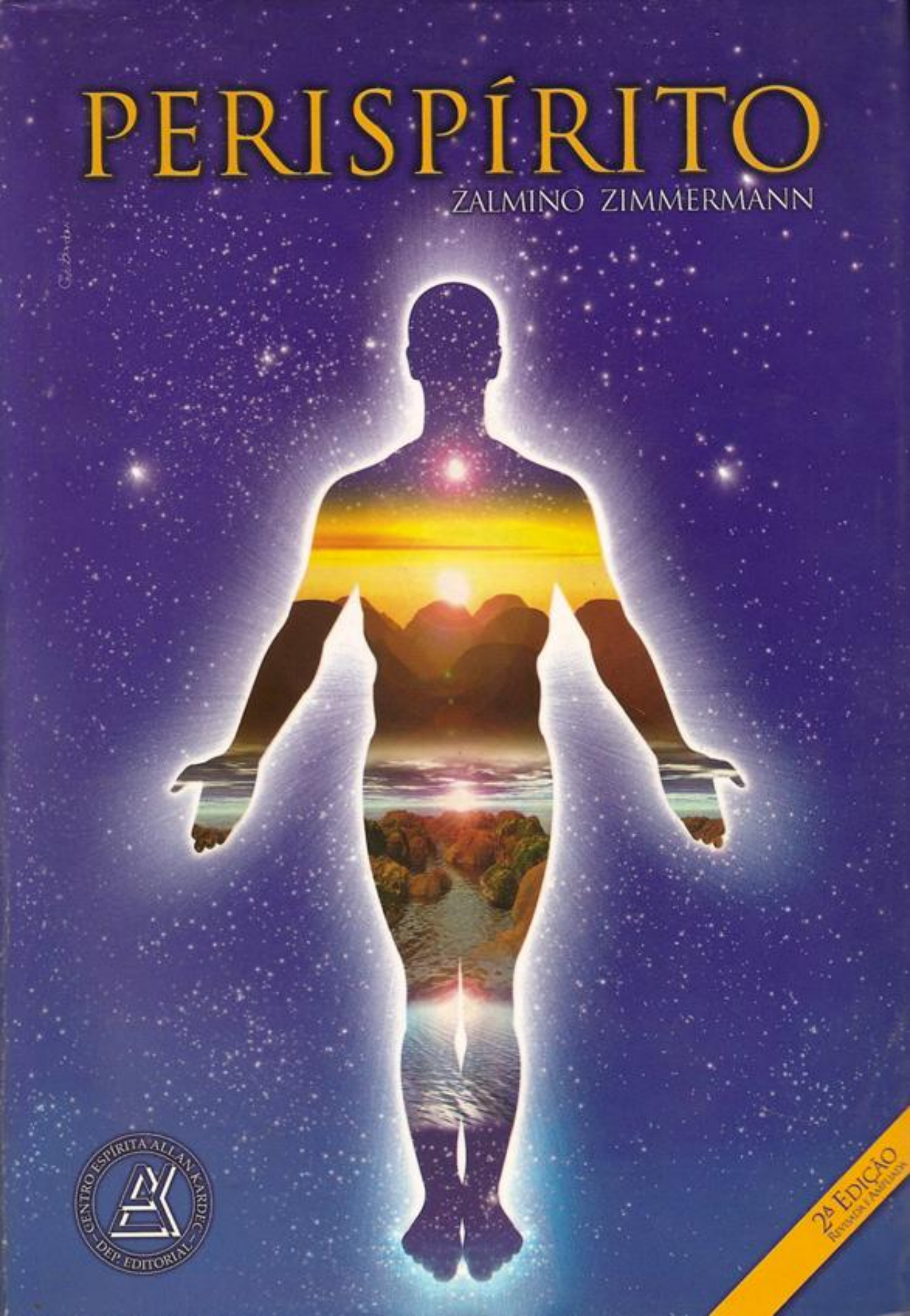
PERISPÍRITO

ZALMINO ZIMMERMANN



CENTRO ESPÍRITA ALLAN KARDEC
DEP. EDITORIAL

2ª EDIÇÃO
REVISTA E AMPLIADA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do ***ebook espírita*** com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***ebook espírita*** disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site:www.ebookespirita.org.

ebook Espírita

www.ebookespirita.org

PERISPÍRITO

ZALMINO ZIMMERMANN

PERISPÍRITO

2ª Edição
Revista e Ampliada *

CENTRO ESPÍRITA ALLAN KARDEC
DEP. EDITORIAL

CAMPINAS - SP
2002

* **Nota da Editora:** Embora ampliado o conteúdo, o número de páginas desta edi
é menor do que o da anterior, por ter passado por uma nova diagramação.

SUMÁRIO

Apresentação – Prof. Hernani Guimarães Andrade XV

O Elo Interexistencial XXI

Cap. I
Conceito – Natureza 23

Cap. II
Propriedades do Perispírito 31

Cap. III
Funções do Perispírito 61

Cap. IV
Centros Vitais 75

Cap. V
Provas da Existência do Perispírito 87

Cap. VI
O Duplo Etérico 167

Cap. VII
O Corpo Mental 185

Cap. VIII
A Aura 189

Cap. IX
Perispírito e Evolução 221

Cap. X
Perispírito e Memória 265

Cap. XI
Perispírito e Mediunidade 281

Cap. XII
Perispírito e Reencarnação 321

Cap. XIII
Perispírito e Enfermidade 345

Cap. XIV
Perispírito e Obsessão 373

Cap. XV
Perispírito e Rejuvenescimento 455

Cap. XVI
Perispírito e Anestesia 459

Cap. XVII
Perispírito e Sexualidade 461

Cap. XVIII
Perispírito e Desencarnação 481

Bibliografia 509

Índice Remissivo 529

Índice Onomástico 545

Índice de Ilustrações 555

NOTA

Desenvolve-se, há tempos, o Projeto "ENCICLOPÉDIA DO ESPIRITISMO". O texto desta obra reúne diversos de seus verbetes, dado que não deve ser perdido de vista, em sua leitura.

Referido projeto tem por diretrizes: rigoroso respeito à orientação traçada por ALLAN KARDEC; citação do maior número de autores espíritas, encarnados e desencarnados; transcrição literal de textos originais (método doxográfico), para fins de possível documentação, à vista de que muitas obras de inestimável valor não têm passado, infelizmente, das primeiras edições; registro rigoroso das fontes, nas citações; posicionamento das notas referentes ao texto principal, no rodapé da própria página em que ele se encontra (mesmo que, às vezes, extensas, e ainda que alguns repertórios optem por colocá-las no final dos respectivos capítulos), ao entendimento de que, assim, a percepção corrente dos conteúdos possa surgir mais proveitosa.

Aos Mestres

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER,

EMMANUEL e ANDRÉ LUIZ,

veneráveis consolidadores do Espiritismo

em nosso tempo,

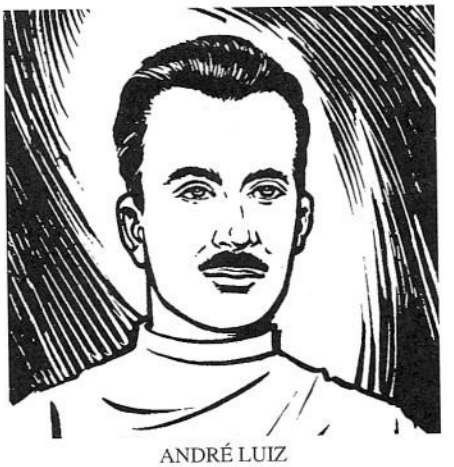
a nossa homenagem e gratidão.



EMMANUEL



FRANCISCO C. XAVIER



ANDRÉ LUIZ

ZALMINO ZIMMERMANN

PERISPÍRITO

2ª Edição
Revista e Ampliada *

CAMPINAS - SP
2002

* **Nota da Editora:** Embora ampliado o conteúdo, o número de páginas desta edição é menor do que o da anterior, por ter passado por uma nova diagramação.

"Não há descrição viável da matéria que não traga ao primeiro plano os mecanismos estruturais de nosso espírito."

CHARON

"É mais fácil explodir um átomo que um preconceito."

EINSTEIN

"A realidade objetiva evaporou-se."

HEISENBERG

"Existe uma coisa mais poderosa que todos os exércitos: uma idéia cujo tempo é chegado."

VICTOR HUGO

"Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão em todas as épocas da Humanidade."

KARDEC

"O bem que praticares em algum lugar é teu advogado em toda parte."

F. C. XAVIER

APRESENTAÇÃO

Professor HERNANI GUIMARÃES ANDRADE *

Em 1972, Ano Internacional do Livro, foi lançada a 2ª edição da "**Enciclopédia de Parapsicologia, Metapsíquica e Espiritismo**", de autoria do nosso saudoso amigo, João Teixeira de Paula. Naquela ocasião, Teixeira de Paula planejara ampliar o seu trabalho, de maneira a torná-lo, futuramente, uma "**Enciclopédia do Espiritismo**". Tê-lo-ia realizado, sem dúvida, porém a morte frustrou-lhe a concretização daquele projeto.

Passaram-se vinte e sete anos para surgir alguém capaz de realizar uma obra de tal porte e em sintonia com o espantoso progresso da ciência e da tecnologia deste final de milênio. Demorou um quarto de século, mas apareceu aquele que certamente tornará uma realidade o sonho de Teixeira de Paula, indo talvez muito além daquilo que o nosso saudoso e culto amigo almejou.

---

* O Professor HERNANI GUIMARÃES ANDRADE, emérito cientista brasileiro, notabiliza-se como o maior divulgador de conhecimentos científicos ligados à realidade do Espírito, na atualidade.

Engenheiro e ex-Professor de Física e Matemática, fundador e Diretor Presidente do Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas, IBPP, laureado por diversas Universidades e Institutos internacionais, membro das principais organizações de pesquisa psíquica da Europa e EUA, com centenas de artigos publicados no País e no exterior, monografias e livros de ampla repercussão nacional e internacional, credencia-se como um dos mais notáveis autores espíritas de nosso tempo, mercê de sua enciclopédica cultura e de uma dedicação ímpar ao trabalho de pesquisa e divulgação, aliada a uma rara capacidade de compreensão dos problemas humanos.

Quem assumiu esta imensa tarefa foi o *Dr. Zalmino Zimmermann*, ilustre professor e magistrado, cuja vasta cultura filosófica e científica, aliada a um profundo conhecimento do Espiritismo em todos os seus aspectos, o credenciam amplamente para realizar tão importante e complexo empreendimento.

Ao compulsar o presente trabalho, o leitor sentirá imediatamente que se trata de uma obra seríssima, produto de esforço sobre-humano, orientado de acordo com as melhores e mais modernas normas editoriais.

O Espiritismo atingiu um tal nível de cultura e amadurecimento por parte dos seus adeptos, que já está a pedir uma fonte de consulta com as dimensões da presente "**Enciclopédia do Espiritismo**". Neste ciclópico trabalho, os mais exigentes estudiosos, espíritas ou de outras áreas do saber, encontrarão abundante e completa informação acerca da maioria dos tópicos referentes ao Espiritismo.

O presente livro não é toda a Enciclopédia do Espiritismo. Diz respeito somente a um de seus temas: ***Perispírito***. Outras ma-

---

Destacam-se, entre as suas obras mais importantes: "A TEORIA CORPUSCULAR DO ESPÍRITO" (Uma Extensão dos Conceitos Quânticos e Atômicos à Idéia do Espírito), 1958; "NOVOS RUMOS À EXPERIMENTAÇÃO ESPIRÍTICA" (Uma Nova Metodologia para a Experimentação Espirítica, em Laboratório e com Base nos Princípios da Teoria Corpuscular do Espírito), 1960; "PARAPSICOLOGIA EXPERIMENTAL", 1967; "A MATÉRIA PSI", 1970; "MORTE, RENASCIMENTO, EVOLUÇÃO: UMA BIOLOGIA TRANSCENDENTAL", 1983; "ESPÍRITO, PERISPÍRITO E ALMA: ENSAIO SOBRE O MODELO ORGANIZADOR BIOLÓGICO", 1984; "PSI QUÂNTICO – UMA EXTENSÃO DOS CONCEITOS QUÂNTICOS E ATÔMICOS À IDÉIA DO ESPÍRITO", 1986; "REENCARNAÇÃO NO BRASIL" (Oito Casos que Sugerem Renascimento), 1988; "*POLTERGEIST*" (Algumas de Suas Ocorrências no Brasil), 1989; "TRANSCOMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL" (sob o pseudônimo de Karl W. Goldstein), 1992; "RENASCEU POR AMOR", 1994; "MORTE – UMA LUZ NO FIM DO TÚNEL", 1999; "O CASO RUYTEMBERG ROCHA" (Monografia), 1971 – Trad. Inglesa: "*THE RUYTEMBERG ROCHA CASE*", 1976; "*THE PSI MATTER*" (Monografia), 1976; "*A CASE SUGGESTIVE OF REINCARNATION: JACIRA & RONALDO*" (Monografia), 1980.

térias serão publicadas futuramente; por exemplo, o verbete Filosofia, que já se encontra em fase de revisão. Desta forma, a Enciclopédia vai, pouco a pouco, sendo divulgada.

O eminente autor desta obra, *Prof. Zalmino Zimmermann* – sem embargo de manter a máxima fidelidade nas transcrições de trechos dos trabalhos dos inúmeros autores citados – não deixa de, em alguns casos, externar a sua valiosa opinião. Entretanto ele o faz, mantendo rigorosa neutralidade e absoluto respeito às colocações daqueles autores. Assim, no caso dos diversos conceitos acerca do ectoplasma (V. Cap. V, "Provas da Existência do Perispírito"), o *Prof. Zimmermann* oferece uma extensa lista de divulgadores e pesquisadores, transcrevendo fielmente trechos de suas obras, bem como alguns resumos das idéias desses autores, sem alterar-lhes a forma e o conteúdo. Desse modo, o consulente desta Enciclopédia terá à sua disposição um enorme manancial de informações seguras, que lhe permitirá o fácil acesso às matérias contidas em tais trabalhos.

A Enciclopédia do Espiritismo oferece, desta forma, ao leitor, uma verdadeira "biblioteca especializada" sobre cada tema, equivalente a uma imensa variedade de tratados, muitos deles sínteses de obras antigas, normalmente já esgotadas e fora do prelo. Algumas dessas preciosas jóias bibliográficas foram encontradas em livrarias de obras raras, de outros países, visitadas com este propósito pelo competente Autor deste trabalho.

Mas, aqueles que imaginarem ser, a Enciclopédia do Espiritismo, uma espécie de dicionário maior, frio e limitado apenas à definição mais ampla dos termos compreendidos pelos verbetes, estarão equivocados. Neste notável trabalho, o Autor costuma envolver-se também na temática dos assuntos e dar a sua colaboração preciosa e esclarecedora, levando o consulente a um entendimento mais profundo e avançado da matéria. Por conseguinte, a Enciclopédia se transforma em rica coleção de didáticas lições acerca de cada verbete. Como exemplo, convidamos o leitor a ver

o Cap. IX ("Perispírito e Evolução"), desta obra. Nesse capítulo o Autor passa, de mero lexicógrafo, a mestre de rara erudição e profundo conhecimento das teses focalizadas, fornecendo ao consulente uma síntese grandiosa e riquíssima de informações acerca do assunto de seu interesse.

Às vezes, vários trechos desta obra tornam-se uma espécie de sinfonia literária em que a elegância do estilo claro e escorreito do Autor se mistura com a cristalina profundidade de conceitos dos excertos colhidos nas obras de Allan Kardec ou de Emmanuel e André Luiz (psicografias de Chico Xavier). Leia-se, por exemplo, o Cap. XII (Perispírito e Reencarnação).

Em outras ocasiões, o *Prof. Zimmermann* é obrigado a acompanhar os vôos extremamente altos de um ou outro autor que expôs seu ponto de vista acerca de uma dada matéria. E pode acontecer que o referido teorista, na tentativa de expressar suas idéias em linguagem comum, é levado a reduzir a clareza e a precisão da exposição. Mesmo assim, mantém sua fidelidade às idéias do autor focalizado, mergulhando com ele nas nuvens das altitudes acessadas pelo expositor. Por isso alertamos os leitores que, como nós, se sentirem ofuscados pelo esfuziante brilho de alguma teoria, não culpem o *Prof. Zimmermann*. Ele, com sua extrema polidez, apenas estará, momentaneamente, refletindo e procurando aumentar a clareza da fonte emissora...

Pode ocorrer que algum leitor venha a estranhar a colocação das notas explicativas ao pé das próprias páginas. Este é, a nosso ver, um dos inúmeros pontos positivos na composição gráfica desta obra: a confortável colocação das notas explicativas ao pé da própria página do texto. Esta providência é mais uma característica louvável que muito favorece ao leitor interessado em bem estudar o assunto. A colocação das notas e outras informações concernentes ao texto, no final da obra ou dos capítulos, obriga o leitor a virar as páginas em busca delas. Isso contribui para a quebra do estado de atenção ou pode levar à desistência da procura, especialmente se tornar-se muito freqüente.

Finalmente, resta-nos felicitar o *Prof. Zalmino Zimmermann* pela sua notável iniciativa de idealizar tão importante obra. Temos a certeza de que ele a levará a termo, entregando ao Movimento Espírita uma Enciclopédia do Espiritismo que será, também, um marco histórico no início do III Milênio.

Bauru (SP), verão de 2000.



O ELO INTEREXISTENCIAL

Revela-nos a Doutrina Espírita que a natureza do ser humano é essencialmente espiritual, ainda que por muito tempo imprescinda, para o seu desenvolvimento, do adequado suporte carnal.

Isso faz com que, em longo período de sua história evolutiva, viva ao mesmo tempo em dois planos existenciais, pois que, imerso na dimensão física, interage com o mundo espiritual, e, desencarnado, liga-se contínua e estreitamente ao mundo material.

Compreende-se, então, que, na verdade, o existir é um interexistir.

E para esse interexistir, que marca a nossa realidade, possibilita-nos a Providência Divina um valiosíssimo instrumento, espelho da alma e sustentáculo do corpo, que é o Perispírito.

O Perispírito é, por excelência, o elo interexistencial.

O seu conhecimento, por certo, contribuirá, mais cedo ou mais tarde, para que a Ciência, ou melhor, os cientistas, abram-se definitivamente à espiritualidade – e, pois, à transcendentalidade –, com a convicção e o empenho que só as escalas mais altas do Saber podem propiciar.

O Autor.

I.

CONCEITO – NATUREZA

Perispírito (do gr. ***peri***, em torno, e do lat. ***spiritus***, alma, espírito) é o envoltório sutil e perene da alma, que possibilita sua interação com os meios espiritual e físico.

A palavra foi empregada pela primeira vez por Allan KARDEC, no item 93 de "O Livro dos Espíritos".[1] Mais tarde, os Espíritos Instrutores, endossando a designação, passaram a empregá-la regularmente. Tal denominação baseia-se na forma com que se apresenta esse complexo fluídico, envolvendo a alma.

---

[1] Item 93: "— O Espírito, propriamente dito, nenhuma cobertura tem, ou, como pretendem alguns, está sempre envolto numa substância qualquer?"

"— Envolve-o uma substância, vaporosa para os teus olhos, mas ainda bastante grosseira para nós; assaz vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se aonde queira."

"Envolvendo o gérmen de um fruto, há o perisperma; do mesmo modo, uma substância que, por comparação, se pode chamar *perispírito*, serve de envoltório ao Espírito propriamente dito." ("**O Livro dos Espíritos**". 75ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 85. Trad. Guillon Ribeiro).

O termo criado por KARDEC foi depois – a partir do item 141, dessa obra – plenamente endossado pelos Espíritos Instrutores.

Outras denominações conhecidas referem-se mais à sua natureza ou funções. Assim, ANDRÉ LUIZ, por Francisco Cândido XAVIER, chama-o de *psicossoma* e, também, *corpo espiritual* – lembrando, aliás, a designação de PAULO, em sua primeira epístola aos Coríntios (15:44). Hoje, os autores dão aos três termos – perispírito, corpo espiritual e psicossoma – o mesmo sentido.

Alma e perispírito constituem um todo indissolúvel. Conforme esclarece KARDEC, alma e perispírito "*constituem o ser chamado Espírito.*"

"*A alma é, pois, um ser simples; o Espírito um ser duplo e o homem um ser triplo.*"

Há, assim, diferenças de significado, embora seja comum o emprego das duas palavras – *alma e Espírito* – como sinônimas. Por isso, anota KARDEC: "*Seria mais exato reservar a palavra alma para designar o princípio inteligente e o termo Espírito para o ser semimaterial formado desse princípio e do corpo fluídico; mas, como não se pode conceber o princípio inteligente isolado da matéria, nem o perispírito sem ser animado pelo princípio inteligente, as palavras alma e Espírito são, no uso, indiferentemente empregadas uma pela outra (...); filosoficamente, porém, é essencial fazer-se a diferença.*" ("**O Que É o Espiritismo**". 37ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 155: Cap. II).

E Léon DENIS observa: "*Chamamos Espírito à alma revestida do seu corpo fluídico. A alma é o centro de vida do perispírito, como este é o centro de vida do organismo físico. Ela que sente, pensa e quer; o corpo físico constitui, com o corpo fluídico, o duplo organismo por cujo intermédio ela atua no mundo da matéria*". ("**Cristianismo e Espiritismo**". 10ª ed., Rio de Janeiro: FEB, p. 219. Trad. Leopoldo Cirne).

Em outro local, especifica:

"O homem (...) é um ser complexo. Nele se combinam três elementos para formar uma unidade viva, a saber:

O corpo, envoltório material temporário, que abandonamos na morte, como vestuário usado;

O perispírito, invólucro fluídico permanente, invisível aos nossos sentidos naturais, que acompanha a alma em sua evolução infinita, e com ela se melhora e purifica;

A alma, princípio inteligente, centro da força, foco da consciência e da personalidade.

A alma, desprendida do corpo material e revestida do seu invólucro sutil, constitui o Espírito, ser fluídico, de forma humana, liberto das necessidades terrestres, invisível e impalpável em seu estado normal." (**DENIS, Léon. "Depois da Morte"**. 18ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, pp. 199 e 200: Cap. XXIX. Trad. João Lourenço de Souza).

*

Embora os estudos sobre o perispírito tenham sido sistematizados só a partir de KARDEC,[2] tem sido ele percebido desde épocas imemoriais, recebendo as mais diversas denominações no curso do tempo: *mano-maya-kosha* (na Índia védica); *baodhas* (no Zend-Avesta, dos persas); *kha* ou *bai* (entre os sacerdotes egípcios); *rouach* (na Cabala); *kama-rupa* (Budismo); *eidolon, okhema, ferouer* (entre os gregos); *khi* (na tradição chinesa); corpo astral (entre os hermetistas, alquimistas, esoteristas, teosofistas);

[2] Antes de KARDEC, uma das mais perfeitas descrições do corpo espiritual foi feita por Johann Kaspar LAVATER (1741-1801). Em carta enviada de Zurique, à Imperatriz Maria Feodorawna, da Rússia, em agosto de 1796, escrevia: "A alma aperfeiçoa em sua existência material as qualidades do corpo espiritual, veículo este com que continuará a existir depois da morte do corpo material, e pelo qual conceberá, sentirá e obrará em sua nova existência". ("Johann-Kaspar Lavater's briefe, an die Kaiserin Maria Feodorawna...", S. Petersburg, 1858. Cf. DENIS, Léon. "O Porquê da Vida". 17ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, pp. 60 e 61).

corpo sidéreo (Paracelso); aerossoma (neognósticos); corpo fluídico (Leibniz); *somod* (Baraduc); mediador plástico (Cudworth); metassoma (Bret); modelo organizador biológico – MOB (Hernani G. Andrade), etc.[3]

Modernamente, o perispírito tem atraído o interesse de renomados investigadores, que vêem nele um dos mais importantes fatores do processo vital.

NATUREZA

Na lição de ANDRÉ LUIZ, transmitida por Francisco Cândido XAVIER, o perispírito apresenta-se como uma "formação sutil, urdida em recursos dinâmicos, extremamente porosa e plástica, em cuja tessitura as células, noutra faixa vibratória, diante do sistema de permuta visceralmente renovado, distribuem-se mais ou menos à feição das partículas colóides, com a respectiva carga elétrica, comportando-se no espaço segundo a sua condição específica, e apresentando estados morfológicos conforme o campo mental a que se ajusta". (**XAVIER, Francisco Cândido. VIEIRA, Waldo. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Evolução em Dois Mundos"**. 13ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1993, p. 26: Cap. II).

---

[3] O perispírito ou corpo espiritual foi reconhecido pela Igreja desde os primeiros tempos. Tertuliano, Basílio, Cirilo de Jerusalém, Evódio (bispo de Uzala), Agostinho e muitos outros a ele se referiram.

Observa DENIS, a propósito, que, no segundo Concílio de Nicéia (787), declarava João de Tessalônica que "(...) sobre as almas, a Igreja decide que esses seres são na verdade espirituais, mas não completamente privados de corpo, ao contrário, dotados de um corpo 'tênue, aéreo ou ígneo'. Sabemos que assim têm entendido muitos santos padres, entre os quais Basílio, cognominado o grande, o bem-aventurado Atanásio e Metódio e os que ao lado deles são colocados. Não há senão Deus, unicamente, que seja incorpóreo e sem forma. Quanto às criaturas espirituais, não são de modo algum incorpóreas".

E Clemente V, no Concílio realizado em Viena (1312), declarava heréticos "os que não admitissem a materialidade da alma"... (V. **DENIS, León. "Cristianismo e Espiritismo"**. 10ª ed., FEB, cit., pp. 294 e 295).

É lícito conceber-se que o perispírito – ao menos, para os Espíritos ligados à crosta terrestre – possa ser o resultado da aglutinação da energia cósmica matriz ("*fluido cósmico*"),[4] adequada à natureza de nosso planeta, sobre um campo originado da própria extensão energética da alma (força espiritual),[5] comportando-se, depois dessa agregação, como uma estrutura de categoria eletromagnética (de ordem física) e formando o envoltório conhecido como o "corpo da alma", necessário, insubstituível e perene, já de textura definida como *material* – embora tão sutil, que os Espíritos da Codificação usaram o termo *semimaterial* para qualificá-la. ("**O Livro dos Espíritos**", item 135).[6]

É que, naturalmente, os Espíritos encontraram, ao tempo de KARDEC – como hoje ainda aconteceria – dificuldade em expressar seu pensamento, por falta de termos apropriados. Mas sabe-se, agora, que a matéria é, afinal, uma forma – ou, se se quiser,

---

[4] Essa energia fundamental (provavelmente, a tida hoje em Física, como a energia amorfa fundamental), denominada por KARDEC "fluido cósmico", tem sido cada vez mais entendida como o veículo do pensamento divino, no fantástico processo de criação e sustentação da Vida.

Em tempos, aliás, da chamada Teoria da Grande Unificação, em que se busca reunir os quatro tipos de forças fundamentais conhecidas (eletromagnética, gravitacional, interação fraca e interação forte) em uma única grande força, a idéia de um "fluido cósmico" (ou universal), apontada pelos Instrutores de Kardec, surge cada vez mais compreensível. (V. **THIESEN, Sérgio.** "O Livro dos Espíritos e a Física Moderna – Os Espíritos Antecipam a Verdade". "**Reformador**", Rio de Janeiro: FEB, ag., 1999, pp. 20 a 23).

E quanto ao termo "*fluido*", propriamente, parece claro que, em Espiritismo, tem mesmo o significado de *energia* (às vezes, categoria primária ou elementar de energia) – e não, pois, apenas, de uma fase da matéria –, expressando, até, força de cuja existência ou natureza ainda muito há que se saber...

[5] O campo perispirítico como um todo é, na verdade, o resultante de vários campos estruturadores, correspondentes, cada qual, a um determinado órgão. Sua interação conjunta responde pelo estado fisiológico geral.

[6] Tão inconcebível é a alma sem perispírito, quanto a luz sem a sua projeção. Por isso, o emprego comum – até mesmo por parte dos Mestres da Espiritualidade – dos termos alma e espírito, como sinônimos, ainda que, no aspecto filosófico, como assinala o Codificador (V. p. 20), seja clara a diferença.

um estado ou fase – da energia; "*luz coagulada*", na magnífica expressão atualmente em voga,[7] resultante, principalmente, da constatação de que, no nível quântico das partículas subatômicas, a matéria, a rigor, é constituída por campos de energia específicos, significando, pois, no caso, que as moléculas, complexos agregados de matéria, são, na realidade, campos de energia que se especializa de acordo com os fatores determinantes.

Ora, tal como a luz, a matéria vibra. Quanto maior a freqüência da vibração, menos densa ou sutil será.

Tem-se, então, que o perispírito, designado pelos Espíritos como constituído de matéria sutil (semimatéria, ou seja, de intensidade menor que a do corpo), assim se apresenta porque, necessariamente, vibra numa freqüência mais elevada que a do corpo físico.

*

Em sua evolução, o princípio psíquico, sustentando nos seres vivos formas e funções cada vez mais complexas, ao mesmo tempo que expande as possibilidades que lhe são imanentes, define, pois, como seu envoltório, um campo aglutinador de matéria sutil que serve à moldagem e sustentação das estruturas biológicas.[8] Essa formação – bem conhecida, aliás, pela tradição iniciática –, muito rudimentar nos começos evolutivos, desenvolve-se com o princípio psíquico, que reflete e expressa, alcançando na

---

[7] V. TOBEN, Bob. WOLF, Fred Allan. "Espaço-Tempo e Além". 3ª ed., São Paulo: CULTRIX, 1993, p. 42. Trad. Hernani Guimarães Andrade e Newton Roberval Eichenberg.

Importante anotar que ANDRÉ LUIZ, já em 1968, referia-se à matéria como "*luz coagulada*, substância divina, que nos sugere a onipresença de Deus". (**XAVIER, Francisco Cândido e ANDRÉ LUIZ, Espírito. "E a Vida Continua"**. 21ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, pp. 69 e 70).

[8] O cientista norte-americano, Harold Saxton Burr, com sua equipe de co-

dimensão hominal padrões de excelsitude funcional que só recentemente começam a ser percebidos.

"Corpo fluídico da alma", o conhecimento de sua natureza aguarda ainda investigação maior, sabendo-se, todavia, que, como assinala o Codificador, "a constituição íntima do perispírito não é idêntica em todos os Espíritos encarnados ou desencarnados que povoam a Terra ou o espaço que a circunda". ("**A Gênese**". 36ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 279). Sua natureza varia, não só de acordo com a evolução moral da alma, como, também, com as condições da região ou do planeta em que estagia. Explica KARDEC, a propósito, que o perispírito "é mais ou menos etéreo, segundo os

---

laboradores, investigando, durante mais de 30 anos, os campos elétricos em estruturas biológicas, verificou, através de minuciosas e delicadas medições, a existência de campos elétricos que pareciam presidir às diferentes funções biológicas de todos os seres vivos, desde os seus componentes biomoleculares, celulares, citológicos e glandulares. Segundo a sua conclusão, esses campos se estruturam no estilo de uma organização hierárquica, evidenciando que "não são resultantes funcionais, mas sim, determinantes das funções peculiares aos organismos, isto é, formam uma estrutura que governa e mantém a organicidade do ser vivo!" (Conf. ANDRÉA, Jorge. "Psicologia Espírita". 6ª ed., Rio d e Janeiro: LORENZ, 1994, p. 31).

Tais campos eletrodinâmicos foram denominados "campos de vida" (***fields of life***) e, segundo Burr – professor emérito de Anatomia, da Escola de Medicina da Universidade de Yale –, todos os seres, "do homem ao rato, das árvores às sementes", são por eles "moldados e controlados", podendo, ainda, "ser medidos e localizados por meio de modernos voltímetros". Como os campos da Física, afiança o cientista, "possuem qualidades organizadoras e diretoras que foram reveladas por muitos milhares de experimentos". (**BURR, H. S.** "***Blueprint of Immortality***". Londres, NEVILLE SPEARMAN, 1971, pp. 11 e 12. Cf. **ANDRADE, Hernani Guimarães**. "**Espírito, Perispírito, Alma**". 10ª ed., S. Paulo: PENSAMENTO, 1984, p. 7).

E, nessa linha, graças aos métodos avançados de pesquisa e à pertinácia dos investigadores, pode-se, hoje já, afirmar que "a ciência atual não admite, sequer, a existência de uma partícula elementar sem que a ela corresponda um agente estruturador pertencente a outro domínio, porque a energia do universo, por si só, jamais se alteraria no seu processo de expansão". (**IMBASSAHY, Carlos de Brito**. "**Jornal Espírita**". São Paulo, julho, 1997, p. 4: "A Reencarnação perante os Clones" – V. adiante, Cap. VI, "O Duplo Etérico").

mundos e o grau de depuração do Espírito. Nos mundos e nos Espíritos inferiores, ele é de natureza mais grosseira e se aproxima muito da matéria bruta". ("**Obras Póstumas**". 26ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1993, p. 45). Ao revés, nos mundos superiores, esclarecem os Espíritos que "esse envoltório se torna tão etéreo que para vós é como se não existisse. Tal é o estado dos Espíritos puros". ("**O Livro dos Espíritos**", ed. FEB, cit., it. 186).

Quanto aos Espíritos que estagiam na escola Terra, o corpo perispiritual – a significar agregação de matéria quintessenciada, sustentada pelas linhas de força que emanam da alma – apresenta-se formado, segundo EMMANUEL, "por substâncias químicas que transcendem a série estequiogenética conhecida até agora pela ciência terrena", mostrando-se como "aparelhagem de matéria rarefeita" e "alterando-se de acordo com o padrão vibratório do campo interno". Por isso, nas almas superiores, essa substância que as envolve pode apresentar admiráveis características de tenuidade e luminosidade, enquanto que, nas mentes primitivas, como salienta o Autor citado, "semelhante vestidura se caracteriza pela feição pastosa, verdadeira continuação do corpo físico, ainda animalizado ou enfermiço". (**XAVIER, Francisco Cândido. EMMANUEL, Espírito**. "**Roteiro**". 9ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, pp. 31 e 32).

* * *

II.

PROPRIEDADES DO PERISPÍRITO

Estudos desenvolvidos por autores desencarnados e encarnados identificam, já, com bastante nitidez, certas qualidades inerentes ao perispírito. Assim, podem ser catalogadas como suas, as seguintes **propriedades**: *plasticidade*, *densidade*, *ponderabilidade*, *luminosidade*, *penetrabilidade*, *visibilidade*, *corporeidade*, *tangibilidade*, *sensibilidade global*, *sensibilidade magnética*, *expansibilidade*, *bicorporeidade*, *unicidade*, *perenidade*, *mutabilidade*, *capacidade refletora*, *odor*, *temperatura*.

Essas propriedades – algumas conhecidas de há muito – sustentam o viver interexistencial do ser humano, no presente estádio evolutivo, sendo certo que, em níveis mais avançados de vida, em que o perispírito já alcança mais quintessência, outras qualidades e características poderão marcá-lo.

PROPRIEDADES DO PERISPÍRITO	**- PLASTICIDADE** **- DENSIDADE** **- PONDERABILIDADE** **- LUMINOSIDADE** **- PENETRABILIDADE** **- VISIBILIDADE** **- CORPOREIDADE** **- TANGIBILIDADE** **- SENSIBILIDADE GLOBAL** **- SENSIBILIDADE MAGNÉTICA** **- EXPANSIBILIDADE** **- BICORPOREIDADE** **- UNICIDADE** **- PERENIDADE** **- MUTABILIDADE** **- CAPACIDADE REFLETORA** **- ODOR** **- TEMPERATURA**

PLASTICIDADE

O perispírito, extensão da alma, é o eterno espelho da mente, moldando-se de acordo com seu comando plasticizante. De fato, o corpo espiritual mostra "extremo poder plástico", como assinala EMMANUEL, adaptando-se automaticamente às ordens mentais que brotam continuamente da alma.[1] A forma que assu-

[1] Tal fato explica o fenômeno de rejuvenescimento que experimentam os Espíritos desencarnados, conscientes de seu estado. Mesmo tendo desencarnado com idade física avançada, sentindo-se mais jovens, apresentam-se como tal. "Livre do condicionamento humano do corpo físico, o espírito humano não sofre o envelhecimento. Quando se manifestam envelhecidos, o fazem artificialmente, para comprovação de sua identidade humana." (**PIRES, Herculano. "Educação para a Morte"**. 4ª ed., S. B. do Campo: CORREIO FRATERNO, 1993, pp. 65 e 66).

me, pode, às vezes, e em certos limites, dizer muito com a capacidade intelectual, com o desenvolvimento da vontade, com o treino mental, enfim, independentemente do aperfeiçoamento moral. Ensina EMMANUEL, por Francisco C. XAVIER:

> *"O crescimento intelectual, com intensa capacidade de ação, pode pertencer a inteligências perversas. Daí a razão de encontrarmos, em grande número, compactas falanges de entidades libertas dos laços fisiológicos, operando nos círculos da perturbação e da crueldade, com admiráveis recursos de modificação nos aspectos em que se exprimem."*

> *"Os anjos caídos não passam de grandes gênios intelectualizados com estreita capacidade de sentir. Apaixonados, guardam a faculdade de alterar a expressão que lhes é própria, fascinando e vampirizando nos reinos inferiores da natureza."* ("**Roteiro**". 9ª ed., FEB, cit., pp. 32 e 33).

Contudo, tal possibilidade de alterar a indumentária perispiritual é limitada ao padrão evolutivo, intrínseco a cada alma. O Espírito só pode adequar-se perispiritualmente aos moldes que digam com suas vivências pretéritas e atuais, ou seja, com a sua realidade íntima.

Nesse capítulo, a propósito, impõe-se considerar que, independentemente das aquisições intelectuais, pode o Espírito mergulhar em tão severo desequilíbrio afetivo que, imerso em um monoideísmo avassalador, chega a entrar em processo de retração do campo que sustenta a própria tessitura perispiritual, comprometendo, dolorosamente, suas funções. É o caso dos "*ovóides*", descritos por ANDRÉ LUIZ, pela mediunidade de Francisco Cândido XAVIER:

> *"Inúmeros infelizes, obstinados na idéia de fazerem justiça pelas próprias mãos ou confiados a vicioso apego, quando desafivelados do carro físico, envolvem sutilmente aqueles que se lhes fazem objeto de calculada atenção e, auto-hipnotizados por imagens de afetividade ou desforço, infi-*

nitamente repetidas por eles próprios, acabam em deplorável fixação monoideística, fora das noções de espaço e tempo, acusando, passo a passo, enormes transformações na morfologia do veículo espiritual, porquanto, de órgãos psicossomáticos retraídos, por falta de função, assemelham-se a ***ovóides****, vinculados às próprias vítimas que, de modo geral, lhes aceitam, mecanicamente, a influenciação, à face dos pensamentos de remorso ou arrependimento tardio, ódio voraz ou egoísmo exigente que alimentam no próprio cérebro, através de ondas mentais incessantes. (...) No tocante à criatura humana, o obsessor passa a viver no clima pessoal da vítima, em perfeita simbiose mórbida, absorvendo-lhe as forças psíquicas, situação essa que, em muitos casos, se prolonga para além da morte física do hospedeiro, conforme a natureza e a extensão dos compromissos morais entre credor e devedor."* **(XAVIER, Francisco Cândido. VIEIRA, Waldo. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Evolução em Dois Mundos"**, ed. FEB, cit., pp. 117 e 118).

Esse processo, a evidenciar caso extremo de *retratilidade perispiritual*, mostra veemente das possibilidades plásticas do "corpo da alma", é de duração relativa. Dentro da lei de causa e efeito, que rege a evolução humana, chegado o momento, reinicia-se o ciclo reencarnatório e, sob a proteção das vestes carnais, o Espírito consegue, pouco a pouco, expandir-se, com o perispírito readquirindo forma e regularidade de funções, ainda que através de dolorosas etapas de recondicionamento e cura.

*

É essa propriedade do perispírito que explica diversos outros fenômenos que ocorrem tanto na dimensão espiritual, como na física, dentre os quais, a *adaptação perispiritual*, comumente usada pelos Espíritos Superiores, os quais, segundo informa ANDRÉ LUIZ, alteram a forma de seus corpos espirituais, reduzindo sua própria luminosidade e assumindo aspectos que possam combinar com as regiões e as almas que merecem seu servi-

ço socorrista, afastando, assim, resistências e inquietações desnecessárias. (Ao contrário dos Espíritos desarmonizados com o Bem, os Mestres Espirituais, já por sua vasta experiência e realização moral, ostentam um alto poder mental, o que lhes possibilita a dinamização de recursos incomparavelmente maiores nas operações de adaptação plástica).

Há uma certa semelhança entre a dinâmica que rege esses processos de adaptação perispirítica e a dos chamados processos *ideoplásticos*, com a criação das mais variadas formas, tangíveis ou não, sustentadas pela ação mental consciente ou inconsciente, e de duração proporcional à persistência do pensamento que as sustentam. A esse respeito, ensina KARDEC:

> *"Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, não manipulando-os como os homens manipulam os gases, mas empregando o pensamento e a vontade. Para os Espíritos, o pensamento e a vontade são o que é a mão para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem àqueles fluidos tal ou qual direção, os aglomeram, combinam ou dispersam, organizam com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma, uma coloração determinadas; mudam-lhes as propriedades, como um químico muda a dos gases ou de outros corpos, combinando-os segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual."*
>
> *"Algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção; doutras, são produto de um pensamento inconsciente. Basta que o Espírito pense uma coisa, para que esta se produza, como basta que modele uma ária, para que esta repercuta na atmosfera."*
>
> *"É assim, por exemplo, que um Espírito se faz visível a um encarnado que possua a vista psíquica, sob as aparências que tinha quando vivo na época em que o segundo o conheceu, embora haja ele tido, depois dessa época, muitas encarnações."* (**KARDEC, Allan. "A Gênese"**. 36ª ed., Rio de

Janeiro: FEB, 1995, pp. 281 e 282: Cap. XIV, nº 14. Trad. Guillon Ribeiro).[2]

Dessa forma, podendo plasmar múltiplas aparências, "o Espírito se apresenta debaixo daquela que mais reconhecível o possa tornar, se o quiser" – assinala KARDEC, esclarecendo:

> "*É assim que, embora como Espírito nenhuma enfermidade corpórea lhe reste, ele se mostrará estropiado, coxo, ferido, com cicatrizes, se isso for necessário a lhe comprovar a identidade. O mesmo se observa com relação ao traje. O dos Espíritos que nada conservam das fraquezas terrenas, aquele de ordinário consta de amplos panos flutuantes e de uma cabeleira ondulante e graciosa.*"
>
> "*Amiúde, os Espíritos se apresentam com os atributos característicos de sua elevação, como: uma auréola, asas os que podem ser considerados anjos, resplandescente aspecto luminoso, enquanto que outros trajam as que recordam suas ocupações terrestres. Assim, um guerreiro aparecerá com a sua armadura, um sábio com livros, um assassino com um punhal, etc. A figura dos Espíritos superiores é bela, nobre e serena; os mais inferiores têm qualquer coisa de feroz e bestial e, por vezes, ainda mostram vestígios dos crimes que cometeram ou dos suplícios por que passaram, sendo-lhes essas aparências uma realidade, isto é, julgam-se quais aparecem, o que é para eles um castigo.*" (**KARDEC, Allan. "Obras Póstumas"**. 26ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1993, pp. 48 e 49. Trad. Guillon Ribeiro).

---

[2] Pode o Espírito assumir, também, ainda que momentaneamente, as formas de uma pessoa encarnada, se tiver a necessária capacidade mental, chegando, até, a tornar-se tangível, "ao ponto de causar completa ilusão", como assinala KARDEC, ao classificar esse fato como "singular fenômeno dos *agêneres*". (**"O Livro dos Médiuns"**. 61ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 162: 2ª P., Cap. VII, it. 125). Essa modalidade de aparição não se confunde com o desdobramento, em que o Espírito aparece com sua própria imagem, apresentando, todavia, linhas de semelhança com o fenômeno da materialização anímica. (V. adiante, Cap. V, "Provas da Existência do Perispírito").

Observe-se que – especialmente, na dimensão espiritual – essa propriedade perispirítica enseja uma variedade de fenômenos tão numerosos, quão complexos. Haja vista, por exemplo, que o processo ideoplástico pode, até, ser induzido por obsessores capazes de levar suas vítimas, por sugestão hipnótica, a assumir as mais grotescas formas ou posturas animais, como são os conhecidos casos de zoantropia, com destaque para os de licantropia, bem relatados pelos autores espíritas. (Obviamente, essas alterações são sempre provisórias, a dizer, cessada a onda mental que as sustenta, rompido o processo hipnótico, ressurgem as formas originais).

*

O fenômeno ideoplástico – a traduzir a ação do pensamento modelando matéria sensível (e perispírito é matéria quintessenciada) – enseja, a propósito, as mais ricas oportunidades de estudo, mercê das circunstâncias em que pode ocorrer e dos notáveis efeitos que pode produzir,[3] de catalogação, aliás, impossível, tal sua variedade. (Alguns fenômenos, ainda que raros, chegam a

[3] É comum, por exemplo, no decorrer dos trabalhos de ectoplasmia, o surgimento, até, de interferências mentais do próprio médium e dos circunstantes, a perturbarem o ritmo do processo. ANDRÉ LUIZ classifica-as de *interferências ideoplásticas* e exemplifica convincentemente: "Mentalizemos o orientador desencarnado, numa sessão de ectoplasmia regularmente controlada, quando esteja constituindo a forma de um braço com os recursos exteriorizados do médium, a planejar maior desdobramento do trabalho em curso. Se, no mesmo instante, o experimentador terrestre, tocando a forma tangível, solicita, por exemplo: – 'uma pulseira, quero uma pulseira no braço' –, de imediato a mente do médium recolhe o impacto da determinação e, em vez de prosseguir sob o controle benevolente do operador desencarnado, passa a obedecer ao investigador humano, centralizando, de modo inconveniente, a própria onda mental induzida sobre o braço já parcialmente materializado, aí plasmando a pulseira, nas condições reclamadas.

Surgida a interferência, o serviço da Esfera Espiritual sofre enorme dificuldade de ação, diminuindo-se o proveito da assembléia encarnada.

E, na mesma pauta, requerimentos fúteis e pedidos desordenados dos cir-

surpreender por sua complexidade e, ao mesmo tempo, por sua delicadeza, como, por exemplo, o caso das *transfigurações*, em que o perispírito do médium recebe tal influência modeladora do Espírito comunicante, que chega a alterar, momentaneamente, seus traços fisionômicos, em demonstração inequívoca da presença espiritual – ainda que, nas manifestações extramediúnicas, exista, também, em tese, a raríssima possibilidade de que tal fenômeno surja como produto da atividade mental do médium, em momento de recordação involuntária, até –, com apoio na plasticidade de seu perispírito).

Assinale-se, a propósito, que, nesse capítulo, surgem particularmente relevantes os extraordinários efeitos que se captam através da fotografia ordinária e da *fotografia transcendente* – denominação que se deu à fotografia de configurações que, embora ectoplásmicas e com a propriedade de impressionarem a placa ou filme sensível, nenhum efeito produzem sobre a retina, sendo, pois, diferentemente do que ocorre na fotografia ordinária, *invisíveis* ao olho humano. E, em se tratando de fotografias que se refiram a imagens de Espíritos, propriamente – e não a formações outras, de caráter ideoplástico – a importância da propriedade plástica do psicossoma surge muito clara e especialmente significativa. O Espírito deixa-se fotografar *com a forma que assume* – às vezes, até, involuntariamente –, mostrando, ou não, o corpo inteiro. (É comum que só partes do corpo apareçam na fotografia).

(Em se tratando de fotografia comum, o adensamento ectoplasmático, tendo como forma a tessitura perispirítica, é maior.

---

cunstantes provocam ocorrências ideoplásticas de manifesta incongruência, baixando o teor das manifestações, por viciarem a mente mediúnica, ligando-a à influência de agentes inferiores que, não raro, passam a atuar com manifesto desprestígio dos projetos de sublimação, a princípio acalentados pelo conjunto de pessoas irmanadas para o intercâmbio." (**XAVIER, Francisco Cândido. VIEIRA, Waldo. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Mecanismos da Mediunidade"**. 14ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1995, pp. 139 e 140: Cap. XIX).

Na chamada fotografia transcendente, quando o Espírito – e o que se molda sob seu impulso mental – não se apresenta visível ao olho comum, a aglutinação do ectoplasma é menos densa, o suficiente para impressionar o filme ou a placa. Ressalte-se, aliás, que, no caso da fotografia transcendente, pode o Espírito usar sua capacidade mental para criar formas-pensamentos, que, com o suporte ectoplasmático, chegam a tornar-se suscetíveis de registro fotográfico, conforme mostram as experiências que se registram no campo da efluviografia).

*

Embora inúmeros fenômenos atestem o poder plástico do Espírito, graças a uma propriedade fundamental de seu constituinte, o corpo espiritual, é na reencarnação que ele aparece mais evidente e comum, mostrando aspecto altamente positivo da citada *retratilidade perispirítica.*

De feito, segundo informam os Mestres Espirituais, aproximando-se o momento da reencarnação, o Espírito reencarnante, comumente, entra em gradativo processo de redução psicossômica (lembrando o chamado fenômeno da *ovoidização*, mencionado por ANDRÉ LUIZ), o qual acontece concomitantemente com a diminuição da consciência de si.[4]

---

[4] KARDEC administra, a propósito, lição extraordinária: "No momento da concepção do corpo que se lhe destina, o Espírito é apanhado por uma corrente fluídica que, semelhante a uma rede, o toma e aproxima da sua nova morada."

"Desde o instante da concepção, a perturbação ganha o Espírito; suas idéias se tornam confusas; suas faculdades se somem; a perturbação cresce à medida que os liames se apertam; torna-se completa nas últimas fases da gestação, de sorte que o Espírito não aprecia o ato de nascimento do seu corpo, como não aprecia o da morte deste; nenhuma consciência tem, nem de um, nem de outro."

"Desde que a criança respira, a perturbação começa a dissipar-se, as idéias voltam pouco a pouco, mas em condições diversas das verificadas quando da morte do corpo."

"No ato da reencarnação, as faculdades do Espírito não ficam apenas

Para os Espíritos Superiores, todavia, os trâmites reencarnatórios dispensariam esse apagamento da consciência – pelo menos, até as fases finais.

Desencadeado, com a concepção, o processo morfogênico, e ligado o Espírito ao embrião, cujo desenvolvimento passa a influenciar, desenvolve-se fenômeno inverso: o perispírito passa a expandir-se, moldando e sustentando o novo organismo em crescimento.

Ultrapassado o ciclo do nascimento, todavia, continua sustentando a organização física – modelando, também, os elementos em renovação – até os últimos instantes de vida biológica.

DENSIDADE

O perispírito, agente da alma (*Lamennais*, "**O Livro dos Médiuns**", item 51), não deixa de ser matéria, ainda que de natureza quintessenciada. Como tal, apresenta uma certa densidade, que se relaciona com o grau de evolução da alma.

A densidade perispirítica varia de indivíduo para indivíduo. "Nos Espíritos *moralmente adiantados*," escreve KARDEC, "é mais sutil e se aproxima da dos Espíritos elevados; nos Espíritos inferiores, ao contrário, aproxima-se da matéria e é o que faz os

---

entorpecidas por uma espécie de sono momentâneo, conforme se dá quando do regresso à vida espiritual; todas, sem exceção, passam ao estado de **latência**. A vida corpórea tem por fim desenvolvê-las mediante o exercício, mas nem todas se podem desenvolver simultaneamente, porque o exercício de uma poderia prejudicar o de outra, ao passo que, por meio do desenvolvimento sucessivo, umas se firmam nas outras. Convém, pois, que algumas fiquem em repouso, enquanto outras aumentam. Esta a razão por que, na sua nova existência, pode o Espírito apresentar-se sob aspecto muito diferente, sobretudo se pouco adiantado for, do que tinha na existência precedente." ("**Obras Póstumas**". 26ª ed., FEB, cit., pp. 202 e 203).

Espíritos inferiores de baixa condição conservarem por muito tempo as ilusões da vida terrestre." ("**O Livro dos Médiuns**". 62ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1996, p. 94: Cap. IV, it. 74).

A densidade psicossômica varia, pois, de acordo com a evolução do Espírito, ditando, então, seu *peso* e, também, sua *luminosidade*. (Quanto menor a densidade do perispírito, menor seu peso e maior a luminosidade).

PONDERABILIDADE

Formação de *matéria sutil*, quintessenciada, o corpo espiritual, em si, não apresentaria um peso possível de ser detectado por meio de qualquer instrumentação até agora conhecida. Assim, sob o aspecto físico, seria praticamente imponderável.

Não obstante, na dimensão espiritual, cada organização perispirítica tem o seu peso específico, que varia de acordo com a sua densidade, ditada sobretudo, como visto, pelo estado de moralidade do Espírito. "*Nossa posição mental*", afirma ANDRÉ LUIZ, "*determina o peso específico do nosso envoltório espiritual e, conseqüentemente, o habitat que lhe compete. Mero problema de padrão vibratório.*" (**XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito**. "**Entre a Terra e o Céu**". 16ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 126: Cap. XX).

Anota EMMANUEL, que o perispírito "*obedece a leis de gravidade, no plano a que se afina*" ("**Roteiro**". 9ª ed., FEB, cit., p. 33), significando que, embora possa parecer fisicamente imponderável – porque não é matéria densa –, não deixa de apresentar um certo peso, variável em cada região ou esfera, visto que, de qualquer forma, sendo matéria, ainda que tênue, submete-se aos princípios gravitacionais imperantes no meio em que se situa e do qual se nutre.

Entende-se, então, como o Espírito desencarnado pode sentir-se chumbado aos pântanos de psiquismo degenerado, que marcam as dimensões trevosas, ou naturalmente atraído para níveis superiores, condizentes com sua condição mental, a dizer, moral.[5]

LUMINOSIDADE

A luminosidade – como a densidade – desponta como uma característica muito pessoal do Espírito. Em mensagem coletada por KARDEC, lê-se: "Por sua natureza, possui o Espírito uma propriedade luminosa que se desenvolve sob o influxo da atividade e das qualidades da alma. (...) A intensidade da luz está na razão da pureza do Espírito: as menores imperfeições morais atenuam-na e enfraquecem-na."

---

[5] A idéia da existência do corpo espiritual com um peso específico não é nova. O célebre teólogo e filósofo Johann Kaspar LAVATER, já citado, ligado ao movimento místico de Jacob Boehme, escrevia no século XVIII, em correspondência que mantinha com a Imperatriz Maria Feodorawna, da Rússia (Zurique, agosto de 1796):

"Cada alma, separada do seu corpo, livre das prisões da matéria, se apresenta a si própria tal como é na realidade."

"Assim, ela manifestará irresistível tendência a dirigir-se para as almas que lhe estão em afinidade e a afastar-se das que lhe são dessemelhantes. Seu peso intrínseco, como que obedecendo à lei da gravitação, atraí-la-á aos abismos insondáveis (ao menos isso assim lhe parece), ou, segundo o seu grau de força, lança-la-á qual chispa, por sua ligeireza, aos ares e ela passará rapidamente às regiões luminosas, fluídicas, etéreas."

Mais: "A alma, por seu senso íntimo, conhece o seu próprio peso e é este, ou seu estado de progresso, que a impele para diante, para trás ou para os lados, e seu caráter moral ou religioso é que lhe inspira certas tendências particulares."

"O bom Espírito elevar-se-á para os bons; será atraído para eles em virtude da necessidade que sente do bem."

"O perverso ou mau será forçosamente empurrado para os perversos ou maus. A descida precipitada das almas grosseiras, imorais e irreligiosas para as que se lhes assemelham, será tão rápida e inevitável como a queda do junco num abismo onde nada o detém." (Cf. **DENIS, Léon. "O Porquê da Vida"**. 17ª ed., FEB, 1994, cit., pp. 62 e 63 – "Correspondência Inédita de Lavater").

"A luz irradiada por um Espírito será tanto mais viva, quanto maior o seu adiantamento. Assim, sendo o Espírito, de alguma sorte, o seu próprio *farol*, verá proporcionalmente à intensidade da luz que produz, do que resulta que os Espíritos que não a produzem acham-se na obscuridade." ("**O Céu e o Inferno**". 39ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 292: 2ª Parte, Cap. IV. Trad. Manuel Justiniano Quintão). (Anote-se, a respeito, que a luz espiritual, referida pelos espíritos em todas as épocas e lugares, nada tem com a luz conhecida em Física – radiação eletromagnética. Relatos diversos – até mesmo, de médiuns em desdobramento –, dão conta, até, de que a luz emitida por fontes como a lâmpada fluorescente ou de mercúrio, por exemplo, chega a parecer, diante de uma Presença Espiritual superior, mera claridade emitida por vela comum...).

PENETRABILIDADE

A natureza etérea do perispírito permite ao Espírito – se presentes as necessárias condições mentais – atravessar qualquer barreira física. "Matéria nenhuma lhe opõe obstáculo; ele as atravessa todas, como a luz atravessa os corpos transparentes", anota KARDEC. "Daí vem que não há como impedir que os Espíritos entrem num recinto inteiramente fechado." ("**Obras Póstumas**", ed. FEB, cit., pp. 47 e 48).

Observe-se, entretanto, que, em níveis menos adiantados, os Espíritos, muitas vezes, não conseguem atravessar os obstáculos materiais simplemente por ignorarem que podem fazê-lo. A ignorância ou a incerteza diminuem suas aptidões, e, conseqüentemente, seu poder de ação. (Aliás, como informa ANDRÉ LUIZ, em suas obras, para essa classe de Espíritos, também barreiras de matéria mais quintessenciada, no plano espiritual, podem surgir-lhes como intransponíveis).

Alguns estudos sobre essa propriedade do perispírito sugerem que há uma íntima relação entre penetrabilidade e porosidade, qualidade presente em todas as estruturas materiais, como bem

assinalava o clássico Gabriel DELANNE, em "O Espiritismo perante a Ciência":

> *"Nas narrativas que temos reproduzido, uma coisa, sobretudo, parece estranha, é a facilidade com que o duplo fluídico passa através dos corpos materiais. Sem dúvida, há aí um fenômeno extraordinário, mas não sem analogia na natureza. A luz e o calor se propagam através de certas substâncias, a eletricidade caminha ao longo de um conduto e sabemos, pelas experiências de Cailletet e de Sainte-Claire Deville, que os gases passam facilmente através das paredes de um tubo fortemente aquecido.*
>
> *Todos os corpos são porosos; não se tocando, suas moléculas podem dar passagem a um corpo estranho. Os Acadêmicos de Florença tinham demonstrado este ponto, fazendo violenta pressão sobre a água encerrada em uma esfera de ouro; ao fim de pouco tempo via-se o líquido transudar por pequenas gotas, na superfície da esfera.*
>
> *Verificamos, por esses diferentes exemplos, que a matéria pode atravessar a matéria. Nos casos que acabamos de citar, é preciso empregar a pressão ou o calor para dilatar as substâncias que se quer fazer atravessar por outras. Isto é necessário, porque as moléculas do corpo que atravessa, não adquirindo o grau suficiente de dilatação, ficam cerradas umas contra as outras. Mas, se supusermos um estado da matéria em que as moléculas sejam muito menos aproximadas e eminentemente tênues, poderá ela atravessar todas as substâncias, sem necessidade de manipulação. É o que se dá com o perispírito que, formado de moléculas menos condensadas que a matéria que conhecemos, não pode ser detido por nenhum obstáculo."* (**DELANNE, Gabriel. "O Espiritismo perante a Ciência"**. 2ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1993, pp. 237 e 238: Cap. II, 4ª parte – Trad. Carlos Imbassahy. Rev. de Lauro de O. S. Thiago).

*

Compreensível, assim, a inexistência, propriamente, de barreiras físicas para o Espírito, fato que, como visto, poderia ser explicado pelo princípio da porosidade, observável em toda estrutura material, embora, hoje, também possa ser entendido pelo princípio da incompatibilidade de freqüências, segundo o qual, por exemplo, um raio luminoso azul e outro amarelo (conforme citação de IMBASSAHY) – ainda que se incidirem, simultaneamente, sobre uma superfície branca, façam com que esta se torne verde –, se se cruzarem, interpenetrando-se, não mostrarão qualquer alteração, permanecendo, cada qual em sua freqüência e com sua coloração.

Ou, da mesma forma, duas moléculas de freqüências diferentes (eletrônica e giratória) não se afetarão, e um raio *laser* de uso odontológico atuará sobre um nervo, de forma indolor, porque este vibrará em freqüência diferente da do *laser*...

Assim, o perispírito, vibrando em certa freqüência, não seria afetado pelos obstáculos materiais, de natureza mais densa e, conseqüentemente, de vibração diferente, porque de freqüência menor.

Todavia, se aceitável tal entendimento, quando se cogita da passagem do Espírito através do corpo de um encarnado e seu perispírito, conforme se vê na literatura espírita, o tema parece crescer em complexidade, suscitando diversas hipóteses, entre elas – e das mais respeitáveis –, a de Carlos de Brito IMBASSAHY, retrocitado, que procura explicar o fato com base em outra espécie de fenômeno, que diz com o *acoplamento* de certo tipo de ondas, de freqüências diferentes.

Assenta o ilustre pesquisador que "uma onda acoplada à outra pode gozar das propriedades dessa outra quando suas freqüências são distintas." Dessa forma, as ondas hertzianas (ondas eletromagnéticas, compreendidas entre os pulsos telegráficos e a luz) e as de televisão "são capazes de transmitir o som e a imagem de

seus programas, acoplando a si as ondas acústicas e as luminosas", explica o Autor, acrescentando:

> "*É assim que as mesmas ondas luminosas, que não penetram através dos corpos opacos, entram em sua residência, sem necessidade de nenhum vão aberto e vão lançar suas imagens nos aparelhos que estiverem sintonizados com a faixa de freqüência das ondas hertzianas.*"
>
> "*Nessa linha, por extensão de raciocínio, pode-se admitir que, quando encarnado, o espírito se acopla ao corpo somático adquirindo sua gama de freqüência, o que explicaria o fato de o espírito desencarnado atravessar o encarnado sem incompatibilidades de interpenetração, que ocorreria se ambos estivessem volitando no mesmo domínio.*" ("**Jornal Espírita**". FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO ESTADO DE SÃO PAULO, dez., 1997, p. 4: "Perguntas e Respostas").

Tais dados compõem, sem dúvida, uma das mais interessantes tentativas de explicação dessa extraordinária faculdade que tem o Espírito de atravessar a matéria, seja qual for sua densidade.

VISIBILIDADE

O perispírito, em si, é completamente invisível aos olhos físicos. Não o é para os Espíritos. Os menos adiantados percebem o corpo espiritual de seus pares, captando-lhe o aspecto geral. Já os Espíritos Superiores, podem perscrutar a intimidade perispirítica de desencarnados de menor grau de elevação, bem como a dos encarnados, observando-lhes as desarmonias e as necessidades. Mostram-no bem, por exemplo, os trabalhos de esclarecimento espiritual, em que os Espíritos responsáveis revelam, por meio dos dialogadores encarnados, a realidade do sofredor conduzido ao entendimento, auscultado seu perispírito, e, também, as sessões de cura, em que os médicos espirituais detectam os sinais patológicos presentes no psicossoma do doente.

Finalmente, quanto à possibilidade de alguns médiuns videntes verem o perispírito, muito raros são os que, em verdade, possuem as necessárias condições para distingui-lo, ainda que eventualmente, entre as projeções que formam a aura.

CORPOREIDADE

O corpo perispirítico, resultante de um campo que a alma projeta, aglutinador de recursos da natureza terrestre, surge como uma estrutura, por assim dizer, *quase material*, a instrumentá-lo.

É o corpo sutil da alma, matriz que, de sua vez, molda o corpo físico, regendo com seus impulsos o desenvolvimento embrionário e fetal e imprimindo às células e tecidos em formação as suas características. (V. Cap. III, "Função Organizadora").

O corpo material, pois, retrata inteiramente o perispírito (corpo perispirítico ou perispiritual).

Assim, desencarnado, o perispírito mostra um corpo de natureza quintessenciada, *semimaterial*, que é o seu perispírito. Quando encarnado, tem, também, seu corpo material, espelho do corpo perispiritual.

Essas são as situações comuns.

Mas há, ainda, duas outras. Assim, pode o Espírito desencarnado, mais evoluído e invisível para os menos adiantados, aparecer para estes, adensando-se perispiritualmente, ou seja, atraindo elementos mais materiais e corporificando-se de maneira a ser percebido pelos que ainda estagiam em planos evolutivos mais inferiores.

E, finalmente, o Espírito também tem condições de corporificar-se materialmente, de forma eventual e transitória, diferentemente do que acontece na reencarnação. É o que ocorre nos

processos de materialização, em que o Espírito aglutina em seu perispírito os recursos ectoplásmicos disponíveis, assumindo aparência material. (V. Cap. IV, "Materialização").

TANGIBILIDADE

O perispírito, com o suporte ectoplásmico que lhe dê expressão física, pode tornar-se materialmente tangível, no todo ou em parte, pois tocando no corpo ectoplásmico, obviamente, toca-se no perispírito que o sustenta. Constata KARDEC, a propósito:

> *"Sob a influência de certos médiuns, tem-se visto aparecerem mãos com todas as propriedades de mãos vivas, que, como estas, denotam calor, podem ser apalpadas, oferecem a resistência de um corpo sólido, agarram os circunstantes e, de súbito, se dissipam, quais sombras. A ação inteligente dessas mãos, que evidentemente obedecem a uma vontade, executando certos movimentos, tocando até melodias num instrumento, prova que elas são parte visível de um ser inteligente invisível. A tangibilidade que revelam, a temperatura, a impressão, em suma, que causam aos sentidos, porquanto se há verificado que deixam marcas na pele, que dão pancadas dolorosas, que acariciam delicadamente, provam que são de uma matéria qualquer. Seus desaparecimentos repentinos provam, além disso, que essa matéria é eminentemente sutil e se comporta como certas substâncias que podem alternativamente passar do estado sólido ao estado fluídico e vice-versa."* ("**O Livro dos Médiuns**". 61ª ed., FEB, cit., p. 80: Cap. I, 2ª Parte, nº 57).

A tangibilidade é mais facilmente constatada nos processos em que ocorre acentuada concentração ectoplásmica (materialização completa ou quase completa de Espíritos).

SENSIBILIDADE GLOBAL

Se quando encarnado, o Espírito recolhe impressões por meio de vias especializadas que compõem os órgãos dos sentidos, sem o corpo físico, sua capacidade de perceber amplia-se extraordinariamente: livre das peias somáticas, a percepção do meio que o envolve já não depende dos canais nervosos materiais, acontecendo como um registro global do perispírito, ou seja, uma percepção que o Espírito realiza com *todo o seu ser*. Assim, vê, ouve, sente, enfim, com o *corpo espiritual inteiro* (independentemente, mesmo, de posição ou direção), uma vez que as sedes dos sentidos não encontram localização tão específica quanto se observa no estado de encarnação, em que a percepção das sensações físicas, ordinariamente, não se desvincula de suas bases anátomo-fisiológicas.

Nesse capítulo, ganham destaque, particularmente, os chamados fenômenos de *transposição de sentidos*, que mostram a possibilidade de algumas pessoas mais sensíveis perceberem os estímulos por vias físicas totalmente impróprias para isso, explicando, assim, que a sensibilidade global do perispírito pode exteriorizar-se mesmo estando o Espírito encarnado, ainda que em casos excepcionais.

Tais fenômenos – atraindo, hoje, cada vez mais, a atenção de pesquisadores de todo o mundo – teriam sido pela primeira vez relatados por Tardy de Montravel em seu "*Essai sur la Theorie du Somnambulisme Magnetique*" (Ensaio sobre a Teoria do Sonambulismo Magnético), em 1785. Nesse trabalho, descreve como um sonâmbulo, que observava, podia ver com a boca do estômago. Em 1808, Petetin ("*Eletricité Animale*" – Eletricidade Animal) estudou oito mulheres que, em estado cataléptico, apresentavam a transposição dos sentidos físicos para a região epigástrica ou para os dedos das mãos ou dos pés.

César LOMBROSO relata em sua obra, "*Ricerche sui Fenomeni Ipinotici e Spiritici*", publicada em 1909, experiência pes-

soal com uma jovem de 14 anos, C. S., que, perdendo a visão com os olhos, "via, com o mesmo grau de acuidade (o 7º da escala de Jager), pela ponta do nariz e lóbulo esquerdo da orelha, lendo, assim, uma carta que então me viera dos correios, enquanto eu lhe vendava os olhos." Anota, ainda, o famoso cientista italiano, que certos gestos provocavam notáveis reações defensivas da menor: aproximando, por exemplo, "um dedo à orelha ou ao nariz, ou fazendo menção de os tocar, ou ainda melhor, fazendo com uma lente incidir um raio de luz de lâmpada, mesmo a distância e por fração de minuto, ressentia-se vivamente e irritava-se. (— Quereis cegar-me? – gritava)." Depois, "movia o antebraço a defender o lóbulo da orelha e a extremidade do nariz", permanecendo assim por alguns minutos.

Em outro extraordinário depoimento a respeito dessa jovem, escreve Lombroso que também "o olfato estava transposto: o amoníaco e a assafétida não lhe provocavam a menor reação, quando colocados sob o nariz, enquanto que uma substância ligeiramente odorífera, sob o queixo, dava lugar a viva impressão, e a mímica toda especial. Assim, se o aroma lhe era agradável, sorria, piscava os olhos e respirava com maior freqüência; se o perfume desagradava, levava rapidamente a mão à dobra do queixo, tornado este a sede do olfato, e voltava com rapidez a cabeça para o lado. Mais tarde, o olfato se transferiu ao dorso do pé, e então, quando um odor a desagradava, movia a perna para a direita e esquerda, contorcendo também todo o corpo; quando agradava, permanecia imóvel, sorridente, respirando mais freqüentemente." (**LOMBROSO, César**. "**Hipnotismo e Mediunidade**". 4ª ed. brasileira da obra citada, Rio de Janeiro: FEB, 1990, p. 71. Trad. Almerindo Martins de Castro).

Inúmeros casos semelhantes são relatados por Lombroso, no referido trabalho; alguns surpreendendo até experimentados investigadores.

Nandor FODOR ("***Encyclopaedia of Psychic Science***". Secaucus, N. Jersey: THE CITADEL PRESS, 1974, pp. 178 e 179. Verb. "*Hyperaesthesia*")

menciona diversos casos interessantes relatados por Boirac. Um paciente seu, por exemplo, lia com as pontas dos dedos. Atado de costas para Boirac, mas segurando seu cotovelo, podia ele também ler se Boirac passasse as pontas de seus próprios dedos sobre as linhas do jornal, não fazendo diferença se fechasse os olhos.[6]

(Esse fenômeno de "visão sem olhos" – *eyeless sight* – ou, especificamente, de percepção ótica através do tato – *Dermo-Optic Perception*, DOP – passou a ser mais estudado depois da publicação da obra de Jules Romains, "*Vision Extra-Retinienne – A Study of Extra-Retinal Vision and the Paroptic Sense*", na tradução inglesa).

SENSIBILIDADE MAGNÉTICA

O perispírito, campo de força que é, a sustentar uma estrutura *semimaterial*, apresenta-se, como não poderia deixar de ser, particularmente sensível à ação magnética.

Graças a essa sensibilidade, como demonstrado por pesquisadores de ontem e de hoje, o Espírito encarnado tem condições de registrar, por exemplo, até num campo de energia estática, a influência que dele emana, com evidente repercussão na organização somática.

---

[6] Em documentário de grande repercussão, a TV inglesa mostrou, em nossos dias, diversos casos de pessoas que enxergavam "através da pele", como a jovem russa Kulechova que, "de olhos vendados, lia qualquer texto, bastando para isso passar os dedos sobre as palavras impressas." Curiosamente, o Instituto de Neurologia de Moscou atribuiu tal fenômeno ao fato de a sensitiva possuir "células óticas nos dedos".

No mesmo documentário, fulminando a hipótese russa, foi também dado a conhecer como a Sra. Ferrel Stanley, dos EUA, "identificava cores, de olhos vendados, com espantosa exatidão e facilidade", e a Sra. Fancher, em Massachussets, "cega e paralítica, devido a um acidente de automóvel, lia com facilidade, na luz e nas trevas." (Conf. **GARCIA, J. B.** "Enxergando sem os Olhos". "**Revista Espírita Allan Kardec**". Goiânia, nº 27, p. 18).

Mas é no domínio do magnetismo espiritual (psicomagnetismo) que essa extraordinária qualidade do psicossoma surge especialmente relevante.

Com efeito, devido a ela, torna-se o Espírito suscetível às influências da energia ambiental que o envolve (psicosfera) e é essa propriedade que lhe permite absorver, assimilar – e, também, transmitir – a energia espiritual que capta ou recebe. (Exemplo precioso é o processo do passe: o Espírito, acumulando energia e estimulando a sensibilidade do médium, conjuga suas forças com a deste – psíquicas e vitais – para a transmissão dos recursos de cura).

EXPANSIBILIDADE

O perispírito, intrinsecamente indivisível, pode, entretanto, conforme suas condições, expandir-se, ampliando o seu campo de sensibilidade e, também, de percepção.

Devem-se a essa propriedade os extraordinários fenômenos de *exteriorização da sensibilidade*, comprovados e estudados por pesquisadores de indiscutível idoneidade, operando com sujeitos em transe hipnótico, preferencialmente.

É a expansibilidade do perispírito que faculta, também, em outro grau, a deflagração do processo de *emancipação da alma*, conforme a expressão de KARDEC. Expandindo-se, o perispírito pode chegar a um estado inicial de desprendimento em que a percepção se torna acentuadamente mais aguda, podendo, a partir daí, se for o caso, evoluir para o desdobramento, a envolver, já, uma outra notável propriedade psicossômica, que é a bicorporeidade.[7]

---

[7] O desdobramento (que nada tem a ver com que se conhece em Neurologia, como sensação de "despersonalização") é hoje não só plenamente reconhecido, como estudado por pesquisadores de importantes centros – entre eles, a

A expansibilidade perispirítica, aliás, está na base dos principais processos mediúnicos; haja vista, por exemplo, que é a exteriorização do psicossoma que permite ao vidente a captação da realidade espiritual e que, também, graças a essa propriedade, é que se torna possível o contato perispírito a perispírito, que marca o fenômeno da incorporação.

BICORPOREIDADE

A bicorporeidade (termo criado por KARDEC, que se relaciona ao fenômeno de desdobramento), embora, de certa forma, expressão mais adiantada da expansibilidade, define-se, particularmente, como notável faculdade do perispírito, que possibilita, em condições especiais, o seu desdobramento (*fazer-se em dois*). Sucessivo – e, às vezes, quase simultâneo – ao estado de desprendimento, o desdobramento (duplicação corpórea e bilocação), como visto, apresenta-se em nosso atual nível de conhecimento como um processo sumamente complexo e, ainda, de difícil compreensão, sendo, de momento, já bem significativo sabermos que o perispírito, graças a essa propriedade, pode apresentar-se bicorpóreo, ou seja, com um outro corpo, de forma igual ao do físico, fluídico, com maior ou menor densidade, mas suscetível de ser visto e, até, tocado, como sói acontecer em muitos casos.

De qualquer forma – e, ainda, que sua inteira explicação dependa de futuros avanços –, impõe-se a certeza de que se trata de uma ocorrência absolutamente natural. "*Por muito extraordinário que seja*" – escreve KARDEC – "*tal fenômeno, como todos os outros, se compreende na ordem dos fenômenos naturais, pois que decorre das propriedades do perispírito e de uma lei natural.*" ("**Obras Póstumas**". 26ª ed., FEB, cit., pp. 56 e 57).

Universidade de Kansas City (EUA) –, que a ele se referem como experiência de "saída do corpo" (*Out-of-the-Body Experience* – OBE).

UNICIDADE

A estrutura perispirítica, como reflexo da alma, é única como esta.

Não há perispíritos iguais, como, a rigor, inexistem almas idênticas.

Obviamente, no decorrer do processo evolutivo, diminuem as diferenças e cresce a harmonização entre as almas, sem que entretanto, a individualidade deixe de ser preservada no "grande todo". Escreve KARDEC, a propósito, nas suas "Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas":

> *"A idéia do grande todo não implica, necessariamente, a da fusão dos seres em um só. Um soldado que volta ao seu regimento, entra em um todo coletivo, mas não deixa, por isso, de conservar sua individualidade. O mesmo se dá com as almas que entram no mundo dos Espíritos, que para elas é, igualmente, um todo coletivo: o todo universal. É neste sentido que deve ser entendida esta expressão na linguagem de certos Espíritos."* (**KARDEC, Allan. "Iniciação Espírita"**. 13ª ed., Sobradinho: EDICEL, 1995, p. 213. Trad. Cairbar Schutel).

Nessa direção, também, a lição de "O Livro dos Espíritos" (itens 149 a 152), mostrando que a alma sempre conserva sua individualidade, a refletir-se em seu perispírito.

PERENIDADE

O perispírito tem a marca da perenidade.

Não se pode imaginar a alma sem o perispírito, seu reflexo e ponto de contato com a realidade que a envolve e que se apura, se aprimora, com a própria evolução dessa.

O corpo espiritual é indestrutível como a própria alma. Anota a respeito Gabriel DELANNE: "A alma se encontra unida à substância perispirítica, que coisa nenhuma pode destruir... (...) Nem os milhões de graus de calor dos sóis ardentes, nem os frios do espaço infinito têm ação sobre esse corpo incorruptível e espiritual. Somente a vontade o pode modificar, não, porém, mudando-lhe a substância, mas expurgando-a dos fluidos grosseiros de que se satura no começo de sua evolução". (**DELANNE, Gabriel**. "**A Alma é Imortal**". 6ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1990, p. 288: 3ª Parte., Cap. IV). Também: "A indestrutibilidade e a estabilidade constitucional do perispírito fazem dele o conservador das formas orgânicas; graças a ele, compreendemos que os tecidos possam renovar-se, ocupando, os novos, o lugar exato dos antigos, e daí a manutenção da forma física, tanto interna como externa". (**Idem**. "**Evolução Anímica**". 7ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1992, p. 125: Cap. IV. Trad. Manuel Quintão).

E observa:

> "*Por espírito deve-se entender a alma revestida de seu envoltório fluídico, que tem a forma do corpo físico e participa da imortalidade da alma, de que é inseparável.* (...) *O corpo fluídico, que possui o homem, é o transmissor de nossas impressões, sensações e lembranças. Anterior à vida atual, inacessível à destruição pela morte, é o admirável instrumento que para si mesma a alma constrói e que aperfeiçoa através dos tempos; é o resultado de seu longo passado.*" (**DENIS, Léon**. "**No Invisível**". 15ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 46: 1ª Parte, Cap. III. Trad. Leopoldo Cirne).

MUTABILIDADE

O perispírito, no decorrer do processo evolutivo, se não é suscetível de modificar-se no que se refere à sua *substância*, o é com relação à sua estrutura e forma. (Sabe-se que, por meio da ação plasticizante, pode o Espírito mudar, por exemplo, seu aspecto, porém, tal fenômeno envolve, apenas, modificação transi-

tória e superficial, sustentada transitoriamente pela mente).

Desde as protoformas psicossômicas (ANDRÉ LUIZ), nos seres mais primitivos, até o homem e o anjo, uma longa escala é percorrida. E quanto mais progride a alma, através das sucessivas transformações,[8] mais apurado vai se tornando seu veículo espiritual e, conseqüentemente, mais delicada a sua forma.

Ensina KARDEC que "*o envoltório perispirítico de um Espírito se modifica com o progresso moral que este realiza em cada encarnação.*" ("**A Gênese**". 36ª ed., FEB, cit., p. 278: Cap. XIV, it.10).

E Léon DENIS, depois de explicar que é o perispírito que "garante a manutenção da estrutura humana", esclarece:

> "*Esse corpo fluídico não é, entretanto, imutável; depura-se e enobrece-se com a alma; segue-a através das suas inumeráveis encarnações; com ela sobe os degraus da escada hierárquica, torna-se cada vez mais diáfano e brilhante para, em algum dia, resplandecer com essa luz radiante de que falam as Bíblias (antigas) e os testemunhos da História a respeito de certas aparições.*"

Ainda:

> "*A elevação dos sentimentos, a pureza da vida, os nobres impulsos para o bem e para o ideal, as provações e os sofrimentos pacientemente suportados, depuram pouco a pouco as moléculas perispiríticas, desenvolvem e multiplicam as suas vibrações. Como uma ação química, eles consomem as partículas grosseiras e só deixam subsistir as mais sutis, as mais delicadas.*

---

[8] Poder-se-ia assentar que o desenvolvimento do perispírito, através dos milênios incontáveis, passa, como formação rudimentar, pelo estágio vegetal, viaja pelo reino animal, já, como uma protoestrutura psicossômica, chegando, então, à dimensão hominal como veículo elaborado, sensível e complexo, a refletir as próprias condições da alma que surge vitoriosa, tocada pelo Pensamento Divino. (V. Cap. IX, "Perispírito e Evolução").

Quanto mais elevado é o Espírito, tanto mais sutil, leve e brilhante é o perispírito, tanto mais isento de paixões e moderado em seus apetites ou desejos é o corpo. A nobreza e a dignidade da alma refletem-se sobre o perispírito, tornando-o mais harmonioso nas formas e mais etéreo." (**DENIS, Léon. "Depois da Morte"**. 18ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, pp. 175 e 176: 3ª Parte, it. XXI. Tradução João Lourenço de Souza).

O tempo, pois, constrói, com a evolução da alma, neste e em outros mundos, a própria eterização do perispírito. O item 186 de "O Livro dos Espíritos" esclarece, a propósito, que em graus mais avançados, quando já desnecessária a forma física para a drenagem das imperfeições espirituais, o corpo espiritual (sem que desapareça) parece quase confundir-se com a própria alma.[9]

CAPACIDADE REFLETORA

O corpo espiritual, extensão da alma que é, reflete contínua e instantaneamente os estados mentais.

O perispírito, nas palavras de ANDRÉ LUIZ, é suscetível de refletir, "em virtude dos tecidos rarefeitos de que se constitui", a "glória ou a viciação" da mente. Por isso, a atividade mental "nos marca o perispírito, identificando nossa real posição evolutiva". (**XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Libertação"**. 17ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1995, pp. 58 e 60: Cap. IV).

Todo pensamento encontra imediata ressonância na delicada tessitura perispiritual, produzindo dois tipos de efeitos: gera na aura a sua imagem, conhecida hoje, como *forma-pensamento*

---

[9] "Haverá mundos onde o Espírito, deixando de revestir corpos materiais, só tenha por envoltório o perispírito?"

"— Há e mesmo esse envoltório se torna tão etéreo que para vós é como se não existisse. Esse o estado dos Espíritos puros." ("O Livro dos Espíritos". 75ª ed., FEB, cit., it. 186).

– variável, de acordo com a carga emocional, até mesmo no aspecto cromático, como demonstram técnicas e testemunhos incontestáveis – e, também, na dimensão física, influindo na fisiologia dos centros vitais, repercute nos sistemas nervoso, endócrino, sangüíneo, e demais vias de sustentação do edifício celular, marcando-lhe o desempenho regular, ou não, na economia vital.

ODOR

O perispírito, a refletir-se na aura, caracteriza-se, também, por odor particular, facilmente perceptível pelos Espíritos.

Contém a literatura mediúnica (mormente, as obras de ANDRÉ LUIZ) descrição de regiões infestadas de miasmas pestilentos, a exalarem odores tão fétidos que se tornam quase insuportáveis para os Espíritos mais sensíveis. Tais odores brotariam da podridão fluídica característica desses ambientes e, ao que se sabe, dos próprios perispíritos de seus habitantes.[10]

E ocasiões existem em que, no decorrer de determinados trabalhos, certos médiuns chegam a captar odores, agradáveis ou não, indicativos, também, da evolução dos Espíritos presentes. (Tais odores perispirituais não se confundem com aqueles oriundos da manipulação ectoplásmica e que chegam, por vezes, a impressionar toda uma assistência).

---

[10] Pela mediunidade de Francisco C. XAVIER, informa ANDRÉ LUIZ que "todas as criaturas vivem cercadas pelo halo vital das energias que lhes vibram no âmago do ser e esse halo é constituído por partículas de força a se irradiarem por todos os lados, impressionando-nos o olfato, de modo agradável ou desagradável, segundo a natureza do indivíduo que as irradia. Assim sendo, qual ocorre na própria Terra, cada entidade aqui se caracteriza por exalação peculiar." (**XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Ação e Reação"**. 17ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1996, p. 64: Cap. 5).

TEMPERATURA

Como, no desenvolvimento da atividade mediúnica, certos médiuns registram, por exemplo, uma espécie de gélido torpor, com a avizinhação de alguma alma sofredora, ou, ao contrário, uma cálida sensação de bem-estar, quando da aproximação de um Espírito superior, é lícito cogitar-se da possibilidade de que o perispírito também mostre uma espécie de *temperatura* própria, relacionada, naturalmente, com o grau de evolução do Espírito.

Trata-se de tema a ser, ainda, investigado, mas suscetível de comparecer, no futuro, com força maior do que uma simples hipótese.

* * *

III.

FUNÇÕES DO PERISPÍRITO

As funções básicas do perispírito são marcadas por características de natureza instrumental, individualizadora, organizadora e sustentadora.

FUNÇÃO INSTRUMENTAL

Como se depreende de seu próprio conceito, a função primordial do perispírito é servir de instrumento à alma, em sua interação com os mundos espiritual e físico.

Projeção energética da alma, aglutina em si a energia cósmica matriz, consolidando, já, uma estrutura de natureza física, que, a refletir sempre a fonte, serve como seu elemento de ligação com o meio que o cerca, de modo que não só possa nele agir, influenciando, como também dele receber influência, em regime de trocas e aproveitamentos, em sua gloriosa caminhada evolutiva.

FUNÇÃO INDIVIDUALIZADORA

O perispírito, corpo imperecível da alma, serve à sua indi-

vidualização e identificação. A alma é única e diferenciada, e o perispírito, como seu envoltório ou, mais especificamente, seu corpo perene, mostra-a, refletindo-a, assegurando-lhe a identidade exclusiva.

Não se trata, todavia, de uma identidade que diga apenas com características periféricas; refere-se, sim, à sua própria história, às suas particulares características evolutivas.

Nesse contexto, obviamente, o fator memória, refletindo-se na tela perispirítica, surge como dos mais importantes, assegurando a continuidade da vida psíquica nos diferentes níveis existenciais e marcando, assim, a identidade da alma.

Essa identidade, que diz de suas qualidades positivas e negativas, transmite-se, quando em estado de encarnação, ao corpo físico, que, entretanto, nem sempre a reflete inteiramente.

Com efeito, situações cármicas podem impor que, a partir da morfogênese, a estrutura somática, a espelhar condições transitórias do perispírito, mostre aparência, possibilidades fisiológicas ou condições psicológicas, sinalizando uma presença temporária no plano físico,[1] que não expressa, propriamente, a identidade profunda do reencarnante, parcialmente apagada, mas que após a desencarnação, presentes as necessárias condições, emergirá inteira, enriquecida pelas experiências vividas.

---

[1] Há quem critique o emprego do termo "*plano*" em expressões como *plano físico* ou *plano espiritual*. Observe-se, todavia, que esse vocábulo, de acordo com a tradição de nossa Língua, é literariamente empregado como sinônimo de *nível, situação, posição, domínio*, etc. (Fato semelhante ocorre, aliás, com o uso da palavra "*esfera*" – *ambiente, meio, setor, campo, etc.*).

Ainda assim, em nota de rodapé da p. 34, da obra "**Evolução em Dois Mundos**" (13ª ed., FEB), esclarece ANDRÉ LUIZ que as expressões *Plano Físico* e *Plano Espiritual* "foram utilizadas por nós, à falta de termos mais precisos que designem as esferas de evolução para os Espíritos encarnados e desencarnados, pertencentes ao 'habitat' planetário".

FUNÇÃO ORGANIZADORA

A função organizadora do perispírito aparece especialmente notável no processo de reencarnação, em que o ritmo morfogenético, obedecendo aos impulsos psicossômicos de crescimento, leva à formação de um novo corpo físico que se estrutura rigorosamente de acordo com as características que marcam o corpo espiritual, modelo por excelência. Esse papel do perispírito – projeção da alma – no processo vital é, de muito, conhecido, tanto no Oriente, como no Ocidente, sendo, também, pressentido em círculos científicos contaminados pelo materialismo.

Claude Bernard, por exemplo, já escrevia em sua "*Introduction à la Médecine*": "O que diz essencialmente com o domínio da vida e não pertence à química, nem à física, nem ao que possamos mais imaginar, é a idéia geratriz dessa atuação vital. Em todo o gérmen vivo há uma idéia dirigente a manifestar-se e a desenvolver-se em sua organização." (Cf. **DELANNE, Gabriel**. "**A Evolução Anímica**". 2ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1992, p. 40).

Essa noção, aliás, da existência de um princípio diretor imaterial, a comandar o desenvolvimento da vida, ocupa cada vez mais lugar na Ciência.

A propósito, em Fórum promovido pela Universidade de São Paulo, que refutou o aborto – novembro,1997 –, a Dra. Marlene R. S. Nobre, mostrando que "uma única célula, para funcionar, necessita de 2.000 enzimas específicas", informava: "Os irmãos Igor e Grichka Bogdonov, físicos de renome da atualidade, descobriram com o auxílio de biólogos e o concurso de matemáticos, que a reunião de 1.000 dessas enzimas, de forma ordenada e perfeita, no decorrer de bilhões de anos, representa, na verdade, uma impossibilidade estatística: uma em dez, elevado ao expoente 1.000. E concluíram: 'Não podemos senão constatar a existência de um fenômeno de ordem subjacente que conduz inelutavelmente ao surgimento da vida." ("**Folha Espírita**". São Paulo, dez., 1997, p. 6).

*

Mas, nessa direção, acumulam-se, cada vez mais, os fatos comprovadores da função organizadora do psicossoma. "Nos últimos anos, inúmeros cientistas de muitos países têm pressuposto a existência de uma espécie de matriz, uma espécie de padrão organizador, invisível, inerente aos seres vivos", anotam as pesquisadoras americanas, S. Ostrander e L. Schroeder.

Informam, a propósito, as citadas Autoras, com base nas investigações de E. Harrison Salisbury (*"The Soviet Union: The Fifty Years"*), W. P. Bentley (*"An Approach to a Theory of Survival of Personality"* – ***"Journal of the American Society for Psychical Research"***) e outros, o resultado de experiências realmente significativas, demonstrando a existência dessa "matriz organizadora":

> *"Na União Soviética, por exemplo, o Dr. Alexandre Studitsky, do Instituto de Morfologia Animal de Moscou, picou um tecido muscular em pedacinhos e enfiou-os na ferida feita no corpo de um rato. A partir desses pedacinhos, o corpo reconstituiu um músculo inteiramente novo, como se existisse um padrão organizador."*
>
> *"Um neurologista norte-americano descobriu que poderia atinar com vestígios do padrão de campo elétrico do membro cortado de uma salamandra. Outros cientistas, tomando de um glóbulo de protoplasma, que deveria crescer no braço de um animal fetal, o colocaram no lugar da perna. Daí nasceu uma perna, e não um braço, o que supõe, mais uma vez, um campo organizador."* (**OSTRANDER, Sheila. SCHROEDER, Lynn. *Experiências Psíquicas além da Cortina de Ferro*.** São Paulo: CULTRIX, 1974, p. 237: Cap. 17. Trad. Octávio Mendes Cajado).

*

A função organizadora do perispírito – a mostrar, na verdade, como visto, a ação organizadora da alma –[2] tem sido, às vezes, designada só como *função modeladora* e se destaca ao ponto de servir de referência básica em construções formuladas por diversos autores, entre eles, no Brasil, o conceituado cientista espírita Hernani Guimarães ANDRADE, que, em seus estudos sobre a alma e o perispírito, trabalha com o conceito do que denomina *Modelo Organizador Biológico – MOB*, "capaz de atuar sobre a matéria orgânica e provocar-lhe o desenvolvimento biológico".[3] (**ANDRADE, Hernani Guimarães**. "**Espírito, Perispírito e Alma – Ensaio sobre o Modelo Organizador Biológico**". 10ª ed., São Paulo: PENSAMENTO, 1995, p. 54: Cap. III).

Assinale-se, a propósito, que a idéia de um modelo que sirva à organização biológica não é nova, tendo sido, também, aventada por vários biólogos durante a década de 20, que o pensaram em termos de "campos morfogenéticos". Ultimamente, tem sido ela retomada e apresentada com diferentes molduras. O biólogo inglês, Rupert SHELDRAKE ("*A New Science of Life: The Hipothesis of Morphic Resonance*", 1981; "*The Presence of the Past: Morphic Resonance and the Habits of Nature*", 1988), da Universidade de Cambridge e da Royal Society, por exemplo, enfrentando a biologia reducionista, baseada, ainda, no paradigma mecanicista, mostra que o papel do DNA na estruturação dos organismos é bem mais modesto do que se imagina.

---

[2] O inglês CUDWORTH, segundo DELANNE, imaginou uma substância intermediária entre o corpo e a alma, a que ele chamava *mediador plástico* e cujo papel consistia em unir o Espírito à matéria, participando da natureza de ambos. (**DELANNE, Gabriel**. "**O Espiritismo perante a Ciência**". 2ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1993, p. 224. Trad. Carlos Imbassahy).

[3] Outro renomado pesquisador espírita brasileiro, Prof. Henrique Rodrigues, denomina-o "*campo estruturador das formas físicas*". ("**A Ciência do Espírito**". Matão, São Paulo: CLARIM, 1985, p. 79: Cap. III).

Segundo o cientista, o código genético nele inscrito coordena a síntese das proteínas, determinando a seqüência dessas macrocélulas, mas o modo como se distribuem as proteínas escapa ao comando dos genes. "A maneira como as proteínas se distribuem dentro das células, as células nos tecidos, os tecidos nos órgãos e os órgãos nos organismos não estão programados no código genético", afirma SHELDRAKE. "Dados os genes corretos, e portanto as proteínas adequadas, supõe-se que o organismo, de alguma maneira, se monte automaticamente. Isso é mais ou menos o mesmo que enviar, na ocasião certa, os materiais corretos para um local de construção e esperar que a casa se construa espontaneamente..."

A morfogênese, ou seja, a modelagem dos sistemas biológicos (células, tecidos, órgãos, organismos), enfatiza SHELDRAKE, é ditada por um tipo especial de campo mórfico, a traduzir-se pelos "campos morfogenéticos", os quais, não só permanecem em constante interação com os sistemas vivos, como também se modificam, influindo em sua estabilidade.[4]

ALLAN KARDEC, ainda que não tenha se referido expressamente ao papel modelador do perispírito, escreveu:

---

[4] Entre as demonstrações que SHELDRAKE propicia, chama a atenção o caso, p. ex., dos platelmintos. Se um animal é cortado em pedaços, cada parte se transforma em um organismo completo, mostrando que existe uma "matriz invisível", que permite a regeneração mesmo que removidas partes importantes.

SHELDRAKE propôs, também, a existência de um processo de "ressonância mórfica", que explicaria as alterações ocorrentes nos campos mórficos. Segundo essa hipótese, "cada vez que um indivíduo de uma espécie aprende um comportamento novo, o campo causativo da espécie toda muda, ainda que levemente. Se esse comportamento for repetido por bastante tempo, sua 'ressonância mórfica' influi sobre a espécie inteira". Essa "ressonância mórfica", aliás, guardaria relação com a chamada "energia escalar", tema que atualmente surge como dos mais fascinantes no capítulo da Energética. (V. **SALVO, Salvatore di. "Sinfonia da Energética"**. São Paulo: SCHIMIDT, 1992, pp. 156 e 157: Cap. I, P. II; "Ressonância Mórfica". "**Galileu**", GLOBO, São Paulo, fev., 1999, pp. 74 a 81).

> *"Para ser mais exato, é preciso dizer que é o próprio Espírito que modela o seu envoltório e o apropria às suas novas necessidades; aperfeiçoa-o e lhe desenvolve e completa o organismo, à medida que experimenta a necessidade de manifestar novas faculdades; numa palavra, talha-o de acordo com a sua inteligência. Deus lhe fornece os materiais; cabe a ele empregá-los. É assim que as raças adiantadas têm um organismo ou, se quiserem, um aparelhamento cerebral mais aperfeiçoado do que as raças primitivas. Desse modo, igualmente se explica o cunho especial que o caráter do Espírito imprime aos traços da fisionomia e às linhas do corpo."*
> ("**A Gênese**". 36ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 211: Cap. XI, it. 11. Trad. Guillon Ribeiro).

Nessa linha, explica EMMANUEL, pela mediunidade de Francisco Cândido XAVIER: "O perispírito é, ainda, corpo organizado que, representando o molde fundamental da existência para o homem, subsiste além do sepulcro, demorando-se na região que lhe é própria..." ("**Roteiro**". 9ª ed., FEB, cit., p. 31: Cap. 6).

Essa capacidade modeladora (ou plasmadora), varia de acordo com a evolução do Espírito, sendo certo que muita diferença há entre a encarnação de um Espírito superior e a de um que não o seja. ANDRÉ LUIZ, por intermédio de Waldo VIEIRA, elucida: "Os Espíritos categoricamente superiores, quase sempre, em ligação sutil com a mente materna que lhes oferta guarida, podem plasmar por si mesmos e, não raro, com a colaboração de instrutores da Vida Maior, o corpo em que continuarão as futuras experiências, interferindo nas essências cromossômicas, com vistas às tarefas que lhes cabem desempenhar". ("**Evolução em Dois Mundos**". 13ª ed., FEB, cit., p. 152: Cap. XIX).

No outro extremo, estão os Espíritos "categoricamente inferiores" que, nos inícios da aprendizagem evolutiva, apresentam-se extremamente submissos ao comando biológico ditado pela hereditariedade. E, entre ambas as classes, como lembra o reno-

mado Autor, há uma imensa escala de diferenças evolutivas, a marcarem os estados em que se encontram os Espíritos em desenvolvimento e definindo suas possibilidades de maior ou menor atuação consciente na moldagem dos futuros veículos físicos.

Compreende-se bem, nesse contexto, quão decisiva é a ação perispirítica na formação do corpo. De fato, é por seu intermédio que a alma rege sua encarnação. "Na câmara uterina"– ensina EMMANUEL, por Francisco Cândido XAVIER –, "o reflexo dominante de nossa individualidade impressiona a chapa fetal ou o conjunto de princípios germinativos que nos forjam os alicerces do novo instrumento físico, selando-nos a destinação para as tarefas que somos chamados a executar no mundo, em certa quota de tempo". (**XAVIER, Francisco Cândido. EMMANUEL, Espírito. "Pensamento e Vida**". 9ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1991, p. 55: Cap. 11).

Na ausência do perispírito, pode acontecer que um organismo se desenvolva sem que chegue, todavia, a se tornar viável; fica sujeito à expulsão do vaso uterino, em qualquer tempo, ou, se alcança o processo de parto, nenhum sinal vital apresenta, como é o caso dos natimortos. O desenvolvimento fetal – que pode culminar, até, com a estruturação de um corpo, normalmente malformado – acontece, então, apenas por comando do automatismo biológico, construído pelos milênios de evolução.

Observe-se, a propósito, que, muitas vezes, pode mesmo haver um início de reencarnação, com um princípio de moldagem perispiritual do novo corpo que, entretanto, se interrompe com a cessação do processo e o afastamento do perispírito, passando o desenvolvimento fetal a depender exclusivamente da sustentação gerada pelos recursos maternos, limitados e logo extinguíveis. Devido a isso, interrompe-se naturalmente a gravidez ou, se for o caso, acontece o parto de corpo sem vida. Atento a isso, KARDEC formulou, entre outros, o item 355, de "O Livro dos Espíritos", buscando saber sobre as razões de tais ocorrências. Claro, o ensinamento dos Espíritos Instrutores (75ª ed., FEB, p. 202): "Freqüen-

temente isso se dá e Deus o permite como prova, quer para os pais do nasciturno, quer para o Espírito designado a tomar lugar entre os vivos". (Essa lição, aliás, é tão importante quanto se sabe que são inúmeros, a propósito, os relatos de suicidas que, por não terem valorizado as oportunidades de vida física, procuram depois recompor-se, enfrentando as frustrações das reencarnações malogradas...).

*

A função organizadora do perispírito, obviamente, não diz apenas com a forma, os aspectos anatômicos ou as peculiaridades fisionômicas do ser em gestação, mas, principalmente, com os diversos sistemas de sustentação psicofisiológica que regerão sua vida. É aí, aliás, que aparece o papel exponencial do psicossoma. Inaugurado o processo embriogênico – ou antes, até –, o reencarnante, normalmente, sob a assistência espiritual superior, já influencia o equipamento genético disponível, como visto, de modo consolide o instrumental biológico para atender às necessidades de sua recorporificação, sempre com vistas à sua evolução.

Nessa ação, em que genes são ativados e outros enfraquecidos, submetendo-se à dominação daqueles, em processo de construção de um edifício genético propício aos fins da reencarnação, marca o perispírito sua importância na definição do novo corpo. Pronto o alicerce genotípico – e definido o mapa das possibilidades fenotípicas –, tem curso, principalmente, a partir do surgimento dos folhetos blastodérmicos, o mais delicado e complexo processo de que se tem notícia, em que cada reencarnante transmite ao corpo em formação suas características e potencialidades, até mesmo as de natureza patológica, cimentando seu futuro próximo na carne.

Na organização do novo veículo somático (provavelmente, a partir de células-tronco), especializam-se células, tecidos, órgãos e funções, a espelharem iguais estruturas e funções do perispírito, consolidando-se, afinal, sob o influxo da energia gerada

pelos seus centros de força (ou centros vitais), poderosas usinas sustentadoras do metabolismo psicossômico.

Nesse processo, todavia, não acontece somente o fluxo de energia vital, mas também uma espécie de "drenagem" da energia degradada (miasmas espirituais), atraída aos centros de força do perispírito, devido à invigilância moral e seus fatores subseqüentes, como a desarmonização e o remorso. Esse tipo de energia provocará as disfunções e as malformações que levarão o reencarnante – quase sempre mui dolorosamente – à rearmonização espiritual, condição de seu progresso. Como afirma ANDRÉ LUIZ, por Waldo VIEIRA, quase sempre o corpo físico "deve sofrer mutilações e enfermidades benéficas, inibições e dificuldades orgânicas de caráter inevitável, porque, de aprendizado em aprendizado e de tarefa em tarefa, quanto o aluno de estágio em estágio para as grandes metas educativas, é que se levantará, vitorioso, para a ascensão à imortalidade Celeste." ("**Evolução em Dois Mundos**". 13ª ed., FEB, cit., p. 154).

Como se vê, essa importante função perispirítica, responsável pela organização do instrumento físico do Espírito que retorna, aparece como o dado fundamental no esquema da evolução humana.

FUNÇÃO SUSTENTADORA

O perispírito, impregnando-se de energia vital e transferindo-a paulatinamente, ao impulso da alma, para o veículo físico, sustenta-o desde a formação até o completo crescimento, conservando-o, depois, na vida adulta, durante o tempo necessário.

Matriz estrutural destinada à organização e sustentação do edifício biológico, na reencarnação, o perispírito, como assinala DELANNE, surge, graças à sua perenidade, como elemento indispensável à estabilidade do ser humano, "no meio de toda essa complexidade das ações vitais, dessa efervescência perpétua e re-

sultante da cadeia de decomposições e recomposições químicas, ininterruptas, na trama, enfim, de nervos, músculos, glândulas a se entrecruzarem, a circularem, a se interpenetrarem de líquidos e gases, em desordem aparente, mas da qual sairá, contudo, a mais estupenda regularidade", sendo certo que "a função pertence ao conjunto, e não, às unidades que o compõem", e que esta se subordina a uma "ordem que não se altera, apesar dos sucessivos afluxos de elementos novos". (**DELANNE, Gabriel**. "**Evolução Anímica**". 6ª ed., FEB, 1989, pp. 43 e 46. Cf. **JORGE, José**. "**Antologia do Perispírito**". 5ª ed., Rio de Janeiro: CELD, 1997, pp. 150 e 151).

A ação sustentadora (conservadora) do perispírito, aliás, surge bem patente, por exemplo, no delicado e complexo processo da renovação celular. Sabido é que todas as células físicas são substituídas a cada ciclo de 7 a 8 anos, sem que, entretanto, seja alterada qualquer parte do corpo, conservando a pessoa, ainda, os seus traços fisionômicos.[5]

---

[5] Tem-se admitido, até aqui, que os neurônios, não se reproduzindo, não podem também ser substituídos, representando, assim, uma exceção ao princípio geral da renovação celular periódica.

Em 1988, os neurobiólogos Fred Gage, da Universidade da Califórnia, e Peter Erikson, do Instituto Universitário de Gotemburgo, Suécia, descobriram a presença de neurônios novos na região límbica – especificamente, no hipocampo, estrutura ligada ao processo da memória (V. Cap. X, "Perispírito e Memória").

Constatou-se, a seguir, que neurônios novos surgem da divisão de um outro tipo de célula, as células-tronco, que, sob certos comandos químicos, passariam, logo após o processo de divisão, a se especializar, transformando-se em células nervosas.

Recentemente (1999), o cientista mexicano Arturo Alvarez Buylla, da Universidade Rockefeller, Nova York, pesquisando a zona subventricular, teria descoberto que essas células-tronco são os conhecidos astrócitos, que envolvem os neurônios.

Trata-se de um dado revolucionário, indicando um potencial praticamente ilimitado de regeneração do cérebro. (Para um total aproximado de 10 bilhões de neurônios, existiriam cerca de 100 bilhões de astrócitos...).

As pesquisas evoluem e, segundo o agora anunciado pelo pesquisador russo, Valery Kakekov, da Universidade do Tennessee, já se consegue cultivar em

Essa contínua recomposição celular, sem que seja afetado qualquer dos elementos que identificam a pessoa, acontece graças à função de sustentação, do perispírito, que, potencialmente, garante e conserva a integridade do corpo físico – respeitada, é claro, a programação cármica de cada um, com os seus variados efeitos. Leciona, a respeito, DENIS:

> "*Insensível às causas de desagregação e destruição que afetam o corpo físico, o perispírito assegura a estabilidade da vida em meio da contínua renovação das células. É o modelo invisível através do qual passam e se sucedem as partículas orgânicas, obedecendo a linhas de força, cuja reunião constitui esse desenho, esse plano imutável, reconhecido por Claude Bernard como necessário para manter a forma humana em meio das constantes modificações e da renovação dos átomos.*" (**DENIS, Léon. "No Invisível"**. 15ª ed., Rio de Janeiro: FEB, cit., p. 47: Cap. III, 1.ª Parte).

Outro aspecto importante relaciona-se com a própria higidez física, mantida pela ação fundamental do sistema imunológico que, de sua vez, é sustentado pelo perispírito. Evidência disso,

---

laboratório células-troncos retiradas do cérebro de pacientes em estado grave, buscando-se, com o auxílio de certas substâncias ("fatores de crescimento"), chegar à geração de novas células-tronco e, depois, neurônios.

Ampliam-se assim, significativamente, as possibilidades de tratamento de doenças graves que afetam o sistema nervoso, principalmente, depois que o tcheco, Hynek Wichterle, também da Universidade Rockefeller, demonstrou que neurônios imaturos, injetados em cobaias com danos cerebrais, migravam, guiados automaticamente por sinais químicos, para os locais onde eram necessários, servindo, assim, ao restabelecimento de conexões perdidas. (**BURGIERMANN, R. Denis.** "O Milagre da Multiplicação dos Neurônios". "**Superinteressante**", São Paulo: ABRIL, julho, 1999, pp. 40 a 46).

Esses dados comprovam, mais uma vez, o papel fundamental dessa extraordinária malha energética que é o perispírito – já desde suas mais primitivas protoformas, na dimensão animal –, sustentando e reorganizando continuamente o edifício celular, através de um número incontável de substâncias químicas, que, sob o comando mental e de acordo com suas características evolutivas, produz e aciona.

resulta, por exemplo, até do fato de que a deficiência imunológica, segundo bem se constata hoje, está estreitamente vinculada a fatores que dizem, principalmente, com o equilíbrio emocional.

O comprometimento psíquico – a refletir, seguidamente, a própria história do Espírito – pode repercutir na ação sustentadora do psicossoma, provocando o enfraquecimento das defesas orgânicas e o conseqüente desequilíbrio homeostático. Recomposta a harmonia mental – dentro das possibilidades cármicas –, as forças perispiríticas de sustentação, desbloqueadas, voltam a operar, reativando a imunologia. (Evidentemente, trata-se, aqui, de um processo extremamente complexo, a envolver, não só conhecimentos ligados à fisiologia, neurofisiologia, endocrinologia, biologia molecular ou à bioquímica, mas, sobretudo, os que implicam uma compreensão maior da própria dinâmica psíquica ligada à realidade espiritual).

* * *

IV.

CENTROS VITAIS

A complexa tessitura psicossômica apresenta, ao que tudo indica, um número considerável de "pontos de força", responsáveis, em seu conjunto, pela distribuição da energia vital e, por conseguinte, pelo equilíbrio fisiológico do organismo físico.

Não se trata de conhecimento novo. Em verdade, na Antigüidade, entre os hindus – especialmente, com base nos *Upanixades*, os comentários dos Vedas que formavam os quatro livros sagrados (750-500 a.C.) – já se sabia de sua existência. E muito antes, os chineses, com base no *Taoísmo*, a envolver uma avançada concepção da Criação,[1] elaboraram complexa e refina

[1] As raízes do Taoísmo perdem-se na noite dos tempos. Textos importantes, enaltecendo a prática moral, teriam surgido a partir do século XII a.C., mas a obra fundamental, Lao-Tze ou Lao-Tzu ("velho mestre" – apelido de Li Pe-Yang), teria aparecido no séc. IV ou V a.C. Explicavam os mestres chineses que Tao é o princípio absoluto, cuja emanação gerou o que existe. Cada elemento existente – mineral, vegetal, animal – é sua expressão, por isso, é a alma de cada coisa, regendo, ao mesmo tempo, o todo. Pelo conhecimento sustentado por uma vida moral, pela meditação profunda sobre a verdade da interpenetração dos contrários, que acontece através da atuação das forças Iang e Inn, chega-se a apreender o sentido da unidade do cosmo. A partir do séc. IV, o Taoísmo passou a sofrer mo-

da técnica de cura, baseando-se no princípio de que a saúde depende do equilíbrio entre as forças *Iang* e *Inn*, expressões da energia vital, alcançável pela estimulação de pontos distribuídos por todo o corpo. Essa técnica, que também leva em conta as teorias chinesas de anatomia e fisiologia, é conhecida no Ocidente como *acupuntura* e encontra-se descrita no *Nei-Ching* (texto médico dos antigos), conhecido como a "Bíblia da Acupuntura" e surgido, possivelmente, no séc. III a.C. (A origem da acupuntura, todavia, remonta a 3 mil anos antes de nossa era). O *Nei-Ching* divide-se em duas partes: o *So-Uen*, que trata de semiologia e cura, e o *Ling-Shu*, que se refere ao tratamento propriamente, pela estimulação – por meio de agulhas ou moxas – de pontos próprios, dirigida ao reequilíbrio do fluxo das forças *Iang* e *Inn* e, conseqüentemente, da estabilidade fisiológica.

Esses *acupontos* – cuja localização, seguidamente, coincide com a das terminações nervosas – são numerosos (cerca de 750 ou mais) e cobrem todo o corpo, sendo que 365 deles – dos quais, 122 servem mais às aplicações clínicas comuns – destacam-se em importância por fazerem parte de um delicado circuito composto por doze *meridianos*, possíveis canais de energia.

(No passado, chegou a surgir a hipótese de que se tratava de canais condutores de substâncias desconhecidas, a constituírem um sistema diferente dos conhecidos, até mesmo o linfático). (V. Cap. XVI, "Perispírito e Anestesia").

A propósito, Hernani Guimarães ANDRADE refere-se a duas experiências interessantes sobre a existência e alcance desses meridianos.

---

dificações profundas e, mais tarde, sob a influência do Budismo, surgiram correntes e seitas, embora, nos círculos tradicionais de estudo, continuasse sendo estudada a doutrina dos antigos mestres. Interessante anotar que, com as primeiras modificações do Taoísmo, na dinastia Han (séc. III a.C.), a comunicação com os Espíritos desencarnados já era detectada como prática chinesa comum. Mais tarde, o Taoísmo já comparece como religião, com sacerdotes, hierarquia, cerimoniais e ritos.

A primeira diz respeito a uma demonstração feita pelos russos. Comenta o ilustre pesquisador:

> *"Os soviéticos demonstraram a existência de verdadeiros circuitos de baixa resistência elétrica, em um organismo vivo, conectando uns com os outros os pontos de acupuntura. É possível registrar pequenas diferenças de potencial elétrico entre dois desses pontos, ligando, aos mesmos, electrodos de diferentes materiais, como a prata e o níquel."*

> *"Acredita-se que um circuito interno profundo está relacionado com os pontos de acupuntura. Crê-se que tais conexões ocorrem sob a condição de um campo de energia em vez de uma rede condutora. As condições de bem-estar e de saúde do corpo parecem essencialmente dependentes da suficiente energia nesses circuitos e do seu mútuo equilíbrio."*

Outro relato refere-se a experiências feitas pelo cientista de origem coreana, Kim Bong Han, que emprega técnicas tão inéditas quanto refinadas, assim descritas:

> *"Ele injetou fósforo radioativo em um ponto de acupuntura e tentou acompanhar sua marcha pelo organismo. Verificou que os átomos do fósforo radioativo, em vez de se espalharem pelos tecidos adjacentes, procuraram um meridiano particular. Em seguida foram detectados átomos de fósforo radioativo, em elevada concentração, nos pontos de acupuntura ao longo do meridiano correspondente."* (**ANDRADE, Hernani Guimarães.** ***Espírito*****, "Perispírito e Alma". 10ª ed., PENSAMENTO, cit., pp. 1 e 2).**

Essas e outras experiências – como as de BURR, por exemplo, retrocitadas, em torno dos "campos de vida" (*fields of life*) – ressaltam a verdade de muito conhecida de que existem pequenos centros de força que, interligados, respondem pela sustentação do equilíbrio vital do organismo.

A tradição oriental – recolhida por estudiosos que lideraram

o surgimento de diversas correntes espiritualistas no Ocidente – reporta-se à existência de centros energéticos maiores, a comandarem, de alguma forma, ao que tudo mostra, os demais. Esses centros, denominados chacras ou tchacras (do sânscrito: roda, círculo, disco, órbita), localizar-se-iam, num segundo corpo, sutil, matriz do físico.

São sete os chacras citados (em sânscrito: *sahasrâra*, situado no alto da cabeça; *ajnã*, na região frontal do cérebro; *vishuddha*, na região do pescoço; *anâhata*, sobre o coração; *manipura*, na região do estômago; *swadhisthana*, na altura do baço, e *mulâdhâra*, situado na parte inferior da coluna vertebral), havendo, porém, escolas que, além desses sete principais, enumeram outros vinte e um centros menos destacáveis na fisiologia orgânica, com função, possivelmente, de ponte ou contato entre os "pontos de força" menores e os principais (chacras), em algum nível perispirítico, dentro de um complexo sistema em que a energia vital, através de meridianos (em sânscrito, *nádis*, condutores de energia da corrente vital; "*rios de energia*"), sustenta o desenvolvimento e a conservação do veículo físico. Esse sistema de centros de condensação e distribuição de energia, e de conexões que os interligam, embora sua expressão física, compõem, obviamente, o corpo espiritual.[2]

Os chamados chacras, como acontece com os centros menores, conhecidos como pontos de acupuntura ou acupontos (modernamente, "campos de vida"), são hoje cada vez mais estudados e, mesmo, aparelhos têm sido construídos para detectá-los e avaliá-los. O médico e pesquisador japonês, Hiroshi MOTOYAMA, por exemplo, baseando-se "nas hipóteses de que cada chacra

---

[2] O perispírito rege a vida física, dinamizando a energia vital aglutinada no chamado duplo etérico, através de seus centros de força. Como estes se projetam no duplo etérico, de natureza mais próxima à do corpo material, refletindo-se neste, torna-se possível sua detecção por instrumentação física. (V. Cap. VI, "O Duplo Etérico").

se relaciona intimamente com um determinado plexo nervoso e seu respectivo órgão interno", e procurando descobrir a energia produzida pelos chacras e lançada no corpo, desenhou um aparelho que denominou "*Instrumento do Chakra*", o qual, ao contrário do eletroencefalógrafo e dos instrumentos de eletrofisiologia, conforme explica, detecta "minúsculas variações energéticas (elétricas, magnéticas, ópticas) de um paciente", sendo os sinais ópticos e elétricos por ele emitidos, "amplificados e analisados por um processador, um analisador de espectros de força e outros equipamentos semelhantes localizados no exterior do recipiente, sendo então registrados simultaneamente numa fita gravadora de diversos canais, juntamente com variáveis convencionais como a respiração, o ECG, o pletismógrafo e o GSR." (**MOTOYAMA, Hiroshi. "Teoria dos Chakras – Ponte para a Consciência Superior"**. 9ª ed., São Paulo: PENSAMENTO, 1993, p. 248: Cap. IX. Trad. Zuleika T. Wiechmann Freschi).[3]

Os positivos resultados alcançados por MOTOYAMA, em suas inúmeras experiências, dando conta da localização desses centros de energia e de seu significado na economia do todo psicofísico, apresentam-se deveras auspiciosos, contribuindo, certamente, para a construção de uma Ciência mais próxima da realidade do Espírito.

*

[3] Apresentando a tese "*Emissão de Energia dos Chakras da Ioga e dos Pontos dos Meridianos da Acupuntura*", no VII Congresso Internacional de Parapsicologia (Gênova, 1975), o Prof. Motoyama deu a conhecer um mapeamento perfeito dos meridianos, via eletrônica, que coincidia perfeitamente com o feito pelos chineses, há 4.000 anos! E nesse mapeamento, segundo anota o Prof. Henrique RODRIGUES, foi também constatado o potencial de diversos meridianos (pulmões, intestino grosso, intestino delgado e bexiga). (V. **RODRIGUES, Henrique. *A Ciência do Espírito.*** Matão, SP: CLARIM, 1985, cit., p. 75: Cap. 3).

Com o surgimento dos notáveis trabalhos do Espírito ANDRÉ LUIZ, por meio da mediunidade de Francisco Cândido XAVIER, tomou-se conhecimento da efetiva existência desses centros de força fundamentais, melhor denominados *centros vitais*.

Ensina, o venerando Instrutor, que "o nosso corpo de matéria rarefeita está intimamente regido por sete centros de força, que se conjugam nas ramificações dos plexos e que, vibrando em sintonia uns com os outros, ao influxo do poder diretriz da mente, estabelecem, para nosso uso, um veículo de células elétricas, que podemos definir como sendo um campo eletromagnético." (**XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Entre a Terra e o Céu"**. 16ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 126: Cap. XX).

Esses centros vitais recebem do Autor os nomes de centro *coronário*, centro *cerebral*, centro *laríngeo*, centro *cardíaco*, centro *esplênico*, centro *gástrico* e centro *genésico*.[4]

O centro *coronário*, por sua importância fundamental na sustentação do equilíbrio perispirítico, é o primeiro. Explica ANDRÉ LUIZ, por intermédio de Francisco C. XAVIER:

> *"Analisando a fisiologia do perispírito, classifiquemos os seus centros de força, aproveitando a lembrança das regiões mais importantes do corpo terrestre. Temos, assim, por expressão máxima do veículo que nos serve presentemente, o 'centro coronário', que, na Terra, é considerado pela filosofia hindu como sendo o lótus de mil pétalas, por ser o mais significativo em razão do seu alto potencial de radiações, de*

[4] Pelas descrições conhecidas, podem-se imaginar os centros vitais como vórtices muito luminosos, cujo movimento poderia lembrar, às vezes, o abrir e fechar (contínuo e altamente dinâmico, no caso) das lâminas de um diafragma de máquina fotográfica; seu aspecto lembraria, também, as "*pétalas do lótus*", na poética expressão da filosofia hindu. Trata-se, obviamente, de uma imagem pálida e imprecisa da realidade, mas ajuda a entendê-la.

vez que nele assenta a ligação com a mente, fulgurante sede da consciência. Esse centro recebe em primeiro lugar os estímulos do espírito, comandando os demais, vibrando todavia com eles em justo regime de interdependência."

"Considerando (...) os fenômenos do corpo físico, e satisfazendo aos impositivos de simplicidade em nossas definições, devemos dizer que dele emanam as energias de sustentação do sistema nervoso e suas subdivisões, sendo o responsável pela alimentação das células do pensamento e o provedor de todos os recursos eletromagnéticos indispensáveis à estabilidade orgânica. É, por isso, o grande assimilador das energias solares e dos raios da Espiritualidade Superior capazes de favorecer a sublimação da alma." (**Op. cit.**, p.127).

Em outra lição, minudencia:

"Temos particularmente no centro coronário o ponto de interação entre as forças determinantes do espírito e as forças fisiopsicossomáticas organizadas.

Dele parte, desse modo, a corrente de energia vitalizante formada de estímulos espirituais com ação difusível sobre a matéria mental que o envolve, transmitindo aos demais centros da alma os reflexos vivos de nossos sentimentos, idéias e ações, tanto quanto esses mesmos centros, interdependentes entre si, imprimem semelhantes reflexos nos órgãos e demais implementos de nossa constituição particular, plasmando em nós próprios os efeitos agradáveis ou desagradáveis de nossa influência e conduta. A mente elabora as criações que lhe fluem da vontade, apropriando-se dos elementos que a circundam, e o centro coronário incumbe-se automaticamente de fixar a natureza da responsabilidade que lhes diga respeito, marcando no próprio ser as conseqüências felizes ou infelizes de sua movimentação consciencial no campo do destino." ("**Evolução em Dois Mundos**". 13ª ed., FEB, 1993, cit., pp. 27 e 28: Cap. II).

Quanto aos demais centros de força, anota o Autor que o centro *cerebral* é contíguo ao centro *coronário* e que "ordena as percepções de variada espécie, percepções essas que, na vestimenta carnal, constituem a visão, a audição, o tato e a vasta rede de processos da inteligência que dizem respeito à Palavra, à Cultura, à Arte, ao Saber." "É no centro cerebral", salienta, "que possuímos o comando do núcleo endocrínico, referente aos poderes psíquicos". ("**Entre a Terra e o Céu**". 16ª ed., cit., pp. 127 e 128). Sua influência apresenta-se "decisiva sobre os demais, governando o córtice encefálico na sustentação dos sentidos, marcando a atividade das glândulas endocrínicas e administrando o sistema nervoso, em toda sua organização, coordenação, atividade e mecanismo, desde os neurônios sensitivos até as células efetoras". ("**Evolução em Dois Mundos**", ed. ref., p. 27).

Há uma íntima relação, uma perfeita sincronia de atividade entre os centros *coronário* e *cerebral*. Esclarece ANDRÉ LUIZ, pela mediunidade de Francisco Cândido XAVIER:

> *"Por intermédio do primeiro, a mente administra o seu veículo de exteriorização, utilizando-se, a rigor, do segundo que lhe recolhe os estímulos, transmitindo impulsos e avisos, ordens e sugestões mentais aos órgãos e tecidos, células e implementos do corpo por que se expressa."*
>
> *"E assim como o centro cerebral se representa no córtex encefálico por vários núcleos de comando, controlando sensações e impressões do mundo sensório, o centro coronário, através de todo um conjunto de núcleos do diencéfalo, possui no tálamo, para onde confluem todas as vias aferentes à cortiça cerebral, com exceção da via do olfato, que é a única via sensitiva de ligações corticais que não passa por ele,*[5]

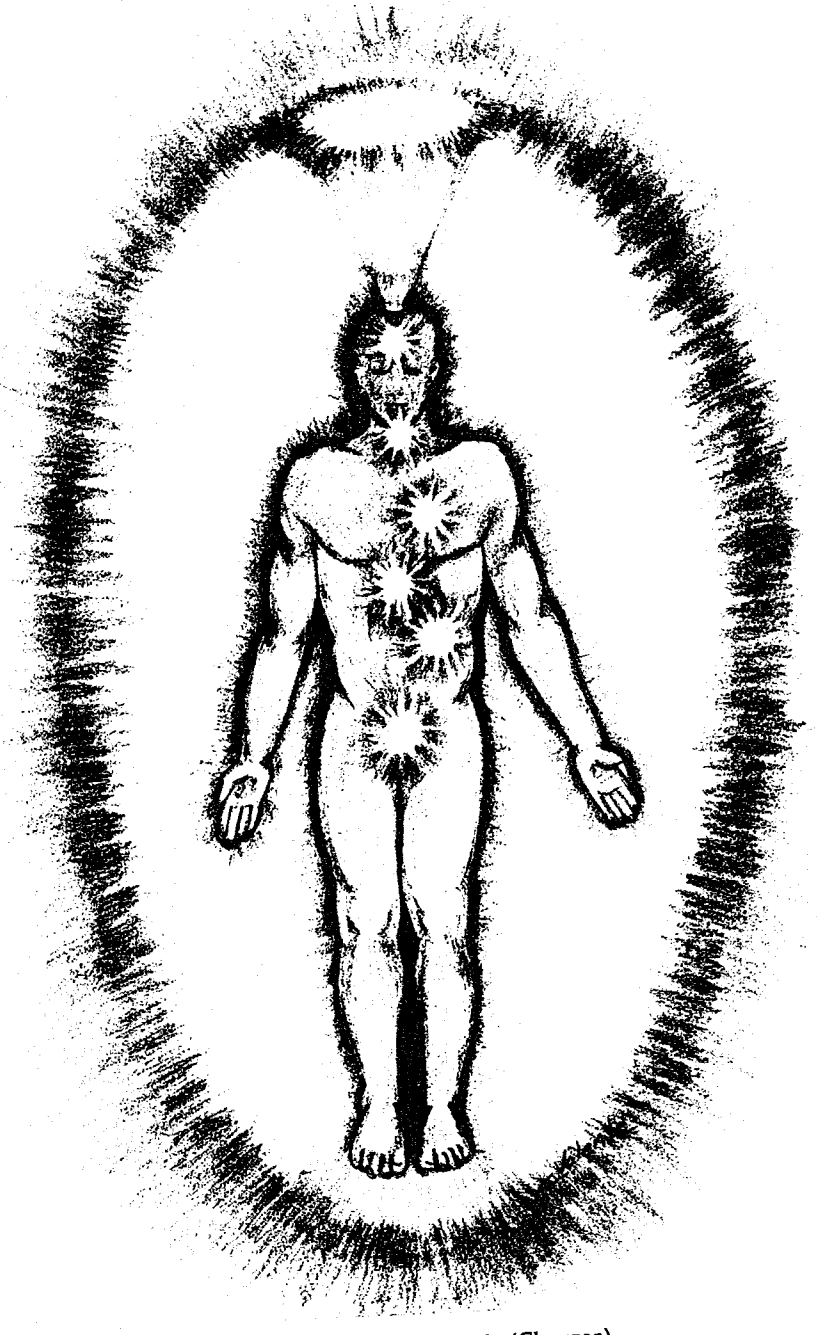
[5] Em nota de rodapé referente a esta passagem, entendeu o Autor espiritual dever esclarecer (p. 99, ed. cit.) que "a via olfatória não passa pelo tálamo, contudo, mantém conexões com alguns núcleos talâmicos através de fibras provenientes do corpo mamilar, situado no hipotálamo".

vasto sistema de governança do Espírito." (**Op. cit.**, pp. 98 e 99: Cap. XIII).

Referindo-se às outras sedes reguladoras da energia vital, assinala o Autor, seguindo a ordem de sua localização, que o centro *laríngeo* "preside aos fenômenos vocais, inclusive às atividades do timo, da tireóide, e das paratireóides"; o centro *cardíaco* "sustenta os serviços da emoção e do equilíbrio geral"; o centro *esplênico*, que, "no corpo denso, está sediado no baço", regula a "distribuição e a circulação adequada dos recursos vitais em todos os escaninhos do veículo de que nos servimos"; o centro *gástrico* "se responsabiliza pela penetração de alimentos e fluidos em nossa organização", e o centro *genésico* é a sede do "santuário do sexo, como modelador de formas e estímulos". ("**Entre a Terra e o Céu**". 16ª ed., FEB, cit., p. 128).

A respeito desses últimos vórtices, detalha, ainda, o consagrado Autor, em outras páginas, que o centro *esplênico* determina "todas as atividades em que se exprime o sistema hemático, dentro das variações de meio e volume sangüíneo", o centro *gástrico* responsabiliza-se "pela digestão e absorção dos alimentos densos ou menos densos que, de qualquer modo, representam concentrados fluídicos penetrando-nos a organização", e o centro *genésico* guia "a modelagem de novas formas entre os homens ou o estabelecimento de estímulos criadores, com vistas ao trabalho, à associação e à realização entre as almas". ("**Evolução em Dois Mundos**", ed. ref., p. 27).

Segundo alguns autores, o centro *coronário* situa-se na parte superior do cérebro (projetando-se no alto da cabeça); o centro *cerebral* é visto ao nível do lobo frontal, entre as sobrancelhas; o centro *laríngeo* localiza-se na região do pescoço; o centro *cardíaco* encontra-se na região do coração (precordial); o centro *gástrico* situa-se na região do abdômen superior (epigástrio); o centro *esplênico*, na região do baço, e o centro *genésico*, na região inferior do abdômen (hipogástrio).



Os Centros Vitais (Chacras)

Na verdade, o perispírito, como já anotado, é, integralmente, a matriz do corpo físico; a organização anátomo-fisiológica deste apenas reflete a realidade daquele. Cada célula do corpo denso corresponde a uma célula do corpo espiritual. Cada função orgânica corresponde a uma função perispirítica. E é sob o comando dos centros vitais do psicossoma que se processa a interação energética total entre ambas as estruturas.

Ressalta, a propósito, o Espírito ANDRÉ LUIZ, pela mediunidade de Francisco C. XAVIER:

> *"São os centros vitais fulcros energéticos que, sob a direção automática da alma, imprimem às células a especialização extrema, pela qual o homem possui no corpo denso, e detemos todos no corpo espiritual em recursos equivalentes, as células que produzem fosfato e carbonato de cálcio para a construção dos ossos, as que se distendem para a recobertura do intestino, as que desempenham complexas funções químicas no fígado, as que se transformam em filtros do sangue na intimidade dos rins e outras tantas que se ocupam do fabrico de substâncias indispensáveis à conservação e defesa da vida nas glândulas, nos tecidos e nos órgãos que nos constituem o cosmo vivo de manifestação."* ("**Evolução em Dois Mundos**". 13ª ed., FEB, cit., p. 28: Cap. II).

A importância capital desses centros de força (percebidos por alguns cientistas como "*centros morfogênicos*"), comandando a especialização celular, o impulso histogênico dirigido à formação dos diferentes órgãos, como visto, já é hoje reconhecida pela maioria dos investigadores que se ocupam do tema.

Observe-se, finalmente, que nas fases de *intermissão* (termo empregado por Guimarães ANDRADE para designar, em Espiritismo, o intervalo entre encarnações), os centros vitais nada perdem em importância, na sustentação do dinamismo perispirítico, embora apresentem algumas transformações importantes, principalmente, nos centros *gástrico* e *genésico*, como informa ANDRÉ

LUIZ, e ainda que, de outro lado, sob o influxo da mente, possam esses dois centros de força entrar em processo de debilitação, chegando, até, a quase apagar-se fisiologicamente.

* * *

V.

PROVAS DA EXISTÊNCIA DO PERISPÍRITO

A comprovação da existência do perispírito, que o Espiritismo oferece, constitui, inegavelmente, contribuição das mais valiosas para o conhecimento do homem, em sua integridade.

Segundo sugestão de Léon DENIS ("**O Problema do Ser, do Destino e da Dor**". 18ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 58, rodapé), podem as provas ser divididas em **objetivas** e **subjetivas**.

Nessa direção, pode-se admitir que se alinham entre as provas **objetivas**, as que se produzem nos processos de *materialização*; as resultantes, especificamente, do fenômeno de *desdobramento*; as fornecidas pela *fotografia transcendente*; as produzidas pela *transfoto*; as que são colhidas nos fenômenos de *exteriorização de sensibilidade*.

Entre as provas **subjetivas**, destacam-se: as *sensações de integridade*; as *percepções extracorpóreas*; as percepções facultadas pela *vidência* ordinária.

PROVAS DA EXISTÊNCIA DO PERISPÍRITO	OBJETIVAS	MATERIALIZAÇÃO DESDOBRAMENTO FOTOGRAFIA TRANSCENDENTE TRANSFOTO EXTERIORIZAÇÃO DA SENSIBILIDADE
	SUBJETIVAS	SENSAÇÃO DE INTEGRIDADE PERCEPÇÃO EXTRACORPÓREA VIDÊNCIA

MATERIALIZAÇÃO

Na multifária ocorrência ectoplásmica, os fenômenos que dizem com a chamada materialização de Espíritos atraem destaque particular. ("*Materializar*" – ensina EMMANUEL, por Francisco Cândido XAVIER – "*é adensar, reconverter valores fluídicos, tangibilizar o que é sutil e indefinível ainda ao quadro dos conhecimentos terrestres*" – V. **RANIERI, R. A.** "**Materializações Luminosas**". 5ª ed., São Paulo: FEESP, 1995, p. 247: Cap. VIII).

Nesse processo – tão delicado, quão complexo – pode surgir a formação do corpo inteiro do Espírito manifestante (*materialização total*) ou, apenas, de partes do corpo (*materialização parcial*).[1]

[1] Historicamente, pode-se dizer, com DENIS, que foi na Inglaterra que esse tipo de manifestação foi mais metodicamente analisado, produzindo os mais formais e importantes testemunhos. "Em 1869", anota o Autor, "a Sociedade Dialética de Londres, uma das mais autorizadas agremiações científicas, nomeou uma Comissão de trinta e três membros, sábios, literatos, prelados, magistrados, entre os quais Sir John Lubbock, da Royal Society, Henry Lewes, hábil fisiologista, Huxler, Wallace, Crookes, etc., para examinar e 'aniquilar para sempre' esses fenômenos espíritas, que, dizia a moção, 'são produto da imaginação'. Depois de dezoito

O elemento utilizado pelos Espíritos para esse tipo de produção fenomênica é, basicamente, o *ectoplasma* (do gr. ***ektós***, fora, exterior, + ***plásma***), termo divulgado por Charles Richet (1850-1935),[2] depois de ter observado, numa série de sessões com a célebre médium Eva Carriere (depois Waespé), conhecida como Eva C., acontecidas em 1903, na antiga Argel, que os fenômenos ocorriam graças a uma substância esbranquiçada que dela saía. Mais tarde, constatou-se, de vez, que essa substância viva, manipulada pelos Espíritos, é que torna realmente possível o surgimento das formações visíveis (luminosas ou não) – ou, até, só tangíveis –, conhecidas como *materializações*.

---

meses de experiências e de estudos, a Comissão, em seu relatório, reconheceu a realidade dos fenômenos e concluiu em favor do Espiritismo."

Na descrição dos fatos observados, acrescenta DENIS, o relatório não só demonstrou as pancadas e os movimentos da mesa, como também se referiu a "*aparições de mãos e de formas que, não pertencendo a nenhum ente humano, pareciam vivas por sua ação e mobilidade. Essas mãos eram algumas vezes tocadas e seguradas pelos assistentes, convencidos de que elas não eram o resultado de uma impostura ou de uma ilusão.*"

"Um dos trinta e três, A. Russel Wallace, colaborador de Darwin, e, depois da morte deste, o mais eminente representante do evolucionismo, prosseguiu suas investigações e consignou os seus resultados numa obra de grande êxito: "***Miracles and Modern Spiritualism***". Falando dos fenômenos, exprime-se nestes termos:

'Quando me entreguei a essas experiências, era fundamentalmente materialista. Não havia em minha mente concepção alguma de existência espiritual. Contudo, os fatos são obstinados; venceram e obrigaram-me a aceitá-los muito tempo antes que eu pudesse admitir a sua explicação espiritual. Esta veio sob a influência constante de fatos sucessivos que não podiam ser afastados nem explicados de nenhuma outra maneira." (**DENIS, Léon. "Depois da Morte"**. 18ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, pp. 161 e 162: Parte Terceira, Cap. XIX. Trad. João Lourenço de Souza).

[2] Antes de Richet, já se conjeturava, com base em comunicações obtidas por W. CROOKES, através do médium Dunglas Home, dadas a conhecer à Sociedade Dialética de Londres, que o fenômeno da materialização tinha como suporte o ectoplasma das células orgânicas.

Em Biologia, como se sabe, o vocábulo designa a parte da substância citoplásmica mais proximamente ligada à membrana plasmática, ou seja, a película externa do citoplasma.

Albert Schrenk NOTZING (1862-1929), famoso pesquisador alemão, que também acompanhou Eva C. e outros médiuns famosos, denominou-a, **teleplasma** ("*Materialisations phenomene*", 1914).

*

O ectoplasma, como opina Arthur Conan DOYLE, "é a mais protéica das substâncias e pode manifestar-se de muitas maneiras e com propriedades variáveis". ("**História do Espiritismo**". São Paulo: PENSAMENTO, 1995, p. 352: Cap. XVIII).

Com base nos experimentos, observações e informações de notáveis investigadores,[3] como W. J. CRAWFORD, Charles RICHET, Gustave GELEY, Albert Schrenk NOTZING, Juliette-Alexandre BISSON (Mme. Bisson), William CROOKES, Johann C. F. ZÖLLNER, Paul GIBIER, Ernesto BOZZANO, Gabriel DELANNE, Alexandre AKSAKOF, Albert COSTE, Violet TWEEDALE, Hernani G. ANDRADE, Carlos de Brito IMBASSAHY e outros, é possível, já, catalogar algumas características do ectoplasma.

Assim, tem-se observado que se trata de uma substância de natureza filamentosa ou fibrosa, que, quando visível, pode apresentar-se branca, preta ou cinzenta, embora a primeira seja a mais freqüente e, por vezes, apareçam as três cores simultaneamente.

---

[3] A respeito desse imenso esforço desenvolvido pelos cientistas, buscando conhecer o ectoplasma e os efeitos dele resultantes, lembra Antônio LIMA: "Para a consecução de tamanha obra de investigação e fiscalização científica, houve um singular movimento de interesse e sincero amor à verdade, levando muitos cultores da Física a construírem uma aparelhagem para os diversos casos, como o magnetoscópio, de Rutter; o pêndulo, de Briche; o biômetro, de Lucas; o galvanômetro, de Puyfontaine; o magnetômetro, de Fourlin e Baraduc; o cilindro, de Thoré; o estenômetro, de Joire; o aparelho elétrico, de Krall; o sensitivômetro, de Durville; o aparelho de Fayol e finalmente as moldagens em parafina devidas ao professor Denton. Também se criou a báscula para registrar a perda de peso do médium, d'Arsonval inventou o selenóide, Deprez, outro galvanômetro...". (**LIMA, Antônio. "Vida de JESUS"**. 4ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1982, p. 196).

A visibilidade é variável, podendo parecer luminosa e com intensidade que cresce ou diminui. Pode, também, ser invisível e, ainda, comparecer tangível ou não.

Geralmente, ao natural, é inodora, embora, às vezes, possa desprender um odor particular difícil de ser descrito. (Anota Conan DOYLE, que NOTZING, ao reduzir a cinzas uma porção de ectoplasma registrou o "cheiro de chifre queimado" – **op. cit.**, p. 349).

Por vezes, o ectoplasma é frio e úmido; em outras, viscoso e semilíquido, mas raramente seco e duro (quando forma cordas é duro, fibroso, nodoso). Dilata-se ou expande-se fácil e suavemente.

Ao tato pode-se senti-lo como uma teia de aranha.

Uma corrente de ar pode agitá-lo ou movê-lo. Move-se, às vezes, lentamente, numa espécie de movimento reptiliano, sobre o corpo do médium; outras vezes, o movimento é súbito e rápido.

É de extrema sensibilidade, podendo aparecer ou desaparecer com a rapidez de um relâmpago.

Obediente à ação mental, é sensível ao toque físico[4] e, particularmente, à luz. Por isso, por ser extremamente fotossensível, a eficácia do processo ectoplásmico, nas sessões de materialização, geralmente, imprescinde da obscuridade.

De fato, as evidências são no sentido de que a luz, como lembra DENIS, exerce "*grande poder de desagregação*" sobre as

[4] Segundo observações de M. TUBINO, os efeitos do toque são perfeitamente detectáveis. "Quando se toca o ectoplasma de algumas pessoas, a uma certa distância do corpo, isto é, a alguns centímetros", anota o Autor, "elas sentem este toque, com sensações diversas, que dependem de cada indivíduo. Em função de como é feito, este toque pode causar ânsia de vômito, tosse e até algumas sensações mais desagradáveis." (**TUBINO, Matthieu. "Um 'Fluido Vital' Chamado Ectoplasma"**. Niterói, RJ: LACHÂTRE, 1997, p. 55).

formações ectoplásmicas. Camille FLAMMARION, a propósito, estabelece a seguinte comparação:

> "*Aqui está, num frasco e em volume igual, uma mistura de hidrogênio e cloro. Se quereis que a mistura se conserve, é preciso – seja ou não de vosso agrado – que o frasco permaneça na obscuridade. Tal é a lei. Enquanto ali ficar, ela se conservará. Se, entretanto, movido por uma fantasia pueril expuserdes essa mistura à ação da luz, uma violenta explosão se fará subitamente ouvir; o hidrogênio e o cloro terão desaparecido e encontrareis no frasco nova substância: o ácido clorídrico. E, com acerto, concluireis: a obscuridade respeita os dois elementos; a luz os aniquila.*" ("*Revue Spirite*", 1906. – V. **DENIS, Léon. "No Invisível"**. 15ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 286. Trad. Leopoldo Cirne).

Guimarães ANDRADE, ao tratar do tema, sugere que a desagregação do ectoplasma estaria associada ao chamado *efeito fotoelétrico*. Observa o renomado cientista brasileiro:

> "*Raramente, o ectoplasma resiste à ação desagregadora dos fótons. Seria, talvez, o resultado do* ***efeito fotoelétrico.*** *O infravermelho, possuindo fótons de pequena energia, não exerce ação importante sobre aquela substância. Daí ser possível formarem-se aglomerações ectoplásmicas, na ausência da luz visível. Tal fato impede sejam observadas facilmente as ectoplasmias de pequena intensidade. Uma vez bem consolidado e na fase final de uma corporificação, o ectoplasma transforma-se em tecidos ou objetos resistentes às radiações luminosas. Da mesma forma, uma vez colhido em recipiente próprio, ele poderá, perdendo sua* ***carga biônica,*** *conservar-se sob o aspecto de u'a mistura de substâncias diversas, sacadas do organismo mediúnico e até mesmo de certos objetos.*" (**ANDRADE, Hernani Guimarães. "Novos Rumos à Experimentação Espírítica"**. São Paulo: edição do Autor, 1960, p. 98: Cap. III).

Importante anotar que, em função do interesse científico, como mostra a história do Espiritismo, os Espíritos que comandam o processo conseguem, quando necessário, sanar a ausência momentânea da obscuridade, sendo certo que, nesse caso, cautelas especiais são tomadas para que o médium, em especial, não seja afetado. (A luminosidade incontrolada – e, também, a emoção súbita – pode provocar, além da desagregação, a repentina retração de parte do ectoplasma, chocando o médium e causando-lhe, por vezes, danos sérios e imprevisíveis).[5]

O ectoplasma emana através de todos os poros do médium, especialmente da boca, das narinas, dos ouvidos, do tórax e das extremidades (alto da cabeça, seios, pontas dos dedos), sendo reabsorvido ou dispersado ao final do processo. Habitualmente, as primeiras emanações acontecem pela boca, sendo possível verificar que se forma a partir da superfície interna das bochechas, das gengivas e da abóbada palatina. Durante a produção do fenômeno, o recinto onde permanece o médium sói ficar na obscuridade; fora, emprega-se, geralmente, a luz vermelha. Assume as mais diversas formas, mostrando sua irresistível tendência à reorganização.

Em certos casos, quando adensado, pode ocupar um determinado volume no espaço.

Há, ainda, evidências de que possa estar sujeito à ação da gravidade. (W. J. CRAWFORD, 1890-1930, Professor de Engenharia Mecânica na Queen's University, Belfast, Irlanda, em suas célebres pesquisas ligadas à ectoplasmia, verificou experimentalmente, com o uso de balança, a ação da gravidade sobre o ecto-

[5] São diversos os casos conhecidos em que os médiuns, nas sessões de materialização, são tão atingidos pelos efeitos da luz branca repentina, que chegam até a necessitar de hospitalização. (V. **GIBIER, Paul. BOZZANO, Ernesto. "Materialização de Espíritos"**. 4ª ed., Rio de Janeiro: ECO, p. 91, n. 15. Trad. Francisco Klors Werneck).

plasma. – V. **CRAWFORD, W. J.** "**Mecânica Psíquica**". São Paulo: LAKE, 1963. Trad. Haydée de Magalhães; **DOYLE, A. C.** "**História do Espiritismo**". Ed. PENSAMENTO, 1995, cit., pp. 352 e segs.).

Em condições específicas de adensamento, apresentar-se-ia como elemento condutor do magnetismo e da própria eletricidade.

Finalmente, o ectoplasma não só penetra (ou atravessa) qualquer tipo de matéria, como com ela interage, tanto física, como quimicamente (nível atômico). Daí, por exemplo, o seu emprego na produção de efeitos físicos ou a sua aplicação em trabalhos de cura. E essa ação pode, também, ocorrer a distância: presentes as necessárias condições, o ectoplasma de um doador pode perfeitamente servir a um paciente que esteja em outro lugar.

*

Alguns investigadores (Schrenck Notzing, James Black, Mme. Bisson, Lebiedzinski) chegaram a pesquisar, por meio de análises químicas e histológicas, a constituição do ectoplasma, tendo sido detectada entre seus elementos constituintes, a presença de cloreto de sódio e de fosfato de cálcio. Resultados outros revelaram a presença de células epiteliais e leucócitos, além de matéria gordurosa. (Blake teria chegado, até, segundo o Prof. ANDRADE, a uma fórmula quantitativa, que, pelo menos, indicaria tratar-se, o ectoplasma animal, de uma substância de natureza protéica: $C_{120}H_{1184}AZ_{218}S_5O_{249}$).[6]

Assinala, a propósito, Carlos de Brito IMBASSAHY que, ao descobrirem na célula viva, uma formação em torno do protoplasma (que denominaram ectoplasma), os biólogos chegaram a verificar "que não tinha a consistência material", nele encontran-

[6] (Cf. **ANDRADE, Hernani Guimarães.** "**A Teoria Corpuscular do Espírito**". São Paulo: edição do Autor, 1959, p. 195: Cap. IX).

do, todavia, elementos como oxigênio, nitrogênio, carbono, potássio, além de vestígios de cloro e sódio, comparecendo muito difícil seu estudo, porque, não se identificando, propriamente, com o protoplasma celular, mostrava "característica estranha e desconhecida". Acrescenta o Prof. IMBASSAHY que, "posteriormente, uma das aparições a Crookes informou, segundo depoimento de Varley à Sociedade Dialética de Londres, que os espíritos usavam como energia, para realizar os (...) fenômenos de materialização, as radiações retiradas do ectoplasma, principalmente vegetal, trabalhado através do organismo de um médium..." (**IMBASSAHY, Carlos de Brito**. "A Outra Face da Ciência Espírita". "**O Clarim**". Matão, SP, julho, 1998, p. 8).

Diante de tal informação e das referências de outros Espíritos, relacionando o ectoplasma empregado no processo de materialização e na produção de efeitos físicos, com o protoplasma, surge, até, provável que a natureza daquele possa, de certa forma, mostrar linhas de coincidência com a do ectoplasma conhecido e investigado em Biologia.

O tema, certamente, apresenta-se complexo, desafia os pesquisadores e provoca o surgimento de teses, as mais respeitáveis.[7] Assim, por exemplo, Jorge ANDRÉA, médico e autor dos mais

[7] A complexidade da questão favorece o surgimento de posições que, também, contrariam a opinião dos mais abalisados investigadores. O Professor IMBASSAHY, por exemplo, afirma que o ectoplasma não é, propriamente, o material que se desprende do médium no processo de materialização (gosma ou esputo), mas uma "névoa aparente" que enche o ambiente à medida que vai se desprendendo daquele, precipitando-se, depois, sobre o "fulcro emergente", dando-lhe "a forma dita materializada."

Segundo o pesquisador, essa "névoa aparente" é visível, sua temperatura está sempre abaixo da do ambiente, "não se comporta como fluido, não sofre influência do toque e do vento, nem de qualquer outro recurso material capaz de remover substâncias gasosas."

Sustenta, finalmente, que "ninguém conseguiu isolar qualquer quantidade de ectoplasma formado durante os fenômenos de materialização de Espíritos, porque não se tem qualquer dispositivo capaz de recolhê-lo", porém, sem dúvi-

conceituados, já enfatiza o papel do ATP entre os elementos que constituiriam o ectoplasma:

> *"O ectoplasma seria substância originária do protoplasma das usinas celulares, onde o ATP (trifosfato de adenosina) teria expressiva participação, ao lado de outros elementos. Dessa forma, não podemos deixar de considerar a importância do fósforo nas atividades bioquímicas orgânicas e, conseqüentemente, no desenvolvimento do processo ectoplásmico em suas específicas dosagens."*
>
> *"No núcleo celular existiriam fontes específicas de energia, ligadas ao ADN e ARN (ácidos desoxirribonucleico e ribonucleico), a comandarem os processos metabólicos mais expressivos no soalho protoplasmático. O elemento participante ativo desse processo de formação de energias no corpo celular seria o ATP (trifosfato de adenosina), resultante do ciclo bioquímico específico de Krebs. O ATP (...), sendo a primordial fonte de energia nos processos celulares, estaria comprometido na formação do ectoplasma."* (**ANDRÉA, Jorge. "Dinâmica Psi"**. 2ª ed., Petrópolis, RJ: LORENZ, 1990, pp. 198 e 199).

*

Ditando a Francisco C. XAVIER, esclarece ANDRÉ LUIZ que o ectoplasma é uma "força nervosa" e que "todos os homens a

---

da, será "a porta para a Ciência, pela qual irão se adentrar os estudos acerca das verdades espíritas." (**IMBASSAHY, Carlos de Brito**. "Ectoplasmia Será a Porta para a Ciência". "**Jornal Espírita**". São Paulo, jan., 1999, p. 5).

Trata-se, sem dúvida, de posição respeitável, todavia, em processo tão complexo como a ectoplasmia, dependente de tantas variáveis – a partir, já, das características psicobiológicas do médium e do tipo de fenômeno em pauta –, impõe-se não perder de vista o valor do que até aqui tem sido construído a respeito, mercê do esforço lúcido de pesquisadores de vários tempos e países – operando, pois, em circunstâncias as mais diversas –, cujas conclusões apresentam-se, na maioria das vezes, ostensivamente convergentes.

possuem com maior ou menor intensidade". ("**Missionários da Luz**". 25ª ed., FEB, cit., p. 121). "Independe do caráter e das qualidades morais daqueles que a possuem, constituindo emanações do mundo psicofísico, das quais o citoplasma é uma das fontes de origem." ("**Nos Domínios da Mediunidade**". 22ª ed., FEB, cit., p. 264). E, em síntese magistral, leciona:

> "*O ectoplasma está situado entre a matéria densa e a matéria perispirítica, assim como um produto de emanações da alma pelo filtro do corpo, e é recurso peculiar não somente ao homem, mas a todas as formas da Natureza. Em certas organizações fisiológicas especiais da raça humana, comparece em maiores proporções e em relativa madureza para a manifestação necessária aos efeitos físicos.* (...) *É um elemento amorfo, mas de grande potência e vitalidade. Pode ser comparado a genuína massa protoplásmica, sendo extremamente sensível, animado de princípios criativos que funcionam como condutores de eletricidade e magnetismo, mas que se subordinam, invariavelmente, ao pensamento e à vontade do médium que os exterioriza ou dos Espíritos desencarnados ou não que sintonizam com a mente mediúnica, senhoreando-lhe o modo de ser. Infinitamente plástico, dá forma parcial ou total às entidades que se fazem visíveis aos olhos dos companheiros terrestres ou diante da objetiva fotográfica, dá consistência aos fios, bastonetes e outros tipos de formações visíveis ou invisíveis nos fenômenos de levitação, e substancializa as imagens criadas pela imaginação do médium ou dos companheiros que o assistem, mentalmente afinados com ele. Exige-nos, pois, muito cuidado para não sofrer o domínio de Inteligências sombrias, de vez que manejado por entidades ainda cativas de paixões deprimentes poderia gerar clamorosas perturbações.*" (**XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Nos Domínios da Mediunidade"**. 22ª ed., FEB, 1994, cit., 271 e 272: Cap. 28).

*

Dado importante a considerar é que o ectoplasma, mormente o empregado em trabalhos de materialização, apresenta um componente não físico; quiçá, o mais importante.

A propósito, informa ANDRÉ LUIZ que, numa sessão de materialização, pode apresentar-se como uma associação de: (**a**) fluidos oriundos dos planos espirituais superiores;[8] (**b**) fluidos do médium; (**c**) fluidos dos assistentes; (**d**) fluidos provenientes dos recursos energéticos da própria Natureza. (O Autor designa os primeiros como fluidos A; os produzidos pelos encarnados, como fluidos B; e os tomados à Natureza, como fluidos C. – "**Nos Domínios da Mediunidade**", ed. cit., p. 265: Cap. 28).

Tal informação, pela credibilidade de que se reveste, aponta em si, a necessidade que temos de um vasto projeto de pesquisa interdisciplinar, que possa revelar mais abrangentemente, não só a natureza do ectoplasma, como a sua implicação no próprio processo da Vida, tão delicado e complexo.

Nessa direção, aliás, já despontam, atualmente, promissores, os esforços de renomados pesquisadores espíritas, entre eles, H. Guimarães ANDRADE, que, com base nas indicações dos Espíritos, cogita ser possível catalogar, em nível material, os seguintes "tipos" de ectoplasma: o *ectomineroplasma*, extraído dos corpos minerais inorgânicos; o *ectofitoplasma*, extraído dos ve-

---

[8] É possível que no Plano Espiritual, em trabalhos que corresponderiam, entre os encarnados, aos de ectoplasmia, seja empregado um tipo de energia (ou substância), cujos efeitos se assemelhariam aos que se obtém com o ectoplasma.

Significativa, a esse respeito, é a indicação de ANDRÉ LUIZ de que os Espíritos Superiores, muitas vezes, usam desse recurso a fim de poderem ser convenientemente vistos e ouvidos pelas almas menos elevadas. (V. **XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Libertação"**. 17ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1995, pp. 257 e 260: Cap. XX).

De outro lado, segundo se sabe, casos há em que o próprio ectoplasma, tal como é conhecido, é empregado em benefício dos desencarnados que se encontram em condições dolorosas. (V. **XAVIER, Francisco Cândido. IRMÃO JACOB, Espírito. "Voltei"**. 16ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 21: Cap. 1).

getais; e o *ectozooplasma*, produzido pelos animais. (**ANDRADE, Hernani Guimarães**. "**Espírito, Perispírito e Alma**". 10ª ed., PENSAMENTO, 1995, cit., p. 174: Cap. VIII).

Inegavelmente, tal tentativa de classificação comparece como das mais respeitáveis e o futuro disporá a respeito, sabendo-se, todavia, que, por ora, o que se tem é que esses recursos – minerais, vegetais, animais (até os humanos) –, associados aos espirituais, são componentes de um composto denominado *ectoplasma*.

A importância do ectoplasma para a demonstração do perispírito, por meio da materialização, é fundamental e significa a chave de uma ampla reformulação de conceitos filosóficos, científicos e religiosos que já começa a acontecer. (Refletindo a respeito, anota Humberto MARIOTTI que "*la substancia ectoplásmica indica que existe en el Ser una naturaleza superior a la material. Es ella esencia de la vida universal y es además el engranaje que hace mover a la máquina del universo. Sobre la base del crecimiento de esa sustancia ectoplásmica todo está en continuo devenir. Esto nos señala que el fenómeno ectoplásmico responde en sus comienzos a una implosión biológica; pero este fenómeno se transfigura, ontológica y espiritualmente, demonstrando que el Ser puede elevarse a planos metafísicos y religiosos superiores*". (*"El Ser y la Persona Espiritual en el Fenómeno Ectoplásmico"*. "**Reformador**". Rio de Janeiro: FEB, nº 1.809, dez., 1979, pp. 29 e 30).

* *

Sem ectoplasma não há materialização, mas esta só acontece em função da realidade perispirítica.

Em se tratando de materialização de partes do corpo humano ou de quaisquer objetos, pode acontecer que resultem de formas-pensamentos dos Espíritos diretores, que, com suporte no ectoplasma, adquirem consistência física. Tais formas-pensamentos, quando emitidas por mentes invigilantes ou menos esclare-

cidas, podem trazer prejuízos inesperados. Ensina a respeito, EMMANUEL, por intermédio de Francisco C. XAVIER:

> "*Enquanto Emissários da sublimação se fazem sentir no propósito de socorrer-nos caridosamente, formas-pensamentos de natureza menos digna podem adquirir consistência física, depois de nascerem às vezes no próprio cérebro mediúnico menos evangelizado ou na vida íntima dos assistentes, alterando o programa de ação que deveria ser mantido no mais elevado nível moral.*"

> "*Quando esses choques aparecem, violentos e imponderáveis, as linhas magnéticas da reunião oferecem acesso a irmãos nossos de consciência turvada, que penetram o recinto da prece à maneira de animais, violando os altares de um templo.*"

Daí, a propósito, a sugestão respeitável do venerando mestre espiritual:

> "*Por isso, se a nossa experiência pode cooperar convosco, sugerimos sejam quaisquer serviços de materialização movimentados na direção da saúde humana. Por enquanto, só o esforço assistencial aos doentes justifica o desdobramento intensivo das nossas atividades nesse setor, considerando que a sementeira das convenções sadias pode ter lugar, ao lado do pronto socorro e da enfermagem, sem campo aberto às indagações sem proveito...*" (CF. **RANIERI, R. A.** "**Materializações Luminosas**". Ed. FEESP, cit., pp. 248 e 249: Cap. VIII).

A esse respeito, impõe-se assinalar que – ao menos, no Brasil – um dos principais fatores responsáveis pela penetração do Espiritismo, em todas as classes sociais, tem sido a cura. E, na maioria das vezes – saliente-se –, fora das sessões de materialização. Colhendo o ectoplasma em suas diversas fontes, os Espíritos o manipulam, empregando-o em cirurgias que acontecem, até, em recinto aberto e iluminado, no meio da multidão. (Pela peculia-

ridade desse tipo de trabalho – o ectoplasma nem chega a adensar-se – a luminosidade parece pouco influir).

O certo é que, seguidamente, sem qualquer manifestação ostensiva, silenciosamente, independentemente de lugar ou circunstância, de dia ou de noite, operam os Espíritos, dinamizando os recursos ectoplásmicos disponíveis em benefício da humanidade necessitada, lenindo dores e construindo consolações.

*

Nos processos de corporificação efetiva dos Espíritos comunicantes, as materializações[9] modelam-se de acordo com a configuração de seus respectivos perispíritos. (Não é comum, aliás, que nas sessões de ectoplasmia aconteça apenas a materialização de Espíritos. Seguidamente, pela aglutinação do ectoplasma, como já anotado, surgem as mais diversas formações, luminosas ou não (semi-opacas), tangíveis, muitas vezes, deixando, até, impressões e servindo às mais incríveis moldagens em parafina, como se vê em inúmeras amostras – principalmente, de pés e mãos – moldadas espiritualmente e expostas nos museus especializados de todo o mundo).

---

[9] Há quem considere o termo "**materialização**", tal como é comumente empregado, portador, na verdade, de uma impropriedade semântica.

Nesse sentido, por exemplo, a posição do Prof. Hernani Guimarães ANDRADE:

"O vocábulo 'materialização' pode sugerir a idéia de transformação da *substância espiritual* em *substância material*. Algumas pessoas chegam a admitir tal possibilidade. Isso não nos parece certo. Na 'ectoplasmia' não ocorre, ao que se nos afigura, nem 'materialização' nem 'desmaterialização'. O fenômeno em jogo tem as características da organização morfológica (modelação) de uma determinada substância material (o ectoplasma). O espírito não chega a materializar-se, pois ele já é uma forma de matéria, matéria quintessenciada, como ensinaram os espíritos a Allan Kardec (ou como explica claramente André Luiz). O que ocorre é uma ação modeladora do espírito sobre a matéria ectoplásmica." (**ANDRADE, Hernani G.** "O Que Ocorre nas Sessões Espíritas? Materializações? Ectoplasmia?". **"Revista Internacional de Espiritismo"**. Matão, SP, jan., 1972, p. 364).

Obviamente, essa ação acontece graças ao perispírito.

E se trata de fenômeno rigorosa e definitivamente comprovado, por meio de trabalhos realizados por cientistas e pesquisadores do mais alto gabarito intelectual e moral. (Só William Crookes – notável físico e químico inglês, descobridor do tálio, inventor do radiômetro, dos tubos de Crookes, etc., Presidente da Sociedade Real, da Sociedade Química de Londres, do Instituto dos Engenheiros Elétricos, da Sociedade para Pesquisa Psíquica e outras instituições, além de fundador do "*Chemical News*" e editor do "*Quarterly Journal*" – reuniu, por exemplo, entre centenas de outras provas, quarenta e três fotografias das materializações de Katie King, ocorridas durante três anos sucessivos, na presença da médium Florence Cook e outras pessoas, tiradas em plena luz...).

Demais, impõe-se ter presente que o fenômeno da materialização encontra registro em todas as páginas da História. Existiu em todos os tempos e lugares, ainda que, muitas vezes, sacralizada pelas religiões, que nela viam (e algumas ainda vêem) a ocorrência de um milagre, quando, na verdade, não passa de um fenômeno natural hoje, graças ao Espiritismo, plenamente explicável.

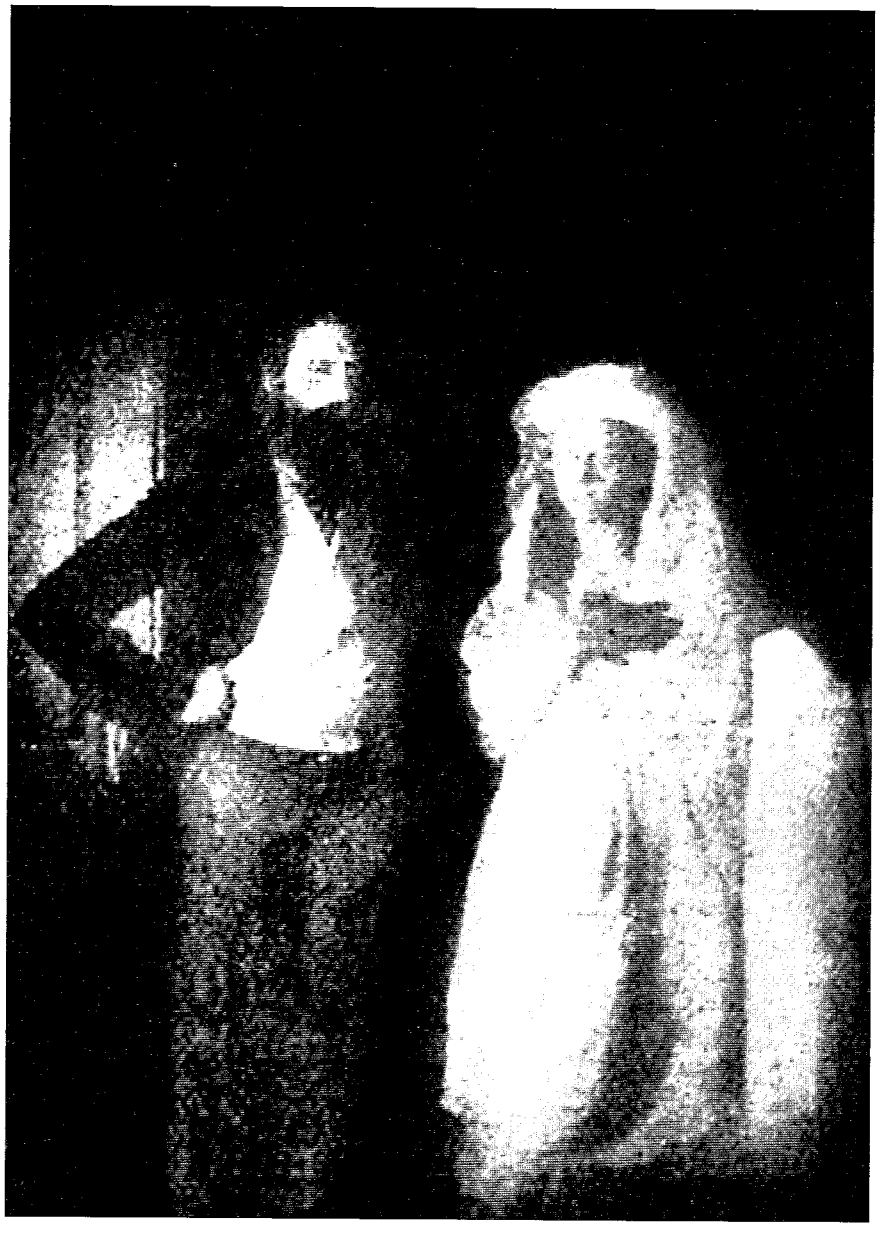
*

A materialização pode ser *mediúnica*, propriamente, ou *anímica* (extramediúnica).

Na materialização *mediúnica*, apoiados nos recursos ectoplásmicos oriundos do médium, dos assistentes, dos planos superiores e da Natureza, corporificam-se os Espíritos[10] encarregados de transmitir a lição da sobrevivência e de propiciar, também, se for o caso, o benefício da cura.

Trata-se de um processo sumamente complexo e que demanda, além da competência, participação abnegada dos Espíritos operadores. (Em lição magistral de ANDRÉ LUIZ, transmitida

[10] Sabe-se que Espíritos encarnados também se materializam.



Ectoplasmia
Fotografia de William Crookes e do Espírito Katie King, sob a luz de magnésio.
(Em "***Les Apparitions Matérialisées des Vivants & des Morts***",
Gabriel Delanne, Paris: LEYMARIE, 1911, Tomo II).

por Francisco C. XAVIER – "**Missionários da Luz**". 25ª ed., FEB, cit., Cap. 10 –, toma-se conhecimento de ações e cuidados espirituais inimagináveis, até, para que os trabalhos alcancem bom êxito: desde os momentos de preparação do ambiente, com a "ionização da atmosfera, combinando recursos para efeitos elétricos e magnéticos", e a ozonização, "necessária como trabalho bactericida", até a meticulosa preparação do sistema nervoso do médium, para a liberação do ectoplasma e a delicada corporificação do Espírito designado para a tarefa).

Na materialização *anímica* (do lat. ***anima***, alma) ou *extra-mediúnica*, ocorrência também estudada por AKSAKOF, CROOKES e outros renomados investigadores, é o próprio Espírito do médium que se corporifica, total ou parcialmente, ou produz – muitas vezes, involuntariamente –[11] os efeitos ectoplásmicos que, afinal, resultam das próprias formas-pensamentos que constrói. (Assinala KARDEC: "A alma do médium pode comunicar-se, como a de qualquer outro." E ainda: "é fora de dúvida que o Espírito do médium pode agir por si mesmo. Isso, porém, não é razão para que outros não atuem igualmente, por seu intermédio".) – ("**O Livro dos Médiuns**". 61ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1995, pp. 268 e 269: Cap. XIX, 2ª Parte).

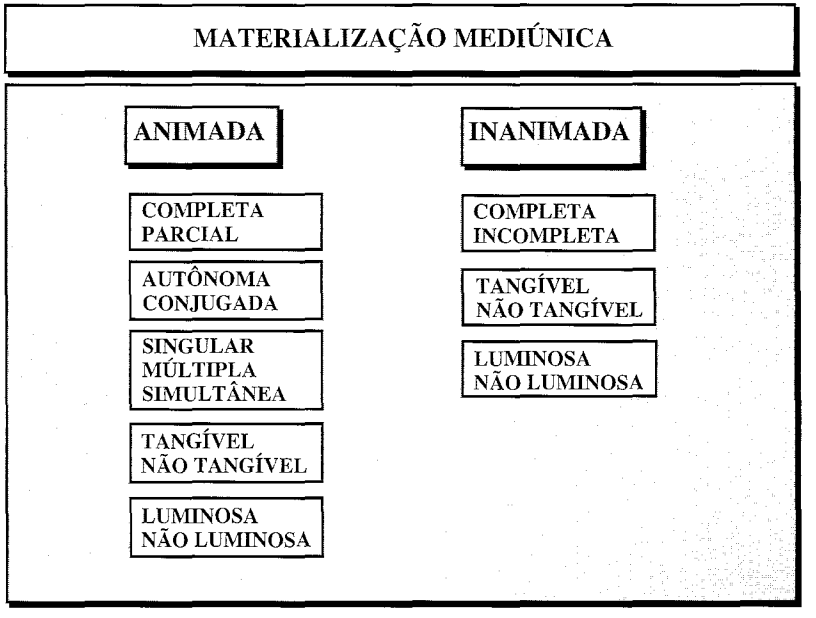
*

Tipos diversos de *materialização mediúnica* podem ser catalogados. Assim, pode apresentar-se como materialização *ani-*

[11] AKSAKOF viu, ao lado dos fenômenos classificados como *anímicos*, um tipo de ocorrência que chamou de *personismo* e que se produziria *nos limites* da esfera corpórea do médium... (V. **AKSAKOF, Alexandre**. "**Animismo e Espiritismo**". 5ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1991, Vol. I, p. 23). Na esteira do famoso cientista russo, PALHANO Jr. (1946-2000) sugere a existência, ao lado dos fenômenos anímicos e mediúnicos, os *personímicos*, produzidos "pela simples presença de um indivíduo dotado de força psíquica mensurável, estando ele consciente ou inconsciente das ocorrências." (**PALHANO Jr., L. "Dimensões da Mediunidade**". Rio de Janeiro: CELD, 1998, p. 26).

mada (ou *viva*) e *inanimada*; *completa* (ou *total*) e *parcial* (ou *incompleta*); *autônoma* (*singular* e *múltipla*) e *conjugada*; *tangível* e *intangível*; *luminosa* e *não luminosa*.

A materialização mediúnica *animada* diz com a corporificação dos próprios Espíritos, expressando-se de diversos modos, até mesmo, oralmente.[12]



A *inanimada* refere-se ao surgimento de objetos (até mesmo flores ectoplásmicas, sem vida), produto da mentalização dos Espíritos manipuladores do ectoplasma.

A materialização *completa* é aquela em que os manifestantes espirituais ou as coisas corporificadas surgem com suas formas inteiras.

[12] A literatura espírita aponta casos, também, de materialização de animais; particularmente de cães.

Na *parcial* ou *incompleta*, a formação ectoplásmica não corresponde à forma inteira do Espírito ou objeto, que se apresenta ou é apresentado.

Na materialização *animada*, a corporificação *completa* ou *parcial* de um ou mais Espíritos, pode acontecer de maneira *autônoma* ou *conjugada*. No primeiro caso, os Espíritos apropriam-se do ectoplasma e o manipulam diretamente. No segundo, os Espíritos trabalham o ectoplasma, usando o perispírito do médium como suporte.

As materializações *autônomas*, já por se apresentarem mais independentes, surgem, muitas vezes, mais perfeitas.

Nesse tipo de fenômeno, comumente acontece a corporificação de um só Espírito, ou de um Espírito por vez. É o que se pode chamar de materialização *singular*.

Eventos rigorosamente investigados e anotados, todavia, mostram que também soem acontecer, ainda que não freqüentemente, as materializações *múltiplas* e *simultâneas*.

A literatura espírita documenta inúmeros casos referentes a esse tipo singular de materialização, estudados por pesquisadores de incontestável idoneidade científica e moral. Entre os registros clássicos, por exemplo, atrai citação uma extraordinária ocorrência anotada por AKSAKOF, que envolve o Dr. Monck, famoso médium de seu tempo:

> *"Como médium tínhamos o Dr. Monck; depois de o termos examinado, a seu próprio pedido, ele foi posto em um gabinete improvisado pela colocação de uma cortina através do vão de uma janela; a sala ficou iluminada a gás durante todo o tempo da sessão. Aproximamos uma mesa redonda da própria cortina e ali tomamos lugar, em número de sete."*

"Logo depois duas figuras de mulher, que conhecíamos com os nomes de 'Bertie' e 'Lili', apareceram no lugar em que as duas partes da cortina se tocavam, e, quando o Dr. Monck introduziu a cabeça através da abertura, essas duas figuras apareceram acima da cortina, enquanto que duas figuras de homem ('Mike' e 'Richard') a separavam dos dois lados e se faziam igualmente ver. Por conseguinte, divisávamos ***simultaneamente o médium e quatro figuras materializadas****, cada uma das quais tinha seus traços particulares que a distinguiam das outras figuras, como se dá entre pessoas vivas."*

"É escusado dizer que todas as medidas de precaução tinham sido tomadas para prevenir qualquer embuste e que nos teríamos apercebido da menor tentativa de fraude." (**AKSAKOF, Alexandre. "Animismo e Espiritismo"**. 5ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1991, cit., Vol. I, pp. 181 e 182: Cap. I).

Um outro caso bem conhecido, transcrito por Alfred ERNY, é o ocorrido na casa do pintor francês, James Tissot, quando residia na Inglaterra, com o famoso médium inglês, William Eglinton,[13] e relatado pelo biógrafo deste, J. Former:

"A sessão realizou-se na casa do pintor J. Tissot, e, além dele e do médium, só estavam presentes duas senhoras e um cavalheiro. O Sr. Eglinton sentou-se numa cadeira perto do Sr. Tissot e nela se conservou durante todo o tempo. As

[13] Em nome da Ciência, os pesquisadores – não se importando, mesmo, com o sacrifício dos médiuns – tomavam providências cautelares que chegavam, até, ao absurdo. Referindo-se, por exemplo, a experiências outras, realizadas com Eglinton, informa ERNY: "O médium fora encerrado numa espécie de gaiola, cercado por um fio, e a porta dessa gaiola foi fechada e por nós selada. Por cúmulo da precaução, espalhou-se farinha em torno da gaiola. Era, pois, humanamente impossível sair dessa gaiola sem ser descoberto; ora, em tais casos, quando um prisioneiro foge está salvo; mas, quando o mesmo acontece a um médium, ele está perdido. Apesar deste luxo de precauções, as materializações se realizaram." (**ERNY, Alfred. "O Psiquismo Experimental"**. 3ª ed., cit., p. 140).

portas foram fechadas à chave. Alguns instantes depois, duas formas apareceram lado a lado, à esquerda do Sr. Tissot. A princípio indistintas, pouco a pouco se tornaram visíveis a ponto de se poderem distinguir todos os seus traços. A forma masculina trazia na mão uma espécie de luz muito viva com a qual iluminou o rosto da forma feminina. O Sr. Tissot reconheceu imediatamente a última e, muito comovido, pediu-lhe que o beijasse, o que a forma fez repetidas vezes; viu-se-lhe o movimento dos lábios; depois desapareceu."

"O que tornou o fenômeno ainda mais impressionante foi o fato de aparecer o corpo psíquico de Eglinton através das outras duas formas. Houve, pois, uma tríplice materialização." ("**O Psiquismo Experimental**". 3ª ed., FEB, 1982, cit., p. 143: Cap. V).

A respeito desse fato – de tanta repercussão, na época – anota DELANNE, depois de informar que "Eglinton serviu muitas vezes de médium para a materialização de aparições coletivas", que o pintor Tissot "viu simultaneamente, tão bem e por tão longo tempo, que pode com elas fazer belíssimo quadro, duas formas, feminina uma, a outra masculina, a primeira das quais ele reconheceu perfeitamente, e, também, o desdobramento de Eglinton, cujo corpo físico repousava numa poltrona, a seu lado." (**DELANNE, Gabriel. "A Alma É Imortal"**. 6ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1990, p. 263: Cap. IV, 3ª Parte. Trad. Guillon Ribeiro).

No Brasil, comparecem particularmente notáveis as materializações acontecidas com os médiuns Francisco Lins Peixoto (Peixotinho) e Fábio Machado, também rigorosamente comprovados. O destacado Autor espírita, Américo Ranieri, por exemplo, testemunha que, com o primeiro, "*o Espírito Zé Grosso apareceu materializado conduzindo o Espírito de Heleninha em forma de criança, minha filha na Terra, pela mão*". Com o médium Fábio Machado, relata, entre os inúmeros fatos que presenciou:



Materialização (I)
Foto de um quadro pintado pelo célebre pintor James Tissot, representando dois Espíritos materializados, mostrando em suas mãos duas fontes de luz. (De *On Ne Meurt Pas*, L. Chevreuil. Paris: JOUVE & CIE, ÉDITEURS).

> *"Estava o Zé Grosso materializado quando ouvimos rumor e vozes na cabina. Zé Grosso caminhou em direção, pois estava no meio da sala. E estabeleceu um diálogo com o espírito que estava dentro da cabina. Ouvia-se perfeitamente a voz de um e a voz de outro. Ouvia-se o passo rápido do Palminha, Espírito que era quem estava na cabina e o rinchar forte das botinas do Zé Grosso. Trocavam palavras que se ouviam bem. As vozes eram absolutamente diferentes."* (**RANIERI, R. A. "Materializações Luminosas"**. 5ª ed., FEESP, 1995, cit., p. 142: Cap. XX, 2ª P.).

Se a materialização singular já comprova a existência do perispírito – e a sobrevivência do Espírito –, a materialização *múltipla* e *simultânea* representa a prova irrefutável e definitiva dessa realidade. Daí, a sua importância para o futuro científico, filosófico e religioso da Humanidade.

Na materialização *conjugada*, por apoiar-se o manifestante no perispírito do próprio médium, a aparência do Espírito materializado, parece, muitas vezes, apresentar semelhanças com a do médium. Esse tipo de manifestação surge em determinadas circunstâncias ou condições, sabendo-se, entretanto, que o mesmo médium pode servir aos dois tipos de materialização.[14]

---

[14] Esse tipo de fenômeno, que tanto atraiu a atenção dos investigadores, no passado, foi estudado, também, por William Crookes, em seus clássicos e notáveis experimentos com a médium Florence Cook e o Espírito Katie King.

Relata, a propósito, a pesquisadora Florence MARRYAT ("**A Morte Não Existe**"), que acompanhava o cientista em algumas de suas investigações: "Miss Cook é uma mocinha morena, de olhos e cabelos negros. Às vezes, Katie parecia-se muitíssimo com ela, mas em outras sessões a dissemelhança era palpável.

Em uma fotografia que ainda possuo, Katie *parece o duplo de miss Cook, e entretanto esta também olhava quando se tirou a fotografia."* (...) "Vi muitas vezes *miss Cook e Katie, uma ao lado da outra. Não tenho, pois, dúvida de que eram duas criaturas diferentes. W. Crookes também constatou o mesmo fato."* (Cf. **ERNY, Alfred. "O Psiquismo Experimental"**. 3ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1982, pp. 117 e 118: Cap. IV, 2ª P).



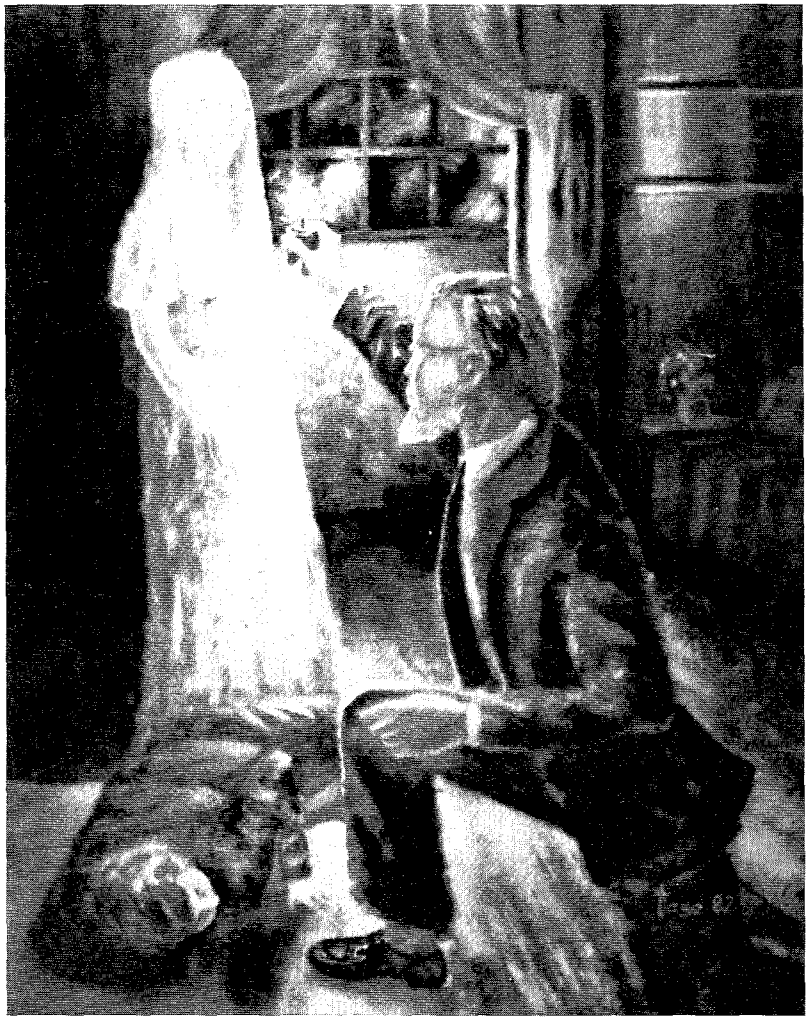
Ectoplasmia
Foto da materialização de uma amiga espiritual de Francisco Cândido Xavier, na residência deste, em Pedro Leopoldo, MG, servindo de médium Francisco Peixotinho (13-12-1954).

Na materialização *conjugada*, ao que tudo indica, iniciado o processo, o médium, sob o comando dos Espíritos responsáveis, com o afrouxamento dos laços que o unem à organização física, consegue dela afastar-se, possibilitando que o manifestante apóie-se em seu perispírito e no ectoplasma que fornece, para materializar-se, completamente ou não. (Esse tipo de fenômeno, aliás, poderia explicar, também, o singular processo da *transfiguração*). Referindo-se a esse fato, que chama de *superincorporação*, observa R. A. RANIERI: "Em vez de o espírito se incorporar no corpo do médium como acontece nos fenômenos simples de incorporação ou nos fenômenos realizados com os médiuns falantes, através do perispírito, ele, neste caso, se incorpora apenas no perispírito sem o corpo físico e faz o que é possível". ("**Materializações Luminosas**". 5ª ed., FEESP, cit., 1995, p. 205: Última Parte, Cap. III).

*

Todos os tipos de materialização *animada* podem apresentar-se *tangíveis* ou *não tangíveis*. Tanto as *tangíveis*, como as *não tangíveis*, são suscetíveis de surgir *luminosas* ou *não luminosas*, observando-se, todavia, que, no caso das primeiras – diferentemente das materializações *não tangíveis* –, mui dificilmente ocorre a luminosidade plena, sendo mais comum que compareçam quase opacas ou, até, não visíveis. (AKSAKOF refere-se a uma ocorrência de *materialização transparente* que, ao que se depreende, não passaria de uma materialização *não tangível* com uma tênue luminosidade, que esta, como se sabe, pode variar de grau e tipo – V. "**Animismo e Espiritismo**". 5ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1990, Vol. II, p. 270: Cap. IV).[15] De qualquer forma, o tipo de ocorrência depende da programação dos Espíritos responsáveis, levando em conta não

[15] O pesquisador italiano, Prof. IMODA, que, em conjugação com RICHET, realizou uma série de experiências com a médium Linda Gazzera, encontrou três formas de ectoplasma: a *invisível*, a *fluídica-visível* e a *concreta* ("**Fotografia de Fantasmas**"). (Em se aceitando tal tese, pode-se admitir que o ectoplasma na



Materialização (II)
Gravura do Sr. Drigin, representando a materialização do Espírito Katie King, segundo descrição de William Crookes, que acompanhou o fenômeno à luz de uma lâmpada de fósforo. A médium Florence Cook, que colaborou com o cientista inglês, em suas célebres experiências, aparece no chão.

---

forma *fluídica-visível*, quando menos denso, propiciaria materializações mais "eterizadas").

A respeito do ectoplasma **invisível**, anote-se, ainda, que GELEY constatou – segundo J. H. PIRES – que esse "girava em torno das pessoas, nas sessões, antes da produção de fenômenos." (**PIRES, J. Herculano. "O Espírito e o Tempo"**. 7ª ed., Sobradinho, DF: EDICEL, 1995, p. 25: Cap. I, 1ª P.).

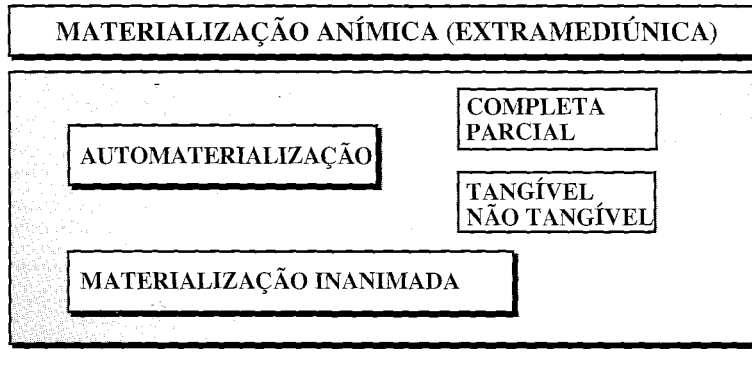
só a quantidade e a qualidade do ectoplasma disponível, como o próprio ambiente psíquico.

A materialização mediúnica *inanimada* pode, também, de conformidade com a intenção dos Espíritos operadores, apresentar-se *completa* ou *parcial*. As coisas poderão surgir com sua forma inteira, ou não. E, como acontece na materialização *animada*, as formações ectoplásmicas *inanimadas* apresentam-se *tangíveis* ou *não tangíveis*. E, em se tratando dos objetos, se não aparecem luminosos, como no caso dos seres vivos, não deixam de se apresentar visíveis – o suficiente para que possam ser percebidos.

*

Ao lado da materialização *mediúnica*, propriamente, registra-se um tipo de materialização que se pode chamar de *extramediúnica* – ou, como é mais conhecida, *anímica*.

Duas espécies de ocorrência podem ser registradas nesse processo: a *automaterialização* e a *materialização inanimada*.



Na *automaterialização* é o próprio médium que se desdobra, e, afastado do corpo físico, passa a aglutinar, em seu perispírito, o ectoplasma que produz, materializando-se total ou parcialmente. Interessante observar que tal processo sói acontecer, normalmente, sem que o médium o deseje, não importando se permanece desperto ou em transe. (Em qualquer tipo de materializa-

ção, aliás, o médium tanto pode ficar em transe, como não, dependendo das condições do trabalho).

Ressalte-se que a *automaterialização* não se confunde com a materialização mediúnica *conjugada*, antes examinada. Nesta, há um Espírito que se apóia no perispírito do médium e transmite seu pensamento, revelando uma personalidade nitidamente diferente da do intermediário. Já na *automaterialização* é o próprio Espírito do médium que se materializa, temporariamente afastado do carro físico, mostrando-se com a sua personalidade.

Investigadores conscientes e acostumados com essa espécie de manifestação – até mesmo, metapsiquistas, parapsicólogos, psicobiofísicos, etc. – não encontram dificuldade maior em discernir um tipo de ocorrência de outra, sabendo-se que o médium que se *automaterializa* (geralmente, até de modo involuntário) é o mesmo que, em outras circunstâncias, e na maioria das vezes, serve aos vários tipos de materialização de Espíritos.

Ambos os fenômenos – *materialização mediúnica* e *automaterialização* – são comuns e, dependendo da orientação dos *Espíritos controladores*, segundo a expressão de GELEY, podem perfeitamente coexistir.

A *automaterialização*, que, também, pode ser *completa* (muito rara) ou *parcial* (comumente, só a cabeça do médium), é suscetível de aparecer, sob condições especiais, *tangível*; dificilmente, porém, apresenta alguma luminosidade mais significativa – fato que, aliás, também acontece com as materializações *não tangíveis*.

Se a *automaterialização* já não é comum, a *materialização anímica* de objetos inanimados apresenta-se mais rara ainda. A *materialização extramediúnica inanimada* é normalmente marcada pela acentuada imperfeição das formas das coisas que se materializam, sob a ação mental consciente ou subconsciente do médium. Esse tipo incomum de materialização, resultante da con-

centração do ectoplasma em torno das formas-pensamentos produzidas pelo médium, oferece, quase sempre, tênue visibilidade.

*

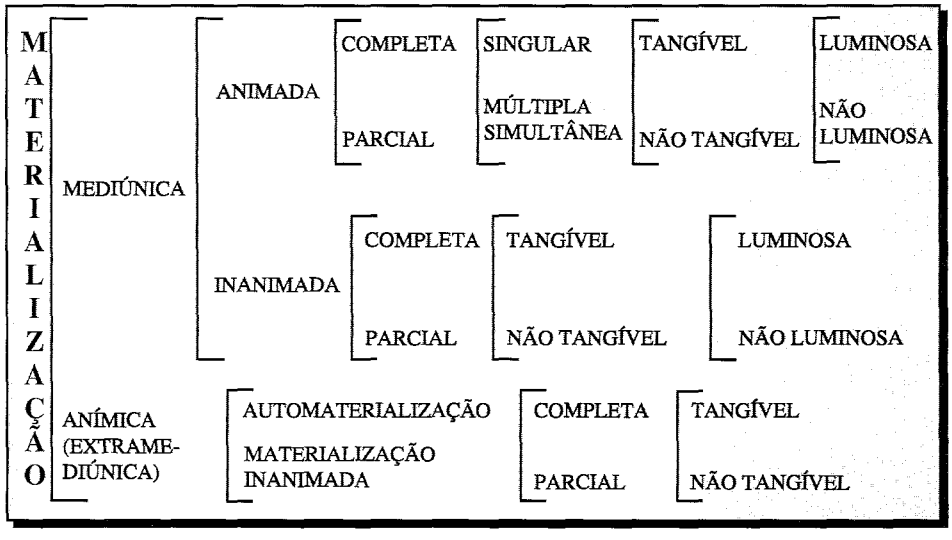
O fenômeno da corporificação ectoplásmica dos Espíritos – desencarnados ou não –, conhecido, modernamente (e impropriamente, aliás), como *materialização* (KARDEC denominava-o *aparição*), comprovando em bases experimentais a natureza espiritual do ser humano, representa uma das mais expressivas contribuições do Espiritismo para o desenvolvimento do Saber.

É que tanto na *materialização dos Espíritos* desencarnados, como na *automaterialização do médium*, o processo só acontece porque o perispírito dos manifestantes aglutina o ectoplasma disponível, amoldando-o, automaticamente, à sua forma. É a força aglutinadora do corpo espiritual e sua função modeladora que determinam a corporificação material dos Espíritos.

Conclui-se, assim, que, sendo a materialização um fato definitivamente comprovado, e ocorrendo que ela só acontece porque existe a base perispirítica, não só se prova a existência do psicossoma, como se demonstra a interação entre os mundos físico e espiritual.

E idêntico raciocínio aplica-se aos casos comprovados de *desmaterialização* parcial – protagonizados, por exemplo, pelas conhecidas médiuns Elisabeth d'Espérance e Eusápia Paladino.

A matéria provisoriamente desagregada retoma, sob o rigoroso cuidado dos Espíritos operadores, sua condição e forma anteriores, graças ao perispírito, que lhe garante a sustenção anátomo-fisiológica.



DESDOBRAMENTO

Os desdobramentos (também conhecidos como "desprendimentos espirituais"), registrados em todas as épocas da Humanidade, constituem, também, notável meio de prova da realidade perispiritual, e embora possam, genericamente, inserir-se no quadro das materializações, impõe-se, por algumas de suas singularidades, sejam devidamente destacados.

Especialmente estudados a partir da segunda metade do século XIX,[16] surgem em nossos tempos como fenômenos naturais, verificáveis com pessoas detentoras de sensibilidade específica, variando de tipo e de grau, de acordo com os indivíduos, os métodos e as condições.

---

[16] A história do Espiritismo registra, também, processos notáveis de desdobramento, desenvolvidos sob as mais rigorosas condições de controle científico. É o caso, por exemplo, das experiências de W. CROOKES com a médium Annie Eva Fay: colocada em uma cabine, à vista de todos os presentes, desdobrava-se, materializando-se no canto oposto da sala, chegando mesmo a mostrar o mesmo vestido, jóias, etc. Ao redor da cabine passava uma "corrente galvânica" e sua mais leve interrupção indicaria que a médium havia se movido do local, fato que, entretanto, jamais aconteceu. (V. **AKSAKOF, Alexandre. "Animismo e Espiritismo"**. 5ª ed., FEB, 1990, cit., Vol. II, p. 267: Cap. IV).

Anote-se, a propósito, que embora os autores geralmente tenham empregado os termos "*desdobramento*" e "*desprendimento*", para designar o mesmo fenômeno, parece ser possível estabelecer uma certa diferença.

O desprendimento (*ato de soltar-se*) é fenômeno básico, aliás, em todos os processos mediúnicos, desde a incorporação até a vidência ou a audiência, visto que esses só se viabilizam graças a uma certa capacidade que tem o perispírito de desamarrar-se das teias físicas, tornando-se, por isso, mais sensível e apto a registrar a presença do Espírito comunicante.

Trata-se, ademais, de fenômeno comum e conhecido que, em maior ou menor grau, insere-se no álbum de experiências de toda pessoa.[17] Allan KARDEC, em "O Livro dos Espíritos", no capítulo que dedica à "Emancipação da Alma", destaca ensino

[17] A rigor, já por constituir, a capacidade de desprender-se, uma faculdade natural do ser humano, toda pessoa – embora nem sempre possa qualificá-lo – experiencia, em maior ou menor grau, o estado de desprendimento, mormente, em situação de repouso ou sono. Aliás, não só na história das Religiões e da Arte, como na da Ciência e da Filosofia, o fenômeno do desprendimento – seguido, muitas vezes, do desdobramento – é freqüentemente encontrado na raiz das grandes criações. Os exemplos são incontáveis: Johannes KEPLER (1571–1630), desprendendo-se e transportando-se, por desdobramento, para além da Terra, e fixando um ponto determinado do espaço, encontrou os dados que lhe possibilitaram construir as três leis do movimento planetário (Conf. **MAGRO FILHO, Osvaldo.** "Kepler, Jung, Einstein e Seus Desdobramentos Espirituais". "**Revista Internacional de Espiritismo**", dez., 1987, pp. 325 e 326); René DESCARTES (1596-1650), depois de três desprendimentos sucessivos, durante o sono, teve a percepção de um novo método para a organização da Filosofia e das bases da geometria analítica que, com FERMAT, inventaria; Albert EINSTEIN (1879-1954), aos 26 anos, desdobrando-se e transportando-se para fora do contexto estelar, alcança os elementos para estruturar as suas Teorias; Carl Gustav JUNG (1875-1961), reconhecidamente, um médium de diversas aptidões, descreve com minúcias uma *Experiência de Quase-Morte* (EQM), que teve durante um ataque cardíaco, e no qual, desprendendo-se, alcançou um estado de desdobramento que lhe permitiu ver a Terra, de grande altura, e com detalhes fascinantes...

dos Espíritos Instrutores a respeito, mostrando que sempre que se afrouxam os laços físicos, o Espírito procura desprender-se do corpo: "*O Espírito recobra a sua liberdade quando os sentidos se entorpecem; ele aproveita para se emancipar, todos os instantes de descanso que o corpo lhe oferece. Desde que haja prostração das forças vitais, o Espírito se desprende, e quanto mais fraco estiver o corpo, mais o Espírito estará livre*". E, a seguir, anota: "*É assim que o cochilar, ou um simples entorpecimento dos sentidos, apresenta muitas vezes as mesmas imagens dos sonhos*". (55ª ed., São Paulo: LAKE, 1996, p. 168, item 407. Trad. J. Herculano Pires). É o desprendimento que ocorre no estado de *semi-consciência*, habitual na fase de pré-sono.

A respeito desse tema, é oportuno considerar que embora, na história da Psicologia, inúmeros esquemas classificatórios das dimensões da consciência tenham sido propostos pelos pesquisadores da mente – mormente a partir de Freud –, à luz do Espiritismo, a realidade consciencial cresce em riqueza, ensejando formulações quiçá mais abrangentes.[18] Nessa direção, é possível admitir-se os seguintes níveis da Consciência Total, patrimônio resultante da evolução milenar do ser humano: (**1**) o *subconsciente profundo*, repositório das experiências vividas no curso das reencarnações; (**2**) o *subconsciente*, armazém das vivências correspondentes à vida atual; (**3**) o *semiconsciente*, estado intermediário, faixa de registro de imagens à margem da consciência desperta, até mesmo, as que se produzem nos instantes iniciais do desprendimento ou no semidesprendimento; (**4**) o *consciente* (consciência de relação, consciência desperta ou vígil), complexo instrumento da cognição; (**5**) o *superconsciente* (consciência criadora), a expressar as potencialidades psíquicas superiores do ser humano.

[18] Obviamente, os níveis ou dimensões conscienciais, ainda que, às vezes, possam até ser relativamente associados a certos tipos de estruturas cerebrais, não têm, propriamente, correspondência espacial.

(O *subconsciente profundo* tem sido historicamente designado como *inconsciente*, ainda que se saiba que, em verdade – mesmo significando a sedimentação de nosso pretérito –, nunca deixa de refletir-se nos atos presentes, por determinação, aliás, do próprio dinamismo que rege a integridade psíquica. Daí, as discussões em torno da possível impropriedade desse termo, entronizado pelo pai da psicanálise).

*

O desdobramento (*fazer-se em dois*), propriamente, implicaria um desenvolvimento do processo de desprendimento – inerente, como visto, a todo fenômeno mediúnico –, com uma emancipação maior do Espírito em relação à organização física, propiciada por condições perispiríticas especiais, ensejando o surgimento de uma outra forma corporal, semelhante à do seu corpo físico (*duplicação corpórea*), a ocupar – ou aparentando ocupar –, também, um lugar diferente daquele em que está o corpo (*bilocação*).

Verifica-se, assim, que nem todo desprendimento, conforme o conceito exposto, significaria desdobramento (duplicação corpórea e bilocação) – mesmo, ao que parece, aquele que acontece nos processos sonambúlicos, mediúnicos ou não, tão bem estudados por KARDEC. (V. "**O Livro dos Espíritos**", it. 455; "**O Livro dos Médiuns**", it. 172).

Mas, se nem todo desprendimento resultaria em duplicação corpórea, propriamente, seria metodologicamente útil aceitá-lo como a fase inicial – e natural – do processo de desdobramento, como aventado, ainda que, seguidamente, a transição entre os momentos de desprendimento e de desdobramento ocorram tão rapidamente – quase instantaneamente – que se torna imperceptível qualquer alteração ou diferença. (Autores há que admitem constituir-se o desdobramento uma espécie de projeção do Espírito. Tal hipótese, respeitável, poderia até ser aplicada aos casos em que, por exemplo, o desdobramento do perispírito desprendido

ocorre junto ao próprio corpo da pessoa, sem que esta chegue a ter consciência do fenômeno, embora suscetível de ser fotografado. Em se tratando, todavia, de casos mais complexos, como certos tipos de fenômenos conscientes e tangíveis, a simples projeção não se apresenta como proposta explicativa suficientemente abrangente).

*

As numerosas pesquisas noticiadas pela literatura espírita (e, também, pela respeitável obra metapsíquica, parapsicológica e psicobiofísica) permitem a construção de um esquema classificatório que abranja as manifestações conhecidas.

Assim, os desdobramentos podem surgir como fenômenos *espontâneos* ou *induzidos*.

Os *espontâneos*, que apresentam características *mediúnicas* ou *não mediúnicas*, são *conscientes* ou *inconscientes*, e suscetíveis de se apresentar *visíveis* ou *não visíveis*.

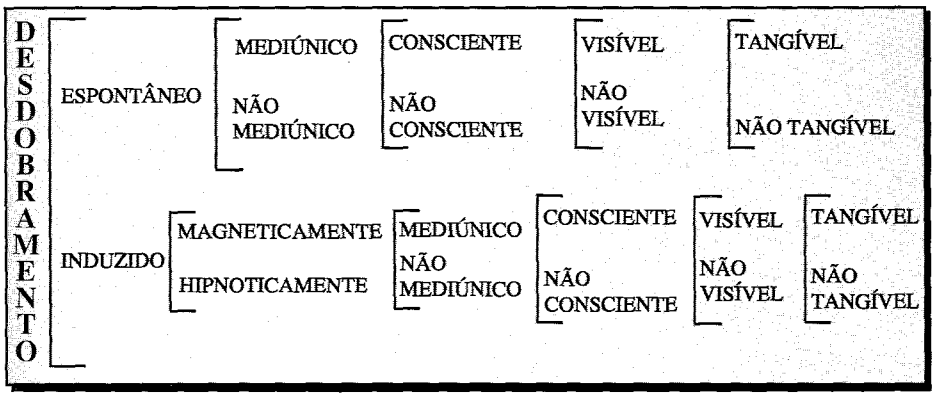
Os desdobramentos *induzidos* podem ser provocados *magnetica* ou *hipnoticamente*, com características *mediúnicas*, propriamente, ou *não mediúnicas*, com a participação *consciente*, ou *não*, do sujeito, tornando-se, também, *visíveis*, ou *não*.

Os desdobramentos *visíveis*, tanto os *espontâneos*, como os *induzidos*, podem se apresentar *tangíveis*, ou *não*.

O desdobramento *espontâneo* ocorre com pessoas que, por suas particulares condições perispirituais, mostram-se normalmente sensíveis a esse delicado tipo de fenômeno – e a história registra inúmeros exemplos, desde Emmanuel Swedenborg e Andrew Jackson Davis, até os nossos Eurípedes Barsanulfo, Francisco Cândido Xavier, Yvonne A. Pereira, entre outros.



Desdobramento (I)



Pode ocorrer, tanto em estado de vigília, como em estado de transe natural, ou durante o sono regular fisiológico, em que, aliás, o fenômeno acontece com mais freqüência. (Ainda que raramente, casos também têm sido observados em situações de anormalidade ou de crises fisiológicas e psicológicas).

O desdobramento *espontâneo* pode mostrar um caráter *mediúnico*, ou *não*.

Caracteriza-se como *mediúnico*, quando serve à manifestação de uma vontade estranha à do sujeito (médium), com vistas à orientação ou esclarecimento, ou, até, à mera comprovação da sobrevivência espiritual. Trata-se, aliás, de um fenômeno bem comum entre os médiuns de incorporação, que, em se desprendendo e chegando ao desdobramento, facilitam mais a ação do Espírito comunicante sobre seu equipamento físico, acompanhando, conscientemente, todo o processo, que não deixa, aliás, de receber, quase sempre, sua influência e sustentação.

A documentação farta e exuberante das ocorrências desse tipo, registradas por um contingente significativo de pesquisadores, espanca qualquer dúvida e, às vezes, chega a surpreender por sua diversidade e riqueza. BOZZANO, por exemplo, entre dezenas de casos comprovados e analisados, menciona uma experiência especialmente marcante, vivida pelo célebre médium William Stainton Moses (1839-1892), o qual assim a descreve:

"Enquanto era ditada a mensagem, meu espírito se achava separado do corpo, de modo que eu examinava, a distância, minha mão a escrever. A importância dos fatos é tal que precisa de uma exposição minuciosa e atenta do que se passou.

Eram duas horas e trinta minutos da tarde e me achava sozinho em meu quarto. Repentinamente senti vontade de escrever mediunicamente, coisa que já não me sucedia há dois meses. Sentei-me à mesa e a primeira parte da mensagem foi escrita rapidamente, depois do que passei provavelmente ao estado de 'transe'. Minha primeira recordação foi a de ter-me visto 'em espírito', junto do meu corpo, que vi sentado à mesa, tendo a pena entre os dedos e a mão no papel. Observando tudo com imensa estupefação, notei que o corpo físico estava unido ao corpo espiritual por um cordão fino e luminoso e que os objetos materiais pareciam ser sombras, ao passo que os espíritos presentes pareciam sólidos e reais.

Por detrás de meu corpo material achava-se 'Rector' (espírito) com uma das mãos em minha cabeça e a outra superpondo a mão direita empunhando a pena. A pouca distância encontrava-se 'Imperator', com alguns espíritos que há muito se comunicavam comigo e depois ainda outros espíritos que eu conheci, dispostos em círculos e observando atentamente a experiência. Do teto, ou, antes, através do teto, espalhava-se uma luminosidade infinitamente doce e, por intervalos, raios azuis dardejavam o meu corpo. Cada vez que tal se produzia, via o meu corpo fremir e sobressaltar; era um meio de saturação e revigoramento dele. Observei, além disso, que a luz do dia era diluída, que a janela parecia escurecida e que a luminosidade que permitia enxergar era de origem espiritual...

'Imperator' explicou que eu estava assistindo a uma cena real, que me era oferecida para me instruir sobre o modo de operar dos espíritos. Vi 'Rector' ocupado em escrever,

mas a ação não se produzia como eu imaginava, isto é, guiando-me a mão e impressionando-me o espírito, mas sim, projetando um raio de luz azul sobre a pena, força que assim projetada provocava o seu movimento, que obedecia à vontade do espírito dirigente. Com o intuito de me provar que a mão não passava de um simples instrumento, não essencial à ação, foi-me a pena arrebatada da mão e permaneceu na mesma posição por efeito de um raio luminoso projetado sobre ela que, para maior surpresa, continuou a se mover, escrevendo sozinha, maravilha que me arrancou uma espécie de grito, sendo logo advertido de que deveria permanecer tranqüilo e não perturbar a gênese dos fenômenos. Resultou daí que grande parte da mensagem obtida foi efetivamente escrita sem o auxílio de mãos humanas e sem nenhuma intervenção de meu pensamento e de meu espírito, mas me foi explicado que não era fácil escrever assim, sem o auxílio do organismo humano, e que a ortografia das palavras escritas em tais condições seria incorreta. De fato, tive ocasião de verificar que tal acontecera com a parte da mensagem assim conseguida... Passado certo tempo, ordenaram-me que eu reentrasse em meu corpo e imediatamente tomasse nota de quanto havia visto. Já não me recordo do instante em que tal aconteceu, presumindo que o meu espírito tornou a passar pelo estado de 'transe'.

No momento em que redijo estas notas, só sinto leve dor de cabeça. Estou absolutamente certo do que aconteceu e o transcrevo lentamente, exatamente, sem o menor exagero. Posso ter omitido certos fatos, mas nada alterei, nada acrescentei." (**BOZZANO, Ernesto. "Fenômenos de Bilocação – Desdobramento"**. 3ª ed., S. Bernardo do Campo: CORREIO FRATERNO, 1990, pp. 77 e 78. Trad. Francisco Klors Werneck).

Observe-se, enfim, que nesse capítulo devem ser também arrolados os casos de desdobramento *consciente* do sujeito, se seguido de sua incorporação em outro médium, como, por exemplo, deu mostra, em diversas oportunidades, Francisco Cândido

Xavier, evidenciando as extraordinárias possibilidades do perispírito.

A literatura espírita, aliás, é rica em relatos de comunicações de espíritos encarnados, através de vários tipos de recursos mediúnicos e em circunstâncias e condições as mais diversas, rigorosamente comprovadas por respeitáveis investigadores de ontem e de hoje.

(A esse respeito merecem destaque, a propósito, entre outros, os trabalhos clássicos de Alexandre AKSAKOF, Emma Hardinge BRITTEN – 1823-1899 – e Ernesto BOZZANO – 1862-1943 –, que, através de relatos inquestionáveis, mostraram, ainda quando a Humanidade mal começava a conhecer o Espiritismo, a realidade desse extraordinário tipo de fenômeno.) [19]

*

Nos desdobramentos *não mediúnicos*, o sujeito manifesta suas próprias impressões e opiniões, não comparecendo, pois, como um intermediário direto, ainda que, mesmo assim, possa servir aos interesses superiores da Espiritualidade Maior. (Anote-se, todavia, que, com o mesmo sujeito, podem ocorrer, normalmente, os dois tipos de processo – mediúnico, ou não –, uma vez que, de resto, a dinâmica é a mesma. Observou KARDEC, a propósito, que já o fenômeno sonambúlico – em que o desprendimento pode chegar, ou não, ao desdobramento – pode apresentar

[19] A comunicação mediúnica de encarnados era, desde os primeiros tempos, fato tão conhecido – e comum – que, segundo o célebre Juiz John EDMONDS, da Suprema Corte Americana (***Spiritual Tracts***), chegaram a se organizar, em Boston e em Nova York, dois grupos dedicados a esse tipo de trabalho. "Os membros desses círculos reuniam-se simultaneamente nas duas cidades e comunicavam entre si por seus médiuns. O círculo de Boston recebia, por seu médium, comunicações emanantes do espírito do médium de Nova York, e vice-versa. As coisas duraram assim por muitos meses, no decurso dos quais, os dois grupos inscreviam cuidadosamente as atas" (*sic*). (**AKSAKOF, Alexandre. "Animismo e Espiritismo"**. 5ª ed., FEB, 1990, cit., Vol. II, p. 248: Cap. IV).

caráter mediúnico ou não. V. "**O Livro dos Espíritos**", it. 431, nota).

Inúmeros são, também, os casos comprovados de desdobramento *não mediúnico*.

Serve de notável exemplo um dos inúmeros fatos ocorridos com o famoso médium de Sacramento, Minas Gerais, Eurípedes Barsanulfo (1880-1918), relatado por Inácio FERREIRA:

> "*Eurípedes achava-se em plena função da cátedra do 5º ano, no seu* ***Colégio Allan Kardec****. Caiu em transe por alguns minutos – branco, cadavérico, provocando inquietação aos seus alunos* (...), *que não sabiam o que fazer.* (...) *Aos poucos foi readquirindo a cor e voltando a si, ante a alegria e a satisfação de todos, e afirmou:*
>
> *— Tomem nota. Vi, no salão nobre de Versailles, o Tratado de Paz!*
>
> *Deu, em seguida, os nomes dos que o assinaram e a hora exata.*
>
> *Época em que não havia rádio, todos, entre crenças e descrenças, ficaram aflitos pela chegada dos jornais, o que se deu dias depois, trazendo a confirmação de tudo, para regozijo daqueles que nele confiavam e maior desespero dos que o consideravam como louco e visionário...*" (**FERREIRA, Inácio. "Subsídios para a História de Eurípedes Barsanulfo"**. Uberaba, MG: edição do Autor, 1962. Conf. **THIAGO, Lauro S.** "Eurípedes Barsanulfo – Centenário de Seu Nascimento". "**Reformador**". Rio de Janeiro: FEB, nº 1.814, p. 10, maio, 1980).

*

Tanto o desdobramento *mediúnico*, como o *não mediúnico*, conforme já visto, podem apresentar-se como processos *conscientes* ou *não conscientes*.

No desdobramento *consciente*, a pessoa não só participa

conscientemente de todo o processo, como guarda lembrança nítida das experiências vividas. Nesse tipo de ocorrência, porque se expandem significativamente as possibilidades perispiríticas, fenômenos incomuns (naturais, porém) poderão ser registrados, especialmente, com relação à percepção visual que, então, se torna particularmente aguda.

Assim, em estado de desdobramento (e, muitas vezes, já, de desprendimento), pode o sujeito, seguidamente, não só perceber, com clareza, a aura da pessoa, como ver a distância ou através das paredes. E casos notáveis há, em que, mesmo a distância, também "vê o interior do seu próprio corpo, com os feixes nervosos a vibrarem como um formigamento luminoso", como anota BOZZANO, designando tal fenômeno como "*autoscopia interna*" ("**Fenômenos de Bilocação – Desdobramento**". 3ª ed., CORREIO FRATERNO, cit., p. 60).

O desdobramento *não consciente* pode ocorrer tanto durante o sono, como em estado de vigília. No primeiro caso, podem restar algumas lembranças confusas, apresentando-se como meras imagens oníricas. No segundo, embora o duplo do sujeito possa até ser visto por terceiros, ele próprio nenhuma consciência tem do acontecido.

A literatura é pródiga, também, em relatos de fenômenos desse tipo, desde o desdobramento parcial (semidesdobramento), junto ao próprio corpo, como se fosse ainda sua projeção, sem que o sujeito sequer se aperceba do que acontece, até os casos notáveis em que o duplo da pessoa é por todos visto, em ação relativamente independente, até, sem que o sujeito, também, tenha consciência do fato, como foi, por exemplo, o caso célebre de desdobramento *não consciente* e *não mediúnico* da professora *Emília Sagée*, documentado pelo famoso investigador russo, lente da então Academia de Leipzig, Alexander Nicolaievitch AKSAKOF (1832-1903), cujo relato, por sua importância histórica e científica, impõe inteira transcrição:

"Em 1845 existia na Livônia (e ainda existe), cerca de 36 milhas inglesas de Riga e a 1 légua e meia da pequena cidade de Volmar, uma instituição para moças nobres, designada sob o nome de 'Colégio de Neuwelcke'. O diretor, naquela época, era o Sr. Buch.

O número das colegiais, quase todas de famílias livonesas nobres, elevava-se a quarenta e duas; entre elas se achava a segunda filha do Barão de Güldenstubbe, da idade de treze anos.

No número das professoras havia uma francesa, a jovem Emília Sagée, nascida em Dijon. Tinha o tipo do Norte; (...) de belíssima aparência, de olhos azuis claros, cabelos castanhos; era esbelta e de estatura pouco acima da mediana; tinha gênio amável, dócil e alegre, porém um pouco tímida e de temperamento nervoso, um pouco excitável. Sua saúde era ordinariamente boa, e, durante todo o tempo (um ano e meio) em que ela esteve em Neuwelcke, não teve mais do que uma ou duas indisposições passageiras. Era inteligente e de esmerada educação, e os diretores mostraram-se completamente satisfeitos com o seu ensino e com as suas aptidões durante todo o tempo de sua permanência. Ela estava com a idade de trinta e dois anos.

Poucas semanas depois de sua entrada na casa, singulares boatos começaram a correr a seu respeito entre as alunas. Quando uma dizia tê-la visto em tal parte do estabelecimento, freqüentemente outra assegurava tê-la encontrado em outra parte, na mesma ocasião, dizendo: 'Isso não; não é possível, pois acabo de passar por ela na escada', ou antes, garantia tê-la visto em algum corredor afastado. Acreditou-se a princípio em algum equívoco; mas como o fato não cessava de reproduzir-se, as meninas começaram a julgar a coisa muito estranha e finalmente falaram nele às outras professoras. Os professores, postos ao corrente, declararam, por ignorância ou intencionalmente, que tudo isso não tinha senso algum e que não havia motivo para dar-lhe qualquer importância.

Mas as coisas não tardaram a complicar-se e tomaram um caráter que excluía toda a possibilidade de fantasia ou de erro. Certo dia em que Emília Sagée dava uma lição a treze dessas meninas, entre as quais a jovem Güldenstubbe, e que, para melhor fazer compreender a sua demonstração, escrevia a passagem a explicar no quadro-negro, as alunas viram de repente, com grande terror, duas jovens Sagée, uma ao lado da outra! Elas se assemelhavam exatamente e faziam os mesmos gestos. Somente a pessoa verdadeira tinha um pedaço de giz na mão e escrevia efetivamente, ao passo que seu duplo não o tinha e contentava-se em imitar os movimentos que ela fazia para escrever.

Daí, grande sensação no estabelecimento, tanto mais porque as meninas, sem exceção, tinham visto a segunda forma e estavam de perfeito acordo na descrição que faziam do fenômeno.

Pouco depois, uma das alunas, a menina Antonieta de Wrangel, obteve permissão de ir, com algumas colegas, a uma festa local da vizinhança. Estava ocupada em terminar a sua toilette, e a jovem Sagée, com a bonomia e obsequiosidade habituais, tinha ido ajudá-la e abotoava seu vestido por trás. Ao voltar-se casualmente, a menina viu no espelho duas Emílias Sagée que se ocupavam consigo. Ficou tão aterrada com essa brusca aparição, que perdeu os sentidos.

Passaram-se meses e fenômenos semelhantes continuaram a produzir-se. Via-se de tempos em tempos, ao jantar, o duplo da professora de pé, por trás de sua cadeira, imitando seus movimentos, enquanto ela jantava, porém sem faca, sem garfo, nem comida nas mãos. Alunas e criadas de servir à mesa testemunharam o fato da mesma maneira.

Entretanto, nem sempre sucedia que o duplo imitasse os movimentos da pessoa verdadeira. Às vezes, quando esta se levantava da cadeira, via-se seu duplo ficar sentado ali. Em certa ocasião, estando de cama por causa de um defluxo,

a menina de quem se tratou, a menina de Wrangel, que lhe fazia uma leitura para distraí-la, viu-a empalidecer de repente e contorcer-se como se fosse perder os sentidos; em seguida, a menina, atemorizada, perguntou-lhe se se sentia pior. Ela respondeu que não, mas com voz muito fraca e desfalecida. A menina de Wrangel, voltando-se casualmente alguns instantes depois, divisou mui distintamente o duplo da doente passeando a passos largos no aposento. Dessa vez a menina tinha tido bastante domínio sobre si mesma para conservar-se calma e não fazer a mínima observação à doente, mas, pouco depois, desceu a escada, muito pálida, e contou o fato de que tinha sido testemunha.

O caso mais notável, porém, dessa atividade, na aparência independente, das duas formas, é certamente o seguinte:

Certo dia, todas as alunas, em número de quarenta e duas, estavam reunidas em um mesmo aposento e ocupadas em trabalhos de bordado. Era um salão do andar térreo do edifício principal, com quatro grandes janelas, ou antes, quatro portas envidraçadas que se abriam diretamente para o patamar da escada e conduziam ao jardim muito extenso pertencente ao estabelecimento. No centro da sala havia uma grande mesa diante da qual se reuniam habitualmente as diversas classes para se entregarem a trabalhos de agulha ou outros análogos.

Naquele dia as jovens colegiais estavam todas sentadas diante da mesa, e podiam ver perfeitamente o que se passava no jardim; ao mesmo tempo que trabalhavam, viam a jovem Sagée, ocupada em colher flores, nas proximidades da casa; era uma das suas distrações prediletas. No extremo da mesa, em posição elevada, conservava-se uma outra professora, incumbida da vigilância e sentada numa poltrona de marroquim verde. Em dado momento, essa senhora desapareceu e a poltrona ficou desocupada. Mas foi apenas por pouco tempo, pois que as meninas viram ali de repente a

forma da jovem Sagée. Imediatamente elas dirigiram a vista para o jardim e viram-na sempre ocupada em colher flores; apenas seus movimentos eram mais lentos e pesados, semelhantes aos de uma pessoa sonolenta ou exausta de fadiga. De novo dirigiram os olhos para a poltrona, em que o duplo estava sentado, silencioso e imóvel, mas com tal aparência de realidade que, se não tivessem visto a jovem Sagée e não soubessem que ela tinha aparecido na poltrona sem ter entrado na sala acreditariam que era ela em pessoa. Convictas, no entanto, de que não se tratava de uma pessoa real, e pouco habituadas com essas manifestações extraordinárias, duas das mais ousadas alunas se aproximaram da poltrona, e, tocando na aparição, acreditaram sentir uma certa resistência, comparável à que teria oferecido um leve tecido de musselina ou de crepe. Uma delas chegou mesmo a passar defronte da poltrona e a **atravessar** *na realidade uma parte da forma. Apesar disso, essa durou ainda por certo tempo; depois, desfez-se gradualmente. Imediatamente notou-se que a jovem Sagée tinha recomeçado a colheita de suas flores com a vivacidade habitual. As quarenta e duas colegiais verificaram o fenômeno da mesma maneira.*

Algumas dentre elas perguntaram em seguida à jovem Sagée se, naquela ocasião, ela tinha experimentado alguma coisa de particular; esta respondeu que apenas se recordava de ter pensado, diante da poltrona desocupada: 'Eu preferiria que a professora não se tivesse ido embora; certamente, essas meninas vão perder o tempo e cometer alguma travessura.'

Esses curiosos fenômenos duraram, com diversas variantes, cerca de dezoito meses, isto é, por todo o tempo em que a jovem Sagée conservou seu emprego em Neuwelcke (durante uma parte dos anos 1845-1846); entretanto, houve intervalos de calma de uma a muitas semanas. Essas manifestações se davam principalmente em ocasiões em que ela estava muito preocupada ou muito aplicada aos seus servi-

ços. Notou-se que à medida que o duplo se tornava mais nítido, e adquiria maior consistência, a própria pessoa ficava mais rígida e enfraquecida, e reciprocamente, que, à medida que o duplo se desfazia, o ser corpóreo readquiria suas forças. Ela própria era inconsciente do que se passava e só ficava sabendo do ocorrido quando lho diziam; ordinariamente os olhares das pessoas presentes avisavam-na; nunca teve ocasião de ver a aparição de seu duplo, do mesmo modo parecia não aperceber-se da rigidez e inércia que se apoderavam dela, quando seu duplo era visto por outras pessoas.

Durante os dezoito meses em que a Baronesa Júlia de Güldenstubbe teve a oportunidade de ser testemunha desses fenômenos e de ouvir falar a tal respeito, nunca se apresentou o caso da aparição do duplo a grande distância; por exemplo: a muitas léguas da pessoa corpórea; algumas vezes, entretanto, o duplo aparecia durante seus passeios na vizinhança, quando a distância não era muito grande. As mais das vezes, era no interior do estabelecimento. Todo o pessoal da casa o tinha visto. O duplo parecia ser visível para todas as pessoas, sem distinção de idade nem de sexo.

Pode-se facilmente imaginar que um fenômeno tão extraordinário não pudesse apresentar-se com essa insistência durante mais de um ano em uma instituição desse gênero, sem lhe dar prejuízo. Desde que ficou bem estabelecido que a aparição do duplo da jovem Sagée, verificada a princípio na classe que ela dirigia, depois em toda a escola, não era um simples fato de imaginação, a coisa chegou aos ouvidos dos pais. Algumas das mais tímidas dentre as colegiais testemunhavam uma viva excitação e desfaziam-se em recriminações todas as vezes que o acaso as tornava testemunhas de uma coisa tão estranha e tão inexplicável. Naturalmente, os pais começaram a experimentar escrúpulo em deixar suas filhas por mais tempo sob semelhante influência, e muitas alunas, que tinham saído em férias, não mais voltaram. No fim de dezoito meses, havia apenas doze alunas das

quarenta e duas que eram. Por maior que fosse a repugnância que tivessem com isso, foi preciso que os diretores sacrificassem Emília Sagée.

Ao ser despedida, a jovem, desesperada, exclamou, em presença da jovem Júlia de Güldenstubbe: 'Oh! já pela décima nona vez; é duro de suportar!'

Quando lhe perguntaram o que queria dizer com isso, ela respondeu que por toda a parte por onde tinha passado – e desde o começo de sua carreira de professora, na idade de dezesseis anos, tinha estado em dezoito casas antes de ir a Neuwelcke –, os mesmos fenômenos se tinham produzido, motivando sua destituição. Como os diretores desses estabelecimentos estavam satisfeitos com ela em todos os outros pontos de vista, davam-lhe, de cada vez, excelentes certificados. Em razão dessas circunstâncias, ela se via na necessidade de procurar de cada vez uma nova colocação em lugar tão distanciado do precedente quanto possível.

Depois de ter deixado Neuwelcke, retirou-se durante algum tempo para perto dali, para a companhia de uma cunhada que tinha muitos filhos ainda pequenos. A jovem de Güldenstubbe foi visitá-la ali e soube que esses meninos, de idade de três a quatro anos, conheciam as particularidades de seu desdobramento; eles tinham o hábito de dizer que viam duas tias Emília.

Mais tarde, se dirigiu ao interior da Rússia, e a jovem de Güldenstubbe não mais ouviu falar a seu respeito.

Eu soube de todos estes pormenores por intermédio da própria jovem de Güldenstubbe, que espontaneamente me dá autorização de publicá-los com a indicação de nomes, de lugar e de data; ela se conservou no pensionato de Neuwelcke durante todo o tempo em que a jovem Sagée lecionou ali, por conseguinte, ninguém teria podido dar um relatório tão exato dos fatos, com todos os pormenores.

No caso que precede, devemos excluir toda a possibilidade de ilusão ou de alucinação; parece-nos difícil admitir que as numerosas alunas, professores, professoras e diretores de dezenove estabelecimentos tenham experimentado por sua vez, a respeito da mesma pessoa, a mesma influência alucinatória. (...)

Notemos, além disso, que no dizer das alunas que tiveram a ousadia de tocar no duplo de Emília Sagée, esse apresentava uma certa consistência." (**AKSAKOF, Alexandre. "Animismo e Espiritismo"**. 5ª ed., FEB, 1990, cit., Vol. II, pp. 256 a 262. Trad. Dr. C. S.).

Os desdobramentos podem ser *visíveis* aos olhos físicos, ou *não visíveis* (embora, além de serem percebidos pelos videntes, compareçam passíveis de registro por meio da fotografia transcendente).

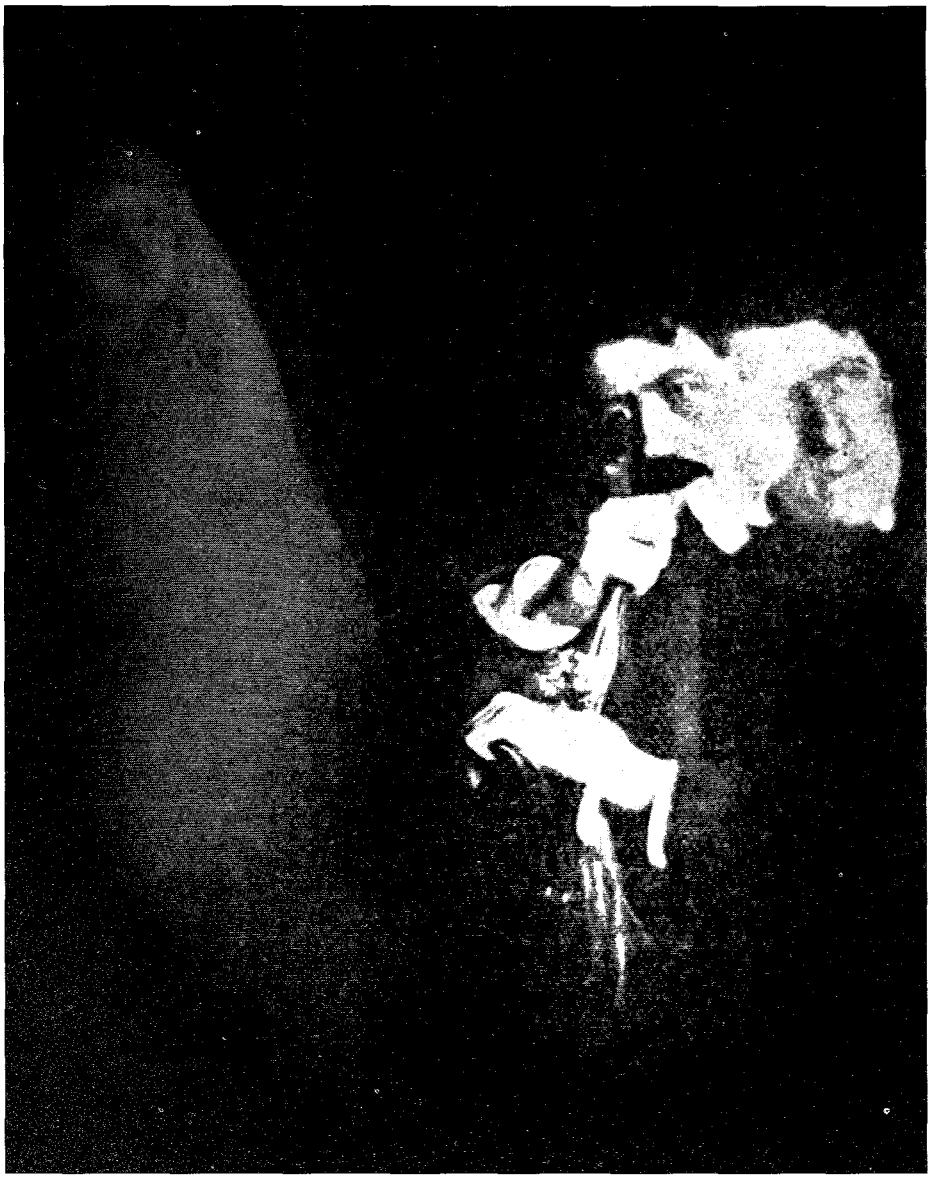
Evidentemente, a visibilidade diz com os recursos ectoplásmicos disponíveis e com as próprias condições perispiríticas do sujeito.

O caso de Emília Sagée, a propósito, retratando um fenômeno de desdobramento *não consciente*, mostra, entre muitos outros, como pode parecer bem visível.

E um denso cadastro de ocorrências registradas indica que, também, o desdobramento *consciente* é suscetível de se apresentar facilmente *visível*. A respeito, é muito ilustrativo e vale por importante documento, um outro episódio, entre inúmeros outros, vivido por Eurípedes Barsanulfo:

"*Residia em Uberaba, na rua Bernardo Guimarães, o tenente Afonso Modesto de Almeida, pai de cinco filhos, espírita e grande amigo de Eurípedes.*

Em princípios de 1918, adoeceu um dos seus filhos, com dois anos de idade, mais ou menos. Chamados dois



Desdobramento (II)
Fotografia transcendente do Dr. M. Sigurd Trier, Presidente da Sociedade Metapsíquica Dinamarquesa, desdobrado. ("*Sandliedsoéregen*", nº 49-5, 1907. "***Le Fantôme des Vivants***", H. Durville: Paris, IMPRIMEURS ÉDITEURS).

médicos, constatou-se caso gravíssimo de pneumonia, com prognósticos sombrios.

Sobressaltado, o pai do enfermo seguiu na manhã do dia imediato para Sacramento, à procura de recursos junto a Eurípedes.

À noite, um membro da família velava pelo doente, quando surge inesperadamente no quarto, Eurípedes, materializado e, ao seu lado, grande luminosidade.

Temerosa, a pessoa que ali se achava acalmou-se, todavia, ante a personagem tão conhecida e dela ouviu:

— 'Minha amiga, o caso é bastante grave. Diz Menezes que se trata de broncopneumonia. Vire a criança de bruços. Aplique, aqui, uma cataplasma de farinha de mandioca. O pulmão esquerdo está muito congestionado. Dê-lhe água fluida e espere pelos medicamentos que virão. Ore e tenha fé. A criança será salva.'

Olhou para um canto e sorriu, sorriso que provocou a atenção e curiosidade da pessoa que recebia suas instruções e, lentamente, desapareceu.

No dia seguinte chegara de Sacramento o pai do enfermo, trazendo os medicamentos. Entusiasmado e alegre foi dizendo:

— Olhem, olhem a touquinha vermelha que Eurípedes viu, à noite, quando aqui esteve. Meu Deus! Eurípedes esteve aqui com o Dr. Bezerra e curou o meu filho!

Sim, Eurípedes lhe dissera que, à noite, com o Dr. Bezerra, esteve em sua casa examinando o doente. Sorrira porque havia notado, em um canto, uma touquinha vermelha – fato que ressaltou como testemunho e prova da sua presença inegável, em Espírito, em seu lar..." ("Eurípedes Barsanulfo – Centenário de Seu Nascimento". "**Reformador**". FEB, maio, 1980, p. 9, artigo citado).

Finalmente, os desdobramentos podem surgir *tangíveis* ou *não tangíveis*, sabendo-se que a tangibilidade pode revelar, às vezes, surpreendente consistência ("O duplo se torna tão material, que bate à porta..." – **DELANNE, Gabriel**. "**A Alma É Imortal**". 6ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1990, p. 110).

De fato, casos há de aparição tangível – tanto no desdobramento, como na materialização de Espíritos desencarnados –, em que a aglutinação do ectoplasma surge tão densa que se a percebe como um corpo perfeitamente sólido, prestando-se, mesmo, a avaliações de caráter estereológico, pois que suscetível de ser medido, apalpado, pesado, examinado, enfim, em todos os detalhes, como, aliás, rigorosamente demonstrado por William CROOKES (1832-1919), em seus célebres experimentos com a médium Florence Cook (1856-1904) e Katie King, Espírito.

A respeito, muitos são, também, os fatos conhecidos, embora alguns, é claro, apresentem-se suscetíveis de discussão. KARDEC, por exemplo, cita, entre outros, este caso:

> *"O juiz de cantão, J..., em Fr... mandou certo dia seu amanuense a uma aldeia dos arredores. Passado algum tempo, ele o viu entrar de novo, tomar de um livro no armário e folheá-lo. Perguntou-lhe bruscamente por que ainda não fora onde o mandara. A essas palavras, o amanuense desapareceu. O livro cai no chão e o juiz o coloca em cima de uma mesa, aberto como caíra. À tarde, de regresso o amanuense, o juiz o interrogou sobre se lhe acontecera alguma coisa em caminho, se tinha voltado à sala onde naquele momento se achavam.*
>
> *— Não, respondeu o amanuense; fiz a viagem na companhia de um amigo; ao atravessarmos a floresta, pusemo-nos a discutir acerca de uma planta que encontráramos e eu lhe disse que, se estivesse em casa, fácil me seria mostrar-lhe uma página de Lineu que me daria razão.*
>
> *Era justamente esse o livro que ficara aberto na página*



Desdobramento (III)

Foto famosa do Conde de Bullet e do Espírito de sua irmã, então encarnada e vivendo em Baltimore, EUA. No momento da foto, eram 11 horas em Paris e 6h30min em Baltimore. Ela dormia. (Da "***Revue Spirite***", 1874 – p. 340. Reproduzida em "**Processo dos Espíritas**", Hermínio C. Miranda. Rio de Janeiro: FEB, 1977).

indicada." (**KARDEC, Allan. "Obras Póstumas"**. 26ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1993, p. 76. Trad. Guillon Ribeiro).

Episódios como esse revelariam possibilidades perispirí-ticas realmente extraordinárias. Todavia, tudo leva a crer, que, em se tratando de uma manifestação que pareça assim tão material (ectoplasma é matéria), o sujeito dificilmente permaneceria totalmente desperto. Por isso, aliás, o oportuno e sábio comentário do Codificador: "*Num caso desses, seria preciso comprovar, de maneira positiva, o estado do corpo no momento da aparição. Até prova em contrário, duvidamos de que o fato seja possível, desde que o corpo se ache em atividade inteligente.*" (**Op.** e p. **cits.**). De fato, mais razoável seria aceitar que o sujeito, ao se desdobrar, estivesse em transe passageiro, ainda que quase superficial.

Cumpre ressaltar, aqui, a propósito desse tipo de fenômeno, que embora, em tese, tanto os desdobramentos, como as materializações de Espíritos, possam surgir *luminosas* e *tangíveis*, simultaneamente, as pesquisas têm mostrado que dificilmente as aparições ou corporificações plenamente luminosas apresentar-se-iam também tangíveis, pois implicariam processos (um, de aglutinação, outro, provavelmente, de uma espécie de "queima" de ectoplasma) que demandariam, de parte dos Espíritos operadores, esforços adicionais, tão complexos, quanto dispensáveis. Daí, a verificação de que é mais comum, nos casos de aparição tangível, que a luminosidade surja sensivelmente prejudicada (materializações quase ou semi-opacas).

* *

O desdobramento *induzido* difere do *espontâneo*, por resultar de uma ação específica que deflagra o processo.

O sujeito pode ser induzido ao desdobramento *magneticamente* ou *hipnoticamente*, apresentando-se mui tênues, na verdade, as diferenças entre os dois processos, facilmente confundíveis, aliás, e não sendo raro, até, que ambos sejam empregados conju-

gadamente numa mesma operação.

A indução *magnética* é normalmente aplicada pelos Espíritos, em tarefa de ajuda aos médiuns, especialmente para que consigam desprender-se e, se for o caso, desdobrar-se, facilitando aos comunicantes o uso de seu equipamento físico para o trabalho psicofônico e psicográfico, entre outros.

Outras vezes, o próprio desdobramento surge como um fim em si mesmo, propiciando, sob a égide dos responsáveis espirituais, alcances ou percepções úteis ao trabalho demonstrativo ou de esclarecimento.

Também, os casos de *automaterialização* mostram, seguidamente, a ação dos Espíritos apoiadores, magnetizando o médium para que se desdobre e se torne visível, sem prejuízo da liberação do ectoplasma necessário a outras materializações.

A indução *hipnótica* (abrangendo a auto-hipnose, que, aliás, a rigor, encontra-se subjacente em todo o processo hipnótico) opera-se por técnicas muito conhecidas. Os seguidores das doutrinas, religiões ou seitas orientais, desde a antigüidade – e, ainda hoje –, têm adotado, como se sabe, o método de auto-hipnose – confortado, muitas vezes, por longos jejuns e meditações –, em direção ao desprendimento e ao desdobramento.

De outro lado, a história das investigações psíquicas está repleta de experimentações comandadas por homens de ciência que, operando por meio da hipnose, têm conseguido, entre outros fenômenos, o desprendimento e, às vezes, o próprio desdobramento (duplicação) de pessoas sensíveis a esse tipo de processo.

A respeito desses fenômenos, como já anotado, não deve ser desconsiderado o fato de que é comum o processo hipnótico ser influenciado pela ação magnética de Espíritos que, com vistas aos objetivos pretendidos, busquem resultados mais satisfatórios.

O desdobramento *induzido* – tal como o *espontâneo* – pode, também, apresentar-se como *mediúnico*, ou *não mediúnico*, conforme sirva à intermediação espiritual, ou não, devendo-se ressaltar que, no primeiro caso, normalmente faz-se presente, também, a ajuda magnética dos Espíritos, com vistas ao melhor aproveitamento da operação.

No desdobramento *mediúnico*, o médium, se for o caso, poderá guardar plena lembrança das experiências vividas nesse estado – desdobramento *consciente* –, o que já não é comum nos processos *não mediúnicos*, quase sempre *não conscientes*.

Observe-se, todavia, a respeito, que há casos de auto-indução em que o processo é inteiramente comandado pelo próprio sujeito, como, por exemplo, acontece entre os que se dedicam a certas práticas orientais, nas quais a auto-hipnose comparece apenas como o momento disparador de um processo mais complexo. Nessas circunstâncias, o desdobramento *induzido*, de caráter *mediúnico*, ou não (ou seja, servindo à intermediação, ou não, de outras vontades), não deixará de ser *consciente*, podendo, aliás, alcançar níveis superiores de percepção.

Como ocorre com o desdobramento *espontâneo*, o *induzido* pode, também, ainda que raramente, apresentar-se fisicamente *visível*. O comum, porém, é só ser percebido pela vidência.

Finalmente, como acontece nos processos *espontâneos*, os desdobramentos *induzidos* podem, também, apresentar-se *tangíveis* (casos raríssimos) ou *não tangíveis*, conforme a massa disponível de ectoplasma, as condições perispiríticas do sujeito e, mormente, os objetivos perseguidos. (Importante marcar, aqui, a semelhança entre os processos *espontâneos* e *induzidos*, os quais, basicamente, guardam relação com o mesmo tipo de sensibilidade. Com efeito, os sujeitos suscetíveis ao desdobramento *espontâneo*, também o são quanto ao *induzido*. E os que se desdobram por efeito de meios indutivos, podem facilmente chegar a condi-

ções que lhe facultem o desprendimento e a duplicação, espontaneamente).

*

O fenômeno de duplicação corpórea,[20] que, em muitas linhas, encontra-se com o da materialização, fornece, como este, demonstração inequívoca da existência do perispírito. Espontâneo ou não, tangível ou não, o duplo fluídico toma, obrigatoriamente, a forma do corpo físico porque, no desdobramento, o molde sustentador é sempre o corpo espiritual.

* *

FOTOGRAFIA TRANSCENDENTE

Além da fotografia comum das materializações visíveis, um outro meio de registro da presença espiritual (desencarnados e encarnados em desdobramento) existe, a chamada *fotografia transcendente*,[21] denominação que AKSAKOF deu à fotografia dos fenômenos que classificou como sendo de "*materialização invisível*" ("**Animismo e Espiritismo**". 5ª ed., FEB, cit., Vol. I, p. 55).

Por esse meio, podem ser fotografados tanto os Espíritos, de

---

[20] A duplicação corpórea – conhecida pelos parapsicólogos ingleses como "*out-of-the-body experience*" ("*experiência fora do corpo*") e pela sigla OOBE, ou apenas OBE – tem sido objeto de constantes pesquisas e avaliações em laboratório. Esses estudos incluem, desde a medição da atividade cerebral do sujeito até o emprego dos mais sofisticados sistemas de controle e registro, visando à "detectação física de projeções fora do corpo", com resultados altamente positivos, segundo anota Guimarães ANDRADE, mencionando experimentos realizados por Karlis Osis e Donna McCormick (**ANDRADE, Hernani Guimarães. "Morte, Renascimento, Evolução – Uma Biologia Transcendental"**. 5ª ed., S. Paulo: PENSAMENTO, 1991, pp. 68 e 69).

[21] A fotografia transcendente foi também conhecida como "*fotografia espírita*", "*fotografia psíquica*" e "*fotografia fluídica*".

corpo inteiro ou não, como flores,[22] objetos, animais, formas-pensamentos, os quais, embora a possibilidade de impressionarem, via ectoplasma, a placa ou o filme sensível, são *invisíveis* ao olho humano, nenhum efeito produzindo, pois, sobre a retina.

A fotografia transcendente apresenta a notável particularidade de poder ser obtida, até, na mais completa escuridão, como mostram as experiências de renomados pesquisadores, evidenciando que as radiações emanam das próprias figuras, ou seja, que não se trata de luz refletida. (Trata-se, aliás, de fato que guarda semelhança com os registros que se faz em astronomia, em que a fotografia é capaz de revelar a existência de estrelas invisíveis aos observadores).

Outra importante característica diz com a possibilidade de ser ela obtida sem o uso de qualquer máquina, bastando a existência das placas ou filmes virgens e os necessários recursos ectoplásmicos.[23]

Anote-se, a propósito, que embora a fotografia transcendente, em si, dispense o uso de qualquer máquina, não é raro aparecerem nas fotografias comuns imagens de Espíritos, objetos, etc., inteiros ou não, ao lado das pessoas ou materializações fotografadas, que não pareciam visíveis aos olhos físicos. É o que se poderia chamar de *fotografia mista*.

---

[22] A fotografia de flores chega a revelar aspectos surpreendentes. Fotografando um botão de rosa, F. M. Melton constatou que aparecia na fotografia as pétalas de uma rosa e quando a flor se abriu, verificou que a foto havia mostrado exatamente as mesmas pétalas, até mesmo, quanto ao número! (Cf. **BOZZANO, Ernesto. "Pensamento e Vontade"**. 8ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1991, pp. 131 e 132). Esse e outros fatos mostram bem a existência, já no reino vegetal, de uma *protoestrutura* sustentadora do desenvolvimento celular.

[23] Há registros de que fotografias chegaram a ser obtidas diretamente "sobre o papel em branco, luvas de pelica, lenços e peças de vestuário", como, por exemplo, acontecia com a médium inglesa Ada Lee, segundo documentos publicados pela revista "***The Greater World***" – O Mundo Maior. ("**Tribuna Espírita**", Natal, RN, abril-maio, 1997, e "**Goiás Espírita**", Goiânia, GO, julho-setembro,



Fotografia Transcendente (I)
Fotografia de Kingsley Doyle, jovem médica desencarnada, vítima da gripe espanhola, ao lado de seu pai, Arthur Conan Doyle.
("***Revue Spirite***", nº 24, 1995).

1997, p. 29).

Embora tal processo guarde semelhança com o da escrita direta, não deixa de apresentar, por sua peculiaridade, aspectos especialmente significativos.

As primeiras fotografias transcendentes conhecidas devem-se a William H. Mumler, que operava em Boston, Estados Unidos, e teriam surgido em 1861.

Arthur Conan DOYLE descreve assim o notável evento:

"Mumler, que trabalhava como gravador numa das principais joalherias de Boston, não era espírita nem fotógrafo profissional. Em horas de folga, quando tentava tirar fotografias de si mesmo, no atelier de um amigo, obteve numa chapa o contorno de uma outra figura. O método que empregava era focalizar uma cadeira vazia e, depois de descobrir a objetiva, alcançar a cadeira escolhida e aí ficar durante o tempo necessário à exposição. Nas costas da fotografia Mr. Mumler tinha escrito:

'Esta fotografia foi feita por mim mesmo, de mim mesmo, num domingo, quando não havia viva alma na sala – por assim dizer. A forma à minha direita reconheço como minha prima, morta há doze anos.

W. H. MUMLER'

A forma é de uma mocinha, que aparece sentada na cadeira. A cadeira é vista com nitidez através do corpo e dos braços, como também a mesa na qual ela apóia o braço. Abaixo do peito, diz um relato contemporâneo, a forma (que parece usar um vestido decotado e sem mangas) se desagrega num tênue vapor, como simples nuvem na parte inferior do retrato. É interessante notar pormenores nessa primeira fotografia espírita, que se repetiram muitas vezes nas que foram obtidas posteriormente por outros operadores.

Logo correu a notícia do que havia acontecido a Mumler e ele foi assediado por pedidos de sessões. A princípio recusou-se, mas finalmente concordou e quando, posteriormente, outros 'extras' foram obtidos, e sua fama se espalhou, foi então compelido a abandonar o seu negócio e a dedicar-se a esse novo trabalho." (**DOYLE, Arthur Conan. "História do Es-**

piritismo". São Paulo: PENSAMENTO, 1995, pp. 362 e 363: Cap. XIX. Trad. Júlio Abreu Filho).

As fotografias de Mumler chegaram logo à Inglaterra e França, atraindo a atenção tanto de curiosos, como dos mais respeitáveis pesquisadores, até mesmo de, KARDEC.[24]

Hermínio C. MIRANDA, no resumo que fez da obra de Madame LEYMARIE, "*Procès des Spirites*", reportando-se a esse momento em França, escreve:

> "*No início da década de 70, no século XIX, começaram a surgir em Paris as chamadas 'fotografias espíritas', ou seja, retratos de pessoas encarnadas, junto às quais apareciam, mais nítidos ou menos nítidos, seres desencarnados. Eram obtidas nos Estados Unidos, bem como na Inglaterra, e por essa pesquisa interessou-se pessoalmente o eminente cientista Sir William Crookes.*
>
> *As fotos despertaram grande interesse da parte do público, e a Revue Spirite, a essa altura sob a gerência de Pierre-Gaëtan Leymarie, passou a importá-las para atender às inúmeras solicitações dos seus assinantes.*
>
> *Os originais, obtidos pelo fotógrafo americano Mumler, eram vendidos ao preço de 1 franco e 25 cêntimos.*" (**MIRANDA, Hermínio C. "Processo dos Espíritas – Resumo da Memória Escrita por Mme. Marina Leymarie**". 2ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1977, p. 32).

Na Inglaterra, onde esse tipo de fotografia foi especialmente estudado, o primeiro registro foi feito por Frederick A. Hudson,

---

[24] "Photographie des Esprits", "***Revue Spirite***", maio, 1863, p. 92.
O relato completo das experiências de Mumler, desencarnado em 1884, constam de seu livro "*Personal Experiences of William H. Mumler in Spirit Photography*" (Experiências Pessoais de William H. Mumler com Fotografia de Espírito), documentário dos mais valiosos, publicado em Boston, 1875.



Fotografia Transcendente (II)
Foto de M. Moses Down com sua amiga desencarnada, Mabel Warren. (Em "***Les Apparitions Matérialisées des Vivants & des Morts***", G. Delanne, T. II).

em 1872. Os trabalhos desse médium tiveram grande repercussão entre os intelectuais ingleses, atraindo, também, nomes famosos da ciência, como Alfred Russel WALLACE, que viu o Espírito de sua mãe nitidamente fotografado.

Nome importante, também, é o de Richard Boursnell, que, segundo consta, já obtinha retratos de mãos e rostos em 1851. Tantos foram seus êxitos que, segundo Conan DOYLE, "os espíritas de Londres presentearam esse médium com uma bolsa de ouro e um documento assinado por mais de cem espíritas notáveis", ocasião em que "as paredes das salas da Sociedade de Psicologia, em George Street, Portman Square, estavam cobertas por trezentas fotografias escolhidas de Espíritos, feitas por Boursnell." ("**História do Espiritismo**", ed. PENSAMENTO, 1995, cit., p. 369).

Vários outros pesquisadores marcam a história da fotografia transcendente na Inglaterra, podendo ser citados, entre eles, além de Stainton Moses, que publicou valioso trabalho a respeito ("Fotografia de Espíritos"), Edward Wyllie (conhecido como *médium-fotógrafo*), David Duguid, William Hope, M. J. Vearcombe, que, com Fred Barlow, obteve, ainda, "mensagens escritas em condições de testes, em chapas que não haviam sido expostas na máquina" (**op. cit.**, p. 374), etc.[25]

[25] "Os fotógrafos preparavam suas próprias chapas, desde o corte do vidro, com diamante, até a fase de acabamento da foto. O vidro era cuidadosamente limpo, usualmente com um pano ou um pouco de algodão embebido em álcool. Em seguida, cobria-se a sua superfície com fina camada de uma substância coloidal, à qual aderia o sal de prata contido num banho em que era mergulhada a chapa. Daí, a chapa ia para o chassi da máquina, com os cuidados necessários para não receber qualquer exposição à luz. As lâminas de vidro poderiam ser reutilizadas, após a limpeza acima referida. A revelação e a fixação seguiam basicamente o mesmo procedimento atual, embora se disponha, hoje, de produtos químicos muito mais sofisticados." (**MIRANDA, Hermínio C. "Processo dos Espíritas"**. 2ª ed., FEB, 1977, cit., p. 33).

A fotografia transcendente, hoje conhecida em quase todo o mundo, também faz parte do repertório brasileiro de fenômenos de efeitos físicos.[26]

Ao lado da materialização e do desdobramento visível, sujeitos à fotografação comum, a fotografia transcendente comparece como prova inequívoca,[27] não só da sobrevivência do Espírito, como da própria existência do perispírito.

Com efeito, o retrato de um Espírito, mostrando-o de corpo inteiro, ou não, só é possível porque o ectoplasma capaz de impressionar a chapa ou o filme – ainda que tão tênue que não chegue a ser percebido pelos olhos comuns – aglutina-se, sob a ação mental, junto ao seu psicossoma, tomando a forma do corpo com detalhes tão nítidos que o tornam imediatamente identificável.

Obviamente, se não houvesse o perispírito, inexistiria o molde a sustentar a formação ectoplásmica capaz de impressionar uma chapa ou um filme, reconhecível como um rosto, ou um corpo.[28] (Formas-pensamentos podem surgir como configurações passíveis de serem fotografadas, também. Todavia, em se tratan-

---

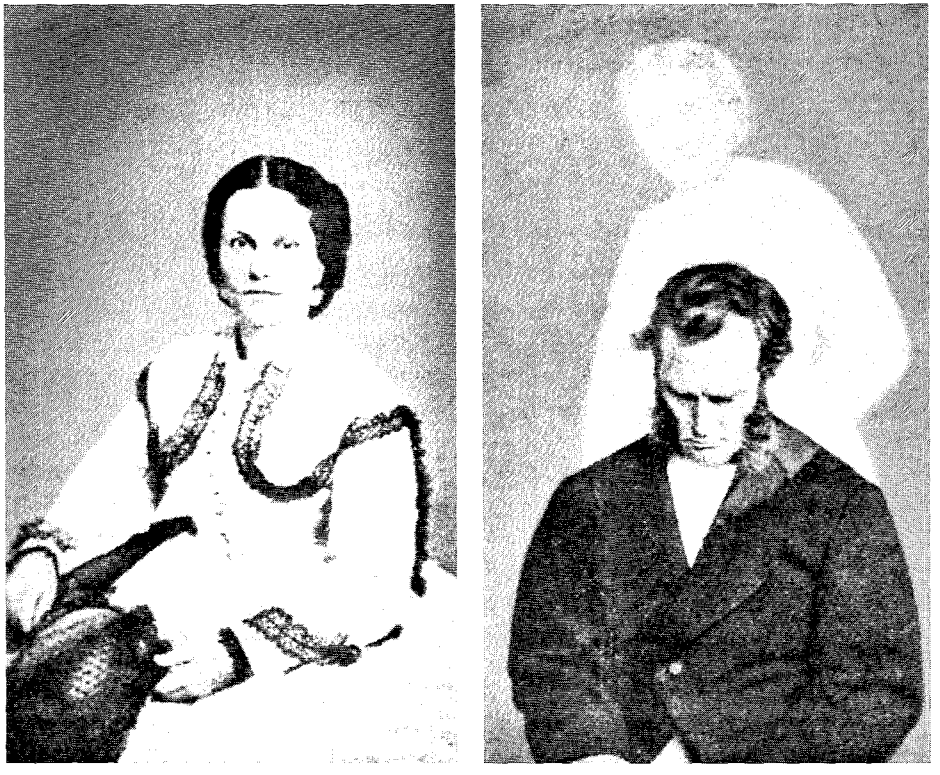
[26] O Prof. Guimarães ANDRADE chegou a compor um projeto com vistas à construção de uma "*Câmara Espiritoscópica*", para a obtenção comum da fotografia transcendente. (**ANDRADE, Hernani Guimarães. "Novos Rumos à Experimentação Científica"**. São Paulo, 1960, ed. cit., pp. 143 e segs.: Cap. V).

[27] Esse método de registro da existência espiritual é tão notável quanto se sabe que os retratos de Espíritos não só surgem em placas fotográficas contidas em caixas *fechadas*, ou em filmes virgens, como, também, quando em operação duas ou mais máquinas, somente por meio de uma delas.

[28] A história da fotografia transcendente contém relatos surpreendentes, até, demonstrando a existência do perispírito. BOZZANO, por exemplo, cita um caso, rigorosamente comprovado e divulgado pela imprensa especializada, de *fotografia do braço fluídico de um amputado*, feita por Alphonse Bouvier, pesquisador francês, muito conhecido pelas numerosas curas magnéticas que então realizava. (V. **BOZZANO, Ernesto. "Fenômenos de Bilocação – Desdobramento"**. 3ª ed., CORREIO FRATERNO, 1990, cit., pp. 26 e 27).

do de formas-pensamentos que dizem com o corpo humano, apresentam-se quase sempre com rara consistência, pobres em detalhes e, seguidamente, disformes, justamente porque representam meras criações mentais, sem o suporte de um molde preciso e sustentador como é o perispírito, que garante a estabilidade e a autonomia da formação ectoplásmica).

* *



Fotografia Transcendente (III)
Foto de M. Bromson Murray e de Mme. Bonner (Espírito). O retrato de Mme. Bonner, quando encarnada, à esquerda, mostra claramente a semelhança com a sua forma perispirítica captada na foto da direita. (Publicada por Aksakof em "***Animisme e Espiritisme***" e reproduzida por G. Delanne, em "***Les Apparitions Matérialisées...***", T. II, p. 71).

TRANSFOTO

Tão ou mais importante que a fotografia transcendente é a chamada *transfoto*, obtida através dos processos que marcam a atualíssima Transcomunicação Instrumental, de resultados reconhecidamente muito promissores.

A Transcomunicação Instrumental – TCI, diz respeito, segundo Sonia RINALDI, a "todos os contatos entre o nosso plano e outros níveis de existência, através de meios técnicos."

Segundo essa autora – pioneira no Brasil, com Hernani Guimarães ANDRADE, no estudo e divulgação desse novo processo de contato com a dimensão espiritual –, na atualidade isso acontece por meio de gravador, rádio, tevê, secretária eletrônica, computador, fax, telefone e, mais recentemente, por *tevê-fone*, "uma nova composição de aparelhos, em que a entidade aparece num monitor de tevê e fala simultaneamente pelo telefone", fato esse, bem documentado e que "possibilita um vasto campo de pesquisa." (**RINALDI, Sonia**. "**Transcomunicação Instrumental – Contatos com o Além por Vias Técnicas**". 2ª ed., São Paulo: FE Editora Jornalística, 1997, p. 4).

A TCI surgiu e consolidou-se graças, principalmente, aos esforços do sueco Friedrich JUERGENSON (1903-1987) e de Konstantine RAUDIVE (1909-1974), filósofo, psicólogo e escritor letão, que acabou fixando residência na Alemanha, depois de ter trabalhado na Universidade de Upsala, Suécia.

JUERGENSON começou a publicar suas pesquisas em 1964 ("*Les Voix de l'Univers*").[29] RAUDIVE, com as informações so-

[29] O trabalho de JUERGENSON, com a gravação de vozes dos Espíritos, não só foi reconhecido pelo mundo científico, como pela própria Igreja. (Em 1969, JUERGENSON recebeu das mãos do Papa Paulo VI a Comenda da Ordem de S. Gregório, "pelo reconhecimento da autenticidade das vozes". – Cf. **NUNES, Clóvis S. "Transcomunicação"**. 2ª ed., Sobradinho: EDICEL, 1990, p. 41).

bre os trabalhos de JUERGENSON e aperfeiçoando sua técnica com o físico suíço Alex SCHNEIDER, desenvolveu uma extensa pesquisa, que resultou no registro de 72.000 frases proferidas nas mais diversas línguas, captadas pelo sistema de gravação em fita magnética (EVP), as quais, vertidas para o alemão, resultaram na obra – hoje considerada clássica – "*Unhörbares Wird Hörbar*" (O Inaudível Torna-se Audível), traduzida para o inglês (N. York: Taplinger, 1971) com o título "*Breakthrough*" (Ruptura).

As imagens do Além, via televisão, foram primeiramente captadas por Klaus SCHREIBER, desencarnado na Alemanha, em janeiro de 1988. Este processo ficou conhecido como *Vidicom*.[30]

---

[30] Escrevia a notável médium Yvonne A. PEREIRA, em 1963: "No ano de 1915, no correr de memorável sessão a que assistiram nossos pais, em seu próprio domicílio, na cidade de São João Del-Rei, em Minas Gerais, e na qual servia o médium Silvestre Lobato, já falecido – o melhor médium de incorporação por nós conhecido até hoje –, o Espírito do Dr. Bezerra de Menezes anunciou o advento do Rádio e da Televisão, asseverando que este último invento (ou descoberta) facultaria ao homem, mais tarde, captar panoramas e detalhes da própria vida no Mundo Invisível, antecipando, assim, que a Ciência, mais do que a própria Religião, levaria os espíritos muito positivos a admitir o mundo dos Espíritos, encaminhando-os para Deus. A revelação foi rejeitada pelos componentes da mesa. O médium viu-se acoimado de invigilante, convidado a orar e vigiar, e o Espírito comunicante 'doutrinado' como mistificador e perturbador da ordem e do bom senso. No entanto, parte da profecia já foi cumprida. E não será difícil que a segunda parte o seja também, quando o homem se tornar merecedor da graça de entrever o Além-Túmulo através do seu aparelho televisor..." (**PEREIRA, Yvonne A. "Devassando o Invisível"**. 8ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1991, pp. 177 e 178: Cap. VIII).

Em 1943, CORNÉLIO PIRES, Espírito, em sua obra "**Coisas D'Outro Mundo**", anunciava que "dentro de pouco tempo, veremos num aparelho provido de lentes e espelhos ou tela, os nossos entes queridos que deixaram a Terra e com eles conversaremos..." (Cf. **RINALDI, Sonia. "Transcomunicação Instrumental..."** 2ª ed., FE, cit., p. 90). CORNÉLIO PIRES, aliás, quando ainda encarnado, por volta de 1930, chegou a iniciar a construção "de um dispositivo eletrônico destinado à comunicação espírita", tendo desistido devido às "várias dificuldades de ordem técnica, bem como críticas desfavoráveis de alguns companheiros espíritas". (Cf. **ANDRADE, Hernani Guimarães. "A Transcomunicação através dos Tempos"**. São Paulo: FE Ed. Jornalística, 1997, p. 217).

Seus contatos iniciais com os experimentos em TCI ocorreram em 1982. Entusiasmado, passou a dedicar-se a captações de vozes dos Espíritos por meio de gravador. "Com a vida devassada pela morte de quase todos os seus entes queridos, pois perdera pai, mãe, a primeira esposa, o casal de filhos e, por fim, a segunda esposa" – escreve Sonia RINALDI –, "foi buscar conforto no intercâmbio com eles, pelo modesto gravador. Sua filha Karin logo tornou-se o elo entre ele e o Plano Espiritual." (**Op. cit.**, p. 90).

Em 1984, Schreiber recebeu a notícia de que imagens dos Espíritos e do mundo espiritual poderiam ser mostradas na tela da TV. Os acontecimentos que se seguiram marcam, talvez, "a maior descoberta do século", no dizer de Rainer HOLBE, autor de "*Bilder Aus dem Reich der Toten*" (Imagens do Reino dos Mortos – Knaur, Alemanha, 1987). Theo LOCHER e Maggy HARSCH, assim os descrevem:

> "*Dois anos depois das primeiras gravações, ele recebeu a notícia: Viremos através da televisão.* (...) *Desde então, Sch. passava noites diante da TV, na esperança de receber imagens dos seus entes do Além, em transmissões contínuas. Segundo a indicação de Karin:* (...) *ele adquiriu um aparelho de vídeo e uma câmara. Filmou em vão o seu laboratório, esperando com isso tornar visíveis os seus parentes falecidos. Quando filmou a tela brilhante da TV, com a câmara, obteve, devido ao reflexo, cópias em seqüência da tela, cada vez menores, formando um longo corredor. Conseguiu um mundo artístico estranho ao alterar a direção da filmagem e ativar o* zoom. *Todavia, essas experiências foram todas inúteis. Nas gravações ele ouvia: 'Klaus, viremos na televisão, canal livre.' Por outro lado, filmou com a câmara, seguindo recomendações dos seres do Além, um programa de televisão. Num lugar observou leves alterações das imagens. Na observação de imagens individuais, viu como uma entidade do Além se movimentava em cinco ou seis dessas imagens, fazendo mímicas, sorrindo ou aparentemente cumprimentando. Assim ele teria visto Karin erguer a mão direita.*

Nesse momento, ela teria dito: 'Papai, está me vendo? Estou aqui.' Isso ocorreu paralelamente à recepção normal do programa de TV. Sch. recebeu a indicação: 'Não venho em cores, mas em preto-e-branco.' Desse modo, os contornos do filme de vídeo ficaram mais nítidos. 'Pare a imagem', aconselharam-no do Além. Foi então que Sch. comprou um segundo aparelho de vídeo para poder deixar que um mesmo ponto da fita reaparecesse sucessivamente. E dessa forma foi aberto esse novo campo. A figura de uma mulher parecia ser Karin, vestida de blusa escura e saia branca, a cabeça levemente inclinada. Sch. chorou quando viu a filha." (**LOCHER, Theo. HARSCH, Maggy. "Transcomunicação – A Comunicação com o Além por Meios Técnicos"**. 10ª ed., São Paulo: PENSAMENTO, 1997, pp. 77 e 78. Trad. Harry Meredig).

A seguir, Klaus Schreiber, contando com a assistência técnica de Martin Wenzel, dedicando-se inteiramente à obtenção de imagens de desencarnados, com apoio em sistemas opticoeletrônicos retroalimentados, conseguia várias identificações positivas (em muitos casos, também com os recursos de audiocomunicação), até mesmo, de personalidades como o rei Ludwig II da Baviera ou os artistas Curd Juergens e Romy Schneider, entre outros.

Essas pesquisas de *transvídeo*, após a desencarnação de Schreiber, foram continuadas por Wenzel, com novos e sensíveis sucessos. Ultimamente, o processo aperfeiçoou-se e as imagens já chegam via computador, avanço significativo que permite percebê-las sem distorções, como, às vezes, acontece nas captações por tevê. (E entre os técnicos que desenvolveram esse novo padrão de contato, consta que, hoje, também opera Klaus Schreiber, Espírito).

* *

A Transfoto, indubitavelmente, surge como uma das provas mais firmes e inquestionáveis da sobrevivência do Espírito. As imagens só se organizam e surgem – apresentando-se suscetíveis

de serem fotografadas ou impressas – porque, obviamente, existe a estrutura perispirítica, propiciando o aparecimento na tela de todos os sinais identificadores da personalidade que se comunica.



Transfoto
Klaus Schreiber, eminente pesquisador alemão da TCI. Na primeira foto, já como Espírito desencarnado. Na segunda, quando encarnado. (De "**Transcomunicação Instrumental**", Sonia Rinaldi. São Paulo: FE EDIT., 1997).

E esse acontecimento é tão importante quanto se sabe dos extraordinários avanços da TCI, a propiciar, brevemente, a universalização – e a popularização – dos processos técnicos de captação do mundo espiritual. Como afirma Hernani G. ANDRADE, a TCI "avança rapidamente e breve estará presente em cada lugar onde exista um aparelho capaz de receber informações e retransmiti-las." (**ANDRADE, Hernani Guimarães. "A Transcomunicação através do Tempo"**. FE EDIT. JORN., 1997, cit., p. 16).

Daí, também, a crescente necessidade de que as obras de Allan KARDEC e demais fontes espíritas sejam conhecidas e estudadas, a fim de que os fenômenos não só possam ser compreendidos, como bem aproveitados, nesse esforço de auto-renovação que impende a cada um realizar, em proveito de sua evolução.

* *

EXTERIORIZAÇÃO DA SENSIBILIDADE

A exteriorização da sensibilidade, a significar a expansão da capacidade perceptiva do ser humano, apresenta-se como um dos capítulos mais surpreendentes e fascinantes, no estudo de sua natureza psíquica.

Respeitáveis pesquisadores – entre eles, Albert de ROCHAS D'Aiglun, investigador pioneiro e audaz, e Ernesto BOZZANO, notável metapsiquista italiano – examinaram e documentaram o fenômeno, produzindo provas irrefutáveis de sua ocorrência e enriquecendo os anais científicos com informações sobre fatos cuja explicação inteira só agora começa a surgir.

O cadastro de casos constatados e registrados, atrai, efetivamente, a mais viva certeza. O famoso pesquisador francês, Emil BOIRAC (autor de "*L'Avenir des Sciences Psychiques*", Paris, 1917, e "*La Psychologie Inconnue*", Paris, 1915, obra premiada pela Academia Francesa de Ciências), por exemplo, publica singular experiência, relatada por amigo seu, igualmente professor, e acontecida com um sujeito hipnotizado, em cujas mãos foi colocado um copo com água:

> "*Fiz trazer um copo, com água até a metade e, sem comunicar a ninguém a minha intenção, pu-lo entre as mãos do sensitivo, previamente adormecido* (...). *Entretanto, ao cabo de dois ou três minutos, retirei o copo, afastei-me três ou quatro metros e bruscamente mergulhei os dedos na água. Instantaneamente o sensitivo, que se mantinha de pé, com os olhos fechados, estremeceu, como se atingido por uma descarga elétrica. Interrogado, respondeu-me que eu acabava de o ferir na mão, e indicou aquela que tinha posto em cima do copo. Mexi a água entre os meus dedos; logo ele se pôs a gritar que lhe doía, que eu lhe torcia a mão e imitava na mão o gesto que eu acabara de fazer na água. Os mesmos fenômenos, quando me colocava a três ou quatro metros, às suas costas.*"

Com outro sujeito, relata Emil BOIRAC experiência que presenciou e na qual o toque na água produzia outro tipo de reflexo:

> " (...) *Foi ainda no epigastro que sentiu uma picada feita na água e que percebeu as vibrações de um relógio posto em cima do copo. Movimentos giratórios imprimidos no líquido lhe faziam, dizia ele, girar o coração.*" (Cf. **DE ROCHAS, Albert.** "***L'Exteriorisation de la Sensibilité***". Paris, 1899, CHAMUEL ÉDITEUR. Edição brasileira: "**Feitiçaria – Exteriorização da Sensibilidade**". São Paulo: EDICEL, 1971, pp. 189 e 190).

Dedicando-se durante cerca de vinte anos a pesquisas relacionadas com a natureza espiritual do ser humano, DE ROCHAS (Eugène Auguste Albert de ROCHAS D'Aiglun, 1837-1914), operando com os mais diversos sensitivos, construiu um acervo especial de comprovações experimentais da possibilidade de exteriorização da sensibilidade perispirítica.

Em uma de suas obras clássicas ("*Les Vies Successives*"), o notável investigador francês faz valiosa referência ao sensitivo Laurent (julho, 1893), o qual, depois de se submeter a esse tipo de experiências, e ainda que levantasse dúvidas sobre as causas das sensações que experimentava, consigna a seguinte anotação em seu diário:

> "*Estou acordado.*
>
> *O senhor de R. dá-me passes ao longo do braço e da mão esquerda; pouco a pouco sinto que o braço se põe rígido. Vejo o senhor R. que me belisca na pele da mão, tão fortemente, que ficam as unhas marcadas; apesar disso, não sinto qualquer dor. Então o senhor R. vai afastando a pouco e pouco a sua mão da minha, e fazendo gestos de beliscar. A certa distância, sinto logo nas costas da mão um beliscão bastante forte. O senhor R. continua afastando as mãos procurando distanciar-se cada vez mais para que eu sinta segundo beliscão, que se torna muito mais fraco do que o primeiro. O*

senhor R. continua a afastar-se.

A uma distância maior que as anteriores, o beliscão que ele dá no espaço repercute de novo nas minhas mãos, porém, com uma sensação mais fraca. Na proporção em que a distância aumenta, os atritos vão enfraquecendo até nada sentir." (DE ROCHAS, A. "***Les Vies Successives***". 12ª ed., Paris: CHACORNAC FRÈRES, 1924, p. 42).

Fatos como esses e outros, envolvendo sujeitos e processos os mais diversos, constam testemunhados e cientificamente comprovados por pessoas da mais absoluta idoneidade moral (V. Cap. II, p. 49, "Sensibilidade Global").

Saliente-se que os fenômenos de exteriorização da sensibilidade não se confundem com os que acontecem na projeção da aura – visível, hoje, por meio da kirliangrafia.

Efetivamente, se o método inaugurado pelo casal Kirlian, da então União Soviética, possibilita o registro da aura do corpo humano, de modo que se possam observar as nuanças vibratórias que caracterizam, na ocasião do fato, determinado estado do sujeito ou objeto fotografado, servindo, assim, de apoio às pesquisas que se fazem em efluviografia, a exteriorização da sensibilidade diz diretamente com a possibilidade de *expansão do próprio perispírito*, o que não acontece no caso anterior.

Assim, enquanto a projeção energética que a kirlianfoto registra diz, meramente, com a aura (uma espécie de "*efeito corona* das radiações bioenergéticas, mesmo no caso das pontas dos dedos", segundo IMBASSAHY),[31] a exteriorização da sensibilidade relaciona-se com a ampliação das possibilidades perceptivas do Espírito, por meio da expansão psicossômica. Daí, a sua im-

[31] V. **IMBASSAHY, Carlos de Brito. "A Bioenergia no Campo do Espírito"**. São Paulo: MNÊMIO TÚLIO, 1997, p. 107.

portância no estudo do perispírito, porque não só prova sua existência, como uma de suas extraordinárias propriedades, que é a *expansibilidade*, já vista.

* *

SENSAÇÃO DE INTEGRIDADE

Entre as provas subjetivas da existência do perispírito, avulta em importância a chamada *sensação de integridade*, muito comum nos casos de amputação ou mutilação.

Trata-se, aliás, de um fenômeno bem conhecido de médicos e fisiologistas: amputados de um braço ou de uma perna experimentam a sensação nítida de ainda possuírem a parte do membro que lhes falta e com a impressão de que podem movê-lo...

Ocorrem nessas situações, também, fatos notáveis em que as explicações meramente neurofisiológicas ou psicológicas comparecem insuficientes ou inúteis, como, por exemplo, a dor de queimadura que um mutilado pode experimentar quando uma chama é aproximada do espaço que seria ocupado pelo membro ausente, *estando ele de olhos vendados*!

A esse respeito, são muitas, também, as experiências relatadas. Ernesto BOZZANO, por exemplo, descreve um episódio bem significativo comunicado à "*La Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*", pelo Comandante Darget:

> "*Estando de visita a Véretz (Indreet-Loire), vi um moço maneta (braço direito), chamado Sicos, passar diante de casa. Alguns dias após encontrei-me com a mãe dele que me relatou o acidente de seu filho, cujo braço fora esmagado por uma engrenagem.*
>
> *O que de mais estranho há, disse-me ela, é que meu filho sente a presença de seu braço que falta, cujos dedos,*

afirma, pode mover à vontade.

Eu lhe disse então: 'Diga a seu filho que ele estenda seu braço faltante sobre a chama de uma vela, de modo que a chama o percorra desde o ombro até a ponta dos dedos e talvez ele venha a sentir a queimadura.'

Dois dias após, ouvi o moço chamar-me na rua para me dizer o seguinte: 'Ah!, o senhor me pregou uma boa peça e me fez queimar os dedos.'

Então me explicou que estendera seu braço ***ausente*** *sobre a chama da vela, fazendo com que ela o percorresse até a ponta dos dedos, e que, somente eles, haviam sentido a queimadura, ao passo que o braço nada experimentara.*

Ainda me disse que podia torcer o braço ***ausente*** *à vontade, mas não completamente e só em ângulo reto, cuja figura me fez com o braço existente.*

Fui então à sua casa, vendei-lhe os olhos e, agindo sobre o seu braço, ora percorrendo-o com a chama de uma vela, ora passando sobre ele a minha mão, convenci-me de que me havia dito a verdade.

Bem sei que a medicina já observou casos semelhantes, mas os atribuiu a uma causa diversa da presença do perispírito, no qual ela não acredita..."

Observa BOZZANO que essa narração "foi subscrita pelo próprio mutilado, Fernando Sicos, com a assinatura reconhecida pelo secretário da Prefeitura, Sr. Gaucher, que lhe apôs o selo da repartição." (**BOZZANO, Ernesto. "Fenômenos de Bilocação – Desdobramento"**. 3ª ed., S. B. do Campo: CORREIO FRATERNO, 1990, cit., pp. 25 e 26).

Essa sensação de integridade é também observável em outros casos, como em certos doentes hemiplégicos e em pessoas nascidas com um membro mais curto. William JAMES (1842-1910), o notável psicólogo norte-americano, relata, a propósito:

> *"Certa mocinha de 15 anos e um homem de 40, os quais só tinham u'a mão normal, sendo que a outra apresentava, em lugar de dedos, ligeiras proeminências carnudas, sem ossos, nem músculos, tinham a sensação precisa de dobrar os dedos inexistentes todas as vezes que dobravam o coto informe. Paralelamente, pessoas nascidas com um braço mais curto do que o outro asseguravam que, a julgar pelas sensações experimentadas, o comprimento do membro atrofiado não lhe parecia mais curto do que o outro. Um aleijado, ao qual faltava quase todo o antebraço, de sorte que a mão atrofiada parecia ligar-se diretamente ao cotovelo, tinha a sensação de possuir um braço normal, cujo comprimento em nada era inferior ao outro braço."* (*"**Proceedings of the American S. P. R.**"*, 1885-89. Cf. **BOZZANO, Ernesto. Op. cit.**, p. 23).

Evidentemente, a neurofisiologia oferece, em boa parte dos casos, explicações que merecem toda a atenção, sabendo-se que à Ciência cumpre esclarecer, buscando as causas através de investigações quase sempre muito árduas. Todavia, é preciso bem discernir, uma vez que numerosos casos há, em que as hipóteses formuladas pelos cientistas que não vêem além do véu dos neurônios materiais, simplesmente, não condizem com a realidade. E se podem explicar um aspecto do fenômeno, não o conseguem em relação a outro. (Haja vista, por exemplo, o que acontece com os hemiplégicos, cujas sensações subjetivas podem apresentar-se suscetíveis de serem, até, plausivelmente interpretadas à luz da neurofisiologia, mas, ao se amplificarem, se presentes as necessárias condições, já indicam claramente a existência de um corpo espiritual íntegro, a refletir-se no sistema nervoso e a construir a impressão de que o corpo físico não apresenta qualquer anormalidade fisiológica...).

De qualquer forma, o significativo repertório de casos comprovados por pesquisadores de ilibada reputação, autoriza sejam esses fenômenos ligados à sensação de integridade (sensação de

presença dos chamados membros fantasmas) arrolados, com o devido cuidado, entre os meios de demonstração científica da existência do perispírito.[32]

PERCEPÇÕES EXTRACORPÓREAS

Percepções extracorpóreas são as percepções que certos sujeitos conseguem obter, estando fora do corpo físico. Referem-se, especialmente, aos casos de desprendimento e de desdobramento.

Se as ocorrências de duplicação corpórea visível servem como prova objetiva da existência do perispírito – uma vez que, como visto, só são possíveis devido ao suporte que este oferece à aparição –, as que dizem com a possibilidade do sujeito ver ou sentir o que se passa na dimensão espiritual, durante o desprendimento ou desdobramento, já podem ser aceitas como uma prova subjetiva.

Com efeito, nesses processos em que se verifica a *emancipação do Espírito*, como escreve KARDEC, este, em "estado de independência", tem a sua percepção significativamente ampliada, e ao descreverem seus contatos e impressões, são muito cla-

---

[32] Um tipo de ocorrência há, que, de certa forma, não deixa de guardar relação com esse tema e que só pode ser explicada à luz do Espiritismo: a extirpação de segmentos do cérebro sem que a mente seja afetada. Numerosas constatações são citadas em todo o mundo. Entre elas, por exemplo, as realizadas pelo famoso neurocirurgião canadense, Dr. Wilder Penfield, da McGill University, de Montreal, que, depois de extirpar maciços segmentos cerebrais e verificar que a mente continuava a funcionar normalmente, "sem qualquer distúrbio da consciência", declarava: "Talvez precisemos visualizar sempre um elemento espiritual... uma essência espiritual capaz de controlar o mecanismo. A máquina jamais explicará cabalmente o homem, nem os mecanismos explicarão a natureza do espírito." (**SMITH, Susy. "*Out of Body Travel*". N. York: GARRET, 1965. Conf. OSTRANDER, S. SCHROEDER, L. "Experiências Psíquicas além da Cortina de Ferro". S. Paulo: CULTRIX, 1974, p. 234).

ros na identificação dos Espíritos e lugares, não deixando dúvidas sobre as características que marcam os personagens espirituais que vêem – às vezes, em pontos bem distantes – e que, até, chegam a intermediar, como acontece, por exemplo, com os sonâmbulos-médiuns, que até servem aos médicos desencarnados, em suas prescrições.[33]

Essa percepção nítida dos Espíritos, presente em experiências que se registram continuamente, em todos os lugares, comprova, também, a existência do corpo espiritual, instrumento de presença e comunicação, sem o qual nenhum Espírito pode perceber ou ser percebido.

VIDÊNCIA

A vidência comparece como uma faculdade especialmente propícia à comprovação da realidade do Espírito, não só por ser muito comum, entre médiuns espíritas e não-espíritas, como, em casos de sensibilidade mais avançada, ensejar percepções e relatos claros e minuciosos.[34]

---

[33] A respeito, anota KARDEC: "Mostra a experiência que os sonâmbulos também recebem comunicações de outros Espíritos, que lhes transmitem o que devam dizer e suprem à incapacidade que denotam. Isto se verifica principalmente nas prescrições médicas. O Espírito do sonâmbulo vê o mal, outro lhe indica o remédio. Essa dupla ação é às vezes patente e se revela, além disso, por estas expressões muito freqüentes: *dizem-me* que diga, ou *proíbem-me* que diga tal coisa." ("**O Livro dos Espíritos**". 75ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, cit., nota ao item 431).

[34] Distinguem-se perfeitamente os fenômenos de *vidência* dos de *clarividência*, uma vez que estes últimos já dizem mais com as potencialidades do *superconsciente*. Observe-se, aliás, que, normalmente, a clarividência – vidência precognitiva – ocorre simultaneamente com a *clariaudiência*, também relacionada com as dimensões superiores da consciência. (Já a vidência retrocognitiva – acompanhada, ou não, da audiência –, percepção de imagens relacionadas com o passado de determinadas pessoas, encarnadas ou desencarnadas – comum, aliás, no

Tais relatos, coincidentes entre si, em todos os lugares e em quase todos os tempos, mostram que os Espíritos se apresentam como se encarnados estivessem, com todas suas características físicas e psicológicas, de modo a não deixarem dúvida sobre sua identidade. E isso, obviamente, só se verifica porque existe o perispírito a plasmar formas ou aparências, possibilitando a interação da alma com o meio que diz com sua condição evolutiva.

A percepção que a vidência propicia guarda muita semelhança com a que acontece em estado de desprendimento ou desdobramento, mesmo porque o processo apresenta claras linhas de identidade. O sinal diferencial, todavia, está no fato de que embora na vidência comum verifique-se, de ordinário, um leve tipo de desprendimento, não é preciso que o médium (e assim o é, porque, descrevendo o mundo espiritual, não deixa de fazer o papel de intermediário entre os dois planos de vida) chegue, propriamente, ao estado de transe como acontece nos casos de efetivo desprendimento e de desdobramento consciente.

Importante é que se tratem de valiosas vias de acesso e intercomunicação com o mundo espiritual, servindo bem à demonstração da existência do psicossoma, impondo-se, ainda, conside-

---

processo de psicografia de romances mediúnicos, ou na fase que o precede –, pode ser tecnicamente aceita como simples fenômeno de vidência).

A vidência, propriamente, pode apresentar-se de forma **ativa**, em que o sujeito projeta-se e percebe o mundo espiritual, ou **passiva**, em que recebe a imagem em sua mente, como num processo telepático comum.

A **vidência ativa** pode ocorrer na forma de uma vidência *exterior* (*objetiva*), em que o sensitivo capta a ocorrência espiritual como normalmente percebe qualquer objeto do mundo físico que o rodeia, ou como vidência *interior* (*subjetiva*), em que as imagens se sucedem na intimidade da mente, sem a sensação que uma percepção em nível tridimensional pode realmente produzir.

Esse tipo de percepção (vidência *subjetiva*) marca particularmente os fenômenos de **vidência passiva** (em que, aliás, não é incomum – ressalte-se – as imagens significarem apenas projeções do subconsciente ou do subconsciente profundo).

rar que essa percepção dos Espíritos desencarnados pelos encarnados deve-se, afinal, ao contato de perispírito a perispírito, que entre eles realiza.

* * *

VI.

O DUPLO ETÉRICO

O corpo denso organiza-se tendo como fonte modeladora o perispírito, cujas linhas de força servem, depois, à sua sustentação. Já desde os primeiros instantes da reencarnação, o perispírito do reencarnante, como se sabe, passa a servir de suporte ao embrião, que se desenvolve graças, em grande parte, aos recursos oriundos do estoque de energia vital da mãe.

À medida que se desenvolve e se aprimora fisiologicamente, a estrutura corpórea em formação, sob o impulso automático do perispírito do reencarnante, contingentes de energia vital ou bioenergia (também qualificada como *princípio vital*), resultado da ação do corpo espiritual sobre os elementos físicos (EMMANUEL), não só são canalizados à consolidação do novo organismo, como são aglutinados em uma outra estrutura que vai servir de verdadeiro reservatório de vitalidade, necessário, durante a vida física, à reposição de energias gastas ou perdidas. É o chamado *duplo etérico*. (V. Cap. XIII, "Perispírito e Enfermidade").

O duplo etérico parece mais uma duplicação do corpo físico que do perispírito, propriamente, mas como ele se organizaria simultaneamente, aglutinando-se no campo ensejado pelo psicos-

soma, comparece melhor como uma sua extensão ou revestimento, ainda que em caráter provisório – ao menos, em se tratando de Espírito encarnado na Terra. (Os termos *extensão* e *revestimento* são aqui aplicados num sentido didático, pois, em verdade, perispírito, duplo etérico e corpo físico interpenetram-se dinamicamente, distinguindo-se aos olhos dos Espíritos Superiores por sua qualidade energética e densidade).

Com a desencarnação, essa estrutura se desintegra com a própria organização física, perdendo, pois, o perispírito, em grande parte, essa túnica de vitalidade, essencial para o equilíbrio Espírito-corpo.[1]

De feito, segundo se compreende, é através do duplo etérico, com seus recursos vitais disponíveis – catalogados por ANDRÉ LUIZ, em seu conjunto, sob a denominação genérica de "*emanações neuropsíquicas*"[2] –, que os centros de força do perispírito, compondo um complexo sistema de redes de intercomunicação e interação energética, sustentam a organização somática, possibilitando que cada célula física receba da respectiva célula psicossômica, sua matriz anatômica e fisiológica, a energia necessária à sua sustentação. (Isso, aliás, vem, de certa forma, confirmar o sustentado pela tradicional doutrina vitalista, segundo a qual, há um *princípio vivificador* do organismo material, irredutível ao domínio físico-químico). Daí, a importância fundamental do duplo etérico na conservação da vida orgânica. "O equilíbrio fisio-

---

[1] No ato da desencarnação, segundo inúmeras constatações concordantes entre si, o duplo etérico, ao se desprender do corpo, pode, às vezes, ficar próximo a este ou pairar no ambiente, por algum tempo, até mesmo depois do sepultamento, até que, ocorrido o desligamento definitivo, sobrevenha a sua desintegração. O registro de sua presença por pessoas sensíveis, mas despreparadas, tem gerado as mais diversas crendices, o que, aliás, não chega a causar estranheza quando se sabe que até em certos círculos espiritualistas, hipóteses as mais esdrúxulas são formuladas a respeito.

[2] Cf. **XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Nos Domínios da Mediunidade"**. 22ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, cit., p. 99: Cap. 11.

lógico reflete a harmonia que reina no cosmo," – observa Lacerda de AZEVEDO – "e o *corpo etérico* tem por função estabelecer a saúde automaticamente, sem interferência da consciência. Distribuindo as energias vitalizantes pelo corpo físico, ele cuida para que as funções vitais permaneçam equilibradas e o conjunto corporal conserve seu equilíbrio harmônico. Promove, assim, as cicatrizações de ferimentos, a cura de enfermidades localizadas, etc." (**AZEVEDO, José Lacerda de**. "**Espírito-Matéria – Novos Horizontes para a Medicina**". 3ª ed., Porto Alegre, 1990, p. 30. Edição do Autor).

Tudo indica, a propósito, que a carga de energia vital contida no duplo etérico condiciona, basicamente, a maior ou menor longevidade do ser humano, ainda que não possam deixar de ser considerados fatores como a hereditariedade, as diminutas mas efetivas reposições de energia via respiração e alimentação e outros que possam, eventualmente, compor o esquema cármico de cada reencarnação. E como a energia vital ("*neuropsíquica*") que o duplo etérico retém e distribui a todas as células, pela ação dos centros vitais, parece guardar relação com o ectoplasma, pode-se afirmar que a predisposição maior ou menor ao fornecimento deste, para a produção dos diversos efeitos de cura ou, simplesmente, demonstrativos da sobrevivência espiritual, diz com a própria quantidade de energia armazenada pelo duplo etérico. "É bem possível" – escreve Jorge ANDRÉA – "que esse campo energético forneça boa parte do ectoplasma, substância que se completaria com outros elementos da organização física, principalmente o trifosfato de adenosina (ATP) resultante do ciclo bioquímico específico de Krebs. É preciso que se diga que o ectoplasma, para completar a sua estruturação, necessita arrecadar substâncias nos reinos da natureza (mineral, vegetal e animal)". (**ANDRÉA, Jorge**. "**Correlações Espírito-Matéria**". 3ª ed., Rio de Janeiro: LORENZ, 1992, p. 24).

Entende-se, então, que os médiuns curadores, em geral, e os aptos à produção de fenômenos ectoplásmicos particularmente ostensivos, já trazem, em seu duplo etérico, reserva maior de energia.

E se compreende, também, como uma vida na carne pode, eventualmente, ser prolongada, como mostram inúmeros relatos, bem conhecidos, aliás, dos espíritas brasileiros. Em caso de necessidade de prolongamento da vida física, por razões especiais, avaliadas pelos Espíritos Superiores, surge o revigoramento fisiológico, graças a uma suplementação de recursos no duplo etérico da pessoa contemplada com tal benefício. E isso acontece, pelo aproveitamento do ectoplasma fornecido pelas diversas fontes, devidamente preparado pelos Espíritos responsáveis, para que, por processo dos mais complexos, possa servir de eficiente suprimento vital.

Uma estreita relação existe, pois, entre o duplo etérico e o corpo denso. A deficiência de energia em um, repercute diretamente no outro, com nítida queda de vitalidade. E, ao contrário, o revigoramento do primeiro resulta na revitalização do segundo.

O duplo etérico ainda deve ser mais bem estudado, mas há evidências de que sua ação pode ser muito mais ampla do que hoje se admite. Por exemplo, já por constituir, basicamente, um aglomerado de energia *neuropsíquica*, no dizer de ANDRÉ LUIZ, tudo indica que seja de fundamental importância o seu papel nos fenômenos de exteriorização da sensibilidade, como agente condutor de estímulos em direção ao sistema nervoso.

Nessa linha, pode também ser lembrado o fenômeno da insensibilização causada pelos anestésicos químicos ou provocada por meios outros, como os empregados nas cirurgias espirituais, na acupuntura e nos próprios processos hipnóticos. A insensibilidade resultaria de um bloqueio induzido fisicamente, parcial ou não, localizado ou não, na passagem da energia do duplo etérico para o corpo, com a possibilidade, até, de um afrouxamento dos próprios liames perispiríticos, que, no caso de anestesia geral, poderia até favorecer o seu desprendimento.

Um outro efeito que mostraria bem a relação corpo e duplo etérico é o que se verifica em casos de materialização completa,

quando, por exemplo, qualquer agressão ao corpo materializado repercute imediatamente no corpo denso do médium, chegando, às vezes, a produzir ferimentos ou marcas dolorosas. Nesses fenômenos de *repercussão*, o fluxo do ectoplasma, do duplo etérico do médium ao psicossoma do Espírito em materialização, revestindo-o e possibilitando-lhe expressão física, pode, também, servir de via aos estímulos oriundos de eventuais ofensas à forma materializada, produzindo os efeitos citados no corpo do médium que, de resto, a energia vital que sustenta o universo celular é a que também diz com o ectoplasma.

Esses efeitos, aliás, lembram os fenômenos de *estigmatização*, em que o duplo etérico do médium é influenciado por tais ações mentais que a fisiologia se altera, tecidos podem se romper, feridas aparecer e o sangue fluir, para, passado o momento de influenciação, restabelecer-se o estado de normalidade anátomo-fisiológica, com o pleno equilíbrio entre perispírito, duplo etérico e corpo.

Em verdade, praticamente todos os chamados efeitos físicos, magnificamente definidos no sistema kardeciano, por dependerem, basicamente, do ectoplasma, guardam relação com o duplo etérico, cujas propriedades e funções são ainda muito pouco conhecidas.

*

O duplo etérico – também denominado campo ou corpo vital, corpo ou campo etérico, corpo ou duplo etéreo, biossoma, corpo ódico, corpo bioplásmico, etc. – é conhecido desde épocas remotas (os hindus já o designavam como *prânamâyakosha*, veículo de prana), passando a ser, desde o início do século passado, alvo da atenção de renomados cientistas europeus.

Entre os autores, geralmente, as informações ou estudos a respeito têm sido escassos – ainda que, nos últimos tempos, tenham surgido, em maior número, títulos que tratam do tema.

Mas, já por falta de maiores informações mediúnicas – e os Espíritos, obviamente, sabem das razões –, já por se tratar de assunto em plena investigação, a verdade é que, a rigor, ainda não se estabeleceu concordância desejável em torno de matéria tão importante como essa.

Os clássicos, em grande parte, ativeram-se a uma conceituação ampla do perispírito, usando, até mesmo, às vezes, a expressão "duplo etéreo", para designar o corpo espiritual.

Nos tempos atuais, entre os espíritas, começou-se a prestar mais atenção à existência de tal estrutura, principalmente depois que o Espírito ANDRÉ LUIZ, pela mediunidade de Francisco Cândido XAVIER, trouxe notícias a respeito.

Deveras, em comentário acerca de um trabalho mediúnico, o assunto foi assim enfocado pelo notável Instrutor Espiritual:

> "*Com o auxílio do Supervisor, o médium foi convenientemente exteriorizado. A princípio, seu perispírito ou 'corpo astral' estava revestido com os eflúvios vitais que asseguram o equilíbrio entre a alma e o corpo de carne, conhecidos aqueles, em seu conjunto, como sendo o 'duplo etérico', formado por emanações neuropsíquicas que pertencem ao campo fisiológico e que, por isso mesmo, não conseguem maior afastamento da organização terrestre, destinando-se à desintegração, tanto quanto ocorre ao instrumento carnal, por ocasião da morte renovadora.*" (**XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Nos Domínios da Mediunidade"**. 22ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, cit., pp. 98 e 99: Cap. 11. Primeira edição em 1954).

Em outro local, o Autor espiritual, ao tratar da importância da epífise, ensina:

> "*Segregando delicadas energias psíquicas, a glândula pineal conserva ascendência em todo o sistema endocrínico. Ligada à mente, através de princípios eletromagnéticos do*

campo vital, que a ciência comum ainda não pode identificar, comanda as forças subconscientes sob a determinação direta da vontade." (**Idem. "Missionários da Luz"**. 25ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 21: Cap. 2. Primeira edição em 1945).

Essas e outras informações têm atraído, cada vez mais, o interesse dos estudiosos para as memoráveis investigações realizadas pelos metapsiquistas europeus, nas primeiras décadas do século XIX.

Com efeito, Albert de ROCHAS, antigo diretor da Escola Politécnica de Paris e o grande pioneiro da metapsíquica experimental, Hector DURVILLE, Hyppolite BARADUC, destacado estudioso da força vital e da fotografia das formas-pensamentos, construtor do revolucionário Biômetro de Baraduc, para o registro das emanações energéticas do corpo humano, L. LEFRANC, Charles LANCELIN, Charles RICHET, Gustave GELEY, Ernesto BOZZANO e outros destacados homens de ciência, com suas pesquisas e obras, dando passos gigantescos para o seu tempo, contribuíram notavelmente para o conhecimento da natureza espiritual do homem.



Hyppolite Baraduc em Seu Laboratório
(De "***Le Fantôme des Vivants***", H. Durville: Paris, IMPRIMEURS ÉDITEURS).

Os experimentos de DE ROCHAS, DURVILLE, BARADUC, LANCELIN e LEFRANC, especialmente, repercutem até hoje e servem, indubitavelmente, de estímulo para novos avanços. Operando com sujeitos ("*passivos*") de alta sensibilidade, que eram levados a estados profundos de hipnose, e apoiando-se, como método de controle, em videntes comprovadamente idôneos e em outros sujeitos, igualmente hipnotizados, examinando, ainda, as correlações existentes entre os resultados que eram obtidos por outros grupos ou por intermédio de outros sujeitos, com assistentes também diferentes, esses cientistas conseguiram detectar uma outra estrutura, a destacar-se do corpo físico como um "*fantasma exteriorizado*".[3] (DE ROCHAS teria sido o pioneiro a conseguir tal exteriorização, relatando suas experiências na célebre obra "*Exteriorização da Sensibilidade*" –, editada no Brasil pela EDICEL, em 1971).

Hector DURVILLE, particularmente ("*Le Fantôme des Vivants*"), depois de sucessivas experiências, concluiu que esse *fantasma*, ligado ao corpo por um cordão de substância mui tênue, era portador da sensibilidade do sujeito em transe. Lembrando as teorias existentes a respeito de *duplos*, denominou-o *corpo ódico* ou *duplo etérico*. (Consta que, prosseguindo em suas investigações, DURVILLE teria chegado a verificar que um outro *fantasma*, permanecendo, de sua vez, ligado a este, também exteriorizava-se do primeiro, por um cordão fluídico. Estimulando essas formações, segundo as indicações dos assistentes, teria constatado que a luminosidade e a sensibilidade do primeiro fantasma

[3] Hippolyte BARADUC chegou a fotografar sua mulher e seu filho no momento em que, respectivamente, desencarnavam, verificando na chapa uma espécie de nuvem luminosa pairando sobre os corpos inanimados. (Mais tarde, WATTERS explicaria que a fotografia dessa nuvem luminosa, que se formava durante a desencarnação, era possível, porque, segundo observou, aderia a íons infinitamente pequenos, provocando, assim, um rastro suscetível de ser registrado).

teriam passado para o segundo, aceitando, então, a idéia de que se tratava do *corpo astral*, citado, já, por outros pesquisadores).[4]

Essas experiências vinham confirmar descrições anteriores de médiuns célebres, como Frederica Hauffe (1801-?), a célebre Vidente de Prevorst, Daniel Dunglas HOME (1833-1886), Eusápia Paladino (1854-1918) e tantos outros. E há, aliás, passagens particularmente notáveis, como a citada pelo Dr. Justinus KERNER (1786-1862), que se tornou famoso pelos trabalhos feitos com *Frau* Hauffe. Antecipando revelações, e referindo-se ao "princípio de vitalidade nervosa", informava a médium que "por meio dessa substância, a alma entrava em relação com o corpo e o corpo com o mundo", asseverando mais:

> "*Por esse intermediário, os Espíritos que se acham em uma esfera média são colocados em condições de atrair a si materiais atmosféricos que lhes conferem o poder de se fazer ouvir dos vivos, de interromper as leis da gravidade ou de mover objetos inertes. Quando uma pessoa morre em estado de grande pureza, não arrasta consigo nada do 'princípio de vitalidade nervosa'; é por isso que os Espíritos felizes, que não estão impregnados dessa vitalidade nervosa, não podem aparecer aos vivos nem deles se fazer ouvir, nem tocá-los.*" (Conf. **MORGAN, C. D.** "***From Matter to Spirit, the Result of Ten Years Experience in Spirit Manifestations***", p. 137. Cit. por **BOZZANO, Ernesto.** "**Metapsíquica Humana**". 3ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1980, p. 132).

Após as investigações empreendidas pelos metapsiquistas citados, experiências surgiram que lhes conferiram maior valor ainda.

---

[4] V. **FREIRE, Antonio J.** "**Da Alma Humana**". 2ª ed., Rio de Janeiro: FEB, pp. 116 e 117; **LOMBROSO, César.** "**Hipnotismo e Mediunidade**". 4ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1990, pp. 329 e segs.

Relata BOZZANO que no Instituto de Investigações Psicológicas, fundado pelo Dr. William Bernard Johnson, em Reno, Nevada (EUA), importantes experimentos foram levados a efeito por equipe comandada pelo Dr. WATTERS, daquela instituição, em torno da existência de um "duplo" do corpo. Na ocasião, com base em sugestão da Professora GASKEL (autora de "*What is Life?*" – Que É a Vida?), foram realizadas experiências com insetos e pequenos animais, alcançando-se resultados realmente surpreendentes.[5]

A Professora GASKEL sustentava que "os átomos físicos que constituem o organismo de qualquer criatura viva são interpenetrados por um *elemento vital*, uma *certa vida*, aos quais se deve a organização dos seres vivos. Essa nova unidade ou essência, não possuindo as propriedades físicas do átomo, não entraria nas combinações atômicas e, conseqüentemente, não poderia formar combinações químicas, mas permaneceria intra e infra-atômica e, na hora da morte, se desprenderia do sistema atômico que ela havia organizado e vitalizado."

E na citada obra, a cientista convidava seus colegas, físicos e químicos, que dispunham de laboratório, "para procederem a experiências cruciais sobre esta questão, consistindo em provocar a morte e aplicar, ao mesmo tempo, métodos aptos para medir, registrar e assinalar, por qualquer modo, a 'quantidade de vida' que teoricamente deveria escapar-se de um organismo vivo (isto é, de um sistema atômico) durante a crise da morte."

---

[5] Segundo anotação de H. P. Van Watt ("*The Two Worlds*" – março, 1937), GASKEL teria feito suas experiências empregando principalmente a câmara de Wilson, construída originalmente para o exame da ionização de gás por meio de raios X e de minerais radioativos.

Com a citada câmera, foi possível bem observar como uma névoa se desprendia do animal moribundo, tomando a conformação de seu corpo. (Conf. **LOUREIRO, Carlos Bernardo.** "Fotografias Científicas do Perispírito no Momento da Morte". "**Revista Internacional de Espiritismo**". Matão, SP, nov., 1995, pp. 312 e 313).

Aceitando a idéia, o Dr. WATTERS e seus colaboradores, com base no princípio de que, havendo um "elemento vital", seria possível fotografá-lo, imaginaram métodos e aparelhos minuciosamente descritos ("Boletim do Instituto", outubro, 1933), "graças aos quais, os experimentadores efetivamente conseguiram obter fotografias de formas fantasmais bem definidas, determinadas por algo que se separa do corpo no momento da morte. Essas formas reproduziam exatamente o corpo físico do qual emanavam."

Embora trabalhando com pequenos seres vivos, os resultados foram altamente significativos. Por exemplo, trabalhando com um "grilo dos campos", e um equipamento fotográfico, acionado no momento de sua morte, conseguia registrar a "presença de um grilo-fantasma *superposto* ao cadáver do inseto". Resultados como este foram, também, obtidos com ratos e rãs.

"O que de mais sugestivo há nas experiências em apreço" – observa BOZZANO – "reside neste fato: quando os experimentadores, no fim de certas experiências, conseguiram restituir a vida ao animalzinho 'eterizado', verificaram que a chapa fotográfica não fora impressionada. Ao contrário, quando a chapa havia fixado o fantasma fluídico do animalzinho morto, os experimentadores se esforçavam em vão para restituir a vida ao animal sacrificado, para o que nunca deixaram de recorrer a injeções de adrenalina."

Ao final, os experimentadores chegaram à convicção de que "durante a crise da morte do corpo físico escapava um 'corpo espiritual', inferindo, logicamente, que aquilo que se verifica nos animais pertencentes às formas inferiores da vida, deve evidentemente verificar-se também nas formas superiores da vida, inclusive a espécie humana, e que os mesmos resultados devem ser obtidos, o que parece incontestável". (**BOZZANO, Ernesto**. "**Fenômenos de Bilocação – Desdobramento**". 3ª ed., S. B. do Campo, SP: CORREIO FRATERNO, 1990, pp. 138 e 139. Trad. Francisco Klors Werneck).[6]

[6] Evidentemente, o duplo etérico de pequenos ou grandes animais liga-se a uma *protoestrutura perispirítica*, já mencionada.

Experiências semelhantes foram relatadas por Raoul MONTANDON, em sua obra "*De la Bête a l'Homme*" (Do Animal ao Homem), publicada na Suíça, em 1943. Tais pesquisas, informa J. Herculano PIRES, encontram-se minuciosamente descritas no capítulo "Sobrevivência Animal". "Várias fotografias batidas com filmes sensíveis à luz infravermelha, de grupos de gafanhotos e insetos mortos com éter, revelavam ao lado dos animais mortos uma sombra semelhante ao corpo morto, enquanto ao lado dos que não haviam morrido, mas estavam em estado letárgico, não aparecia a mesma sombra", observa o Autor.

Nesse capítulo, aliás, como lembra Herculano PIRES, reportando-se a fotografias ocasionais ou conseguidas em sessões mediúnicas experimentais, "os anais espíritas apresentam impressionante volume de casos significativos, cercados de todos os recursos de garantia da autenticidade do fenômeno." (**PIRES, J. Herculano**. "**Agonia das Religiões**". 4ª ed., São Paulo: PAIDÉIA, 1994, pp. 66 e 67: Cap. VIII).

Nos tempos atuais, por sua inegável importância, ainda repercutem as experiências realizadas pelos russos, com base nas descobertas do casal Kirlian, relativas à fotografia de alta freqüência. Na década de 60, cientistas dedicados às pesquisas sobre os fenômenos de bioluminescência, revelados pela câmera Kirlian (e elas aconteciam em diversas universidades e institutos soviéticos), fizeram importante descoberta. Fotografando uma folha de uma planta, num campo elétrico de alta freqüência, constatavam que, além de uma luminescência que aparecia ao redor de suas bordas, uma aura faiscante e colorida existia, espalhada por toda extensão da folha, uma "massa de luzes cintilantes", mostrando "aqui e ali, clarões vívidos e brilhantes". Cortando, a seguir, uma parte dessa mesma folha, o padrão de energia *de toda a folha* permanecia inalterado, como se a folha permanecesse inteira! Ficava, assim, evidente que o "fantasma" do pedaço cortado continuava emitindo energia.

Pouco depois, como informam Sheila OSTRANDER e Lynn SCHROEDER – as citadas jornalistas e pesquisadoras americanas, que visitaram a Bulgária, a Checoslováquia e a então União Soviética, estudando, especialmente, os programas de pesquisas que se desenvolviam em Alma-Ata, na conceituada Universidade de Kirov, Cazaquistão –, biologistas, bioquímicos e biofísicos, acoplando um imenso microscópio ao equipamento dos Kirlian (V. Cap. VIII, "A Aura"), viram, "na silenciosa descarga de alta freqüência", o duplo vivo de um organismo vivo em movimento, aparentando uma espécie de "constelação elementar, semelhante ao plasma, feita de elétrons e prótons ionizados, excitados, e possivelmente de outras partículas", não aparecendo, porém, como constituído só de partículas, e mostrando ser *todo um organismo unificado*, atuando como unidade e, como tal, emitindo "os próprios campos eletromagnéticos", representando "a base de campos biológicos".

"Em 1968," – anotam as pesquisadoras, citando fontes certas – "os Drs. Inyushin, V. Grishchenko, N. Vorobev, N. Shouiski, N. Fedorova e F. Gibadulin anunciaram o seu descobrimento: todas as coisas vivas – plantas, animais e seres humanos – possuem não só um corpo físico, constituído de átomos e moléculas, *mas também um corpo energético equivalente*, a que dão o nome de 'Corpo do Plasma Biológico". (**OSTRANDER, Sheila. SCHROEDER, Lynn. "Experiências Psíquicas além da Cortina de Ferro"**. São Paulo: CULTRIX, 1974, cit., pp. 234 e 239: Cap. 17).

A idéia, aliás, da existência de um *bioplasma* sustentador dos processos biológicos, não era nova entre os russos. Segundo INYUSHIN, já em 1944, seu colega V. S. Grishchenko,[7] antes mencionado, levantou a hipótese de sua presença nos organismos vivos, parecendo, até, ser um "*quarto estado da matéria existente*

[7] Informa Carlos IMBASSAHY: "Medindo com aparelhos espectrográficos, estes cientistas chegaram à conclusão de que o que definia a fecundidade da mulher não era somente sua capacidade biológica, mas, ainda, um campo estra-

nos seres vivos". (**INYUSHIN, V. M.** "*Biological Plasma of Human and Animal Organism*". "***Journal of Paraphysics***", 1971, Vol. 5, p. 50. Cf. **ANDRADE, Hernani Guimarães. "Morte, Renascimento, Evolução – Uma Biologia Transcendental**". 9ª ed., São Paulo: PENSAMENTO, 1993, p. 56).

Experiências que se seguiram mostraram que, quando cortada parte do corpo físico de um ser vivo, "o corpo bioplasmático subsiste, inteiro e claramente visível num campo de alta freqüência" e que, também, quando "o corpo energético desaparece, a planta ou o animal morre".

Concluíram, então, os cientistas, que a bioluminescência visível nas fotografias de Kirlian "é causada pelo bioplasma e não pelo estado elétrico do organismo." O que leva a conjeturar que se a aura registrável por meio da Kirliangrafia pode ser semelhante ao chamado *efeito corona* (campo eletromagnético apresentado por todo corpo que contenha energia – visível, às vezes, e até fotografável – e entendido como produto de radiações puramente físicas), como já anotado, esse efeito não seria, todavia, produzido só pela energia do corpo biológico em si, mas, principalmente – como evidenciam as experiências com estruturas vivas, tiradas algumas de suas partes –, pelo dinamismo ínsito ao duplo etérico, também de natureza física, sustentado, naturalmente, pelas forças fundamentais do perispírito (ou da protoestrutura psicossômica, nos reinos infra-hominais), o que, representa, em si, sem dúvida, tema fascinante e desafiador, decisivo que é para o conhecimento dos princípios essenciais que regem a Vida.

Registre-se que os pesquisadores da antiga União Soviética trabalharam muitas vezes com o momento da morte. "Por ocasião

---

nho às suas entranhas e que lá se instalava, preparando-a ao engravidamento. Sem ele, o processo não se realizaria." (**IMBASSAHY, Carlos de Brito. "A Bioenergia no Campo do Espírito"**. São Paulo: MNÊMIO TÚLIO, 1997, cit., pp. 39 e 40).

Obviamente, esse campo já diz com o perispírito em si.

da morte do corpo físico de uma planta ou de um animal, os russos viram fagulhas e clarões do corpo bioplasmático arremessando-se, pouco a pouco, ao espaço, nadando para longe e desaparecendo. Gradativamente se dissipava toda e qualquer luminescência proveniente da planta ou do animal mortos. Entrementes, detectores a distância do campo biológico continuavam a detectar campos de força pulsantes do corpo morto." (**OSTRANDER, S. SCHROEDER, L. "Experiências Psíquicas além da Cortina de Ferro"**, ed. cit., CULTRIX, p. 239).

Esses resultados obtidos pelos cientistas soviéticos guardam relação com os alcançados pelos suecos, a partir de 1972. Relata, a propósito, Carlos de Brito IMBASSAHY, fato constatado por uma equipe sueca, em um desses aparentes *acasos* que abrem novas portas para o Conhecimento:

> *"Trabalhava com um moribundo no qual havia instalado um espectrógrafo com um dispositivo de dinamômetro acoplado a um osciloscópio, para as devidas leituras.*
>
> *O osciloscópio registra as variações do campo orgânico, idêntico ao que as UTI e CTI dispõem, a fim de localizar a vida do paciente; o dinamômetro mede a variação do peso do campo gravitacional, no caso, o da pessoa em quem se tenha instalado a aparelhagem.*
>
> *Examinando os registros, o que se pôde notar é que, exatamente, no momento do trespasse, o paciente perdeu um campo cujo peso correspondia a 2,2 dam (decagrama-força), contudo, o campo bioenergético declinante que estava sendo detectado pelo osciloscópio, continuava se mostrando ativo no cadáver."*
>
> .....
>
> *"Com isso, evidenciam-se duas coisas consecutivas: o dito campo de vida abandonou o corpo no momento do desencarne, mostrando que ele independe das funções celulares orgânicas que continuam ativas no corpo sem vida, e in-*

capazes de o dotarem dela como ocorria antes." (**IMBASSAHY, Carlos de Brito. "A Bioenergia no Campo do Espírito"**. São Paulo: MNÊMIO TÚLIO, 1997, cit., pp. 41 e 42).

Essas investigações russas e suecas, nos momentos de morte, aliadas a informações e resultados alcançados por outros pesquisadores e estudiosos, sugerem que, na desencarnação, com o desligamento do perispírito, grande parte da energia vital contida no corpo etérico ainda permanece no cadáver, liberando-se pouco a pouco – e, às vezes, antes de diluir-se, adensando-se em suas proximidades; uma parcela reintegra-se, desde logo, no Todo, e uma outra parte permanece com o próprio perispírito, que o utiliza, em sua interação com o meio, enquanto necessário. Esse contingente de *plasma físico* que permanece agregado ao perispírito, em maior ou menor quantidade, de acordo com a evolução do Espírito, se dilui à medida que a alma se sensibiliza e se distancia das necessidades físicas.

Mas ao lado das pesquisas realizadas pelos cientistas suecos e do extinto bloco soviético, impõe-se não deslembrar, por sua indiscutível importância, as já mencionadas experiências de Harold Saxton BURR, e seus colaboradores, entre os quais, F. S. C. NORTHROP e Leonard J. RAVITZ, em torno da provável existência de *campos eletrodinâmicos* vinculados às organizações biológicas.

A propósito, revela Guimarães ANDRADE, após meticulosa pesquisa que, já em 1935, portanto, antes das descobertas do casal Kirlian, BURR e NORTHROP já publicavam um artigo em que tratavam de uma *teoria eletrodinâmica da vida* – "*The Electro-Dynamic Theory of Life*" ("***Quarterly Review of Biology***", 10: 322-333) –, sugerindo "que os seres vivos devem ser considerados sob o ponto de vista eletrodinâmico". (**ANDRADE, Hernani Guimarães. "Psi-Quântico – Uma Extensão dos Conceitos Quânticos e Atômicos à Idéia do Espírito"**. 9ª ed., São Paulo: PENSAMENTO, 1993, p. 113: Cap. VI).

Depois disso, inúmeros trabalhos foram publicados por BURR e seus colegas, com resultados que apontavam firmemente a favor da mencionada t*eoria eletrodinâmica da vida*, atraindo centenas de comunicações da classe científica, valorizando o seu esforço.

O relato mais completo dessas investigações foi publicado em 1972, com a edição da obra "*Blueprint for Immortality*", em que BURR "explica minuciosamente os métodos usados para a obtenção de medidas dos campos elétricos, por ele previstos e encon-trados em todos os seres vivos, desde as bactérias, sementes, ovos, vegetais, animais e até em seres humanos", informa o Prof. ANDRADE. (**Id. Ib.**, p. 114).

Outros cientistas teorizaram a respeito desses campos de força, detectados fisicamente – entre eles, na França, J. Berhier, e na Inglaterra, J. W. Campbell e G. D. Wassermann, que os denominou *campos* **M** (de morfogênese), referindo-se ao ser humano, e *campos* **B** (de *behavior*), aludindo ao comportamento animal –, todavia a tese de BURR e seus colegas, mesmo porque baseada em dezenas de anos de experiências, mostrando a efetiva existência dos *campos vitais* (*fields of life*), é a que mais alcança repercussão, atraindo o justo respeito do mundo científico.

Essas investigações todas dizem da existência de uma estrutura com inúmeros pontos (projeção do corpo espiritual), em que o fluxo de energia vital surge mais acentuado. A respeito, opina Jorge ANDRÉA:

> *"Seria um campo de energias muito mais desenvolvido que o da zona física, cujo trabalho e estrutura mais avançada permitiria orientação e proteção nos esquemas fisiológicos das células, tecidos e órgãos. Portanto, a zona que assim se revela, não seria propriamente o perispírito, mas conseqüência de suas irradiações e mesclagem com aquelas da matéria. Esta zona de energias esfuziantes, mesmo após a morte do indivíduo, quando o próprio perispírito já se deslo-*

cou com a organização espiritual do corpo físico, por algum tempo ainda persiste como resultado da existência de uma zona intermediária, entre perispírito e matéria – o duplo etérico –, com tendência a desaparecer também, tal qual acontece com o processo de cadaverização das células físicas. Entretanto, o tempo necessário para a dissolução do duplo etérico não estaria relacionado ao das células físicas; suas variações estariam ligadas à evolução do ser." (**ANDRÉA, Jorge. "Enfoques Científicos na Doutrina Espírita"**. 2ª ed., Rio de Janeiro: LORENZ, 1991, p. 31).

Em conclusão, as informações já disponíveis asseguram a existência de um campo energético mais adensado, que serve de ligação entre as estruturas perispirítica e somática, interpenetrando-se com ambas. Esse campo – o chamado duplo ou corpo etérico – é o grande aglutinador de energia vital e sustenta o corpo físico sob o influxo das forças oriundas do corpo espiritual, mostrando inúmeros pontos, dos quais, emana a energia vital, que, por sua qualidade, é mais detectável que a energia perispirítica, força matriz, propriamente.

Esses pontos energéticos – que podem ser relacionados com os pontos de acupuntura e outros –, por sua disposição, formam microcentros de força vital (os "*campos de vida*"), os quais, todavia, *apenas refletem o comando dos núcleos energéticos do perispírito, regidos pelos sete grandes centros vitais*, já citados; mesmo porque – cumpre ter presente – *o duplo etérico só existe em função da sustentação perispirítica.*

* * *

VII.

O CORPO MENTAL

Se poucos são os autores espíritas que tratam do duplo etérico, menor é a quantidade dos que se referem ao chamado *corpo mental*, denominação dada pelo médico e pesquisador francês, Hyppolite BARADUC, a uma estrutura que conseguira isolar, e depois fotografar.[1] Informa seu colega Antonio J. FREIRE:

> " (...) *o dr. Baraduc, de Paris, que consagrou sua vida à fotografia do pensamento, tinha muitas e muitas vezes obtido sobre a placa sensível a reprodução dum fenômeno particular, consistindo num globo luminoso envolvendo o cérebro da pessoa fotografada. Visto a sua localização constante*

---

[1] Outros pesquisadores da época, segundo alguns registros, teriam tentado distinguir mais elementos na área perispirítica. Assim, por exemplo, consta que L. LEFRANC, em 1911, pensou ter isolado o que imaginou tratar-se do *corpo causal*, hipotética sede da vontade e da memória.

Observe-se, entretanto, que entre os autores desencarnados e encarnados, raras são as referências ao tema. Por exemplo, ANDRÉ LUIZ, menciona-o apenas uma vez, de passagem e sem explicitá-lo, quando do início de seu trabalho de divulgação, na década de 1940. (V. **XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Nosso Lar"**. 43ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 70. 1944).

Ao que parece, o eventual interesse de alguns pesquisadores pelo assunto

> *e invariável, julgou que este globo devia ter relação com o trabalho cerebral, com a produção do pensamento e, daí, por uma espécie de intuição presciente, denominou-o corpo mental.*" (**FREIRE, Antonio J. "Da Alma Humana"**. 2ª ed., Rio de Janeiro: FEB, p. 118: Cap. VI).

Segundo ANDRÉ LUIZ, em lição transmitida por Francisco Cândido XAVIER, "o corpo espiritual retrata em si o corpo mental que lhe preside a formação."

E o corpo mental seria "o envoltório sutil da mente".

Trata-se, como se vê, não só de um tema muito complexo, como bem pouco conhecido ainda. Atento a isso, é que o citado Autor anota, no trabalho em que busca pincelar a respeito: "O corpo mental, assinalado experimentalmente por diversos estudiosos, é o envoltório sutil da mente, e que, por agora, não podemos definir com mais amplitude de conceituação, além daquela com que tem sido apresentado pelos pesquisadores encarnados, e isto por falta de terminologia adequada no dicionário terrestre." (**XAVIER, Francisco Cândido. VIEIRA, Waldo. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Evolução em Dois Mundos"**. 13ª ed., FEB, cit., p. 25: Cap. II).

Por ora, ao que parece, pelo pouco que efetivamente se sabe a respeito, pode-se apenas estabelecer que o corpo mental guardaria direta relação com a *alma*, fonte do pensamento, podendo

---

prende-se ao fato de que tal *corpo* encontra-se seguidamente citado na tradição esotérica (*Vijñânamaya* e *Ânandamaya-Kosha*, "veículo do Espírito Universal", no sistema vedantino; *Karanopudhi*, "a base da Causa", no *Târaka-Râja-Yoga*; *Buddhi-Manas*, princípios resultantes das experiências passadas e moldadores das vidas futuras, na interpretação teosófica, etc.).

Todavia, ao que tudo indica – e exegetas das doutrinas orientalistas há, que assim o sugerem –, pode até não se tratar de nenhum *corpo*, mas sim, de uma *condição* ou um *princípio causal* – mencionado, às vezes, como conjunto ou união de *princípios*.

comparecer como uma espécie de estrutura vibratória diferenciada, no campo perispiritual, sem uma forma definida propriamente.[2]

Nessa direção, seria possível conjeturar que a notável construção de ANDRÉ LUIZ, "envoltório sutil da mente", referir-se-ia, de fato, a um campo específico a envolver a alma, matriz psíquica, resultado de sua projeção.

Compreender-se-ia, então, que, realmente, o campo mental, de certa forma, *presidiria* a formação do corpo espiritual, pois, ao influxo da alma, expandir-se-ia em campo perispirítico – sem, contudo, deixar de mostrar-se diferenciadamente, na estrutura perispiritual –, irradiando vida e sustentação.[3]

À medida que a alma evolui, quintessenciam-se, obviamente, suas projeções, com o natural apuro do corpo mental e do corpo perispirítico.[4]

* * *

[2] Autores há que chegam a atribuir-lhe a forma ovóide.

[3] Poder-se-ia até estabelecer uma certa analogia com o que ocorre com o Sol, cujo núcleo e zona próxima de irradiação escapam à possibilidade de observação, sem a aparelhagem específica, mas que, projetando-se, expandindo seus potenciais energéticos, origina a fotosfera, a qual, de sua vez, forma a cromosfera e esta, a coroa solar e um vasto campo que chega a abranger todo um sistema planetário! Percebe-se, assim, normalmente, só a sua projeção, mas sabe-se que lá está ele, desde o centro, irradiando e sustentando a vida em tudo que se encontra sob sua regência gravitacional.

[4] Por sua complexidade e pelo pouco que se sabe a respeito do tema, e considerando-se que KARDEC a ele não se referiu expressamente, é natural que surjam teses e interpretações diversas, com relação à existência e significado do corpo mental.

Assim, por exemplo, o destacado escritor espírita, Durval CIAMPONI, margeando a posição seguida por respeitáveis pensadores da atualidade e aqui valorizada (Teoria do Campo) estabelece que "tanto o corpo mental como o corpo espiritual participam da natureza do perispírito, como envoltórios do princípio

inteligente", argumentando, mais tarde, que "*o corpo mental é a parte imperecível do perispírito*, pois acompanha o princípio inteligente qualquer que seja seu grau de evolução, desde a criação simples e ignorante, até o nível dos puros; mas *o corpo espiritual é a parte perecível*, porque o Espírito pode privar-se dele ao trocá-lo, ainda que com a rapidez de um relâmpago, e porque sua substância é haurida do meio ambiente, conforme a natureza do mundo em que vai viver"... (Grifos originais). (**CIAMPONI, Durval. "Perispírito e Corpo Mental"**. São Paulo: FEESP, 1999, pp. 96 e 104).

VIII.

A AURA

A aura humana, psicosfera ou *fotosfera psíquica* (termos criados pelo Espírito ANDRÉ LUIZ), ou *fotosfera humana* (expressão empregada por Léon DENIS), é um campo resultante de emanações de natureza eletromagnética, a envolver todo o ser humano, encarnado ou desencarnado. Reflete, não só sua realidade evolutiva, seu padrão psíquico, como sua situação emocional e o estado físico (se encarnado) do momento. Espelha, pois, o ser integral: alma – perispírito – duplo etérico – corpo. (No desencarnado, obviamente, é apenas o reflexo da alma e de seu perispírito).

Tem sido descrita como uma projeção de forma ovóide, circundando o corpo e mostrando inúmeros aspectos cromáticos, em constante e dinâmica variação. A respeito, leciona ANDRÉ LUIZ, por Francisco C. Xavier: "Articulando, ao redor de si mesma, as radiações das sinergias funcionais das agregações celulares do campo físico ou do psicossomático, a alma encarnada ou desencarnada está envolvida na própria aura ou túnica de forças eletromagnéticas, em cuja tessitura circulam irradiações que lhe são peculiares." (**XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito.** "**Mecanismos da Mediunidade**". 14ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 83: Cap. X).

A aura (do lat. ***aura*** – brisa, sopro) é conhecida desde tempos imemoriais, passando a ser, modernamente, graças ao próprio desenvolvimento científico, objeto de importantes estudos e frutuosas pesquisas.

Para a percepção, registro e análise da aura, diversos métodos têm sido aplicados. Podem ser alinhados, como principais, o método *Químico*, o *Eletrônico*, o *Anímico-Mediúnico* e o método de *Técnicas Associadas*.

MÉTODO QUÍMICO

Os anais metapsíquicos e espíritas registram diversas experiências de percepção da aura com o simples uso de produtos químicos, como, por exemplo, as realizadas pelo médico Walter J. Kilner, do Hospital de São Tomás, Londres, em 1911, com o uso de filtros coloridos (ampolas finas e achatadas contendo diciamina dissolvida em álcool) e empregando os diversos matizes de acordo com o fim a atingir.

Esses experimentos – embora possa parecer estranho e até simplista, o método empregado – alcançaram, graças à reputação do Dr. Kilner, significativa repercussão. Segundo suas averiguações (relatadas em "*The Human Atmosphere*", com reedição americana, 1965, com o título "*The Human Aura*"), a aura mostra camadas distintas e difere de pessoa para pessoa, conforme o sexo, idade, capacidade mental, saúde, etc. E observa, até mesmo, o sistema de diagnósticos com base em suas variações cromáticas e outros dados.

Registros de efetiva validade científica, todavia, já eram realizados no século XIX. Experiências que implicavam até processos fotoquímicos tornavam-se cada vez mais conhecidas. Após exposições mais ou menos prolongadas, placas mergulhadas no banho revelador (banho de prata) mostravam, próximo às imagens captadas, manchas, sinais, estrelas, faixas, cones luminosos,

envolvendo a cabeça, membros, partes menores ou maiores do corpo do Espírito fotografado. As primeiras fotografias desse tipo teriam sido obtidas em março de 1872, por Samuel Guppy, com o apoio mediúnico de sua mulher, Nichol Guppy, chamando a atenção do cientista Alfred Russell WALLACE (1823-1903) – famoso naturalista inglês, co-descobridor, com Darwin, dos princípios da evolução –, que os descreveu e analisou em artigo de grande repercussão, "*A Defence of Modern Spiritualism*", publicado em 1874 ("*Fortnightly Review*"), e que, depois, fez parte de sua célebre obra "*On Miracles and Modern Spiritualism*" (3ª ed., 1895).

A concreta possibilidade de se fotografarem os Espíritos e as formas luminosas, denotadoras da existência da aura, tornou-se, todavia, evidente, depois das notáveis experiências do fotógrafo australiano John Beattie, acompanhadas por diversos pesquisadores, e cujos resultados – a ocorrerem a partir de 1872 –, pelos cuidadosos procedimentos adotados, acabaram por se impor como respeitável demonstração da realidade espiritual.

A propósito, uma explicação constante de uma carta de Beattie, dirigida ao "*British Journal of Photography*", dá uma idéia desses procedimentos: sistema de diagnósticos com base em suas variações cromáticas e outros dados.

> *"A câmara escura, munida de uma objetiva Ross, era construída de maneira que se pudesse obter três provas negativas sobre a mesma placa. Amortecia-se a luz, para poder prolongar a exposição até quatro minutos. O fundo era semelhante ao que se emprega ordinariamente, de cor parda carregada, e encostava na parede. O médium lhe voltava as costas; estava sentado e tinha uma mesa pequena à sua frente. O Dr. Thompsom e o Sr. Tommy estavam sentados de um lado, à mesma mesa, enquanto eu me conservava defronte, durante a exposição."*

E, em carta dirigida ao *Human Nature*, mais tarde (1874), o Dr. G. S. Thompson, citado, mostrava que o processo permanecia

praticamente o mesmo, durante todas as pesquisas:

"Começamos as nossas experiências no meado de junho de 1872, reunindo-nos uma vez por semana, às 6 horas da tarde (hora que nos era imposta pelas ocupações pessoais do médium). Servimo-nos de uma objetiva de Ross, com foco de seis polegadas; a câmara negra era das que se empregam ordinariamente para a fotografia de formato de cartão de visita, com caixilho construído de maneira a se poderem obter três provas sobre a mesma placa. O banho de prata era preparado em um vaso de porcelana. O fundo era igual aos que se empregam ordinariamente, de ferro, montado sobre um caixilho e de uma cor tirando ao pardo. Começávamos cada sessão colocando-nos em roda de uma mesa pequena, a qual nos indicava, por movimentos, de que maneira deveríamos operar. Seguindo essas instruções, o Sr. Beattie ocupava-se com a preparação e desenvolvimento da maior parte das placas, enquanto eu dirigia a exposição, cuja duração era igualmente indicada pelos movimentos da mesa, em roda da qual estavam sentados todos os experimentadores, à exceção de mim.

Tiravam-se as placas dos banhos preparados de antemão, sem observar ordem alguma particular. Julgo importante mencionar esse fato, porque ele permite recusar grande parte das objeções, senão todas, tendentes a pôr em dúvida a autenticidade dessas fotografias. Além das precauções tomadas para a escolha das placas, tínhamos recorrido a outras, e o médium não deixava a mesa, salvo se convidado para assistir à revelação; dessa maneira – admitindo-se mesmo que as chapas tivessem sido preparadas previamente –, tornava-se absolutamente impossível saber qual seria a imagem que se obteria sobre a placa; entretanto, o médium nos descrevia essas imagens até em suas particularidades mínimas.

As nossas sessões não duravam habitualmente além

de duas horas." (**AKSAKOF, Alexandre. "Animismo e Espiritismo"**. 5ª ed., FEB, 1991, cit., Vol. I, pp. 59, 64 e 65: Cap. I).

Em outro trecho dessa carta, o depoimento do Dr. Thompson, referindo-se a um dos últimos trabalhos realizados pelo grupo de experimentadores, é deveras significativo:

"*No decurso dessa sessão, ele* [o médium] *atraiu, repentinamente, a nossa atenção para uma luz viva e no-la mostrou; estava admirado de que nenhum de nós a visse. Quando a placa foi revelada, notava-se ali uma mancha luminosa e o dedo do médium que a indicava. Todos aqueles que estudaram a série inteira dessas fotografias notaram que a maior parte das imagens obtidas apresentavam, por assim dizer, um desenvolvimento sucessivo; começando por pequena superfície luminosa, que aumentava gradualmente, mudam de contornos, e a última fase de mudança consiste na fusão de duas imagens primitivamente independentes.*

O Sr. Beattie nos fazia freqüentemente observar a rapidez com a qual essas imagens apareciam à revelação, enquanto que as imagens normais só apareciam muito mais tarde. A mesma particularidade foi notada por outras pessoas que se ocupavam com semelhantes experiências e nos assinalaram esse fato.

Sucedia freqüentemente no fim da sessão, quando a luz era consideravelmente amortecida, não notarmos sobre as placas submetidas à revelação nenhuma outra coisa além das impressões dessas formações luminosas que tinham sido ***invisíveis*** *aos nossos olhos. Esse fato demonstra que a força luminosa que agia sobre a placa, se bem que sem ação sobre a nossa retina, era considerável; por isso trabalhávamos às escuras, porque a luz visível, refletida pelos objetos que estavam no quarto, não podia produzir ação alguma sobre a camada sensível.*" (**Id. Ib.**, pp. 66 e 67).

Essas experiências (1872-1874), segundo AKSAKOF (**op. cit.**, pp. 56 e segs.), eram noticiadas pelos principais órgãos especializados da imprensa inglesa, entre os quais, o "*British Journal of Photography*", o "*Spiritual Magazine*", o "*Photographic News*", o "Médium", *o* "*Spiritualist*", o "*Human Nature*", ganhando destaque, como se observa das crônicas da época, tanto na Europa como nos Estados Unidos.

Nessa fase, além de BEATTIE, diversos outros pioneiros, entre eles, nomes destacados dos meios universitários da época (Taylor, Tommy, Jones, Butland, T. Slater, Hudson, Reeves, Parmes, Reimers, Wagner, Williams, etc.), colaboraram para que novas fronteiras fossem abertas, em direção a futuros desenvolvimentos, cumprindo observar, todavia, que, embora com resultados não tão expressivos, o processo de registro das emanações energéticas apoiava-se, às vezes, em técnicas mais simples ainda, principalmente quando se tratava de registrar os eflúvios emanados de encarnados. Anotava, a respeito, Léon DENIS:

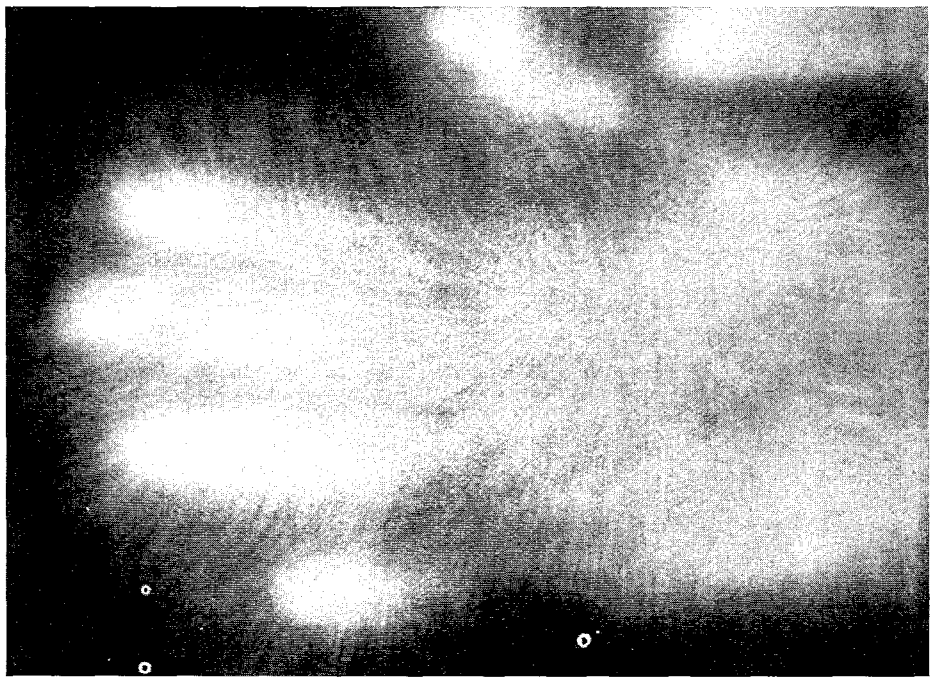
> "*Se, em completa obscuridade, se coloca a mão acima de uma placa sensível imergida no banho revelador, ao fim de alguns minutos de exposição, verifica-se que a placa se acha impressionada. Se a ela aderiram os dedos, da mancha que cada um deles produzir se vê, como de outros tantos focos, desprenderem-se, e irradiarem em todos os sentidos, ondulações, espirais, o que demonstra que a força psíquica, como os raios ultravioleta ou os raios Roentgen, atua sobre os sais de prata.*" (**DENIS, Léon.** ***No Invisível.*** 15ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 174. Trad. Leopoldo Cirne).

E, relatando, a propósito, experiências pessoais, o mestre de Tours chega a um importante testemunho:

> "*Colocada a extremidade dos dedos sobre a chapa mergulhada no banho revelador, se, elevando o pensamento, num subitâneo e ardente impulso, fazemos uma prece, verificaremos em seguida que as irradiações adquiriram no*

vidro uma forma particular – a de uma coluna de chamas que se eleva de um jato. Esse fato demonstra, não somente a ação do nosso pensamento sobre os fluidos, mas também quanto influem as nossas disposições psíquicas sobre o meio em que operamos e lhe podem modificar as condições vibratórias." (**Id. Ib.**, p. 174).

A detecção dos eflúvios emanantes da aura, com apoio, basicamente, em recursos químicos, embora a simplicidade do processo, surge, assim, como fato comprovado, mercê do gabarito moral e intelectual dos respeitáveis investigadores que nele trabalharam, inaugurando, assim, um dos mais importantes capítulos da história do conhecimento.



Efluviografia (I)
Efluviografia (auragrafia parcial) de uma mão, conseguida através do contato direto com a placa fotográfica, em banho revelador. (De "***Les Apparitions Matérialisées des Vivants & des Morts***". Gabriel Delanne. Paris: LEYMARIE, 1911. T. I).

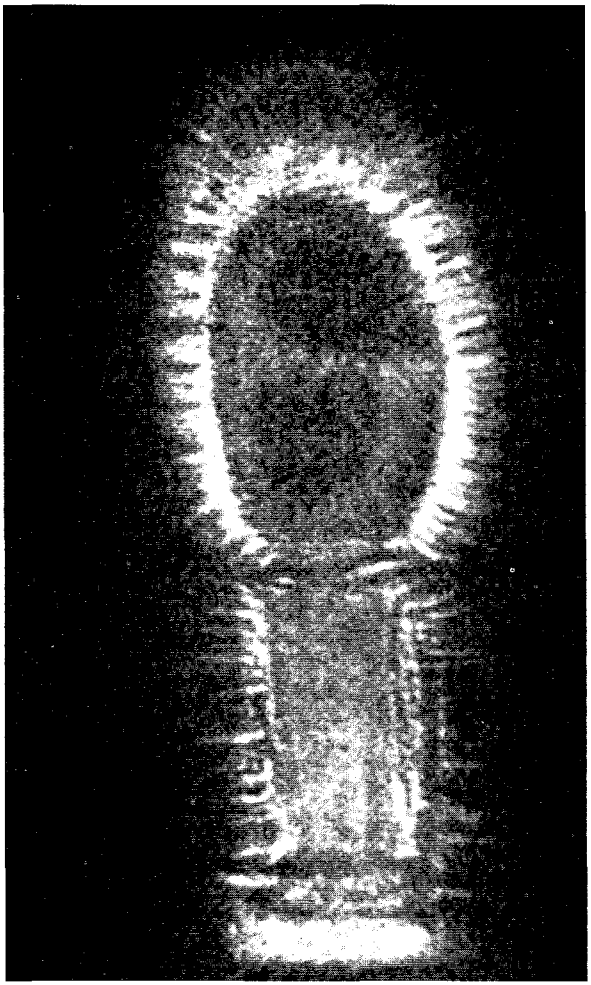
MÉTODO ELETRÔNICO

Desde os primeiros experimentos com a eletricidade até os atuais desenvolvimentos eletrônicos, prenunciando avanços inimagináveis, até, em benefício da Humanidade, cientistas e pesquisadores buscaram construir aparelhos capazes de detectar e registrar as energias que emanam do corpo humano, facultando, assim, o surgimento da mais sofisticada instrumentação para o progresso geral das ciências.

Na área que diz com a dimensão espiritual, não poderia ser diferente. Ainda no século XIX, pesquisadores de renome já construíam aparelhos capazes de registrar as emissões dos eflúvios humanos. Serve de exemplo a célebre *Bobina de Rhumkorff*, cujo funcionamento é assim descrito por Albert de ROCHAS:

> "*Numa câmara instala-se uma bobina de Rhumkorff, acionada por uma pilha suficientemente possante. Um de seus fios é deixado em comunicação com o ar ambiente: o outro, muito mais comprido, termina por uma proveta de vidro, cheia de água acidulada, na qual sua extremidade é fixada por meio de uma rolha de cortiça. Uma pessoa colocada num quarto vizinho, completamente escuro, toma numa das mãos a proveta e aproxima um dedo da outra mão de uma placa fotográfica, que lhe apresenta, do lado do colódio, uma segunda pessoa, sem comunicação direta com a pilha; quando o dedo estiver suficientemente próximo da placa, dele desprender-se-á um fluxo elétrico, que se inscreve por si mesmo sobre a película sensível e que se assemelha inteiramente aos eflúvios que os sensitivos vêem se desprender dos dedos de uma pessoa em estado normal.*" (**DE ROCHAS, Albert**. "***L'Exteriorisation de la Sensibilité***". Paris, 1899. Edição brasileira sob o título: "**A Feitiçaria – Exteriorização da Sensibilidade**". São Paulo: EDICEL, 1971, pp. 35 e 36. Trad. Júlio Abreu Filho).

Com esse equipamento conseguia-se, já, registrar os eflúvios que se desprendiam dos dedos, podendo, pois, as experiências que com ele se faziam, ser consideradas como autênticas predecessoras das que aconteceriam mais de meio século depois, com base no método Kirlian.



Efluviografia (II)
Fotografia dos eflúvios do dedo de uma pessoa contatada com uma Bobina de Rhumkorff. (Em "***L' Exteriorisation de la Sensibilité***", Albert de Rochas. Paris: BIBLIOTHÈQUE CHACORNAC, 1909).

Como já anotado, fundamental para a detecção e análise da aura, foi, sem dúvida, a descoberta do casal Kirlian, de grande repercussão nos meios científicos e com desdobramentos deveras promissores.

Observando, numa demonstração de um aparelho de eletroterapia de alta freqüência, que, enquanto o paciente se submetia ao tratamento através de eletrodos, lampejos minúsculos surgiam entre a pele e os eletrodos, Semyon Davidovich Kirlian passou a pensar na possibilidade de fotografar tal fenômeno. Isso aconteceu em 1939, num instituto de pesquisas, em Crasnodar, Cubão, sul da Rússia, próximo ao Mar Negro. Daí por diante, aplicando seus conhecimentos de eletrônica, entregou-se a incessantes pesquisas, acompanhado de sua mulher Valentina Khrisanfovna Kirlian. Fazendo experiências pessoais, chegou a sofrer queimaduras muito sérias, mas a persistência iria trazer-lhe o êxito certo. Ao fim de dez anos de experimentações (1949), os Kirlian, finalmente, chegaram à certeza de terem encontrado os instrumentos que lhes possibilitavam examinar os efeitos das correntes de alta freqüência, tanto em seres humanos e animais, como em plantas e objetos inanimados.

A divulgação dos resultados alcançados, no mundo acadêmico, atraiu para a sua humilde casa de madeira, na rua Kirov, em Crasnodar, os mais ilustres expoentes do mundo científico soviético, interessados em conhecer mais de perto a *fotografia de alta freqüência*, descoberta pelo ilustre casal.[1]

*

[1] Interessante observar que Kirlian iniciava suas pesquisas mais ou menos na mesma época (princípios da década de quarenta) em que Burr, no outro lado do Oceano, estava medindo os campos eletromagnéticos presentes em torno dos seres vivos. "Ambos os cientistas desenvolveram técnicas experimentais que podiam medir alterações nos campos de energia dos organismos vivos", assinala o Dr. Richard GERBER. "O método de Burr utilizava voltímetros convencionais e os dados eram apresentados na forma de níveis de microvoltagem. Embora Kirlian tivesse estudado os mesmos campos elétricos, suas técnicas eletrográficas trans-

Basicamente, esse tipo de fotografia, segundo OSTRANDER e SCHROEDER, com um campo de alta freqüência, capaz de registrar as fantásticas nuanças das emanações que compõem a aura ("notável fenômeno de luminescência"), envolveria um gerador de oscilações elétricas, ou oscilador de alta freqüência (75.000 a 200.000 oscilações elétricas por segundo), "ligado a vários grampos, chapas, instrumentos ópticos, microscópios comuns ou eletrônicos." Para a obtenção da fotografia, o objeto da investigação deve ser inserido entre os grampos, juntamente com o papel fotográfico. "Ligando-se o gerador, cria-se um campo de alta freqüência entre os grampos, que provoca, aparentemente, a irradiação de uma espécie de bioluminescência dos objetos para o papel fotográfico. Não se faz mister uma câmera para o processo de fotografia." (**OSTRANDER, Sheila. SCHROEDER, Lynn. "Experiências Psíquicas além da Cortina de Ferro"**. CULTRIX, 1974, cit., p. 223).

Modelos aperfeiçoados ou modificados foram, depois, surgindo e patenteados, tornando-se hoje conhecidos em todo o mundo. Anote-se, contudo, que embora o equipamento original dispensasse a câmera fotográfica, propriamente, ela acabou por integrá-lo; de tal sorte que, atualmente, chega a ser conhecido, simplesmente, como "câmera Kirlian".

De outro lado, discutem-se as informações relacionadas com a necessidade de emprego da alta freqüência – superior a 20.000 hertz para a obtenção dessa fotografia (necessária, talvez, para o

---

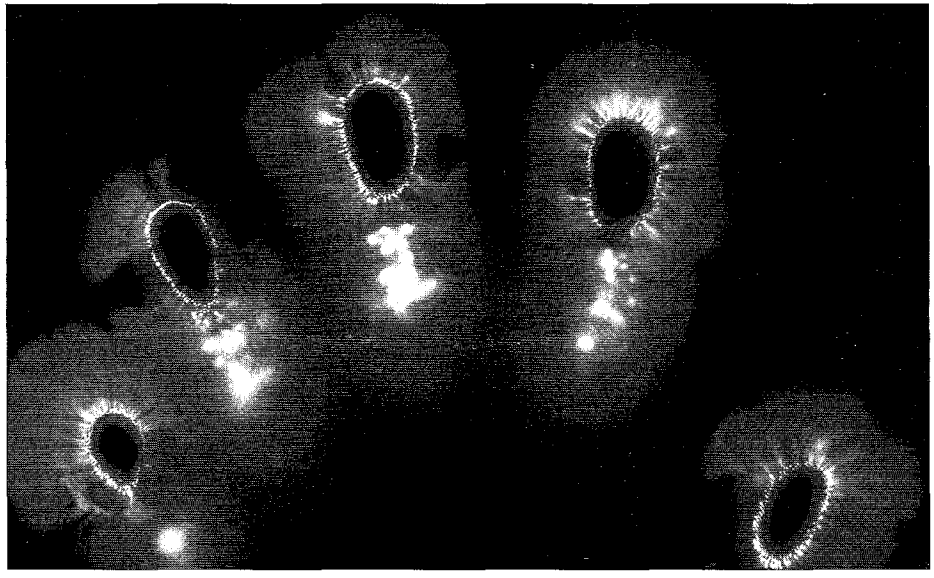
formavam as mensurações elétricas de Burr nas características visuais de uma corona elétrica. Burr e Kirlian descobriram que doenças como o câncer provocavam significativas alterações nos campos eletromagnéticos dos organismos vivos. Burr fizera essa revelação depois de examinar os resultados de mensurações superficiais da pele feitas com o seu voltímetro. Kirlian registrou imagens de descarga em corona no corpo para comprovar a ocorrência de alterações em campos de energia associadas a doenças." (**GERBER, Richard. "Medicina Vibracional – Uma Medicina para o Futuro"**. 12ª ed., S. Paulo: CULTRIX, 1997, p. 44. Trad. Paulo César de Oliveira).

registro das emanações, sem a câmera fotográfica, como acontecia nos primeiros tempos), uma vez que os equipamentos simples, hoje disponíveis, operam com freqüência comum de 60 hertz, como, por exemplo, mostra Carlos B. IMBASSAHY, explicando o funcionamento do aparelho Kirlian:

> *"É uma câmara fotográfica disposta de tal sorte que seu foco incida sobre uma placa de indução elétrica e sobre a qual coloca-se o dedo para a foto (ou outra parte do corpo adaptável à câmera). Esta placa está induzida por um campo elétrico de altíssima voltagem e baixíssima amperagem, motivo por que não dá a sensação de choque; o campo é obtido por um transformador de corrente que trabalha com a freqüência das nossas instalações elétricas, ou seja, 60 hertz, o que equivale a 60 ciclos por segundo...*
>
> *Quando colocamos o dedo sobre a placa induzida pelo sistema elétrico da aparelhagem, as energias que emanam dele vão modular o campo simples ali existente e é esta modulação que irá ser fotografada, fornecendo sobre a película a configuração que se vê após revelado o filme."* (**IMBASSAHY, Carlos de Brito. "Quem Pergunta Quer Saber"**. 3ª ed., S. Paulo: PETIT, 1995, pp. 98 e 99).

Na verdade, hoje, existem dois tipos de equipamento: os que servem à pesquisa científica sobre a kirliangrafia, propriamente, operando com radiofreqüência (RF) – que corresponde à técnica originalmente desenvolvida pelo casal Kirlian –, de alto custo e maior complexidade, e os mais simples, de uso popular e comumente usados na procura de diagnósticos, que dispensa freqüência elevada.

Ressalte-se, todavia, que as pesquisas que se desenvolvem em todo o mundo revelam, às vezes, dados surpreendentes. Assim, por exemplo, as variações cromáticas estampadas na kirliangrafia nem sempre refletem a realidade da aura, surgindo, até, como sérias distorções.



Kirliangrafia
Fotografia da aura dos dedos de uma mão esquerda.

No Congresso Internacional de Bioeletrografia (denominação adotada pela Associação Internacional de Kirliangrafia), realizado em Londres (1990), salientou-se que, em se tratando de equipamento de alta freqüência, o padrão lilás era o predominante, e para os de baixa freqüência (muito utilizado pelos pesquisadores europeus na área de diagnósticos), o padrão cromático é o violeta-azul. Entretanto, não é esse o padrão kirliangráfico comumente conhecido. O Professor Wilson PICLER, da Faculdade de Ciências Biopsíquicas do Paraná, em judiciosa análise, assim pondera:

> *"O padrão kirliangráfico mais popular apresenta predominância cromática rosa-avermelhada com manchas azuis e esporadicamente surgem regiões alaranjadas. Essas cores são artefatos que ocorrem devido à ionização de minúsculas bolsas de ar que se formam entre o filme e a placa polarizadora, conforme ficou demonstrado em pesquisas realizadas. As referidas bolsas de ar são ionizadas com a aplicação de alta*

temente isso se dá e Deus o permite como prova, quer para os pais do nasciturno, quer para o Espírito designado a tomar lugar entre os vivos". (Essa lição, aliás, é tão importante quanto se sabe que são inúmeros, a propósito, os relatos de suicidas que, por não terem valorizado as oportunidades de vida física, procuram depois recompor-se, enfrentando as frustrações das reencarnações malogradas...).

*

A função organizadora do perispírito, obviamente, não diz apenas com a forma, os aspectos anatômicos ou as peculiaridades fisionômicas do ser em gestação, mas, principalmente, com os diversos sistemas de sustentação psicofisiológica que regerão sua vida. É aí, aliás, que aparece o papel exponencial do psicossoma. Inaugurado o processo embriogênico – ou antes, até –, o reencarnante, normalmente, sob a assistência espiritual superior, já influencia o equipamento genético disponível, como visto, de modo consolide o instrumental biológico para atender às necessidades de sua recorporificação, sempre com vistas à sua evolução.

Nessa ação, em que genes são ativados e outros enfraquecidos, submetendo-se à dominação daqueles, em processo de construção de um edifício genético propício aos fins da reencarnação, marca o perispírito sua importância na definição do novo corpo. Pronto o alicerce genotípico – e definido o mapa das possibilidades fenotípicas –, tem curso, principalmente, a partir do surgimento dos folhetos blastodérmicos, o mais delicado e complexo processo de que se tem notícia, em que cada reencarnante transmite ao corpo em formação suas características e potencialidades, até mesmo as de natureza patológica, cimentando seu futuro próximo na carne.

Na organização do novo veículo somático (provavelmente, a partir de células-tronco), especializam-se células, tecidos, órgãos e funções, a espelharem iguais estruturas e funções do perispírito, consolidando-se, afinal, sob o influxo da energia gerada

pelos seus centros de força (ou centros vitais), poderosas usinas sustentadoras do metabolismo psicossômico.

Nesse processo, todavia, não acontece somente o fluxo de energia vital, mas também uma espécie de "drenagem" da energia degradada (miasmas espirituais), atraída aos centros de força do perispírito, devido à invigilância moral e seus fatores subseqüentes, como a desarmonização e o remorso. Esse tipo de energia provocará as disfunções e as malformações que levarão o reencarnante – quase sempre mui dolorosamente – à rearmonização espiritual, condição de seu progresso. Como afirma ANDRÉ LUIZ, por Waldo VIEIRA, quase sempre o corpo físico "deve sofrer mutilações e enfermidades benéficas, inibições e dificuldades orgânicas de caráter inevitável, porque, de aprendizado em aprendizado e de tarefa em tarefa, quanto o aluno de estágio em estágio para as grandes metas educativas, é que se levantará, vitorioso, para a ascensão à imortalidade Celeste." ("**Evolução em Dois Mundos**". 13ª ed., FEB, cit., p. 154).

Como se vê, essa importante função perispirítica, responsável pela organização do instrumento físico do Espírito que retorna, aparece como o dado fundamental no esquema da evolução humana.

FUNÇÃO SUSTENTADORA

O perispírito, impregnando-se de energia vital e transferindo-a paulatinamente, ao impulso da alma, para o veículo físico, sustenta-o desde a formação até o completo crescimento, conservando-o, depois, na vida adulta, durante o tempo necessário.

Matriz estrutural destinada à organização e sustentação do edifício biológico, na reencarnação, o perispírito, como assinala DELANNE, surge, graças à sua perenidade, como elemento indispensável à estabilidade do ser humano, "no meio de toda essa complexidade das ações vitais, dessa efervescência perpétua e re-

sultante da cadeia de decomposições e recomposições químicas, ininterruptas, na trama, enfim, de nervos, músculos, glândulas a se entrecruzarem, a circularem, a se interpenetrarem de líquidos e gases, em desordem aparente, mas da qual sairá, contudo, a mais estupenda regularidade", sendo certo que "a função pertence ao conjunto, e não, às unidades que o compõem", e que esta se subordina a uma "ordem que não se altera, apesar dos sucessivos afluxos de elementos novos". (**DELANNE, Gabriel**. "**Evolução Anímica**". 6ª ed., FEB, 1989, pp. 43 e 46. Cf. **JORGE, José**. "**Antologia do Perispírito**". 5ª ed., Rio de Janeiro: CELD, 1997, pp. 150 e 151).

A ação sustentadora (conservadora) do perispírito, aliás, surge bem patente, por exemplo, no delicado e complexo processo da renovação celular. Sabido é que todas as células físicas são substituídas a cada ciclo de 7 a 8 anos, sem que, entretanto, seja alterada qualquer parte do corpo, conservando a pessoa, ainda, os seus traços fisionômicos.[5]

---

[5] Tem-se admitido, até aqui, que os neurônios, não se reproduzindo, não podem também ser substituídos, representando, assim, uma exceção ao princípio geral da renovação celular periódica.

Em 1988, os neurobiólogos Fred Gage, da Universidade da Califórnia, e Peter Erikson, do Instituto Universitário de Gotemburgo, Suécia, descobriram a presença de neurônios novos na região límbica – especificamente, no hipocampo, estrutura ligada ao processo da memória (V. Cap. X, "Perispírito e Memória").

Constatou-se, a seguir, que neurônios novos surgem da divisão de um outro tipo de célula, as células-tronco, que, sob certos comandos químicos, passariam, logo após o processo de divisão, a se especializar, transformando-se em células nervosas.

Recentemente (1999), o cientista mexicano Arturo Alvarez Buylla, da Universidade Rockefeller, Nova York, pesquisando a zona subventricular, teria descoberto que essas células-tronco são os conhecidos astrócitos, que envolvem os neurônios.

Trata-se de um dado revolucionário, indicando um potencial praticamente ilimitado de regeneração do cérebro. (Para um total aproximado de 10 bilhões de neurônios, existiriam cerca de 100 bilhões de astrócitos...).

As pesquisas evoluem e, segundo o agora anunciado pelo pesquisador russo, Valery Kakekov, da Universidade do Tennessee, já se consegue cultivar em

Essa contínua recomposição celular, sem que seja afetado qualquer dos elementos que identificam a pessoa, acontece graças à função de sustentação, do perispírito, que, potencialmente, garante e conserva a integridade do corpo físico – respeitada, é claro, a programação cármica de cada um, com os seus variados efeitos. Leciona, a respeito, DENIS:

> "*Insensível às causas de desagregação e destruição que afetam o corpo físico, o perispírito assegura a estabilidade da vida em meio da contínua renovação das células. É o modelo invisível através do qual passam e se sucedem as partículas orgânicas, obedecendo a linhas de força, cuja reunião constitui esse desenho, esse plano imutável, reconhecido por Claude Bernard como necessário para manter a forma humana em meio das constantes modificações e da renovação dos átomos.*" (**DENIS, Léon. "No Invisível"**. 15ª ed., Rio de Janeiro: FEB, cit., p. 47: Cap. III, 1.ª Parte).

Outro aspecto importante relaciona-se com a própria higidez física, mantida pela ação fundamental do sistema imunológico que, de sua vez, é sustentado pelo perispírito. Evidência disso,

---

laboratório células-troncos retiradas do cérebro de pacientes em estado grave, buscando-se, com o auxílio de certas substâncias ("fatores de crescimento"), chegar à geração de novas células-tronco e, depois, neurônios.

Ampliam-se assim, significativamente, as possibilidades de tratamento de doenças graves que afetam o sistema nervoso, principalmente, depois que o tcheco, Hynek Wichterle, também da Universidade Rockefeller, demonstrou que neurônios imaturos, injetados em cobaias com danos cerebrais, migravam, guiados automaticamente por sinais químicos, para os locais onde eram necessários, servindo, assim, ao restabelecimento de conexões perdidas. (**BURGIERMANN, R. Denis.** "O Milagre da Multiplicação dos Neurônios". "**Superinteressante**", São Paulo: ABRIL, julho, 1999, pp. 40 a 46).

Esses dados comprovam, mais uma vez, o papel fundamental dessa extraordinária malha energética que é o perispírito – já desde suas mais primitivas protoformas, na dimensão animal –, sustentando e reorganizando continuamente o edifício celular, através de um número incontável de substâncias químicas, que, sob o comando mental e de acordo com suas características evolutivas, produz e aciona.

resulta, por exemplo, até do fato de que a deficiência imunológica, segundo bem se constata hoje, está estreitamente vinculada a fatores que dizem, principalmente, com o equilíbrio emocional.

O comprometimento psíquico – a refletir, seguidamente, a própria história do Espírito – pode repercutir na ação sustentadora do psicossoma, provocando o enfraquecimento das defesas orgânicas e o conseqüente desequilíbrio homeostático. Recomposta a harmonia mental – dentro das possibilidades cármicas –, as forças perispiríticas de sustentação, desbloqueadas, voltam a operar, reativando a imunologia. (Evidentemente, trata-se, aqui, de um processo extremamente complexo, a envolver, não só conhecimentos ligados à fisiologia, neurofisiologia, endocrinologia, biologia molecular ou à bioquímica, mas, sobretudo, os que implicam uma compreensão maior da própria dinâmica psíquica ligada à realidade espiritual).

* * *

IV.

CENTROS VITAIS

A complexa tessitura psicossômica apresenta, ao que tudo indica, um número considerável de "pontos de força", responsáveis, em seu conjunto, pela distribuição da energia vital e, por conseguinte, pelo equilíbrio fisiológico do organismo físico.

Não se trata de conhecimento novo. Em verdade, na Antigüidade, entre os hindus – especialmente, com base nos *Upanixades*, os comentários dos Vedas que formavam os quatro livros sagrados (750-500 a.C.) – já se sabia de sua existência. E muito antes, os chineses, com base no *Taoísmo*, a envolver uma avançada concepção da Criação,[1] elaboraram complexa e refina

[1] As raízes do Taoísmo perdem-se na noite dos tempos. Textos importantes, enaltecendo a prática moral, teriam surgido a partir do século XII a.C., mas a obra fundamental, Lao-Tze ou Lao-Tzu ("velho mestre" – apelido de Li Pe-Yang), teria aparecido no séc. IV ou V a.C. Explicavam os mestres chineses que Tao é o princípio absoluto, cuja emanação gerou o que existe. Cada elemento existente – mineral, vegetal, animal – é sua expressão, por isso, é a alma de cada coisa, regendo, ao mesmo tempo, o todo. Pelo conhecimento sustentado por uma vida moral, pela meditação profunda sobre a verdade da interpenetração dos contrários, que acontece através da atuação das forças Iang e Inn, chega-se a apreender o sentido da unidade do cosmo. A partir do séc. IV, o Taoísmo passou a sofrer mo-

da técnica de cura, baseando-se no princípio de que a saúde depende do equilíbrio entre as forças *Iang* e *Inn*, expressões da energia vital, alcançável pela estimulação de pontos distribuídos por todo o corpo. Essa técnica, que também leva em conta as teorias chinesas de anatomia e fisiologia, é conhecida no Ocidente como *acupuntura* e encontra-se descrita no *Nei-Ching* (texto médico dos antigos), conhecido como a "Bíblia da Acupuntura" e surgido, possivelmente, no séc. III a.C. (A origem da acupuntura, todavia, remonta a 3 mil anos antes de nossa era). O *Nei-Ching* divide-se em duas partes: o *So-Uen*, que trata de semiologia e cura, e o *Ling-Shu*, que se refere ao tratamento propriamente, pela estimulação – por meio de agulhas ou moxas – de pontos próprios, dirigida ao reequilíbrio do fluxo das forças *Iang* e *Inn* e, conseqüentemente, da estabilidade fisiológica.

Esses *acupontos* – cuja localização, seguidamente, coincide com a das terminações nervosas – são numerosos (cerca de 750 ou mais) e cobrem todo o corpo, sendo que 365 deles – dos quais, 122 servem mais às aplicações clínicas comuns – destacam-se em importância por fazerem parte de um delicado circuito composto por doze *meridianos*, possíveis canais de energia.

(No passado, chegou a surgir a hipótese de que se tratava de canais condutores de substâncias desconhecidas, a constituírem um sistema diferente dos conhecidos, até mesmo o linfático). (V. Cap. XVI, "Perispírito e Anestesia").

A propósito, Hernani Guimarães ANDRADE refere-se a duas experiências interessantes sobre a existência e alcance desses meridianos.

---

dificações profundas e, mais tarde, sob a influência do Budismo, surgiram correntes e seitas, embora, nos círculos tradicionais de estudo, continuasse sendo estudada a doutrina dos antigos mestres. Interessante anotar que, com as primeiras modificações do Taoísmo, na dinastia Han (séc. III a.C.), a comunicação com os Espíritos desencarnados já era detectada como prática chinesa comum. Mais tarde, o Taoísmo já comparece como religião, com sacerdotes, hierarquia, cerimoniais e ritos.

A primeira diz respeito a uma demonstração feita pelos russos. Comenta o ilustre pesquisador:

> *"Os soviéticos demonstraram a existência de verdadeiros circuitos de baixa resistência elétrica, em um organismo vivo, conectando uns com os outros os pontos de acupuntura. É possível registrar pequenas diferenças de potencial elétrico entre dois desses pontos, ligando, aos mesmos, electrodos de diferentes materiais, como a prata e o níquel."*

> *"Acredita-se que um circuito interno profundo está relacionado com os pontos de acupuntura. Crê-se que tais conexões ocorrem sob a condição de um campo de energia em vez de uma rede condutora. As condições de bem-estar e de saúde do corpo parecem essencialmente dependentes da suficiente energia nesses circuitos e do seu mútuo equilíbrio."*

Outro relato refere-se a experiências feitas pelo cientista de origem coreana, Kim Bong Han, que emprega técnicas tão inéditas quanto refinadas, assim descritas:

> *"Ele injetou fósforo radioativo em um ponto de acupuntura e tentou acompanhar sua marcha pelo organismo. Verificou que os átomos do fósforo radioativo, em vez de se espalharem pelos tecidos adjacentes, procuraram um meridiano particular. Em seguida foram detectados átomos de fósforo radioativo, em elevada concentração, nos pontos de acupuntura ao longo do meridiano correspondente."* (**ANDRADE, Hernani Guimarães.** ***Espírito*****, "Perispírito e Alma". 10ª ed., PENSAMENTO, cit., pp. 1 e 2).**

Essas e outras experiências – como as de BURR, por exemplo, retrocitadas, em torno dos "campos de vida" (*fields of life*) – ressaltam a verdade de muito conhecida de que existem pequenos centros de força que, interligados, respondem pela sustentação do equilíbrio vital do organismo.

A tradição oriental – recolhida por estudiosos que lideraram

o surgimento de diversas correntes espiritualistas no Ocidente – reporta-se à existência de centros energéticos maiores, a comandarem, de alguma forma, ao que tudo mostra, os demais. Esses centros, denominados chacras ou tchacras (do sânscrito: roda, círculo, disco, órbita), localizar-se-iam, num segundo corpo, sutil, matriz do físico.

São sete os chacras citados (em sânscrito: *sahasrâra*, situado no alto da cabeça; *ajnã*, na região frontal do cérebro; *vishuddha*, na região do pescoço; *anâhata*, sobre o coração; *manipura*, na região do estômago; *swadhisthana*, na altura do baço, e *mulâdhâra*, situado na parte inferior da coluna vertebral), havendo, porém, escolas que, além desses sete principais, enumeram outros vinte e um centros menos destacáveis na fisiologia orgânica, com função, possivelmente, de ponte ou contato entre os "pontos de força" menores e os principais (chacras), em algum nível perispirítico, dentro de um complexo sistema em que a energia vital, através de meridianos (em sânscrito, *nádis*, condutores de energia da corrente vital; "*rios de energia*"), sustenta o desenvolvimento e a conservação do veículo físico. Esse sistema de centros de condensação e distribuição de energia, e de conexões que os interligam, embora sua expressão física, compõem, obviamente, o corpo espiritual.[2]

Os chamados chacras, como acontece com os centros menores, conhecidos como pontos de acupuntura ou acupontos (modernamente, "campos de vida"), são hoje cada vez mais estudados e, mesmo, aparelhos têm sido construídos para detectá-los e avaliá-los. O médico e pesquisador japonês, Hiroshi MOTOYAMA, por exemplo, baseando-se "nas hipóteses de que cada chacra

---

[2] O perispírito rege a vida física, dinamizando a energia vital aglutinada no chamado duplo etérico, através de seus centros de força. Como estes se projetam no duplo etérico, de natureza mais próxima à do corpo material, refletindo-se neste, torna-se possível sua detecção por instrumentação física. (V. Cap. VI, "O Duplo Etérico").

se relaciona intimamente com um determinado plexo nervoso e seu respectivo órgão interno", e procurando descobrir a energia produzida pelos chacras e lançada no corpo, desenhou um aparelho que denominou "*Instrumento do Chakra*", o qual, ao contrário do eletroencefalógrafo e dos instrumentos de eletrofisiologia, conforme explica, detecta "minúsculas variações energéticas (elétricas, magnéticas, ópticas) de um paciente", sendo os sinais ópticos e elétricos por ele emitidos, "amplificados e analisados por um processador, um analisador de espectros de força e outros equipamentos semelhantes localizados no exterior do recipiente, sendo então registrados simultaneamente numa fita gravadora de diversos canais, juntamente com variáveis convencionais como a respiração, o ECG, o pletismógrafo e o GSR." (**MOTOYAMA, Hiroshi. "Teoria dos Chakras – Ponte para a Consciência Superior"**. 9ª ed., São Paulo: PENSAMENTO, 1993, p. 248: Cap. IX. Trad. Zuleika T. Wiechmann Freschi).[3]

Os positivos resultados alcançados por MOTOYAMA, em suas inúmeras experiências, dando conta da localização desses centros de energia e de seu significado na economia do todo psicofísico, apresentam-se deveras auspiciosos, contribuindo, certamente, para a construção de uma Ciência mais próxima da realidade do Espírito.

*

[3] Apresentando a tese "*Emissão de Energia dos Chakras da Ioga e dos Pontos dos Meridianos da Acupuntura*", no VII Congresso Internacional de Parapsicologia (Gênova, 1975), o Prof. Motoyama deu a conhecer um mapeamento perfeito dos meridianos, via eletrônica, que coincidia perfeitamente com o feito pelos chineses, há 4.000 anos! E nesse mapeamento, segundo anota o Prof. Henrique RODRIGUES, foi também constatado o potencial de diversos meridianos (pulmões, intestino grosso, intestino delgado e bexiga). (V. **RODRIGUES, Henrique. *A Ciência do Espírito.*** Matão, SP: CLARIM, 1985, cit., p. 75: Cap. 3).

Com o surgimento dos notáveis trabalhos do Espírito ANDRÉ LUIZ, por meio da mediunidade de Francisco Cândido XAVIER, tomou-se conhecimento da efetiva existência desses centros de força fundamentais, melhor denominados *centros vitais*.

Ensina, o venerando Instrutor, que "o nosso corpo de matéria rarefeita está intimamente regido por sete centros de força, que se conjugam nas ramificações dos plexos e que, vibrando em sintonia uns com os outros, ao influxo do poder diretriz da mente, estabelecem, para nosso uso, um veículo de células elétricas, que podemos definir como sendo um campo eletromagnético." (**XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Entre a Terra e o Céu"**. 16ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 126: Cap. XX).

Esses centros vitais recebem do Autor os nomes de centro *coronário*, centro *cerebral*, centro *laríngeo*, centro *cardíaco*, centro *esplênico*, centro *gástrico* e centro *genésico*.[4]

O centro *coronário*, por sua importância fundamental na sustentação do equilíbrio perispirítico, é o primeiro. Explica ANDRÉ LUIZ, por intermédio de Francisco C. XAVIER:

> *"Analisando a fisiologia do perispírito, classifiquemos os seus centros de força, aproveitando a lembrança das regiões mais importantes do corpo terrestre. Temos, assim, por expressão máxima do veículo que nos serve presentemente, o 'centro coronário', que, na Terra, é considerado pela filosofia hindu como sendo o lótus de mil pétalas, por ser o mais significativo em razão do seu alto potencial de radiações, de*

[4] Pelas descrições conhecidas, podem-se imaginar os centros vitais como vórtices muito luminosos, cujo movimento poderia lembrar, às vezes, o abrir e fechar (contínuo e altamente dinâmico, no caso) das lâminas de um diafragma de máquina fotográfica; seu aspecto lembraria, também, as "*pétalas do lótus*", na poética expressão da filosofia hindu. Trata-se, obviamente, de uma imagem pálida e imprecisa da realidade, mas ajuda a entendê-la.

vez que nele assenta a ligação com a mente, fulgurante sede da consciência. Esse centro recebe em primeiro lugar os estímulos do espírito, comandando os demais, vibrando todavia com eles em justo regime de interdependência."

"Considerando (...) os fenômenos do corpo físico, e satisfazendo aos impositivos de simplicidade em nossas definições, devemos dizer que dele emanam as energias de sustentação do sistema nervoso e suas subdivisões, sendo o responsável pela alimentação das células do pensamento e o provedor de todos os recursos eletromagnéticos indispensáveis à estabilidade orgânica. É, por isso, o grande assimilador das energias solares e dos raios da Espiritualidade Superior capazes de favorecer a sublimação da alma." (**Op. cit.**, p.127).

Em outra lição, minudencia:

"Temos particularmente no centro coronário o ponto de interação entre as forças determinantes do espírito e as forças fisiopsicossomáticas organizadas.

Dele parte, desse modo, a corrente de energia vitalizante formada de estímulos espirituais com ação difusível sobre a matéria mental que o envolve, transmitindo aos demais centros da alma os reflexos vivos de nossos sentimentos, idéias e ações, tanto quanto esses mesmos centros, interdependentes entre si, imprimem semelhantes reflexos nos órgãos e demais implementos de nossa constituição particular, plasmando em nós próprios os efeitos agradáveis ou desagradáveis de nossa influência e conduta. A mente elabora as criações que lhe fluem da vontade, apropriando-se dos elementos que a circundam, e o centro coronário incumbe-se automaticamente de fixar a natureza da responsabilidade que lhes diga respeito, marcando no próprio ser as conseqüências felizes ou infelizes de sua movimentação consciencial no campo do destino." ("**Evolução em Dois Mundos**". 13ª ed., FEB, 1993, cit., pp. 27 e 28: Cap. II).

Quanto aos demais centros de força, anota o Autor que o centro *cerebral* é contíguo ao centro *coronário* e que "ordena as percepções de variada espécie, percepções essas que, na vestimenta carnal, constituem a visão, a audição, o tato e a vasta rede de processos da inteligência que dizem respeito à Palavra, à Cultura, à Arte, ao Saber." "É no centro cerebral", salienta, "que possuímos o comando do núcleo endocrínico, referente aos poderes psíquicos". ("**Entre a Terra e o Céu**". 16ª ed., cit., pp. 127 e 128). Sua influência apresenta-se "decisiva sobre os demais, governando o córtice encefálico na sustentação dos sentidos, marcando a atividade das glândulas endocrínicas e administrando o sistema nervoso, em toda sua organização, coordenação, atividade e mecanismo, desde os neurônios sensitivos até as células efetoras". ("**Evolução em Dois Mundos**", ed. ref., p. 27).

Há uma íntima relação, uma perfeita sincronia de atividade entre os centros *coronário* e *cerebral*. Esclarece ANDRÉ LUIZ, pela mediunidade de Francisco Cândido XAVIER:

> *"Por intermédio do primeiro, a mente administra o seu veículo de exteriorização, utilizando-se, a rigor, do segundo que lhe recolhe os estímulos, transmitindo impulsos e avisos, ordens e sugestões mentais aos órgãos e tecidos, células e implementos do corpo por que se expressa."*
>
> *"E assim como o centro cerebral se representa no córtex encefálico por vários núcleos de comando, controlando sensações e impressões do mundo sensório, o centro coronário, através de todo um conjunto de núcleos do diencéfalo, possui no tálamo, para onde confluem todas as vias aferentes à cortiça cerebral, com exceção da via do olfato, que é a única via sensitiva de ligações corticais que não passa por ele,*[5]

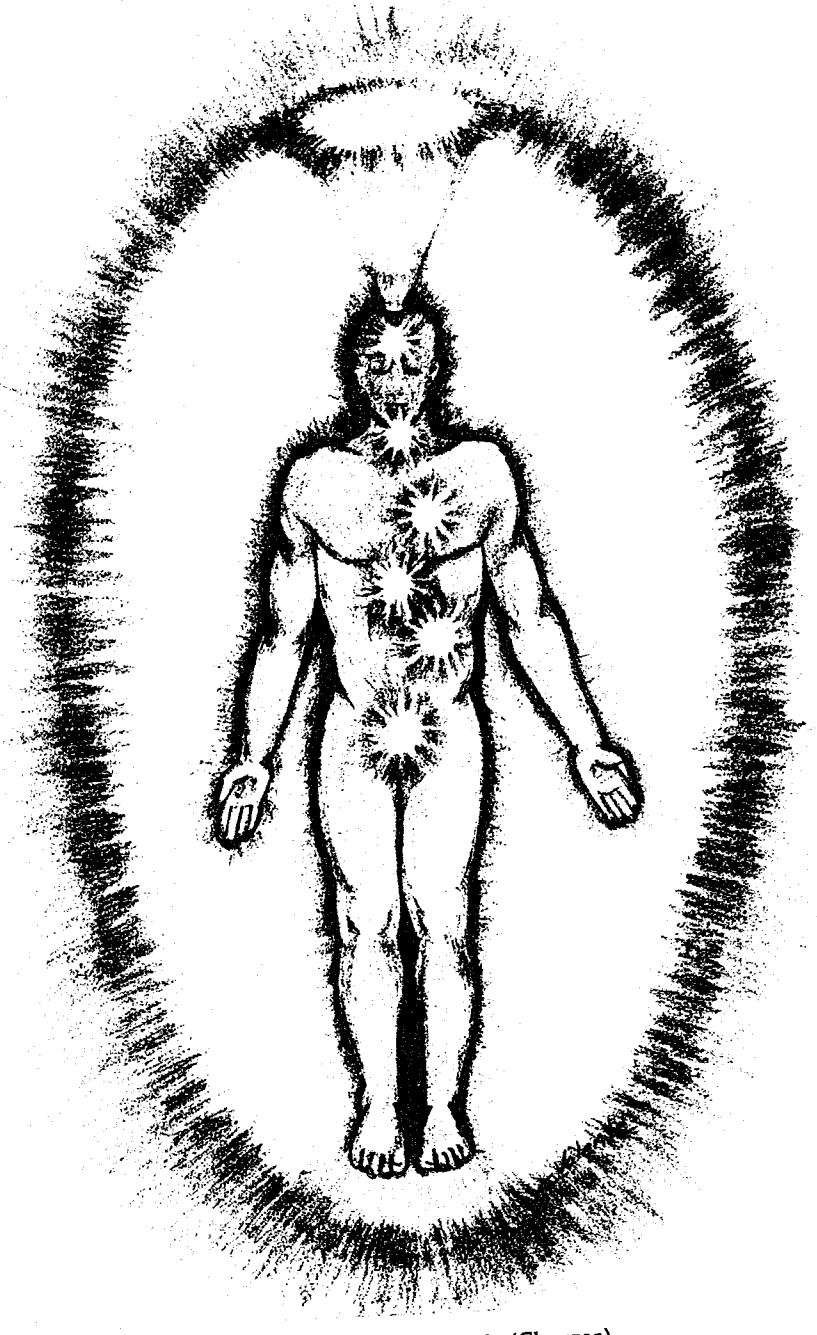
[5] Em nota de rodapé referente a esta passagem, entendeu o Autor espiritual dever esclarecer (p. 99, ed. cit.) que "a via olfatória não passa pelo tálamo, contudo, mantém conexões com alguns núcleos talâmicos através de fibras provenientes do corpo mamilar, situado no hipotálamo".

vasto sistema de governança do Espírito." (**Op. cit.**, pp. 98 e 99: Cap. XIII).

Referindo-se às outras sedes reguladoras da energia vital, assinala o Autor, seguindo a ordem de sua localização, que o centro *laríngeo* "preside aos fenômenos vocais, inclusive às atividades do timo, da tireóide, e das paratireóides"; o centro *cardíaco* "sustenta os serviços da emoção e do equilíbrio geral"; o centro *esplênico*, que, "no corpo denso, está sediado no baço", regula a "distribuição e a circulação adequada dos recursos vitais em todos os escaninhos do veículo de que nos servimos"; o centro *gástrico* "se responsabiliza pela penetração de alimentos e fluidos em nossa organização", e o centro *genésico* é a sede do "santuário do sexo, como modelador de formas e estímulos". ("**Entre a Terra e o Céu**". 16ª ed., FEB, cit., p. 128).

A respeito desses últimos vórtices, detalha, ainda, o consagrado Autor, em outras páginas, que o centro *esplênico* determina "todas as atividades em que se exprime o sistema hemático, dentro das variações de meio e volume sangüíneo", o centro *gástrico* responsabiliza-se "pela digestão e absorção dos alimentos densos ou menos densos que, de qualquer modo, representam concentrados fluídicos penetrando-nos a organização", e o centro *genésico* guia "a modelagem de novas formas entre os homens ou o estabelecimento de estímulos criadores, com vistas ao trabalho, à associação e à realização entre as almas". ("**Evolução em Dois Mundos**", ed. ref., p. 27).

Segundo alguns autores, o centro *coronário* situa-se na parte superior do cérebro (projetando-se no alto da cabeça); o centro *cerebral* é visto ao nível do lobo frontal, entre as sobrancelhas; o centro *laríngeo* localiza-se na região do pescoço; o centro *cardíaco* encontra-se na região do coração (precordial); o centro *gástrico* situa-se na região do abdômen superior (epigástrio); o centro *esplênico*, na região do baço, e o centro *genésico*, na região inferior do abdômen (hipogástrio).



Os Centros Vitais (Chacras)

Na verdade, o perispírito, como já anotado, é, integralmente, a matriz do corpo físico; a organização anátomo-fisiológica deste apenas reflete a realidade daquele. Cada célula do corpo denso corresponde a uma célula do corpo espiritual. Cada função orgânica corresponde a uma função perispirítica. E é sob o comando dos centros vitais do psicossoma que se processa a interação energética total entre ambas as estruturas.

Ressalta, a propósito, o Espírito ANDRÉ LUIZ, pela mediunidade de Francisco C. XAVIER:

> *"São os centros vitais fulcros energéticos que, sob a direção automática da alma, imprimem às células a especialização extrema, pela qual o homem possui no corpo denso, e detemos todos no corpo espiritual em recursos equivalentes, as células que produzem fosfato e carbonato de cálcio para a construção dos ossos, as que se distendem para a recobertura do intestino, as que desempenham complexas funções químicas no fígado, as que se transformam em filtros do sangue na intimidade dos rins e outras tantas que se ocupam do fabrico de substâncias indispensáveis à conservação e defesa da vida nas glândulas, nos tecidos e nos órgãos que nos constituem o cosmo vivo de manifestação."* ("**Evolução em Dois Mundos**". 13ª ed., FEB, cit., p. 28: Cap. II).

A importância capital desses centros de força (percebidos por alguns cientistas como "*centros morfogênicos*"), comandando a especialização celular, o impulso histogênico dirigido à formação dos diferentes órgãos, como visto, já é hoje reconhecida pela maioria dos investigadores que se ocupam do tema.

Observe-se, finalmente, que nas fases de *intermissão* (termo empregado por Guimarães ANDRADE para designar, em Espiritismo, o intervalo entre encarnações), os centros vitais nada perdem em importância, na sustentação do dinamismo perispirítico, embora apresentem algumas transformações importantes, principalmente, nos centros *gástrico* e *genésico*, como informa ANDRÉ

LUIZ, e ainda que, de outro lado, sob o influxo da mente, possam esses dois centros de força entrar em processo de debilitação, chegando, até, a quase apagar-se fisiologicamente.

* * *

V.

PROVAS DA EXISTÊNCIA DO PERISPÍRITO

A comprovação da existência do perispírito, que o Espiritismo oferece, constitui, inegavelmente, contribuição das mais valiosas para o conhecimento do homem, em sua integridade.

Segundo sugestão de Léon DENIS ("**O Problema do Ser, do Destino e da Dor**". 18ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 58, rodapé), podem as provas ser divididas em **objetivas** e **subjetivas**.

Nessa direção, pode-se admitir que se alinham entre as provas **objetivas**, as que se produzem nos processos de *materialização*; as resultantes, especificamente, do fenômeno de *desdobramento*; as fornecidas pela *fotografia transcendente*; as produzidas pela *transfoto*; as que são colhidas nos fenômenos de *exteriorização de sensibilidade*.

Entre as provas **subjetivas**, destacam-se: as *sensações de integridade*; as *percepções extracorpóreas*; as percepções facultadas pela *vidência* ordinária.

PROVAS DA EXISTÊNCIA DO PERISPÍRITO	OBJETIVAS	MATERIALIZAÇÃO DESDOBRAMENTO FOTOGRAFIA TRANSCENDENTE TRANSFOTO EXTERIORIZAÇÃO DA SENSIBILIDADE
	SUBJETIVAS	SENSAÇÃO DE INTEGRIDADE PERCEPÇÃO EXTRACORPÓREA VIDÊNCIA

MATERIALIZAÇÃO

Na multifária ocorrência ectoplásmica, os fenômenos que dizem com a chamada materialização de Espíritos atraem destaque particular. ("*Materializar*" – ensina EMMANUEL, por Francisco Cândido XAVIER – "*é adensar, reconverter valores fluídicos, tangibilizar o que é sutil e indefinível ainda ao quadro dos conhecimentos terrestres*" – V. **RANIERI, R. A.** "**Materializações Luminosas**". 5ª ed., São Paulo: FEESP, 1995, p. 247: Cap. VIII).

Nesse processo – tão delicado, quão complexo – pode surgir a formação do corpo inteiro do Espírito manifestante (*materialização total*) ou, apenas, de partes do corpo (*materialização parcial*).[1]

[1] Historicamente, pode-se dizer, com DENIS, que foi na Inglaterra que esse tipo de manifestação foi mais metodicamente analisado, produzindo os mais formais e importantes testemunhos. "Em 1869", anota o Autor, "a Sociedade Dialética de Londres, uma das mais autorizadas agremiações científicas, nomeou uma Comissão de trinta e três membros, sábios, literatos, prelados, magistrados, entre os quais Sir John Lubbock, da Royal Society, Henry Lewes, hábil fisiologista, Huxler, Wallace, Crookes, etc., para examinar e 'aniquilar para sempre' esses fenômenos espíritas, que, dizia a moção, 'são produto da imaginação'. Depois de dezoito

O elemento utilizado pelos Espíritos para esse tipo de produção fenomênica é, basicamente, o *ectoplasma* (do gr. ***ektós***, fora, exterior, + ***plásma***), termo divulgado por Charles Richet (1850-1935),[2] depois de ter observado, numa série de sessões com a célebre médium Eva Carriere (depois Waespé), conhecida como Eva C., acontecidas em 1903, na antiga Argel, que os fenômenos ocorriam graças a uma substância esbranquiçada que dela saía. Mais tarde, constatou-se, de vez, que essa substância viva, manipulada pelos Espíritos, é que torna realmente possível o surgimento das formações visíveis (luminosas ou não) – ou, até, só tangíveis –, conhecidas como *materializações*.

---

meses de experiências e de estudos, a Comissão, em seu relatório, reconheceu a realidade dos fenômenos e concluiu em favor do Espiritismo."

Na descrição dos fatos observados, acrescenta DENIS, o relatório não só demonstrou as pancadas e os movimentos da mesa, como também se referiu a "*aparições de mãos e de formas que, não pertencendo a nenhum ente humano, pareciam vivas por sua ação e mobilidade. Essas mãos eram algumas vezes tocadas e seguradas pelos assistentes, convencidos de que elas não eram o resultado de uma impostura ou de uma ilusão.*"

"Um dos trinta e três, A. Russel Wallace, colaborador de Darwin, e, depois da morte deste, o mais eminente representante do evolucionismo, prosseguiu suas investigações e consignou os seus resultados numa obra de grande êxito: "***Miracles and Modern Spiritualism***". Falando dos fenômenos, exprime-se nestes termos:

'Quando me entreguei a essas experiências, era fundamentalmente materialista. Não havia em minha mente concepção alguma de existência espiritual. Contudo, os fatos são obstinados; venceram e obrigaram-me a aceitá-los muito tempo antes que eu pudesse admitir a sua explicação espiritual. Esta veio sob a influência constante de fatos sucessivos que não podiam ser afastados nem explicados de nenhuma outra maneira." (**DENIS, Léon. "Depois da Morte"**. 18ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, pp. 161 e 162: Parte Terceira, Cap. XIX. Trad. João Lourenço de Souza).

[2] Antes de Richet, já se conjeturava, com base em comunicações obtidas por W. CROOKES, através do médium Dunglas Home, dadas a conhecer à Sociedade Dialética de Londres, que o fenômeno da materialização tinha como suporte o ectoplasma das células orgânicas.

Em Biologia, como se sabe, o vocábulo designa a parte da substância citoplásmica mais proximamente ligada à membrana plasmática, ou seja, a película externa do citoplasma.

Albert Schrenk NOTZING (1862-1929), famoso pesquisador alemão, que também acompanhou Eva C. e outros médiuns famosos, denominou-a, **teleplasma** ("*Materialisations phenomene*", 1914).

*

O ectoplasma, como opina Arthur Conan DOYLE, "é a mais protéica das substâncias e pode manifestar-se de muitas maneiras e com propriedades variáveis". ("**História do Espiritismo**". São Paulo: PENSAMENTO, 1995, p. 352: Cap. XVIII).

Com base nos experimentos, observações e informações de notáveis investigadores,[3] como W. J. CRAWFORD, Charles RICHET, Gustave GELEY, Albert Schrenk NOTZING, Juliette-Alexandre BISSON (Mme. Bisson), William CROOKES, Johann C. F. ZÖLLNER, Paul GIBIER, Ernesto BOZZANO, Gabriel DELANNE, Alexandre AKSAKOF, Albert COSTE, Violet TWEEDALE, Hernani G. ANDRADE, Carlos de Brito IMBASSAHY e outros, é possível, já, catalogar algumas características do ectoplasma.

Assim, tem-se observado que se trata de uma substância de natureza filamentosa ou fibrosa, que, quando visível, pode apresentar-se branca, preta ou cinzenta, embora a primeira seja a mais freqüente e, por vezes, apareçam as três cores simultaneamente.

---

[3] A respeito desse imenso esforço desenvolvido pelos cientistas, buscando conhecer o ectoplasma e os efeitos dele resultantes, lembra Antônio LIMA: "Para a consecução de tamanha obra de investigação e fiscalização científica, houve um singular movimento de interesse e sincero amor à verdade, levando muitos cultores da Física a construírem uma aparelhagem para os diversos casos, como o magnetoscópio, de Rutter; o pêndulo, de Briche; o biômetro, de Lucas; o galvanômetro, de Puyfontaine; o magnetômetro, de Fourlin e Baraduc; o cilindro, de Thoré; o estenômetro, de Joire; o aparelho elétrico, de Krall; o sensitivômetro, de Durville; o aparelho de Fayol e finalmente as moldagens em parafina devidas ao professor Denton. Também se criou a báscula para registrar a perda de peso do médium, d'Arsonval inventou o selenóide, Deprez, outro galvanômetro...". (**LIMA, Antônio. "Vida de JESUS"**. 4ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1982, p. 196).

A visibilidade é variável, podendo parecer luminosa e com intensidade que cresce ou diminui. Pode, também, ser invisível e, ainda, comparecer tangível ou não.

Geralmente, ao natural, é inodora, embora, às vezes, possa desprender um odor particular difícil de ser descrito. (Anota Conan DOYLE, que NOTZING, ao reduzir a cinzas uma porção de ectoplasma registrou o "cheiro de chifre queimado" – **op. cit.**, p. 349).

Por vezes, o ectoplasma é frio e úmido; em outras, viscoso e semilíquido, mas raramente seco e duro (quando forma cordas é duro, fibroso, nodoso). Dilata-se ou expande-se fácil e suavemente.

Ao tato pode-se senti-lo como uma teia de aranha.

Uma corrente de ar pode agitá-lo ou movê-lo. Move-se, às vezes, lentamente, numa espécie de movimento reptiliano, sobre o corpo do médium; outras vezes, o movimento é súbito e rápido.

É de extrema sensibilidade, podendo aparecer ou desaparecer com a rapidez de um relâmpago.

Obediente à ação mental, é sensível ao toque físico[4] e, particularmente, à luz. Por isso, por ser extremamente fotossensível, a eficácia do processo ectoplásmico, nas sessões de materialização, geralmente, imprescinde da obscuridade.

De fato, as evidências são no sentido de que a luz, como lembra DENIS, exerce "*grande poder de desagregação*" sobre as

[4] Segundo observações de M. TUBINO, os efeitos do toque são perfeitamente detectáveis. "Quando se toca o ectoplasma de algumas pessoas, a uma certa distância do corpo, isto é, a alguns centímetros", anota o Autor, "elas sentem este toque, com sensações diversas, que dependem de cada indivíduo. Em função de como é feito, este toque pode causar ânsia de vômito, tosse e até algumas sensações mais desagradáveis." (**TUBINO, Matthieu. "Um 'Fluido Vital' Chamado Ectoplasma"**. Niterói, RJ: LACHÂTRE, 1997, p. 55).

formações ectoplásmicas. Camille FLAMMARION, a propósito, estabelece a seguinte comparação:

> "*Aqui está, num frasco e em volume igual, uma mistura de hidrogênio e cloro. Se quereis que a mistura se conserve, é preciso – seja ou não de vosso agrado – que o frasco permaneça na obscuridade. Tal é a lei. Enquanto ali ficar, ela se conservará. Se, entretanto, movido por uma fantasia pueril expuserdes essa mistura à ação da luz, uma violenta explosão se fará subitamente ouvir; o hidrogênio e o cloro terão desaparecido e encontrareis no frasco nova substância: o ácido clorídrico. E, com acerto, concluireis: a obscuridade respeita os dois elementos; a luz os aniquila.*" ("*Revue Spirite*", 1906. – V. **DENIS, Léon. "No Invisível"**. 15ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 286. Trad. Leopoldo Cirne).

Guimarães ANDRADE, ao tratar do tema, sugere que a desagregação do ectoplasma estaria associada ao chamado *efeito fotoelétrico*. Observa o renomado cientista brasileiro:

> "*Raramente, o ectoplasma resiste à ação desagregadora dos fótons. Seria, talvez, o resultado do* ***efeito fotoelétrico.*** *O infravermelho, possuindo fótons de pequena energia, não exerce ação importante sobre aquela substância. Daí ser possível formarem-se aglomerações ectoplásmicas, na ausência da luz visível. Tal fato impede sejam observadas facilmente as ectoplasmias de pequena intensidade. Uma vez bem consolidado e na fase final de uma corporificação, o ectoplasma transforma-se em tecidos ou objetos resistentes às radiações luminosas. Da mesma forma, uma vez colhido em recipiente próprio, ele poderá, perdendo sua* ***carga biônica,*** *conservar-se sob o aspecto de u'a mistura de substâncias diversas, sacadas do organismo mediúnico e até mesmo de certos objetos.*" (**ANDRADE, Hernani Guimarães. "Novos Rumos à Experimentação Espírítica"**. São Paulo: edição do Autor, 1960, p. 98: Cap. III).

Importante anotar que, em função do interesse científico, como mostra a história do Espiritismo, os Espíritos que comandam o processo conseguem, quando necessário, sanar a ausência momentânea da obscuridade, sendo certo que, nesse caso, cautelas especiais são tomadas para que o médium, em especial, não seja afetado. (A luminosidade incontrolada – e, também, a emoção súbita – pode provocar, além da desagregação, a repentina retração de parte do ectoplasma, chocando o médium e causando-lhe, por vezes, danos sérios e imprevisíveis).[5]

O ectoplasma emana através de todos os poros do médium, especialmente da boca, das narinas, dos ouvidos, do tórax e das extremidades (alto da cabeça, seios, pontas dos dedos), sendo reabsorvido ou dispersado ao final do processo. Habitualmente, as primeiras emanações acontecem pela boca, sendo possível verificar que se forma a partir da superfície interna das bochechas, das gengivas e da abóbada palatina. Durante a produção do fenômeno, o recinto onde permanece o médium sói ficar na obscuridade; fora, emprega-se, geralmente, a luz vermelha. Assume as mais diversas formas, mostrando sua irresistível tendência à reorganização.

Em certos casos, quando adensado, pode ocupar um determinado volume no espaço.

Há, ainda, evidências de que possa estar sujeito à ação da gravidade. (W. J. CRAWFORD, 1890-1930, Professor de Engenharia Mecânica na Queen's University, Belfast, Irlanda, em suas célebres pesquisas ligadas à ectoplasmia, verificou experimentalmente, com o uso de balança, a ação da gravidade sobre o ecto-

[5] São diversos os casos conhecidos em que os médiuns, nas sessões de materialização, são tão atingidos pelos efeitos da luz branca repentina, que chegam até a necessitar de hospitalização. (V. **GIBIER, Paul. BOZZANO, Ernesto. "Materialização de Espíritos"**. 4ª ed., Rio de Janeiro: ECO, p. 91, n. 15. Trad. Francisco Klors Werneck).

plasma. – V. **CRAWFORD, W. J.** "**Mecânica Psíquica**". São Paulo: LAKE, 1963. Trad. Haydée de Magalhães; **DOYLE, A. C.** "**História do Espiritismo**". Ed. PENSAMENTO, 1995, cit., pp. 352 e segs.).

Em condições específicas de adensamento, apresentar-se-ia como elemento condutor do magnetismo e da própria eletricidade.

Finalmente, o ectoplasma não só penetra (ou atravessa) qualquer tipo de matéria, como com ela interage, tanto física, como quimicamente (nível atômico). Daí, por exemplo, o seu emprego na produção de efeitos físicos ou a sua aplicação em trabalhos de cura. E essa ação pode, também, ocorrer a distância: presentes as necessárias condições, o ectoplasma de um doador pode perfeitamente servir a um paciente que esteja em outro lugar.

*

Alguns investigadores (Schrenck Notzing, James Black, Mme. Bisson, Lebiedzinski) chegaram a pesquisar, por meio de análises químicas e histológicas, a constituição do ectoplasma, tendo sido detectada entre seus elementos constituintes, a presença de cloreto de sódio e de fosfato de cálcio. Resultados outros revelaram a presença de células epiteliais e leucócitos, além de matéria gordurosa. (Blake teria chegado, até, segundo o Prof. ANDRADE, a uma fórmula quantitativa, que, pelo menos, indicaria tratar-se, o ectoplasma animal, de uma substância de natureza protéica: $C_{120}H_{1184}AZ_{218}S_5O_{249}$).[6]

Assinala, a propósito, Carlos de Brito IMBASSAHY que, ao descobrirem na célula viva, uma formação em torno do protoplasma (que denominaram ectoplasma), os biólogos chegaram a verificar "que não tinha a consistência material", nele encontran-

[6] (Cf. **ANDRADE, Hernani Guimarães.** "**A Teoria Corpuscular do Espírito**". São Paulo: edição do Autor, 1959, p. 195: Cap. IX).

do, todavia, elementos como oxigênio, nitrogênio, carbono, potássio, além de vestígios de cloro e sódio, comparecendo muito difícil seu estudo, porque, não se identificando, propriamente, com o protoplasma celular, mostrava "característica estranha e desconhecida". Acrescenta o Prof. IMBASSAHY que, "posteriormente, uma das aparições a Crookes informou, segundo depoimento de Varley à Sociedade Dialética de Londres, que os espíritos usavam como energia, para realizar os (...) fenômenos de materialização, as radiações retiradas do ectoplasma, principalmente vegetal, trabalhado através do organismo de um médium..." (**IMBASSAHY, Carlos de Brito**. "A Outra Face da Ciência Espírita". "**O Clarim**". Matão, SP, julho, 1998, p. 8).

Diante de tal informação e das referências de outros Espíritos, relacionando o ectoplasma empregado no processo de materialização e na produção de efeitos físicos, com o protoplasma, surge, até, provável que a natureza daquele possa, de certa forma, mostrar linhas de coincidência com a do ectoplasma conhecido e investigado em Biologia.

O tema, certamente, apresenta-se complexo, desafia os pesquisadores e provoca o surgimento de teses, as mais respeitáveis.[7] Assim, por exemplo, Jorge ANDRÉA, médico e autor dos mais

[7] A complexidade da questão favorece o surgimento de posições que, também, contrariam a opinião dos mais abalisados investigadores. O Professor IMBASSAHY, por exemplo, afirma que o ectoplasma não é, propriamente, o material que se desprende do médium no processo de materialização (gosma ou esputo), mas uma "névoa aparente" que enche o ambiente à medida que vai se desprendendo daquele, precipitando-se, depois, sobre o "fulcro emergente", dando-lhe "a forma dita materializada."

Segundo o pesquisador, essa "névoa aparente" é visível, sua temperatura está sempre abaixo da do ambiente, "não se comporta como fluido, não sofre influência do toque e do vento, nem de qualquer outro recurso material capaz de remover substâncias gasosas."

Sustenta, finalmente, que "ninguém conseguiu isolar qualquer quantidade de ectoplasma formado durante os fenômenos de materialização de Espíritos, porque não se tem qualquer dispositivo capaz de recolhê-lo", porém, sem dúvi-

conceituados, já enfatiza o papel do ATP entre os elementos que constituiriam o ectoplasma:

> *"O ectoplasma seria substância originária do protoplasma das usinas celulares, onde o ATP (trifosfato de adenosina) teria expressiva participação, ao lado de outros elementos. Dessa forma, não podemos deixar de considerar a importância do fósforo nas atividades bioquímicas orgânicas e, conseqüentemente, no desenvolvimento do processo ectoplásmico em suas específicas dosagens."*
>
> *"No núcleo celular existiriam fontes específicas de energia, ligadas ao ADN e ARN (ácidos desoxirribonucleico e ribonucleico), a comandarem os processos metabólicos mais expressivos no soalho protoplasmático. O elemento participante ativo desse processo de formação de energias no corpo celular seria o ATP (trifosfato de adenosina), resultante do ciclo bioquímico específico de Krebs. O ATP (...), sendo a primordial fonte de energia nos processos celulares, estaria comprometido na formação do ectoplasma."* (**ANDRÉA, Jorge. "Dinâmica Psi"**. 2ª ed., Petrópolis, RJ: LORENZ, 1990, pp. 198 e 199).

*

Ditando a Francisco C. XAVIER, esclarece ANDRÉ LUIZ que o ectoplasma é uma "força nervosa" e que "todos os homens a

---

da, será "a porta para a Ciência, pela qual irão se adentrar os estudos acerca das verdades espíritas." (**IMBASSAHY, Carlos de Brito**. "Ectoplasmia Será a Porta para a Ciência". "**Jornal Espírita**". São Paulo, jan., 1999, p. 5).

Trata-se, sem dúvida, de posição respeitável, todavia, em processo tão complexo como a ectoplasmia, dependente de tantas variáveis – a partir, já, das características psicobiológicas do médium e do tipo de fenômeno em pauta –, impõe-se não perder de vista o valor do que até aqui tem sido construído a respeito, mercê do esforço lúcido de pesquisadores de vários tempos e países – operando, pois, em circunstâncias as mais diversas –, cujas conclusões apresentam-se, na maioria das vezes, ostensivamente convergentes.

possuem com maior ou menor intensidade". ("**Missionários da Luz**". 25ª ed., FEB, cit., p. 121). "Independe do caráter e das qualidades morais daqueles que a possuem, constituindo emanações do mundo psicofísico, das quais o citoplasma é uma das fontes de origem." ("**Nos Domínios da Mediunidade**". 22ª ed., FEB, cit., p. 264). E, em síntese magistral, leciona:

> "*O ectoplasma está situado entre a matéria densa e a matéria perispirítica, assim como um produto de emanações da alma pelo filtro do corpo, e é recurso peculiar não somente ao homem, mas a todas as formas da Natureza. Em certas organizações fisiológicas especiais da raça humana, comparece em maiores proporções e em relativa madureza para a manifestação necessária aos efeitos físicos.* (...) *É um elemento amorfo, mas de grande potência e vitalidade. Pode ser comparado a genuína massa protoplásmica, sendo extremamente sensível, animado de princípios criativos que funcionam como condutores de eletricidade e magnetismo, mas que se subordinam, invariavelmente, ao pensamento e à vontade do médium que os exterioriza ou dos Espíritos desencarnados ou não que sintonizam com a mente mediúnica, senhoreando-lhe o modo de ser. Infinitamente plástico, dá forma parcial ou total às entidades que se fazem visíveis aos olhos dos companheiros terrestres ou diante da objetiva fotográfica, dá consistência aos fios, bastonetes e outros tipos de formações visíveis ou invisíveis nos fenômenos de levitação, e substancializa as imagens criadas pela imaginação do médium ou dos companheiros que o assistem, mentalmente afinados com ele. Exige-nos, pois, muito cuidado para não sofrer o domínio de Inteligências sombrias, de vez que manejado por entidades ainda cativas de paixões deprimentes poderia gerar clamorosas perturbações.*" (**XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Nos Domínios da Mediunidade"**. 22ª ed., FEB, 1994, cit., 271 e 272: Cap. 28).

*

Dado importante a considerar é que o ectoplasma, mormente o empregado em trabalhos de materialização, apresenta um componente não físico; quiçá, o mais importante.

A propósito, informa ANDRÉ LUIZ que, numa sessão de materialização, pode apresentar-se como uma associação de: (**a**) fluidos oriundos dos planos espirituais superiores;[8] (**b**) fluidos do médium; (**c**) fluidos dos assistentes; (**d**) fluidos provenientes dos recursos energéticos da própria Natureza. (O Autor designa os primeiros como fluidos A; os produzidos pelos encarnados, como fluidos B; e os tomados à Natureza, como fluidos C. – "**Nos Domínios da Mediunidade**", ed. cit., p. 265: Cap. 28).

Tal informação, pela credibilidade de que se reveste, aponta em si, a necessidade que temos de um vasto projeto de pesquisa interdisciplinar, que possa revelar mais abrangentemente, não só a natureza do ectoplasma, como a sua implicação no próprio processo da Vida, tão delicado e complexo.

Nessa direção, aliás, já despontam, atualmente, promissores, os esforços de renomados pesquisadores espíritas, entre eles, H. Guimarães ANDRADE, que, com base nas indicações dos Espíritos, cogita ser possível catalogar, em nível material, os seguintes "tipos" de ectoplasma: o *ectomineroplasma*, extraído dos corpos minerais inorgânicos; o *ectofitoplasma*, extraído dos ve-

---

[8] É possível que no Plano Espiritual, em trabalhos que corresponderiam, entre os encarnados, aos de ectoplasmia, seja empregado um tipo de energia (ou substância), cujos efeitos se assemelhariam aos que se obtém com o ectoplasma.

Significativa, a esse respeito, é a indicação de ANDRÉ LUIZ de que os Espíritos Superiores, muitas vezes, usam desse recurso a fim de poderem ser convenientemente vistos e ouvidos pelas almas menos elevadas. (V. **XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Libertação"**. 17ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1995, pp. 257 e 260: Cap. XX).

De outro lado, segundo se sabe, casos há em que o próprio ectoplasma, tal como é conhecido, é empregado em benefício dos desencarnados que se encontram em condições dolorosas. (V. **XAVIER, Francisco Cândido. IRMÃO JACOB, Espírito. "Voltei"**. 16ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 21: Cap. 1).

getais; e o *ectozooplasma*, produzido pelos animais. (**ANDRADE, Hernani Guimarães**. "**Espírito, Perispírito e Alma**". 10ª ed., PENSAMENTO, 1995, cit., p. 174: Cap. VIII).

Inegavelmente, tal tentativa de classificação comparece como das mais respeitáveis e o futuro disporá a respeito, sabendo-se, todavia, que, por ora, o que se tem é que esses recursos – minerais, vegetais, animais (até os humanos) –, associados aos espirituais, são componentes de um composto denominado *ectoplasma*.

A importância do ectoplasma para a demonstração do perispírito, por meio da materialização, é fundamental e significa a chave de uma ampla reformulação de conceitos filosóficos, científicos e religiosos que já começa a acontecer. (Refletindo a respeito, anota Humberto MARIOTTI que "*la substancia ectoplásmica indica que existe en el Ser una naturaleza superior a la material. Es ella esencia de la vida universal y es además el engranaje que hace mover a la máquina del universo. Sobre la base del crecimiento de esa sustancia ectoplásmica todo está en continuo devenir. Esto nos señala que el fenómeno ectoplásmico responde en sus comienzos a una implosión biológica; pero este fenómeno se transfigura, ontológica y espiritualmente, demonstrando que el Ser puede elevarse a planos metafísicos y religiosos superiores*". (*"El Ser y la Persona Espiritual en el Fenómeno Ectoplásmico"*. "**Reformador**". Rio de Janeiro: FEB, nº 1.809, dez., 1979, pp. 29 e 30).

* *

Sem ectoplasma não há materialização, mas esta só acontece em função da realidade perispirítica.

Em se tratando de materialização de partes do corpo humano ou de quaisquer objetos, pode acontecer que resultem de formas-pensamentos dos Espíritos diretores, que, com suporte no ectoplasma, adquirem consistência física. Tais formas-pensamentos, quando emitidas por mentes invigilantes ou menos esclare-

cidas, podem trazer prejuízos inesperados. Ensina a respeito, EMMANUEL, por intermédio de Francisco C. XAVIER:

> "*Enquanto Emissários da sublimação se fazem sentir no propósito de socorrer-nos caridosamente, formas-pensamentos de natureza menos digna podem adquirir consistência física, depois de nascerem às vezes no próprio cérebro mediúnico menos evangelizado ou na vida íntima dos assistentes, alterando o programa de ação que deveria ser mantido no mais elevado nível moral.*"

> "*Quando esses choques aparecem, violentos e imponderáveis, as linhas magnéticas da reunião oferecem acesso a irmãos nossos de consciência turvada, que penetram o recinto da prece à maneira de animais, violando os altares de um templo.*"

Daí, a propósito, a sugestão respeitável do venerando mestre espiritual:

> "*Por isso, se a nossa experiência pode cooperar convosco, sugerimos sejam quaisquer serviços de materialização movimentados na direção da saúde humana. Por enquanto, só o esforço assistencial aos doentes justifica o desdobramento intensivo das nossas atividades nesse setor, considerando que a sementeira das convenções sadias pode ter lugar, ao lado do pronto socorro e da enfermagem, sem campo aberto às indagações sem proveito...*" (CF. **RANIERI, R. A.** "**Materializações Luminosas**". Ed. FEESP, cit., pp. 248 e 249: Cap. VIII).

A esse respeito, impõe-se assinalar que – ao menos, no Brasil – um dos principais fatores responsáveis pela penetração do Espiritismo, em todas as classes sociais, tem sido a cura. E, na maioria das vezes – saliente-se –, fora das sessões de materialização. Colhendo o ectoplasma em suas diversas fontes, os Espíritos o manipulam, empregando-o em cirurgias que acontecem, até, em recinto aberto e iluminado, no meio da multidão. (Pela peculia-

ridade desse tipo de trabalho – o ectoplasma nem chega a adensar-se – a luminosidade parece pouco influir).

O certo é que, seguidamente, sem qualquer manifestação ostensiva, silenciosamente, independentemente de lugar ou circunstância, de dia ou de noite, operam os Espíritos, dinamizando os recursos ectoplásmicos disponíveis em benefício da humanidade necessitada, lenindo dores e construindo consolações.

*

Nos processos de corporificação efetiva dos Espíritos comunicantes, as materializações[9] modelam-se de acordo com a configuração de seus respectivos perispíritos. (Não é comum, aliás, que nas sessões de ectoplasmia aconteça apenas a materialização de Espíritos. Seguidamente, pela aglutinação do ectoplasma, como já anotado, surgem as mais diversas formações, luminosas ou não (semi-opacas), tangíveis, muitas vezes, deixando, até, impressões e servindo às mais incríveis moldagens em parafina, como se vê em inúmeras amostras – principalmente, de pés e mãos – moldadas espiritualmente e expostas nos museus especializados de todo o mundo).

---

[9] Há quem considere o termo "**materialização**", tal como é comumente empregado, portador, na verdade, de uma impropriedade semântica.

Nesse sentido, por exemplo, a posição do Prof. Hernani Guimarães ANDRADE:

"O vocábulo 'materialização' pode sugerir a idéia de transformação da *substância espiritual* em *substância material*. Algumas pessoas chegam a admitir tal possibilidade. Isso não nos parece certo. Na 'ectoplasmia' não ocorre, ao que se nos afigura, nem 'materialização' nem 'desmaterialização'. O fenômeno em jogo tem as características da organização morfológica (modelação) de uma determinada substância material (o ectoplasma). O espírito não chega a materializar-se, pois ele já é uma forma de matéria, matéria quintessenciada, como ensinaram os espíritos a Allan Kardec (ou como explica claramente André Luiz). O que ocorre é uma ação modeladora do espírito sobre a matéria ectoplásmica." (**ANDRADE, Hernani G.** "O Que Ocorre nas Sessões Espíritas? Materializações? Ectoplasmia?". **"Revista Internacional de Espiritismo"**. Matão, SP, jan., 1972, p. 364).

Obviamente, essa ação acontece graças ao perispírito.

E se trata de fenômeno rigorosa e definitivamente comprovado, por meio de trabalhos realizados por cientistas e pesquisadores do mais alto gabarito intelectual e moral. (Só William Crookes – notável físico e químico inglês, descobridor do tálio, inventor do radiômetro, dos tubos de Crookes, etc., Presidente da Sociedade Real, da Sociedade Química de Londres, do Instituto dos Engenheiros Elétricos, da Sociedade para Pesquisa Psíquica e outras instituições, além de fundador do "*Chemical News*" e editor do "*Quarterly Journal*" – reuniu, por exemplo, entre centenas de outras provas, quarenta e três fotografias das materializações de Katie King, ocorridas durante três anos sucessivos, na presença da médium Florence Cook e outras pessoas, tiradas em plena luz...).

Demais, impõe-se ter presente que o fenômeno da materialização encontra registro em todas as páginas da História. Existiu em todos os tempos e lugares, ainda que, muitas vezes, sacralizada pelas religiões, que nela viam (e algumas ainda vêem) a ocorrência de um milagre, quando, na verdade, não passa de um fenômeno natural hoje, graças ao Espiritismo, plenamente explicável.

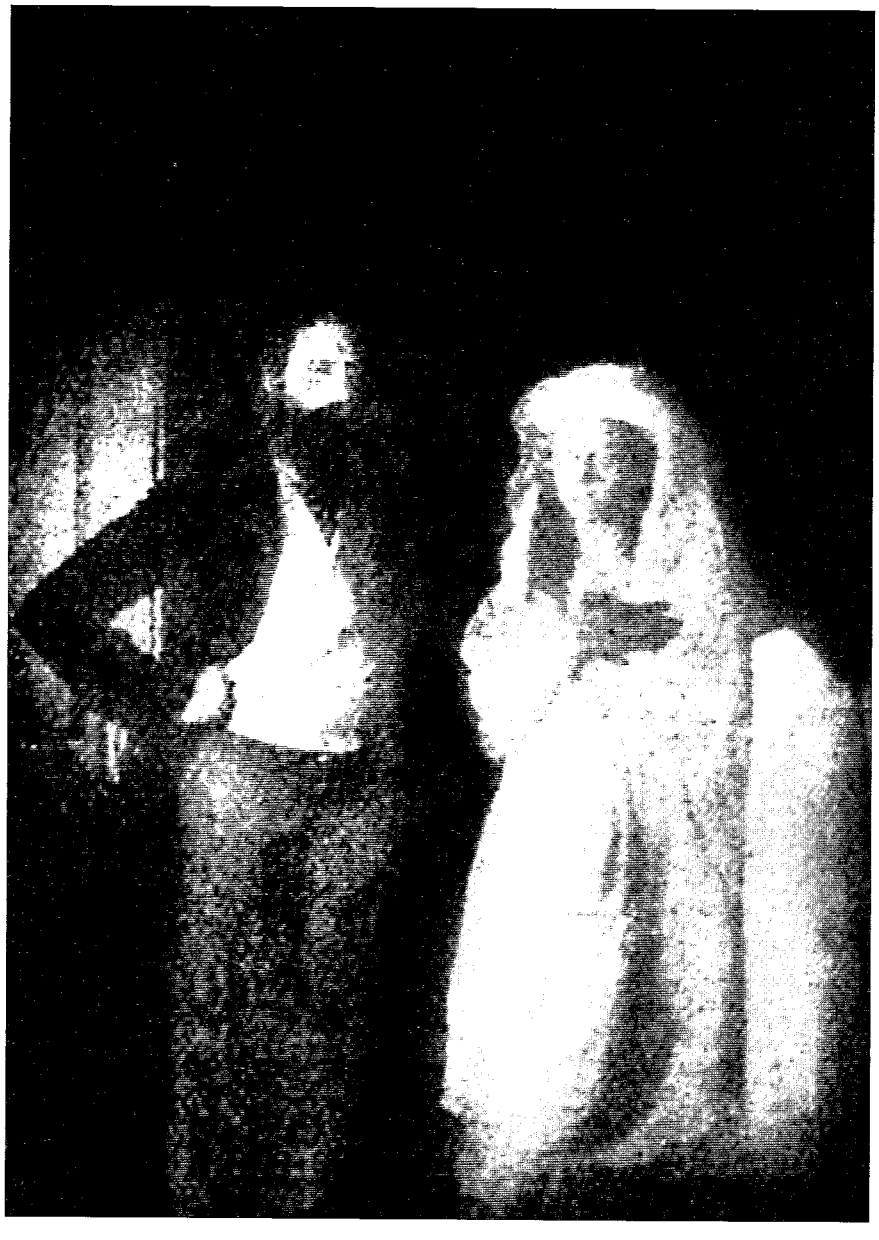
*

A materialização pode ser *mediúnica*, propriamente, ou *anímica* (extramediúnica).

Na materialização *mediúnica*, apoiados nos recursos ectoplásmicos oriundos do médium, dos assistentes, dos planos superiores e da Natureza, corporificam-se os Espíritos[10] encarregados de transmitir a lição da sobrevivência e de propiciar, também, se for o caso, o benefício da cura.

Trata-se de um processo sumamente complexo e que demanda, além da competência, participação abnegada dos Espíritos operadores. (Em lição magistral de ANDRÉ LUIZ, transmitida

[10] Sabe-se que Espíritos encarnados também se materializam.



Ectoplasmia
Fotografia de William Crookes e do Espírito Katie King, sob a luz de magnésio.
(Em "***Les Apparitions Matérialisées des Vivants & des Morts***",
Gabriel Delanne, Paris: LEYMARIE, 1911, Tomo II).

por Francisco C. XAVIER – "**Missionários da Luz**". 25ª ed., FEB, cit., Cap. 10 –, toma-se conhecimento de ações e cuidados espirituais inimagináveis, até, para que os trabalhos alcancem bom êxito: desde os momentos de preparação do ambiente, com a "ionização da atmosfera, combinando recursos para efeitos elétricos e magnéticos", e a ozonização, "necessária como trabalho bactericida", até a meticulosa preparação do sistema nervoso do médium, para a liberação do ectoplasma e a delicada corporificação do Espírito designado para a tarefa).

Na materialização *anímica* (do lat. ***anima***, alma) ou *extra-mediúnica*, ocorrência também estudada por AKSAKOF, CROOKES e outros renomados investigadores, é o próprio Espírito do médium que se corporifica, total ou parcialmente, ou produz – muitas vezes, involuntariamente –[11] os efeitos ectoplásmicos que, afinal, resultam das próprias formas-pensamentos que constrói. (Assinala KARDEC: "A alma do médium pode comunicar-se, como a de qualquer outro." E ainda: "é fora de dúvida que o Espírito do médium pode agir por si mesmo. Isso, porém, não é razão para que outros não atuem igualmente, por seu intermédio".) – ("**O Livro dos Médiuns**". 61ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1995, pp. 268 e 269: Cap. XIX, 2ª Parte).

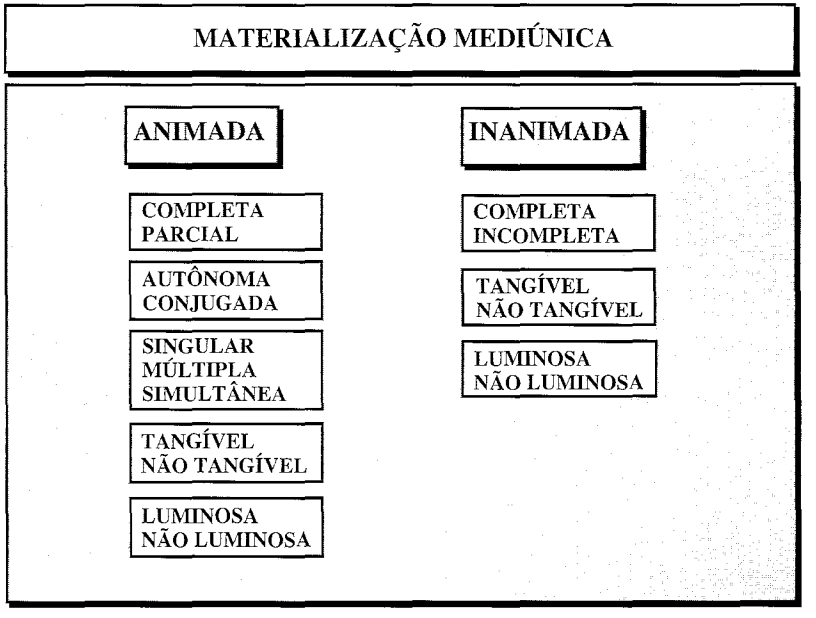
*

Tipos diversos de *materialização mediúnica* podem ser catalogados. Assim, pode apresentar-se como materialização *ani-*

[11] AKSAKOF viu, ao lado dos fenômenos classificados como *anímicos*, um tipo de ocorrência que chamou de *personismo* e que se produziria *nos limites* da esfera corpórea do médium... (V. **AKSAKOF, Alexandre**. "**Animismo e Espiritismo**". 5ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1991, Vol. I, p. 23). Na esteira do famoso cientista russo, PALHANO Jr. (1946-2000) sugere a existência, ao lado dos fenômenos anímicos e mediúnicos, os *personímicos*, produzidos "pela simples presença de um indivíduo dotado de força psíquica mensurável, estando ele consciente ou inconsciente das ocorrências." (**PALHANO Jr., L. "Dimensões da Mediunidade**". Rio de Janeiro: CELD, 1998, p. 26).

mada (ou *viva*) e *inanimada*; *completa* (ou *total*) e *parcial* (ou *incompleta*); *autônoma* (*singular* e *múltipla*) e *conjugada*; *tangível* e *intangível*; *luminosa* e *não luminosa*.

A materialização mediúnica *animada* diz com a corporificação dos próprios Espíritos, expressando-se de diversos modos, até mesmo, oralmente.[12]



A *inanimada* refere-se ao surgimento de objetos (até mesmo flores ectoplásmicas, sem vida), produto da mentalização dos Espíritos manipuladores do ectoplasma.

A materialização *completa* é aquela em que os manifestantes espirituais ou as coisas corporificadas surgem com suas formas inteiras.

[12] A literatura espírita aponta casos, também, de materialização de animais; particularmente de cães.

Na *parcial* ou *incompleta*, a formação ectoplásmica não corresponde à forma inteira do Espírito ou objeto, que se apresenta ou é apresentado.

Na materialização *animada*, a corporificação *completa* ou *parcial* de um ou mais Espíritos, pode acontecer de maneira *autônoma* ou *conjugada*. No primeiro caso, os Espíritos apropriam-se do ectoplasma e o manipulam diretamente. No segundo, os Espíritos trabalham o ectoplasma, usando o perispírito do médium como suporte.

As materializações *autônomas*, já por se apresentarem mais independentes, surgem, muitas vezes, mais perfeitas.

Nesse tipo de fenômeno, comumente acontece a corporificação de um só Espírito, ou de um Espírito por vez. É o que se pode chamar de materialização *singular*.

Eventos rigorosamente investigados e anotados, todavia, mostram que também soem acontecer, ainda que não freqüentemente, as materializações *múltiplas* e *simultâneas*.

A literatura espírita documenta inúmeros casos referentes a esse tipo singular de materialização, estudados por pesquisadores de incontestável idoneidade científica e moral. Entre os registros clássicos, por exemplo, atrai citação uma extraordinária ocorrência anotada por AKSAKOF, que envolve o Dr. Monck, famoso médium de seu tempo:

> *"Como médium tínhamos o Dr. Monck; depois de o termos examinado, a seu próprio pedido, ele foi posto em um gabinete improvisado pela colocação de uma cortina através do vão de uma janela; a sala ficou iluminada a gás durante todo o tempo da sessão. Aproximamos uma mesa redonda da própria cortina e ali tomamos lugar, em número de sete."*

"Logo depois duas figuras de mulher, que conhecíamos com os nomes de 'Bertie' e 'Lili', apareceram no lugar em que as duas partes da cortina se tocavam, e, quando o Dr. Monck introduziu a cabeça através da abertura, essas duas figuras apareceram acima da cortina, enquanto que duas figuras de homem ('Mike' e 'Richard') a separavam dos dois lados e se faziam igualmente ver. Por conseguinte, divisávamos ***simultaneamente o médium e quatro figuras materializadas****, cada uma das quais tinha seus traços particulares que a distinguiam das outras figuras, como se dá entre pessoas vivas."*

"É escusado dizer que todas as medidas de precaução tinham sido tomadas para prevenir qualquer embuste e que nos teríamos apercebido da menor tentativa de fraude." (**AKSAKOF, Alexandre. "Animismo e Espiritismo"**. 5ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1991, cit., Vol. I, pp. 181 e 182: Cap. I).

Um outro caso bem conhecido, transcrito por Alfred ERNY, é o ocorrido na casa do pintor francês, James Tissot, quando residia na Inglaterra, com o famoso médium inglês, William Eglinton,[13] e relatado pelo biógrafo deste, J. Former:

"A sessão realizou-se na casa do pintor J. Tissot, e, além dele e do médium, só estavam presentes duas senhoras e um cavalheiro. O Sr. Eglinton sentou-se numa cadeira perto do Sr. Tissot e nela se conservou durante todo o tempo. As

[13] Em nome da Ciência, os pesquisadores – não se importando, mesmo, com o sacrifício dos médiuns – tomavam providências cautelares que chegavam, até, ao absurdo. Referindo-se, por exemplo, a experiências outras, realizadas com Eglinton, informa ERNY: "O médium fora encerrado numa espécie de gaiola, cercado por um fio, e a porta dessa gaiola foi fechada e por nós selada. Por cúmulo da precaução, espalhou-se farinha em torno da gaiola. Era, pois, humanamente impossível sair dessa gaiola sem ser descoberto; ora, em tais casos, quando um prisioneiro foge está salvo; mas, quando o mesmo acontece a um médium, ele está perdido. Apesar deste luxo de precauções, as materializações se realizaram." (**ERNY, Alfred. "O Psiquismo Experimental"**. 3ª ed., cit., p. 140).

portas foram fechadas à chave. Alguns instantes depois, duas formas apareceram lado a lado, à esquerda do Sr. Tissot. A princípio indistintas, pouco a pouco se tornaram visíveis a ponto de se poderem distinguir todos os seus traços. A forma masculina trazia na mão uma espécie de luz muito viva com a qual iluminou o rosto da forma feminina. O Sr. Tissot reconheceu imediatamente a última e, muito comovido, pediu-lhe que o beijasse, o que a forma fez repetidas vezes; viu-se-lhe o movimento dos lábios; depois desapareceu."

"O que tornou o fenômeno ainda mais impressionante foi o fato de aparecer o corpo psíquico de Eglinton através das outras duas formas. Houve, pois, uma tríplice materialização." ("**O Psiquismo Experimental**". 3ª ed., FEB, 1982, cit., p. 143: Cap. V).

A respeito desse fato – de tanta repercussão, na época – anota DELANNE, depois de informar que "Eglinton serviu muitas vezes de médium para a materialização de aparições coletivas", que o pintor Tissot "viu simultaneamente, tão bem e por tão longo tempo, que pode com elas fazer belíssimo quadro, duas formas, feminina uma, a outra masculina, a primeira das quais ele reconheceu perfeitamente, e, também, o desdobramento de Eglinton, cujo corpo físico repousava numa poltrona, a seu lado." (**DELANNE, Gabriel. "A Alma É Imortal"**. 6ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1990, p. 263: Cap. IV, 3ª Parte. Trad. Guillon Ribeiro).

No Brasil, comparecem particularmente notáveis as materializações acontecidas com os médiuns Francisco Lins Peixoto (Peixotinho) e Fábio Machado, também rigorosamente comprovados. O destacado Autor espírita, Américo Ranieri, por exemplo, testemunha que, com o primeiro, "*o Espírito Zé Grosso apareceu materializado conduzindo o Espírito de Heleninha em forma de criança, minha filha na Terra, pela mão*". Com o médium Fábio Machado, relata, entre os inúmeros fatos que presenciou:



Materialização (I)
Foto de um quadro pintado pelo célebre pintor James Tissot, representando dois Espíritos materializados, mostrando em suas mãos duas fontes de luz. (De *On Ne Meurt Pas*, L. Chevreuil. Paris: JOUVE & CIE, ÉDITEURS).

> *"Estava o Zé Grosso materializado quando ouvimos rumor e vozes na cabina. Zé Grosso caminhou em direção, pois estava no meio da sala. E estabeleceu um diálogo com o espírito que estava dentro da cabina. Ouvia-se perfeitamente a voz de um e a voz de outro. Ouvia-se o passo rápido do Palminha, Espírito que era quem estava na cabina e o rinchar forte das botinas do Zé Grosso. Trocavam palavras que se ouviam bem. As vozes eram absolutamente diferentes."* (**RANIERI, R. A. "Materializações Luminosas"**. 5ª ed., FEESP, 1995, cit., p. 142: Cap. XX, 2ª P.).

Se a materialização singular já comprova a existência do perispírito – e a sobrevivência do Espírito –, a materialização *múltipla* e *simultânea* representa a prova irrefutável e definitiva dessa realidade. Daí, a sua importância para o futuro científico, filosófico e religioso da Humanidade.

Na materialização *conjugada*, por apoiar-se o manifestante no perispírito do próprio médium, a aparência do Espírito materializado, parece, muitas vezes, apresentar semelhanças com a do médium. Esse tipo de manifestação surge em determinadas circunstâncias ou condições, sabendo-se, entretanto, que o mesmo médium pode servir aos dois tipos de materialização.[14]

---

[14] Esse tipo de fenômeno, que tanto atraiu a atenção dos investigadores, no passado, foi estudado, também, por William Crookes, em seus clássicos e notáveis experimentos com a médium Florence Cook e o Espírito Katie King.

Relata, a propósito, a pesquisadora Florence MARRYAT ("**A Morte Não Existe**"), que acompanhava o cientista em algumas de suas investigações: "Miss Cook é uma mocinha morena, de olhos e cabelos negros. Às vezes, Katie parecia-se muitíssimo com ela, mas em outras sessões a dissemelhança era palpável.

Em uma fotografia que ainda possuo, Katie *parece o duplo de miss Cook, e entretanto esta também olhava quando se tirou a fotografia."* (...) "Vi muitas vezes *miss Cook e Katie, uma ao lado da outra. Não tenho, pois, dúvida de que eram duas criaturas diferentes. W. Crookes também constatou o mesmo fato."* (Cf. **ERNY, Alfred. "O Psiquismo Experimental"**. 3ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1982, pp. 117 e 118: Cap. IV, 2ª P).



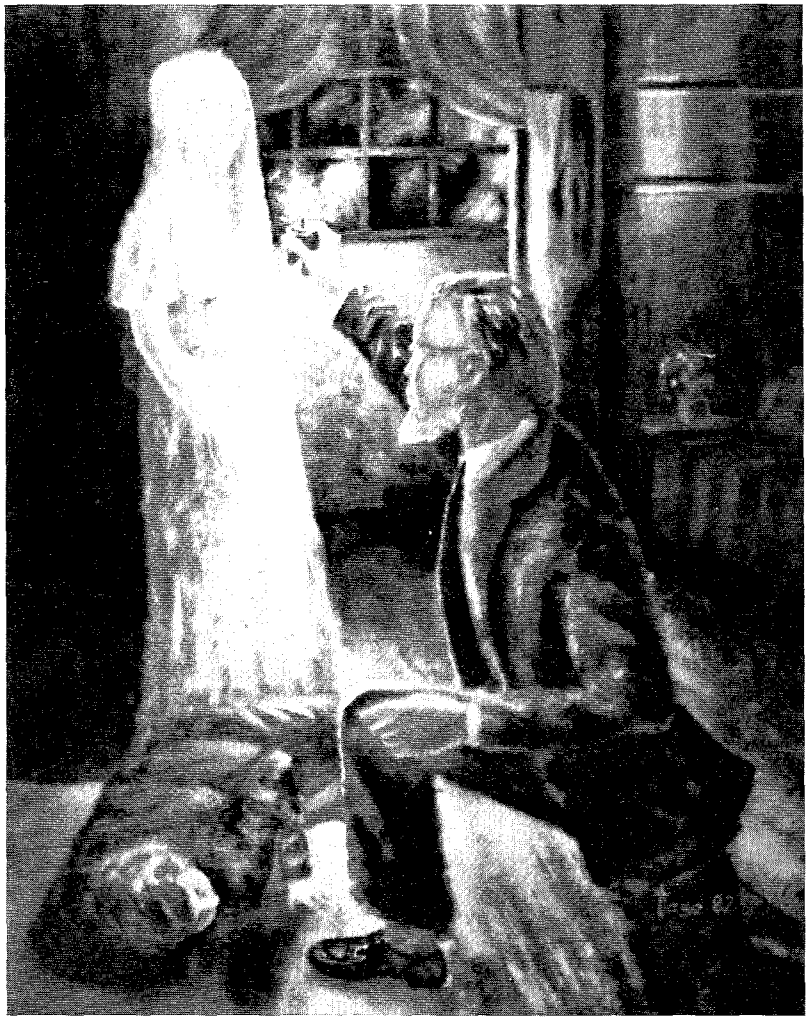
Ectoplasmia
Foto da materialização de uma amiga espiritual de Francisco Cândido Xavier, na residência deste, em Pedro Leopoldo, MG, servindo de médium Francisco Peixotinho (13-12-1954).

Na materialização *conjugada*, ao que tudo indica, iniciado o processo, o médium, sob o comando dos Espíritos responsáveis, com o afrouxamento dos laços que o unem à organização física, consegue dela afastar-se, possibilitando que o manifestante apóie-se em seu perispírito e no ectoplasma que fornece, para materializar-se, completamente ou não. (Esse tipo de fenômeno, aliás, poderia explicar, também, o singular processo da *transfiguração*). Referindo-se a esse fato, que chama de *superincorporação*, observa R. A. RANIERI: "Em vez de o espírito se incorporar no corpo do médium como acontece nos fenômenos simples de incorporação ou nos fenômenos realizados com os médiuns falantes, através do perispírito, ele, neste caso, se incorpora apenas no perispírito sem o corpo físico e faz o que é possível". ("**Materializações Luminosas**". 5ª ed., FEESP, cit., 1995, p. 205: Última Parte, Cap. III).

*

Todos os tipos de materialização *animada* podem apresentar-se *tangíveis* ou *não tangíveis*. Tanto as *tangíveis*, como as *não tangíveis*, são suscetíveis de surgir *luminosas* ou *não luminosas*, observando-se, todavia, que, no caso das primeiras – diferentemente das materializações *não tangíveis* –, mui dificilmente ocorre a luminosidade plena, sendo mais comum que compareçam quase opacas ou, até, não visíveis. (AKSAKOF refere-se a uma ocorrência de *materialização transparente* que, ao que se depreende, não passaria de uma materialização *não tangível* com uma tênue luminosidade, que esta, como se sabe, pode variar de grau e tipo – V. "**Animismo e Espiritismo**". 5ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1990, Vol. II, p. 270: Cap. IV).[15] De qualquer forma, o tipo de ocorrência depende da programação dos Espíritos responsáveis, levando em conta não

[15] O pesquisador italiano, Prof. IMODA, que, em conjugação com RICHET, realizou uma série de experiências com a médium Linda Gazzera, encontrou três formas de ectoplasma: a *invisível*, a *fluídica-visível* e a *concreta* ("**Fotografia de Fantasmas**"). (Em se aceitando tal tese, pode-se admitir que o ectoplasma na



Materialização (II)
Gravura do Sr. Drigin, representando a materialização do Espírito Katie King, segundo descrição de William Crookes, que acompanhou o fenômeno à luz de uma lâmpada de fósforo. A médium Florence Cook, que colaborou com o cientista inglês, em suas célebres experiências, aparece no chão.

---

forma *fluídica-visível*, quando menos denso, propiciaria materializações mais "eterizadas").

A respeito do ectoplasma **invisível**, anote-se, ainda, que GELEY constatou – segundo J. H. PIRES – que esse "girava em torno das pessoas, nas sessões, antes da produção de fenômenos." (**PIRES, J. Herculano. "O Espírito e o Tempo"**. 7ª ed., Sobradinho, DF: EDICEL, 1995, p. 25: Cap. I, 1ª P.).

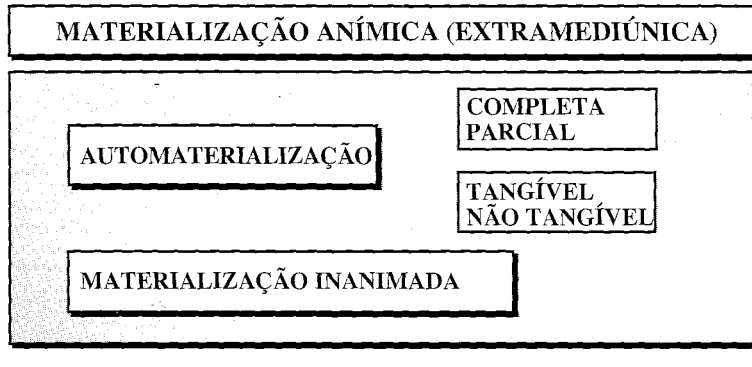
só a quantidade e a qualidade do ectoplasma disponível, como o próprio ambiente psíquico.

A materialização mediúnica *inanimada* pode, também, de conformidade com a intenção dos Espíritos operadores, apresentar-se *completa* ou *parcial*. As coisas poderão surgir com sua forma inteira, ou não. E, como acontece na materialização *animada*, as formações ectoplásmicas *inanimadas* apresentam-se *tangíveis* ou *não tangíveis*. E, em se tratando dos objetos, se não aparecem luminosos, como no caso dos seres vivos, não deixam de se apresentar visíveis – o suficiente para que possam ser percebidos.

*

Ao lado da materialização *mediúnica*, propriamente, registra-se um tipo de materialização que se pode chamar de *extramediúnica* – ou, como é mais conhecida, *anímica*.

Duas espécies de ocorrência podem ser registradas nesse processo: a *automaterialização* e a *materialização inanimada*.



Na *automaterialização* é o próprio médium que se desdobra, e, afastado do corpo físico, passa a aglutinar, em seu perispírito, o ectoplasma que produz, materializando-se total ou parcialmente. Interessante observar que tal processo sói acontecer, normalmente, sem que o médium o deseje, não importando se permanece desperto ou em transe. (Em qualquer tipo de materializa-

ção, aliás, o médium tanto pode ficar em transe, como não, dependendo das condições do trabalho).

Ressalte-se que a *automaterialização* não se confunde com a materialização mediúnica *conjugada*, antes examinada. Nesta, há um Espírito que se apóia no perispírito do médium e transmite seu pensamento, revelando uma personalidade nitidamente diferente da do intermediário. Já na *automaterialização* é o próprio Espírito do médium que se materializa, temporariamente afastado do carro físico, mostrando-se com a sua personalidade.

Investigadores conscientes e acostumados com essa espécie de manifestação – até mesmo, metapsiquistas, parapsicólogos, psicobiofísicos, etc. – não encontram dificuldade maior em discernir um tipo de ocorrência de outra, sabendo-se que o médium que se *automaterializa* (geralmente, até de modo involuntário) é o mesmo que, em outras circunstâncias, e na maioria das vezes, serve aos vários tipos de materialização de Espíritos.

Ambos os fenômenos – *materialização mediúnica* e *automaterialização* – são comuns e, dependendo da orientação dos *Espíritos controladores*, segundo a expressão de GELEY, podem perfeitamente coexistir.

A *automaterialização*, que, também, pode ser *completa* (muito rara) ou *parcial* (comumente, só a cabeça do médium), é suscetível de aparecer, sob condições especiais, *tangível*; dificilmente, porém, apresenta alguma luminosidade mais significativa – fato que, aliás, também acontece com as materializações *não tangíveis*.

Se a *automaterialização* já não é comum, a *materialização anímica* de objetos inanimados apresenta-se mais rara ainda. A *materialização extramediúnica inanimada* é normalmente marcada pela acentuada imperfeição das formas das coisas que se materializam, sob a ação mental consciente ou subconsciente do médium. Esse tipo incomum de materialização, resultante da con-

centração do ectoplasma em torno das formas-pensamentos produzidas pelo médium, oferece, quase sempre, tênue visibilidade.

*

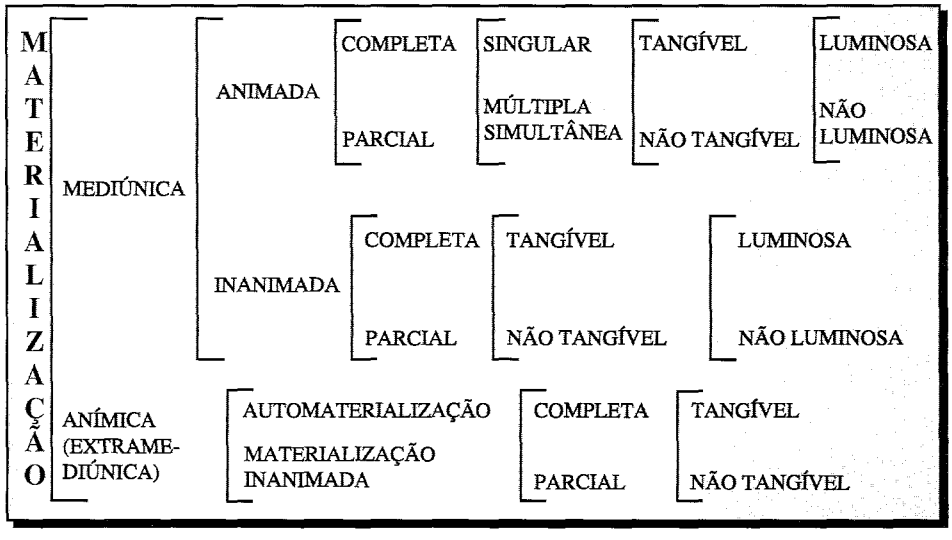
O fenômeno da corporificação ectoplásmica dos Espíritos – desencarnados ou não –, conhecido, modernamente (e impropriamente, aliás), como *materialização* (KARDEC denominava-o *aparição*), comprovando em bases experimentais a natureza espiritual do ser humano, representa uma das mais expressivas contribuições do Espiritismo para o desenvolvimento do Saber.

É que tanto na *materialização dos Espíritos* desencarnados, como na *automaterialização do médium*, o processo só acontece porque o perispírito dos manifestantes aglutina o ectoplasma disponível, amoldando-o, automaticamente, à sua forma. É a força aglutinadora do corpo espiritual e sua função modeladora que determinam a corporificação material dos Espíritos.

Conclui-se, assim, que, sendo a materialização um fato definitivamente comprovado, e ocorrendo que ela só acontece porque existe a base perispirítica, não só se prova a existência do psicossoma, como se demonstra a interação entre os mundos físico e espiritual.

E idêntico raciocínio aplica-se aos casos comprovados de *desmaterialização* parcial – protagonizados, por exemplo, pelas conhecidas médiuns Elisabeth d'Espérance e Eusápia Paladino.

A matéria provisoriamente desagregada retoma, sob o rigoroso cuidado dos Espíritos operadores, sua condição e forma anteriores, graças ao perispírito, que lhe garante a sustenção anátomo-fisiológica.



DESDOBRAMENTO

Os desdobramentos (também conhecidos como "desprendimentos espirituais"), registrados em todas as épocas da Humanidade, constituem, também, notável meio de prova da realidade perispiritual, e embora possam, genericamente, inserir-se no quadro das materializações, impõe-se, por algumas de suas singularidades, sejam devidamente destacados.

Especialmente estudados a partir da segunda metade do século XIX,[16] surgem em nossos tempos como fenômenos naturais, verificáveis com pessoas detentoras de sensibilidade específica, variando de tipo e de grau, de acordo com os indivíduos, os métodos e as condições.

---

[16] A história do Espiritismo registra, também, processos notáveis de desdobramento, desenvolvidos sob as mais rigorosas condições de controle científico. É o caso, por exemplo, das experiências de W. CROOKES com a médium Annie Eva Fay: colocada em uma cabine, à vista de todos os presentes, desdobrava-se, materializando-se no canto oposto da sala, chegando mesmo a mostrar o mesmo vestido, jóias, etc. Ao redor da cabine passava uma "corrente galvânica" e sua mais leve interrupção indicaria que a médium havia se movido do local, fato que, entretanto, jamais aconteceu. (V. **AKSAKOF, Alexandre. "Animismo e Espiritismo"**. 5ª ed., FEB, 1990, cit., Vol. II, p. 267: Cap. IV).

Anote-se, a propósito, que embora os autores geralmente tenham empregado os termos "*desdobramento*" e "*desprendimento*", para designar o mesmo fenômeno, parece ser possível estabelecer uma certa diferença.

O desprendimento (*ato de soltar-se*) é fenômeno básico, aliás, em todos os processos mediúnicos, desde a incorporação até a vidência ou a audiência, visto que esses só se viabilizam graças a uma certa capacidade que tem o perispírito de desamarrar-se das teias físicas, tornando-se, por isso, mais sensível e apto a registrar a presença do Espírito comunicante.

Trata-se, ademais, de fenômeno comum e conhecido que, em maior ou menor grau, insere-se no álbum de experiências de toda pessoa.[17] Allan KARDEC, em "O Livro dos Espíritos", no capítulo que dedica à "Emancipação da Alma", destaca ensino

[17] A rigor, já por constituir, a capacidade de desprender-se, uma faculdade natural do ser humano, toda pessoa – embora nem sempre possa qualificá-lo – experiencia, em maior ou menor grau, o estado de desprendimento, mormente, em situação de repouso ou sono. Aliás, não só na história das Religiões e da Arte, como na da Ciência e da Filosofia, o fenômeno do desprendimento – seguido, muitas vezes, do desdobramento – é freqüentemente encontrado na raiz das grandes criações. Os exemplos são incontáveis: Johannes KEPLER (1571–1630), desprendendo-se e transportando-se, por desdobramento, para além da Terra, e fixando um ponto determinado do espaço, encontrou os dados que lhe possibilitaram construir as três leis do movimento planetário (Conf. **MAGRO FILHO, Osvaldo.** "Kepler, Jung, Einstein e Seus Desdobramentos Espirituais". "**Revista Internacional de Espiritismo**", dez., 1987, pp. 325 e 326); René DESCARTES (1596-1650), depois de três desprendimentos sucessivos, durante o sono, teve a percepção de um novo método para a organização da Filosofia e das bases da geometria analítica que, com FERMAT, inventaria; Albert EINSTEIN (1879-1954), aos 26 anos, desdobrando-se e transportando-se para fora do contexto estelar, alcança os elementos para estruturar as suas Teorias; Carl Gustav JUNG (1875-1961), reconhecidamente, um médium de diversas aptidões, descreve com minúcias uma *Experiência de Quase-Morte* (EQM), que teve durante um ataque cardíaco, e no qual, desprendendo-se, alcançou um estado de desdobramento que lhe permitiu ver a Terra, de grande altura, e com detalhes fascinantes...

dos Espíritos Instrutores a respeito, mostrando que sempre que se afrouxam os laços físicos, o Espírito procura desprender-se do corpo: "*O Espírito recobra a sua liberdade quando os sentidos se entorpecem; ele aproveita para se emancipar, todos os instantes de descanso que o corpo lhe oferece. Desde que haja prostração das forças vitais, o Espírito se desprende, e quanto mais fraco estiver o corpo, mais o Espírito estará livre*". E, a seguir, anota: "*É assim que o cochilar, ou um simples entorpecimento dos sentidos, apresenta muitas vezes as mesmas imagens dos sonhos*". (55ª ed., São Paulo: LAKE, 1996, p. 168, item 407. Trad. J. Herculano Pires). É o desprendimento que ocorre no estado de *semi-consciência*, habitual na fase de pré-sono.

A respeito desse tema, é oportuno considerar que embora, na história da Psicologia, inúmeros esquemas classificatórios das dimensões da consciência tenham sido propostos pelos pesquisadores da mente – mormente a partir de Freud –, à luz do Espiritismo, a realidade consciencial cresce em riqueza, ensejando formulações quiçá mais abrangentes.[18] Nessa direção, é possível admitir-se os seguintes níveis da Consciência Total, patrimônio resultante da evolução milenar do ser humano: (**1**) o *subconsciente profundo*, repositório das experiências vividas no curso das reencarnações; (**2**) o *subconsciente*, armazém das vivências correspondentes à vida atual; (**3**) o *semiconsciente*, estado intermediário, faixa de registro de imagens à margem da consciência desperta, até mesmo, as que se produzem nos instantes iniciais do desprendimento ou no semidesprendimento; (**4**) o *consciente* (consciência de relação, consciência desperta ou vígil), complexo instrumento da cognição; (**5**) o *superconsciente* (consciência criadora), a expressar as potencialidades psíquicas superiores do ser humano.

[18] Obviamente, os níveis ou dimensões conscienciais, ainda que, às vezes, possam até ser relativamente associados a certos tipos de estruturas cerebrais, não têm, propriamente, correspondência espacial.

(O *subconsciente profundo* tem sido historicamente designado como *inconsciente*, ainda que se saiba que, em verdade – mesmo significando a sedimentação de nosso pretérito –, nunca deixa de refletir-se nos atos presentes, por determinação, aliás, do próprio dinamismo que rege a integridade psíquica. Daí, as discussões em torno da possível impropriedade desse termo, entronizado pelo pai da psicanálise).

*

O desdobramento (*fazer-se em dois*), propriamente, implicaria um desenvolvimento do processo de desprendimento – inerente, como visto, a todo fenômeno mediúnico –, com uma emancipação maior do Espírito em relação à organização física, propiciada por condições perispiríticas especiais, ensejando o surgimento de uma outra forma corporal, semelhante à do seu corpo físico (*duplicação corpórea*), a ocupar – ou aparentando ocupar –, também, um lugar diferente daquele em que está o corpo (*bilocação*).

Verifica-se, assim, que nem todo desprendimento, conforme o conceito exposto, significaria desdobramento (duplicação corpórea e bilocação) – mesmo, ao que parece, aquele que acontece nos processos sonambúlicos, mediúnicos ou não, tão bem estudados por KARDEC. (V. "**O Livro dos Espíritos**", it. 455; "**O Livro dos Médiuns**", it. 172).

Mas, se nem todo desprendimento resultaria em duplicação corpórea, propriamente, seria metodologicamente útil aceitá-lo como a fase inicial – e natural – do processo de desdobramento, como aventado, ainda que, seguidamente, a transição entre os momentos de desprendimento e de desdobramento ocorram tão rapidamente – quase instantaneamente – que se torna imperceptível qualquer alteração ou diferença. (Autores há que admitem constituir-se o desdobramento uma espécie de projeção do Espírito. Tal hipótese, respeitável, poderia até ser aplicada aos casos em que, por exemplo, o desdobramento do perispírito desprendido

ocorre junto ao próprio corpo da pessoa, sem que esta chegue a ter consciência do fenômeno, embora suscetível de ser fotografado. Em se tratando, todavia, de casos mais complexos, como certos tipos de fenômenos conscientes e tangíveis, a simples projeção não se apresenta como proposta explicativa suficientemente abrangente).

*

As numerosas pesquisas noticiadas pela literatura espírita (e, também, pela respeitável obra metapsíquica, parapsicológica e psicobiofísica) permitem a construção de um esquema classificatório que abranja as manifestações conhecidas.

Assim, os desdobramentos podem surgir como fenômenos *espontâneos* ou *induzidos*.

Os *espontâneos*, que apresentam características *mediúnicas* ou *não mediúnicas*, são *conscientes* ou *inconscientes*, e suscetíveis de se apresentar *visíveis* ou *não visíveis*.

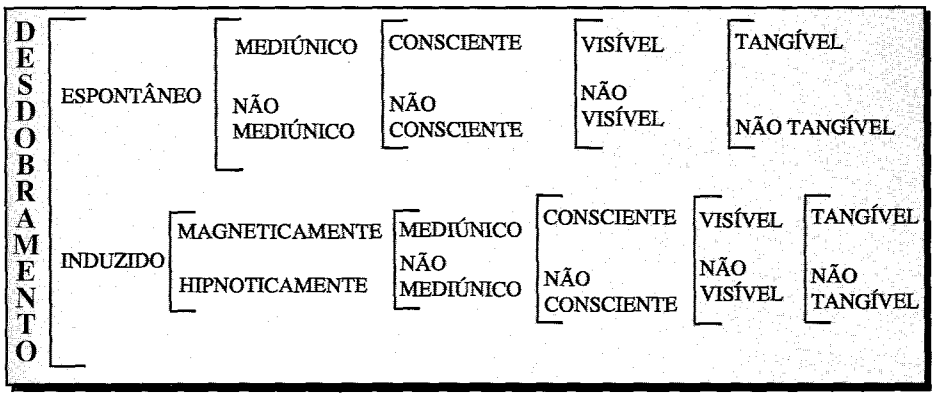
Os desdobramentos *induzidos* podem ser provocados *magnetica* ou *hipnoticamente*, com características *mediúnicas*, propriamente, ou *não mediúnicas*, com a participação *consciente*, ou *não*, do sujeito, tornando-se, também, *visíveis*, ou *não*.

Os desdobramentos *visíveis*, tanto os *espontâneos*, como os *induzidos*, podem se apresentar *tangíveis*, ou *não*.

O desdobramento *espontâneo* ocorre com pessoas que, por suas particulares condições perispirituais, mostram-se normalmente sensíveis a esse delicado tipo de fenômeno – e a história registra inúmeros exemplos, desde Emmanuel Swedenborg e Andrew Jackson Davis, até os nossos Eurípedes Barsanulfo, Francisco Cândido Xavier, Yvonne A. Pereira, entre outros.



Desdobramento (I)



Pode ocorrer, tanto em estado de vigília, como em estado de transe natural, ou durante o sono regular fisiológico, em que, aliás, o fenômeno acontece com mais freqüência. (Ainda que raramente, casos também têm sido observados em situações de anormalidade ou de crises fisiológicas e psicológicas).

O desdobramento *espontâneo* pode mostrar um caráter *mediúnico*, ou *não*.

Caracteriza-se como *mediúnico*, quando serve à manifestação de uma vontade estranha à do sujeito (médium), com vistas à orientação ou esclarecimento, ou, até, à mera comprovação da sobrevivência espiritual. Trata-se, aliás, de um fenômeno bem comum entre os médiuns de incorporação, que, em se desprendendo e chegando ao desdobramento, facilitam mais a ação do Espírito comunicante sobre seu equipamento físico, acompanhando, conscientemente, todo o processo, que não deixa, aliás, de receber, quase sempre, sua influência e sustentação.

A documentação farta e exuberante das ocorrências desse tipo, registradas por um contingente significativo de pesquisadores, espanca qualquer dúvida e, às vezes, chega a surpreender por sua diversidade e riqueza. BOZZANO, por exemplo, entre dezenas de casos comprovados e analisados, menciona uma experiência especialmente marcante, vivida pelo célebre médium William Stainton Moses (1839-1892), o qual assim a descreve:

"Enquanto era ditada a mensagem, meu espírito se achava separado do corpo, de modo que eu examinava, a distância, minha mão a escrever. A importância dos fatos é tal que precisa de uma exposição minuciosa e atenta do que se passou.

Eram duas horas e trinta minutos da tarde e me achava sozinho em meu quarto. Repentinamente senti vontade de escrever mediunicamente, coisa que já não me sucedia há dois meses. Sentei-me à mesa e a primeira parte da mensagem foi escrita rapidamente, depois do que passei provavelmente ao estado de 'transe'. Minha primeira recordação foi a de ter-me visto 'em espírito', junto do meu corpo, que vi sentado à mesa, tendo a pena entre os dedos e a mão no papel. Observando tudo com imensa estupefação, notei que o corpo físico estava unido ao corpo espiritual por um cordão fino e luminoso e que os objetos materiais pareciam ser sombras, ao passo que os espíritos presentes pareciam sólidos e reais.

Por detrás de meu corpo material achava-se 'Rector' (espírito) com uma das mãos em minha cabeça e a outra superpondo a mão direita empunhando a pena. A pouca distância encontrava-se 'Imperator', com alguns espíritos que há muito se comunicavam comigo e depois ainda outros espíritos que eu conheci, dispostos em círculos e observando atentamente a experiência. Do teto, ou, antes, através do teto, espalhava-se uma luminosidade infinitamente doce e, por intervalos, raios azuis dardejavam o meu corpo. Cada vez que tal se produzia, via o meu corpo fremir e sobressaltar; era um meio de saturação e revigoramento dele. Observei, além disso, que a luz do dia era diluída, que a janela parecia escurecida e que a luminosidade que permitia enxergar era de origem espiritual...

'Imperator' explicou que eu estava assistindo a uma cena real, que me era oferecida para me instruir sobre o modo de operar dos espíritos. Vi 'Rector' ocupado em escrever,

mas a ação não se produzia como eu imaginava, isto é, guiando-me a mão e impressionando-me o espírito, mas sim, projetando um raio de luz azul sobre a pena, força que assim projetada provocava o seu movimento, que obedecia à vontade do espírito dirigente. Com o intuito de me provar que a mão não passava de um simples instrumento, não essencial à ação, foi-me a pena arrebatada da mão e permaneceu na mesma posição por efeito de um raio luminoso projetado sobre ela que, para maior surpresa, continuou a se mover, escrevendo sozinha, maravilha que me arrancou uma espécie de grito, sendo logo advertido de que deveria permanecer tranqüilo e não perturbar a gênese dos fenômenos. Resultou daí que grande parte da mensagem obtida foi efetivamente escrita sem o auxílio de mãos humanas e sem nenhuma intervenção de meu pensamento e de meu espírito, mas me foi explicado que não era fácil escrever assim, sem o auxílio do organismo humano, e que a ortografia das palavras escritas em tais condições seria incorreta. De fato, tive ocasião de verificar que tal acontecera com a parte da mensagem assim conseguida... Passado certo tempo, ordenaram-me que eu reentrasse em meu corpo e imediatamente tomasse nota de quanto havia visto. Já não me recordo do instante em que tal aconteceu, presumindo que o meu espírito tornou a passar pelo estado de 'transe'.

No momento em que redijo estas notas, só sinto leve dor de cabeça. Estou absolutamente certo do que aconteceu e o transcrevo lentamente, exatamente, sem o menor exagero. Posso ter omitido certos fatos, mas nada alterei, nada acrescentei." (**BOZZANO, Ernesto. "Fenômenos de Bilocação – Desdobramento"**. 3ª ed., S. Bernardo do Campo: CORREIO FRATERNO, 1990, pp. 77 e 78. Trad. Francisco Klors Werneck).

Observe-se, enfim, que nesse capítulo devem ser também arrolados os casos de desdobramento *consciente* do sujeito, se seguido de sua incorporação em outro médium, como, por exemplo, deu mostra, em diversas oportunidades, Francisco Cândido

Xavier, evidenciando as extraordinárias possibilidades do perispírito.

A literatura espírita, aliás, é rica em relatos de comunicações de espíritos encarnados, através de vários tipos de recursos mediúnicos e em circunstâncias e condições as mais diversas, rigorosamente comprovadas por respeitáveis investigadores de ontem e de hoje.

(A esse respeito merecem destaque, a propósito, entre outros, os trabalhos clássicos de Alexandre AKSAKOF, Emma Hardinge BRITTEN – 1823-1899 – e Ernesto BOZZANO – 1862-1943 –, que, através de relatos inquestionáveis, mostraram, ainda quando a Humanidade mal começava a conhecer o Espiritismo, a realidade desse extraordinário tipo de fenômeno.) [19]

*

Nos desdobramentos *não mediúnicos*, o sujeito manifesta suas próprias impressões e opiniões, não comparecendo, pois, como um intermediário direto, ainda que, mesmo assim, possa servir aos interesses superiores da Espiritualidade Maior. (Anote-se, todavia, que, com o mesmo sujeito, podem ocorrer, normalmente, os dois tipos de processo – mediúnico, ou não –, uma vez que, de resto, a dinâmica é a mesma. Observou KARDEC, a propósito, que já o fenômeno sonambúlico – em que o desprendimento pode chegar, ou não, ao desdobramento – pode apresentar

[19] A comunicação mediúnica de encarnados era, desde os primeiros tempos, fato tão conhecido – e comum – que, segundo o célebre Juiz John EDMONDS, da Suprema Corte Americana (***Spiritual Tracts***), chegaram a se organizar, em Boston e em Nova York, dois grupos dedicados a esse tipo de trabalho. "Os membros desses círculos reuniam-se simultaneamente nas duas cidades e comunicavam entre si por seus médiuns. O círculo de Boston recebia, por seu médium, comunicações emanantes do espírito do médium de Nova York, e vice-versa. As coisas duraram assim por muitos meses, no decurso dos quais, os dois grupos inscreviam cuidadosamente as atas" (*sic*). (**AKSAKOF, Alexandre. "Animismo e Espiritismo"**. 5ª ed., FEB, 1990, cit., Vol. II, p. 248: Cap. IV).

caráter mediúnico ou não. V. "**O Livro dos Espíritos**", it. 431, nota).

Inúmeros são, também, os casos comprovados de desdobramento *não mediúnico*.

Serve de notável exemplo um dos inúmeros fatos ocorridos com o famoso médium de Sacramento, Minas Gerais, Eurípedes Barsanulfo (1880-1918), relatado por Inácio FERREIRA:

> "*Eurípedes achava-se em plena função da cátedra do 5º ano, no seu* ***Colégio Allan Kardec****. Caiu em transe por alguns minutos – branco, cadavérico, provocando inquietação aos seus alunos* (...), *que não sabiam o que fazer.* (...) *Aos poucos foi readquirindo a cor e voltando a si, ante a alegria e a satisfação de todos, e afirmou:*
>
> *— Tomem nota. Vi, no salão nobre de Versailles, o Tratado de Paz!*
>
> *Deu, em seguida, os nomes dos que o assinaram e a hora exata.*
>
> *Época em que não havia rádio, todos, entre crenças e descrenças, ficaram aflitos pela chegada dos jornais, o que se deu dias depois, trazendo a confirmação de tudo, para regozijo daqueles que nele confiavam e maior desespero dos que o consideravam como louco e visionário...*" (**FERREIRA, Inácio. "Subsídios para a História de Eurípedes Barsanulfo"**. Uberaba, MG: edição do Autor, 1962. Conf. **THIAGO, Lauro S.** "Eurípedes Barsanulfo – Centenário de Seu Nascimento". "**Reformador**". Rio de Janeiro: FEB, nº 1.814, p. 10, maio, 1980).

*

Tanto o desdobramento *mediúnico*, como o *não mediúnico*, conforme já visto, podem apresentar-se como processos *conscientes* ou *não conscientes*.

No desdobramento *consciente*, a pessoa não só participa

conscientemente de todo o processo, como guarda lembrança nítida das experiências vividas. Nesse tipo de ocorrência, porque se expandem significativamente as possibilidades perispiríticas, fenômenos incomuns (naturais, porém) poderão ser registrados, especialmente, com relação à percepção visual que, então, se torna particularmente aguda.

Assim, em estado de desdobramento (e, muitas vezes, já, de desprendimento), pode o sujeito, seguidamente, não só perceber, com clareza, a aura da pessoa, como ver a distância ou através das paredes. E casos notáveis há, em que, mesmo a distância, também "vê o interior do seu próprio corpo, com os feixes nervosos a vibrarem como um formigamento luminoso", como anota BOZZANO, designando tal fenômeno como "*autoscopia interna*" ("**Fenômenos de Bilocação – Desdobramento**". 3ª ed., CORREIO FRATERNO, cit., p. 60).

O desdobramento *não consciente* pode ocorrer tanto durante o sono, como em estado de vigília. No primeiro caso, podem restar algumas lembranças confusas, apresentando-se como meras imagens oníricas. No segundo, embora o duplo do sujeito possa até ser visto por terceiros, ele próprio nenhuma consciência tem do acontecido.

A literatura é pródiga, também, em relatos de fenômenos desse tipo, desde o desdobramento parcial (semidesdobramento), junto ao próprio corpo, como se fosse ainda sua projeção, sem que o sujeito sequer se aperceba do que acontece, até os casos notáveis em que o duplo da pessoa é por todos visto, em ação relativamente independente, até, sem que o sujeito, também, tenha consciência do fato, como foi, por exemplo, o caso célebre de desdobramento *não consciente* e *não mediúnico* da professora *Emília Sagée*, documentado pelo famoso investigador russo, lente da então Academia de Leipzig, Alexander Nicolaievitch AKSAKOF (1832-1903), cujo relato, por sua importância histórica e científica, impõe inteira transcrição:

"Em 1845 existia na Livônia (e ainda existe), cerca de 36 milhas inglesas de Riga e a 1 légua e meia da pequena cidade de Volmar, uma instituição para moças nobres, designada sob o nome de 'Colégio de Neuwelcke'. O diretor, naquela época, era o Sr. Buch.

O número das colegiais, quase todas de famílias livonesas nobres, elevava-se a quarenta e duas; entre elas se achava a segunda filha do Barão de Güldenstubbe, da idade de treze anos.

No número das professoras havia uma francesa, a jovem Emília Sagée, nascida em Dijon. Tinha o tipo do Norte; (...) de belíssima aparência, de olhos azuis claros, cabelos castanhos; era esbelta e de estatura pouco acima da mediana; tinha gênio amável, dócil e alegre, porém um pouco tímida e de temperamento nervoso, um pouco excitável. Sua saúde era ordinariamente boa, e, durante todo o tempo (um ano e meio) em que ela esteve em Neuwelcke, não teve mais do que uma ou duas indisposições passageiras. Era inteligente e de esmerada educação, e os diretores mostraram-se completamente satisfeitos com o seu ensino e com as suas aptidões durante todo o tempo de sua permanência. Ela estava com a idade de trinta e dois anos.

Poucas semanas depois de sua entrada na casa, singulares boatos começaram a correr a seu respeito entre as alunas. Quando uma dizia tê-la visto em tal parte do estabelecimento, freqüentemente outra assegurava tê-la encontrado em outra parte, na mesma ocasião, dizendo: 'Isso não; não é possível, pois acabo de passar por ela na escada', ou antes, garantia tê-la visto em algum corredor afastado. Acreditou-se a princípio em algum equívoco; mas como o fato não cessava de reproduzir-se, as meninas começaram a julgar a coisa muito estranha e finalmente falaram nele às outras professoras. Os professores, postos ao corrente, declararam, por ignorância ou intencionalmente, que tudo isso não tinha senso algum e que não havia motivo para dar-lhe qualquer importância.

Mas as coisas não tardaram a complicar-se e tomaram um caráter que excluía toda a possibilidade de fantasia ou de erro. Certo dia em que Emília Sagée dava uma lição a treze dessas meninas, entre as quais a jovem Güldenstubbe, e que, para melhor fazer compreender a sua demonstração, escrevia a passagem a explicar no quadro-negro, as alunas viram de repente, com grande terror, duas jovens Sagée, uma ao lado da outra! Elas se assemelhavam exatamente e faziam os mesmos gestos. Somente a pessoa verdadeira tinha um pedaço de giz na mão e escrevia efetivamente, ao passo que seu duplo não o tinha e contentava-se em imitar os movimentos que ela fazia para escrever.

Daí, grande sensação no estabelecimento, tanto mais porque as meninas, sem exceção, tinham visto a segunda forma e estavam de perfeito acordo na descrição que faziam do fenômeno.

Pouco depois, uma das alunas, a menina Antonieta de Wrangel, obteve permissão de ir, com algumas colegas, a uma festa local da vizinhança. Estava ocupada em terminar a sua toilette, e a jovem Sagée, com a bonomia e obsequiosidade habituais, tinha ido ajudá-la e abotoava seu vestido por trás. Ao voltar-se casualmente, a menina viu no espelho duas Emílias Sagée que se ocupavam consigo. Ficou tão aterrada com essa brusca aparição, que perdeu os sentidos.

Passaram-se meses e fenômenos semelhantes continuaram a produzir-se. Via-se de tempos em tempos, ao jantar, o duplo da professora de pé, por trás de sua cadeira, imitando seus movimentos, enquanto ela jantava, porém sem faca, sem garfo, nem comida nas mãos. Alunas e criadas de servir à mesa testemunharam o fato da mesma maneira.

Entretanto, nem sempre sucedia que o duplo imitasse os movimentos da pessoa verdadeira. Às vezes, quando esta se levantava da cadeira, via-se seu duplo ficar sentado ali. Em certa ocasião, estando de cama por causa de um defluxo,

a menina de quem se tratou, a menina de Wrangel, que lhe fazia uma leitura para distraí-la, viu-a empalidecer de repente e contorcer-se como se fosse perder os sentidos; em seguida, a menina, atemorizada, perguntou-lhe se se sentia pior. Ela respondeu que não, mas com voz muito fraca e desfalecida. A menina de Wrangel, voltando-se casualmente alguns instantes depois, divisou mui distintamente o duplo da doente passeando a passos largos no aposento. Dessa vez a menina tinha tido bastante domínio sobre si mesma para conservar-se calma e não fazer a mínima observação à doente, mas, pouco depois, desceu a escada, muito pálida, e contou o fato de que tinha sido testemunha.

O caso mais notável, porém, dessa atividade, na aparência independente, das duas formas, é certamente o seguinte:

Certo dia, todas as alunas, em número de quarenta e duas, estavam reunidas em um mesmo aposento e ocupadas em trabalhos de bordado. Era um salão do andar térreo do edifício principal, com quatro grandes janelas, ou antes, quatro portas envidraçadas que se abriam diretamente para o patamar da escada e conduziam ao jardim muito extenso pertencente ao estabelecimento. No centro da sala havia uma grande mesa diante da qual se reuniam habitualmente as diversas classes para se entregarem a trabalhos de agulha ou outros análogos.

Naquele dia as jovens colegiais estavam todas sentadas diante da mesa, e podiam ver perfeitamente o que se passava no jardim; ao mesmo tempo que trabalhavam, viam a jovem Sagée, ocupada em colher flores, nas proximidades da casa; era uma das suas distrações prediletas. No extremo da mesa, em posição elevada, conservava-se uma outra professora, incumbida da vigilância e sentada numa poltrona de marroquim verde. Em dado momento, essa senhora desapareceu e a poltrona ficou desocupada. Mas foi apenas por pouco tempo, pois que as meninas viram ali de repente a

forma da jovem Sagée. Imediatamente elas dirigiram a vista para o jardim e viram-na sempre ocupada em colher flores; apenas seus movimentos eram mais lentos e pesados, semelhantes aos de uma pessoa sonolenta ou exausta de fadiga. De novo dirigiram os olhos para a poltrona, em que o duplo estava sentado, silencioso e imóvel, mas com tal aparência de realidade que, se não tivessem visto a jovem Sagée e não soubessem que ela tinha aparecido na poltrona sem ter entrado na sala acreditariam que era ela em pessoa. Convictas, no entanto, de que não se tratava de uma pessoa real, e pouco habituadas com essas manifestações extraordinárias, duas das mais ousadas alunas se aproximaram da poltrona, e, tocando na aparição, acreditaram sentir uma certa resistência, comparável à que teria oferecido um leve tecido de musselina ou de crepe. Uma delas chegou mesmo a passar defronte da poltrona e a **atravessar** *na realidade uma parte da forma. Apesar disso, essa durou ainda por certo tempo; depois, desfez-se gradualmente. Imediatamente notou-se que a jovem Sagée tinha recomeçado a colheita de suas flores com a vivacidade habitual. As quarenta e duas colegiais verificaram o fenômeno da mesma maneira.*

Algumas dentre elas perguntaram em seguida à jovem Sagée se, naquela ocasião, ela tinha experimentado alguma coisa de particular; esta respondeu que apenas se recordava de ter pensado, diante da poltrona desocupada: 'Eu preferiria que a professora não se tivesse ido embora; certamente, essas meninas vão perder o tempo e cometer alguma travessura.'

Esses curiosos fenômenos duraram, com diversas variantes, cerca de dezoito meses, isto é, por todo o tempo em que a jovem Sagée conservou seu emprego em Neuwelcke (durante uma parte dos anos 1845-1846); entretanto, houve intervalos de calma de uma a muitas semanas. Essas manifestações se davam principalmente em ocasiões em que ela estava muito preocupada ou muito aplicada aos seus servi-

ços. Notou-se que à medida que o duplo se tornava mais nítido, e adquiria maior consistência, a própria pessoa ficava mais rígida e enfraquecida, e reciprocamente, que, à medida que o duplo se desfazia, o ser corpóreo readquiria suas forças. Ela própria era inconsciente do que se passava e só ficava sabendo do ocorrido quando lho diziam; ordinariamente os olhares das pessoas presentes avisavam-na; nunca teve ocasião de ver a aparição de seu duplo, do mesmo modo parecia não aperceber-se da rigidez e inércia que se apoderavam dela, quando seu duplo era visto por outras pessoas.

Durante os dezoito meses em que a Baronesa Júlia de Güldenstubbe teve a oportunidade de ser testemunha desses fenômenos e de ouvir falar a tal respeito, nunca se apresentou o caso da aparição do duplo a grande distância; por exemplo: a muitas léguas da pessoa corpórea; algumas vezes, entretanto, o duplo aparecia durante seus passeios na vizinhança, quando a distância não era muito grande. As mais das vezes, era no interior do estabelecimento. Todo o pessoal da casa o tinha visto. O duplo parecia ser visível para todas as pessoas, sem distinção de idade nem de sexo.

Pode-se facilmente imaginar que um fenômeno tão extraordinário não pudesse apresentar-se com essa insistência durante mais de um ano em uma instituição desse gênero, sem lhe dar prejuízo. Desde que ficou bem estabelecido que a aparição do duplo da jovem Sagée, verificada a princípio na classe que ela dirigia, depois em toda a escola, não era um simples fato de imaginação, a coisa chegou aos ouvidos dos pais. Algumas das mais tímidas dentre as colegiais testemunhavam uma viva excitação e desfaziam-se em recriminações todas as vezes que o acaso as tornava testemunhas de uma coisa tão estranha e tão inexplicável. Naturalmente, os pais começaram a experimentar escrúpulo em deixar suas filhas por mais tempo sob semelhante influência, e muitas alunas, que tinham saído em férias, não mais voltaram. No fim de dezoito meses, havia apenas doze alunas das

quarenta e duas que eram. Por maior que fosse a repugnância que tivessem com isso, foi preciso que os diretores sacrificassem Emília Sagée.

Ao ser despedida, a jovem, desesperada, exclamou, em presença da jovem Júlia de Güldenstubbe: 'Oh! já pela décima nona vez; é duro de suportar!'

Quando lhe perguntaram o que queria dizer com isso, ela respondeu que por toda a parte por onde tinha passado – e desde o começo de sua carreira de professora, na idade de dezesseis anos, tinha estado em dezoito casas antes de ir a Neuwelcke –, os mesmos fenômenos se tinham produzido, motivando sua destituição. Como os diretores desses estabelecimentos estavam satisfeitos com ela em todos os outros pontos de vista, davam-lhe, de cada vez, excelentes certificados. Em razão dessas circunstâncias, ela se via na necessidade de procurar de cada vez uma nova colocação em lugar tão distanciado do precedente quanto possível.

Depois de ter deixado Neuwelcke, retirou-se durante algum tempo para perto dali, para a companhia de uma cunhada que tinha muitos filhos ainda pequenos. A jovem de Güldenstubbe foi visitá-la ali e soube que esses meninos, de idade de três a quatro anos, conheciam as particularidades de seu desdobramento; eles tinham o hábito de dizer que viam duas tias Emília.

Mais tarde, se dirigiu ao interior da Rússia, e a jovem de Güldenstubbe não mais ouviu falar a seu respeito.

Eu soube de todos estes pormenores por intermédio da própria jovem de Güldenstubbe, que espontaneamente me dá autorização de publicá-los com a indicação de nomes, de lugar e de data; ela se conservou no pensionato de Neuwelcke durante todo o tempo em que a jovem Sagée lecionou ali, por conseguinte, ninguém teria podido dar um relatório tão exato dos fatos, com todos os pormenores.

No caso que precede, devemos excluir toda a possibilidade de ilusão ou de alucinação; parece-nos difícil admitir que as numerosas alunas, professores, professoras e diretores de dezenove estabelecimentos tenham experimentado por sua vez, a respeito da mesma pessoa, a mesma influência alucinatória. (...)

Notemos, além disso, que no dizer das alunas que tiveram a ousadia de tocar no duplo de Emília Sagée, esse apresentava uma certa consistência." (**AKSAKOF, Alexandre. "Animismo e Espiritismo"**. 5ª ed., FEB, 1990, cit., Vol. II, pp. 256 a 262. Trad. Dr. C. S.).

Os desdobramentos podem ser *visíveis* aos olhos físicos, ou *não visíveis* (embora, além de serem percebidos pelos videntes, compareçam passíveis de registro por meio da fotografia transcendente).

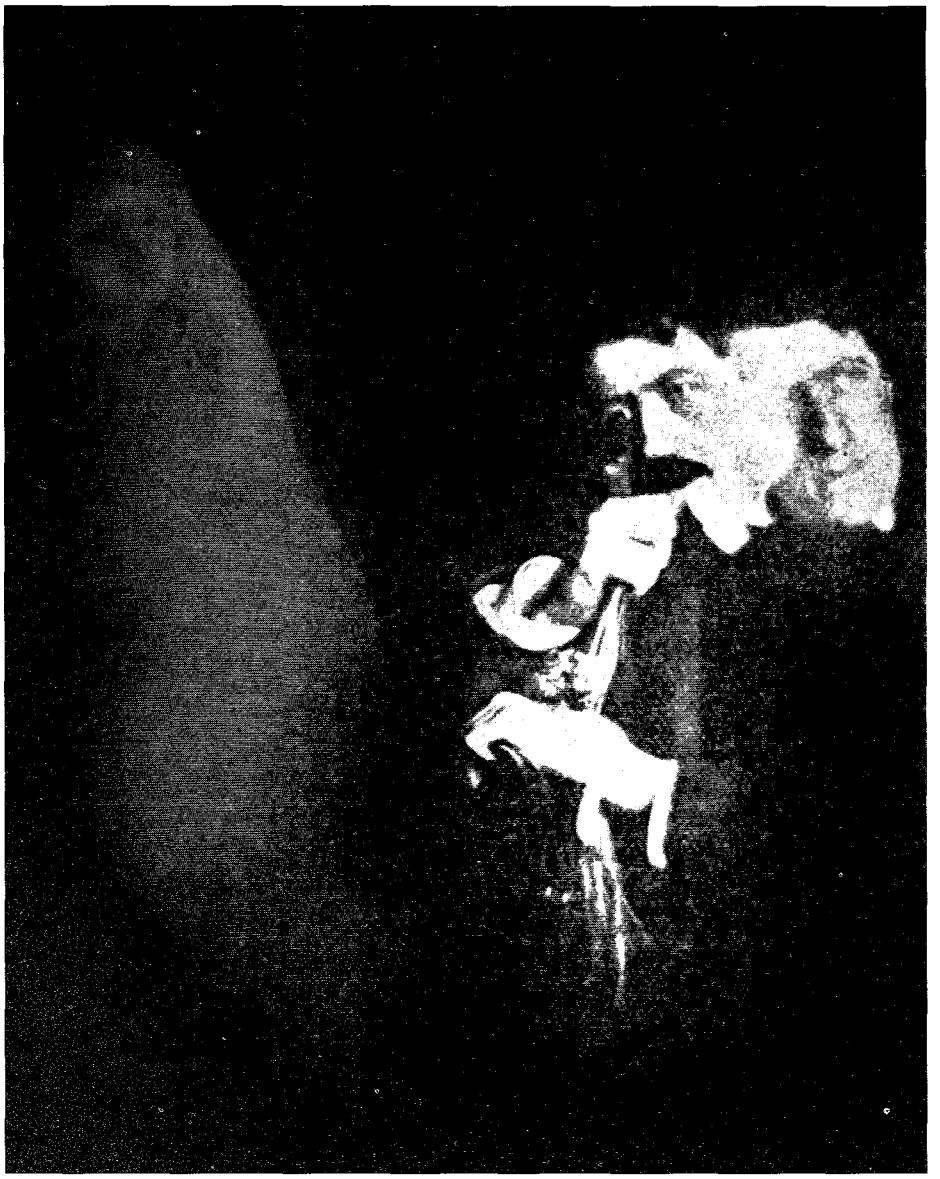
Evidentemente, a visibilidade diz com os recursos ectoplásmicos disponíveis e com as próprias condições perispiríticas do sujeito.

O caso de Emília Sagée, a propósito, retratando um fenômeno de desdobramento *não consciente*, mostra, entre muitos outros, como pode parecer bem visível.

E um denso cadastro de ocorrências registradas indica que, também, o desdobramento *consciente* é suscetível de se apresentar facilmente *visível*. A respeito, é muito ilustrativo e vale por importante documento, um outro episódio, entre inúmeros outros, vivido por Eurípedes Barsanulfo:

"*Residia em Uberaba, na rua Bernardo Guimarães, o tenente Afonso Modesto de Almeida, pai de cinco filhos, espírita e grande amigo de Eurípedes.*

Em princípios de 1918, adoeceu um dos seus filhos, com dois anos de idade, mais ou menos. Chamados dois



Desdobramento (II)
Fotografia transcendente do Dr. M. Sigurd Trier, Presidente da Sociedade Metapsíquica Dinamarquesa, desdobrado. ("*Sandliedsoéregen*", nº 49-5, 1907. "***Le Fantôme des Vivants***", H. Durville: Paris, IMPRIMEURS ÉDITEURS).

médicos, constatou-se caso gravíssimo de pneumonia, com prognósticos sombrios.

Sobressaltado, o pai do enfermo seguiu na manhã do dia imediato para Sacramento, à procura de recursos junto a Eurípedes.

À noite, um membro da família velava pelo doente, quando surge inesperadamente no quarto, Eurípedes, materializado e, ao seu lado, grande luminosidade.

Temerosa, a pessoa que ali se achava acalmou-se, todavia, ante a personagem tão conhecida e dela ouviu:

— 'Minha amiga, o caso é bastante grave. Diz Menezes que se trata de broncopneumonia. Vire a criança de bruços. Aplique, aqui, uma cataplasma de farinha de mandioca. O pulmão esquerdo está muito congestionado. Dê-lhe água fluida e espere pelos medicamentos que virão. Ore e tenha fé. A criança será salva.'

Olhou para um canto e sorriu, sorriso que provocou a atenção e curiosidade da pessoa que recebia suas instruções e, lentamente, desapareceu.

No dia seguinte chegara de Sacramento o pai do enfermo, trazendo os medicamentos. Entusiasmado e alegre foi dizendo:

— Olhem, olhem a touquinha vermelha que Eurípedes viu, à noite, quando aqui esteve. Meu Deus! Eurípedes esteve aqui com o Dr. Bezerra e curou o meu filho!

Sim, Eurípedes lhe dissera que, à noite, com o Dr. Bezerra, esteve em sua casa examinando o doente. Sorrira porque havia notado, em um canto, uma touquinha vermelha – fato que ressaltou como testemunho e prova da sua presença inegável, em Espírito, em seu lar..." ("Eurípedes Barsanulfo – Centenário de Seu Nascimento". "**Reformador**". FEB, maio, 1980, p. 9, artigo citado).

Finalmente, os desdobramentos podem surgir *tangíveis* ou *não tangíveis*, sabendo-se que a tangibilidade pode revelar, às vezes, surpreendente consistência ("O duplo se torna tão material, que bate à porta..." – **DELANNE, Gabriel**. "**A Alma É Imortal**". 6ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1990, p. 110).

De fato, casos há de aparição tangível – tanto no desdobramento, como na materialização de Espíritos desencarnados –, em que a aglutinação do ectoplasma surge tão densa que se a percebe como um corpo perfeitamente sólido, prestando-se, mesmo, a avaliações de caráter estereológico, pois que suscetível de ser medido, apalpado, pesado, examinado, enfim, em todos os detalhes, como, aliás, rigorosamente demonstrado por William CROOKES (1832-1919), em seus célebres experimentos com a médium Florence Cook (1856-1904) e Katie King, Espírito.

A respeito, muitos são, também, os fatos conhecidos, embora alguns, é claro, apresentem-se suscetíveis de discussão. KARDEC, por exemplo, cita, entre outros, este caso:

> *"O juiz de cantão, J..., em Fr... mandou certo dia seu amanuense a uma aldeia dos arredores. Passado algum tempo, ele o viu entrar de novo, tomar de um livro no armário e folheá-lo. Perguntou-lhe bruscamente por que ainda não fora onde o mandara. A essas palavras, o amanuense desapareceu. O livro cai no chão e o juiz o coloca em cima de uma mesa, aberto como caíra. À tarde, de regresso o amanuense, o juiz o interrogou sobre se lhe acontecera alguma coisa em caminho, se tinha voltado à sala onde naquele momento se achavam.*
>
> *— Não, respondeu o amanuense; fiz a viagem na companhia de um amigo; ao atravessarmos a floresta, pusemo-nos a discutir acerca de uma planta que encontráramos e eu lhe disse que, se estivesse em casa, fácil me seria mostrar-lhe uma página de Lineu que me daria razão.*
>
> *Era justamente esse o livro que ficara aberto na página*



Desdobramento (III)

Foto famosa do Conde de Bullet e do Espírito de sua irmã, então encarnada e vivendo em Baltimore, EUA. No momento da foto, eram 11 horas em Paris e 6h30min em Baltimore. Ela dormia. (Da "***Revue Spirite***", 1874 – p. 340. Reproduzida em "**Processo dos Espíritas**", Hermínio C. Miranda. Rio de Janeiro: FEB, 1977).

indicada." (**KARDEC, Allan. "Obras Póstumas"**. 26ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1993, p. 76. Trad. Guillon Ribeiro).

Episódios como esse revelariam possibilidades perispirí-ticas realmente extraordinárias. Todavia, tudo leva a crer, que, em se tratando de uma manifestação que pareça assim tão material (ectoplasma é matéria), o sujeito dificilmente permaneceria totalmente desperto. Por isso, aliás, o oportuno e sábio comentário do Codificador: "*Num caso desses, seria preciso comprovar, de maneira positiva, o estado do corpo no momento da aparição. Até prova em contrário, duvidamos de que o fato seja possível, desde que o corpo se ache em atividade inteligente.*" (**Op.** e p. **cits.**). De fato, mais razoável seria aceitar que o sujeito, ao se desdobrar, estivesse em transe passageiro, ainda que quase superficial.

Cumpre ressaltar, aqui, a propósito desse tipo de fenômeno, que embora, em tese, tanto os desdobramentos, como as materializações de Espíritos, possam surgir *luminosas* e *tangíveis*, simultaneamente, as pesquisas têm mostrado que dificilmente as aparições ou corporificações plenamente luminosas apresentar-se-iam também tangíveis, pois implicariam processos (um, de aglutinação, outro, provavelmente, de uma espécie de "queima" de ectoplasma) que demandariam, de parte dos Espíritos operadores, esforços adicionais, tão complexos, quanto dispensáveis. Daí, a verificação de que é mais comum, nos casos de aparição tangível, que a luminosidade surja sensivelmente prejudicada (materializações quase ou semi-opacas).

* *

O desdobramento *induzido* difere do *espontâneo*, por resultar de uma ação específica que deflagra o processo.

O sujeito pode ser induzido ao desdobramento *magneticamente* ou *hipnoticamente*, apresentando-se mui tênues, na verdade, as diferenças entre os dois processos, facilmente confundíveis, aliás, e não sendo raro, até, que ambos sejam empregados conju-

gadamente numa mesma operação.

A indução *magnética* é normalmente aplicada pelos Espíritos, em tarefa de ajuda aos médiuns, especialmente para que consigam desprender-se e, se for o caso, desdobrar-se, facilitando aos comunicantes o uso de seu equipamento físico para o trabalho psicofônico e psicográfico, entre outros.

Outras vezes, o próprio desdobramento surge como um fim em si mesmo, propiciando, sob a égide dos responsáveis espirituais, alcances ou percepções úteis ao trabalho demonstrativo ou de esclarecimento.

Também, os casos de *automaterialização* mostram, seguidamente, a ação dos Espíritos apoiadores, magnetizando o médium para que se desdobre e se torne visível, sem prejuízo da liberação do ectoplasma necessário a outras materializações.

A indução *hipnótica* (abrangendo a auto-hipnose, que, aliás, a rigor, encontra-se subjacente em todo o processo hipnótico) opera-se por técnicas muito conhecidas. Os seguidores das doutrinas, religiões ou seitas orientais, desde a antigüidade – e, ainda hoje –, têm adotado, como se sabe, o método de auto-hipnose – confortado, muitas vezes, por longos jejuns e meditações –, em direção ao desprendimento e ao desdobramento.

De outro lado, a história das investigações psíquicas está repleta de experimentações comandadas por homens de ciência que, operando por meio da hipnose, têm conseguido, entre outros fenômenos, o desprendimento e, às vezes, o próprio desdobramento (duplicação) de pessoas sensíveis a esse tipo de processo.

A respeito desses fenômenos, como já anotado, não deve ser desconsiderado o fato de que é comum o processo hipnótico ser influenciado pela ação magnética de Espíritos que, com vistas aos objetivos pretendidos, busquem resultados mais satisfatórios.

O desdobramento *induzido* – tal como o *espontâneo* – pode, também, apresentar-se como *mediúnico*, ou *não mediúnico*, conforme sirva à intermediação espiritual, ou não, devendo-se ressaltar que, no primeiro caso, normalmente faz-se presente, também, a ajuda magnética dos Espíritos, com vistas ao melhor aproveitamento da operação.

No desdobramento *mediúnico*, o médium, se for o caso, poderá guardar plena lembrança das experiências vividas nesse estado – desdobramento *consciente* –, o que já não é comum nos processos *não mediúnicos*, quase sempre *não conscientes*.

Observe-se, todavia, a respeito, que há casos de auto-indução em que o processo é inteiramente comandado pelo próprio sujeito, como, por exemplo, acontece entre os que se dedicam a certas práticas orientais, nas quais a auto-hipnose comparece apenas como o momento disparador de um processo mais complexo. Nessas circunstâncias, o desdobramento *induzido*, de caráter *mediúnico*, ou não (ou seja, servindo à intermediação, ou não, de outras vontades), não deixará de ser *consciente*, podendo, aliás, alcançar níveis superiores de percepção.

Como ocorre com o desdobramento *espontâneo*, o *induzido* pode, também, ainda que raramente, apresentar-se fisicamente *visível*. O comum, porém, é só ser percebido pela vidência.

Finalmente, como acontece nos processos *espontâneos*, os desdobramentos *induzidos* podem, também, apresentar-se *tangíveis* (casos raríssimos) ou *não tangíveis*, conforme a massa disponível de ectoplasma, as condições perispiríticas do sujeito e, mormente, os objetivos perseguidos. (Importante marcar, aqui, a semelhança entre os processos *espontâneos* e *induzidos*, os quais, basicamente, guardam relação com o mesmo tipo de sensibilidade. Com efeito, os sujeitos suscetíveis ao desdobramento *espontâneo*, também o são quanto ao *induzido*. E os que se desdobram por efeito de meios indutivos, podem facilmente chegar a condi-

ções que lhe facultem o desprendimento e a duplicação, espontaneamente).

*

O fenômeno de duplicação corpórea,[20] que, em muitas linhas, encontra-se com o da materialização, fornece, como este, demonstração inequívoca da existência do perispírito. Espontâneo ou não, tangível ou não, o duplo fluídico toma, obrigatoriamente, a forma do corpo físico porque, no desdobramento, o molde sustentador é sempre o corpo espiritual.

* *

FOTOGRAFIA TRANSCENDENTE

Além da fotografia comum das materializações visíveis, um outro meio de registro da presença espiritual (desencarnados e encarnados em desdobramento) existe, a chamada *fotografia transcendente*,[21] denominação que AKSAKOF deu à fotografia dos fenômenos que classificou como sendo de "*materialização invisível*" ("**Animismo e Espiritismo**". 5ª ed., FEB, cit., Vol. I, p. 55).

Por esse meio, podem ser fotografados tanto os Espíritos, de

---

[20] A duplicação corpórea – conhecida pelos parapsicólogos ingleses como "*out-of-the-body experience*" ("*experiência fora do corpo*") e pela sigla OOBE, ou apenas OBE – tem sido objeto de constantes pesquisas e avaliações em laboratório. Esses estudos incluem, desde a medição da atividade cerebral do sujeito até o emprego dos mais sofisticados sistemas de controle e registro, visando à "detectação física de projeções fora do corpo", com resultados altamente positivos, segundo anota Guimarães ANDRADE, mencionando experimentos realizados por Karlis Osis e Donna McCormick (**ANDRADE, Hernani Guimarães. "Morte, Renascimento, Evolução – Uma Biologia Transcendental"**. 5ª ed., S. Paulo: PENSAMENTO, 1991, pp. 68 e 69).

[21] A fotografia transcendente foi também conhecida como "*fotografia espírita*", "*fotografia psíquica*" e "*fotografia fluídica*".

corpo inteiro ou não, como flores,[22] objetos, animais, formas-pensamentos, os quais, embora a possibilidade de impressionarem, via ectoplasma, a placa ou o filme sensível, são *invisíveis* ao olho humano, nenhum efeito produzindo, pois, sobre a retina.

A fotografia transcendente apresenta a notável particularidade de poder ser obtida, até, na mais completa escuridão, como mostram as experiências de renomados pesquisadores, evidenciando que as radiações emanam das próprias figuras, ou seja, que não se trata de luz refletida. (Trata-se, aliás, de fato que guarda semelhança com os registros que se faz em astronomia, em que a fotografia é capaz de revelar a existência de estrelas invisíveis aos observadores).

Outra importante característica diz com a possibilidade de ser ela obtida sem o uso de qualquer máquina, bastando a existência das placas ou filmes virgens e os necessários recursos ectoplásmicos.[23]

Anote-se, a propósito, que embora a fotografia transcendente, em si, dispense o uso de qualquer máquina, não é raro aparecerem nas fotografias comuns imagens de Espíritos, objetos, etc., inteiros ou não, ao lado das pessoas ou materializações fotografadas, que não pareciam visíveis aos olhos físicos. É o que se poderia chamar de *fotografia mista*.

---

[22] A fotografia de flores chega a revelar aspectos surpreendentes. Fotografando um botão de rosa, F. M. Melton constatou que aparecia na fotografia as pétalas de uma rosa e quando a flor se abriu, verificou que a foto havia mostrado exatamente as mesmas pétalas, até mesmo, quanto ao número! (Cf. **BOZZANO, Ernesto. "Pensamento e Vontade"**. 8ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1991, pp. 131 e 132). Esse e outros fatos mostram bem a existência, já no reino vegetal, de uma *protoestrutura* sustentadora do desenvolvimento celular.

[23] Há registros de que fotografias chegaram a ser obtidas diretamente "sobre o papel em branco, luvas de pelica, lenços e peças de vestuário", como, por exemplo, acontecia com a médium inglesa Ada Lee, segundo documentos publicados pela revista "***The Greater World***" – O Mundo Maior. ("**Tribuna Espírita**", Natal, RN, abril-maio, 1997, e "**Goiás Espírita**", Goiânia, GO, julho-setembro,



Fotografia Transcendente (I)
Fotografia de Kingsley Doyle, jovem médica desencarnada, vítima da gripe espanhola, ao lado de seu pai, Arthur Conan Doyle.
("***Revue Spirite***", nº 24, 1995).

1997, p. 29).

Embora tal processo guarde semelhança com o da escrita direta, não deixa de apresentar, por sua peculiaridade, aspectos especialmente significativos.

As primeiras fotografias transcendentes conhecidas devem-se a William H. Mumler, que operava em Boston, Estados Unidos, e teriam surgido em 1861.

Arthur Conan DOYLE descreve assim o notável evento:

"Mumler, que trabalhava como gravador numa das principais joalherias de Boston, não era espírita nem fotógrafo profissional. Em horas de folga, quando tentava tirar fotografias de si mesmo, no atelier de um amigo, obteve numa chapa o contorno de uma outra figura. O método que empregava era focalizar uma cadeira vazia e, depois de descobrir a objetiva, alcançar a cadeira escolhida e aí ficar durante o tempo necessário à exposição. Nas costas da fotografia Mr. Mumler tinha escrito:

'Esta fotografia foi feita por mim mesmo, de mim mesmo, num domingo, quando não havia viva alma na sala – por assim dizer. A forma à minha direita reconheço como minha prima, morta há doze anos.

W. H. MUMLER'

A forma é de uma mocinha, que aparece sentada na cadeira. A cadeira é vista com nitidez através do corpo e dos braços, como também a mesa na qual ela apóia o braço. Abaixo do peito, diz um relato contemporâneo, a forma (que parece usar um vestido decotado e sem mangas) se desagrega num tênue vapor, como simples nuvem na parte inferior do retrato. É interessante notar pormenores nessa primeira fotografia espírita, que se repetiram muitas vezes nas que foram obtidas posteriormente por outros operadores.

Logo correu a notícia do que havia acontecido a Mumler e ele foi assediado por pedidos de sessões. A princípio recusou-se, mas finalmente concordou e quando, posteriormente, outros 'extras' foram obtidos, e sua fama se espalhou, foi então compelido a abandonar o seu negócio e a dedicar-se a esse novo trabalho." (**DOYLE, Arthur Conan. "História do Es-**

piritismo". São Paulo: PENSAMENTO, 1995, pp. 362 e 363: Cap. XIX. Trad. Júlio Abreu Filho).

As fotografias de Mumler chegaram logo à Inglaterra e França, atraindo a atenção tanto de curiosos, como dos mais respeitáveis pesquisadores, até mesmo de, KARDEC.[24]

Hermínio C. MIRANDA, no resumo que fez da obra de Madame LEYMARIE, "*Procès des Spirites*", reportando-se a esse momento em França, escreve:

> "*No início da década de 70, no século XIX, começaram a surgir em Paris as chamadas 'fotografias espíritas', ou seja, retratos de pessoas encarnadas, junto às quais apareciam, mais nítidos ou menos nítidos, seres desencarnados. Eram obtidas nos Estados Unidos, bem como na Inglaterra, e por essa pesquisa interessou-se pessoalmente o eminente cientista Sir William Crookes.*
>
> *As fotos despertaram grande interesse da parte do público, e a Revue Spirite, a essa altura sob a gerência de Pierre-Gaëtan Leymarie, passou a importá-las para atender às inúmeras solicitações dos seus assinantes.*
>
> *Os originais, obtidos pelo fotógrafo americano Mumler, eram vendidos ao preço de 1 franco e 25 cêntimos.*" (**MIRANDA, Hermínio C. "Processo dos Espíritas – Resumo da Memória Escrita por Mme. Marina Leymarie**". 2ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1977, p. 32).

Na Inglaterra, onde esse tipo de fotografia foi especialmente estudado, o primeiro registro foi feito por Frederick A. Hudson,

---

[24] "Photographie des Esprits", "***Revue Spirite***", maio, 1863, p. 92.
O relato completo das experiências de Mumler, desencarnado em 1884, constam de seu livro "*Personal Experiences of William H. Mumler in Spirit Photography*" (Experiências Pessoais de William H. Mumler com Fotografia de Espírito), documentário dos mais valiosos, publicado em Boston, 1875.



Fotografia Transcendente (II)
Foto de M. Moses Down com sua amiga desencarnada, Mabel Warren. (Em "***Les Apparitions Matérialisées des Vivants & des Morts***", G. Delanne, T. II).

em 1872. Os trabalhos desse médium tiveram grande repercussão entre os intelectuais ingleses, atraindo, também, nomes famosos da ciência, como Alfred Russel WALLACE, que viu o Espírito de sua mãe nitidamente fotografado.

Nome importante, também, é o de Richard Boursnell, que, segundo consta, já obtinha retratos de mãos e rostos em 1851. Tantos foram seus êxitos que, segundo Conan DOYLE, "os espíritas de Londres presentearam esse médium com uma bolsa de ouro e um documento assinado por mais de cem espíritas notáveis", ocasião em que "as paredes das salas da Sociedade de Psicologia, em George Street, Portman Square, estavam cobertas por trezentas fotografias escolhidas de Espíritos, feitas por Boursnell." ("**História do Espiritismo**", ed. PENSAMENTO, 1995, cit., p. 369).

Vários outros pesquisadores marcam a história da fotografia transcendente na Inglaterra, podendo ser citados, entre eles, além de Stainton Moses, que publicou valioso trabalho a respeito ("Fotografia de Espíritos"), Edward Wyllie (conhecido como *médium-fotógrafo*), David Duguid, William Hope, M. J. Vearcombe, que, com Fred Barlow, obteve, ainda, "mensagens escritas em condições de testes, em chapas que não haviam sido expostas na máquina" (**op. cit.**, p. 374), etc.[25]

[25] "Os fotógrafos preparavam suas próprias chapas, desde o corte do vidro, com diamante, até a fase de acabamento da foto. O vidro era cuidadosamente limpo, usualmente com um pano ou um pouco de algodão embebido em álcool. Em seguida, cobria-se a sua superfície com fina camada de uma substância coloidal, à qual aderia o sal de prata contido num banho em que era mergulhada a chapa. Daí, a chapa ia para o chassi da máquina, com os cuidados necessários para não receber qualquer exposição à luz. As lâminas de vidro poderiam ser reutilizadas, após a limpeza acima referida. A revelação e a fixação seguiam basicamente o mesmo procedimento atual, embora se disponha, hoje, de produtos químicos muito mais sofisticados." (**MIRANDA, Hermínio C. "Processo dos Espíritas"**. 2ª ed., FEB, 1977, cit., p. 33).

A fotografia transcendente, hoje conhecida em quase todo o mundo, também faz parte do repertório brasileiro de fenômenos de efeitos físicos.[26]

Ao lado da materialização e do desdobramento visível, sujeitos à fotografação comum, a fotografia transcendente comparece como prova inequívoca,[27] não só da sobrevivência do Espírito, como da própria existência do perispírito.

Com efeito, o retrato de um Espírito, mostrando-o de corpo inteiro, ou não, só é possível porque o ectoplasma capaz de impressionar a chapa ou o filme – ainda que tão tênue que não chegue a ser percebido pelos olhos comuns – aglutina-se, sob a ação mental, junto ao seu psicossoma, tomando a forma do corpo com detalhes tão nítidos que o tornam imediatamente identificável.

Obviamente, se não houvesse o perispírito, inexistiria o molde a sustentar a formação ectoplásmica capaz de impressionar uma chapa ou um filme, reconhecível como um rosto, ou um corpo.[28] (Formas-pensamentos podem surgir como configurações passíveis de serem fotografadas, também. Todavia, em se tratan-

---

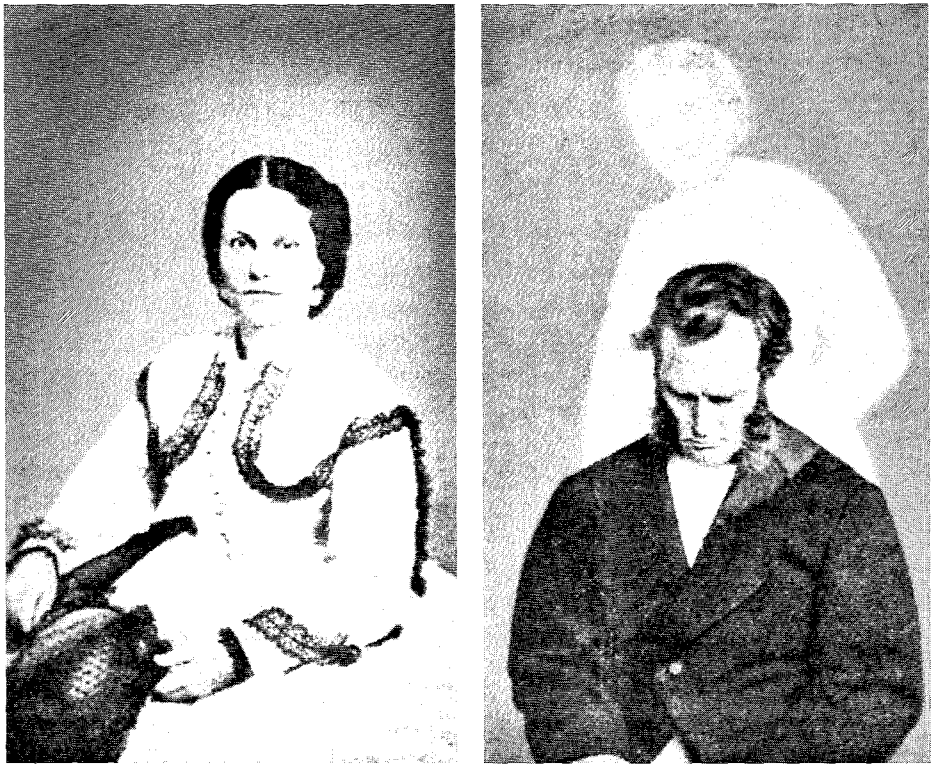
[26] O Prof. Guimarães ANDRADE chegou a compor um projeto com vistas à construção de uma "*Câmara Espiritoscópica*", para a obtenção comum da fotografia transcendente. (**ANDRADE, Hernani Guimarães. "Novos Rumos à Experimentação Científica"**. São Paulo, 1960, ed. cit., pp. 143 e segs.: Cap. V).

[27] Esse método de registro da existência espiritual é tão notável quanto se sabe que os retratos de Espíritos não só surgem em placas fotográficas contidas em caixas *fechadas*, ou em filmes virgens, como, também, quando em operação duas ou mais máquinas, somente por meio de uma delas.

[28] A história da fotografia transcendente contém relatos surpreendentes, até, demonstrando a existência do perispírito. BOZZANO, por exemplo, cita um caso, rigorosamente comprovado e divulgado pela imprensa especializada, de *fotografia do braço fluídico de um amputado*, feita por Alphonse Bouvier, pesquisador francês, muito conhecido pelas numerosas curas magnéticas que então realizava. (V. **BOZZANO, Ernesto. "Fenômenos de Bilocação – Desdobramento"**. 3ª ed., CORREIO FRATERNO, 1990, cit., pp. 26 e 27).

do de formas-pensamentos que dizem com o corpo humano, apresentam-se quase sempre com rara consistência, pobres em detalhes e, seguidamente, disformes, justamente porque representam meras criações mentais, sem o suporte de um molde preciso e sustentador como é o perispírito, que garante a estabilidade e a autonomia da formação ectoplásmica).

* *



Fotografia Transcendente (III)
Foto de M. Bromson Murray e de Mme. Bonner (Espírito). O retrato de Mme. Bonner, quando encarnada, à esquerda, mostra claramente a semelhança com a sua forma perispirítica captada na foto da direita. (Publicada por Aksakof em "***Animisme e Espiritisme***" e reproduzida por G. Delanne, em "***Les Apparitions Matérialisées...***", T. II, p. 71).

TRANSFOTO

Tão ou mais importante que a fotografia transcendente é a chamada *transfoto*, obtida através dos processos que marcam a atualíssima Transcomunicação Instrumental, de resultados reconhecidamente muito promissores.

A Transcomunicação Instrumental – TCI, diz respeito, segundo Sonia RINALDI, a "todos os contatos entre o nosso plano e outros níveis de existência, através de meios técnicos."

Segundo essa autora – pioneira no Brasil, com Hernani Guimarães ANDRADE, no estudo e divulgação desse novo processo de contato com a dimensão espiritual –, na atualidade isso acontece por meio de gravador, rádio, tevê, secretária eletrônica, computador, fax, telefone e, mais recentemente, por *tevê-fone*, "uma nova composição de aparelhos, em que a entidade aparece num monitor de tevê e fala simultaneamente pelo telefone", fato esse, bem documentado e que "possibilita um vasto campo de pesquisa." (**RINALDI, Sonia**. "**Transcomunicação Instrumental – Contatos com o Além por Vias Técnicas**". 2ª ed., São Paulo: FE Editora Jornalística, 1997, p. 4).

A TCI surgiu e consolidou-se graças, principalmente, aos esforços do sueco Friedrich JUERGENSON (1903-1987) e de Konstantine RAUDIVE (1909-1974), filósofo, psicólogo e escritor letão, que acabou fixando residência na Alemanha, depois de ter trabalhado na Universidade de Upsala, Suécia.

JUERGENSON começou a publicar suas pesquisas em 1964 ("*Les Voix de l'Univers*").[29] RAUDIVE, com as informações so-

[29] O trabalho de JUERGENSON, com a gravação de vozes dos Espíritos, não só foi reconhecido pelo mundo científico, como pela própria Igreja. (Em 1969, JUERGENSON recebeu das mãos do Papa Paulo VI a Comenda da Ordem de S. Gregório, "pelo reconhecimento da autenticidade das vozes". – Cf. **NUNES, Clóvis S. "Transcomunicação"**. 2ª ed., Sobradinho: EDICEL, 1990, p. 41).

bre os trabalhos de JUERGENSON e aperfeiçoando sua técnica com o físico suíço Alex SCHNEIDER, desenvolveu uma extensa pesquisa, que resultou no registro de 72.000 frases proferidas nas mais diversas línguas, captadas pelo sistema de gravação em fita magnética (EVP), as quais, vertidas para o alemão, resultaram na obra – hoje considerada clássica – "*Unhörbares Wird Hörbar*" (O Inaudível Torna-se Audível), traduzida para o inglês (N. York: Taplinger, 1971) com o título "*Breakthrough*" (Ruptura).

As imagens do Além, via televisão, foram primeiramente captadas por Klaus SCHREIBER, desencarnado na Alemanha, em janeiro de 1988. Este processo ficou conhecido como *Vidicom*.[30]

---

[30] Escrevia a notável médium Yvonne A. PEREIRA, em 1963: "No ano de 1915, no correr de memorável sessão a que assistiram nossos pais, em seu próprio domicílio, na cidade de São João Del-Rei, em Minas Gerais, e na qual servia o médium Silvestre Lobato, já falecido – o melhor médium de incorporação por nós conhecido até hoje –, o Espírito do Dr. Bezerra de Menezes anunciou o advento do Rádio e da Televisão, asseverando que este último invento (ou descoberta) facultaria ao homem, mais tarde, captar panoramas e detalhes da própria vida no Mundo Invisível, antecipando, assim, que a Ciência, mais do que a própria Religião, levaria os espíritos muito positivos a admitir o mundo dos Espíritos, encaminhando-os para Deus. A revelação foi rejeitada pelos componentes da mesa. O médium viu-se acoimado de invigilante, convidado a orar e vigiar, e o Espírito comunicante 'doutrinado' como mistificador e perturbador da ordem e do bom senso. No entanto, parte da profecia já foi cumprida. E não será difícil que a segunda parte o seja também, quando o homem se tornar merecedor da graça de entrever o Além-Túmulo através do seu aparelho televisor..." (**PEREIRA, Yvonne A. "Devassando o Invisível"**. 8ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1991, pp. 177 e 178: Cap. VIII).

Em 1943, CORNÉLIO PIRES, Espírito, em sua obra "**Coisas D'Outro Mundo**", anunciava que "dentro de pouco tempo, veremos num aparelho provido de lentes e espelhos ou tela, os nossos entes queridos que deixaram a Terra e com eles conversaremos..." (Cf. **RINALDI, Sonia. "Transcomunicação Instrumental..."** 2ª ed., FE, cit., p. 90). CORNÉLIO PIRES, aliás, quando ainda encarnado, por volta de 1930, chegou a iniciar a construção "de um dispositivo eletrônico destinado à comunicação espírita", tendo desistido devido às "várias dificuldades de ordem técnica, bem como críticas desfavoráveis de alguns companheiros espíritas". (Cf. **ANDRADE, Hernani Guimarães. "A Transcomunicação através dos Tempos"**. São Paulo: FE Ed. Jornalística, 1997, p. 217).

Seus contatos iniciais com os experimentos em TCI ocorreram em 1982. Entusiasmado, passou a dedicar-se a captações de vozes dos Espíritos por meio de gravador. "Com a vida devassada pela morte de quase todos os seus entes queridos, pois perdera pai, mãe, a primeira esposa, o casal de filhos e, por fim, a segunda esposa" – escreve Sonia RINALDI –, "foi buscar conforto no intercâmbio com eles, pelo modesto gravador. Sua filha Karin logo tornou-se o elo entre ele e o Plano Espiritual." (**Op. cit.**, p. 90).

Em 1984, Schreiber recebeu a notícia de que imagens dos Espíritos e do mundo espiritual poderiam ser mostradas na tela da TV. Os acontecimentos que se seguiram marcam, talvez, "a maior descoberta do século", no dizer de Rainer HOLBE, autor de "*Bilder Aus dem Reich der Toten*" (Imagens do Reino dos Mortos – Knaur, Alemanha, 1987). Theo LOCHER e Maggy HARSCH, assim os descrevem:

> "*Dois anos depois das primeiras gravações, ele recebeu a notícia: Viremos através da televisão.* (...) *Desde então, Sch. passava noites diante da TV, na esperança de receber imagens dos seus entes do Além, em transmissões contínuas. Segundo a indicação de Karin:* (...) *ele adquiriu um aparelho de vídeo e uma câmara. Filmou em vão o seu laboratório, esperando com isso tornar visíveis os seus parentes falecidos. Quando filmou a tela brilhante da TV, com a câmara, obteve, devido ao reflexo, cópias em seqüência da tela, cada vez menores, formando um longo corredor. Conseguiu um mundo artístico estranho ao alterar a direção da filmagem e ativar o* zoom. *Todavia, essas experiências foram todas inúteis. Nas gravações ele ouvia: 'Klaus, viremos na televisão, canal livre.' Por outro lado, filmou com a câmara, seguindo recomendações dos seres do Além, um programa de televisão. Num lugar observou leves alterações das imagens. Na observação de imagens individuais, viu como uma entidade do Além se movimentava em cinco ou seis dessas imagens, fazendo mímicas, sorrindo ou aparentemente cumprimentando. Assim ele teria visto Karin erguer a mão direita.*

Nesse momento, ela teria dito: 'Papai, está me vendo? Estou aqui.' Isso ocorreu paralelamente à recepção normal do programa de TV. Sch. recebeu a indicação: 'Não venho em cores, mas em preto-e-branco.' Desse modo, os contornos do filme de vídeo ficaram mais nítidos. 'Pare a imagem', aconselharam-no do Além. Foi então que Sch. comprou um segundo aparelho de vídeo para poder deixar que um mesmo ponto da fita reaparecesse sucessivamente. E dessa forma foi aberto esse novo campo. A figura de uma mulher parecia ser Karin, vestida de blusa escura e saia branca, a cabeça levemente inclinada. Sch. chorou quando viu a filha." (**LOCHER, Theo. HARSCH, Maggy. "Transcomunicação – A Comunicação com o Além por Meios Técnicos"**. 10ª ed., São Paulo: PENSAMENTO, 1997, pp. 77 e 78. Trad. Harry Meredig).

A seguir, Klaus Schreiber, contando com a assistência técnica de Martin Wenzel, dedicando-se inteiramente à obtenção de imagens de desencarnados, com apoio em sistemas opticoeletrônicos retroalimentados, conseguia várias identificações positivas (em muitos casos, também com os recursos de audiocomunicação), até mesmo, de personalidades como o rei Ludwig II da Baviera ou os artistas Curd Juergens e Romy Schneider, entre outros.

Essas pesquisas de *transvídeo*, após a desencarnação de Schreiber, foram continuadas por Wenzel, com novos e sensíveis sucessos. Ultimamente, o processo aperfeiçoou-se e as imagens já chegam via computador, avanço significativo que permite percebê-las sem distorções, como, às vezes, acontece nas captações por tevê. (E entre os técnicos que desenvolveram esse novo padrão de contato, consta que, hoje, também opera Klaus Schreiber, Espírito).

* *

A Transfoto, indubitavelmente, surge como uma das provas mais firmes e inquestionáveis da sobrevivência do Espírito. As imagens só se organizam e surgem – apresentando-se suscetíveis

de serem fotografadas ou impressas – porque, obviamente, existe a estrutura perispirítica, propiciando o aparecimento na tela de todos os sinais identificadores da personalidade que se comunica.



Transfoto
Klaus Schreiber, eminente pesquisador alemão da TCI. Na primeira foto, já como Espírito desencarnado. Na segunda, quando encarnado. (De "**Transcomunicação Instrumental**", Sonia Rinaldi. São Paulo: FE EDIT., 1997).

E esse acontecimento é tão importante quanto se sabe dos extraordinários avanços da TCI, a propiciar, brevemente, a universalização – e a popularização – dos processos técnicos de captação do mundo espiritual. Como afirma Hernani G. ANDRADE, a TCI "avança rapidamente e breve estará presente em cada lugar onde exista um aparelho capaz de receber informações e retransmiti-las." (**ANDRADE, Hernani Guimarães. "A Transcomunicação através do Tempo"**. FE EDIT. JORN., 1997, cit., p. 16).

Daí, também, a crescente necessidade de que as obras de Allan KARDEC e demais fontes espíritas sejam conhecidas e estudadas, a fim de que os fenômenos não só possam ser compreendidos, como bem aproveitados, nesse esforço de auto-renovação que impende a cada um realizar, em proveito de sua evolução.

* *

EXTERIORIZAÇÃO DA SENSIBILIDADE

A exteriorização da sensibilidade, a significar a expansão da capacidade perceptiva do ser humano, apresenta-se como um dos capítulos mais surpreendentes e fascinantes, no estudo de sua natureza psíquica.

Respeitáveis pesquisadores – entre eles, Albert de ROCHAS D'Aiglun, investigador pioneiro e audaz, e Ernesto BOZZANO, notável metapsiquista italiano – examinaram e documentaram o fenômeno, produzindo provas irrefutáveis de sua ocorrência e enriquecendo os anais científicos com informações sobre fatos cuja explicação inteira só agora começa a surgir.

O cadastro de casos constatados e registrados, atrai, efetivamente, a mais viva certeza. O famoso pesquisador francês, Emil BOIRAC (autor de "*L'Avenir des Sciences Psychiques*", Paris, 1917, e "*La Psychologie Inconnue*", Paris, 1915, obra premiada pela Academia Francesa de Ciências), por exemplo, publica singular experiência, relatada por amigo seu, igualmente professor, e acontecida com um sujeito hipnotizado, em cujas mãos foi colocado um copo com água:

> "*Fiz trazer um copo, com água até a metade e, sem comunicar a ninguém a minha intenção, pu-lo entre as mãos do sensitivo, previamente adormecido* (...). *Entretanto, ao cabo de dois ou três minutos, retirei o copo, afastei-me três ou quatro metros e bruscamente mergulhei os dedos na água. Instantaneamente o sensitivo, que se mantinha de pé, com os olhos fechados, estremeceu, como se atingido por uma descarga elétrica. Interrogado, respondeu-me que eu acabava de o ferir na mão, e indicou aquela que tinha posto em cima do copo. Mexi a água entre os meus dedos; logo ele se pôs a gritar que lhe doía, que eu lhe torcia a mão e imitava na mão o gesto que eu acabara de fazer na água. Os mesmos fenômenos, quando me colocava a três ou quatro metros, às suas costas.*"

Com outro sujeito, relata Emil BOIRAC experiência que presenciou e na qual o toque na água produzia outro tipo de reflexo:

> " (...) *Foi ainda no epigastro que sentiu uma picada feita na água e que percebeu as vibrações de um relógio posto em cima do copo. Movimentos giratórios imprimidos no líquido lhe faziam, dizia ele, girar o coração.*" (Cf. **DE ROCHAS, Albert.** "***L'Exteriorisation de la Sensibilité***". Paris, 1899, CHAMUEL ÉDITEUR. Edição brasileira: "**Feitiçaria – Exteriorização da Sensibilidade**". São Paulo: EDICEL, 1971, pp. 189 e 190).

Dedicando-se durante cerca de vinte anos a pesquisas relacionadas com a natureza espiritual do ser humano, DE ROCHAS (Eugène Auguste Albert de ROCHAS D'Aiglun, 1837-1914), operando com os mais diversos sensitivos, construiu um acervo especial de comprovações experimentais da possibilidade de exteriorização da sensibilidade perispirítica.

Em uma de suas obras clássicas ("*Les Vies Successives*"), o notável investigador francês faz valiosa referência ao sensitivo Laurent (julho, 1893), o qual, depois de se submeter a esse tipo de experiências, e ainda que levantasse dúvidas sobre as causas das sensações que experimentava, consigna a seguinte anotação em seu diário:

> "*Estou acordado.*
>
> *O senhor de R. dá-me passes ao longo do braço e da mão esquerda; pouco a pouco sinto que o braço se põe rígido. Vejo o senhor R. que me belisca na pele da mão, tão fortemente, que ficam as unhas marcadas; apesar disso, não sinto qualquer dor. Então o senhor R. vai afastando a pouco e pouco a sua mão da minha, e fazendo gestos de beliscar. A certa distância, sinto logo nas costas da mão um beliscão bastante forte. O senhor R. continua afastando as mãos procurando distanciar-se cada vez mais para que eu sinta segundo beliscão, que se torna muito mais fraco do que o primeiro. O*

senhor R. continua a afastar-se.

A uma distância maior que as anteriores, o beliscão que ele dá no espaço repercute de novo nas minhas mãos, porém, com uma sensação mais fraca. Na proporção em que a distância aumenta, os atritos vão enfraquecendo até nada sentir." (DE ROCHAS, A. "***Les Vies Successives***". 12ª ed., Paris: CHACORNAC FRÈRES, 1924, p. 42).

Fatos como esses e outros, envolvendo sujeitos e processos os mais diversos, constam testemunhados e cientificamente comprovados por pessoas da mais absoluta idoneidade moral (V. Cap. II, p. 49, "Sensibilidade Global").

Saliente-se que os fenômenos de exteriorização da sensibilidade não se confundem com os que acontecem na projeção da aura – visível, hoje, por meio da kirliangrafia.

Efetivamente, se o método inaugurado pelo casal Kirlian, da então União Soviética, possibilita o registro da aura do corpo humano, de modo que se possam observar as nuanças vibratórias que caracterizam, na ocasião do fato, determinado estado do sujeito ou objeto fotografado, servindo, assim, de apoio às pesquisas que se fazem em efluviografia, a exteriorização da sensibilidade diz diretamente com a possibilidade de *expansão do próprio perispírito*, o que não acontece no caso anterior.

Assim, enquanto a projeção energética que a kirlianfoto registra diz, meramente, com a aura (uma espécie de "*efeito corona* das radiações bioenergéticas, mesmo no caso das pontas dos dedos", segundo IMBASSAHY),[31] a exteriorização da sensibilidade relaciona-se com a ampliação das possibilidades perceptivas do Espírito, por meio da expansão psicossômica. Daí, a sua im-

[31] V. **IMBASSAHY, Carlos de Brito. "A Bioenergia no Campo do Espírito"**. São Paulo: MNÊMIO TÚLIO, 1997, p. 107.

portância no estudo do perispírito, porque não só prova sua existência, como uma de suas extraordinárias propriedades, que é a *expansibilidade*, já vista.

* *

SENSAÇÃO DE INTEGRIDADE

Entre as provas subjetivas da existência do perispírito, avulta em importância a chamada *sensação de integridade*, muito comum nos casos de amputação ou mutilação.

Trata-se, aliás, de um fenômeno bem conhecido de médicos e fisiologistas: amputados de um braço ou de uma perna experimentam a sensação nítida de ainda possuírem a parte do membro que lhes falta e com a impressão de que podem movê-lo...

Ocorrem nessas situações, também, fatos notáveis em que as explicações meramente neurofisiológicas ou psicológicas comparecem insuficientes ou inúteis, como, por exemplo, a dor de queimadura que um mutilado pode experimentar quando uma chama é aproximada do espaço que seria ocupado pelo membro ausente, *estando ele de olhos vendados*!

A esse respeito, são muitas, também, as experiências relatadas. Ernesto BOZZANO, por exemplo, descreve um episódio bem significativo comunicado à "*La Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*", pelo Comandante Darget:

> "*Estando de visita a Véretz (Indreet-Loire), vi um moço maneta (braço direito), chamado Sicos, passar diante de casa. Alguns dias após encontrei-me com a mãe dele que me relatou o acidente de seu filho, cujo braço fora esmagado por uma engrenagem.*
>
> *O que de mais estranho há, disse-me ela, é que meu filho sente a presença de seu braço que falta, cujos dedos,*

afirma, pode mover à vontade.

Eu lhe disse então: 'Diga a seu filho que ele estenda seu braço faltante sobre a chama de uma vela, de modo que a chama o percorra desde o ombro até a ponta dos dedos e talvez ele venha a sentir a queimadura.'

Dois dias após, ouvi o moço chamar-me na rua para me dizer o seguinte: 'Ah!, o senhor me pregou uma boa peça e me fez queimar os dedos.'

Então me explicou que estendera seu braço ***ausente*** *sobre a chama da vela, fazendo com que ela o percorresse até a ponta dos dedos, e que, somente eles, haviam sentido a queimadura, ao passo que o braço nada experimentara.*

Ainda me disse que podia torcer o braço ***ausente*** *à vontade, mas não completamente e só em ângulo reto, cuja figura me fez com o braço existente.*

Fui então à sua casa, vendei-lhe os olhos e, agindo sobre o seu braço, ora percorrendo-o com a chama de uma vela, ora passando sobre ele a minha mão, convenci-me de que me havia dito a verdade.

Bem sei que a medicina já observou casos semelhantes, mas os atribuiu a uma causa diversa da presença do perispírito, no qual ela não acredita..."

Observa BOZZANO que essa narração "foi subscrita pelo próprio mutilado, Fernando Sicos, com a assinatura reconhecida pelo secretário da Prefeitura, Sr. Gaucher, que lhe apôs o selo da repartição." (**BOZZANO, Ernesto. "Fenômenos de Bilocação – Desdobramento"**. 3ª ed., S. B. do Campo: CORREIO FRATERNO, 1990, cit., pp. 25 e 26).

Essa sensação de integridade é também observável em outros casos, como em certos doentes hemiplégicos e em pessoas nascidas com um membro mais curto. William JAMES (1842-1910), o notável psicólogo norte-americano, relata, a propósito:

> *"Certa mocinha de 15 anos e um homem de 40, os quais só tinham u'a mão normal, sendo que a outra apresentava, em lugar de dedos, ligeiras proeminências carnudas, sem ossos, nem músculos, tinham a sensação precisa de dobrar os dedos inexistentes todas as vezes que dobravam o coto informe. Paralelamente, pessoas nascidas com um braço mais curto do que o outro asseguravam que, a julgar pelas sensações experimentadas, o comprimento do membro atrofiado não lhe parecia mais curto do que o outro. Um aleijado, ao qual faltava quase todo o antebraço, de sorte que a mão atrofiada parecia ligar-se diretamente ao cotovelo, tinha a sensação de possuir um braço normal, cujo comprimento em nada era inferior ao outro braço."* (*"**Proceedings of the American S. P. R.**"*, 1885-89. Cf. **BOZZANO, Ernesto. Op. cit.**, p. 23).

Evidentemente, a neurofisiologia oferece, em boa parte dos casos, explicações que merecem toda a atenção, sabendo-se que à Ciência cumpre esclarecer, buscando as causas através de investigações quase sempre muito árduas. Todavia, é preciso bem discernir, uma vez que numerosos casos há, em que as hipóteses formuladas pelos cientistas que não vêem além do véu dos neurônios materiais, simplesmente, não condizem com a realidade. E se podem explicar um aspecto do fenômeno, não o conseguem em relação a outro. (Haja vista, por exemplo, o que acontece com os hemiplégicos, cujas sensações subjetivas podem apresentar-se suscetíveis de serem, até, plausivelmente interpretadas à luz da neurofisiologia, mas, ao se amplificarem, se presentes as necessárias condições, já indicam claramente a existência de um corpo espiritual íntegro, a refletir-se no sistema nervoso e a construir a impressão de que o corpo físico não apresenta qualquer anormalidade fisiológica...).

De qualquer forma, o significativo repertório de casos comprovados por pesquisadores de ilibada reputação, autoriza sejam esses fenômenos ligados à sensação de integridade (sensação de

presença dos chamados membros fantasmas) arrolados, com o devido cuidado, entre os meios de demonstração científica da existência do perispírito.[32]

PERCEPÇÕES EXTRACORPÓREAS

Percepções extracorpóreas são as percepções que certos sujeitos conseguem obter, estando fora do corpo físico. Referem-se, especialmente, aos casos de desprendimento e de desdobramento.

Se as ocorrências de duplicação corpórea visível servem como prova objetiva da existência do perispírito – uma vez que, como visto, só são possíveis devido ao suporte que este oferece à aparição –, as que dizem com a possibilidade do sujeito ver ou sentir o que se passa na dimensão espiritual, durante o desprendimento ou desdobramento, já podem ser aceitas como uma prova subjetiva.

Com efeito, nesses processos em que se verifica a *emancipação do Espírito*, como escreve KARDEC, este, em "estado de independência", tem a sua percepção significativamente ampliada, e ao descreverem seus contatos e impressões, são muito cla-

---

[32] Um tipo de ocorrência há, que, de certa forma, não deixa de guardar relação com esse tema e que só pode ser explicada à luz do Espiritismo: a extirpação de segmentos do cérebro sem que a mente seja afetada. Numerosas constatações são citadas em todo o mundo. Entre elas, por exemplo, as realizadas pelo famoso neurocirurgião canadense, Dr. Wilder Penfield, da McGill University, de Montreal, que, depois de extirpar maciços segmentos cerebrais e verificar que a mente continuava a funcionar normalmente, "sem qualquer distúrbio da consciência", declarava: "Talvez precisemos visualizar sempre um elemento espiritual... uma essência espiritual capaz de controlar o mecanismo. A máquina jamais explicará cabalmente o homem, nem os mecanismos explicarão a natureza do espírito." (**SMITH, Susy. "*Out of Body Travel*". N. York: GARRET, 1965. Conf. OSTRANDER, S. SCHROEDER, L. "Experiências Psíquicas além da Cortina de Ferro". S. Paulo: CULTRIX, 1974, p. 234).

ros na identificação dos Espíritos e lugares, não deixando dúvidas sobre as características que marcam os personagens espirituais que vêem – às vezes, em pontos bem distantes – e que, até, chegam a intermediar, como acontece, por exemplo, com os sonâmbulos-médiuns, que até servem aos médicos desencarnados, em suas prescrições.[33]

Essa percepção nítida dos Espíritos, presente em experiências que se registram continuamente, em todos os lugares, comprova, também, a existência do corpo espiritual, instrumento de presença e comunicação, sem o qual nenhum Espírito pode perceber ou ser percebido.

VIDÊNCIA

A vidência comparece como uma faculdade especialmente propícia à comprovação da realidade do Espírito, não só por ser muito comum, entre médiuns espíritas e não-espíritas, como, em casos de sensibilidade mais avançada, ensejar percepções e relatos claros e minuciosos.[34]

---

[33] A respeito, anota KARDEC: "Mostra a experiência que os sonâmbulos também recebem comunicações de outros Espíritos, que lhes transmitem o que devam dizer e suprem à incapacidade que denotam. Isto se verifica principalmente nas prescrições médicas. O Espírito do sonâmbulo vê o mal, outro lhe indica o remédio. Essa dupla ação é às vezes patente e se revela, além disso, por estas expressões muito freqüentes: *dizem-me* que diga, ou *proíbem-me* que diga tal coisa." ("**O Livro dos Espíritos**". 75ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, cit., nota ao item 431).

[34] Distinguem-se perfeitamente os fenômenos de *vidência* dos de *clarividência*, uma vez que estes últimos já dizem mais com as potencialidades do *superconsciente*. Observe-se, aliás, que, normalmente, a clarividência – vidência precognitiva – ocorre simultaneamente com a *clariaudiência*, também relacionada com as dimensões superiores da consciência. (Já a vidência retrocognitiva – acompanhada, ou não, da audiência –, percepção de imagens relacionadas com o passado de determinadas pessoas, encarnadas ou desencarnadas – comum, aliás, no

Tais relatos, coincidentes entre si, em todos os lugares e em quase todos os tempos, mostram que os Espíritos se apresentam como se encarnados estivessem, com todas suas características físicas e psicológicas, de modo a não deixarem dúvida sobre sua identidade. E isso, obviamente, só se verifica porque existe o perispírito a plasmar formas ou aparências, possibilitando a interação da alma com o meio que diz com sua condição evolutiva.

A percepção que a vidência propicia guarda muita semelhança com a que acontece em estado de desprendimento ou desdobramento, mesmo porque o processo apresenta claras linhas de identidade. O sinal diferencial, todavia, está no fato de que embora na vidência comum verifique-se, de ordinário, um leve tipo de desprendimento, não é preciso que o médium (e assim o é, porque, descrevendo o mundo espiritual, não deixa de fazer o papel de intermediário entre os dois planos de vida) chegue, propriamente, ao estado de transe como acontece nos casos de efetivo desprendimento e de desdobramento consciente.

Importante é que se tratem de valiosas vias de acesso e intercomunicação com o mundo espiritual, servindo bem à demonstração da existência do psicossoma, impondo-se, ainda, conside-

---

processo de psicografia de romances mediúnicos, ou na fase que o precede –, pode ser tecnicamente aceita como simples fenômeno de vidência).

A vidência, propriamente, pode apresentar-se de forma **ativa**, em que o sujeito projeta-se e percebe o mundo espiritual, ou **passiva**, em que recebe a imagem em sua mente, como num processo telepático comum.

A **vidência ativa** pode ocorrer na forma de uma vidência *exterior* (*objetiva*), em que o sensitivo capta a ocorrência espiritual como normalmente percebe qualquer objeto do mundo físico que o rodeia, ou como vidência *interior* (*subjetiva*), em que as imagens se sucedem na intimidade da mente, sem a sensação que uma percepção em nível tridimensional pode realmente produzir.

Esse tipo de percepção (vidência *subjetiva*) marca particularmente os fenômenos de **vidência passiva** (em que, aliás, não é incomum – ressalte-se – as imagens significarem apenas projeções do subconsciente ou do subconsciente profundo).

rar que essa percepção dos Espíritos desencarnados pelos encarnados deve-se, afinal, ao contato de perispírito a perispírito, que entre eles realiza.

* * *

VI.

O DUPLO ETÉRICO

O corpo denso organiza-se tendo como fonte modeladora o perispírito, cujas linhas de força servem, depois, à sua sustentação. Já desde os primeiros instantes da reencarnação, o perispírito do reencarnante, como se sabe, passa a servir de suporte ao embrião, que se desenvolve graças, em grande parte, aos recursos oriundos do estoque de energia vital da mãe.

À medida que se desenvolve e se aprimora fisiologicamente, a estrutura corpórea em formação, sob o impulso automático do perispírito do reencarnante, contingentes de energia vital ou bioenergia (também qualificada como *princípio vital*), resultado da ação do corpo espiritual sobre os elementos físicos (EMMANUEL), não só são canalizados à consolidação do novo organismo, como são aglutinados em uma outra estrutura que vai servir de verdadeiro reservatório de vitalidade, necessário, durante a vida física, à reposição de energias gastas ou perdidas. É o chamado *duplo etérico*. (V. Cap. XIII, "Perispírito e Enfermidade").

O duplo etérico parece mais uma duplicação do corpo físico que do perispírito, propriamente, mas como ele se organizaria simultaneamente, aglutinando-se no campo ensejado pelo psicos-

soma, comparece melhor como uma sua extensão ou revestimento, ainda que em caráter provisório – ao menos, em se tratando de Espírito encarnado na Terra. (Os termos *extensão* e *revestimento* são aqui aplicados num sentido didático, pois, em verdade, perispírito, duplo etérico e corpo físico interpenetram-se dinamicamente, distinguindo-se aos olhos dos Espíritos Superiores por sua qualidade energética e densidade).

Com a desencarnação, essa estrutura se desintegra com a própria organização física, perdendo, pois, o perispírito, em grande parte, essa túnica de vitalidade, essencial para o equilíbrio Espírito-corpo.[1]

De feito, segundo se compreende, é através do duplo etérico, com seus recursos vitais disponíveis – catalogados por ANDRÉ LUIZ, em seu conjunto, sob a denominação genérica de "*emanações neuropsíquicas*"[2] –, que os centros de força do perispírito, compondo um complexo sistema de redes de intercomunicação e interação energética, sustentam a organização somática, possibilitando que cada célula física receba da respectiva célula psicossômica, sua matriz anatômica e fisiológica, a energia necessária à sua sustentação. (Isso, aliás, vem, de certa forma, confirmar o sustentado pela tradicional doutrina vitalista, segundo a qual, há um *princípio vivificador* do organismo material, irredutível ao domínio físico-químico). Daí, a importância fundamental do duplo etérico na conservação da vida orgânica. "O equilíbrio fisio-

---

[1] No ato da desencarnação, segundo inúmeras constatações concordantes entre si, o duplo etérico, ao se desprender do corpo, pode, às vezes, ficar próximo a este ou pairar no ambiente, por algum tempo, até mesmo depois do sepultamento, até que, ocorrido o desligamento definitivo, sobrevenha a sua desintegração. O registro de sua presença por pessoas sensíveis, mas despreparadas, tem gerado as mais diversas crendices, o que, aliás, não chega a causar estranheza quando se sabe que até em certos círculos espiritualistas, hipóteses as mais esdrúxulas são formuladas a respeito.

[2] Cf. **XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Nos Domínios da Mediunidade"**. 22ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, cit., p. 99: Cap. 11.

lógico reflete a harmonia que reina no cosmo," – observa Lacerda de AZEVEDO – "e o *corpo etérico* tem por função estabelecer a saúde automaticamente, sem interferência da consciência. Distribuindo as energias vitalizantes pelo corpo físico, ele cuida para que as funções vitais permaneçam equilibradas e o conjunto corporal conserve seu equilíbrio harmônico. Promove, assim, as cicatrizações de ferimentos, a cura de enfermidades localizadas, etc." (**AZEVEDO, José Lacerda de**. "**Espírito-Matéria – Novos Horizontes para a Medicina**". 3ª ed., Porto Alegre, 1990, p. 30. Edição do Autor).

Tudo indica, a propósito, que a carga de energia vital contida no duplo etérico condiciona, basicamente, a maior ou menor longevidade do ser humano, ainda que não possam deixar de ser considerados fatores como a hereditariedade, as diminutas mas efetivas reposições de energia via respiração e alimentação e outros que possam, eventualmente, compor o esquema cármico de cada reencarnação. E como a energia vital ("*neuropsíquica*") que o duplo etérico retém e distribui a todas as células, pela ação dos centros vitais, parece guardar relação com o ectoplasma, pode-se afirmar que a predisposição maior ou menor ao fornecimento deste, para a produção dos diversos efeitos de cura ou, simplesmente, demonstrativos da sobrevivência espiritual, diz com a própria quantidade de energia armazenada pelo duplo etérico. "É bem possível" – escreve Jorge ANDRÉA – "que esse campo energético forneça boa parte do ectoplasma, substância que se completaria com outros elementos da organização física, principalmente o trifosfato de adenosina (ATP) resultante do ciclo bioquímico específico de Krebs. É preciso que se diga que o ectoplasma, para completar a sua estruturação, necessita arrecadar substâncias nos reinos da natureza (mineral, vegetal e animal)". (**ANDRÉA, Jorge**. "**Correlações Espírito-Matéria**". 3ª ed., Rio de Janeiro: LORENZ, 1992, p. 24).

Entende-se, então, que os médiuns curadores, em geral, e os aptos à produção de fenômenos ectoplásmicos particularmente ostensivos, já trazem, em seu duplo etérico, reserva maior de energia.

E se compreende, também, como uma vida na carne pode, eventualmente, ser prolongada, como mostram inúmeros relatos, bem conhecidos, aliás, dos espíritas brasileiros. Em caso de necessidade de prolongamento da vida física, por razões especiais, avaliadas pelos Espíritos Superiores, surge o revigoramento fisiológico, graças a uma suplementação de recursos no duplo etérico da pessoa contemplada com tal benefício. E isso acontece, pelo aproveitamento do ectoplasma fornecido pelas diversas fontes, devidamente preparado pelos Espíritos responsáveis, para que, por processo dos mais complexos, possa servir de eficiente suprimento vital.

Uma estreita relação existe, pois, entre o duplo etérico e o corpo denso. A deficiência de energia em um, repercute diretamente no outro, com nítida queda de vitalidade. E, ao contrário, o revigoramento do primeiro resulta na revitalização do segundo.

O duplo etérico ainda deve ser mais bem estudado, mas há evidências de que sua ação pode ser muito mais ampla do que hoje se admite. Por exemplo, já por constituir, basicamente, um aglomerado de energia *neuropsíquica*, no dizer de ANDRÉ LUIZ, tudo indica que seja de fundamental importância o seu papel nos fenômenos de exteriorização da sensibilidade, como agente condutor de estímulos em direção ao sistema nervoso.

Nessa linha, pode também ser lembrado o fenômeno da insensibilização causada pelos anestésicos químicos ou provocada por meios outros, como os empregados nas cirurgias espirituais, na acupuntura e nos próprios processos hipnóticos. A insensibilidade resultaria de um bloqueio induzido fisicamente, parcial ou não, localizado ou não, na passagem da energia do duplo etérico para o corpo, com a possibilidade, até, de um afrouxamento dos próprios liames perispiríticos, que, no caso de anestesia geral, poderia até favorecer o seu desprendimento.

Um outro efeito que mostraria bem a relação corpo e duplo etérico é o que se verifica em casos de materialização completa.

quando, por exemplo, qualquer agressão ao corpo materializado repercute imediatamente no corpo denso do médium, chegando, às vezes, a produzir ferimentos ou marcas dolorosas. Nesses fenômenos de *repercussão*, o fluxo do ectoplasma, do duplo etérico do médium ao psicossoma do Espírito em materialização, revestindo-o e possibilitando-lhe expressão física, pode, também, servir de via aos estímulos oriundos de eventuais ofensas à forma materializada, produzindo os efeitos citados no corpo do médium que, de resto, a energia vital que sustenta o universo celular é a que também diz com o ectoplasma.

Esses efeitos, aliás, lembram os fenômenos de *estigmatização*, em que o duplo etérico do médium é influenciado por tais ações mentais que a fisiologia se altera, tecidos podem se romper, feridas aparecer e o sangue fluir, para, passado o momento de influenciação, restabelecer-se o estado de normalidade anátomo-fisiológica, com o pleno equilíbrio entre perispírito, duplo etérico e corpo.

Em verdade, praticamente todos os chamados efeitos físicos, magnificamente definidos no sistema kardeciano, por dependerem, basicamente, do ectoplasma, guardam relação com o duplo etérico, cujas propriedades e funções são ainda muito pouco conhecidas.

*

O duplo etérico – também denominado campo ou corpo vital, corpo ou campo etérico, corpo ou duplo etéreo, biossoma, corpo ódico, corpo bioplásmico, etc. – é conhecido desde épocas remotas (os hindus já o designavam como *prânamâyakosha*, veículo de prana), passando a ser, desde o início do século passado, alvo da atenção de renomados cientistas europeus.

Entre os autores, geralmente, as informações ou estudos a respeito têm sido escassos – ainda que, nos últimos tempos, tenham surgido, em maior número, títulos que tratam do tema.

Mas, já por falta de maiores informações mediúnicas – e os Espíritos, obviamente, sabem das razões –, já por se tratar de assunto em plena investigação, a verdade é que, a rigor, ainda não se estabeleceu concordância desejável em torno de matéria tão importante como essa.

Os clássicos, em grande parte, ativeram-se a uma conceituação ampla do perispírito, usando, até mesmo, às vezes, a expressão "duplo etéreo", para designar o corpo espiritual.

Nos tempos atuais, entre os espíritas, começou-se a prestar mais atenção à existência de tal estrutura, principalmente depois que o Espírito ANDRÉ LUIZ, pela mediunidade de Francisco Cândido XAVIER, trouxe notícias a respeito.

Deveras, em comentário acerca de um trabalho mediúnico, o assunto foi assim enfocado pelo notável Instrutor Espiritual:

> "*Com o auxílio do Supervisor, o médium foi convenientemente exteriorizado. A princípio, seu perispírito ou 'corpo astral' estava revestido com os eflúvios vitais que asseguram o equilíbrio entre a alma e o corpo de carne, conhecidos aqueles, em seu conjunto, como sendo o 'duplo etérico', formado por emanações neuropsíquicas que pertencem ao campo fisiológico e que, por isso mesmo, não conseguem maior afastamento da organização terrestre, destinando-se à desintegração, tanto quanto ocorre ao instrumento carnal, por ocasião da morte renovadora.*" (**XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Nos Domínios da Mediunidade"**. 22ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, cit., pp. 98 e 99: Cap. 11. Primeira edição em 1954).

Em outro local, o Autor espiritual, ao tratar da importância da epífise, ensina:

> "*Segregando delicadas energias psíquicas, a glândula pineal conserva ascendência em todo o sistema endocrínico. Ligada à mente, através de princípios eletromagnéticos do*

campo vital, que a ciência comum ainda não pode identificar, comanda as forças subconscientes sob a determinação direta da vontade." (**Idem. "Missionários da Luz"**. 25ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 21: Cap. 2. Primeira edição em 1945).

Essas e outras informações têm atraído, cada vez mais, o interesse dos estudiosos para as memoráveis investigações realizadas pelos metapsiquistas europeus, nas primeiras décadas do século XIX.

Com efeito, Albert de ROCHAS, antigo diretor da Escola Politécnica de Paris e o grande pioneiro da metapsíquica experimental, Hector DURVILLE, Hyppolite BARADUC, destacado estudioso da força vital e da fotografia das formas-pensamentos, construtor do revolucionário Biômetro de Baraduc, para o registro das emanações energéticas do corpo humano, L. LEFRANC, Charles LANCELIN, Charles RICHET, Gustave GELEY, Ernesto BOZZANO e outros destacados homens de ciência, com suas pesquisas e obras, dando passos gigantescos para o seu tempo, contribuíram notavelmente para o conhecimento da natureza espiritual do homem.



Hyppolite Baraduc em Seu Laboratório
(De "***Le Fantôme des Vivants***", H. Durville: Paris, IMPRIMEURS ÉDITEURS).

Os experimentos de DE ROCHAS, DURVILLE, BARADUC, LANCELIN e LEFRANC, especialmente, repercutem até hoje e servem, indubitavelmente, de estímulo para novos avanços. Operando com sujeitos ("*passivos*") de alta sensibilidade, que eram levados a estados profundos de hipnose, e apoiando-se, como método de controle, em videntes comprovadamente idôneos e em outros sujeitos, igualmente hipnotizados, examinando, ainda, as correlações existentes entre os resultados que eram obtidos por outros grupos ou por intermédio de outros sujeitos, com assistentes também diferentes, esses cientistas conseguiram detectar uma outra estrutura, a destacar-se do corpo físico como um "*fantasma exteriorizado*".[3] (DE ROCHAS teria sido o pioneiro a conseguir tal exteriorização, relatando suas experiências na célebre obra "*Exteriorização da Sensibilidade*" –, editada no Brasil pela EDICEL, em 1971).

Hector DURVILLE, particularmente ("*Le Fantôme des Vivants*"), depois de sucessivas experiências, concluiu que esse *fantasma*, ligado ao corpo por um cordão de substância mui tênue, era portador da sensibilidade do sujeito em transe. Lembrando as teorias existentes a respeito de *duplos*, denominou-o *corpo ódico* ou *duplo etérico*. (Consta que, prosseguindo em suas investigações, DURVILLE teria chegado a verificar que um outro *fantasma*, permanecendo, de sua vez, ligado a este, também exteriorizava-se do primeiro, por um cordão fluídico. Estimulando essas formações, segundo as indicações dos assistentes, teria constatado que a luminosidade e a sensibilidade do primeiro fantasma

[3] Hippolyte BARADUC chegou a fotografar sua mulher e seu filho no momento em que, respectivamente, desencarnavam, verificando na chapa uma espécie de nuvem luminosa pairando sobre os corpos inanimados. (Mais tarde, WATTERS explicaria que a fotografia dessa nuvem luminosa, que se formava durante a desencarnação, era possível, porque, segundo observou, aderia a íons infinitamente pequenos, provocando, assim, um rastro suscetível de ser registrado).

teriam passado para o segundo, aceitando, então, a idéia de que se tratava do *corpo astral*, citado, já, por outros pesquisadores).[4]

Essas experiências vinham confirmar descrições anteriores de médiuns célebres, como Frederica Hauffe (1801-?), a célebre Vidente de Prevorst, Daniel Dunglas HOME (1833-1886), Eusápia Paladino (1854-1918) e tantos outros. E há, aliás, passagens particularmente notáveis, como a citada pelo Dr. Justinus KERNER (1786-1862), que se tornou famoso pelos trabalhos feitos com *Frau* Hauffe. Antecipando revelações, e referindo-se ao "princípio de vitalidade nervosa", informava a médium que "por meio dessa substância, a alma entrava em relação com o corpo e o corpo com o mundo", asseverando mais:

> "*Por esse intermediário, os Espíritos que se acham em uma esfera média são colocados em condições de atrair a si materiais atmosféricos que lhes conferem o poder de se fazer ouvir dos vivos, de interromper as leis da gravidade ou de mover objetos inertes. Quando uma pessoa morre em estado de grande pureza, não arrasta consigo nada do 'princípio de vitalidade nervosa'; é por isso que os Espíritos felizes, que não estão impregnados dessa vitalidade nervosa, não podem aparecer aos vivos nem deles se fazer ouvir, nem tocá-los.*" (Conf. **MORGAN, C. D.** "***From Matter to Spirit, the Result of Ten Years Experience in Spirit Manifestations***", p. 137. Cit. por **BOZZANO, Ernesto.** "**Metapsíquica Humana**". 3ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1980, p. 132).

Após as investigações empreendidas pelos metapsiquistas citados, experiências surgiram que lhes conferiram maior valor ainda.

---

[4] V. **FREIRE, Antonio J.** "**Da Alma Humana**". 2ª ed., Rio de Janeiro: FEB, pp. 116 e 117; **LOMBROSO, César.** "**Hipnotismo e Mediunidade**". 4ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1990, pp. 329 e segs.

Relata BOZZANO que no Instituto de Investigações Psicológicas, fundado pelo Dr. William Bernard Johnson, em Reno, Nevada (EUA), importantes experimentos foram levados a efeito por equipe comandada pelo Dr. WATTERS, daquela instituição, em torno da existência de um "duplo" do corpo. Na ocasião, com base em sugestão da Professora GASKEL (autora de "*What is Life?*" – Que É a Vida?), foram realizadas experiências com insetos e pequenos animais, alcançando-se resultados realmente surpreendentes.[5]

A Professora GASKEL sustentava que "os átomos físicos que constituem o organismo de qualquer criatura viva são interpenetrados por um *elemento vital*, uma *certa vida*, aos quais se deve a organização dos seres vivos. Essa nova unidade ou essência, não possuindo as propriedades físicas do átomo, não entraria nas combinações atômicas e, conseqüentemente, não poderia formar combinações químicas, mas permaneceria intra e infra-atômica e, na hora da morte, se desprenderia do sistema atômico que ela havia organizado e vitalizado."

E na citada obra, a cientista convidava seus colegas, físicos e químicos, que dispunham de laboratório, "para procederem a experiências cruciais sobre esta questão, consistindo em provocar a morte e aplicar, ao mesmo tempo, métodos aptos para medir, registrar e assinalar, por qualquer modo, a 'quantidade de vida' que teoricamente deveria escapar-se de um organismo vivo (isto é, de um sistema atômico) durante a crise da morte."

---

[5] Segundo anotação de H. P. Van Watt ("*The Two Worlds*" – março, 1937), GASKEL teria feito suas experiências empregando principalmente a câmara de Wilson, construída originalmente para o exame da ionização de gás por meio de raios X e de minerais radioativos.

Com a citada câmera, foi possível bem observar como uma névoa se desprendia do animal moribundo, tomando a conformação de seu corpo. (Conf. **LOUREIRO, Carlos Bernardo.** "Fotografias Científicas do Perispírito no Momento da Morte". "**Revista Internacional de Espiritismo**". Matão, SP, nov., 1995, pp. 312 e 313).

Aceitando a idéia, o Dr. WATTERS e seus colaboradores, com base no princípio de que, havendo um "elemento vital", seria possível fotografá-lo, imaginaram métodos e aparelhos minuciosamente descritos ("Boletim do Instituto", outubro, 1933), "graças aos quais, os experimentadores efetivamente conseguiram obter fotografias de formas fantasmais bem definidas, determinadas por algo que se separa do corpo no momento da morte. Essas formas reproduziam exatamente o corpo físico do qual emanavam."

Embora trabalhando com pequenos seres vivos, os resultados foram altamente significativos. Por exemplo, trabalhando com um "grilo dos campos", e um equipamento fotográfico, acionado no momento de sua morte, conseguia registrar a "presença de um grilo-fantasma *superposto* ao cadáver do inseto". Resultados como este foram, também, obtidos com ratos e rãs.

"O que de mais sugestivo há nas experiências em apreço" – observa BOZZANO – "reside neste fato: quando os experimentadores, no fim de certas experiências, conseguiram restituir a vida ao animalzinho 'eterizado', verificaram que a chapa fotográfica não fora impressionada. Ao contrário, quando a chapa havia fixado o fantasma fluídico do animalzinho morto, os experimentadores se esforçavam em vão para restituir a vida ao animal sacrificado, para o que nunca deixaram de recorrer a injeções de adrenalina."

Ao final, os experimentadores chegaram à convicção de que "durante a crise da morte do corpo físico escapava um 'corpo espiritual', inferindo, logicamente, que aquilo que se verifica nos animais pertencentes às formas inferiores da vida, deve evidentemente verificar-se também nas formas superiores da vida, inclusive a espécie humana, e que os mesmos resultados devem ser obtidos, o que parece incontestável". (**BOZZANO, Ernesto**. "**Fenômenos de Bilocação – Desdobramento**". 3ª ed., S. B. do Campo, SP: CORREIO FRATERNO, 1990, pp. 138 e 139. Trad. Francisco Klors Werneck).[6]

[6] Evidentemente, o duplo etérico de pequenos ou grandes animais liga-se a uma *protoestrutura perispirítica*, já mencionada.

Experiências semelhantes foram relatadas por Raoul MONTANDON, em sua obra "*De la Bête a l'Homme*" (Do Animal ao Homem), publicada na Suíça, em 1943. Tais pesquisas, informa J. Herculano PIRES, encontram-se minuciosamente descritas no capítulo "Sobrevivência Animal". "Várias fotografias batidas com filmes sensíveis à luz infravermelha, de grupos de gafanhotos e insetos mortos com éter, revelavam ao lado dos animais mortos uma sombra semelhante ao corpo morto, enquanto ao lado dos que não haviam morrido, mas estavam em estado letárgico, não aparecia a mesma sombra", observa o Autor.

Nesse capítulo, aliás, como lembra Herculano PIRES, reportando-se a fotografias ocasionais ou conseguidas em sessões mediúnicas experimentais, "os anais espíritas apresentam impressionante volume de casos significativos, cercados de todos os recursos de garantia da autenticidade do fenômeno." (**PIRES, J. Herculano**. "**Agonia das Religiões**". 4ª ed., São Paulo: PAIDÉIA, 1994, pp. 66 e 67: Cap. VIII).

Nos tempos atuais, por sua inegável importância, ainda repercutem as experiências realizadas pelos russos, com base nas descobertas do casal Kirlian, relativas à fotografia de alta freqüência. Na década de 60, cientistas dedicados às pesquisas sobre os fenômenos de bioluminescência, revelados pela câmera Kirlian (e elas aconteciam em diversas universidades e institutos soviéticos), fizeram importante descoberta. Fotografando uma folha de uma planta, num campo elétrico de alta freqüência, constatavam que, além de uma luminescência que aparecia ao redor de suas bordas, uma aura faiscante e colorida existia, espalhada por toda extensão da folha, uma "massa de luzes cintilantes", mostrando "aqui e ali, clarões vívidos e brilhantes". Cortando, a seguir, uma parte dessa mesma folha, o padrão de energia *de toda a folha* permanecia inalterado, como se a folha permanecesse inteira! Ficava, assim, evidente que o "fantasma" do pedaço cortado continuava emitindo energia.

Pouco depois, como informam Sheila OSTRANDER e Lynn SCHROEDER – as citadas jornalistas e pesquisadoras americanas, que visitaram a Bulgária, a Checoslováquia e a então União Soviética, estudando, especialmente, os programas de pesquisas que se desenvolviam em Alma-Ata, na conceituada Universidade de Kirov, Cazaquistão –, biologistas, bioquímicos e biofísicos, acoplando um imenso microscópio ao equipamento dos Kirlian (V. Cap. VIII, "A Aura"), viram, "na silenciosa descarga de alta freqüência", o duplo vivo de um organismo vivo em movimento, aparentando uma espécie de "constelação elementar, semelhante ao plasma, feita de elétrons e prótons ionizados, excitados, e possivelmente de outras partículas", não aparecendo, porém, como constituído só de partículas, e mostrando ser *todo um organismo unificado*, atuando como unidade e, como tal, emitindo "os próprios campos eletromagnéticos", representando "a base de campos biológicos".

"Em 1968," – anotam as pesquisadoras, citando fontes certas – "os Drs. Inyushin, V. Grishchenko, N. Vorobev, N. Shouiski, N. Fedorova e F. Gibadulin anunciaram o seu descobrimento: todas as coisas vivas – plantas, animais e seres humanos – possuem não só um corpo físico, constituído de átomos e moléculas, *mas também um corpo energético equivalente*, a que dão o nome de 'Corpo do Plasma Biológico". (**OSTRANDER, Sheila. SCHROEDER, Lynn. "Experiências Psíquicas além da Cortina de Ferro"**. São Paulo: CULTRIX, 1974, cit., pp. 234 e 239: Cap. 17).

A idéia, aliás, da existência de um *bioplasma* sustentador dos processos biológicos, não era nova entre os russos. Segundo INYUSHIN, já em 1944, seu colega V. S. Grishchenko,[7] antes mencionado, levantou a hipótese de sua presença nos organismos vivos, parecendo, até, ser um "*quarto estado da matéria existente*

[7] Informa Carlos IMBASSAHY: "Medindo com aparelhos espectrográficos, estes cientistas chegaram à conclusão de que o que definia a fecundidade da mulher não era somente sua capacidade biológica, mas, ainda, um campo estra-

De qualquer forma, porém, a Misericórdia Divina propicia, em todas as situações, a supervisão espiritual superior. "A modelagem fetal e o desenvolvimento do embrião obedecem a leis físicas naturais, qual ocorre na organização de formas em outros reinos da Natureza, mas, em todos os fenômenos, os ascendentes de cooperação espiritual coexistem com as leis, de acordo com os planos de evolução ou resgate – leciona o eminente Instrutor Espiritual. (**Id. Ib.**, p. 207).

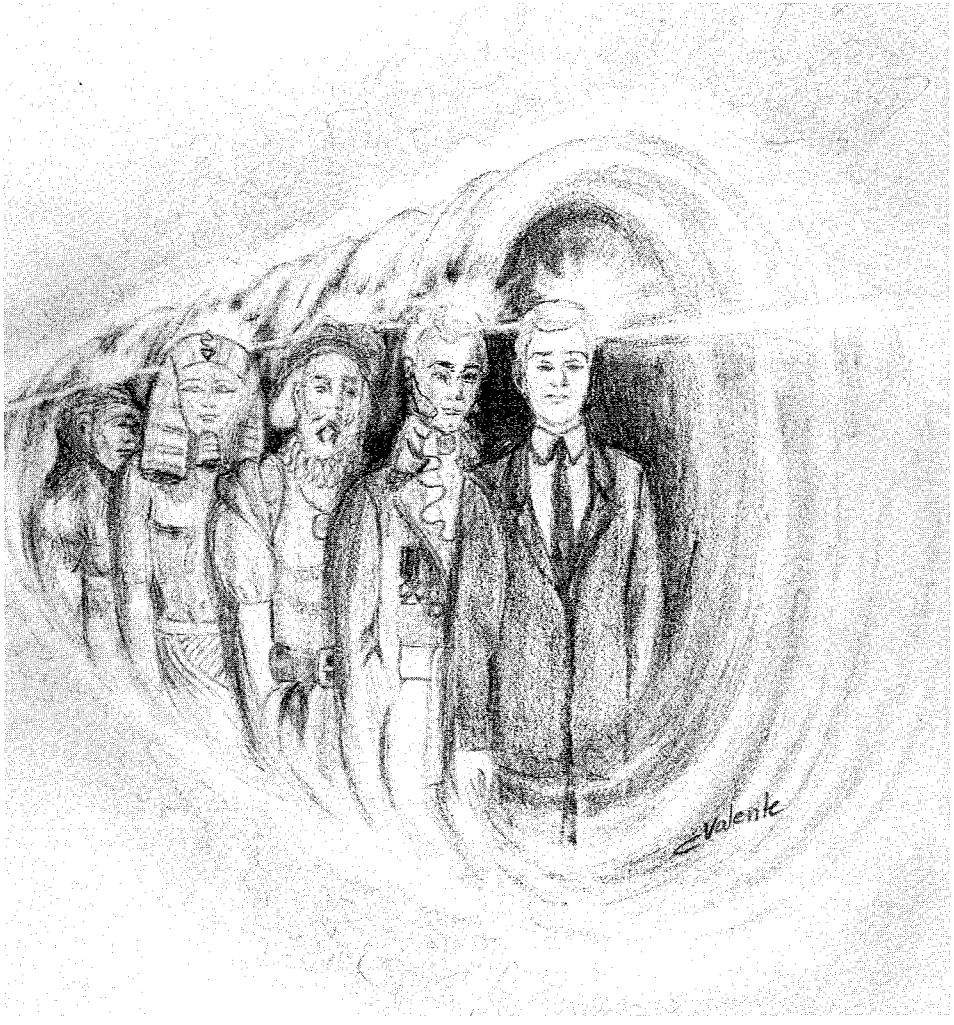
*

Sabe-se que cada célula possui sua individualidade magnética, representando o somatório das forças de seus componentes. O núcleo, já por concentrar a maior parte do DNA (ácido desoxirribonucléico), é a grande usina da vida, reunindo os milhares de núcleos de força, que são os genes, cada qual formando um bloco energético de características próprias. Sua importância é tão fundamental, quanto se sabe que representam não só a fronteira, como a ponte entre as dimensões física e espiritual.

De fato, como já visto, entende-se que o perispírito do reencarnante, logo após a concepção, é ligado à intimidade da rede genética, passando a influir – comumente sob a assistência superior – no próprio processo de divisão celular.

Tal ligação, que, obviamente, acontece em nível atômico, tem atraído diversos tipos de explicação por parte dos autores espíritas. Jorge ANDRÉA, por exemplo, sugere a possibilidade de que seja o *méson*, o vínculo de ligação entre a matéria e o espírito, "o rudimento perispiritual do átomo".[5] Embora já se conhe-

[5] Interessante observar, a propósito, a marcha da Física em direção à sua "espiritualização". Por exemplo, acentua-se, cada vez mais, entre os cientistas, a convicção de que há um princípio extrafísico, regendo o equilíbrio atômico. O chamado fenômeno de *tunelagem* serve bem de amostra. Quando um pósitron, lépton positivo (antimatéria equacionada por Paul Adrien Maurice Dirac, já em 1932), desestabiliza o equilíbrio atômico, provocando, com sua ação sobre um



Vidas Sucessivas
(Adaptação de uma ilustração publicada na "**Revista Internacional de Espiritismo**", Matão, julho, 1999).

elétron, a sua fuga, o reequilíbrio acontece pela ação dos mésons, que recolhem e recompõem as energias projetadas pelo elétron em fuga – e que se esvaem ao se propagarem –, neutralizando, assim, o próton correspondente.

Evidente, assim, a existência de um *agente agrupador* subjacente à partícula materializada, que Kardec já denominara, em 1857, **perispírito**. "O princípio espiritual está presente a cada fenômeno observado, a cada equação deduzida, a cada descoberta nova", assinala o Prof. IMBASSAHY, ressaltando, a propósito do

çam mais de duas centenas de partículas que compõem o núcleo atômico (*hádrons*) – ainda que não elementares, pois que constituídas pelas dezenas de variedades de *quarks*, estas sim, subpartículas indivisíveis até o momento –, os mésons, em seus vários tipos, apresentariam características que permitiriam a suposição de que representem, de fato, a passagem entre as duas dimensões da vida. "Os mésons, de qualquer qualidade, leves ou pesados, de carga negativa, positiva ou neutra," – escreve o ilustre médico e autor espírita – "apresentam um inusitado comportamento no núcleo atômico. Mostram-se e ocultam-se a todo momento, denotando a existência de canais ou pontos de união entre a nossa conhecida dimensão material e aquel'outra onde vicejam as camadas mais próximas do perispírito. Não existiria aí um ponto de união ou passagem entre o espírito e a matéria?" (V. **ANDRÉA, Jorge**. "**Correlações Espírito-Matéria**". 3ª ed., Rio de Janeiro: LORENZ, 1992, pp. 30 e 45).

Outros aventam a hipótese de que sejam os neutrinos os que melhor guardariam relação com a dimensão espiritual. Situando-se dentro e fora do átomo, não possuindo carga e não se sabendo ao certo, donde vêm (originar-se-iam nos nêutrons, nos mésons e nos elétrons), os neutrinos, suscetíveis à força de interação fraca, poderiam, também, representar um vínculo entre matéria e espírito...

Nessa linha de pesquisa, aliás, várias hipóteses têm surgido. Para ilustrar, cite-se, apenas, como exemplo de tentativa de entendimento de processo tão complexo, a que estabelece o médico e professor Sérgio Felipe de OLIVEIRA, conjeturando que, do fato de haver o gene, cuja estrutura é única, e um campo de forças eletromagnéticas que une os átomos entre si, decorre que "as for-

---

tema, que "o nascimento do espiritualismo científico acaba de se dar dentro de aceleradores de partículas que compõem um LEP (laboratório elétron-próton)". (**IMBASSAHY, Carlos de Brito**. "A Vida Dentro do Átomo". "**Revista Internacional de Espiritismo**". Matão, dez., 1998, p. 491).

ças Van der Waals, as iônicas, as covalentes, as pontes hidrogeniônicas, são todas padrões de força para unir um átomo a outro para que seja possível construir a molécula de DNA, mas o comando dessas forças vem do interior do átomo, da estrutura intra-atômica. Na estrutura de vácuo de cada átomo, onde, obviamente, não existe matéria, encontramos o perispírito. Este tipo de estrutura é detectado na forma do que os físicos chamam de energia flutuante quântica do vácuo. É o perispírito que está ali. Então, numa estrutura interna, o perispírito vai estar agindo sobre o DNA, induzindo-o a se abrir ou a se fechar, conforme as ordens de comando vindas do Espírito". (**OLIVEIRA, Sérgio Felipe de**. Entrevista publicada na "**Folha Espírita**", São Paulo, abril de 1997, p. 3).

Supõe, mais, o Dr. OLIVEIRA, que, presente a força de interação fraca,[6] esta formaria um túnel com a força eletromagnética. A força nuclear eletrofraca, por ser intra-atômica, estaria mais ligada "ao universo do vácuo atômico", e as forças eletromagnéticas, por serem interatômicas, estariam "do lado de fora". Entre essas forças formar-se-ia um túnel "que liga o lado de dentro com o lado de fora, sendo que as ordens de comando do perispírito vêm por dentro", abrindo ou fechando as alças do DNA...

Sugere, em síntese, que "há uma malha eletromagnética extra-atômica, ligada por uma espécie de túnel com a malha de forças intra-atômicas, representada pela força nuclear fraca, a qual, por sua vez, tem ligação com a energia flutuante quântica do vácuo. Nesse vácuo atômico, tem-se todo um campo de grávitons que vai fazer com que haja a agregação de matéria. Na verdade, esse campo de grávitons é que vai dar a característica lenticular para a molécula, permitindo o processo de materialização. Se se

[6] Como se sabe, a Física cataloga, além da força mecânica, relacionada com a produção de trabalho, as chamadas forças da natureza: a força forte de aglutinação atômica, a eletromagnética, a de interação fraca, ditando o equilíbrio interno do átomo, e a gravitacional.

observar bem, o útero materno é uma sala de materialização. É aí, nessa câmara escura, que se dá a transdução de matéria 'invisível' para matéria tangível, biológica." ("**Folha Espírita**", entrevista citada, p. 3).

Trata-se, como afirmado, de uma hipótese, mas – cumpre anotar –, ainda que atraente, forçoso é reconhecer que se apresenta como de difícil confirmação, à vista de que os físicos nem tentam modelar o DNA a partir de suas partículas subatômicas (se se tentar colocar, p. ex., as milhares de partículas que compõem um só dos pares de bases de um cromossomo, num modelo mecânico quântico ou clássico, não há como tratá-lo mesmo pelos mais rápidos computadores, imagine-se, então, as dificuldades diante de um genoma, mesmo o mais simples, como o de uma bactéria, com cadeias de DNA de milhares de pares de bases...) e que ainda se discutem modelos de experimento com o DNA e se procura descobrir efeitos relacionados a fatores que formam a mais surpreendente teia de complexidades...

Mas tais concepções, ainda que não passem de hipóteses ou sugestões, têm o mérito de estimular pesquisas que possibilitem entender um dos fenômenos mais complexos de que se tem notícia, que é a ligação do espiritual ao material e da qual, em verdade, o que de efetivo se sabe é ainda muito pouco. (Bem lembra ANDRÉ LUIZ que, a rigor, é difícil determinar onde termina o espiritual e onde começa o material ou vice-versa...).[7]

*

[7] A complexidade do tema surge mais desafiadora ainda, com informações como a do Espírito ANDRÉ LUIZ, noticiando que a ação do perispírito na intimidade celular acontece através de *unidades de força* que denomina ***bióforos*** (*condutores de vida* – de ***bio*** + ***phorésis***, ação de levar). Os **bióforos** (de natureza eletromagnética, certamente, a traduzirem as pulsações psíquicas do Espírito) atuariam no citoplasma, "projetando sobre as células e, conseqüentemente, sobre o corpo, os estados da mente (...)." (V. **XAVIER, Francisco Cândido. VIEIRA, Waldo. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Evolução em Dois Mundos"**. 13ª ed., FEB, cit., p. 59:

O tempo, evidentemente, trará o entendimento certo de todo o processo. Por enquanto, valorizando os esforços dos que buscam respostas, tanto na dimensão física, como na espiritual, mas não perdendo de vista que o conhecimento se faz por etapas, e que toda construção para explicar o ainda desconhecido traz seus perigos, é de mister aceitar, na estrada da prudência, o fato de que os avanços científicos propiciarão no devido momento, inevitavelmente, os recursos necessários a uma compreensão mais profunda e exata da dinâmica perispiritual em todos os processos vitais.

Isso inclui, naturalmente, os casos ligados à manipulação genética, de tanto interesse nos dias atuais, como, por exemplo, os processos de clonagem, de fecundação assistida ("bebê de proveta") e o de congelamento de embriões (criogênico), os quais, embora seu ineditismo, submetem-se, infalivelmente, aos comandos da Providência.

Mais: ainda que longo se nos descortine o caminho da aprendizagem a respeito, pode-se afirmar com segurança que, em todos esses processos, os valores espirituais são absolutos.

Sob a luz dessa realidade, a clonagem e os demais procedimentos técnicos precitados surgem como recursos evolutivos plausíveis, desenvolvidos, naturalmente, por pesquisadores com missão específica no campo científico.

*

Cap. VII). Em outro local, o referido Autor salienta o papel dos mitocôndrios na transmissão da energia espiritual: "Por intermédio dos mitocôndrios, que podem ser considerados acumulações de energia espiritual, em forma de grânulos, assegurando a atividade celular, a mente transmite ao carro físico a que se ajusta, durante a encarnação, todos os seus estados felizes e infelizes (...)." (**Id. Ib.**, p. 63).

Com relação à clonagem (do gr. ***klon*** – broto), técnica de duplicação, ou replicação,[8] realiza-se, como se sabe, de duas maneiras. Um dos procedimentos parte da fertilização assistida: o óvulo fecundado (zigoto) é dividido e cada uma das partes, nos princípios da reprodução celular (mitose), é implantada num óvulo que teve o DNA (material genético, do núcleo) retirado. Cada óvulo tende a se tornar, então, um embrião. Essa técnica de clonagem reprodutiva, a diferenciar-se da que caracteriza a clonagem não reprodutiva ou terapêutica, dirigida ao cultivo de tecidos e órgãos, foi usada, por exemplo, para a geração de macacos, na Universidade de Oregon (EUA), por Ron Wolf, sendo, aliás, hoje prática corrente com ratos, coelhos, carneiros e vacas. Outro tipo de clonagem consiste na retirada do DNA de uma célula somática (não reprodutiva) de certo animal e a sua conseqüente implantação no óvulo de outro, do qual se tenha retirado o núcleo (clonagem assexuada). Esse óvulo é, então, implantado num terceiro animal, passando a desenvolver-se normalmente. Foi o caso da célebre Dolly (Ian Wilmut, Instituto Roslin, Escócia), em que foi retirado o núcleo de uma célula da mama de uma ovelha e, a seguir, implantado no óvulo de outra, em que o núcleo também foi retirado. (Hoje, não só se opera com outros tipos de animais, como com células de outras partes do corpo).

A clonagem, tanto com células vegetais, como animais, apresenta muitas variantes e possibilidades e o futuro, certamente, ainda trará muitas surpresas.

---

[8] A clonagem em laboratório (a rigor, pode-se dizer que os gêmeos univitelinos resultam de uma *clonagem natural, espontânea*), não sexuada, atesta o avanço vertiginoso da Ciência nessas últimas décadas: desde 1953, quando o americano James Watson e o inglês Francis Crick descobriram o DNA, até o nascimento de Dolly, em 1996, passando pelas experiências de Jerry Hall e Robert Stilmann (Universidade George Washington, 1993) com embriões humanos – depois interrompidas –, decorreram pouco mais de quarenta anos, abrindo agora, especialmente com as possibilidades transgênicas, perspectivas inimagináveis para a Bioengenharia Genética, fato, aliás, que deve atrair, cada vez mais, os necessários cuidados governamentais.

A partir das experiências de Hall e Stilmann, duplicando embriões humanos, surge possível – pelo menos, teoricamente – a clonagem de seres humanos, razão pela qual, aliás, movimenta-se hoje a sociedade mundial no sentido de limitar experiências que firam os princípios bioéticos, haja vista, por exemplo, a recente polêmica, nos círculos científicos e não científicos, em torno da chamada transferência citoplasmática, em casos de infertilidade (técnica, testada em 1995, por Jacques Cohen, tendo o primeiro bebê nascido em 1997), significando, na verdade, transferência, *in vitro*, de DNA mitocondrial (que não participaria na determinação das características de um indivíduo, porque não codifica), de um óvulo humano para outro, para reforçar o desenvolvimento de embriões que correm risco.[9]

Do ponto de vista espírita, pode-se admitir como possível o aproveitamento do ensejo laboratorial para que o Espírito, de acordo com sua situação cármica, reassuma a forma física. (Um espírito que, por exemplo, tenha fortes compromissos com a futura mãe e que, por suas condições cármicas, deva submeter-se à orfandade, com relação ao pai, poderia, em teoria, até dispensar a intervenção de um gameta masculino).

Assim, os programas reencarnacionistas poderiam, no futuro, se fosse o caso, não excluir a possibilidade da clonagem. Da mesma forma como os chamados Construtores Espirituais podem aproveitar a fertilização assistida, *in vitro*, para propiciar a reencarnação de um Espírito (e observe-se o empenho da Espiritualidade, inspirando, até, novas técnicas, como p. ex., a citada trans-

---

[9] O DNA mitocondrial é um círculo constituído de 37 genes ligados à produção de energia. Anote-se, a propósito, que embora a mitocôndria seja considerada como fonte de energia química, ANDRÉ LUIZ vai mais além, mostrando que elas acumulam energia espiritual, "em forma de grânulos" e que, através delas, que sustentam a atividade celular, a mente projeta no organismo "todos os seus estados felizes e infelizes (V. **XAVIER, F. C. VIEIRA, W. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Evolução em Dois Mundos"**. Edição FEB, 1993, cit., p. 63).

ferência de mitocôndrias de uma doadora para o óvulo de uma receptora deficitária, etc.), tal processo poderia servir, até, à reencarnação de um grupo de almas ligadas entre si por compromissos cármicos...

Claro é que essas hipóteses não poderiam excluir, necessariamente, o caráter de eventualidade, ou mesmo de excepcionalidade, porque, sob o ponto de vista biológico, a clonagem afeta a diversidade, fator essencial para a garantia da preservação das espécies, dado relevante no esquema divino da evolução.[10]

De qualquer forma, o importante é ter presente que o essencial é o comando do Espírito. (O Espírito "é o senhor dos genes e não o contrário, fato que precisa ser levado em consideração pela Ciência ortodoxa", enfatiza a Dra. Marlene NOBRE, em um de seus trabalhos. – "Reencarnação e Clonagem". "**Folha Espírita**". São Paulo, maio, 1997, p. 3).

Sem a sustentação do perispírito, embora o impulso inicial ditado pelo automatismo biológico, impossível o pleno desenvolvimento fetal. (Haja vista, por exemplo, nos processos ordinários, o caso de malformações – especialmente, dos denominados acardíacos –, em que a causa aparente relacionar-se-ia com um defeito cromossômico, a comprometer o desenvolvimento mitótico, mas que, na verdade, diz respeito, apenas, à inexistência de um reencarnante...).[11]

---

[10] De qualquer forma, tais conjeturas dizem, na verdade, com um futuro não previsível. Hoje, segundo a geneticista Mayana Zatz, do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, a clonagem reprodutiva em animais apresenta tão baixa taxa de sucesso que, em alguns casos, chega a 1% ("Clonagem Humana – Quem se Arrisca?", "**Superinteressante**". São Paulo: ABRIL, março, 2001, pp. 16 e 17).

Ademais, não se sabe, ainda, como se comporta um clone, com células de corpos de idades diferentes...

[11] Lê-se em "**O Livro dos Espíritos**" (edição definitiva em 1860):

"*— Há, como o indica a Ciência, crianças que desde o ventre da mãe não*

De outro lado, em existindo um Espírito que, por um motivo ou outro, estivesse em condições de aproveitar o desenvolvimento de certa clonagem assistida, o processo ontogênico seria, sem dúvida, deflagrado em direção a possível sucesso.

Nessa linha, aliás, lícito é considerar que o reencarnante não seria uma mera "cópia". O caso dos gêmeos univitelinos (clonagem espontânea) ilustra bem o caso. Embora possam apresentar semelhanças quanto ao genótipo (constituição genética), ostentam notáveis diferenças, atribuíveis, não só às circunstâncias fenotípicas (notavelmente, as ambientais), como, principalmente, aos fatores de natureza espiritual que dizem com a condição particular do reencarnante. Ora, na clonagem assistida, cada embrião necessitando de uma mãe – o que torna um mito a reprodução em série –, as diferenças poderiam ser ainda mais acentuadas do que as existentes entre os univitelinos.

Em conclusão, os fatores espirituais é que determinam o resultado em um processo de clonagem. Os agentes genéticos apenas predispõem; se se contiver nos planos espirituais, nada impedirá que, no futuro, com o avanço da Ciência, aconteça – ainda que com mães diversas – a "reencarnação clonada". Tudo sem

---

têm possibilidades de viver? E com que fim acontece isso?

Isso acontece freqüentemente, e Deus o permite como prova, seja para os pais, seja para o Espírito destinado a encarnar."

"*— Há crianças natimortas que não foram destinadas à encarnação de um Espírito?*

Sim, há as que jamais tiveram um Espírito destinado aos seus corpos: nada devia cumprir-se nelas. É somente pelos pais que essa criança nasce."

"*— Um ser dessa natureza pode chegar ao tempo normal de nascimento?*

Sim, algumas vezes, mas então não vive."

"*— Toda criança que sobrevive tem, portanto, necessariamente, um Espírito encarnado em si?*

Que seria ela, sem o Espírito? Não seria um ser humano."

(**KARDEC, Allan. "O Livro dos Espíritos"**. 55ª ed., São Paulo: LAKE, 1996, pp. 152 e 153: itens 355, 356-a e 356-b. Trad. J. Herculano Pires).

surpresas ou acasos – que eles inexistem. E nesse caminho, o Espiritismo, que caminha com a Ciência, mais uma vez servirá também de seu farol.

*

No tocante à fecundação assistida (fertilização em laboratório), já referida, diverso não é o raciocínio: sem o comando espiritual nenhum processo se completa, mesmo porque toda reencarnação submete-se, inevitavelmente, não só à lei de causa e efeito, como à da sintonia psíquica (vibratória).

O tema "bebê de proveta" surgiu recentemente, há cerca de duas décadas, com as notícias de que, na Inglaterra, teria, pela primeira vez, acontecido com sucesso um caso de concepção *in vitro*.

Desenvolveram-se, desde então, as inseminações artificiais humanas, tanto com material genético oriundo do mesmo casal, trabalhado *in vivo* ou *in vitro*, e servindo de ninho o próprio útero da esposa (inseminação homóloga), como com material que não seja, propriamente, do casal (inseminação heteróloga), desenvolvendo-se o feto no ventre da esposa, ou não, caso da chamada "mãe de aluguel", objeto, aliás, de discussões de natureza ética e jurídica, mas que, levando-se em conta que se trata, também, de uma situação de renúncia, pode representar trabalho de alto alcance espiritual, se bem desempenhado. Diz Francisco Cândido XAVIER: "Quando a mulher se dispõe a ser mãe, consciente e digna do elevado encargo de se responsabilizar por determinadas vidas, sem possibilidades próprias para isso, julgamos justo que uma companheira, se possível, tome a si o trabalho de gestar, em favor dela, o filho ou os filhos que essa mulher digna da maternidade consciente se propõe receber nos próprios braços." (**NOBRE, Marlene Rossi Severino**. "**Lições de Sabedoria**". São Paulo: FE Ed. Jorn., 1996, pp. 99 e 100. Entrevista concedida a Fernando Worm).

Verdade que nesse contexto poderiam surgir algumas inda-

gações. Por exemplo, se numa encarnação regular, o Espírito tem à sua disposição mais de 200 milhões de opções, representadas por igual número de espermatozóides, a fim de que, por sintonia – e com a intervenção da Espiritualidade Maior – possa encontrar os exatos recursos genéticos, capazes de sustentarem a formação do corpo de que necessita, poderia parecer difícil de compreender que a escolha de um determinado gameta, por micromanipulação, não comprometesse a ação espiritual. A solução, porém, surge clara, quando se sabe que os Espíritos responsáveis pelo processo reencarnatório detêm a possibilidade de comandar o procedimento de seleção do espermatozóide (ou da espermátide),[12] não só via intuição, como pelo emprego de recursos magnéticos, sabidamente decisivos.

Em síntese, a concepção *in vitro*, orientada por padrões éticos rigorosos,[13] poderá bem servir, nos casos em que for indicada, aos programas reencarnatórios. Assinala, a propósito, EMMANUEL, por intermédio de Francisco C. XAVIER, que "quando a Ciência na Terra, iluminada pela bênção da fé na imortalidade puder intervir no auxílio, realmente digno, ao trabalho da genética no campo humano, sem nenhuma disposição para extrava-

---

[12] Técnica francesa utiliza, na fertilização *in vitro*, as espermátides (células sexuais imaturas), que têm a mesma carga genética dos gametas, faltando-lhes apenas a cauda que permite sua locomoção até o óvulo. As espermátides são retiradas por punção intratesticular e a introdução no óvulo em laboratório, como é usual, realiza-se com o auxílio de um sofisticado aparelho conhecido como micromanipulador.

[13] "O materialismo inteligente e cruel, sem qualquer idéia de Deus e da imortalidade da alma," – alerta Francisco C. XAVIER, intermediando EMMANUEL – "é o perigo que ameaça a manipulação dos recursos genéticos sem responsabilidade, mas devemos confiar nos homens de bom senso e de espírito humanitário que, através das legislações dignas, podem e devem coibir quaisquer abusos suscetíveis de aparecer no campo das pesquisas de caráter delituoso e inconseqüente. Confiemos no amparo e na inspiração dos Mensageiros do Cristo, em auxílio das coletividades humanas." (Cf. **NOBRE, Marlene R. S. "Lições de Sabedoria"**. Edição FE, 1996, cit., p. 99).

gâncias e abusos através de experimentações absolutamente desaconselháveis, a implantação do óvulo fertilizado no claustro da mulher responsável evitará muitos desastres na reencarnação, especialmente os que se referem ao aborto sem justificativas." (**Id. Ib.**, p. 99)

*

Finalmente, já no que diz respeito ao capítulo da criogenia, particularmente no que se refere ao congelamento de embriões, três situações ou possibilidades merecem consideradas:

(a) – inexistência de um plano reencarnatório e, pois, de qualquer Espírito interessado na manipulação laboratorial dirigida à consolidação de um embrião, caso em que este se forma sob o impulso biológico natural e se, ao término de três anos, como é norma, for destruído, nada implicará, sob o ponto de vista espiritual, sendo certo que, de outro lado, se for aninhado em algum útero, o feto não se viabilizará;

(b) – existência de um programa para a reencarnação de um determinado Espírito, a partir de uma fecundação artificial, caso em que, se alojado o embrião na câmara uterina, o feto poderá resultar viável, e se for congelado, o Espírito, poderá desligar-se, sem maiores conseqüências;

(c) – existência de um Espírito pretendendo o renascimento físico, mas com graves compromissos cármicos e, por isso, possivelmente sujeito a ficar ligado ao embrião, a partir da concepção, por um certo tempo – ou, mesmo, até sua destruição, se for o caso –, registrando, neste ínterim, os efeitos do congelamento, que, devido à sensibilidade perispirítica, poderiam ser até muito dolorosos.

* * *

XIII.

PERISPÍRITO E ENFERMIDADE

As causas da doença (genericamente referida como o comprometimento da higidez psíquica e física), em sua inteireza, ainda estão longe de serem conhecidas pelo mundo acadêmico, que, por enquanto, se satisfaz apenas com os efeitos materiais.

Diz EMMANUEL, por Francisco C. XAVIER: "Se foi possível devassar o mistério da Natureza, a mentalidade humana ainda não conseguiu apreender o mecanismo das suas leis. É que os estudiosos, com poucas exceções, se satisfazem com o mundo aparente das formas, demorando-se nas expressões exteriores, incapazes de uma excursão espiritual no domínio das origens profundas. Sondam os fenômenos sem lhes auscultarem as causas divinas." (**XAVIER, Francisco Cândido. EMMANUEL, Espírito. "Emmanuel"**. 15ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1991, p. 125: Cap. XXIII).

Na realidade, a enfermidade só pode ser verdadeiramente entendida, à luz dos conhecimentos que dizem com o perispírito.

De fato, só o estudo das funções do psicossoma, do dinamismo que rege seus centros de força, sustentado pela mente, de suas propriedades, de seu papel, enfim, na organização e sustentação da vida física, nas diversas etapas reencarnatórias, pode dilucidar

matéria tão complexa como essa, relacionada com as origens profundas dos processos patológicos, e a cura real.[1]

Impõe o tema que se considere, de primeiro, o fato de que todas as ocorrências de caráter patológico, em princípio, têm sua gênese em disfunções dos centros vitais, e estes, em seu dinamismo, simplesmente, refletem o estado da mente. Pensamento equilibrado, harmonizado com o Bem, significa fluxo normal da energia vital, sob o comando dos centros de força, traduzindo, de conseqüência, regularidade fisiológica.

Em outras palavras, mente serena, limpa e amorosa, sustentando harmoniosamente um campo perispirítico, representa perfeita higidez física. Ao contrário, mente doente, com as forças psicossômicas em regime de disfunção, significa corpo enfermo.[2]

---

[1] Embora os métodos terapêuticos empregados pela medicina convencional (do tratamento bioquímico à geneterapia) e os conhecidos em medicina não-convencional – baseados na homeopatia, acupuntura, antroposofia, homotoxiologia, cromoterapia, eletroterapia, ioga, etc. – produzam seus resultados, e ainda que os métodos diagnósticos alcancem a sofisticação de um instrumento como a atual ressonância magnética nuclear (RMN), ou, de outro lado, as possibilidades que recursos não-convencionais – kirliangrafia (V. pp. 197 e segs.), radiestesia, iridologia, etc. – possam propiciar, terapias e diagnósticos, todos eles, em verdade, não passarão da superfície, sem o conhecimento do perispírito, fator capital para o entendimento certo da doença e da saúde.

[2] O poder da mente no equilíbrio fisiológico é hoje cada vez mais compreendido. Veja-se, por exemplo, como pálida amostra desse poder, o chamado efeito placebo, em que o paciente melhora ou se cura, tomando, sem o saber, em lugar do medicamento, uma substância qualquer, inofensiva. Sugestionando-se, o paciente gera forças mentais que, por via dos centros perispirituais, desperta a resposta imunológica que pode até reequilibrá-lo.

Ora, a chave de qualquer cura, como se aprende cada vez mais, está, justamente, no poder mental, ainda que sejam muito raros, de fato, os que podem dele dispor plenamente, diante das inumeráveis variáveis em jogo. Por exemplo, as nossas reais condições perispiríticas, fruto do nosso passado e do nosso presente, o nosso grau de harmonização com o bem e o conseqüente peso das culpas, já comparecem, em si, como poderosos fatores autolimitantes dos potenciais psíquicos.

Assinala ANDRÉ LUIZ por F. C. XAVIER: "Quase sempre o corpo doente assinala a mente enfermiça. A organização fisiológica, segundo conhecemos no campo de cogitações terrestres, não vai além do vaso de barro, dentro do molde preexistente do corpo espiritual. Atingido o molde em sua estrutura pelos golpes das vibrações inferiores, o vaso refletirá imediatamente." (**XAVIER, Francisco Cândido. EMMANUEL, Espírito. "Missionários da Luz"**. 25ª ed., FEB, 1994, cit., p. 37: Cap. 4). Em outro trecho, esclarece o venerável Instrutor, que "o desequilíbrio da mente pode determinar a perturbação geral das células orgânicas. É por este motivo que as obsessões, quase sempre, se acompanham de característicos muito dolorosos. As intoxicações da alma determinam as moléstias do corpo." (**Op. cit.**, p. 315).

Naturalmente, é muito raro ou, mesmo, quase impossível que se encontre na Terra – planeta, ainda, de expiações e de provas, como mostra KARDEC ("**O Evangelho segundo o Espiritismo**", Cap. III) –, entre os Espíritos ainda presos à roda das reencarnações, uma mente realmente sã, capaz de organizar e sustentar um corpo realmente sadio. Vale a idéia mais como uma meta a ser alcançada, na esteira dos ensinamentos de JESUS.

Entrementes, vai se compreendendo cada vez mais que, fundamentalmente, o homem é o artífice único de seu bem-estar e que o sofrimento, afinal, é mero meio de corrigenda e avanço no caminho da aprendizagem evolutiva.

Lembra, a propósito, J. Herculano PIRES:

Assim, por mais desenvolvida se encontre a mente no exercício da vontade, por mais que pretenda conhecer a realidade psicológica, a vida espiritual ou os recursos do magnetismo, sua possibilidade real de comando do corpo, consciente e subconscientemente dependerá sempre do seu estado evolutivo, a dizer, do grau de amorosidade e de integração com a Humanidade que alcançou, a definir, substantivamente, as linhas de seu merecimento e, conseqüentemente, de sua capacidade.

"As doenças revelam desajustes da nossa posição existencial. Esses desajustes decorrem da liberdade de que dispomos em face das exigências evolutivas. A dor, a angústia, as inibições são como campainhas de alarme prevenindo-nos de abusos ou descuidos. Sem a liberdade de errar, não poderíamos desenvolver as nossas potencialidades espirituais."

"Somos passageiros de uma nave cósmica, envoltos no escafandro de carne e osso, submetidos a experiências semelhantes às dos astronautas que, não podendo ainda atingir as estrelas, fazem treinamento na órbita planetária. Acidentes de viagem, falhas técnicas, dificuldades, fracassos perigosos, dor e morte dependem da nossa maneira de agir durante a viagem e da perícia ou imperícia nossa, do grau de responsabilidade, de perspicácia, de bom senso, de calma, de amor e respeito ao semelhante que conseguimos desenvolver." (**PIRES, J. Herculano. "Ciência Espírita e Suas Implicações Científicas"**. 5ª ed., São Paulo: USE, 1995, p. 66: Cap. V).

*

Antes de se fazer perceptível na organização física, a doença, como disfunção dos centros vitais, já se encontra instalada no perispírito. Justamente por isso, a aura, projeção do complexo perispiritual (duplo etérico, corpo físico), mostra os sinais da enfermidade antes de sua manifestação física, o que, também, possibilita aos médicos espirituais não só diagnosticá-la, como atendê-la de acordo com o merecimento de cada um. Esse capítulo, aliás, é um dos mais importantes para a medicina do futuro e as observações que nestas últimas décadas já se vêm fazendo, com apoio na eletrônica e outros recursos, como já visto, abrem perspectivas inimagináveis, indicando que logo será comum, também entre os médicos encarnados, principalmente pelo diagnóstico áurico, a abordagem da doença em seu nascedouro. Estabelece, a respeito, o médico e escritor J. ANDRÉA DOS SANTOS:

"A aura é própria de cada ser. No caso da espécie humana, podemos mal comparar às impressões digitais. Não há coincidência entre duas pessoas. Isto levou a se estudar as variações desses campos em face das emoções nos diversos estados de higidez ou patológicos. Os tecidos doentes mostram sempre uma aura turva, como no caso dos tumores degenerativos; o tecido sadio está sempre límpido. Tem-se observado que nas pequenas modificações, manchas ou turvações, em auras de indivíduos considerados sadios, com o tempo a doença se instala na zona física. Isto permitiu que se pensasse que a maioria das doenças físicas teria origem nas desestruturações dos campos perispirituais e, o que é mais importante, poderiam ser anotadas antes de sua instalação nas células da zona material."

"Apesar de muito já se ter feito neste setor, ainda necessitamos de imensos esclarecimentos científicos. Os caminhos são promissores."

"Existem pesquisas da aura em face das doenças degenerativas e mentais. Nas psicoses foram observadas certas distorções que permitiriam a alguns estudiosos da questão equacionarem os mecanismos em pauta." [3] (**ANDRÉA DOS SANTOS, Jorge. "Enfoques Científicos na Doutrina Espírita"**. 2ª ed., Rio de Janeiro: LORENZ, 1991, pp. 33 e 34).

*

A enfermidade constitui, em regra, o processo de cura da alma. E neste processo, a força deflagradora é quase sempre o remorso, essa inquietação consciencial suscitada pelo sentimento de cul-

---

[3] Ampliam-se, hoje, como já assinalado, os estudos em torno das possibilidades oferecidas pelas chamadas *auragrafias*. Diante disso, não é difícil pensar que, no futuro, a ciência e a tecnologia poderão propiciar até um *diagnóstico perispiritual* direto, através, por exemplo, de algo como uma "*tomografia*" *perispiritual*, ou uma *perispiritoscopia*...

pa, que se segue à percepção melhor de efeitos e responsabilidades, induzindo, inexoravelmente, ao arrependimento.

O estudo do remorso, em si, sua ação fundamental e seus efeitos psicofísicos, constitui capítulo dos mais importantes, e, a rigor, em que pesem as respeitáveis construções conhecidas em Psicologia, ainda muito pouco conhecido. Pela mediunidade de Waldo VIEIRA, o Espírito ANDRÉ LUIZ, examinando a etiologia das enfermidades perduráveis, busca clarear o tema:

> *"A recordação dessa ou daquela falta grave, mormente daquelas que jazem recalcadas no espírito, sem que o desabafo e a corrigenda funcionem por válvulas de alívio às chagas ocultas do arrependimento, cria na mente um estado anômalo que podemos classificar de zona de remorso, em torno da qual a onda viva e contínua do pensamento passa a enovelar-se em circuito fechado sobre si mesma, com reflexo permanente na parte do veículo fisiopsicossomático ligada à lembrança das pessoas e circunstâncias associadas ao erro de nossa autoria."*
>
> *"Estabelecida a idéia fixa sobre esse* ***nódulo de forças mentais desequilibradas****, é indispensável que acontecimentos reparadores se nos contraponham ao modo enfermiço de ser, para que nos sintamos exonerados desse ou daquele fardo íntimo, ou exatamente redimidos perante a Lei."* (**XAVIER, Francisco Cândido. VIEIRA, Waldo. "Evolução em Dois Mundos"**. 13ª ed., FEB, 1993, cit., pp. 213 e 214: Cap. XIX).

As lições dos Espíritos, desde Allan KARDEC, têm nos mostrado que a Lei de Causa e Efeito, ou de Correspondência, atua sensivelmente na dimensão espiritual.

Com efeito, o Espírito, no caminho da evolução, agredindo, maltratando, destruindo, ferindo ou prejudicando, desarmoniza-se com relação à Ordem que rege a Criação. Todavia, chegado o momento de conscientização de suas faltas (*insight*), marcada, até, por um certo desanuviamento da acuidade psíquica, o Espíri-

to chega à percepção das conseqüências de seus atos, fato que seguidamente acontece depois de padecimentos resultantes de disfunções perispiríticas, impostas pela mente em desequilíbrio.

Esse processo de introvisão atrai outro, o de retificação por via do renascimento físico, surgindo, então, a dor como mestra maior.

Trata-se, em verdade, de um desenvolvimento dirigido, simultaneamente, à cura e à aprendizagem: cura das lesões psicossômicas provocadas pela mente desordenada, e aprendizagem que o sofrimento propicia, em caminho para níveis superiores de consciência. É a Lei do Progresso Espiritual.

Nessa direção, desdobram-se os incontáveis casos de reencarnações dolorosas, porém retificantes e, ao fim, auspiciosas para os Espíritos que conseguem, por meio delas, drenar para as células físicas os elementos psíquicos "miasmáticos" que perturbam sua consciência, restaurando a paz perdida. Mostra desse estupendo dinamismo nos é dada por ANDRÉ LUIZ, graças à mediunidade de Francisco Cândido XAVIER, em admirável lição a respeito das "deficiências congeniais com que ressurgimos no berço físico":

> *"Aqueles que por vezes diversas perderam vastas oportunidades de trabalho na Terra, pela ingestão sistemática de elementos corrosivos, como sejam o álcool e outros venenos das forças orgânicas, tanto quanto os inveterados cultores da gula, quase sempre atravessam as águas da morte como suicidas indiretos e, despertando para a obra de reajuste que lhes é indispensável, imploram o regresso à carne em corpos desde a infância inclinados à estenose do piloro, à ulceração gástrica, ao desequilíbrio do pâncreas, à colite e às múltiplas enfermidades do intestino que lhe impõem torturas sistemáticas, embora suportáveis, no decurso da existência inteira."*
>
> *"Inteligências notáveis, com sucessivas quedas morais, através da leviandade com que se utilizaram do esporte e da*

dança, espalhando desespero e infortúnio nos corações afetuosos e sensíveis, pedem formas orgânicas ameaçadas de paralisia e reumatismo, visitadas de achaques e neoplasmas diversos, que lhes obstem os movimentos demasiado livres."

"Companheiros que, em muitas circunstâncias, se deixaram envenenar pelos olhos e pelos ouvidos, comprometendo-se em vasta rede de criminalidade, através da calúnia e da maledicência, imploram veículos fisiológicos castigados por deficiências auditivas e visuais que lhes impeçam recidivas desastrosas. Intelectuais e artistas que despenderam sagrados recursos do espírito na perversão dos sentimentos humanos, por intermédio da criação de imagens menos dignas, rogam aparelhos cerebrais com inibições graves e dolorosas para que, nas reflexões de temporário ostracismo, possam desenvolver as esquecidas qualidades do coração."

"Homens e mulheres que abusaram de dotes físicos, manobrando a beleza e a perfeição das formas para disseminar a loucura e o sofrimento naqueles que lhes admitiam as falsas promessas, solicitam corpos vulneráveis às dermatoses aflitivas, quais o eczema e a tumoração cutânea, ou portadores de alterações na tireóide que os constranjam a reiteradas lutas educativas. Grandes faladores que escarneceram da divina missão do verbo, conturbando multidões ou enlouquecendo almas desprevenidas, suplicam doenças das cordas vocais, para que, atravessando afonias periódicas, desistam de tumultuar os espíritos por intermédio da palavra brilhante."

"E milhares de pessoas que transformaram o santuário do sexo numa forja de perturbações para a vida alheia, arruinando lares e infelicitando consciências, imploram equipamentos físicos atormentados por lesões importantes no campo genésico, experimentando, desde a puberdade, inquietantes desequilíbrios ovarianos e testiculares."

"A cegueira, a mudez, a idiotia, a surdez, a paralisia, o câncer, a lepra, a epilepsia, o diabete, o pênfigo, a loucura e

todo o conjunto das moléstias dificilmente curáveis significam sanções instituídas pela Misericórdia Divina, portas adentro da Justiça Universal, atendendo-nos aos próprios rogos, para que não venhamos a perder as bênçãos eternas do espírito a troco de lamentáveis ilusões humanas." (**XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Ação e Reação"**. 17ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1996, pp. 257 e 258: Cap. 19).

Nesse quadro, a propósito, em se tratando de efeitos cármicos, não podem deixar de ser particularmente lembradas as conseqüências advindas do suicídio intencional, de tão tristes repercussões perispiríticas. EMMANUEL transmite por Francisco C. XAVIER lição das mais valiosas e pungentes, a respeito:

"(...) *os suicidas são habitualmente reinternados no plano carnal, em regime de hospitalização na cela física, que lhes reflete as penas e angústias na forma de enfermidades e inibições.*

Ser-nos-á fácil, desse modo, identificá-los, no berço em que repontam, entremostrando a expiação a que se acolhem.

Os que se envenenaram, conforme os tóxicos de que se valeram, renascem trazendo as afecções valvulares, os achaques do aparelho digestivo, as doenças do sangue e as disfunções endocrínicas, tanto quanto outros males de etiologia obscura; os que incendiaram a própria carne amargam as agruras da ictiose ou do pênfigo; os que se asfixiaram, seja no leito das águas ou nas correntes de gás, exibem os processos mórbidos das vias respiratórias, como no caso do enfisema ou dos cistos pulmonares; os que se enforcaram carreiam consigo os dolorosos distúrbios do sistema nervoso, como sejam as neoplasias diversas e a paralisia cerebral infantil; os que estilhaçaram o crânio ou deitaram a própria cabeça sob rodas destruidoras, experimentam desarmonias da mesma espécie, notadamente as que se relacionam com o cretinismo, e os que se atiraram de grande altura reaparecem portando os padecimentos da distrofia muscular pro-

gressiva ou da osteíte difusa.

Segundo o tipo de suicídio, direto ou indireto, surgem as distonias orgânicas derivadas, que correspondem a diversas calamidades congênitas, inclusive a mutilação e o câncer, a surdez e a mudez, a cegueira e a loucura, a representarem terapêutica providencial na cura da alma.

Junto de semelhantes quadros de provação regenerativa, funciona a ciência médica por missionária da redenção, conseguindo ajudar e melhorar os enfermos de conformidade com os créditos morais que atingiram ou segundo o merecimento de que disponham." (**XAVIER, Francisco Cândido, EMMANUEL, Espírito. "Religião dos Espíritos"**. Rio de Janeiro: FEB, 1960, pp. 108 e 109: Cap. 48).

*

No exame das causas espirituais das enfermidades, compreende-se que a desarmonia mental mostra-se primeiramente no centro coronário em disfunção. Através dele, chega aos demais centros vitais, repercutindo imediatamente no edifício celular.[4]

Trata-se de um processo que diz, substancialmente, com a própria circulação e equilíbrio da energia vital no corpo humano, sob o comando do campo perispirítico, refletindo a posição mental. Com efeito, força vital ativa significa sustentação plena da estrutura celular; circulação precária, por disfunção ou deficiência de um centro de força, significa morbidez e sofrimento.

---

[4] O comando mental, a projetar-se na intimidade celular, é fato hoje bem conhecido, ensejando, até mesmo, o surgimento de teorias de cura, como, p. ex., a que diz com a chamada "Medicina Quântica", relacionada com a ação direta do pensamento junto às próprias partículas atômicas. (V. **BRÓLIO, Roberto. "Doenças da Alma"**. São Paulo: FE Ed. Jorn., 1997, pp. 207 e segs: Cap. XV).

Essa energia, também conhecida como princípio vital, é, na verdade, a "essência fundamental que regula a existência das células vivas, e na qual elas se banham constantemente, encontrando assim a sua necessária nutrição", explica EMMANUEL, acrescentando que ela "se encontra esparsa por todos os escaninhos do universo orgânico, combinada às substâncias minerais, azotadas e ternárias, operando os atos nutritivos de todas as moléculas".

Ensina, mais, o venerável mestre espiritual:

> "*O princípio vital é o agente entre o corpo espiritual, fonte da energia e da vontade, e a matéria passiva, inerente às faculdades superiores do Espírito, que o adapta segundo as forças cósmicas que constituem as leis físicas de cada plano de existência, proporcionando essa adaptação às suas necessidades intrínsecas. Essa força ativa e regeneradora, de cujo enfraquecimento decorre a ausência de tônus vital, precursor da destruição orgânica, é simplesmente a ação criadora e plasmadora do corpo espiritual sobre os elementos físicos.*" (**XAVIER, Francisco Cândido. EMMANUEL, Espírito. "Emmanuel"**. 16ª ed., FEB, 1994, cit., pp. 132 e 133. – V. Cap. VI, "O Duplo Etérico").

Com as informações de que já dispomos – embora poucas, pela própria falta, ainda, de terminologia que propicie à Espiritualidade esclarecimentos mais amplos –, pode-se entender, em suma, que a desarmonia mental traduz-se, no campo perispirítico, em prejuízo funcional dos centros de força, a repercutir, de sua vez, na circulação da energia vital e, conseqüentemente, no estado de saúde. A perturbação, registrada de início pelo centro coronário e, depois, pelos demais centros, atinge, assim, o perispírito como um todo, ainda que afete de modo mais sensível a fisiologia das estruturas físicas que mais digam com o comprometimento psíquico.

Óbvia, então, a importância da reencarnação como fator de reequilíbrio perispiritual e insubstituível processo de cura.

Assim, pode-se ter, por exemplo, em tese, que os efeitos dos abusos da inteligência, que comprometem o centro cerebral e trazem ao Espírito desencarnado o desequilíbrio psíquico, poderão ser apagados por meio da reencarnação, quando a fisiologia neuronial, sob a regência do centro cerebral afetado, impuser restrições específicas, com relação às possibilidades mentais; o descontrole emocional, suscetível de atrair, depois, o remorso e o conseqüente comprometimento do centro cardíaco, poderá demandar, para o devido reajuste da mente e o reequilíbrio das forças perispiríticas, o sofrimento que os distúrbios das coronárias acarretam; os excessos da gula afetarão o centro gástrico, construindo os distúrbios do aparelho digestivo; os abusos sexuais comprometerão o centro genésico, trazendo as inúmeras complicações que atingem o aparelho reprodutor, e assim por diante.

Obviamente, os processos de reajuste espiritual (de que os exemplos citados não passam de pálida demonstração) são de uma complexidade inimaginável e, na realidade, ainda não se sabe como se verificam em sua intimidade, existindo somente a certeza de que seu dinamismo subordina-se inteiramente ao comando mental.[5]

EMMANUEL transmite, a esse respeito, por Francisco Cândido XAVIER, lição magistral:

---

[5] Algumas conjeturas têm sido formuladas a respeito, entre elas, a respeitável e atraente hipótese de que o pensamento em desarmonia atrairia uma espécie de *miasma* ou *toxina* espiritual, a qual, adensada em torno dos centros vitais, poderia até bloquear sua ação, com graves prejuízos para o Espírito. As doenças físicas propiciariam, então, o *expurgo* dessas forças deletérias para as células físicas, possibilitando, através da dor, o aprendizado e a cura da mente em perturbação. A propósito dessas "*toxinas*" espirituais, supõem, também, alguns autores, que parte desses *miasmas* seriam, tanto quanto possível, *expurgados* nos *pântanos* ou *charcos* das regiões inferiores do mundo espiritual – descritos nas obras de ANDRÉ LUIZ –, em meio também, a não poucos sofrimentos psíquicos.

"A falta cometida opera em nossa mente um estado de perturbação, ao qual não se reúnem simplesmente as forças desvairadas de nosso arrependimento, mas também as ondas de pesar e acusação da vítima e de quantos se lhe associam ao sentimento, instaurando desarmonias de vastas proporções nos centros da alma, a percutirem sobre a nossa própria instrumentação.

Semelhante descontrole apresenta graus diferentes, provocando lesões funcionais diversas.

A cólera e o desespero, a crueldade e a intemperança criam zonas mórbidas de natureza particular no cosmo orgânico, impondo às células a distonia pela qual se anulam quase todos os recursos de defesa, abrindo-se leira fértil à cultura de micróbios patogênicos nos órgãos menos habilitados à resistência.

É assim que, muitas vezes, a tuberculose e o câncer, a lepra e a ulceração aparecem como fenômenos secundários, residindo a causa primária no desequilíbrio dos reflexos da vida interior.

Todos os sintomas mentais depressivos influenciam as células em estado de mitose, estabelecendo fatores de desagregação.

Por outro lado, importa reconhecer que o relaxamento da nutrição constrange o corpo a pesados tributos de sofrimento.

Enquanto encarnados, é natural que as vidas infinitesimais que nos constituem o veículo de existência retratem as substâncias que ingerimos. Nesse trabalho de permuta constante adquirimos imensa quantidade de bactérias patogênicas que, em se instalando comodamente no mundo celular, podem determinar moléstias infecciosas de variegados caracteres, compelindo-nos a recolher, assim, de volta, os resultados de nossa imprevidência."

Alargando os ensinos, prossegue a luminosa exposição do respeitável mestre espiritual:

> *"Mas não é somente aí, no domínio das causas visíveis, que se originam os processos patológicos multiformes.*
>
> *Nossas emoções doentias mais profundas, quaisquer que sejam, geram estados enfermiços.*
>
> *Os reflexos dos sentimentos menos dignos que alimentamos voltam-se sobre nós mesmos, depois de convertidos em ondas mentais, tumultuando o serviço das células nervosas que, instaladas na pele, nas vísceras, na medula e no tronco cerebral, desempenham as mais avançadas funções técnicas; acentue-se, ainda, que esses reflexos menos felizes, em se derramando sobre o córtex encefálico, produzem alucinações que podem variar de fobia oculta à loucura manifesta, pelas quais os reflexos daqueles companheiros encarnados ou desencarnados, que se nos conjugam ao modo de proceder e de ser, nos atingem com sugestões destruidoras, diretas ou indiretas, conduzindo-nos a deploráveis fenômenos de alienação mental, na obsessão comum, ainda mesmo quando no jogo das aparências possamos aparecer como pessoas espiritualmente sadias.*
>
> *Não nos esqueçamos, assim, de que apenas o sentimento reto pode esboçar o reto pensamento, sem os quais a alma adoece pela carência de equilíbrio interior, imprimindo no aparelho somático os desvarios e as perturbações que lhe são conseqüentes."* (**XAVIER, Francisco Cândido. EMMANUEL, Espírito. "Pensamento e Vida"**. 9ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1991, pp. 75 a 78: Cap. 15).

*

Tendo-se presente que a mente é a fonte geradora da saúde e da doença; que "mágoas, ressentimentos, desesperos, atritos e irritações entretecem crises do pensamento, estabelecendo lesões mentais que culminam em processos patológicos" (V. **XAVIER**,

Francisco Cândido. VIEIRA, Waldo. EMMANUEL, Espírito. "Leis do Amor". 2ª ed., São Paulo: LAKE, 1965, pp. 73 e 74); que a mente "é mais poderosa para instalar doenças e desarmonias do que todas as bactérias e vírus conhecidos" (**Id. Ib.**, pp. 17 e 18); que a patogenia diz, então, essencialmente, com o perispírito, expressão direta da alma, a sustentar o desempenho do organismo e a transmitir-lhe, também, os efeitos das desarmonias mentais, comprometedoras de sua fisiologia, e que, afinal, a doença funciona como meio restaurador da estabilidade psíquica, surgindo, pois, a carne como "uma espécie de carvão milagroso, absorvendo-nos os tóxicos e resíduos de sombra que trazemos no corpo substancial" (V. **XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Entre a Terra e o Céu"**. 16ª ed., FEB, cit., p. 66), guardando-se consciência dessas realidades, surge muito clara a necessidade do reajuste íntimo como solução peremptória para os problemas de hoje e amanhã.

*

Quase todas as enfermidades, em tese, mesmo as tidas como fortuitas, guardam relação, direta ou indiretamente, com o merecimento individual, resultante do modo de pensar e agir no passado, e também no presente, que a ele sempre se liga.[6]

Sem perder de vista essa realidade, é possível catalogar, em moldura didática, alguns fatores de enfermidades: *Injunções Cármicas*, *Invigilância Mental*, *Tensões Psicológicas*, *Influências Psicoambientais*, *Ocorrências Acidentais*, *Obsessão*.

---

[6] O comportamento presente, como se sabe, também é suscetível de atrair, ainda que raramente, a intervenção de Protetores Espirituais, provocando enfermidades *emergenciais* ou *oportunas*, com vistas a evitar maiores comprometimentos e, principalmente, desvios, por parte de seus pupilos, com relação a tarefas que se propuseram a realizar, antes de reencarnar.

Essas enfermidades de caráter eventual e preventivo funcionam como caridosos recursos de correção de rota, na vida de quem os merece.

FATORES DE ENFERMIDADE	– INJUNÇÕES CÁRMICAS – INVIGILÂNCIA MENTAL – TENSÕES PSICOLÓGICAS – INFLUÊNCIAS PSICOAMBIENTAIS – OCORRÊNCIAS ACIDENTAIS – OBSESSÃO

*

INJUNÇÕES CÁRMICAS

As injunções de natureza cármica, que dizem com o comportamento remoto, respondem por doenças, inibições ou predisposições que se diferenciam nitidamente das manifestações de caráter patológico devidas a causas mais atuais. Assim, erros pretéritos, a comprometerem o delicado dinamismo dos centros de força do corpo espiritual, demandam um processo restaurador que pode se prolongar, às vezes, por diversas encarnações, manifestando-se em forma de moléstias, defeitos congênitos ou predisposições à enfermidade.

Certo, pois, que o *fator conduta*, como já salientado, é sempre o determinante.

Por isso, aliás, a insistência da Espiritualidade Superior convocando-nos à reforma íntima. É que mesmo se reencarnarmos com predisposições mórbidas, sempre guardaremos a possibilidade de melhorar nosso estado perispiritual, através de uma mudança de comportamento, à luz do ensino de JESUS, indicando que "*o amor cobre uma multidão de pecados*" (**I Pedro**, 4:8). ANDRÉ LUIZ, por Francisco C. XAVIER, baliza esse importantíssimo tema com lição das mais primorosas:

> *"Não será lícito (...) esquecer que o bem constante gera o bem constante e, que, mantida a nossa movimentação infatigável no bem, todo o mal por nós amontoado se atenua, gradativamente, desaparecendo ao impacto das vibrações de auxílio, nascidas, a nosso favor, em todos aqueles aos quais dirijamos a mensagem de entendimento e amor puro, sem necessidade expressa de recorrermos ao concurso da enfermidade para eliminar os resquícios de treva que, eventualmente, se nos incorporem, ainda, ao fundo mental."* (**XAVIER, Francisco Cândido. VIEIRA, Waldo. "Evolução em Dois Mundos"**. 13ª ed., FEB, 1993, cit., p. 219: Cap. XX).

Obviamente, a hereditariedade, no domínio físico,[7] desempenha importante função, porém, não impõe qualquer fatalismo biológico.

Se é verdade que muitas doenças têm caráter hereditário, não é menos certo que os Espíritos, no traçado de suas reencarnações regeneradoras, encontram a oportunidade de aproveitar o material genético que lhes favoreça a formação do corpo ideal para a recomposição do equilíbrio psicossômico. E, aliás, ensina EMMANUEL, por intermédio de Francisco C. XAVIER, que as próprias "leis da genética encontram-se presididas por numerosos agentes psíquicos que a ciência da Terra está longe de formular, dentro dos seus postulados materialistas". E acrescenta: "Esses agentes psíquicos, muitas vezes, são movimentados pelos mensageiros do plano espiritual, encarregados dessa ou daquela missão junto às correntes da profunda fonte da vida. Eis porque, aos geneticistas,

---

[7] Inconcebível a hereditariedade psicológica. Como ensina EMMANUEL, "é totalmente inaceitável e descabido o atavismo psicológico, hipótese aventada pelos desconhecedores da profunda independência da individualidade espiritual, (...) que reveste a matéria de poderes que nunca ela possuiu em sua condição de passividade característica." (**XAVIER, Francisco Cândido. EMMANUEL, Espírito. "Emmanuel"**. 15ª ed., FEB, 1991, cit., p. 131).

comumente se deparam incógnitas inesperadas, que deslocam o centro de suas anteriores ilações". (**XAVIER, Francisco Cândido. EMMANUEL, Espírito. "O Consolador"**. 16ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1993, p. 37: it. 35).

*

Aproveitando o suporte oferecido pelas condições hereditárias, o Espírito, na morfogênese, através do perispírito, imprime às estruturas em formação o desenvolvimento que leva às malformações ou disfunções necessárias ao seu *reajuste cármico*, e que, afinal, apenas retratam o estado de seu psiquismo.[8]

Podem alinhar-se, também, no âmbito desse raciocínio, os eventos gestatórios responsáveis pelas inúmeras ocorrências de caráter patológico, tidas como congênitas (resultantes do trauma perispirítico do remorso) e, ainda, as inatas disposições às enfermidades (fatores predisponentes), cujas eclosões, as deficiências imunológicas poderão depois propiciar. A esse respeito, traz ANDRÉ LUIZ, por Francisco C. XAVIER, lição preciosa:

> " (...) *a alma ressurge no equipamento físico transportando consigo as próprias falhas a se lhe refletirem na veste carnal, como zonas favoráveis à eclosão de determinadas moléstias, oferecendo campo propício ao desenvolvimento de vírus, bacilos e bactérias inúmeros, capazes de conduzi-la aos mais graves padecimentos, de acordo com os débitos que*

[8] Interessante questão refere-se ao caso das chamadas *enfermidades-missão*, em que o Espírito, para ajudar o progresso de queridos encarnados, aceitaria, após o necessário condicionamento perispirítico, o sacrifício de comparecer junto ao cenário familiar portando enfermidades (síndrome de Down, paralisias, etc.) especialmente requisitantes de atenção e cuidados.

Trata-se de tema ainda não dilucidado, entendendo-se, todavia, que, de qualquer forma, não podem deixar de ser avaliadas as implicações de natureza cármica, como também, o fato de que, seja qual for o tipo de reencarnação missionária, é sempre significativo o proveito evolutivo do próprio Espírito.

haja contraído, mas também carreia consigo as faculdades de criar no próprio cosmo orgânico todas as espécies de anticorpos, imunizando-se contra as exigências da carne, faculdades essas que pode ampliar consideravelmente pela oração, pelas disciplinas retificadoras a que se afeiçoe, pela resistência mental ou pelo serviço ao próximo com que atrai preciosos recursos em seu favor. Não podemos esquecer que o bem é o verdadeiro antídoto do mal." (**XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Ação e Reação"**. 17ª ed., FEB, 1996, cit., p. 260: Cap. 19).

Claro, então, que se "o corpo doente reflete o panorama interior do espírito enfermo", é "na alma que reside a fonte primária de todos os recursos medicamentosos definitivos", lembra EMMANUEL, assentando categoricamente: "A assistência farmacêutica do mundo não pode remover as causas transcendentes do caráter mórbido dos indivíduos. O remédio eficaz está na ação do próprio espírito enfermiço". (**XAVIER, Francisco Cândido. "O Consolador"**. 16ª ed., FEB, 1993, cit., p. 66, it. 96).

*

Ao lado das enfermidades ou disposições tidas como de natureza cármica, alinham-se, conforme já visto, os inumeráveis eventos – muitos deles ainda não constantes dos esquemas nosológicos oficiais – atribuíveis a fatores outros, antes citados, como a Invigilância Mental, as Tensões Psicológicas, as Influências Psicoambientais, as Ocorrências Acidentais e, particularmente, a Obsessão.

*

INVIGILÂNCIA MENTAL

A invigilância no pensar atual, a produzir efeitos imediatos e futuros, constitui tema dos mais importantes.

A ausência do autodomínio que leva ao descontrole emocional, o trato antifraterno com os semelhantes, os pensamentos de agressão, ou vingança, a refletirem os sentimentos de orgulho, egoísmo e ambição, refletem-se, de imediato, no perispírito e na aura, produzindo as conhecidas *formas-pensamentos*, que, embora a transitória guarnição carnal, mostram bem a condição de quem os emite.

Allan KARDEC, com a argúcia que lhe era característica, estudou bem o fenômeno:

> "*Criando o pensamento imagens fluídicas, ele se reflete no invólucro perispiritual como num espelho; aí toma forma e é, de certo modo, fotografado. Se um homem, por exemplo, tem idéia de matar um outro, mesmo que o seu corpo material permaneça impassível, o seu corpo fluídico é posto em ação pelo pensamento, do qual reproduz todas as nuanças. Executa fluidicamente o gesto, o ato que deseja realizar. O pensamento cria a imagem da vítima e a cena inteira se desenha, como num quadro, tal como está em seu espírito.*
>
> *É deste modo que os mais secretos movimentos da alma repercutem no indivíduo fluídico; que uma alma pode ler em outra alma como num livro, e enxergar o que não é perceptível aos olhos do corpo.*" (**KARDEC, Allan. "A Gênese"**. São Paulo: EDICEL, 1978, p. 273: Cap. XIV. Trad. Sylvia Mele Pereira da Silva).

As idéias pensadas projetam-se, pois, na aura, possibilitando, até mesmo, a identificação espiritual da mente emissora. (Formas-pensamentos há que são perfeitamente suscetíveis de serem fotografadas, se presentes as necessárias condições. KARDEC chegou a cunhar a denominação "*fotografia do pensamento*" cujo processo, aliás, foi investigado por diversos pesquisadores, entre eles, BARADUC).

É bem de ver, pois, que os pensamentos de cólera ou ódio,

de paz ou amor, claramente representados na aura de quem os emite, não só podem refletir-se nos outros, como, de modo especial, produzem efeitos certos no equipamento fisiológico de quem os produz, atraindo forças semelhantes.[9]

Essas formas-pensamentos,[10] quando refletem estados mentais em descontrole, podem nutrir, a partir do centro coronário, as

---

[9] A Organização Mundial de Saúde, segundo a revista espanhola "*El País Semanal*" e o "Jornal do Brasil", com base em estudos da Universidade Johns Hopkins (EUA), em pesquisas da Academia Americana de Ciências, relatórios da Universidade de Miami, reportagens da "*New England Journal of Medicine*" e entrevistas com médicos de várias áreas, organizou uma lista com 99 indicações para um viver saudável, entre elas – fundamentais –, a bondade, controle da inveja e do rancor, o cultivo da solidariedade, a fé, amizades e contato com a natureza. (***SEI – Serviço Espírita de Informações***. Rio de Janeiro, n. 1.615, mar., 1999, p. 2).

Nessa linha, a propósito, pesquisas atuais têm comprovado experimentalmente o valor da prece, firmando a importância do pensamento amoroso em direção ao próximo (com benefícios, certamente, para quem os emite). Estudo publicado na revista "*Southern Medical Journal*" (jul., 1998), de autoria do Dr. Randolph C. Byrd, dá a conhecer que numa Unidade Coronariana de São Francisco (Califórnia, EUA), foi analisada a influência da prece no tratamento de 393 pacientes internados com problemas cardíacos, examinando-se "de maneira prospectiva, *randomizada* e *duplo-cego*, a evolução comparada de dois grupos semelhantes de pacientes com diagnósticos de infarto agudo do miocárdio ou angina instável". Um dos grupos recebeu a prece intercessória a distância, e outro não. "Os pacientes do grupo que recebeu o tratamento espiritual apresentaram menos falências cardíacas, necessitaram menos de diuréticos e antibióticos, tiveram menos episódios de pneumonia, menos episódios de paradas cardíacas e necessitaram menos de respiradores mecânicos artificiais." (Cf. **THIESEN, Sérgio**. "O Espiritismo e a Medicina – Um Novo Paradigma para o Milênio". "**Reformador**". Rio de Janeiro, n. 2.040, pp. 20 a 23, mar., 1999).

Impulsionados pelo crescente interesse geral pelo assunto – principalmente em relação às chamadas "preces intercessoras" –, instituições de renome, como, p. ex., a Fundação John Temple, que financia um estudo sobre a oração, na Universidade de Harvard, vêm dedicando cada vez mais sua atenção ao tema. (Cf. **MAASS, Peter**. "Rezar Resolve?". "**Superinteressante**". São Paulo: ABRIL, set., 2000, pp. 58 a 62. Publ. original, revista "***Talk***", EUA).

[10] Sabe-se que há determinadas formas-pensamentos – captáveis pelos médiuns psicômetras – que chegam a permanecer no ambiente, por tempo mais

mais sérias disfunções do corpo espiritual. Pelos "torturados desequilíbrios" que produzem, chegam a ser classificados por ANDRÉ LUIZ como "*larvas mentais, de extremo poder corrosivo e alucinatório, não obstante a fugaz duração com que se articulam*"! (**XAVIER, Francisco C. VIEIRA, Waldo.** "**Evolução em Dois Mundos**". 13ª ed., FEB, 1993, cit., p. 149).

E seu significado patogênico cresce em importância quando se compreende que as projeções das mentes em desequilíbrio, como antes apontado, atrai, por *sintonia* e *afinidade*, a companhia de afins espirituais, igualmente enfermiços, amplificando sobremaneira os efeitos patológicos.

*

TENSÕES PSICOLÓGICAS

As tensões psicológicas e as experiências traumáticas alinham-se, também, claramente, entre os fatores desencadeantes de enfermidades.

Sabem os psiquiatras e psicólogos da influência decisiva do psiquismo na fisiologia orgânica.

Já não é desconhecido o prejuízo físico que o sofrimento emocional (atribuível a inúmeras circunstâncias, até mesmo, a certos afloramentos subconscientes), o estresse, em suas múltiplas faces (até mesmo, o causado pelos exageros de imaginação), podem acarretar, favorecendo, com a derrocada do sistema imunológico, a instalação, até, das mais graves patologias.

É que a mente em desgoverno causa a disfunção dos centros de força do perispírito, não só propiciando o surgimento de dis-

---

ou menos longo, mesmo já ausente a sua fonte geradora, encarnada ou desencarnada.

túrbios psicológicos, como, pela repercussão neuroendócrina que desestabiliza o próprio sistema defensivo.[11]

Essa, aliás, a razão da insistente convocação dos Espíritos ao equílibrio mental, como, a propósito, faz EMMANUEL, pela mediunidade de Francisco C. Xavier:

> "(...) *os sintomas patológicos na experiência comum, em maioria esmagadora, decorrem dos reflexos infelizes da mente sobre o veículo de nossas manifestações, operando desajustes nos implementos que o compõem.*
>
> *Toda emoção violenta sobre o corpo é semelhante a*

[11] A influência da mente sobre o sistema imunológico é hoje admitida pela Psiconeuroimunologia – surgida na década de 1980, em desenvolvimento à Medicina Psicossomática – como fato evidente. "Na última década," – informam **T. F. H. DEITOS** e **J. F. P. GASPARY** ("Teorias Psiconeuroimunológicas – Implicações Clínicas". "**Psiquiatria Biológica**". São Paulo, n. 4, pp. 127 a 136, 1996) – "pesquisas interdisciplinares sofisticadas têm documentado os efeitos dos processos psicológicos e neurais sobre as atividades do sistema imune sobre o Sistema Nervoso Central (SNC), surgindo o conceito de Psiconeuroimunologia."

Referidos pesquisadores explicam que "processos imunorregulatórios são parte de um integrado sistema de defesa, sendo as alterações das funções dessas células imunes, dependentes da ação de neurotransmissores, neuropeptídeos e neuro-hormônios que afetam a ação imunológica. (...) Alguns neurotransmissores (norepinefrina, vasopressina, substância P, peptídeo intestinal vasoativo, colecistoquinina, ocitocina, melatonina), neuro-hormônios (**CRH**, corticotropina, corticosteróide, **GH**, prolactina, somatostatina) e moléculas neuroendócrinas (epinefrina, sexo-esteróides, tireoxínas, tri-idrotironina), podem ser afetados pelo estresse e causar modulações no sistema imunológico".

A Psiconeuroimunologia vem demonstrando cada vez mais os efeitos deletérios dos chamados estressores, aumentando significativamente a susceptibilidade às mais diversas infecções. "Atualmente, o conceito de *micróbio* como causa de uma infecção é inadequado e incompleto, porque ignora a influência do hospedeiro e do ambiente social e físico", proclamam os autores.

Tais constatações têm propiciado, a propósito, o surgimento de alguns métodos de tratamento (Simonton, por exemplo), que, embora sem penetrar no âmago da questão, que é de caráter espiritual, já propiciam alívio e recuperação. (**Sabino Antônio LUNA e outros.** "*La Salud y la Enfermedad en el Tercer Milenio*". Revista "***La Idea***". Buenos Aires, abr.-out., 1999).

martelada forte sobre a engrenagem de máquina sensível, e toda aflição amimalhada é como ferrugem destruidora, prejudicando-lhe o funcionamento.

Sabe hoje a medicina que toda tensão mental acarreta distúrbios de importância no corpo físico."

.....

"O pensamento sombrio adoece o corpo são e agrava os males do corpo enfermo.

Se não é aconselhável envenenar o aparelho fisiológico pela ingestão de substâncias que o aprisionem ao vício, é imperioso evitar os desregramentos da alma que lhe impõem desequilíbrios aviltantes, quais sejam aqueles hauridos nas decepções e nos dissabores que adotamos por flagelo constante do campo íntimo.

Cultivar melindres e desgostos, irritação e mágoa, é o mesmo que semear espinheiros magnéticos e adubá-los no solo emotivo de nossa existência, é intoxicar, por conta própria, a tessitura da vestimenta corpórea, estragando os centros de nossa vida profunda e arrasando, conseqüentemente, sangue e nervos, glândulas e vísceras do corpo que a Divina Providência nos concede entre os homens, com vistas ao desenvolvimento de nossas faculdades para a Vida Eterna.

Guardemos, assim, compreensão e paciência, bondade infatigável e tolerância construtiva em todos os passos da senda, porque somente ao preço de nossa incessante renovação mental para o bem, com o apoio do estudo nobre e do serviço constante, é que superaremos o domínio da enfermidade, aproveitando os dons do Senhor e evitando os reflexos letais que se fazem acompanhar do suicídio indireto." (**XAVIER, Francisco Cândido. EMMANUEL, Espírito. "Pensamento e Vida"**. 9ª ed., FEB, 1991, pp. 128 a 130: Cap. 28).

*

INFLUÊNCIAS PSICOAMBIENTAIS

As influências do ambiente psíquico (*Psicosfera Ambiental*) podem comparecer como fator bem significativo na instalação de uma doença. É que, se impregnado de energias salutares, produz efeitos benfazejos, e se saturado de forças deletérias, resquícios de formas-pensamentos degeneradas, pode causar malefícios, dadas as inevitáveis repercussões no corpo espiritual.

Esse tema também mereceu do Codificador, em "A Gênese", preciosas considerações:

> *"Se os eflúvios são de boa natureza, o corpo ressente uma impressão salutar; se são maus, a impressão é penosa. Se são permanentes e enérgicos, os eflúvios maus podem ocasionar desordens físicas; não é outra a causa de certas enfermidades."*
>
> .....
>
> *" (...) do mesmo modo que há radiações sonoras, harmoniosas ou dissonantes, também há pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto é harmonioso, agradável é a impressão; penosa, se aquele é discordante. Ora, para isso, não se faz mister que o pensamento se exteriorize por palavras; quer ele se externe, quer não, a irradiação existe sempre."*
>
> *"Tal a causa da satisfação que se experimenta numa reunião simpática, animada de pensamentos bons e benévolos. Envolve-a uma como salubre atmosfera moral, onde se respira à vontade; sai-se reconfortado dali, porque impregnado de salutares eflúvios fluídicos. Basta, porém, que se lhe misturem alguns pensamentos maus, para produzirem o efeito de uma corrente de ar gelado num meio tépido, ou o de uma nota desafinada num concerto. Desse modo também se explica a ansiedade, o indefinível mal-estar que se experimenta numa reunião antipática, onde malévolos pensamen-*

tos provocam correntes de fluido nauseabundo." (**KARDEC, Allan. "A Gênese"**. 36ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 286: Cap. XIV. Trad. Guillon Ribeiro).

Vê-se, pois, em suma, que se as formas-pensamentos, por si só, projetam efeitos *corrosivos* na fisiologia perispirítica, quando associadas às influências psicoambientais – e isso acontece na maioria das vezes –, as conseqüências apresentam-se mais nefastas e duradouras.

*

OCORRÊNCIAS ACIDENTAIS

As ocorrências acidentais, obviamente, surgem também como causas possíveis de enfermidades.

Desde os abusos alimentares e as condutas ditadas pela imprudência, até os acidentes mais graves, fatos inúmeros acontecem que, podendo afetar perigosamente, até, o regime de sustentação vital propiciado pelo perispírito, trazem transtornos e sofrimentos, estados enfermiços que ganham a mais diversa rotulagem – sempre, é verdade, de acordo com a Lei do Merecimento.

Obviamente, eventos dolorosos do cotidiano, em suas diversas feições, nem sempre se traduzem, ainda que respeitadas as predisposições, por resgates inevitáveis, expiação de vidas pretéritas – como é o caso, por exemplo, de certos acidentes aviatórios ou rodoviários –, sabendo-se que, por um lado, ao usufruirmos do livre-arbítrio, semeamos e colhemos a todo instante, e, de outro, que o percurso evolutivo, em si, oferece-nos continuamente os mais variados – e, às vezes, imprevistos – estímulos à aprendizagem e sensibilização, como convite divino ao crescimento espiritual em direção ao Reino da Luz.

*

OBSESSÃO

A obsessão, reconhecidamente, é fonte das mais diversas e perigosas patologias.

Tratando-se de matéria especialmente importante, impõe-se seja aprofundada em capítulo próprio, como a seguir acontece.

* * *

XIV.

PERISPÍRITO E OBSESSÃO

A obsessão constitui um dos capítulos mais importantes do Espiritismo, pois, como se sabe, inscreve-se no rol das experiências mais dolorosas do ser humano.

Consiste, genericamente, na atuação ou domínio de um ou mais Espíritos sobre outro(s), provocando sofrimentos mentais e, de conseqüência, perturbações físicas.

Suas causas são sempre de ordem moral e embora, às vezes, se nos escapem a uma melhor compreensão, seus perigosos efeitos já são bem conhecidos.

Relaciona-se, comumente, com os desejos de vingança, mas pode ligar-se, também, à simples vontade de prejudicar ou a outros motivos ou circunstâncias. De qualquer forma, não deixando de considerar que a obsessão "é sempre uma prova, nunca um acontecimento eventual", como indica EMMANUEL (V. **XAVIER, Francisco C. EMMANUEL, Espírito**. "**O Consolador**". 16ª ed., FEB, 1933, cit., q. 393), impõe-se lembrar, também, o aviso de ANDRÉ LUIZ, de que "toda obsessão tem alicerces na reciprocidade." (**XAVIER, Francisco C. ANDRÉ LUIZ, Espírito**. "**Nos Domínios da Mediunidade**". 22ª ed., FEB, 1994, cit., p. 218: Cap. 23).

Nessa direção, aliás, o notável Instrutor nos transmite esclarecimento dos mais preciosos:

> *"A obsessão é sinistro conúbio da mente com o desequilíbrio comum às trevas.*
>
> *Pensamos, e imprimimos existência ao objeto idealizado.*
>
> *A resultante visível de nossas cogitações mais íntimas denuncia a condição espiritual que nos é própria, e quantos se afinam com a natureza de nossas inclinações e desejos aproximam-se de nós, pelas amostras de nossos pensamentos.*
>
> *Se persistimos nas esferas mais baixas da experiência humana, os que ainda jornadeiam nas linhas da animalidade nos procuram, atraídos pelo tipo de nossos impulsos inferiores, absorvendo as substâncias mentais que emitimos e projetando sobre nós os elementos de que se fazem portadores."* (**XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Nos Domínios da Mediunidade"**. 22ª ed., cit., pp. 119 e 120: Cap. 13).

*

A obsessão é fenômeno dos mais complexos e, na verdade, ainda é cedo para que se alcancem conclusões que digam com todos os aspectos de sua manifestação, embora a literatura espírita já mostre importantes trabalhos a respeito, todos, de inegável valor científico.

O primeiro estudo sistemático da obsessão, que se conhece, deve-se a Allan KARDEC. Examinando seus efeitos na *prática mediúnica*, constatou a existência de três tipos básicos de ocorrência: *obsessão simples*, *fascinação* e *subjugação*.

Verifica-se a *obsessão simples*, "quando um Espírito malfazejo se impõe a um médium, se imiscui, a seu mau grado, nas comunicações que ele recebe, o impede de se comunicar com ou-

tros Espíritos e se apresenta em lugar dos que são evocados".

Nesse tipo de obsessão, "o médium reconhece sua dificuldade a felonia e, como se mantém em guarda, raramente é enganado." (O Codificador inclui nessa categoria os casos que qualifica como *obsessão física*: "manifestações ruidosas e obstinadas de alguns Espíritos, que fazem se ouçam, espontaneamente, pancadas ou outros ruídos").

A *fascinação*, muito mais grave, é caracterizada por KARDEC como "uma ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium e que, de certa maneira, lhe paralisa o raciocínio, relativamente às comunicações". Explica mais, o Codificador: "O médium fascinado não acredita que o estejam enganando: o Espírito tem a arte de lhe inspirar confiança cega, que o impede de ver o embuste e de compreender o absurdo do que escreve, ainda quando esse absurdo salte aos olhos de toda gente. A ilusão pode mesmo ir até ao ponto de o fazer achar sublime a linguagem mais ridícula."

Se na obsessão simples, o obsessor não passa, seguidamente, de um inoportuno, na fascinação o Espírito mostra-se perigosamente ardiloso, "porquanto não pode operar a mudança e fazer-se acolhido, senão por meio da máscara que toma e de um falso aspecto de virtude".

Finalmente, quanto à subjugação, KARDEC a define como "um verdadeiro *jugo*" a que fica submetido o paciente, ao contrário do que ocorre na fascinação, em que é menor o domínio do obsessor. "A subjugação é uma constrição que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir a seu mau grado", esclarece o Codificador, entendendo, ainda, que pode ela ser *moral* ou *corporal*. No primeiro caso, "o subjugado é constrangido a tomar resoluções muitas vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele julga sensatas". Na subjugação *corporal*, "O Espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários". (**KARDEC, Allan. "O Livro dos Médiuns"**. 61ª ed., Rio de

Janeiro: FEB, 1995, pp. 307 a 309: Cap. XXIII, itens 237 a 240. Trad. Guillon Ribeiro).

*

Com o desenvolvimento do Espiritismo – no Brasil, principalmente –, autores encarnados e desencarnados, buscando identificar aspectos particulares das ocorrências ligadas à obsessão, têm sugerido alguns esquemas classificatórios mais ou menos abrangentes e que, por vezes, se complementam.

Assim, por exemplo, Carlos Toledo RIZZINI, membro da Academia Brasileira de Ciências, identifica os seguintes tipos de obsessão: (**1**) *obsessões devidas à atração por sintonia com o plano inferior*; (**2**) *obsessões devidas à influência recíproca de encarnados e desencarnados (obsessões bidirecionais)*; (**3**) *obsessões causadas por sugestão hipnótica durante o sono*; (**4**) *obsessões resultantes de uma dominação telepática*; (**5**) *obsessões devidas à influência sutil*; (**6**) *obsessões oriundas da mediunidade perturbada*; (**7**) *obsessões surgidas da imantação pela cumplicidade ou conivência*; (**8**) *obsessões vindas do desejo de vingança*; (**9**) *obsessões entre vivos*; (**10**) *obsessões coletivas*. (**RIZZINI, Carlos Toledo**. "**Evolução para o Terceiro Milênio**". 10ª ed., Sobradinho: EDICEL, 1993, pp. 206 a 209).

Já os pesquisadores do Centro de Treinamento e Estudo – CTE –, da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, classificam os vários tipos de obsessão de acordo com os seguintes critérios: (**1**) Segundo a *Natureza do Agente Obsessor*: Desencarnado para Encarnado; Desencarnado para Desencarnado; Encarnado para Desencarnado; Encarnado para Encarnado; (**2**) Segundo a *Variedade do Agente Obsessor*: Obsessão Individual ou Unidirecional; Obsessão Recíproca ou Bidirecional; Obsessão Múltipla; Obsessão Coletiva. ("**Obsessão-Desobsessão**". Porto Alegre: FERGS, 1992, pp. 10 a 15).

Em relevante trabalho de pesquisa, Marlene Rossi Severino NOBRE, Presidente da Associação Médico-Espírita de São Paulo, constrói, de sua vez, quadro dos mais abrangentes. Segundo a festejada autora, as obsessões podem ser de *Natureza Anímica ou de Natureza Espirítica.*

As de *Natureza Anímica* surgem como obsessões de *Efeitos Inteligentes* ou de *Efeitos Físicos.* Definem-se como de *Efeitos Inteligentes*, as seguintes ocorrências: (**1**) *Obsessão Telepática*; (**2**) *Auto-Obsessão*; (**3**) *Personalidade Antiga Cristalizada* (*Fixação Mental*); (**4**) *Possessão Partilhada* (*Parceiros no Vício*). Já as de *Efeitos Físicos* dizem respeito aos *casos de Poltergeist.*

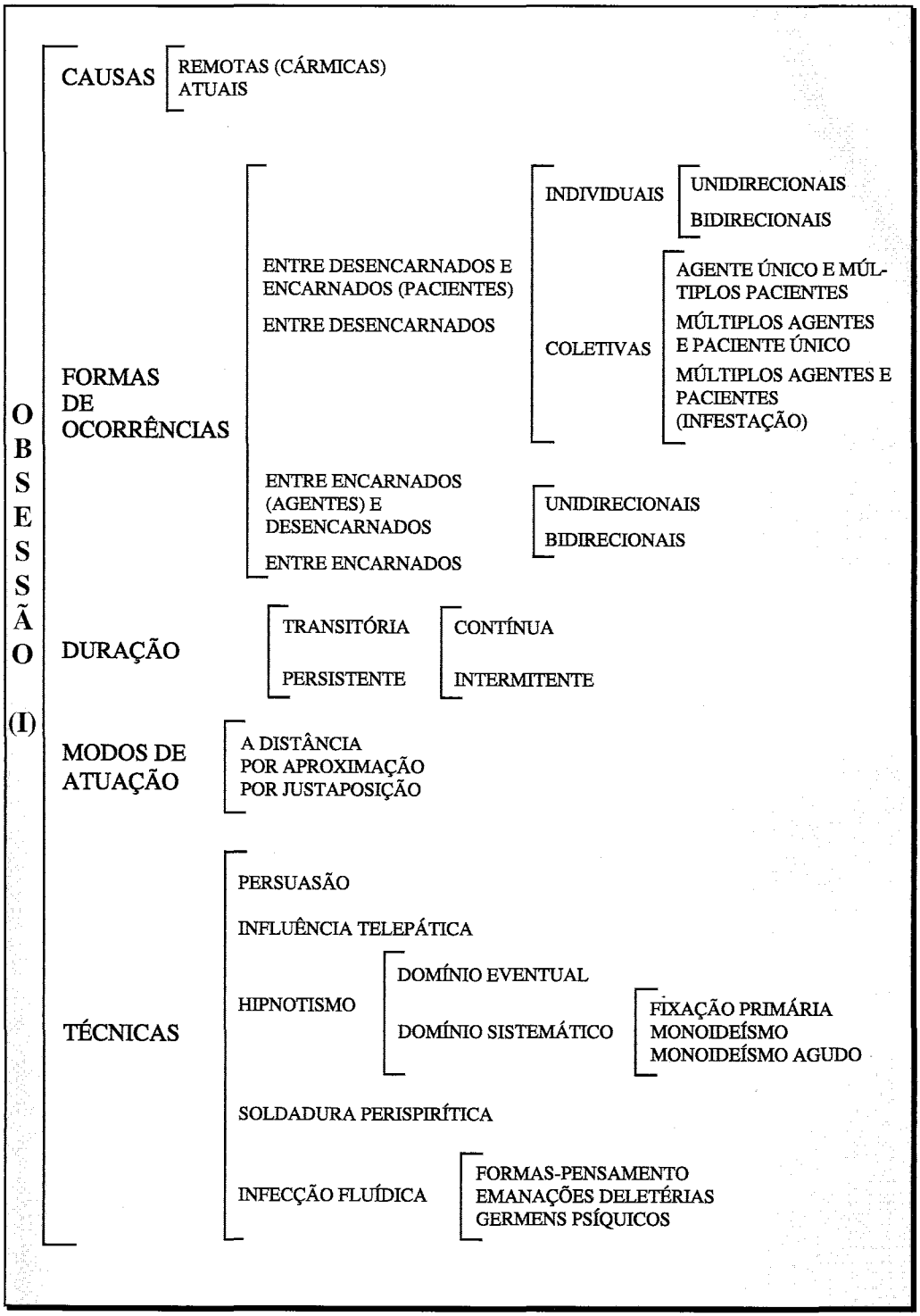
As de *Natureza Espirítica* comparecem, também, como sendo de *Efeitos Inteligentes* ou de *Efeitos Físicos.* Classificam-se como de *Efeitos Inteligentes*, as obsessões ligadas às seguintes causas ou situações: (**1**) *Simbioses em Graus Diversos*; (**2**) *Parasitose Mental* ou *Vampirismo Espiritual*: *Infecções Fluídicas*, *Fixação Mental*, *Patologias do Corpo Espiritual* (*Parasitas Ovóides, Deformações* e *Zoantropia*), *Vampirismo com Repercussões Orgânicas* (*Possessão*, *Epilepsias*, *Neuroses*, etc.); (**3**) *Sintonia – Prevalência do Mecanismo Hipnótico*: *Fascinação*, *Canalização com Dominação Telepática*; *Obsessão Oculta*; *Obsessão durante o Sono Físico*; *Obsessão Coletiva*; (**4**) *Pensamentos Sonorizados*; (**5**) *Processo Alérgico.*

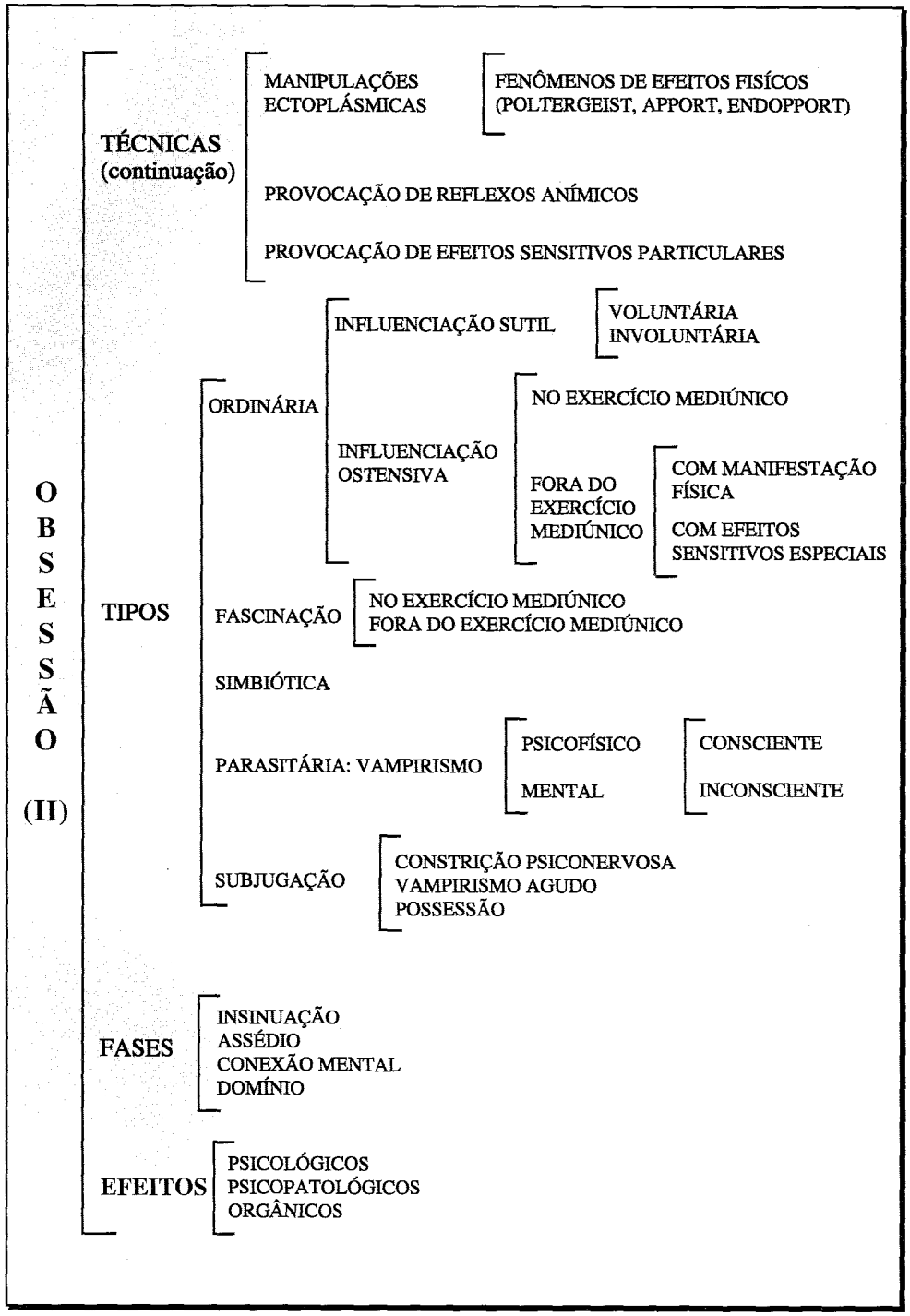
As obsessões de *Efeitos Físicos*, como anteriormente, guardam relação com os *casos de Poltergeist.* (V. **NOBRE, Marlene R. S.** "**A Obsessão e Suas Máscaras**". São Paulo: FE Ed. Jornalística, 1997, pp. 17 e 18).

*

As elaborações precitadas servem de mostra das dificuldades existentes para uma identificação clara das múltiplas ocorrências de natureza obsessiva, dificuldades essas, ditadas, como ressaltado, pela extraordinária complexidade que emoldura o tema.

Considerando-se, todavia, esse notável edifício doutrinário que Mestres desencarnados e pesquisadores encarnados têm sabido construir, há século e meio, é possível pensar, ainda – sem deixar de reconhecer a extraordinária importância dos trabalhos mencionados –, num esquema taxionômico que especifique, a par dos diversos *tipos*, aspectos como as *causas* da obsessão, as suas *formas de ocorrência*, a *duração*, os *modos de atuação* dos agentes obsessores, suas *técnicas*, as *fases do processo obsessivo* e os seus *efeitos*, como a seguir se segue.


OBSESSÃO (I)
CAUSAS
REMOTAS (CÁRMICAS)
ATUAIS
FORMAS DE OCORRÊNCIAS
ENTRE DESENCARNADOS E ENCARNADOS (PACIENTES)
ENTRE DESENCARNADOS
INDIVIDUAIS
UNIDIRECIONAIS
BIDIRECIONAIS
COLETIVAS
AGENTE ÚNICO E MÚLTIPLOS PACIENTES
MÚLTIPLOS AGENTES E PACIENTE ÚNICO
MÚLTIPLOS AGENTES E PACIENTES (INFESTAÇÃO)
ENTRE ENCARNADOS (AGENTES) E DESENCARNADOS
ENTRE ENCARNADOS
UNIDIRECIONAIS
BIDIRECIONAIS
DURAÇÃO
TRANSITÓRIA
PERSISTENTE
CONTÍNUA
INTERMITENTE
MODOS DE ATUAÇÃO
A DISTÂNCIA
POR APROXIMAÇÃO
POR JUSTAPOSIÇÃO
TÉCNICAS
PERSUASÃO
INFLUÊNCIA TELEPÁTICA
HIPNOTISMO
DOMÍNIO EVENTUAL
DOMÍNIO SISTEMÁTICO
FIXAÇÃO PRIMÁRIA
MONOIDEÍSMO
MONOIDEÍSMO AGUDO
SOLDADURA PERISPIRÍTICA
INFECÇÃO FLUÍDICA
FORMAS-PENSAMENTO
EMANAÇÕES DELETÉRIAS
GERMENS PSÍQUICOS


OBSESSÃO (II)
TÉCNICAS (continuação)
MANIPULAÇÕES ECTOPLÁSMICAS
FENÔMENOS DE EFEITOS FISÍCOS (POLTERGEIST, APPORT, ENDOPPORT)
PROVOCAÇÃO DE REFLEXOS ANÍMICOS
PROVOCAÇÃO DE EFEITOS SENSITIVOS PARTICULARES
TIPOS
ORDINÁRIA
INFLUENCIAÇÃO SUTIL
VOLUNTÁRIA
INVOLUNTÁRIA
INFLUENCIAÇÃO OSTENSIVA
NO EXERCÍCIO MEDIÚNICO
FORA DO EXERCÍCIO MEDIÚNICO
COM MANIFESTAÇÃO FÍSICA
COM EFEITOS SENSITIVOS ESPECIAIS
FASCINAÇÃO
NO EXERCÍCIO MEDIÚNICO
FORA DO EXERCÍCIO MEDIÚNICO
SIMBIÓTICA
PARASITÁRIA: VAMPIRISMO
PSICOFÍSICO
MENTAL
CONSCIENTE
INCONSCIENTE
SUBJUGAÇÃO
CONSTRIÇÃO PSICONERVOSA
VAMPIRISMO AGUDO
POSSESSÃO
FASES
INSINUAÇÃO
ASSÉDIO
CONEXÃO MENTAL
DOMÍNIO
EFEITOS
PSICOLÓGICOS
PSICOPATOLÓGICOS
ORGÂNICOS

CAUSAS

De acordo com essa proposta, as *Causas* da obsessão – que sempre acontece como resultado da sintonia mental que se estabelece entre agente(s) e paciente(s), ditada, sobretudo, pela afinidade moral existente entre os partícipes do processo – podem ser *Remotas* ou *Atuais*.

CAUSAS REMOTAS (CÁRMICAS)

As causas remotas – admitidas, muitas, como *cármicas* –, guardam relação com as vidas pregressas e dizem, principalmente, com os vínculos de ódio e desejos de vingança resultantes de relacionamentos pretéritos. Esclarece, a propósito, KARDEC: "Quase sempre a obsessão exprime vingança tomada por um Espírito e cuja origem freqüentemente se encontra nas relações que o obsidiado manteve com o obsessor, em precedente existência." (**KARDEC, Allan**. "**A Gênese**". 36ª ed., FEB, 1995, cit., p. 305: Cap. XIV, it. 46).

Considerando as deficiências que ostentamos, principalmente em matéria afetiva, não é difícil, pois, compreender que, como anota o Espírito ODILON FERNANDES, "não somos poucos os que padecemos obsessões cármicas, alimentadas pelo ódio secular dos que magoamos em outras existências, plantando em suas almas os espinhos com que agora nos ferem." (V. **BACELLI, Carlos A. ODILON FERNANDES, Espírito**. "**Mediunidade e Obsessão**". Votuporanga: DIDIER, 1996, p. 14: Cap. 2).

Por essa razão, porque alimentada, quase sempre, pelo ódio dos que foram magoados em pretéritas existências, a obsessão cármica "não raro, se arrasta por séculos e envolve uma série de fatores que não podem ser menosprezados", escreve, ainda o citado Autor, pela mediunidade de Carlos A. BACELLI, acrescentando: "Todo processo obsessivo que assim se caracterize, engloba em seu contexto um grupo de almas que se movimentam como peças num tabuleiro de xadrez... Inter-reagindo psiquicamente,

nada há que afete um de seus integrantes que não repercuta sobre os demais; por isto a solução de um problema de obsessão cármica demanda trabalho mais abrangente, quase sempre relacionando componentes além dos que diretamente se revelem envolvidos na trama". (**Id. Ib.**, p. 15).

*

CAUSAS ATUAIS

Relacionam-se, principalmente, com os prejuízos que, inadvertidamente, em pensamento e atos, causamos aos nossos semelhantes, no dia-a-dia de nossa existência atual, atraindo merecidas perturbações e sofrimentos, e, de resto, com muitas de nossas atitudes mentais (orgulho, luxúria, etc.), com as quais oferecemos condições para que nossos afins espirituais instalem-se confortavelmente em nossas mentes, contaminando-nos com seus potenciais deletérios. Como leciona ANDRÉ LUIZ, hábitos menos dignos funcionam quais entidades vivas "oferecendo elementos de ligação com os infelizes que se encontram em nível inferior." (**XAVIER, Francisco C. ANDRÉ LUIZ, Espírito**. "**Missionários da Luz**". 25ª ed., FEB, 1994, cit., p. 50: Cap. 5).

Em outras palavras, a invigilância que leva a atitudes irreverentes, maledicentes, hipócritas, egoístas, desonestas, agressivas, e, até, espoliadoras de vidas e bens, acaba comprometendo a própria harmonia mental, abrindo brechas perispiríticas, que, seguidamente, podem comparecer como canais propícios às mais sérias obsessões.

* *

FORMAS DE OCORRÊNCIA

Com relação às *Formas de Ocorrência* do processo obsessivo, constata-se que elas acontecem tanto entre *Desencarnados e*

Encarnados (pacientes, estes), como entre *Encarnados e Desencarnados* (agentes, aqueles), ou entre *Desencarnados e Encarnados* entre si.

*

ENTRE DESENCARNADOS E ENCARNADOS (Pacientes)

A atuação de agentes desencarnados sobre pacientes encarnados marca o fenômeno obsessivo, propriamente. Com efeito, segundo o conceito kardeciano ("**A Gênese**", Cap. XIV, it. 45), a obsessão é a ação persistente de um Espírito sobre um indivíduo (encarnado). Assim considerando, poder-se-ia afirmar que essa forma de ocorrência obsessiva seria a típica e, aliás, a mais facilmente observável.

Observa-se que, nessa modalidade, o processo pode envolver um ou mais partícipes em cada pólo da relação obsessiva.

São as ocorrências *Individuais* ou *Coletivas*.

Nas *Individuais*, constata-se que tanto a influenciação pode partir do obsessor, exclusivamente – e este é o caso mais comum –, como, no início ou durante o processo, o obsidiado também pode passar a influenciar o agente, em caráter de reciprocidade e em direção, não raro, ao estabelecimento, até, de uma relação simbiótica.

A maneira como se processa o fenômeno obsessivo entre as partes, permite, então, nele encontrar tanto as ocorrências *unidirecionais*, como as *bidirecionais*, em que obsessores e obsidiados trocam forças psíquicas, sustentando-se, muitas vezes, mutuamente, ainda que o alimento não passe de energia degradada.[1]

[1] Tais especificações, de fins didáticos, dizem mais com o momento e o sentido inicial da deflagração do processo obsessivo entre as partes, pois, a rigor,

Essas obsessões, marcadas pela atuação de Espíritos em pacientes encarnados, podem acontecer – ainda que não comumente – com o envolvimento de mais de dois partícipes: são as ocorrências *coletivas*.

As obsessões *Coletivas* podem implicar a ação de (**a**) *agente único sobre múltiplos pacientes*, a ação de (**b**) *múltiplos agentes sobre paciente único*, ou a participação de (**c**) *múltiplos agentes e pacientes*.

O primeiro caso – *agente único e múltiplos pacientes* –, refere-se ao domínio que *um Espírito*, avançado em conhecimento e pobre em amorosidade, pode exercer sobre *um grupo de indivíduos*, receptivos, por suas condições (culpa, medo, maldade, etc.), a esse tipo de influência. Um só Espírito pode impor sua vontade sobre vários outros, submissos ao seu comando telepático ou, até, hipnótico.

Com relação à ação simultânea de *vários Espíritos sobre um outro*, observe-se que é mais facilmente detectável naquelas situações obsessivas em que muitas vítimas de ontem, do atual obsidiado, associam-se em doloroso processo de vingança coletiva. Trata-se de ocorrência muito comum – como, aliás, também comuns, infelizmente, têm sido, em todas as épocas, os massacres e os martírios impostos nas guerras e perseguições por infelizes detentores de poder, obrigados, depois, a se submeter aos efeitos de seus atos.

Já os casos que envolvem *vários agentes e pacientes* ao mesmo tempo, constituindo as chamadas *infestações obsessivas* ou "epidemias de obsessão", soem acontecer menos comumente. Observa KARDEC:

---

como explicita EMMANUEL, não há "obsessão unilateral". (V. **XAVIER, Francisco C. EMMANUEL, Espírito. "Pensamento e Vida"**. 9ª ed., FEB, 1991, cit., p. 124).

> "*O que pode um Espírito fazer com um indivíduo, podem-no muitos Espíritos com muitos indivíduos simultaneamente e dar à obsessão caráter epidêmico. Uma nuvem de maus Espíritos invade uma localidade e aí se manifestam de diversas maneiras. Foi uma epidemia desse gênero que se abateu sobre a Judéia ao tempo do Cristo. Ora, o Cristo, pela sua imensa superioridade moral, tinha sobre os demônios ou maus Espíritos tal autoridade, que bastava lhes ordenasse que se retirassem para que eles o fizessem e, para isso, não empregava fórmulas nem gestos ou sinais.*" (**KARDEC, Allan. "Obras Póstumas"**. 26ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1993, pp. 73 e 74. Trad. Guillon Ribeiro).

A literatura espírita registra vários casos de infestação obsessiva, entre eles, o célebre episódio envolvendo os habitantes da localidade francesa de Morzine, situada entre as montanhas da Alta-Sabóia.

A esse respeito, KARDEC, que acompanhou pessoalmente os acontecimentos, informa:

> "*Os primeiros sintomas da epidemia de Morzine se declaravam em março de 1857 em duas meninas de uns doze anos. Em novembro seguinte o número de doentes era de vinte e sete e em 1861 atingiu o máximo de cento e vinte.*"

A seguir, reportando-se a relatório feito pelo enviado do Governo Francês (1861), Dr. Constant, para estudar a "doença", assim o sintetiza:

> "*Essas moças falam francês durante a crise, com uma admirável facilidade, mesmo as que, fora daí, só sabem algumas palavras.*
>
> *Uma vez em crise, as moças perdem completamente qualquer reserva, seja para o que for; também perdem completamente toda afeição de família.*
>
> *A resposta é sempre tão pronta e fácil, que parece vir*

antes da interrogação. Esta resposta é sempre direta, exceto quando quem fala responde por tolices, insultos ou uma recusa formal.

Durante a crise o pulso fica calmo e, no maior furor, o personagem tem um ar de domínio, como alguém que tivesse a cólera sob comando, sem parecer nem exaltado nem tomado de um acesso de febre.

Notamos durante as crises uma insolência incrível, que ultrapassa qualquer limite, em meninas que, fora daí, são delicadas e tímidas.

Durante a crise há em todas as meninas um caráter de impiedade permanente, levado além de todo o limite, dirigido contra tudo o que lembra Deus, os mistérios da religião, Maria, os santos, os sacramentos, a prece, etc.; o caráter dominante destes momentos terríveis é o ódio a Deus e a tudo quanto a Ele se refere.

Constatamos muito bem que essas meninas revelam coisas que chegam de longe, bem como fatos passados de que não tinham conhecimento; também revelaram pensamento de várias pessoas.

Algumas vezes anunciaram o começo, a duração e o fim das crises, o que farão mais tarde e o que não farão.

Sabemos que deram respostas exatas a perguntas feitas em línguas desconhecidas, como alemão, latim, etc.

No estado de crise as moças têm uma força sem proporção com a idade, pois são precisos três ou quatro homens para conter, durante o exorcismo, meninas de dez anos.

É de notar-se que, durante a crise, as meninas não se maltratam, nem pelas contrações, que parecem de natureza a deslocar os membros, nem pelas quedas, nem pelas pancadas violentas que se dão."

.....

> *"Fora das crises as meninas não têm qualquer lembrança do que disseram ou fizeram; quer a crise tenha durado todo o dia, quer tenham feitos trabalhos prolongados ou encargos dados no estado de crise."* (**KARDEC, Allan. "A Obsessão"**. 5ª ed., Matão: O CLARIM, pp. 207 e 208. Trad. Wallace Leal V. Rodrigues).

Esse caso extraordinário chamou a atenção de toda a Europa. O jornal "*Magnétiseur*", publicado em Genebra, Suíça (maio de 1864, nº 15), noticiou assim o fato:

> *"A epidemia demoníaca que, desde 1857, reina no burgo de Morzine e nos casebres vizinhos, situados entre as montanhas da Alta-Sabóia, ainda não cessou a sua devastação. O governo francês, desde que a Sabóia lhe pertence, preocupou-se com o caso. Enviou ao local homens especializados, inteligentes e capazes, inspetores dos hospícios de alienados etc., a fim de estudar a natureza e observar a marcha da doença. Tomaram algumas medidas, tentaram o deslocamento e transportaram as jovens doentes para Chambéry, Annecy, Evian e Thonon, etc. Mas os resultados dessas tentativas não foram satisfatórios. Malgrado o tratamento médico, as curas foram inexpressivas. E quando as infelizes jovens retornaram às suas casas, recaíram no mesmo estado de sofrimento. Depois de haver atingido, inicialmente, as crianças e as mocinhas, a epidemia estendeu-se às mães de famílias e às senhoras idosas. Poucos homens lhe sentiram a influência; contudo, custou a vida de um deles. Esse infeliz meteu-se no estreito espaço entre o fogão e a parede, de onde dizia não poder sair; ali ficou um mês, sem se alimentar – morreu de esgotamento e inanição."* (Conf. **LOUREIRO, Carlos Bernardo. "A Obsessão e Seus Mistérios"**. 2ª ed., Salvador: TELMA, 1995, pp. 72 e 73).

Um outro periódico, "*Courrier de Alpes*", assim se manifestava:

> *"Todos conhecem a triste e singular doença que, há anos, aflige a comunidade de Morzine, à qual não se sabe que nome dar. A ciência aí se perde – eis uma confissão da impotência. Então, que é que farão os médicos? Os alienistas fracassaram. Ora, desde que a ciência em si se perde, o que é uma grande verdade, os alienistas não são mais especialistas que os cirurgiões... Tudo revela uma causa moral e enviam homens que só acreditam na matéria. Procuram na matéria e aí nada encontram. Isto prova que não procuram onde é preciso. Se querem médicos mais especialistas, que os escolham entre os espiritualistas e não entre os materialistas. Ao menos aqueles poderão compreender que possa haver algo fora do organismo."* (**Id. Ib.**, p. 75).

O episódio Morzine, envolvendo toda uma localidade, evidentemente, é incomum – e, por isso mesmo, atraiu tanta atenção, até mesmo do Governo e dos médicos franceses. Mas a história tem registrado fatos semelhantes, envolvendo pequenas comunidades, até mesmo religiosas, em que turbas de obsessores, levavam freiras e padres, nos antigos conventos, a caírem em contorsões, em grupos (caso dos *convulsionários*), quando não os conduziam à prática de desatinos, até de natureza sexual.

No quadro das obsessões coletivas podem também ser incluídos os tristes casos em que falsos profetas, fazendo-se de místicos, e servindo às legiões trevosas, atraem incautas multidões em torno de suas pregações, e que, depois, por processo de sintonia, passam a servir de pasto às falanges de obsessores, que, também, podem levá-las ao suicídio, como nos dá conta a história recente, em que um pregador americano induziu ao suicídio, por envenenamento, centenas de seguidores, de uma só vez.

Fatos como esse, aliás, infelizmente, têm acontecido em todos os tempos e lugares, até no Brasil. Carlos Toledo RIZZINI, a propósito, refere-se a um episódio acontecido antes do surgimento da Codificação:

"Aqui, no Brasil, houve um caso típico em Pedra Bonita, MG, entre 1836 e 1838. Um homem obsedado pregava que havia um reino encantado que, banhado o solo com sangue humano, seria desencantado e ofereceria grandes riquezas. Conseguiu atrair ao local cerca de 300 pessoas falando-lhes, em tom místico, dos tesouros; a ignorância e a cobiça fizeram o resto. O relator do episódio esclarece que o chefe disso pudera 'mergulhar aquela turba numa espécie de delírio ou embriaguês continuada' – isto é, na obsessão. As pessoas ofereciam os próprios filhos para o sacrifício e algumas suicidavam-se, dando em resultado a morte de 53 em dois dias e meio! Um dos seduzidos conseguiu escapar e avisou pessoas gradas das redondezas que, indignadas, puseram fim à loucura coletiva pelas armas, salvando ainda uma porção de coitados." (**RIZZINI, Carlos Toledo. "Evolução para o Terceiro Milênio"**. 10ª ed., EDICEL, 1993, cit., p. 209: Cap. 5º, 2ª P.).

*

ENTRE DESENCARNADOS

O fenômeno da obsessão pode ocorrer entre Espíritos desencarnados – fato, aliás, muito comum. São os dolorosos dramas, geralmente envolvendo almas sedentas de vingança, ou Espíritos que só se comprazem com o sofrimento alheio, influenciando, conduzindo, magnetizando, dominando outras mentes, roídas pelo sentimento de culpa ou enfraquecidas de vontade, forjando inevitáveis futuros de dor.

Como se verifica na obsessão de encarnados por desencarnados, também no caso de ocorrência entre desencarnados, pode ela se verificar de forma a envolver um indivíduo ou uma coletividade, *unidirecional* ou *bidirecionalmente*.

Nas obsessões *unidirecionais*, a atuação do(s) obsessor(es) é preponderante ou exclusiva.

Nas *bidirecionais*, a atuação passa a ser recíproca.

Mentes desencarnadas, jungidas em intrincado processo obsessivo, sob o sustento da afetividade em desequilíbrio, podem permutar, até inconscientemente, energias entre si, passando o(s) paciente(s), com o tempo, a exercer, recíproca, simultaneamente, ação sobre o(s) agente(s). Obviamente, tal processo, como os demais, relaciona-se, basicamente, com a qualidade do sentimento, responsável pelo padrão mental.

Quanto às formas *coletivas* de obsessão entre os desencarnados, as obras do Espírito ANDRÉ LUIZ, ditadas principalmente a Francisco C. XAVIER, mostram casos em que, do mesmo modo como acontece entre desencarnados e encarnados, um *agente único*, no exercício inteligente da liderança, consegue impor seu comando a um *grupo de Espíritos*, até por via hipnótica; ou, de outro lado, em que *múltiplos Espíritos*, normalmente movidos por sentimentos de ódio e vingança, cercam e dominam um *desencarnado*, quase sempre antigo algoz, sufocando-o, pelas brechas da culpa, em pesadelos e alucinações.

Finalmente, os casos de obsessão entre desencarnados, envolvendo *múltiplos agentes e pacientes* (infestação obsessiva), caracterizam, sem dúvida, relações obsessivas das mais nefastas de que se tem conhecimento. De fato, se a força mental que brota de um grupo de Espíritos elevados pode restaurar as energias de muitos, a produzida por mentes inferiores, em conjunto, sintonizadas entre si, pode possibilitar-lhes – dentro de seus recursos e se presentes as necessárias condições ditadas pela lei da afinidade – o domínio de um outro grupo de desencarnados, propício a esse tipo de ação, impondo-lhes, por vezes, os mais graves prejuízos.

*

ENTRE ENCARNADOS (Agentes) **E DESENCARNADOS**

Encarnados também podem obsedar Espíritos desencarnados, por meio de uma ação telepática persistente. São comuns, aliás, esses processos em que encarnados, emitindo constantemente pensamentos de ódio, inconformação, revolta, desespero – ou, por vezes, de incontida saudade –, em direção a alguém que tenha desencarnado, acaba por atingi-lo em seu equilíbrio mental e perispirítico.

Também nesses casos, a ação obsessiva pode apresentar-se *bidirecionalmente*, se o paciente desencarnado, captando os pensamentos projetados em sua direção, passar a uma ação de resposta, compondo, então, um possível quadro de obsessão recíproca.

*

ENTRE ENCARNADOS

Laços obsessivos que se estabelecem entre os encarnados são comuns e não menos perigosos. Idéias fixas, decorrentes de paixão, desejo de poder, ciúme, ânsia sexual, desejo de vingança, ressentimento, raiva, são forças vivas a se projetarem em direção às mentes-alvos, construindo, em havendo sintonia, reflexos e, depois, circuitos obsessivos, de perigosas conseqüências.

Essas influenciações de natureza telepática podem chegar a representar domínio de uma das partes que, aliás, é geralmente revigorado durante o sono físico.

Presentes as condições de receptividade – fundamentais, como se sabe –, pode instalar-se, como nos outros casos, a influenciação mútua, bidirecional, trilha de duas mãos semeada de sofrimentos psíquicos e físicos, resultado de disfunções perispiríticas que podem, aliás, projetar-se além-desencarnação e pós-renascimento.

Francisco C. XAVIER, intermediando o luminoso pensamento do Espírito EMMANUEL, em notável lição sobre esse tipo de obsessão, escreve:

> *"Fenômeno de reflexão pura e simples, não ocorre tão-somente dos chamados mortos para os chamados vivos, porque, na essência, muita vez aparece entre os próprios Espíritos encarnados a se subjugarem reciprocamente pelos fios invisíveis da sugestão.*
>
> *A mente que se dirige à outra cria imagens para fazer-se notada e compreendida, prescindindo da palavra e da ação para insinuar-se, porquanto, ambientando a repetição, atinge o objetivo que demanda, projetando-se sobre aquela que procura influenciar. E, se a mente visada sintoniza com a onda criadora lançada sobre ela, inicia-se vivo circuito de força, dentro do qual a palavra e a ação se incumbem de consolidar a correspondência, formando o círculo de encantamento em que o obsessor e o obsidiado passam a viver, agindo e reagindo um sobre o outro.*
>
> *Não há, por isso, obsessão unilateral. Toda ocorrência desta espécie se nutre à base de intercâmbio mais ou menos completo. Quanto mais sustentadas as imagens inferiores de um Espírito para outro, em regime de permuta constante, mais profundo o poder da obsessão, de vez que se afastam da justa realidade para o circuito de sombra em que se entregam a mútuo fascínio."* (**XAVIER, Francisco Cândido. EMMANUEL, Espírito. "Pensamento e Vida"**. 9ª ed., FEB, 1991, cit., pp. 123 e 124: Cap. 27).

Esse é o quadro que, de uma maneira geral, diz com as relações obsessivas entre Espíritos encarnados, impondo-se ressaltar, todavia, que, na realidade, multifárias, apresentam, às vezes, características inusitadas. É o caso, por exemplo, do chamado *vampirismo natural*, que resulta numa espécie de *transfusão de vitalidade* e suscetível de ocorrer entre as pessoas até de forma inconsciente.

Tal fato, aliás, já é de muito conhecido.

Julien OCHOROWITZ (1850-1918), investigador famoso, premiado pela Academia de Ciências de Paris, em um de seus relatos – segundo anotação de Carlos Bernardo LOUREIRO –, já assinalava: "O fato de transfusão fisiológica entre o corpo de uma criança e de um velho está empiricamente averiguado. Até o presente, a ciência não se ocupou deste assunto, mas a antiga ciência achava o fato mais natural e a tradição dos povos a consagra."

Casos bem ilustrativos, a esse respeito, são apontados pelo conhecido Autor brasileiro:

> *"Cappivacius, vendo o herdeiro de uma nobre casa da Itália sem a menor vitalidade, consegue-o manter vivo, deitando-o entre duas fortes e saudáveis mulheres."* *
>
> .....
>
> *"O Dr. Georges, médico e filósofo francês (1757-1808), autor do* **"Tratado do Físico e do Moral do Homem"**, *relata que, nas Montanhas de Auvergue, região histórica da França, havia o estranho costume de, quando qualquer viajante cansado chegava a uma estalagem, fazerem-no deitar, previamente, na sua cama, um rapaz cheio de vida e saúde. À noite, quando o hóspede se deitava, absorvia a vitalidade que o jovem havia deixado na sua cama, e, no dia seguinte, acordava reanimado e bem disposto."*
>
> *"Antônio Cardoso, antigo redator da revista Estudos Psíquicos, fundada em Lisboa, Portugal, por D. Maria Gonçalves Duarte dos Santos, cita, na referida revista de fevereiro de 1951, o caso de uma mulher que sugava a vitalidade das damas de companhia que entravam para o seu serviço. Por melhor que fosse a saúde dessas jovens, passado pouco*

* "O rei Davi conseguiu prolongar sua vida da mesma forma." (Nota do Autor).

tempo, viam-se definhar sem qualquer explicação plausível e, por fim, morriam.

A última dama de companhia – filha de um cocheiro – sentindo-se definhar e conhecedora da fama de que a velha gozava, não titubeou e se queixou à polícia. Esta, com o concurso de vários médicos, estudou o caso, chegando à conclusão que seria fatal para a jovem se continuasse a viver em companhia de tão estranha criatura. Vendo-se privada da vitalidade de jovens, que era o seu alimento, a mulher começou a perder peso, debilitando-se de tal forma que, em pouco tempo, faleceu." (V. **LOUREIRO, Carlos Bernardo. "A Obsessão e Seus Mistérios"**. 2ª ed., TELMA, 1995, cit., pp. 24 a 28).

* *

DURAÇÃO

Quanto ao tempo que pode o processo obsessivo perdurar, as obsessões soem ser *Transitórias* ou *Persistentes*.

Dependendo, pois, das circunstâncias, podem ser passageiras ou duradouras.

Normalmente, as manifestações comparecem de forma *Contínua*, durante determinado tempo, que pode ser curto (nas manifestações transitórias) ou longo (nas manifestações persistentes). Mas é possível que aconteçam, também, de forma *Intermitente*, seja qual for o ciclo de duração.[2]

---

[2] Inexiste a obsessão de caráter *permanente*, pois embora seja perfeitamente possível que sua persistência dê essa idéia – e o caso das vinganças espirituais que se prolongam por diversas vidas não é desconhecido –, inevitavelmente chega o tempo em que ela deixa definitivamente de existir.

* *

MODOS DE ATUAÇÃO

No processo obsessivo, os agentes obsessores atuam de várias maneiras. Seus *Modos de Atuação* variam de acordo com as técnicas empregadas, sendo possível encontrar três modelos básicos: *atuação a distância*, *por aproximação* e *por justaposição*.

*

A DISTÂNCIA

A atuação a distância caracteriza-se pelo distanciamento *perispirítico* entre obsessor e obsidiado, embora presente a ação mental – que para o pensamento, obviamente, inexistem espaço e tempo.

Um dos aspectos desse tipo de atuação diz com a chamada obsessão *oculta*, em que inteligências trevosas, treinadas no uso de recursos telepáticos, agem nas sombras, influenciando mentes menos avisadas – com quem, todavia, guardam correspondência sintônica –, conduzindo-as, por vingança ou simples maldade, a descaminhos que podem implicar até graves prejuízos de ordem cármica. (O processo, aliás, é tecnicamente semelhante ao usado pelos Espíritos Elevados no atendimento das almas que se recomendam aos seus carinhosos cuidados, com ações dirigidas exclusivamente à construção do Bem).

Muitas vezes, a influenciação telepática a distância, dependendo da receptividade, pode levar a uma fase mais adiantada de obsessão, de caráter, já, hipnótico, evoluindo depois para posições de domínio mental cada vez mais completo.

De outras, depois de separados obsessor e obsidiado, sem o devido esclarecimento e a aceitação sincera da situação por parte



Obsessão a Distância

do primeiro, permanece entre as partes, como lembra ANDRÉ LUIZ, "a fusão magnética, mesmo a distância" ("**Nos Domínios da Mediunidade**". 22ª ed., FEB, cit., p. 223), com seus efeitos – ainda que não tão ostensivos como antes.

*

POR APROXIMAÇÃO

A atuação obsessiva por aproximação facilita a magnetização direta do paciente, a transferência de energias deletérias, as manipulações ectoplásmicas perniciosas, as operações, enfim, que desestabilizam as funções perispiríticas e, por via de conseqüência, o equilíbrio mental e físico.

Esse tipo de atuação, sem deixar de considerar os efeitos da influenciação a distância, faz-se especialmente perigosa no caso dos médiuns invigilantes, que, devedores, oferecem sintonia fácil, descuidados de suas tendências nem sempre elogiáveis.

*

POR JUSTAPOSIÇÃO

É a forma mais grave da atuação obsedante. Casos dolorosos de simbiose, parasitose, subjugação espiritual, são caracterizados pela justaposição perispirítica das partes. Por isso mesmo, a reversão do processo é sempre demorada e trabalhosa.

Anote-se, a respeito, que casos há de justaposição obsessiva aguda que chegam a se transformar num processo de fusão psicomagnética tão estreita, que pode até ser tida como uma espécie de *soldadura perispirítica*, ainda que sempre marcada pela transitoriedade.

* *

TÉCNICAS

O elenco de *Técnicas Obsessivas* conhecidas impressiona pela quantidade e pelos efeitos, sempre marcantes e danosos.

Podem ser enumeradas as seguintes: *Persuasão*, *Influenciação Telepática*, *Hipnose*, *Soldadura Perispirítica*, *Infecção Fluídica*, *Manipulações Ectoplásmicas*, *Provocação de Reflexos Anímicos*, *Provocação de Efeitos Sensitivos Particulares*.

*

PERSUASÃO

A *técnica da persuasão* é usada tanto em forma de sugestões curtas continuadas, de natureza telepática simples, em estado de vigília, como por meio do processo mediúnico, levando médiuns e circunstantes desprevenidos a atitudes as mais estranhas, como se observa, por exemplo, na fascinação e em certos comportamentos individuais e coletivos, de caráter religioso ou falsamente místico.

Sabe-se, todavia, que é durante o sono que essa nefasta arte de convencer se torna mais presente, construindo resultados, às vezes, os mais comprometedores para o futuro espiritual dos envolvidos.

É no repouso do corpo que, muitas vezes, almas vingativas ou maldosas encontram melhores condições de insinuar-se astuciosamente, envenenando os sentimentos dos Espíritos encarnados e levando-os a plantar aflições e dores para si e seus semelhantes.

*

INFLUENCIAÇÃO TELEPÁTICA

A influenciação telepática é recurso presente basicamente em todos os processos obsessivos, uma vez que todos têm seu iní-

cio marcado por uma influenciação sutil, que, depois, pode evoluir para estágios de verdadeiro controle mental, se presentes as necessárias condições de sintonia.

Essa influenciação telepática sutil – que, aliás, é também magnética – mostra normalmente alguns sinais claros: derrotismo "sem causa orgânica ou moral de destaque"; dificuldade de "concentrar idéias em motivos otimistas"; dificuldade de orar ou "concentrar-se em leituras edificantes"; aborrecimentos reprimidos; pessimismos, queixas, irritações surdas; suscetibilidade exagerada; "aptidão a condenar quem não tem culpa"; "ânsia de investir-se no papel de vítima ou de tomar posição absurda de automartírio." (V. **XAVIER, Francisco Cândido. VIEIRA, Waldo. EMMANUEL e ANDRÉ LUIZ, Espíritos**. "**Estude e Viva**". 7ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1993, pp. 202 e 203: Cap. 35).

Esse tipo de ação obsessiva, quase imperceptível ao encarnado, é, por isso mesmo, das que mais devem preocupar. "Não se sabe" – ressalta ANDRÉ LUIZ, por intermédio de Waldo VIEIRA – "o que tem causado maior dano à Humanidade: se as obsessões espetaculares, individuais ou coletivas, que todos percebem e ajudam a desfazer ou isolar, ou se essas meio-obsessões de quase-obsidiados, despercebidas, contudo bem mais freqüentes, que minam as energias de uma só criatura incauta, mas influenciando o roteiro de legiões de outras." (**Id. Ib.**, p. 203).

Como em outros casos, nem sempre o agente responsável tem consciência da influência que exerce e o mal que causa.

De outras vezes, porém, não só o obsessor é consciente, como ardiloso, preparando a ocorrência "com antecedência e meticulosidade, às vezes, dias e semanas antes do sorrateiro assalto, marcado para a oportunidade de encontro em perspectiva, conversação, recebimento de carta, clímax de negócio ou crise imprevista de serviço". (**Id. Ib.**, p. 203).

A influenciação telepática (que é também magnética, como

já assinalado) pode chegar, em muitos casos, a um tal estado de dominação, que a transmissão persistente de mesmas idéias ou imagens acaba corroendo possíveis resistências mentais, em direção a desequilíbrios até bem graves. Em outros, ainda que inexista, propriamente, a vontade de dominar, o perigoso circuito de ódio entre as partes pode produzir, de igual forma – em regime, então, de influenciação recíproca –, efeitos desestabilizadores da integridade psíquica.

Esse fenômeno, aliás, torna-se, às vezes, bem visível, em certos lares onde Espíritos se reencontram em programas de reajustes cármicos mais severos. Ensina o Espírito ANDRÉ LUIZ, pela mediunidade de Francisco Cândido XAVIER:

> "*Muitas vezes, dentro do mesmo lar, da mesma família ou da mesma instituição, adversários ferrenhos do passado se reencontram. Chamados pela Esfera Superior ao reajuste, raramente conseguem superar a aversão de que se vêem possuídos, uns à frente dos outros, e alimentam com paixão, no imo de si mesmos, os raios tóxicos da antipatia que, concentrados, se transformam em venenos magnéticos, suscetíveis de provocar a enfermidade e a morte. Para isso, não será necessário que a perseguição recíproca se expresse em contendas visíveis. Bastam as vibrações silenciosas de crueldade e despeito, ódio e ciúme, violência e desespero, as quais, alimentadas, de parte a parte, constituem corrosivos destruidores.*" (**XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Nos Domínios da Mediunidade"**.. 22ª ed., FEB, 1994, cit., p. 186: Cap. 19).

As influenciações telepáticas, desde as involuntárias até as meticulosamente dirigidas, apresentam nuanças inúmeras, e, se podem construir benefícios, também servem a propósitos nada edificantes. Daí, a oportuna advertência de ANDRÉ LUIZ, lembrando que todos vivemos em comunhão mental: "O pensamento exterioriza-se e projeta-se, formando imagens e sugestões que arremessa sobre os objetivos que se propõe atingir. Quando benig-

no e edificante, ajusta-se às Leis que nos regem, criando harmonia e felicidade, todavia, quando desequilibrado e deprimente, estabelece aflição e ruína." (**Id. Ib.**, p. 186).

Ressalta à obviedade que, diante desse fato, só a fraternidade, com perdão e amor, poderá evitar que a influenciação telepática destrutiva continue a produzir os efeitos maléficos que tanto têm atormentado a Humanidade.

*

HIPNOTISMO

O reconhecimento científico do hipnotismo aconteceu neste século, mas seu uso como técnica simples de se chegar à hipnose, data da antigüidade,[3] não sendo desconhecidas – quando em-

[3] Informa, a respeito, LAPPONI: "Os antigos conheceram, em grande parte, provavelmente sob o nome de Magia (que etimologicamente significa **sacerdócio, sapiência**), o maior número dos fatos que se referem ao moderno Hipnotismo, e decerto não foram ignorados pelos Medas, Caldeus, Brâmanes da Índia e pelos sacerdotes do antigo Egito."

"Algumas práticas descritas, segundo F. Lenormant, nos monumentos em caracteres cuneiformes; certos casos recordados por Máspero, na 'História Antiga dos Povos do Oriente' (Paris, 1886, pp. 70 e 142); muitos fatos estrepitosos observados nas primeiras sociedades humanas; e as maravilhas que ainda hoje realizam os Brâmanes indianos, zelosos custódios das sagradas tradições de casta – são tudo coisas que atestam a alta antigüidade das práticas que constituem o Hipnotismo de nossos dias. Os milagres, pois, que ante as doenças nervosas se processavam entre os egípcios no templo de Serápis, eram, quase fora de dúvida, efeitos de aplicações hipnóticas."(**LAPPONI, José. "Hipnotismo e Espiritismo"**. 3ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1988, pp. 17 e 18. Trad. Almerindo Martins de Castro).

Modernamente, retomando as investigações de MESMER e outros pesquisadores, o médico inglês James BRAID realizou os primeiros estudos tidos como de caráter científico, sob o nome de Neuro-Hipnologia, cabendo, depois, a CHARCOT, BREUER, BERNHEIM, LIEBEAULT, LIEGEOIS, e seus seguidores, além de RICHET, a definitiva consolidação do Hipnotismo como técnica corrente. E à luz do Espiritismo, mais ainda se compreendem os fenômenos a ele ligados e a surpreendente extensão de seus efeitos, principalmente, na dimensão perispiritual.

pregado pelos Espíritos, para o mal – as possibilidades que oferece como recurso altamente perigoso na produção de danos mentais e perispiríticos.

Como técnica de obsessão, destaca-se como das mais usadas, aparecendo, na verdade, como uma fase mais adiantada na escala das influenciações telepáticas, sabendo-se, entretanto, que na hipnose, em termos espirituais, o envolvimento telepático já comparece também associado a um maior envolvimento magnético, proporcional, sempre, à intensidade do domínio obsedante. A persistência e os efeitos da operação obsessiva determinam estados hipnóticos que podem ser considerados – especialmente, quanto às possibilidades de sua reversão – como menos ou mais graves.

São os casos em que o domínio do agente pode ser tido como *Eventual*, ou aqueles em que esse domínio – já altamente perigoso – passa a ser *Sistemático*.

DOMÍNIO EVENTUAL – Nas hipnoses marcadas por esse tipo de comando mental, passageiro, as perturbações resultantes não chegam a minar ou comprometer as resistências psíquicas, possibilitando ampla reversão do quadro obsessivo.

Tal ocorrência pode significar apenas um momento mais agudo de uma influenciação telepática que já venha se desenvolvendo, ou, simplesmente, um evento isolado, em que um agente, quase sempre por pura maldade, alicerçado em condições propícias que se lhe oferece, consegue impor seu domínio mental, ainda que transitoriamente.

É o caso, por exemplo, dentre inúmeros outros, de encarnados que, durante o sono, recebem sugestões relativas a doenças ou desastres e que, ao acordarem, sentem os sintomas das enfermidades que lhe foram implantadas na subconsciência, ou sensações de perigo iminente, a lhe atormentarem a vida. (Situações há em que, embora momentâneo, esse domínio pode ser tão expressi-

vo, dadas as condições e circunstâncias, até mesmo as de natureza cármica, que o paciente pode chegar mesmo a sofrer o acidente maldosamente preanunciado...).

DOMÍNIO SISTEMÁTICO – O processo hipnótico, a envolver operações que vão desde a sugestão até a manipulação de recursos magnéticos, surge, às vezes, como instrumento dos mais perigosos quando comandado por inteligências dedicadas ao mal, possibilitando, até, o pleno domínio de mentes moralmente despreparadas, por períodos que podem, mesmo, ser bem longos.

São os casos de hipnose que se pode qualificar como de *domínio sistemático*, marcados pela gravidade dos efeitos e pelas acentuadas dificuldades de reversão.

Nesse quadro, impõe-se aceitar que a severidade das conseqüências é determinada pela continuidade e intensidade da ação obsessiva (respeitada, sempre, a Lei do Merecimento), dirigida à construção de *idéias fixas* na mente do obsidiado – ou seja, a cristalização do pensamento do paciente em torno de certas imagens ou idéias –, que podem levá-lo, até, a uma gradativa e delicada obliteração das vias psíquicas de percepção e expressão, resultante da disfunção dos centros coronário e cerebral.[4]

Numa primeira fase, esse processo de *Fixação Mental*, embora represente operação telepática mais avançada, ainda, e provoque respostas que não deixam de ser, às vezes, sumamente dolo-

---

[4] Embora o texto se refira à *fixação de idéias* provocada pela ação de obsessor, tal processo, obviamente, pode se instalar sob impulso próprio, quando a mente se fecha em sentimentos de culpa ou ódio, por exemplo. De qualquer forma, se esse processo habita a mente desencarnada, não importando se causado por obsessão ou não, as conseqüências reencarnatórias traduzem-se, seguidamente, em estados demenciais. "Quase todas as perturbações congeniais da mente, na criatura reencarnada," – mostra ANDRÉ LUIZ – "dizem respeito a fixações que lhe antecederam a volta ao mundo." (**XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Nos Domínios da Mediunidade"**. 22ª ed., FEB, 1994, cit., p. 238: Cap. 25).

rosas, pode ser interrompido com certa facilidade, se presentes, é claro, como em qualquer tipo de assistência espiritual, as necessárias condições de merecimento. Essa espécie de fixação mental pode ser tida como *Primária.*

A continuidade, a intensificação desse processo, pode determinar seu agravamento, propiciando o surgimento de um estado de *Monoideísmo*, suscetível de evoluir para um *Monoideísmo Agudo.*

Fixação Primária – Ocorre, infelizmente, de maneira muito comum no cenário humano, assumindo os mais variados aspectos, embora, basicamente, a estrutura do fenômeno seja idêntica em todos os casos.

Assinala, a propósito, ANDRÉ LUIZ, por Francisco Cândido XAVIER, reportando-se a diálogo envolvendo uma de suas personagens:

> " (...) *todos possuímos, além dos desejos imediatistas comuns, em qualquer fase da vida, um 'desejo central' ou 'tema básico' dos interesses mais íntimos.*
>
> *Por isso, além dos pensamentos vulgares que nos aprisionam à experiência rotineira, emitimos com mais freqüência os pensamentos que nascem do 'desejo-central' que nos caracteriza, pensamentos esses que passam a constituir o reflexo dominante de nossa personalidade. Desse modo, é fácil conhecer a natureza de qualquer pessoa, em qualquer plano, através das ocupações e posições em que prefira viver. Assim é que a crueldade é o reflexo do criminoso, a cobiça é o reflexo do usurário, a maledicência é o reflexo do caluniador, o escárnio é o reflexo do ironista e a irritação é o reflexo do desequilibrado, tanto quanto a elevação moral é o reflexo do santo...*
>
> *Conhecido o reflexo da criatura,* (...) *é, assim, muito fácil superalimentá-la com excitações constantes, robustecen-*

do-lhe os impulsos e os quadros já existentes na imaginação e criando outros que se lhes superponham, nutrindo-lhe, dessa forma, a fixação mental." (**XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Ação e Reação"**. 17ª ed., FEB, 1996, cit., p. 110: Cap. 8).

Dentre as modalidades de fixação primária, podem ser citadas as que dizem respeito, por exemplo, com os casos em que os hipnotizadores a serviço das trevas conseguem ressuscitar dos porões da subconsciência do paciente imagens do passado, que passam a habitar sua consciência de relação, em forma de temores, desejos, idéias agressivas ou de autodestruição, impulsos sexuais, etc., de relativa duração, porém, muitas vezes, com possibilidades de comprometer o equilíbrio psíquico, ainda que temporariamente.

Alinham-se nesse quadro, também, as ocorrências relacionadas com a prática mediúnica, em que o magnetizador espiritual, através de regressão de memória, leva o médium a um processo de fixação mental em torno de fatos, pessoas ou circunstâncias do seu pretérito, ensejando o fenômeno que se tem convencionado chamar – com relativo acerto – de *animismo*, e que, quando identificado, leva o paciente a ser julgado como agente fraudador, quando, na verdade, não passa de uma vítima de hipnose obsessiva, a necessitar, isso sim, de zelosa orientação terapêutica e mediúnica.

Um outro caso de fixação mental que, pelas conseqüências, pode ser considerada primária, relaciona-se com a prática de natureza hipnótica usada pelos encarnados entre si, também de efeitos temporários e imprevisíveis. (Tal prática é igualmente comum entre os desencarnados entre si, sabendo-se, todavia, que, na maioria das vezes, o comando pode ser mais persistente e pernicioso).

O desenvolvimento do processo de fixação mental pode levar, como anotado, ao *Monoideísmo* e, em casos de comando mais

severo e persistente, ao *Monoideísmo Agudo*.

Monoideísmo – Define-se como um estado mental caracterizado pela predominância de uma idéia central. Quanto mais avançado o processo, mais essa idéia prevalece no campo mental, chegando a tornar-se única. Tal fenômeno, em que uma idéia determinada é cristalizada na mente do paciente, responde por vários tipos de desequilíbrios psíquicos, até mesmo os de natureza demencial, em que a deterioração mental torna-se, já, dificilmente reversível em dada encarnação.

O monoideísmo é tema complexo e multifário, oferecendo, por isso, dificuldade a uma abordagem mais abrangente. Importante, todavia, notar que nem sempre resulta de um processo hipnótico, induzido por terceiro, como também, nem sempre chega a ser, de fato, produto de uma ação hipnótica consciente.

Com efeito – como se nota, às vezes, no processo simbiótico, por exemplo –, mentes fixadas em necessidades ou recordações funestas – mesmo sem qualquer influência hipnótica exterior – unem-se a outras, por sintonia decorrente da afinidade espiritual, induzindo-as a estado semelhante, sem sequer se darem conta do que acontece.

De outro lado, como se sabe, há o caso dos obsessores inconscientes dos atos que praticam, que chegaram ao estado de monoideísmo pela ação magnética de inteligências treinadas e más, que, penetrando em seu psiquismo, pelo caminho da culpa, conseguem perturbar-lhes a fisiologia do centro coronário de modo a impor-lhes idéia ou visão única, comumente relacionada com seu passado delituoso. Esses Espíritos em desequilíbrio são conduzidos à união com outros que lhes correspondam em sintonia, estabelecendo-se o processo de obsessão sem que o agente direto sequer o perceba. (Muitos casos, aliás, de obsessão "por encomenda" acontecem com base nessa técnica hedionda).

Nesse quadro, caberia a menção, ainda, aos casos, entre ou-

tros, de reencarnação com desequilíbrios psíquicos congênitos, a evidenciarem que, muitas vezes, a cristalização mental, gerando graves disfunções perispiríticas, mormente nos centros coronário e cerebral, perdura mesmo depois do "choque biológico do renascimento no corpo físico", no dizer de ANDRÉ LUIZ ("**Nos Domínios da Mediunidade**". 22ª ed., FEB, 1994, cit., p. 21), comparecendo, então, como distúrbio de natureza psicopatológica, a atrair, até, tratamento psiquiátrico severo, em que mesmo o eletrochoque ou a insulinoterapia comparecem como recursos indicados.

São dolorosas situações de consciências torturadas por imagens danosas do pretérito e que, ainda, poderão ser amplificadas pela ação hipnótica de perseguidores espirituais, cuja influência persista após a reencarnação. Trata-se, sobretudo, de grave enfermidade espiritual, a requisitar tratamento consciente e grande amparo afetivo.

Monoideísmo Agudo – De todas as tragédias ligadas à obsessão, nenhuma atrai mais tristeza do que a relacionada com o que se pode designar como *monoideísmo agudo*, a refletir um estado tão avançado de fixação mental, que chega a provocar modificações morfológicas e fisiológicas do próprio perispírito, e de tal ordem que podem, também, afetar, temporariamente, o próprio ritmo evolutivo do Espírito em perturbação.

Entre os efeitos do monoideísmo agudo, arrola a literatura espírita os casos de *contração perispirítica*, seguida de alterações funcionais dos centros vitais e de conseqüências imprevisíveis, pelas graves limitações que impõe.

ANDRÉ LUIZ (que, aliás, até agora, é o único dos autores espirituais de prestígio que traz notícias a respeito) menciona casos em que o monoideísmo agudo pode provocar tais efeitos morfológicos no perispírito, que os Espíritos chegam a assemelhar-se a *ovóides*. Estacionando nesse nível, perdido o contato com o mundo exterior, "dormitam em estranhos pesadelos", caracterizando-se como verdadeiros "fetos ou amebas mentais, mobilizáveis,

contudo, por entidades perversas ou rebeladas." (**XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Libertação"**. 17ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 88: Cap. VI).

Tal fenômeno nem sempre envolve a ação hipnótica exterior ou guarda, em si, relação com o processo obsessivo, embora, na maioria das vezes, possa representar instrumento dos mais perigosos se manipulado pelas Inteligências perversas.

Assim, esse estado agudo de cristalização mental pode ser o resultado de uma profunda e gradativa interiorização das próprias forças psíquicas do Espírito, que, fechando-se em suas culpas, acaba se isolando completamente do mundo exterior.

Essa ocorrência, porém, não se constata somente entre os Espíritos de consciência ensombrada pela delinqüência. Informa o referido Autor (V. **XAVIER, Francisco C. VIEIRA, Waldo. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Evolução em Dois Mundos"**. 13ª ed., FEB, 1993, cit., pp. 89 a 91) que se trata de fato comum, também, entre os Espíritos primitivos, que, ao desencarnarem, perturbados e atemorizados, passam a nutrir com tal intensidade o desejo de "retorno ao abrigo fisiológico" que, por "*monoideísmo auto-hipnotizante*", passam, também, a sofrer a retração morfológica e fisiológica do organismo psicossômico, processo que só é reversível por meio da reencarnação.

Nos casos de obsessão, propriamente, o monoideísmo já é o produto da ação mental danosa de obsessores desencarnados sobre as almas que, por sintonia, como visto, submetem-se ao seu domínio. "Inteligências infelizes, treinadas na ciência da reflexão, conseguem formar telas aflitivas em circuitos mentais fechados e obsessivos, sobre as mentes que magneticamente jugulam", frisa ANDRÉ LUIZ, pela mediunidade de Francisco C. XAVIER. (**Id. Ib.**, p. 171).

E, como se viu, as infelizes vítimas desse processo, imersas em si mesmas, ainda são seguidamente aproveitadas por mentes

trevosas, que delas se servem como instrumento, justapondo-as a novas vítimas, principalmente encarnadas, que então passam a afundar em sofrimento e loucura – sempre, porém, de acordo com os desígnios ditados pela Lei das Conseqüências.

Da mesma forma, os que foram especificamente induzidos a cair em tal estado, pela ação hipnótica persistente, podem ficar submetidos a envolvimento magnético dos mais danosos. (Essa técnica perversa, aliás, encontra terreno fácil nos casos em que o monoideísmo agudo chegou a se instalar, de início, pela própria ação auto-hipnotizante do paciente).

*

SOLDADURA PERISPIRÍTICA

A justaposição do agente ao paciente pode se verificar de tal forma, que os perispíritos parecem se interpenetrar, como a configurar uma quase fusão entre eles.

Esse processo, que, pela persistência dessa interpenetração psicossômica, pode ser chamado de *Soldadura Perispirítica*, acontece sob o comando magnético de terceiros – Espíritos treinados em tais perversidades –, ou por ação natural do próprio obsessor.

No primeiro caso, almas em desequilíbrio – inconscientes, até, do que ocorre, catalogando-se, entre elas, particularmente, as submetidas aos efeitos do monoideísmo – são magneticamente jungidas aos perispíritos das vítimas, provocando-lhes os mais graves desajustes psíquicos, responsáveis pelo surgimento dos numerosos distúrbios elencados em psicopatologia.

No segundo, a atitude mental vingativa do próprio obsessor, fechado em seu ódio contra o obsidiado – ontem, normalmente, seu cruel algoz –, leva-o a unir-se de tal maneira a este, que os perispíritos parecem como que *soldados* entre si.

A separação, nesses casos, demanda, não raro, especial cuidado e tempo, uma vez que seus efeitos, além de particularmente danosos, podem ser especialmente duradouros, considerando-se que esse tipo de processo quase sempre chega a abranger mais de uma encarnação, persistindo mesmo na(s) fase(s) de intermissão do paciente.[5]

*

INFECÇÃO FLUÍDICA

Fenômeno dos mais comuns, tal como a infecção de natureza física, a *infecção fluídica*[6] pode, também, às vezes, ser usada como recurso de agravamento do processo obsessivo. Pelas informações que se colhe na literatura espírita mediúnica, é possível considerar que a infecção fluídica deva ser atribuída a diversos fatores, entre os quais, a projeção obsessiva de *Formas-Pensamentos*, a canalização de *Emanações Deletérias* e a transmissão ou implantação de *Germens Psíquicos*.

INFECÇÃO POR FORMAS-PENSAMENTOS – Esse tipo de ocorrência, a significar a infestação da mente obsidiada por formas-pensamentos de teor altamente maligno, insistentemente projetadas pelo obsessor, podem causar prejuízos psiconervosos de dificílima reversão, até.

Formas-pensamentos com tal poder de dano não se confundem com as formas mentais comumente produzidas por encarna-

---

[5] Intervalo entre as encarnações. Termo introduzido pelo Prof. Hernani G. ANDRADE, como mencionado.

[6] A expressão é de ANDRÉ LUIZ: "Muitos [desencarnados] acometem os adversários que ainda se entrosam no corpo terrestre, empolgando-lhes a imaginação com formas mentais monstruosas, operando perturbações que podemos classificar como '**infecções fluídicas**' e que determinam o colapso cerebral com arrasadora loucura". (**XAVIER, Francisco Cândido. VIEIRA, Waldo. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Evolução em Dois Mundos"**. 13ª ed., FEB, 1993, cit., p. 116: Cap. XV).

dos e desencarnados (ainda que com nefastas intenções). São produto de inteligências treinadas, quase sempre cultivadas, do ponto de vista intelectual, mas tristemente descuidadas de sua evolução moral, cujas criações malignas são marcadas por especial intensidade e persistência.

Observe-se, a propósito, que também nos casos de *justaposição* obsessiva, Espíritos em processo de monoideísmo comunicam os pensamentos que se lhes fixaram no quadro mental, contaminando, assim, os que ficam sob seu jugo, mas produzindo efeitos que podem não ser tão acentuados como no caso anterior, em que as formas-pensamentos são planejadamente criadas e projetadas, sob o impulso da vingança ou de simples maldade.

INFECÇÃO CAUSADA POR EMANAÇÕES DELETÉRIAS – Espíritos com graves desequilíbrios psíquicos, que mostram em seus perispíritos as mazelas que os refletem, transmitem aos sujeitos à sua influência – voluntária ou involuntariamente, por si ou sob o comando de terceiros – as forças deletérias que liberam, causando efeitos os mais nocivos e dolorosos.

Com efeito, impregnando o perispírito do obsidiado com as emanações enfermiças que dele emanam, o obsessor, pouco a pouco, atinge, não só a resistência psíquica do paciente (por comprometimento funcional dos centros coronário e cerebral), como, de conseqüência, o seu próprio sistema imunológico, de sorte que, sob a ação de tal processo de contaminação fluídica, passa este a apresentar com o tempo sinais que correspondem ao estado doentio do agente, podendo o quadro evoluir para situações de morbidez em que o prognóstico de cura se torna até difícil, se não for considerado o aspecto espiritual, fundamental no caso.

INFECÇÃO CAUSADA POR GERMENS PSÍQUICOS – Microorganismos de natureza mental,[7] produzidos por mentes enfermi-

[7] O Espírito ANDRÉ LUIZ, em suas obras, designa-os como bactérias, larvas ou bacilos mentais, associados, todos, à patogenia da alma.

ças, encarnadas e desencarnadas, servem ao surgimento de todo um elenco de moléstias, muitas das quais, nem sequer catalogadas no repertório patológico atual.

Explica, a propósito, ANDRÉ LUIZ: "A cólera, a desesperação, o ódio, o vício, oferecem campo a perigosos germens psíquicos na esfera da alma. E qual acontece no terreno das enfermidades do corpo, o contágio (...) é fato consumado, desde que a imprevidência ou a necessidade de luta estabeleçam ambiente propício, entre companheiros do mesmo nível". (**XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito**. "**Missionários da Luz**". 25ª ed., FEB, 1994, cit., p. 38: Cap. 4).

Em outra passagem, explanando o tema, comenta o destacado Instrutor que "se temos a nuvem de bactérias produzidas pelo corpo doente, temos a nuvem de larvas mentais produzidas pela mente enferma, em identidade de circunstâncias. Desse modo, na esfera das criaturas desprevenidas de recursos espirituais, tanto adoecem corpos, como almas. No futuro, por esse mesmo motivo, a medicina da alma absorverá a medicina do corpo". (**XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito**. "**Os Mensageiros**". 27ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 211: Cap. 40).

Os germens psíquicos, que expressam matéria mental deteriorada, encontram-se presentes tanto nos organismos de encarnados, como nos de desencarnados, podendo, também, servir a propósitos obsessivos.

Assim, Espíritos em lastimável desequilíbrio, com as funções perispirituais em desarmonia, devido à ação deletéria desses germens, podem, espontaneamente, atuar junto aos encarnados, atraídos por ódio ou simpatia, ou ser conduzidos para perto de encarnados invigilantes, que lhes correspondam à condição, ensejando, por contágio, o surgimento de enfermidades diversas, ou agravando as já existentes, em processo que pode levar a situações irreversíveis, se não houver intervenção espiritual segura.

*

MANIPULAÇÕES ECTOPLÁSMICAS

As manipulações com o ectoplasma, fornecido geralmente por quem é detentor de faculdades mediúnicas, traduzem-se em ocorrências especiais que KARDEC classificou, genericamente, de *manifestações físicas*. "Dá-se o nome de manifestações físicas às que se traduzem por efeitos sensíveis, tais como ruídos, movimentos e deslocação de corpos sólidos" – anota o Codificador. "Umas são espontâneas, isto é, independentes da vontade de quem quer que seja; outras podem ser provocadas." (**KARDEC, Allan. "O Livro dos Médiuns"**. 61ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 82: Cap. II, 2ª P. Trad. Guillon Ribeiro).

Essas manifestações – devidas, sempre, ao suporte ectoplásmico – são multifárias. Tanto podem ocorrer em forma de simples pancadas e ruídos, como chegar a perturbações de extrema gravidade. Salienta KARDEC: "As manifestações espontâneas nem sempre se limitam a ruídos e pancadas. Degeneram, por vezes, em verdadeiro estardalhaço e em perturbações. Móveis e objetos diversos são derribados, projetis de toda sorte são atirados de fora para dentro, portas e janelas são abertas e fechadas por mãos invisíveis, ladrilhos são quebrados, o que não se pode levar à conta de ilusão." (**Id. Ib.**, p. 108).[8]

Tais fenômenos acontecem pela ação de Espíritos que, muitas vezes, agem mais por leviandade que por maldade: almas frívolas que, aproveitando os recursos ectoplásmicos à disposição, a emanarem naturalmente dos organismos humanos, divertem-se atormentando encarnados.

---

[8] Observe-se que KARDEC se refere, aqui, a manifestações ectoplásmicas gerais. Os fenômenos que dizem com a materialização de Espíritos, propriamente, saem desse enfoque.

Observe-se, todavia, que também podem servir a propósitos de vingança, tornando-se tão nocivos que chegam a afetar o próprio psiquismo dos envolvidos. KARDEC, há século e meio, já observava:

> "*Tais fatos assumem, não raro, o caráter de verdadeiras perseguições. Conhecemos seis irmãs que moravam juntas e que, durante muitos anos, todas as manhãs encontravam suas roupas espalhadas, rasgadas e cortadas em pedaços, por mais que tomassem a precaução de guardá-las à chave. A muitas pessoas tem acontecido que, estando deitadas, mas completamente acordadas, lhes sacudam os cortinados da cama, tirem com violência as cobertas, levantem os travesseiros e mesmo as joguem fora do leito. Fatos destes são muito mais freqüentes do que se pensa; porém, as mais das vezes, os que deles são vítimas nada ousam dizer, de medo do ridículo. Somos sabedores de que, por causa desses fatos, se tem pretendido curar, como atacados de alucinações, alguns indivíduos, submetendo-os ao tratamento a que se sujeitam os alienados, o que os torna realmente loucos. A Medicina não pode compreender estas coisas, por não admitir, entre as causas que as determinam, senão o elemento material; donde, erros freqüentemente funestos. A história descreverá um dia certos tratamentos em uso no século dezenove, como se narram hoje certos processos de cura da Idade Média.*" (**KARDEC, Allan. Op. cit.**, pp. 109 e 110: Cap. V, 2ª P.).

Trata-se de ocorrências que, em verdade, estiveram presentes em todas as épocas da Humanidade. Bem conhecidas ao tempo do Codificador, foram por ele cuidadosamente analisadas e, até, alguns casos de grande repercussão, na época, chegaram a ser citados na *Revue Spirite*; entre eles, por exemplo, o célebre episódio do Espírito batedor de Bergzabern, na Baviera, cuja ação durou oito anos (edições de maio, jun., jul., 1858); o do Espírito de Dibbelsdorf, na Baixa Saxônia (ag., 1858); o da rua Des Noyers, em Paris, em que a vítima principal, uma doméstica, chegou a re-

ceber sérios ferimentos (ag., 1860); o de São Petersburgo, Rússia, com a produção, também, de golpes violentos, vindos, aparentemente, do vazio (abr., 1860), etc.

Os fenômenos de efeitos físicos são também catalogados, por parapsicólogos e psicobiofísicos, como ocorrências de *poltergeist* (do al., ***poltern***, fazer barulho + ***geist***, Espírito), a envolver sempre um médium central, que seria a "pessoa-foco", o *epicentro* das manifestações.

Um dos maiores pesquisadores do *poltergeist*, na atualidade, o renomado cientista brasileiro, Hernani Guimarães ANDRADE, presidente do Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas – IBPP –, em cujos arquivos constam relatórios de numerosos casos, rigorosamente confirmados e estudados, assim o descreve:

> *"Infelizmente, um poltergeist nem sempre se mostra passageiro e benigno. É mais provável que ele volte a manifestar-se reiteradas vezes, de maneira insólita e inesperada, furtando-se à observação e ao controle das pessoas. Lenta e determinadamente, irá desmantelando a casa onde se instalou, criando uma atmosfera de permanente desordem e também de aflitiva apreensão."*
>
> *"À noite poderão ouvir-se vozes e ruídos estranhos, pancadas e estrondos, seguidos de inúmeros focos de incêndio. Ninguém conseguirá dormir em paz. Ao esgotamento físico dos moradores da casa infestada, seguir-se-á a desnutrição. Surgem detritos repugnantes na comida. As panelas são levitadas e atiradas ao chão, derramando tudo e formando uma imundícia que desafia qualquer tentativa de limpar e pôr em ordem os objetos da casa."*
>
> *"Alguns deles levam muitos anos para extinguir-se. Outros são mais benignos e logo cessam. Os mais temíveis são aqueles que provocam incêndios (parapirogenia). A variedade é grande, mas todos eles apresentam características em comum: queda de pedras, movimento de objetos, ruídos,*

objetos que saem ou entram em recintos totalmente fechados, etc."

.....

"Os poltergeists têm vida variável. Alguns duram horas, outros permanecem alguns dias, meses ou anos em atividade; cessam espontaneamente, ou aparentemente em virtude de alguma providência, tal como o exorcismo, as sessões mediúnicas, cerimônias de Umbanda ou Candomblé, etc. Às vezes, voltam à atividade de maneira recorrente, isto é, duram algum tempo em efervescência e tornam a cessar, sem motivo ou supostamente devido a providências como as já mencionadas."

.....

"Considerando-se os danos materiais, psíquicos e físicos sofridos pelas pessoas perturbadas pelos poltergeists, chega-se à conclusão de que eles são altamente nocivos e suficientemente agressivos para merecerem a atenção e os cuidados que se aplicam a determinadas pragas predatórias." (**ANDRADE, Hernani Guimarães. "Poltergeist – Algumas de Suas Ocorrências no Brasil"**. 10ª ed., São Paulo: PENSAMENTO, 1994, pp. 4 e 5; 27 a 29: Cap. I).

Nesse quadro fenomenológico, atraem particular atenção duas ocorrências em que a manipulação ectoplásmica desponta com características muito especiais: o *apport* e o *endopport*.

KARDEC, ao estudar o processo mediúnico, já identificava entre as manifestações físicas espontâneas, o que chamou de *fenômeno de transporte*: "trazimento espontâneo de objetos inexistentes no lugar onde estão os observadores." ("**O Livro dos Médiuns**". 61ª ed., FEB, 1995, cit., p. 119, it. 96).

O *apport* refere-se mais a um tipo de ocorrência em que o objeto é transportado para dentro de um recinto fechado – ou, mesmo, introduzido em móveis fechados. É o "transporte de obje-

tos de um local para outro sem efetuar trajetórias normais dentro do nosso espaço físico, aparentando, alguns, a transposição de matéria através da matéria", assinala Guimarães ANDRADE. (**ANDRADE, Hernani Guimarães**. "***Poltergeist...***", 10ª ed., PENSAMENTO, 1994, cit., p. 6).

Esse fenômeno, por suas características peculiares, tem atraído a atenção, desde o século passado, de renomados cientistas e pesquisadores. A respeito, escreve Herculano PIRES:

> "*Uma flor, uma cadeira, uma pedra podem ser transportadas para uma sala totalmente fechada e sem nenhum desvão pelo qual o objeto pudesse passar. William Crookes, que não acreditava nessa possibilidade, desafiou os espíritos a fazerem coisa muito mais simples: baixar o prato de uma balança lacrada de laboratório. Mas, no prosseguimento de suas pesquisas, viu e constatou a veracidade do fenômeno com objetos maiores e muitas vezes bastante pesados, como relata em seu livro Fatos Espíritas. Nas pesquisas atuais da Parapsicologia, esses fenômenos, considerados como de ação direta da mente sobre a matéria, foram e continuam a ser produzidos, como nas experiências de Soal e Carrington, na Universidade de Cambridge, na Inglaterra.*"

> "*As pesquisas de Friedrich Zöllner, na Universidade de Leipzig, sobre apports e fenômenos correlatos, revelaram a possibilidade de interpenetração de corpos estranhos em estruturas materiais fechadas. Zöllner interpretou essa possibilidade, no século passado* [XIX], *como provenientes da multidimensionalidade do real. Fenômenos como os de nós, produzidos em cordas sem pontas, e de introdução de argolas de madeira (inteiriças) em estruturas fechadas, acusando aquecimento intenso das argolas, levaram-no a considerar a ocorrência de atritos na passagem do objeto de uma dimensão para outra.*"

> "*As pesquisas do Barão Von Schrenck-Notzing e de Madame Bisson, em Berlim, provaram que o retorno do ecto-*

> *plasma das materializações ao corpo do médium, se dava por infiltração nos poros da epiderme. As provas atuais de permeabilidade da matéria, pelas descobertas da Física Nuclear, trazem uma contribuição nova para essas tentativas do passado que foram relegadas ao esquecimento durante todo um século. Tornou-se teoricamente possível a introdução de objetos estranhos em corpos fechados, que no século passado* [XIX] *pareciam impossíveis.*" (**PIRES, J. Herculano. "Vampirismo"**. 3ª ed., S. Paulo: PAIDÉIA, 1991, pp. 53, 65 e 66: Caps. VI e VII).

Sugerem alguns textos, como visto, que o fenômeno do *apport* acontece devido à *permeabilidade da matéria*. Todavia, não pode deixar de ser especialmente valorizada a hipótese de que os objetos possam, também, graças ao suporte ectoplásmico, ser desmaterializados e, depois, rematerializados, idéia que, de igual forma, se aplica ao caso de transporte de corpos humanos – que passam de um local para outro sem que se perceba por onde, como assinala J. H. PIRES (**op. cit.**, p. 53) –, em processo que seria necessariamente sustentado pelo perispírito, para o qual, como se sabe, inexistem barreiras físicas.

Tal possibilidade, aliás, é perfeitamente admissível quando se lembra, por exemplo, que uma médium famosa como Elisabeth D'Espérance (Madame D'Espérance), diante de pesquisadores os mais respeitáveis, tinha seu corpo parcialmente desmaterializado e, a seguir, rematerializado, conforme nos dá conta o notável investigador AKSAKOF, em trabalho de grande repercussão, publicado em Leipzig, sob o título *Ein seltsames und belehrendes Phanomen im Gebiete der Materialisation von Alexander N. Aksákof*. (A FEB o publicou sob o título: "Um Caso de Desmaterialização Parcial do Corpo duma Médium". 1900).[9]

---

[9] Registra-se, ultimamente, um interesse crescente em torno de uma explicação efetiva para o fenômeno de ***apport*** – sem deixar de lado, também, algumas construções que existem na Física, sobre o tempo e sua aceleração...

Mas, na verdade, trata-se de um processo cuja intimidade permanece des-

Diante do exposto, é fácil compreender como o *apport* e as ocorrências de *poltergeist* em geral podem crescer em nocividade quando empregados como técnica de obsessão. Espíritos vingativos ou inescrupulosos, aproveitando os recursos ectoplásmicos disponíveis, podem levar suas vítimas a perturbações suscetíveis de comprometer gravemente, até, sua saúde física e mental.

O fenômeno de *endopport*, bem mais complexo, refere-se, geralmente, à introdução de objetos no corpo humano e é especialmente encontrado nos casos de obsessão parasitária.

O estudo dessa importantíssima ocorrência foi, antes, prejudicada pela opinião apressada de psiquiatras despreparados que a consideravam, simplesmente, como produto doentio do propósito de autoflagelação ou exibicionismo: o paciente é que introduziria em suas carnes agulhas, fios de arame, estiletes de madeira, etc., buscando, ele próprio, torturar-se. Tal concepção, evidentemente, só poderia contribuir para o aumento do sofrimento dos obsidiados, sem solução após anos e anos de infrutífero tratamento... Hoje, com os conhecimentos que nos chegam pelas portas do Espiritismo, sabe-se que essa ordem de fenômenos enquadra-se, também, no esquema das técnicas obsessivas, e de efeitos especialmente dolorosos.

As ocorrências de *endopport* variam de acordo com o tipo de operação desenvolvida, a qual envolve diversos fatores, até os de natureza cármica – fundamentais, aliás.

A literatura espírita mostra numerosos casos de *endopport*, cuja realidade restou rigorosamente comprovada.

J. Herculano PIRES, autor dos mais cultos e credenciados,

---

conhecida, ainda que já se saiba que, necessariamente, se relaciona com a disponibilidade ectoplásmica.

O futuro, certamente, desvendando leis por ora ignoradas, dilucidará também esse tema.

em testemunho pessoal, cita, por exemplo, diversos episódios que de perto acompanhou, entre eles, os que se seguem:

"Em nosso grupo de trabalhos espíritas, em São Paulo, apareceu um caso assustador de endopport que foi encaminhado à sessão reservada de tratamento de casos difíceis e ainda se encontra em fase de observação. Uma jovem funcionária de determinada empresa sofre há 14 anos de ocorrência desse fenômeno com pregos, arames e outros objetos que aparecem introduzidos em seu corpo, particularmente nas mãos. Esses objetos são expelidos, mas não raro encravam e necessitam de socorro cirúrgico. Guia automóveis e realiza outros serviços. Expele às vezes pela boca, acompanhado de sangue, pedaços de arame e pregos. Como sempre, só procurou os recursos do Espiritismo depois de haver tentado a solução do problema em outros campos. Tem as mãos deformadas por intervenções cirúrgicas de extração forçada de pregos e arames em posição difícil. Esse caso revelou-nos a necessidade de se encarar de frente, sem preconceitos e sem precipitações, a solução do problema do endopport. É bastante angustiosa a situação das vítimas, que além de suas dores físicas têm de enfrentar as suspeições de seu ambiente familiar, de seu local de trabalho e dos círculos de amizade. É fácil imaginar-se o que sofrem, as dificuldades que enfrentam. A jovem R., desligou-se da família e mora em casa de uma de suas amigas que se apiedou de sua situação. Suas condições psicológicas são naturalmente traumáticas, o que aumenta as dificuldades de seu relacionamento com outras pessoas."

.....

"Pouco depois do aparecimento desse caso, chegou-nos de Indaiatuba, cidade próxima a Itu e Campinas, o pedido do Sr. João Gonçalves para examinarmos o caso – 17 anos de torturas – da Sra. Odila Bertoni, residente naquela cidade e empregada doméstica. O aludido senhor, comerciante, ali estabelecido com loja de fazendas, é também dirigente de um Centro Espírita. Há anos empenhou-se no tratamento do

caso em forma de desobsessão. Pacientemente foi conseguindo abrandar as agressões, melhorando consideravelmente a situação da vítima. A médium, que produz também efeitos físicos diversos, adquiriu confiança nos trabalhos espirituais realizados, adquirindo alguma esperança de cura. O Dr. Ramos, médico da cidade, vem prestando socorros à médium na extração dos objetos encravados em seu corpo. Providenciou chapas radiográficas em que se constatou a presença no corpo da médium de 60 agulhas e pedaços de ferro em menor número. A revista italiana GENTE, muito conhecida entre nós, publicou em seu número de 12 de fevereiro de 1977, ampla reportagem sobre esta ocorrência, com ilustrações fotográficas e reprodução das chapas radiográficas do Dr. Ramos. A Medicina se mostra impotente diante destes casos, limitando-se a verificá-los e, quando possível, a socorrer as vítimas com a extração cirúrgica dos objetos encravados no corpo."
(**PIRES, J. Herculano.** "**Vampirismo**". 3ª ed., PAIDÉIA, 1991, cit., pp. 63 a 65: Cap. VII).

As manifestações de *endopport* comparecem, às vezes, tão insólitas, que chegam a surpreender até os mais experientes pesquisadores.[10] (E há, ainda, relatos de casos que até se tornaram populares, em que além de objetos, organismos vivos teriam sido

[10] Entre as ocorrências singulares que se registram, chama a atenção um tipo de fenômeno que guarda certa semelhança com o de ***endopport***, embora não se relacione com a introdução no corpo de objetos materiais, propriamente. Trata-se da fixação de "artefatos elaborados por ação ideoplástica do obsessor" no perispírito do obsidiado. Tais "aparelhos parasitas", parecendo, às vezes, "minúsculos eletrodos" – detectados pelo médico e pesquisador José Lacerda de AZEVEDO, autor do chamado método de "desobsessão apométrica" –, teriam o potencial de afetar especialmente o sistema nervoso, provocando o surgimento de patologias degenerativas. (**AZEVEDO, José Lacerda.** "**Espírito/Matéria: Novos Horizontes para a Medicina**". 3ª ed., Porto Alegre, 1990, cit., pp. 81 a 85. – **COSTA, Vitor Ronaldo.** "Síndrome dos Aparelhos Parasitas no Sistema Nervoso do Campo Astral". "**Revista Internacional de Espiritismo**". Matão, ag., 1996, pp. 200 a 203).

duos da operação. Nesse estranho processo, é evidente que havia transposição dos resíduos do organismo do paciente operado para o estômago do médium, que os vomitava. A realidade desse fato, em que temos observado em cada operação a evidência de uma dupla ação de endopport, no paciente e no médium, revela-nos a possibilidade da introdução de objetos no corpo de uma pessoa por entidades vampirescas." (**PIRES, J. Herculano, op. cit.**, pp. 55 e 56).

*

PROVOCAÇÃO DE REFLEXOS ANÍMICOS

Entre as técnicas empregadas pelos obsessores, figura o uso de recursos hipnóticos dirigidos à provocação de *reflexos anímicos*, principalmente, no exercício mediúnico.

Em princípio, o termo *animismo*, em Espiritismo, como já visto, sói traduzir a idéia de que o próprio Espírito do médium opera, em estado de transe, independentemente da presença e atuação de um desencarnado. O fenômeno que não se confunde com o mediúnico, propriamente, liga-se a uma espécie de "*dissociação psíquica*", que não só leva à exteriorização de lembranças recalcadas na subconsciência, como pode provocar, também, em casos mais agudos, o ressurgimento, até, de personalidades vividas no pretérito. De outras vezes, o *animismo* pode levar à liberação do próprio ectoplasma, se presentes as condições, com produção de efeitos físicos que acontecem sob o impulso mental semiconsciente ou subconsciente do sujeito.

Um agente obsessor pode aproveitar essa disposição psíquica do médium e levá-lo a perder parcialmente o domínio da mente, fazendo-o mergulhar nos arquivos mnemônicos de suas pretéritas experiências e manifestar-se como se mediunizado estivesse.[11]

---

[11] Embora o termo *animismo* (do lat. ***anima***, alma) seja mais empregado,

Referindo-se a essa propensão ao animismo, aproveitada pelas Inteligências obsessoras, ensina ANDRÉ LUIZ, por Waldo VIEIRA:

> "*Freqüentemente, pessoas encarnadas, nessa modalidade de provação regeneradora, são encontráveis nas reuniões mediúnicas, mergulhadas nos mais complexos estados emotivos, quais se personificassem entidades outras, quando, na realidade, exprimem a si mesmas, a emergirem da subconsciência nos trajes mentais em que se externavam noutras épocas, sob o fascínio constante dos desencarnados que as subjugam.*" (**XAVIER, Francisco Cândido. VIEIRA, Waldo. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Mecanismos da Mediunidade"**. 14ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1995, pp. 165 e 166: Cap. XIII).

Os efeitos da ação obsessiva comprometendo diretamente o equilíbrio funcional dos centros coronário e cerebral e levando o médium a centralizar-se em si mesmo, em preocupações do presente e experiências do passado, bloqueando a possibilidade de manifestação de outro psiquismo que não seja seu, podem comprometer o progresso espiritual do paciente, se ausente o conhecimento, a vigilância e a vontade de melhorar-se, pois bem se sabe que, seguidamente, o animismo, no exercício mediúnico, é estimulado por obsessores inteligentes e tecnicamente preparados, que, também, não só visam a prejudicar o médium, como o próprio grupo mediúnico.

*

---

em Espiritismo, para designar um tipo especial de manifestação psíquica constatável na prática mediúnica, há que se convir que, em seu *sentido amplo*, abrange todas as manifestações da *alma*, ou seja, o psiquismo inteiro. Neste ponto de vista, pode-se então ter que todo processo mediúnico apóia-se no animismo (psiquismo) do médium, preparado para captar ou dar passagem ao pensamento do comunicante, ou facultar sua ação.

Os casos em que o médium, sob a influência de obsessores ou não, revive lembranças, ou provoca efeitos, em regime de relativa lucidez, ou não, dificultando, *substituindo*, ou bloqueando a comunicação mediúnica, caracterizariam o *animismo*, em seu sentido *estrito*.

PROVOCAÇÃO DE EFEITOS SENSITIVOS PARTICULARES

Numerosos registros dão conta, também, da existência de uma técnica de obsessão especialmente perturbadora, que consiste na provocação de *efeitos sensitivos particulares*.

Agentes obsessores, aproveitando-se das potencialidades mediúnicas dos pacientes, provocam-lhes sensações, não só desagradáveis, como, às vezes, até bem dolorosas.

Obras que tratam da mediunidade têm mostrado como chegam a ser comuns, até, casos em que o paciente passa a sentir dores constantes em certa parte do corpo, dando a impressão de que se referem a súbita enfermidade, mas cuja origem surge, afinal, inexplicável.

Tal processo não se restringe à geração de sintomas dolorosos de doenças fantasmas. Acontece muitas vezes, serem ativadas, por meio de ação magnética dirigida aos centros de força do perispírito, faculdades específicas do sensitivo, que então passa a ouvir, por exemplo, ruídos,[12] gargalhadas, vozes estranhas, zombeteiras ou ameaçadoras, como que vindas do exterior ou produzidas dentro do próprio cérebro (uma espécie de "*pensamento sonorizado*", segundo palavras de Francisco C. XAVIER), ou a ver imagens assustadoras, Espíritos revestindo aspectos medonhos, ou, ainda, a sentir incessantes odores nauseabundos, sem que seja definida sua origem.

---

[12] Registram os anais espíritas inúmeras ocorrências desse tipo, muitas delas, apenas servindo de meio de aprimoramento mediúnico. O extraordinário missionário do Espiritismo no Brasil, Cairbar SCHUTEL, por exemplo, participou de um atendimento a um médium perturbado por ruídos incessantes. Constatou-se que lhe havia sido colocada, perto do ouvido, uma corneta. À medida que se realizavam os trabalhos de apoio, foi ela se distanciando, até que, por fim, desapareceu, cessando a importunação. (Conf. "**Correio do ABC**", São Bernardo do Campo, mar., 1999, p. 8. Extraído da obra "**Cairbar Schutel na Intimidade**").

Trata-se, infelizmente, de mais um arsenal de recursos obsessivos, que Inteligências maldosas e bem treinadas utilizam para martirizar suas vítimas – e os que com elas se encontram envolvidos –, por vingança ou por simples vontade de prejudicar, sempre, porém, de acordo com a lei da sintonia mental. (Observe-se, contudo, que, às vezes, embora o móvel nefasto dos obsessores, Espíritos Superiores, buscando aperfeiçoar mediunidades, permitem, enquanto necessário, que esses utilizem tais técnicas, com vistas a resultados de significativo valor didático).

* *

TIPOS DE OBSESSÃO

Os tipos de processo obsessivo variam, praticamente, de acordo com as técnicas empregadas pelos obsessores, podendo, de conformidade com certas características perceptíveis como dominantes, ser catalogados como *Obsessão Ordinária*, *Fascinação*, *Obsessão Simbiótica*, *Obsessão Parasitária* e *Subjugação*.

Trata-se, evidentemente, de uma tentativa, apenas, de classificação, que o tema é dos mais complexos e sabendo-se que, em verdade, por enquanto, só nos foi dado perceber alguns sinais do que acontece em tal domínio.

*

OBSESSÃO ORDINÁRIA

Tipo de ocorrência mais comum, a obsessão ordinária, geralmente, é temporária e seus efeitos podem não ser, relativamente, tão danosos como nos demais casos. Pode surgir como *Influenciação Sutil* ou como *Influenciação Ostensiva*.

INFLUENCIAÇÃO SUTIL – É a mais freqüente, embora não menos perigosa. Geralmente, suas causas não são, propriamente,

de natureza cármica, a dizer, não têm raízes no pretérito; seus efeitos, porém, podem ser tão nefastos como os ocorrentes nos demais casos.

Caracteriza-se esse tipo de influenciação por uma ação mental discreta e persistente sobre o paciente, quase sempre a distância, em seus começos, crescendo em intensidade à medida que suas resistências vão sendo minadas. Pode, por isso, tornar-se muito perigosa se ausente a autovigilância, porque serve ao desenvolvimento de processos mais avançados de obsessão. Começa como mera insinuação mental e, conforme a passividade oferecida, pode transformar-se em forma disfarçada de domínio, cujas repercussões psicofísicas soem ser geralmente danosas.

A respeito, leciona ANDRÉ LUIZ, por intermédio de Waldo VIEIRA: "Sempre que você experimente um estado de espírito tendente ao derrotismo, perdurando há várias horas, sem causa orgânica ou moral de destaque, avente a hipótese de uma influenciação espiritual sutil. Seja claro consigo para auxiliar os Mentores Espirituais a socorrer você. Essa é a verdadeira ocasião da humildade, da prece, do passe." (**XAVIER, Francisco Cândido. VIEIRA, Waldo. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Estude e Viva"**. 7ª ed., FEB, 1993, cit., p. 202: Cap. 35).

Cita o referido Autor outros sintomas que podem sugerir a existência dessa influenciação sutil, entre eles, a indisposição para orar, tristeza inexplicável, "pessimismos sub-reptícios", "exageros de sensibilidade e aptidão a condenar quem não tem culpa", "hiperemotividade ou depressão raiando na iminência do pranto".

Tais manifestações, segundo o renomado Instrutor Espiritual, refletem sempre "acompanhamentos discretos e eventuais por parte do desencarnado e imperceptíveis ao encarnado pela finura do processo". (**Id. Ib.**, p. 203).

A influenciação sutil pode ser *Voluntária* ou *Involuntária*.

Quando *Voluntária*, exercida, pois, geralmente de forma consciente, a ocorrência, quase sempre, "é preparada com antecedência e meticulosidade, às vezes, dias e semanas antes do sorrateiro assalto..." (**Id. Ib.**, p. 203).

Na influenciação *Involuntária*, o obsessor atua inconscientemente sobre o obsidiado, contaminando-o sem o desejar, com suas idéias e sensações.

Às vezes, até, essa ação prejudicial acontece quando o Espírito busca a companhia dos encarnados que lhe são caros. Seguidamente, porém, é levado a servir, sem o saber, a indignos propósitos de almas maldosas, que abusam de seu estado de perturbação.

Esse tipo de obsessão, que pode parecer simples e superficial, tem, entretanto, condições de gerar, no tempo, disfunções perispiríticas que acabam por afetar o psiquismo do paciente, quebrando seu equilíbrio orgânico. Daí, o cuidado que deve merecer.

INFLUENCIAÇÃO OSTENSIVA – A influenciação de caráter obsessivo pode ultrapassar as fronteiras da traiçoeira discrição e fazer-se sentir, ostensivamente e de várias formas, tanto *no exercício da mediunidade*, propriamente, como *fora dele* – ainda que, quase sempre, guardando relação com potenciais medianímicos.

No Exercício Mediúnico – A influenciação ostensiva no exercício da mediunidade é fato dos mais comuns e pode, também, servir significativamente ao aprendizado do médium.

Allan KARDEC, tratando especificamente da obsessão na mediunidade, como já referido, catalogou três tipos de ocorrência: *obsessão simples*, *fascinação* e *subjugação*.

O caso em foco corresponde, precisamente, à obsessão simples. Esclarece o Codificador, com sua extraordinária nitidez de raciocínio, que ela ocorre "quando um Espírito malfazejo se impõe a um médium, se imiscui, a seu mau grado, nas comunica-

ções que ele recebe, o impede de se comunicar com outros Espíritos e se apresenta em lugar dos que são evocados".

E, ainda: "Na obsessão simples o médium sabe muito bem que se acha presa de um Espírito mentiroso e este não se disfarça; de nenhuma forma dissimula suas más intenções e o seu propósito de contrariar. O médium reconhece sem dificuldade a felonia e, como se mantém em guarda, raramente é enganado. Este gênero de obsessão é, portanto, apenas desagradável e não tem outro inconveniente, além do de opor obstáculo às comunicações que se desejara receber de Espíritos sérios, ou dos afeiçoados." (**KARDEC, Allan. "O Livro dos Médiuns"**. 61ª ed., FEB, 1995, cit., p. 307: Cap. XXIII, 2ª P., it. 238).

Fora do Exercício Mediúnico – No capítulo da influenciação ostensiva fora do exercício mediúnico regular – o que não significa, como já apontado, que não haja o aproveitamento de recursos que estejam ligados a faculdades medianímicas –, registram-se ocorrências em que a ação dos agentes obsessivos pode surgir acompanhada de (**a**) *Manifestações Físicas* de várias espécies (*poltergeist*, *apport*), resultantes da manipulação do ectoplasma fornecido pelo próprio paciente. (KARDEC denominou tais eventos de "casos de obsessão física", incluindo-os na categoria de obsessão simples – **op.** e **p. cits.**).

Outras vezes, como já referido quando do exame das técnicas obsessivas (*Provocação de Efeitos Sensitivos Particulares*), essas manifestações apresentam caráter mais subjetivo, aparecendo na forma de (**b**) *Efeitos Sensitivos Especiais* (sons, imagens, sensações), os quais, embora temporários, podem causar dores e mal-estares.

A propósito, depoimento memorável do célebre médium brasileiro, Francisco Cândido XAVIER, em entrevista a Geraldo Lemos Neto (out., 1991), relatando experiência pessoal que teve no passado, ilustra magnificamente esse tema:

" (...) *Desta vez, não só ouvíamos o barulho característico da labirintite, como também registramos a voz nítida dos espíritos inimigos da Causa Espírita Cristã, perturbando-nos a tranqüilidade interior. Essa presença de espíritos infelizes, desde então, tem sido uma constante. Ouvimos-lhe diariamente os ataques à Mensagem Cristã e à Doutrina Espírita; as sugestões desagradáveis; as induções ao desequilíbrio; os sarcasmos em relação aos episódios por nós vividos no decorrer desta existência; as alusões ferinas às ocorrências menos dignas de nossos círculos doutrinários; as calúnias em relação a fatos conhecidos por nós; e até maledicências dirigidas ao nosso círculo de amizades. Tudo isso de forma tal que nos sentimos tolhidos na liberdade de pensar.*

Nossos Amigos Espirituais classificam este tipo de atuação como sendo ***pensamentos sonorizados*** *dos obsessores em nós mesmos. Dr. Bezerra de Menezes nos recomendou muita calma em relação ao assunto, incentivando-nos, inclusi-ve, a conversar com esses irmãos infelizes pelo pensamento, mostrando-lhes o ângulo de visão que nos é próprio e rogan-do-lhes paciência e compreensão para as nossas atividades mediúnicas.*" (Cf. **NOBRE, Marlene Rossi Severino. "Lições de Sabedoria"**. São Paulo: FE Editora Jorn., 1996, cit., p. 140: Cap. XIV).

*

FASCINAÇÃO

Tipo mais grave de obsessão, a fascinação é, basicamente, uma ilusão produzida na mente do paciente pela ação direta do agente obsessor. Utilizando técnicas telepáticas e, em casos mais graves, hipnóticas, o obsessor passa a dominar o pensamento da vítima com sugestões de grandeza que, agasalhadas por seu orgulho, podem levá-la, até, à própria desestabilização psíquica.

Tal processo pode também ocorrer tanto *no exercício da mediunidade*, como *fora dele*.

NO EXERCÍCIO MEDIÚNICO – KARDEC analisou de perto a fascinação na mediunidade e deixou balizas tão seguras a respeito que, século e meio depois, permanecem intocáveis. "O médium fascinado", ensina o Codificador, "não acredita que o estejam enganando: o Espírito tem a arte de lhe inspirar confiança cega, que o impede de ver o embuste e de compreender o absurdo do que escreve, ainda quando esse absurdo salte aos olhos de toda gente. A ilusão pode mesmo ir até ao ponto de o fazer achar sublime a linguagem mais ridícula." (**KARDEC, Allan. "O Livro dos Médiuns"**. 61ª ed., FEB, cit., p. 308, it. 239).

Os efeitos tristes de tal atuação podem comprometer seriamente o futuro do médium.

Efetivamente, como ensina KARDEC, "graças à ilusão que dela decorre, o Espírito conduz o indivíduo de quem ele chegou a apoderar-se, como faria com um cego, e pode levá-lo a aceitar as doutrinas mais estranhas, as teorias mais falsas, como se fossem a única expressão da verdade. Ainda mais, pode levá-lo a situações ridículas, comprometedoras e até perigosas".

Para atingir seu objetivo – elucida, ainda, KARDEC –, o obsessor usa a máscara da virtude para fazer-se acolhido. "Os grandes termos – caridade, humildade, amor de Deus – lhe servem como que de carta de crédito, porém, através de tudo isso, deixa passar sinais de inferioridade, que só o *fascinado* é incapaz de perceber. Por isso mesmo, o que o fascinador mais teme são as pessoas que vêem claro. Daí o consistir a sua tática, quase sempre, em inspirar ao seu intérprete o afastamento de quem quer que lhe possa abrir os olhos." (**Id. Ib.**, p. 308).

*

FORA DO EXERCÍCIO MEDIÚNICO – A fascinação acontece, também e seguidamente, fora da prática mediúnica, desde que presente a sintonia derivada da afinidade.

Agentes obsessores, apoiados na vaidade da vítima, insuflam-lhe pensamentos de pseudo-sabedoria, ou falso poder, levando-a, também, a situações perigosamente ridículas. Esse tipo de obsessão, aliás, envolve pessoas de todos os graus de cultura. "Fora erro acreditar que a este gênero de obsessão só estão sujeitas as pessoas simples, ignorantes e baldas de senso", salienta KARDEC, referindo-se à fascinação na mediunidade, em lição que também aqui se aplica. "Dela não se acham isentos nem os homens de mais espírito, os mais instruídos e os mais inteligentes sob outros aspectos, o que prova que tal aberração é efeito de uma causa estranha, cuja influência eles sofrem", sublinha o mestre de Lyon. (**Id. Ib.**, p. cit., it. 239).

*

OBSESSÃO SIMBIÓTICA

O processo simbiótico, em si, é marcado pela dependência recíproca dos seres envolvidos, os quais, em regime de trocas, desenvolvem um tipo de associação que tanto pode ser útil ou não, como sobejam exemplos no reino vegetal.

Na dimensão hominal, com o desenvolvimento do pensamento contínuo, tal processo surge mais especializado e sensível: as trocas já são, sobretudo, de natureza mental, envolvendo conteúdos cuja complexidade guarda proporção com as diferenças evolutivas individuais. (ANDRÉ LUIZ, por Francisco C. XAVIER, designa essas operações de permuta de forças psíquicas, como sendo de *mentossíntese*, "porque baseadas na troca de fluidos mentais multiformes, através dos quais emite as próprias idéias e radiações, assimilando as radiações e idéias alheias." – V. **XAVIER, Francisco Cândido. VIEIRA, Waldo. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Evolução em Dois Mundos"**. 13ª ed., FEB, 1993, cit., p. 104: Cap. XIV).

A simbiose entre os Espíritos, principalmente entre desencarnados e encarnados, é, infelizmente, ocorrência comum, aglutinando almas fracas, amedrontadas, ignorantes ou egoístas a outras, também carentes ou desprevenidas, em processo que não só resulta em atraso na evolução, como pode produzir conseqüências significativamente danosas para as partes, tendo-se em vista que é suscetível de chegar a um estado de *soldadura perispirítica*, gravemente comprometedor.

O processo obsessivo simbiótico é dos mais perniciosos e também de mais difícil solução, devido à interdependência psíquica que se estabelece entre as mentes envolvidas, em regime de franca adesão e cumplicidade.

"Temos acompanhado casos" – assinala ODILON FERNANDES, pela mediunidade de Carlos A. BACELLI – "nos quais obsessor e obsidiado permanecem tão interligados no processo simbiótico a uni-los, que não suportam a separação, à maneira de xifópagos, que renascem com este ou aquele órgão em comum". (**BACELLI, Carlos A. ODILON FERNANDES, Espírito. "Mediunidade e Obsessão"**. Votuporanga, SP: DIDIER, 1996, cit., p. 63).

Trata-se, como se vê, de uma relação sintônica, a configurar intrincado processo de interdependência, de mútua adesão, que algumas vezes mais parece uma espécie de "obsessão recíproca", como a denominam alguns autores.[13]

Esses dramas obsessivos, na maioria das vezes, como mostram os inúmeros relatos presentes na literatura espírita, só se resolvem pela reencarnação conjunta.

*

[13] ANDRÉ LUIZ cataloga os casos em que os obsessos passam a reclamar a presença dos obsessores, depois de afastados, como "***perseguição recíproca***". (Cf. **XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Nos Domínios da Mediunidade"**. 22ª ed., FEB, 1994, cit., pp. 132 e 133: Cap. 14).

OBSESSÃO PARASITÁRIA

Assim como parasitos agridem o hospedeiro, nos reinos vegetal e animal, absorvendo-lhe a vitalidade e vivendo à sua custa, almas enfermas, aproveitando-se das condições parasitogênicas que as qualidades morais de pacientes invigilantes propiciam, podem justapor-se aos seus perispíritos, sugando-lhes as energias, infectando-os com seus miasmas e alterando-lhes, seriamente, o equilíbrio fisiológico e mental.

Nesse processo, especifica ANDRÉ LUIZ, por Francisco C. XAVIER, o obsessor liga-se à vítima "através do veículo perispiritico, na região cerebral, dominando a complicada rede de estímulos nervosos e influenciando os centros metabólicos, com o que lhe altera profundamente a paisagem orgânica". (V. **XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Entre a Terra e o Céu"**. 16ª ed., FEB, 1995, cit., p. 19: Cap. III).

Buscando analogia nos reinos inferiores da natureza, onde os parasitas são classificados em *ectoparasitas* (com ação limitada às zonas de superfície) e *endoparasitas* (alojados na intimidade do corpo do hospedeiro), ANDRÉ LUIZ, pela mediunidade de Waldo VIEIRA, compara os agentes do vampirismo espiritual a esses seres:[14]

> *"Alguns, como os ectoparasitas temporários, procedem à semelhança dos mosquitos e dos ácaros, absorvendo as emanações vitais dos encarnados que com eles se harmonizam, aqui e ali; mas outros muitos, quais endoparasitas conscientes, após se inteirarem dos pontos vulneráveis de suas vítimas, segregam sobre elas determinados produtos, filiados*

[14] "Vampiro" – assinala ANDRÉ LUIZ – "é toda entidade ociosa que se vale, indebitamente, das possibilidades alheias." (V. **XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Missionários da Luz"**. 25ª ed., FEB, 1994, cit., p. 36: Cap. 4).

ao quimismo do Espírito, e que podemos nomear como simpatinas e aglutininas mentais, produtos esses que, sub-repticiamente, lhes modificam a essência dos próprios pensamentos a verterem, contínuos, dos fulcros energéticos do tálamo, no diencéfalo." (**XAVIER, Francisco Cândido. VIEIRA, Waldo. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Evolução em Dois Mundos".** 13ª ed., FEB, 1993, cit., p. 116: Cap. XV).

Assim, pois, como o parasito, entre os vegetais e animais, pode atuar na superfície do hospedeiro, a parasitose, na dimensão espiritual, pode manifestar-se sem chegar a causar danos que se digam irreversíveis (as próprias ocorrências de *endopport* são transitórias e resolúveis), ou em profundidade, a dizer, já afetando gravemente o perispírito, suas funções e a delicada tessitura (parasitose espiritual aguda), com a conseqüente derrocada do equilíbrio fisiológico, compreendendo-se que os fatores responsáveis pelos dois tipos de manifestação têm raízes, sempre, no pensamento desgovernado do próprio obsidiado.

O vampirismo espiritual oferece à análise diversos aspectos, acontecendo não só entre desencarnados e encarnados, como entre os próprios desencarnados. No primeiro caso, poderia ser catalogado como *vampirismo psicofísico*; no segundo, como *vampirismo mental*, propriamente.

VAMPIRISMO PSICOFÍSICO – Na ocorrência do vampirismo entre desencarnados e encarnados, a ação mental dos obsessores produz efeitos que, naturalmente, repercutem no organismo físico. Seria o *vampirismo psicofísico*, propriamente, às vezes de constatação mais fácil, como, por exemplo, acontece nas contaminações fluídicas que levam o obsidiado à dipsomania, à toxicomania e tantos outros vícios que corroem o moral e as resistências físicas.

VAMPIRISMO MENTAL – Processo obsessivo de efeitos sumamente nocivos, se persistente, e que acontece só no domínio psíquico, entre desencarnados, o *vampirismo mental* designaria o

tipo de interação que se desenvolve pela justaposição de um Espírito em processo de monoideísmo, provocado ou não, ao perispírito de outro que, por suas qualidades morais, lhe oferece sintonia.

Um outro aspecto a considerar é que o vampirismo, tanto *psicofísico*, quanto *mental*, acontece, seguidamente, graças à atuação voluntária do agente: é o *Vampirismo Consciente*.

Vezes existem, porém, em que ele ocorre involuntariamente, a dizer, sem que o agente responsável queira ou sequer tenha consciência do que sucede, configurando, então, o chamado *Vampirismo Inconsciente*.

Neste caso, de vampirismo *inconsciente*, como já anteriormente anotado, verifica-se uma espécie de transfusão de energia vital do paciente para o agente, sem que chegue a haver uma percepção nítida da ocorrência por parte daquele. A vítima apenas sente, na presença do vampirizador inconsciente, exaurirem-se pouco a pouco suas forças, sem comumente atinar com as causas. E são bem numerosos os casos averiguados por pesquisadores reputados, comprovando-se que essa transfusão de energia acontece segundo princípios que podem ser comparados aos que informam o processo dos vasos comunicantes, em que as alturas das colunas líquidas tendem a equalizar-se.

Compreende-se que o vampirismo *inconsciente*, embora possa produzir efeitos nefastos, se persistente, não chega a causar danos tão significativos como os resultantes do vampirismo *consciente*, em que a ação deliberada do obsessor pode afetar intimamente os centros perispiríticos da vítima, corroendo-lhe perigosamente as resistências psíquicas e o equilíbrio neuroendócrino, se encarnada, terminando por comprometer-lhe, afinal, a própria existência física.

O renomado médico e benfeitor espiritual, FRANCISCO DE MENEZES DIAS DA CRUZ, pela mediunidade de Francisco C.

XAVIER, dita precioso ensinamento a respeito:

> *"Justapõem-se à aura das criaturas que lhes oferecem passividade e, sugando-lhes as energias, senhoreiam-lhes as zonas motoras e sensórias, inclusive os centros cerebrais, em que o espírito conserva as suas conquistas de linguagem e sensibilidade, memória e percepção, dominando-as à maneira do artista que controla as teclas de um piano, criando, assim, no instrumento corpóreo dos obsessos, as doenças-fantasmas de todos os tipos que, em se alongando no tempo, operam a degenerescência dos tecidos orgânicos, estabelecendo o império de moléstias reais, que persistem até à morte.*
>
> *Nesse quadro de enfermidades imaginárias, com possibilidades virtuais de concretização e manifestação, encontramos todos os sintomas catalogados na patogenia comum, da simples neurastenia à loucura complexa e do distúrbio gástrico habitual à raríssima afemia estudada por Broca."* (**XAVIER, Francisco Cândido. FRANCISCO DE MENEZES DIAS DA CRUZ, Espírito. "Instruções Psicofônicas"**. 6ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1991, p. 228: Cap. 51).

Esse tipo de obsessão, aliás, por se tornar cada vez mais comum, comparece, hoje, como tema dos mais sérios. "O vampirismo transformou-se na endemia planetária que cresce e se alastra mais rápida que o tempo", observa J. Herculano PIRES, assinalando que "Kardec diagnosticou com segurança o estado patológico do mundo e receitou o remédio certo: ampliação dos conhecimentos humanos para favorecer a ajuda espiritual das entidades protetoras do planeta." (**PIRES, J. Herculano**. "**Vampirismo**". 3ª ed., PAIDÉIA, 1991, cit., p. 92: Cap. X).

Anote-se, por fim, que o vampirismo *consciente* ou *inconsciente*, é comum tanto entre desencarnados e encarnados, como entre os encarnados e, até, entre os próprios desencarnados.

*

SUBJUGAÇÃO

O processo mais avançado de obsessão é a *subjugação*, marcado, já, por um domínio especialmente acentuado do paciente. Ensina KARDEC: "A subjugação é uma constrição que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir a seu mau grado. Numa palavra: o paciente fica sob um verdadeiro *jugo*." (**KARDEC, Allan**. "**O Livro dos Médiuns**". 61ª ed., FEB, 1995, ref., p. 309: Cap. XXXIII, it. 240).

Apresenta-se a subjugação sob várias formas. Basicamente, é possível admitir que ela pode se manifestar como uma severa *Constrição Psiconervosa*, como *Vampirismo Agudo* ou como *Possessão*.

CONSTRIÇÃO PSICONERVOSA – Sob tal domínio, o paciente é levado a um estranho e absurdo comportamento mental e físico, que em nada corresponde à sua normal maneira de ser.

O Espírito, atuando sobre os centros coronário e cerebral do obsidiado, subjuga seu pensamento, provocando, também, simultaneamente ou não, mediante ação sobre outros centros perispiríticos, relacionados com plexos nervosos específicos, reações que podem envolver diversos tipos de atividade motora ou postura física.

O Codificador, analisando essa espécie de ocorrência, particularmente entre os médiuns, definiu dois tipos de manifestação: "*Subjugação Moral*" e "*Subjugação Corporal*". Na primeira, como se privado de seu senso crítico, o subjugado é constrangido a tomar resoluções ou atitudes "muitas vezes absurdas e comprometedoras". Na segunda, o obsessor "atua sobre os órgãos materiais provocando movimentos involuntários", levando à prática incon-trolável de atos ridículos ou tomada de posturas de todo lamentáveis. (**KARDEC, Allan. Op. cit.**, p. 309, it. 240).

Qualquer pessoa que detenha faculdades mediúnicas que favoreçam esse tipo de domínio obsessivo, pode, se invigilante, tor-

nar-se um subjugado. KARDEC, a propósito, cita o exemplo de um médium escrevente, no qual a subjugação se traduzia "por uma necessidade incessante de escrever, ainda nos momentos menos oportunos", relatando, ainda, que observara alguns subjugados que, à falta de pena ou lápis, simulavam escrever com o dedo, onde quer que se encontrassem, mesmo nas ruas, nas portas, nas paredes, e acrescentando:

> *"Vai, às vezes, mais longe a subjugação corporal; pode levar aos mais ridículos atos. Conhecemos um homem, que não era jovem, nem belo e que, sob o império de uma obsessão dessa natureza, se via constrangido, por uma força irresistível, a pôr-se de joelhos diante de uma moça a cujo respeito nenhuma pretensão nutria e pedi-la em casamento. Outras vezes, sentia nas costas e nos jarretes uma pressão enérgica, que o forçava, não obstante a resistência que lhe opunha, a se ajoelhar e beijar o chão nos lugares públicos e em presença da multidão. Esse homem passava por louco entre as pessoas de suas relações; estamos, porém, convencidos de que absolutamente não o era; porquanto tinha consciência plena do ridículo do que fazia contra a sua vontade e com isso sofria horrivelmente."* (**Id. Ib.**, p. 309, item 240).

Esse tipo de subjugação, em que a justaposição perispirítica e os efeitos magnéticos e telepáticos – ou hipnóticos – aparecem bem visíveis, embora temporária e, às vezes, intermitentemente, pode persistir, por um bom tempo, se ausentes as necessárias providências espirituais.

VAMPIRISMO AGUDO – O parasitismo espiritual, que encontra no vampirismo a sua expressão, pode deixar de significar um processo (imperceptível, às vezes) de sucção de energias alheias, no qual, o agente nem sempre tem consciência do que acontece, para apresentar-se como uma espécie – mais triste e degradante, ainda – de *Vampirismo Agudo* ou *subjugante*, em que o obsessor, absorvendo a vitalidade do paciente, impõe-lhe, ainda, o pleno domínio de sua vontade – se bem que, às vezes, essa im-



Subjugação

posição do obsessor, paradoxal e surpreendentemente, acontece com a adesão do paciente, numa espécie de "*vampirismo consentido*", em processo semelhante ao simbiótico, mas configurando um quadro obsessivo dos mais avassaladores.[15]

POSSESSÃO – Esse tipo de subjugação – raro, felizmente – comparece como a mais funesta das formas de obsessão.[16]

Nesse processo, jungido, por afinidade espiritual, ao perispírito do paciente, o Espírito domina-lhe as funções, assenhoreando-se, de conseqüência, de suas faculdades psíquicas e estruturas nervosas, capacitando-se, assim, ao estreito controle orgânico do subjugado, ao mesmo tempo que neutraliza sua vontade para melhor absorver seus recursos vitais.

"À subjugação, quando no paroxismo, é que vulgarmente dão o nome de *possessão*", analisa KARDEC, observando, a propósito, que, muitas vezes, o paciente, surpreendentemente, chega a ter consciência "de que o que faz é ridículo, mas é forçado a fazê-lo, tal como se um homem mais vigoroso do que ele o obrigasse a mover, contra a vontade, os braços, as pernas e a língua." (**KARDEC, Allan**. "**Obras Póstumas**". 26ª ed., Rio de Janeiro: FEB, cit., 1993, p. 68).

A possessão, todavia, assinala o Codificador, "é sempre temporária e intermitente, porque um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um encarnado, pela razão de que a união molecular do perispírito e do corpo só se pode operar no momento da concepção." (**KARDEC, Allan**. "**A Gênese**". 36ª ed., FEB, 1995, cit., p. 306: Cap. XIV, it. 47).

---

[15] ANDRÉ LUIZ, relatando um caso de vampirismo sexual, em que o paciente "se deixava prazerosamente senhorear" pelo obsessor – no desejo, ambos, de possuírem sexualmente, a filha adotiva daquele –, designa tal tipo de ocorrência como "***possessão partilhada***". (**XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Sexo e Destino"**. 18ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 82: Cap. VIII).

[16] "**O Livro dos Espíritos**", itens 473 a 480: Cap. IX, Livro Segundo.

Nesse tipo de obsessão, verifica-se o mais alto grau de constrangimento que um Espírito pode impor ao obsidiado. Manifesta-se de diversas formas: desde aquelas em que o Espírito se apossa provisoriamente das faculdades psíquicas do paciente, em processo que, embora seguidamente marcado pela violência, cenas terrificantes e indignidades, não chega, propriamente, a causar dano maior à integridade psicofísica do obsidiado, ou os casos em que esse tipo de fenômeno pode acontecer, até coletivamente, como, por exemplo, mostra o já citado episódio dos "*possessos de Morzine*", famoso caso de *infestação obsessiva*, estudado por KARDEC (V. **KARDEC, Allan. "Obsessão"**. 5ª ed., CLARIM, 1993, cit., pp. 161 e segs., e "***Revue Spirite***", 1862 a 1864), até as gravíssimas ocorrências catalogadas pela medicina como casos de *epilepsia essencial*, a traduzirem, muitas vezes, como descreve ANDRÉ LUIZ, situações de possessão completa, a configurarem, certamente, os mais graves casos de obsessão.

É que, envolvendo mentes desequilibradas presas "às teias de ódio recíproco", em doloroso processo marcado pelo "bombardeio de emissões magnéticas de natureza tóxica", por parte do perseguidor, e afetando, por via do perispírito, as células do córtex, os centros motores, as camadas mais profundas do cerebelo, provoca "estranhas transformações nos neurônios", inibindo totalmente "o delicado aparelho encefálico", desorganizando os centros da memória e da fala, "perturbando as vias de equilíbrio", "destrambelhando a tensão muscular" e determinando, enfim, as convulsões, "nas quais o corpo físico, prostrado, vencido, mais se assemelha à embarcação repentinamente à matroca." (V. **XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "No Mundo Maior"**. 20ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1995, pp. 116 e 118: Cap. 8 – **Id. "Nos Domínios da Mediunidade"**. 22ª ed., FEB, 1994, cit., pp. 79 e 80).

Ressalta à evidência que, embora respeitáveis os esforços e os recursos terapêuticos empregados pela medicina atual, tipos de obsessão como esses, capazes de produzir lesões perispiríticas da mais alta gravidade, só encontram solução efetiva com o ampa-

ro de uma terapia que leve em conta, sobretudo, a realidade espiritual. "O que se depreende dos ensinamentos" – escreve a conceituada médica e pesquisadora Marlene R. S. NOBRE – "é que a psiquiatria iluminada, que coloca o Espírito imortal como centro das doenças, aconselha, no caso de lesões perispiríticas, que se remonte à origem das perturbações, não a golpes simplesmente verbalísticos, mas socorrendo os doentes com a força da fraternidade e do amor, a fim de que tenham forças de modificarem-se, reajustando as próprias forças..." (**NOBRE, Marlene R. S. "A Obsessão e Suas Máscaras"**. São Paulo: FE Edit. Jorn., 1997, cit., p. 112: Cap. 12).

E a contribuição do Espiritismo nesse campo – em todos os tipos de obsessão –[17] surge realmente decisiva: compreendendo a reencarnação, a lei de causa e efeito e o significado da vivência evangélica, a realidade, enfim, de que estamos todos "subordina-

---

[17] Referem-se alguns autores a outros tipos de obsessão, como *obsessão anímica* e *auto-obsessão*, categorias não incluídas no esquema aqui proposto. É que, quanto à *obsessão anímica*, se a expressão pretende designar o que ocorre na prática mediúnica – no caso, sem a intervenção direta ou indireta de um Espírito –, o processo não configuraria tecnicamente o fenômeno da obsessão. De outro lado, como já referido (V. nota à p. 423), o termo *animismo*, em seu sentido amplo e etimológico, designa todo e qualquer tipo de expressão da alma, a dizer: toda manifestação psíquica é anímica.

Com relação à chamada *auto-obsessão*, admite-se que se trata de expressão também tecnicamente imprópria, pois, segundo o entendimento clássico, obsessão, em Espiritismo, significa a atuação ou o domínio que um ou mais Espíritos *exercem sobre outro(s)*.

O uso esporádico dessa expressão pelo Codificador (p. ex., "**Obras Póstumas**". 26ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1993, p. 72, it. 58) tem, claramente, sentido figurado: "*As contrariedades que de ordinário cada um concentra em si mesmo, principalmente os desgostos amorosos, dão lugar, com freqüência, a atos excêntricos, que fora errôneo considerar-se fruto da obsessão. O homem não raramente é o obsessor de si mesmo.*" (Grifado)

Aliás, o conceito que KARDEC constrói nessa mesma obra mostra bem a sua posição, na época:

"A obsessão consiste no domínio que os maus Espíritos assumem sobre certas pessoas, com o objetivo de as escravizar e submeter à vontade deles, pelo prazer que experimentam em fazer o mal." (**KARDEC, Allan. Op. cit.**, it. 56, p. 67: 1ª Parte. "**Da Obsessão e da Possessão**". Trad. Guillon Ribeiro).

dos a indefectíveis leis morais", como lembra DIAS DA CRUZ ("**Instruções Psicofônicas**". 6ª ed., FEB, 1991, cit., p. 229), psiquiatras, psicólogos e pacientes poderão encontrar recursos de cura acentuadamente superiores aos oferecidos pelas baterias químicas, de efeito quase sempre paliativo.

* *

FASES DO PROCESSO OBSESSIVO

O estudo da ação obsessiva sugere a existência nítida de momentos diversos no processo de atuação dos desencarnados sobre os encarnados – e, eventualmente, dos desencarnados sobre outros, suscetíveis à sua influenciação.

Nessa direção podem ser detectadas as seguintes fases: de *Insinuação*, *Assédio*, *Conexão Mental* e de *Domínio*.

*

INSINUAÇÃO

No processo obsessivo planejado, o agente busca atrair a sintonia do paciente, projetando, sutilmente e quase sempre a distância, idéias e imagens, que, pouco a pouco, passam a ser recepcionadas por este, se tais as condições propiciadas pela afinidade, associada à invigilância. É o momento que pode ser qualificado como de *insinuação* espiritual maligna e que, pela sagacidade do perseguidor, dificilmente é detectada pela maioria dos moralmente adormecidos, que somos nós, renitentes aprendizes do Evangelho na escola Terra.

Surge, assim, a insinuação como a ponte de acesso à mente do paciente, o qual, presente a receptividade, poderá ficar sujeito, a partir daí, a avanços obsidiantes mais significativos, em que a atuação do perseguidor, por aproximação e, até, por justaposição,

pode levar a efeitos psicofísicos devastadores.

Como o incêndio destruidor começa com a primeira labareda mal atendida, os mais tristes processos obsessivos, na maioria das vezes, iniciam-se pela insinuação ardilosa de inteligências nuas de amor, que não titubeam em usar a telepatia, o hipnotismo, o magnetismo, para invadir o sagrado território mental de irmãos seus, desprevenidos no serviço de autovigilância. Sempre atual, pois, a advertência de JESUS: "**Vigiai e Orai**" (**Marcos**, 14:38).

*

ASSÉDIO

Resultados favoráveis, decorrentes do esforço de insinuação, levam o perseguidor, geralmente, a um cerco mental mais insistente: é o *assédio* obsessivo, cujos efeitos passam logo a ser notados, como, por exemplo, mudanças perigosas de atitudes, pensamentos, às vezes, desordenados, falhas de memória, falta de concentração, cansaço físico e mental, sintomas diversos sem causa aparente, etc.

Analisando as conseqüências do *assédio*, Celina FIORAVANTI assim as descreve:

> "*Junto com as falhas de memória, ocorrem outros problemas mentais, como a falta de concentração, a dispersão dos pensamentos. Todos os processos mentais se tornam pouco estáveis, gerando falta de atenção, dificuldade de aprendizado, pouca compreensão de assuntos subjetivos e problemas para realizar operações que exigem clareza de raciocínio, como cálculos.*
>
> *Sintomas de doenças, nas quais o médico não consegue detectar uma causa, como febres, vômitos, dores de cabeça, aceleração dos batimentos cardíacos, cãimbras, podem indicar assédio. As características destas situações é que elas surgem inesperadamente e podem desaparecer por comple-*

to, de forma súbita, deixando a pessoa com a sensação de estar exausta.

Outra maneira de se perceber um assédio é a manifestação de muita ansiedade. Essa ansiedade tem como característica o manifestar-se subitamente, dando a impressão de que a pessoa está ansiosa por sair de onde está, pois nada tem a fazer ali. Por exemplo, um empregado que deve ficar na sua mesa trabalhando, de repente sai do escritório sem sequer avisar seu superior. Quando volta, não recorda onde foi nem o que fez, parece confuso e cansado." (**FIORAVANTI, Celina. "Causas Espirituais da Depressão"**. S. Paulo: PENSAMENTO, 1995, p. 42).

Tais efeitos já refletem um princípio de desestabilização das funções perispiríticas, perturbado o comando dos centros coronário e cerebral, principalmente sob a ação deletéria dos agentes obsessores.

Importante anotar, aqui, que se a *insinuação* reflete uma ação consciente por parte do obsessor, podendo servir de degrau ao *assédio* ostensivo, propriamente, este também pode acontecer, desde logo; notadamente, em casos de ação involuntária ou não premeditada – muito comum, aliás –, em que o obsessor mergulhado em sofrimento, nem chega bem a se dar conta do que acontece. A respeito, escreve Suely C. SCHUBERT:

"*Nem sempre* (...) *a ação do obsessor é fria e calculista. Nem sempre ele age com premeditação e com requintes de crueldade. Há obsessões, sim, que apresentam estas características, mas nem todas. Existem aquelas outras em que o algoz atua como que enlouquecido pela dor, pela angústia e sofrimentos. Não tem condições de raciocinar com clareza e sofre até mais que o obsidiado. Sua ação é desordenada, irrefletida e ele sabe apenas que deve ou tem de pedir contas ou se vingar daquele que o tornou infeliz. Não tem noção de tempo, de lugar, às vezes, esqueceu-se do próprio nome, ensandecido pelas torturas que o vitimaram.*

Muitos não têm consciência do mal que estão praticando. Podem estar sendo usados por obsessores mais inteligentes e mais cruéis, que os atormentam, enquanto os obrigam a, por sua vez, atormentarem os que são objeto de vingança ou ódio." (**SCHUBERT, Suely Caldas. "Obsessão-Desobsessão"**. 9ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 73: Cap. 14).

O *assédio* surge tão perigoso, quanto se sabe que quase sempre é revitalizado pelo obsessor, por via de persuasão ou hipnose, durante o sono físico do paciente.

Por isso, por suas conseqüências imediatas ou futuras – pois que dolorosos desenvolvimentos poderão ocorrer –, não prescindem do necessário cuidado que, a começar, deve partir do próprio obsidiado. Nesse sentido, a lúcida advertência de ANDRÉ LUIZ, por Francisco C. XAVIER:

"*Em todos os quadros do Universo, somos satélites uns dos outros. Os mais fortes arrastam os mais fracos, entendendo-se, porém, que o mais frágil de hoje pode ser a potência mais alta de amanhã, conforme nosso aproveitamento individual. Expedimos raios magnéticos e recebemo-los ao mesmo tempo. É imperioso reconhecer, todavia, que aqueles que se acham sob o controle de energias cegas, acomodando-se aos golpes e sugestões da força tirânica, emitidos pelas inteligências perversas que os assediam, demoram-se, longo tempo, na condição de aparelhos receptores da desordem psíquica. Muito difícil reajustar alguém que não deseja reajustar-se. A ignorância e a rebeldia são efetivamente a matriz de sufocantes males.*" (**XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Libertação"**. 17ª ed., FEB, 1995, cit., p. 84: Cap. VI).

Especialmente delicado é o *assédio* na mediunidade, porque deliberadamente dirigido à perturbação e à fragilização psicofísica do médium, que, já por suas faculdades, pode apresentar-se perispiritualmente mais sensível.

Daí, a necessidade de que tenha consciência do processo que o envolve, para que, pela força da humildade e da paciência, consiga livrar-se da perniciosa influenciação.

*

CONEXÃO MENTAL

Se exitoso o assédio, agrava-se o processo obsessivo com a ligação mais estreita das partes envolvidas.

O que antes era uma tentativa de aproximação, a refletir-se em forma de *insinuação*, ou, já, uma aproximação, propriamente, significando um processo de *assédio* sistemático, em que a influenciação sutil corrói, pouco a pouco, as resistências psíquicas do paciente, pode transformar-se em processo mais rigoroso de obsessão, em que a influenciação adquire maior densidade ainda.

É a fase da *conexão mental*, em que o perispírito do perseguidor passa a ligar-se mais ao corpo espiritual do obsidiado, inaugurando, perigosamente, as possibilidades de justaposição perispirítica, que pode abrir as portas, não só para um tipo de fascinação mais persistente, como para os processos simbióticos e parasitários.

Nessa fase, a ligação entre as mentes do obsessor e do paciente torna-se cada vez mais íntima, enfraquecendo-se, gradual e dramaticamente, a vontade deste.

*

DOMÍNIO

O momento mais grave do processo obsessivo é o que marca a quebra da resistência volitiva do perseguido, passando o agente a instalar o seu domínio mental sobre aquele.

Essa fase já caracteriza a subjugação – sem dúvida, o estado

mais avançado de obsessão –, em que o obsidiado passa a mostrar mudanças ostensivas em seu comportamento e pode, tristemente, chegar a perder a própria capacidade de discernir. Observa o Espírito ODILON FERNANDES, pela mediunidade de Carlos A. BACELLI:

> *"A obsessão, de início, nem sempre se instala com todo o ímpeto sobre o obsidiado. Poderíamos compará-la a pequena tumoração, que, a pouco e pouco, se desenvolve, chegando, não raro, a tomar conta de todo um órgão...*
>
> *A obsessão alcança o seu estado de maior gravidade justamente quando o obsidiado perde a faculdade de discernir o que é certo do que é errado.*
>
> *Confuso, praticamente anulado em suas condições intelectuais, o obsidiado coloca-se à mercê dos espíritos obsessores que lhe substituem a vontade.*
>
> *Quando o obsidiado luta contra as idéias estranhas que lhe são sugeridas, ainda há esperança de rápida reversão no quadro obsessivo que se desenha, mas quando ele as 'incorpora' de modo totalmente passivo, o problema torna-se por demais preocupante e sem qualquer previsão de melhora."* (**BACELLI, Carlos A. ODILON FERNANDES, Espírito. "Mediunidade e Obsessão"**. Edição DIDIER, 1996, cit., p. 33).

Da simples insinuação à completa dominação da vontade, desdobra-se, dolorosamente, o processo obsessivo, ainda que o paciente, mormente nos períodos iniciais, usando de seu livre-arbítrio, tente, muitas vezes, reagir.

É que, também, não basta a consciência do envolvimento e a vontade de se livrar, sem uma efetiva mudança da postura moral, como, a propósito, ensinava o apóstolo da caridade, Dr. Bezerra de MENEZES, quando ainda encarnado: "O uso que fazemos do nosso livre-arbítrio, na repulsão daquela causa perturbadora, pode ser eficaz ou inútil, conforme a natureza dos nossos sentimentos. Se forem bons, a nossa resistência rechaçará todos

os ataques do inimigo. Se forem maus, serão ventos a auxiliarem as correntes do inimigo. Cada um de nós forma sua atmosfera moral, dentro da qual somente podem penetrar Espíritos da nossa natureza, que são os únicos que a podem respirar..." – (**MENEZES, Adolfo Bezerra de. "A Loucura sob Novo Prisma"**. 3ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1963, p. 158: Cap. III).

Verdade, ainda, que a Misericórdia Divina, através da assistência de abnegados Benfeitores Espirituais, interfere no sentido de aliviar o sofrimento dos que passam pela obsessão, propiciando, seguidamente, pausas de reequilíbrio que possam favorecer o redirecionamento de seu comportamento moral.

* *

EFEITOS DA OBSESSÃO

De acordo com o exposto, é possível, em caráter conclusivo, estabelecer genericamente três tipos de efeitos, ligados ao processo obsessivo: os efeitos *Psicológicos*, os *Psicopatológicos* e os chamados efeitos *Orgânicos*.

*

EFEITOS PSICOLÓGICOS

Nas fases iniciais do processo obsessivo, tanto no exercício mediúnico, como fora dele, os primeiros efeitos notados são mais de ordem psicológica, embora seguidamente acompanhados de um certo mal-estar físico: perda de memória, desatenção, tristeza, desânimo, excitação sexual anormal, sentimentos de inferioridade, suscetibilidade exagerada, ressentimento, agressividade, perda ou aumento de apetite, impulsos dirigidos à bebida, à droga, ou ao jogo, dificuldade de raciocínio, problemas de percepção e de aprendizagem, descontrole emocional, juízo crítico deficitário, etc.

Trata-se de sintomas depressivos que nem sempre comparecem suficientemente perceptíveis nos primeiros momentos, só sendo notados quando já se tornam mais agudos. Daí, o cuidado que merecem.

*

EFEITOS PSICOPATOLÓGICOS

Nos tipos mais graves de obsessão (simbiótica, parasitária, subjugante), os efeitos já podem ser de ordem a comprometer a estabilidade psíquica do obsidiado, configurando os inúmeros quadros psicopatológicos, cuja análise ocupa a atenção de psicoterapeutas de todo o mundo.

Desde a ansiedade incontrolável e a psicose maníaco-depressiva (transtorno bipolar), até a histeria (transtorno dissociativo), a depressão aguda ou as esquizofrenias, todas as manifestações arroladas no farto catálogo dos Transtornos Mentais e do Comportamento, que compõem a Classificação Internacional de Doenças (CID-10), podem, quase sempre, ser associadas à obsessão. E, pelo aumento assustador de ocorrências, requisitam, mais do que nunca, uma abordagem médica e psicológica de fundo espiritual, que diga, fundamentalmente, com os conhecimentos espíritas.

KARDEC, aliás, bem a propósito, já profetizava: "Tempo virá – e não tão longe quanto se pensa – em que a ação do mundo invisível será geralmente admitida e a influência dos maus Espíritos posta entre as causas patológicas. Será levado em conta o importante papel desempenhado pelo perispírito na fisiologia e uma nova via de cura será aberta para uma porção de doenças consideradas incuráveis." (**KARDEC, Allan. *A Obsessão***. 5ª ed., CLARIM, 1993, cit., p. 225).

E o Espírito conhecido como SÃO LUÍS, guia espiritual da Sociedade Espírita de Paris e um dos Instrutores da Codificação, apontava, pela médium Mme. Costel: "O Espiritismo está cha-

mado a prestar grandes serviços: será o curador dos males cuja causa era antes desconhecida e ante às quais a ciência continua impotente; sondará as chagas morais e lhes ministrará o bálsamo reparador; tornando os homens melhores, deles afastará os maus Espíritos atraídos pelos vícios da Humanidade." (**Id. Ib.**, p. 228).

*

EFEITOS ORGÂNICOS

Não é segredo para os profissionais esclarecidos da Medicina que os distúrbios mentais soem comumente refletir-se no organismo físico. E o desenvolvimento, nas últimas décadas – embora a oposição materialista de ontem e de hoje –, do que se convencionou chamar de medicina psicossomática, atesta, não só o reconhecimento, por muitos, da influência do psiquismo no equilíbrio orgânico, como o esforço de dedicados terapeutas, buscando diagnósticos e tratamentos alicerçados numa visão mais integral do ser humano.

De fato, o ser humano é muito mais que um corpo físico. É, sim, um Espírito que se reveste, provisoriamente, de um corpo carnal.[18]

Assim, se é possível admitir que, quando encarnada, a pessoa apresente-se como uma *totalidade psicofísica*, segundo se ad-

[18] Felizmente, a Ciência já abriu suas portas ao reconhecimento dessa verdade. Informa, a propósito, a publicação norte-americana "*Chronicle of Higher Education*", que um terço das 126 escolas de medicina daquele país já estão oferecendo em seu currículo matérias que relacionam a espiritualidade à medicina. (Cf. "**Planeta**", TRÊS, São Paulo, jan., 1998, p. 14).

E a revista "*Reader's Digest*" esclarece que hoje, nos Estados Unidos, se exige em todos os programas de residência para psiquiatras, a inclusão de matérias que digam com "questões religiosas e espirituais", e que, segundo as previsões, cursos sobre "fé e medicina" tornar-se-ão "corriqueiros nas faculdades de medicina". (**Mc. CONNELL, Malcon**. "A Fé Pode Favorecer a Cura". "***Reader's Digest* – Seleções**", Rio de Janeiro, mar., 1999, p. 108).

mite em Psicologia, há que se ter em vista que o psiquismo, embora sustentando o edifício celular, vibra, também, numa dimensão extracorporal, não só se manifestando autonomamente (como no desdobramento, p. ex.), como influenciando e continuamente sendo influenciado por outros psiquismos atuantes, tanto na dimensão física, como na espiritual.

Essa influência, que a mente encarnada capta continuamente, pode produzir efeitos positivos ou negativos, dependendo da condição pessoal de quem a recebe, sabendo-se que a lei de sintonia por afinidade preside, inexoravelmente, qualquer tipo de comunicação ou conexão mental.

Se positivos, os efeitos comparecem sempre estimulantes e revitalizantes. Quando negativos, apresentam-se psicológica e fisicamente danosos.

Se a influência negativa já é de caráter obsidiante, podem surgir, de início, como já visto, distúrbios psicológicos diversos – já acompanhados de certos mal-estares físicos –, os quais, em se desenvolvendo a ação obsessiva, tendem a agravar-se, com o surgimento de transtornos capazes de afetar a higidez psíquica.

E como os desequilíbrios da mente – por influência espiritual direta ou por disposição cármica – tendem a determinar condições de desestabilização fisiológica, fica aberto o acesso à instalação das moléstias orgânicas.

Com efeito, embora variem as explicações, conhece hoje a Medicina (até por imposição de natureza estatística) os efeitos da mente sobre o corpo, o papel das emoções com relação à fisiologia neuroendócrina, sua repercussão no metabolismo geral, não só através de passageiros transtornos psicossomáticos (somatoformes), como pelos sinais de efetiva e crescente debilitação imunológica, que vai propiciar, como se sabe, um sem-número de doenças da mais requintada patogenia.

Infelizmente, a maioria dos que cuidam da saúde ignora que esses efeitos, resultantes dos distúrbios mentais, têm, seguidamente, como causa primeira, a atuação obsidiante.

Realmente, a atuação do obsessor pode comprometer o equilíbrio perispirítico, atingindo, de início, os centros coronário e cerebral e, depois, os demais, causando a alteração do comportamento psíquico do paciente. Instalado o processo de perturbação, abre-se a porta de acesso aos distúrbios da saúde, pois, se persistente, passa a repercutir com intensidade cada vez maior, comprometendo o sistema defensivo e facilitando, assim, o surgimento dos males orgânicos.

Se a auto-intoxicação da alma, com idéias doentias e emoções de efeito corrosivo, em descompasso com a recomendação evangélica, já afeta, por via do perispírito, o equilíbrio geral das células orgânicas, a intoxicação oriunda da obsessão, pela infiltração dos miasmas do obsessor na tessitura perispirítica do paciente, pode gerar moléstias físicas as mais incomuns, se não até desconhecidas, e cuja cura dependerá, em verdade, da solução definitiva do processo obsessivo, sob a luz da compreensão, do arrependimento e do perdão.

* * *

XV.

PERISPÍRITO E REJUVENESCIMENTO

Em qualquer doença, o foco patológico, como já visto, encontra-se comumente no corpo espiritual, impondo que a cura efetiva só possa acontecer com a sua definitiva remoção.

A saúde do corpo físico, pois, depende basicamente do equilíbrio perispiritual, ou seja, da saúde psíquica.

A Medicina já se encontra no caminho desse entendimento fundamental e, em alcançando estádios mais avançados de conhecimento, aportará certamente recursos terápicos de tal forma diferentes e mais sensíveis, que os métodos de cura atuais serão considerados tão primitivos quanto os meios empregados no passado, que hoje nos surpreendem, e que não excluíam até as sanguessugas e as cauterizações com ferro em brasa...

Verdade que, além dos recursos psicoterápicos, algumas modalidades de tratamento já bem conhecidas e cujas fontes, também, remontam ao passado, dizem mais de perto com o perispírito do que o emprego, por exemplo, das baterias químicas e irradiações, sempre de efeitos colaterais muitas vezes imprevisíveis e, até, dolorosos, justamente pelos impactos que produzem no psicossoma.

Alinham-se, certamente, entre essas modalidades de cura, métodos tão antigos como a *acupunctura*, que restaura a saúde pelo reequilíbrio das forças vitais, através da estimulação dos centros de força do perispírito, expressos, fisicamente, quase sempre, por terminações nervosas (V. Cap. IV, "Centros Vitais"), e a *homeopatia*, introduzida pelo sábio médico alemão, Christian Friedrich Samuel HAHNEMANN (1755-1843), baseada no emprego de substâncias *dinamizadas*, capazes de provocar respostas imunológicas adequadas.

Assinale-se, a propósito do tratamento homeopático, que tudo indica que, devido ao chamado processo de dinamização, a substância medicamentosa torna-se quintessenciada e, por isso, energeticamente mais ativa e eficaz em sua atuação na tessitura íntima do corpo espiritual, que, como se sabe, é *semimatéria*. Assimilada pelo metabolismo perispirítico, a dose homeopática, quanto mais alta a dinamização – e, portanto, o grau de sua desmaterialização –, mais repercutirá, reequilibrando, conseqüentemente, a fisiologia orgânica, se prestada a devida atenção à lei de afinidade, presente em todas as dimensões da vida.[1]

*

Mas, nesse campo, tema particularmente relevante é o que diz com a atuação psicomagnética direta dos Espíritos junto ao perispírito do necessitado, com vistas à solução de certos quadros críticos.

---

[1] HAHNEMANN, o extraordinário missionário da Medicina e um dos Instrutores Espirituais de KARDEC, já via, em 1810, que as enfermidades resultam de "aberrações dinâmicas que nossa vida espiritual experimenta em sua maneira de sentir e operar", reconhecendo, também, no *passe* (introduzido por MESMER), valioso recurso terapêutico, a possibilitar, com a homeopatia, reequilíbrio vital mais pronto e eficaz. (V. **HAHNEMANN, Samuel. "*Organon de la Medicina*"**. Buenos Aires: ALBATROZ, 1978, pp. 37, Introdução, e 304 a 307, §§ 288 e 289. Trad. da 6ª ed., William Boericke).

De fato, um dos mais extraordinários fenômenos, dos revelados pela Espiritualidade, diz com a revitalização perispiritual, que sói ocorrer para acelerar a recuperação da saúde diante de uma enfermidade mais pertinaz ou, até, para prolongar a vida física de um Espírito encarnado, cuja carga vital (armazenada, principalmente, ao que se deduz, no duplo etérico) já se encontra em via de exaurimento.

Nessas oportunidades, quando há o necessário crédito espiritual, o psicossoma é rejuvenescido magneticamente, e as melhoras que a organização perispiritual passa a adquirir são "apressadamente assimiladas pelas células do equipamento fisiológico" (V. **XAVIER, Francisco C. ANDRÉ LUIZ, Espírito**. "**Ação e Reação**". 17ª ed., FEB, 1996, cit., p. 179: Cap. 13), aumentando decisivamente o *tônus* vibratório de toda organização psicofísica.

Essa revitalização do perispírito pode acontecer durante o sono, ou não. Nos casos mais graves, os Espíritos, muitas vezes, aproveitam o sono natural do paciente para também provocar o seu desdobramento e, assim, mais facilmente desenvolver a operação de revigoramento.

Nessas ocasiões, não é incomum que ocorra, até, muitas vezes, uma espécie de "limpamento" do psicossoma, que assim é escoimado de todos os resíduos do magnetismo degenerado e nocivo para, a seguir, ser revitalizado, em delicado processo que, na verdade, se traduz como autêntica transfusão de energia vital.

* * *

XVI.

PERISPÍRITO E ANESTESIA

A insensibilidade obtida com o emprego de substâncias químicas, ou através de recursos como o hipnotismo e a acupuncturação, diz muito com o perispírito.

De fato, dada a profunda interação entre o sistema nervoso e a estrutura perispirítica que lhe corresponde, sob o comando do centro coronário, a ação química no primeiro reflete-se imediatamente na segunda.

De outro lado, a ação hipnótica que se realiza em nível mental, através de processo gradual de interiorização psíquica, tem a ver diretamente com os centros coronário e cerebral a comandarem, no plano físico, as funções neuroendócrinas e, por conseguinte, em sentido inverso ao anterior, uma eventual *desensibilização*.

A estimulação de acupontos, por sua vez, em se tratando de processo de cura, propriamente, atingiria pelos meridianos, a dizer, através da tela perispirítica e das vias nervosas, o córtex cerebral, com imediatos reflexos no hipotálamo, na hipófise e no bulbo, provocando respostas em que hormônios e neuroquímicos

conjugar-se-iam na produção dos efeitos terápicos.[1]

Já nos processos de analgesia ou de anestesia, a estimulação de acupontos muito específicos geraria impulsos especiais que levariam os interneurônios – neurônios multipolares que auxiliam a processar e integrar informações neurais, em uma determinada região do sistema nervoso – à produção de um opióide (substância de efeitos iguais ao ópio), capaz de bloquear, assim, os sinais da dor.

*

Nos casos de anestesia local ou parcial, surge à evidência de que ela ocorre não só em função do entorpecimento de áreas do sistema nervoso, como – e fundamentalmente – do bloqueio da ação perispirítica a elas correspondente, como acontece, por exemplo, quando, em determinado setor, é interrompida a passagem da força elétrica atuante num extenso campo de ação.

Na anestesia geral, o bloqueio generalizado da energia nervosa e da ação perispirítica poderia, em princípio, provocar até o próprio desprendimento do corpo espiritual, facilitando, assim, o processo.

* * *

[1] São conhecidos em acupunctura – método chinês de tratamento, que remonta a cerca de 5.000 anos – doze meridianos (*Ching*), canalizando as energias sustentadoras da vida biológica, *Iang* e *Inn*, expressões, na verdade, da energia ou fluido vital. Localizam-se nesses meridianos (dos Pulmões, Intestino Grosso, Estômago, Baço-Pâncreas, Coração, Intestino Delgado, Bexiga, Rim, Circulação-Sexualidade, Tripo Recalentador, Vesícula Biliar, Fígado), ligados a dois canais energéticos fundamentais (Vaso Governador e Vaso Concepção) e a traduzirem as principais funções orgânicas, cerca de 750 pontos de estimulação, os acupontos, sendo certo que alguns autores, discutivelmente, ampliam de muito esse número.

Os acupontos correspondem, ao que se percebe, aos múltiplos núcleos de força localizados no perispírito, comandados pelos centros vitais conhecidos, a partir do centro coronário. (V. Cap. IV, "Centros Vitais").

XVII.

PERISPÍRITO E SEXUALIDADE

A energia criadora, a dizer, o impulso de vida, renovação e crescimento, é inerente a todo ser.[1]

Essa energia, força da alma, sustenta, na dimensão física, o processo vital em seus diversos níveis, manifestando-se, em parte, como impulso sexual a serviço da evolução, cuja presença é detectada desde muito cedo, na viagem do ser em direção à consciência.

De feito, segundo ANDRÉ LUIZ ("**Evolução em Dois Mundos**".

---

[1] Sigmund Freud, no começo, percebendo apenas um aspecto da realidade, designou-a, genericamente, como *libido*. Seu conceito inicial dizia, simplesmente, com o desejo sexual. ("*Libido é a expressão direta ou indireta de um desejo sexual*"). Nessa acepção, o termo foi popularizado, aparecendo relacionado com a satisfação ou repressão de um impulso instintivo, ligado, sobretudo, ao princípio do prazer. Mais tarde (principalmente depois da obra "Para Além do Princípio do Prazer"), Freud prestaria atenção ao conceito defendido por Carl Gustav Jung, fundador da Psicologia Analítica, sistema que teve por modelo, originalmente, a psicanálise freudiana, desviando-se dela depois, quando Jung apresentou uma nova interpretação da libido, entendendo-a, não como impulso sexual, necessariamente (segundo a proposta de Freud), mas como a energia geral da vida ("*impulso vital*").

13ª ed., FEB, cit., Cap. VI), a comunhão sexual já se inaugura com a chegada do princípio inteligente à forma das algas verdes, passando, então, a reprodutividade, a se definir e a se aperfeiçoar, apurando-se, cada vez mais, "no regaço dos milênios", os tecidos germinais, em delicado preparo para o desempenho superior, no estádio hominal.[2]

*

A nota característica da sexualidade é a sua bipolaridade, embora nos primórdios da jornada evolutiva, até que ela se definisse, tenha o princípio inteligente, na construção do instinto sexual, passado pelos ciclos de hermafroditismo e de unissexualidade.

A bipolaridade desenvolve-se à medida que o princípio inteligente cresce em aquisições, comparecendo definitiva na dimensão hominal, a serviço, então, do sagrado processo reencarnatório.

Mas se essa bipolaridade manifesta-se entre os encarnados, marcando a distinção entre homens e mulheres, há que se atentar para o fato de que, na dimensão espiritual, a realidade é outra.

Leciona KARDEC, em "O Livro dos Espíritos", item 202: "*Os Espíritos encarnam como homens ou mulheres, porque não têm sexo. Visto que lhes cumpre progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, lhes proporciona provações e deveres especiais e, com isso, ensejo de ganharem experiência. Aquele*

[2] "Cada criatura traz em si mesma, devidamente estratificada, a herança de um incontável número de experiências sexuais, vividas nos reinos inferiores da Natureza. Tudo quanto o ser armazenou em experiências sucessivas, existência a existência, por séculos e séculos, ora como vegetal, ora como animal inferior, constitui seu patrimônio, quando atinge a razão, recebendo assim, na fase hominal, um mundo de impulsos genésicos que lhe compete educar e reajustar, diante das leis divinas que regem a vida." (**NOBRE, Marlene. "Nossa Vida no Além"**. São Paulo: FE Ed. Jornalística, 1998, p. 132: Cap. 7).

que só como homem encarnasse, só saberia o que sabem os homens." (75ª ed., FEB, 1994, cit., p. 135).

A sexualidade, então, é força a serviço do Espírito e o fator determinante da polaridade, na dimensão física, é a sua necessidade evolutiva. Anota, a respeito, Herculano PIRES:

> "*Sabemos hoje com segurança que a sexualidade é um sistema de polaridade não adstrito à forma específica do aparelho sexual. Na verdade, a sexualidade é a fonte única dos dois sexos, o masculino e o feminino. Para a mudança de sexo na reencarnação, em face da necessidade de experiências novas no plano evolutivo, basta a inversão da polaridade na adaptação do espírito ao novo corpo material. Essas inversões se processam no perispírito, como ensina Kardec, pois é este e não o corpo o controlador de todo o funcionamento orgânico e fisiológico do corpo material.*" (**PIRES, J. Herculano. "Mediunidade"**. 2ª ed., São Paulo: PAIDÉIA, 1992, pp. 62 e 63).

Se a alma, como se viu, não tem sexo, assumindo a masculinidade e a feminilidade físicas, de acordo com o seu projeto evolutivo, é certo, também, que essas posições, a não ser em casos de expiação ou prova, tendem a refletir os característicos ativos ou passivos, que estão a definir sua individualidade no estádio em que se encontre. (Feminilidade e masculinidade, diz ANDRÉ LUIZ, "constituem característicos das almas acentuadamente passivas ou francamente ativas". – V. **XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "No Mundo Maior"**. 20ª ed., FEB, 1995, cit., p. 157: Cap. 11).[3]

[3] Característicos preponderantemente ativos ou passivos definem a masculinidade e a feminilidade também – e principalmente – no plano espiritual. Desencarnado, o Espírito, enquanto prisioneiro das necessidades primárias, move-se pelo desejo sexual com a mesma ou maior intensidade, até, do que quando encarnado, podendo, até mesmo, como se sabe, chegar, em sua busca de satisfações, ao mais grotesco e desenfreado vampirismo. (V. Cap. XIV, "Perispírito e

Mas, exaurido o ciclo reencarnatório na Terra e ingressando em experiências que dizem com mundos e planos mais adiantados, o Espírito, à medida que evolui, vê o seu perispírito cada vez mais quintessenciado e, por fim, dispensada a imersão periódica na matéria densa, passa a aplicar, no serviço de seu crescimento, toda a potencialidade psíquica, uma vez que já prescinde do emprego de parte de suas energias na área da sexualidade. Arquivada, aí, a polaridade sexual, com a alma integrando em si, após milênios de burilamento, as qualidades inerentes à masculinidade e à feminilidade, desenvolve-se a *multipolaridade afetiva* que vai uni-lo, cada vez mais, a todos os seres da Criação.

* *

Patrimônio da mente, a sexualidade manifesta-se, obviamente, por intermédio do perispírito.

Sob o impulso do pensamento, força matriz, o centro coronário, a expressar-se pelo corpo pineal (*epífise*), sustenta e controla todo o mecanismo sexual.

ANDRÉ LUIZ, por Francisco Cândido XAVIER, consigna a esse respeito, lições das mais elucidativas, espancando, até mesmo, a antiga concepção de que a glândula pineal, aninhada no diencéfalo, é órgão sem maior significação para a economia psicofisiológica do ser humano:

> *"É a glândula da vida mental. Ela acorda no organismo do homem, na puberdade, as forças criadoras e, em seguida, continua a funcionar, como o mais avançado laboratório de elementos psíquicos da criatura terrestre."*
>
> .....

Obsessão"). Mais tarde, controlada a manifestação anárquica dos impulsos sexuais, consegue percorrer os caminhos da sublimação de sua sexualidade, passando a conhecer e a viver a comunhão amorosa e pura que enobrece e une as almas em sua jornada de luz.

"Ela preside aos fenômenos nervosos da emotividade, como órgão de elevada expressão no corpo etéreo. Desata, de certo modo, os laços divinos da Natureza, os quais ligam as existências umas às outras, na seqüência de lutas, pelo aprimoramento da alma, e deixa entrever a grandeza das faculdades criadoras de que a criatura se acha investida."

.....

"Acham-se [as glândulas genitais] *absolutamente controladas pelo potencial magnético de que a epífise é a fonte fundamental. As glândulas genitais segregam os hormônios do sexo, mas a glândula pineal, se me posso exprimir assim, segrega 'hormônios psíquicos' ou 'unidades-força' que vão atuar, de maneira positiva, nas energias geradoras. Os cromossomos da bolsa seminal não lhe escapam à influenciação absoluta e determinada."*

.....

"Segregando delicadas energias psíquicas (...), a glândula pineal conserva ascendência em todo o sistema endocrínico. Ligada à mente, através de princípios eletromagnéticos do campo vital, que a ciência comum ainda não pode identificar, comanda as forças subconscientes sob a determinação direta da vontade. As redes nervosas constituem-lhe os fios telegráficos para ordens imediatas a todos os departamentos celulares, e sob sua direção efetuam-se os suprimentos de energias psíquicas a todos os armazéns autônomos dos órgãos. Manancial criador dos mais importantes, suas atribuições são extensas e fundamentais. Na qualidade de controladora do mundo emotivo, sua posição na experiência sexual é básica e absoluta." (**XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Missionários da Luz"**. 25ª ed., FEB, cit, pp. 20 a 22: Cap. 2).

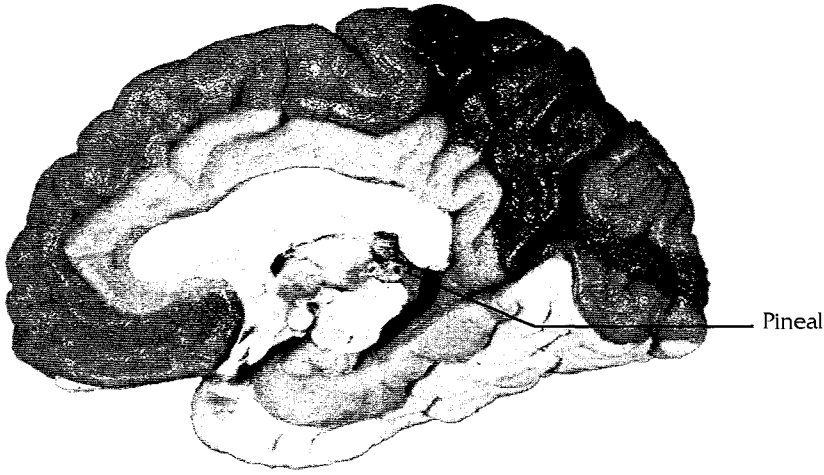
Tais informações, datadas de 1945, quando mais raros, ainda, eram os conhecimentos a respeito – o que fala alto da autenti-

cidade e do valor da operação mediúnica envolvida –, têm sido gradualmente ratificadas pelas pesquisas que se dirigem ao desvendamento da fisiologia do complexo neuroendócrino, as quais, também, já mostram que as conexões do corpo pineal ocorrem, mormente, através das vias simpáticas (a inervação do corpo pineal "é feita por fibras simpáticas pós-ganglionares provenientes dos gânglios cervicais superiores" – **NOBACK, C. STROMINGER, N. L. DEMAREST, R. J. "Neuroanatomia – Estrutura e Funcionamento do Sistema Nervoso Humano"**, 5ª ed., São Paulo: PREMIER, 1999, p. 307) e que, não só modulam ou regulam as atividades do sistema endócrino, como se projetam, por meio de complexos circuitos, sobre outros sistemas e estruturas (sistema límbico, hipotálamo, etc.) implicados na sustentação do processo vital, em todas as suas dimensões.

Compreende-se, então, que a pineal, ao impulso do centro coronário, pode comandar a vida orgânica em sua totalidade. A partir dos sistemas nervoso e endócrino, sustentando o sistema imunológico e as funções vitais, sua ação, a refletir, sempre, o psiquismo, é fundamental e decisiva. Daí, sua destacada importância no exame da sexualidade.

De fato, produzindo a melatonina – sua estrutura foi identificada a partir de 1958, com as descobertas de Aaron Lerner e suas colegas da Universidade de Yale –, sintetizada a partir da serotonina, por um tipo exclusivo de célula, o pinealócito, e representando o protótipo de uma família de hormônios que também secreta, os methoxindóis, a pineal é parte constituinte do epitálamo, um dos componentes do diencéfalo, correlacionando-se estreitamente com a fisiologia sexual, uma vez que comanda todas as funções glandulares.

Em estudo digno de nota, reportando-se à pesquisa de Reiter e outros importantes investigadores da ação da epífise na atividade reprodutora, assinala, a respeito, a médica paulista, Marlene NOBRE:



Pineal

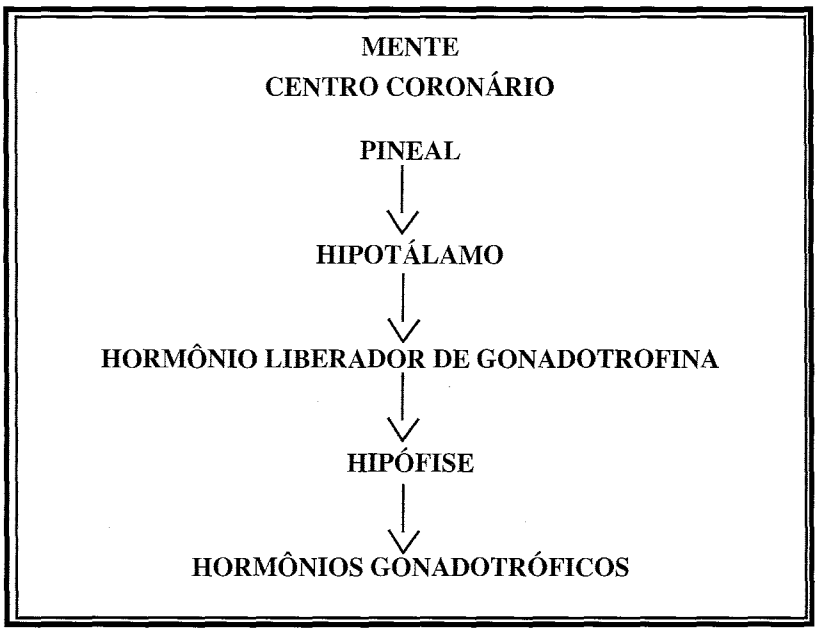
"No homem, os methoxindóis, a família de hormônios produzidos pela pineal, influem sobre diferentes aspectos da função gonadal. (...) As pesquisas sugerem que a ação do hormônio pineal é exercida, pelo menos em grande parte, em nível hipofisário, interferindo na secreção de gonadotrofinas. Com a administração de pequenas doses intraperitoniais de melatonina em ratos, conseguiu-se elevar a quantidade de serotonina do mesencéfalo e do hipotálamo. Essas mudanças no conteúdo celular de serotonina nesses centros parecem indicar que a melatonina produz seus efeitos sobre as gônadas por modificação na atividade desses neurônios."

.....

"Trabalhos recentes mostraram a relação entre melatonina e anti-ovulação em mulheres normais, em pacientes com amenorréia hipotalâmica e em atletas que tiveram intenso treinamento físico. No homem, também ficou demonstrado que a melatonina atua tanto no desenvolvimento das gônadas quanto na secreção de testosterona, o principal hormônio masculino."

.....

Enfim, "*a epífise é o centro das emoções; controla as glândulas sexuais e todo o sistema endócrino; comanda as forças subconscientes; supre de energias psíquicas todos os armazéns autônomos dos órgãos e é a glândula da vida mental. Essas revelações feitas em 1945, podem agora ser confrontadas, à medida que a ciência médica avança em suas pesquisas para descobrir a influência da melatonina na economia orgânica.*" (**NOBRE, Marlene R. S. "A Obsessão e Suas Máscaras"**. São Paulo: FE Ed. Jorn., cit, pp. 227, 229, 231).



A Conexão Psicoendócrina

Assim, o centro coronário, refletindo o pensamento e projetando seus impulsos aos demais centros perispiríticos, rege, no plano corpóreo, a partir da epífise, cada célula do ser.

É, pois, fácil compreender, com referência às funções sexuais, que a ação do aparelho reprodutor, expressão biofisiológica

do centro genésico, corresponde, então, a uma atividade meramente reflexa, em resposta ao comando fundamental do centro coronário, ou seja, da mente.

*

Como se vê, a importância da pineal na regulação do sistema reprodutor surge, hoje, como fato comprovado.

Todavia, como nos círculos de investigação científica, cresce cada vez mais o interesse em desvendar e compreender todo o seu significado fisiológico, ampliam-se as pesquisas e revelações, dando conta do seu papel em todo o equilíbrio psíquico – distúrbios sexuais, confusões mentais, incapacidade de concentração, alucinações, efeitos depressivos, deficiências de memória, pensamentos de suicídio, etc., já aparecem, hoje, como ligados a disfunções patológicas da pineal.[4]

Nessa linha, aliás, outros dados a respeito de seu papel, fundamental, no mecanismo da vida, têm sido alcançados. Recentes experiências mostram que é um órgão neuroendócrino, que apresenta conexões funcionais e anatômicas com o sistema imunológico, em particular, sendo em conseqüência, reconhecido, agora, como um importante órgão imunoneuroendócrino, tanto no animal, como no homem.[5] (Essas e outras construções confirmam a lição espiritual de que o pensamento equilibrado, amoroso, sem o látego da culpa, traduz-se, através do centro coronário e da pineal, em saúde e bem-estar físico e mental).

---

[4] **BALLARD, J. C. HUNTZINGER, R. M. PASTOR, J. M.** "*Psychosis and Progressive Cognitive Decline in an Adolescent Male with Concomitant Pineal Grand Pathology*". "***Archives of Clinical Neuropsychology***", Vol. 10, ed. 4, julho-agosto, 1995, pp. 294-295.

[5] **BERKONAKLI, E. PALAOGLUS** e outros. "*Effect of Pinealectomy on Immune Parameters...*". "***Neurosurgery Revue***", Basic Research, 24:26-30 (2001).

Não é, pois, sem razão, que essa glândula tem merecido tanta atenção dos que se dedicam às ciências da vida. "Este minúsculo órgão parece estar escondido no cérebro, mas sua função é tremendamente essencial para a vida animal", e a pesquisa a seu respeito – afirmam os atuais investigadores – deve ser "verdadeiramente interdisciplinar, abrangendo desde a biologia molecular até a psicologia e a etiologia".[6]

Pesquisas outras produzem informações não menos significativas. Por exemplo, resta, hoje, bem comprovada a influência que um campo eletromagnético pode exercer sobre a fisiologia pineal.[7]

Constatou-se que a exposição a um campo eletromagnético (0,5 G, 60 Hz) pode resultar na supressão da melatonina (de produção noturna), porque provoca "alterações nos receptores das superfícies celulares, interrompendo os sinais de estímulo da norepimefrina, que atravessam a membrana, ativando a produção intracelular da melatonina".[8]

Ora, já há algum tempo vem sendo acentuada a importância da melatonina no processo do sono (controle dos ritmos circadianos), diante da evidência de que, sob o comando do sistema nervoso central, "a síntese de melatonina é limitada ao período no-

---

[6] **ARAKI, Masasuke.** "*Sensory and Endocrine Characteristics of the Avian Pineal Organ*". (Introdução) "***Microscopy Research and Technique***". 53:1. (Trad. do A.).

[7] "A influência do magnetismo em nossa fisiologia é algo que merece estudos da ciência contemporânea. O cérebro capta o magnetismo externo conhecidamente através da glândula pineal. O mecanismo desse processo ainda é desconhecido." (**OLIVEIRA, Sérgio Felipe de. "Saúde e Espiritismo"**. ASSOCIAÇÃO MÉDICO-ESPÍRITA DO BRASIL. Edição1998, cit., pp. 99 a 100).

[8] **ROOSEN, L. BARBER, I. LYLE, D. B.** "*A 0,5 G, 60 Hz Magnetic Field Supresses Melatonin Production in Pinealocytes*". "***Bioelectromagnetics***". 119:123 – 127. (Trad. do A.).

turno e fortemente inibida pela luz". ("A retina detecta a informação ótica e envia sinais neurais através da via retino-hipotalâmica ao Sistema Nervoso Central e daí à pineal, que controla, através da produção de melatonina, os ciclos circandianos", sendo que "esse processo difere bem daquele que ocorre na visão").[9]

Experiências, pois, como a citada, buscando verificar a influência de um campo magnético de baixa freqüência sobre o complexo pineal, são de grande significado, propiciando, até, revelações surpreendentes, como, por exemplo, a constatação do efetivo efeito que é capaz de exercer na regulação dos limiares da dor, inibindo ou não "a hipoalgesia produzida pela melatonina".[10] Ou – fato importante – dos extraordinários resultados em relação a pacientes com esclerose múltipla.

De fato, pesquisas com um campo de baixíssima freqüência (5 Hz) foram dirigidas ao estudo da "paralisia do sono" (*sleep paralysis*), que ocorrem durante o sono, produzindo sensação de imobilização forçada (esforço para se mover), pesadelos e, até, alucinações. Como a melatonina tem sido implicada "na indução e sustentação do sono REM e na patogenia da paralisia do sono", introduziu-se a terapia magnética e verificou-se que esses episódios ligados à esclerose múltipla "diminuíam gradualmente, desaparecendo por completo por cerca de três anos".[11]

Tais experiências e resultados, dizendo da influência do magnetismo sobre a fisiologia pineal, com repercussão em várias es-

---

[9] **LAVIE, P.** "*Sleep-Wake as a Biological Rhythm*". "***Annual Review Psychology***". 52:277-303. (Trad. do A.).

[10] **JEONG, J. H. CHUI, K. B.** e outros. "*Effects of Extremely Low Frequency Magnetic Fields on Pain Theresholds...*". "***Journal of Autonomic Pharmacology***". 20:259-264. (Trad. do A.).

[11] **SANDYK, R.** "*Resolution of Sleep Paralysis by Weak Electromagnetic Field in a Patient with Multiple Sclerosis*". "***International Journal of Neuroscience***". 90 (3-4): 145-157. (Trad. do A.).

truturas do sistema nervoso, favorece a compreensão dos efeitos do magnetismo espiritual, que atua em outra dimensão, sobre os centros perispiríticos, a partir do coronário, facilitando-nos, assim, o entendimento acerca de uma série de fenômenos ligados à cura através do passe, à obsessão, à mediunidade em geral, enfim.

O futuro próximo, sem dúvida, alcançará novas e importantes revelações, compensando o desinteresse do passado. Com efeito, embora os primeiros relatos sobre a glândula pineal datem de mais de dois mil anos (DESCARTES designava-a como "sede da alma"), somente nas últimas décadas é que começaram a surgir os trabalhos mais significativos a respeito. Agora, os estudos se aceleram e lícito é admitir que, em breve tempo, com a pesquisa tornando-se interdisciplinar, surja a confirmação oficial da existência do perispírito, contribuindo, como assinala M. NOBRE, para "a mudança definitiva do enfoque materialista-mecanicista em que ela [a ciência oficial] está lastreada". (**NOBRE, Marlene R. S. "A Obsessão e Suas Máscaras"**. FE ED. JORN., ed. 1997, cit., p. 230).

* *

Em sexualidade, o conceito de bipolaridade associa-se, naturalmente, ao de permuta de energias entre os agentes envolvidos no processo sexual.

Todavia, esse intercâmbio energético nem sempre ocorre. Com efeito, basicamente, três tipos de situação podem ser detectadas no relacionamento sexual. Assim, pode ele acontecer sem o envolvimento real de uma das partes, satisfazendo, momentânea e aparentemente, somente um dos parceiros, não passando, muitas vezes, de uma mera aventura genital, em que prevalece, unicamente, o interesse pela satisfação sensorial própria, não importando a situação da outra parte. Em tais circunstâncias, obviamente, em que o ato sexual tem a marca do egoísmo, da despreocupação com a sensibilidade alheia, não há que falar em reciprocidade ou troca de eflúvios. Mesmo que a excitação de uma das

partes possa resultar na emissão de energia, esta não é absorvida pela outra, que, dessintonizada, permanece sem a resposta que poderia confortar magneticamente o processo.

Outro tipo de relação diz com a participação interessada de ambos os agentes, buscando o prazer da descarga orgástica, mas com escassa afetuosidade. A atração que se exerce nesse caso relaciona-se mais com o magnetismo animal, do que com o espiritual, mas, de qualquer forma, há troca e compensação energética, permuta revitalizante de recursos bioeletromagnéticos, que podem se misturar a conteúdos de energia mais espiritual, de acordo com a afetividade que, eventualmente, presida tal relacionamento.

Ao que parece, a grossa maioria humana, por própria condição evolutiva, exerce assim a sexualidade, em níveis primários de mera satisfação pessoal, ou, se já existente algum interesse de caráter afetivo entre as partes, em condições de pouco amor, a dizer, de escassa espiritualidade.

Não sem razão, escreve o iluminado autor espiritual ANDRÉ LUIZ, por Francisco C. XAVIER, que tão aviltado tem sido o sexo, pela maioria dos encarnados na Terra, que os Espíritos têm dificuldade, por enquanto, de "elucidar o raciocínio humano, com referência ao assunto". "Basta dizer que a união sexual entre a maioria dos homens e mulheres terrestres", salienta o celebrado Instrutor, "se aproxima demasiadamente das manifestações dessa natureza entre os irracionais. No capítulo de relações dessa espécie, há muita inconsciência criminosa e indiferença sistemática às leis divinas." (...) "Trata-se dum domínio de semibrutos onde muitas inteligências admiráveis preferem demorar em baixas correntes evolutivas." E acrescenta: "O amor, nesses planos mais baixos, é tal qual o ouro perdido em vasta quantidade de ganga, exigindo largo esforço e laboriosas experiências para revelar-se aos entendidos. Entre as criaturas, porém, que se encaminham, de fato, aos montes de elevação, a união sexual é muito diferente."

(**XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Missionários da Luz"**. 25ª ed., FEB, cit., pp. 198-199: Cap. 13).[12]

Num terceiro e raro tipo de relacionamento, de natureza superior, a comunhão sexual já acontece sob o influxo amoroso, delicado e puro, dos envolvidos. O sexo, então, em não se confundindo com o amor é, nesse caso, por ele impregnado, sublimando-se a função procriadora.

Nesse tipo de relação, a sexualidade já não se apresenta como mero agente de reprodução biológica, mas avançado processo de permuta de energias psíquicas e eletromagnéticas – e também, segundo a expressão de ANDRÉ LUIZ, de "união de qualidades" ("**Missionários da Luz**", ed. cit., p. 200) –, que, sustentado pela simpatia, pelo afeto, revigora os perispíritos, alimentando mentes e corações.

Se nos processos mais primitivos entram em jogo os centros coronário e cerebral, estimulando o centro genésico e convocando o equipamento neuroendócrino a respostas que dizem com o intercâmbio sexual em nível meramente biológico, onde só o prazer sensorial é buscado, fato diferente ocorre nas relações em que o amor já começa a prevalecer, quando aparece também significativamente a atividade do centro cardíaco, unindo perispíritos e propiciando amplas compensações vitais (magnetismo animal) e psíquicas (magnetismo espiritual).

Quando o ser humano chega a esse nível de relacionamento, evidentemente já se encontra em condição respeitável, embora um estádio superior ainda o aguarda, em que a união sexual orgânica, como é conhecida, deixa, definitivamente, de ser importante.

---

[12] Diante dessa realidade, é fácil compreender o surgimento de teorias como a da libido, estabelecendo que a conduta do homem é basicamente determinada pelo instinto sexual...

ANDRÉ LUIZ, mais uma vez, ilumina admiravelmente o tema, pela mão de Francisco C. XAVIER:

> " (...) *os homens e as mulheres, cuja alma se vai libertando dos cativeiros da forma física, escapam, gradativamente, do império absoluto das sensações carnais. Para eles, a união sexual orgânica vai deixando de ser uma imposição, porque aprendem a trocar os valores divinos da alma, entre si, alimentando-se reciprocamente, através de permutas magnéticas, não menos valiosas para os setores da Criação Infinita, gerando realizações espirituais para a eternidade gloriosa, sem qualquer exigência dos atritos celulares. Para esse gênero de criaturas, a união reconfortadora e sublime não se acha circunscrita à emotividade de alguns minutos, mas constitui a integração de alma com alma, através da vida inteira, no campo da Espiritualidade Superior. Diante dos fenômenos da presença física, bastam-lhes, na maioria das vezes, o olhar, a palavra, o simples gesto de carinho e compreensão, para que recebam o magnetismo criador do coração amado, impregnando-se de força e estímulo para as mais difíceis edificações.*" (**XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Missionários da Luz"**. 25ª ed., FEB, cit., p. 202: Cap. 13).

Lições como estas facilitam-nos entender as revelações acerca de Espíritos desencarnados mais evoluídos, que já têm, em si, funcionalmente apagados ou desativados os centros genésico e gástrico, mostrando, de outra parte, significativo desenvolvimento funcional dos centros superiores.[13] (Especula-se, a propósito,

[13] Cientistas que estudam a evolução constatam, no processo de desenvolvimento, um encurtamento na cauda dos animais. Notando, como sinal desse fenômeno, que nos antropóides, agora classificados como humanóides, já não existe o rabo, recentes estudos mostram que, na evolução do homem, desde o *Australopithecus aferensis*, esse encurtamento já atinge a própria coluna, ao mesmo tempo em que aumenta o tamanho do lobo frontal. Tal fato, a mostrar o próprio desenvolvimento do perispírito, indicaria, obviamente, uma clara tendência à valorização das funções psiconervosas superiores, em detrimento de outras,

que, em regiões diferentes da Terra – mundo "de expiações e de provas", conforme KARDEC, em "O Evangelho segundo o Espiritismo", Cap. III, n. 4 –, a encarnação dos Espíritos, já por suas próprias condições perispirituais, a refletirem as do planeta em que estagiam, dispensaria o contato sexual, como conhecido, bastando a vontade amorosa dos pais, em processo de profunda comunhão mental e afetiva, para que se organizasse a nova estrutura capaz de servir ao reencarnante, com densidade, ao que se presume, diferente da do corpo físico...).

Nessa direção, compreende-se, também, outros aspectos relacionados com a sexualidade, como a compensação da atividade sexual física, pela atividade psíquica criadora e, especialmente, pelo exercício da caridade, com resultados altamente proveitosos para o equilíbrio psicossomático do agente. É que, em vez de canalizar sua energia para o ato sexual, com apoio no centro genésico, em regime, às vezes, de permuta magnético-vital, o indivíduo, em programa de disciplina sexual, entregando-se ao trabalho de ajuda aos semelhantes, não só pode colher as vibrações de gratidão dos beneficiados, como, principalmente, os contingentes energéticos que lhe são outorgados pelos Espíritos Superiores, revitalizando-se de forma muito mais substancial do que em qualquer ato sexual (quando acontece), além de sensibilizar-se perispiritualmente rumo a novas e superiores percepções e sensações.

Esse tipo de comunhão espiritual, em que o ser, dispensando o emprego físico de parte de sua vitalidade psíquica, sob a moldura de sexualidade, consegue abrir-se, inteiro, para os outros, é, aliás, desde muito conhecido, como mostra a literatura de todos os tempos, contando a história de místicos e nobres cultores

---

em regime de desativação ou extinção. Nessa linha, é fácil entender como, com o tempo, o avanço da alma, correspondendo, no plano psicossômico, ao aprimoramento dos centros coronário e cerebral, poderia, até, simultaneamente, refletir-se numa progressiva alteração funcional do centro genésico...

da mente e do sentimento que se nutrem apenas do bem que semeiam.

*

O comportamento equilibrado e amoroso, próprio das almas mais experimentadas e sensíveis, entretanto, está longe de caracterizar o modo de ser da densa maioria humana, imersa, ainda, no caldeirão das emoções desequilibradas e dos prazeres sensoriais.

Conseqüência disso, são as torturas advindas dos abusos, especialmente tristes no âmbito da sexualidade, onde a invigilância emocional, levando à agressão, compromete perigosamente o equilíbrio psicossômico, além de, seguidamente, sustentar negra teia de obsessões.

Efetivamente, como escreve W. BARCELOS, "entre todos os vícios das criaturas humanas, nenhum ocasiona desequilíbrios tão vastos e profundos na organização do corpo espiritual como a viciação sexual". (**BARCELOS, Walter. "Sexo e Evolução"**. 3ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 128).

Em seu longo e doloroso aprendizado sexual, o Espírito desprevenido, ao percorrer o caminho das sensações, usando seu livre-arbítrio para dispor estranhamente de suas forças sexuais, desde os rituais marcados pela torpeza e os abusos ligados aos desvios da sexualidade,[14] até as indignidades e violências crimi-

[14] A transexualidade e a homossexualidade (as diferenças que alguns autores sugerem não chegam a ser significativas), que marcam a inclinação do indivíduo à comunhão afetivo-sexual com outro do mesmo sexo, constitui, sem dúvida, tema dos mais delicados no capítulo das relações humanas, atraindo, por isso, as mais elucidativas orientações do Plano Espiritual.

Sabe-se, assim, que em tarefa expiatória, Espíritos em marcada posição mental de masculinidade ou feminilidade podem reencarnar em condições inversivas, com roupagem feminina ou masculina, respectivamente, em dura jornada disciplinadora.

Outras vezes, almas encarnadas em corpos masculinos ou femininos po-

nosas, alimentadas pelo egoísmo e pelas emoções em descontrole, desarmoniza sua mente, provocando a desestruturação funcional do perispírito, com grave comprometimento dos centros vitais, só reparável por doridas experiências impostas pelo processo cármico, sempre certo e infalível.

ANDRÉ LUIZ, em letras firmes e claras, que tocam o raciocínio e a sensibilidade, explicita bem o tema:

> "*Esses abusos* [sexuais], *são responsáveis não apenas por largos tormentos nas regiões infernais, mas também por muitas moléstias e monstruosidades que ensombram a vida terrestre, porquanto os delinqüentes do sexo, que operaram o homicídio, o infanticídio, a loucura, o suicídio, a falência e o esmagamento dos outros, voltam à carne, sob o impacto das vibrações desequilibrantes que puseram em ação contra si próprios, e são, muitas vezes, as vítimas da mutilação congênita, da alienação mental, da paralisia, da senilidade precoce, da obsessão enquistada, do câncer infantil, das enfermidades nervosas de variada espécie, dos processos patogênicos inabordáveis e de todo um cortejo de males, decorrentes do trauma perispirítico que, provocando desajustes*

---

dem passar a sentir o palpitar da bissexualidade – reflexo das inúmeras vivências passadas em posição de feminilidade e masculinidade –, a aflorar, até mesmo, depois de já ter vivido longo tempo em aparente normalidade, como homens ou mulheres.

Também, almas carmicamente comprometidas podem voltar à carne em regime de intersexualidade (com caracteres sexuais primários e secundários intermediários aos dois sexos, chegando ou não ao hermafroditismo), a fim de purgar o pretérito e recompor-se.

Finalmente, já em situação completamente diversa, pode o Espírito, para o melhor cumprimento de tarefas específicas, optar por reencarnar em corpo que não corresponde exatamente ao seu psiquismo feminino ou masculino.

Em todos esses casos, relacionados com o desenvolvimento e a orientação sexual – responsáveis, muitas vezes, por delicados transtornos psicológicos e comportamentais –, o Espírito, conseguindo superar suas tendências e dificuldades, sem cair no homossexualismo e outras condutas comprometedoras, certamente põe-se apto a matricular-se em cursos evolutivos mais avançados.

nos tecidos sutis da alma, exige longos e complicados serviços de reparação a se exteriorizarem com o nome de inquietação, angústia, doença, provação, desventura, idiotia, sofrimento e miséria."

*"Aliás, muito antes da pompa terminológica das escolas psicanalíticas modernas, que se permitem arrojadas conjeturas em torno das flagelações mentais, há quase vinte séculos ensinou-nos JESUS que 'todo aquele que comete o mal é escravo do mal' (**Evangelho de João**, 8:34) e podemos acrescentar que, para sanar o mal, a que houvermos escravizado o coração, é imprescindível sofrer a purgação que o extirpa."* (**XAVIER, Francisco Cândido. ANDRÉ LUIZ, Espírito. "Ação e Reação"**. 16ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 208: Cap. 15).

Tal é a lei de correspondência que nos devolve por inteiro as conseqüências de todas as nossas ações de "lesa-fraternidade", conforme a expressão de EMMANUEL, valendo o sofrimento resultante como importante fator de reajuste e aprendizagem, em direção a novos impulsos evolutivos.

Anota bem Jorge ANDRÉA, que "o negativo, o erro, o processo degenerativo desenvolverá sempre mecanismos de defesa e de impulsos no sentido contrário, portanto evolutivo", e que "da distonia fica a experiência e vivência, a fim de criar defesas para a sedimentação de novas posições mais expressivas no bem comum". (**ANDRÉA DOS SANTOS, Jorge. "Forças Sexuais da Alma"**. 5ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1991, p. 133: Cap. IV).

Nesse contexto, cumpre admitir que, inegavelmente, o reto exercício da sexualidade, em sua ampla significação, comparece como lição das mais difíceis de aprender, mas também, das mais valiosas, porque diz, justamente, com substratos do ser que o impulsionam na jornada ascensional. Daí a sempre oportuna indicação de EMMANUEL:

" (...) *a energia sexual envolve o impositivo de discernimento e responsabilidade em sua aplicação, e* (...) *por isso*

mesmo, deve estar controlada por valores morais que lhe garantam o emprego digno, seja na criação de formas físicas, asseguradora da família, ou na criação de obras beneméritas da sensibilidade e da cultura para a reprodução e extensão do progresso e da experiência, da beleza e do amor, na evolução e burilamento da vida no Planeta." (**XAVIER, Francisco Cândido. EMMANUEL, Espírito. "Vida e Sexo"**. 15ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 26: Cap. 5).[15]

* * *

[15] O doloroso reajuste que a viciação sexual atrai mereceu de EMMANUEL amorosa recomendação, transmitida por F. C. XAVIER:

"Ouvirás referências descaridosas, em torno do sexo transviado; no entanto, guardarás invariável respeito para com os acusados, sejam eles quais forem."

"É preciso saber penetrar fundo nas necessidades do espírito, para enxergá-las com segurança.

Aplica a bondade e a compreensão, toda vez que alguém se levante contra alguém, porque, em matéria de sexo, com raras exceções, todos trazemos heranças dolorosas de existências passadas, dívidas a resgatar e problemas a resolver.

Muitos daqueles que apontam, desdenhosamente, os irmãos caídos em desequilíbrio emotivo, imaginando-se hoje anichados na virtude, são apenas devedores em moratória, que enfrentarão, amanhã, aflitivas tentações e provações, quando soar o momento de reencontrarem os seus credores de outras eras."

"Nas quedas de sentimento, há que considerar não somente a fraqueza, necessitada de compaixão, mas também, e muito comumente, o processo obsessivo que reclama socorro ao invés de censura.

Não podemos medir a nossa capacidade de resistência, no lugar do companheiro em crise e, por isso, é aconselhável caminhar com a misericórdia em quaisquer situações, para que a misericórdia não nos abandone quando a vida nos chame ao testemunho de segurança moral." (**XAVIER, Francisco Cândido. EMMANUEL, Espírito. "Encontro Marcado"**. 8ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1992, pp. 100 a 103: Cap. 31, "Sexo Transviado").

XVIII.

PERISPÍRITO E DESENCARNAÇÃO

Como na encarnação, o processo de desencarnação normal acontece gradualmente.

O perispírito se desprende "molécula por molécula, conforme se unira", assinala o Codificador (**KARDEC, Allan**. "**A Gênese**". 36ª ed., FEB, cit., pp. 214 e 215: Cap. XI, it. 18). Não há, pois, na desencarnação comum, uma separação brusca entre o Espírito e o corpo. Ao contrário, o desligamento da alma, dependendo do estado mental do desencarnante, pode demandar muito tempo, até.[1]

Em "O Livro dos Espíritos", informam os Instrutores Maiores que a alma "se desprende gradualmente, não escapa como um pássaro cativo a que se restitua subitamente a liberdade", e que o Espírito "se solta pouco a pouco dos laços que o prendiam", ou seja, "*se desatam, não se quebram*". (75ª ed., FEB, 1994, cit, it. 155-a).

---

[1] Justamente por não ocorrer de modo instantâneo, é que a desencarnação (que, tecnicamente, não se confunde com a morte, embora os vocábulos, normalmente, sejam empregados como sinônimos) é vista como um processo.

A respeito, KARDEC constrói, ainda, importantes lições: "*O fluido perispiritual só pouco a pouco se desprende de todos os órgãos, de sorte que a separação só é completa e absoluta quando não mais reste um átomo do perispírito ligado a uma molécula do corpo. 'A sensação dolorosa da alma, por ocasião da morte, está na razão direta da soma dos pontos de contato existentes entre o corpo e o perispírito, e, por conseguinte, também da maior ou menor dificuldade que apresenta o rompimento.*" (**KARDEC, Allan. "O Céu e o Inferno"**. 39ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 167: Cap. I, 2.ª P. Trad. Manuel Justiniano Quintão).

Ressaltando que o principal fator no desprendimento é o "estado moral da alma", esclarece que "*para o homem cuja alma se desmaterializou e cujos pensamentos se destacam das coisas terrenas, o desprendimento quase se completa antes da morte real, isto é, ao passo que o corpo ainda tem vida orgânica, já o Espírito penetra a vida espiritual, apenas ligado por elo tão frágil que se rompe com a última pancada do coração.*" Todavia, para o homem "*materializado e sensual que mais viveu do corpo que do Espírito, e para o qual a vida espiritual nada significa, nem sequer lhe toca o pensamento, tudo contribui para estreitar os laços materiais, e, quando a morte se aproxima, o desprendimento, conquanto se opere gradualmente também, demanda contínuos esforços.*" (**Id. Ib.**, p. 170).

Por derradeiro, observa KARDEC: "*O estado do Espírito por ocasião da morte pode ser assim resumido: Tanto maior é o sofrimento, quanto mais lento for o desprendimento do perispírito; a presteza deste desprendimento está na razão direta do adiantamento moral do Espírito; para o Espírito desmaterializado, de consciência pura, a morte é qual um sono breve, isento de agonia, e cujo despertar é suavíssimo.*" (**Id. Ib.**, p. 172).

Como se deduz – da mesma forma, também, que na encarnação –, não há dois processos idênticos de desencarnação.

KARDEC, notavelmente, identifica quatro tipos de "situa-

ções extremas", em cujos limites pode ocorrer "uma infinidade de variantes":

> *"1ª – Se no momento em que se extingue a vida orgânica o desprendimento do perispírito fosse completo, a alma nada sentiria absolutamente.*
>
> *2ª – Se nesse momento a coesão dos dois elementos estiver no auge de sua força, produz-se uma espécie de ruptura que reage dolorosamente sobre a alma.*
>
> *3ª – Se a coesão for fraca, a separação torna-se fácil e opera-se sem abalo.*
>
> *4ª – Se após a cessação completa da vida orgânica, existirem ainda numerosos pontos de contato entre o corpo e o perispírito, a alma poderá ressentir-se dos efeitos da decomposição do corpo, até que o laço inteiramente se desfaça.*
>
> *Daí resulta que o sofrimento, que acompanha a morte, está subordinado à força adesiva que une o corpo ao perispírito; que tudo o que puder atenuar essa força, e acelerar a rapidez do desprendimento, torna a passagem menos penosa; e, finalmente, que, se o desprendimento se operar sem dificuldade, a alma deixará de experimentar qualquer sentimento desagradável."* (**Op. cit.**, p. 168).

*

Descrição de ANDRÉ LUIZ, por Francisco Cândido XAVIER, em "Obreiros da Vida Eterna" (22ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1996, pp. 209 a 212: Cap. XIII), sugere a possibilidade de se identificar, em um processo normal de desencarnação programada,[2] diversas etapas liberatórias do Espírito.

---

[2] Assim como a reencarnação pode ser diretamente assistida, ou não – *automática*, ainda que sempre consentida –, a desencarnação pode ser programada, ou não – embora relativamente prevista.

Assim, no início do processo de desencarnação, os operadores espirituais, através de complexo serviço de magnetização, insensibilizando o vago "para facilitar o desligamento das vísceras", isolam o sistema nervoso simpático, neutralizando, mais tarde, "as fibras inibidoras do cérebro".

Em seguida, a operação magnética, dirigindo-se ao plexo solar (centro gástrico), desata laços "que localizavam forças físicas", provocando o extravasamento, pelo umbigo, de "certa porção de substância leitosa", que fica pairando em torno, enquanto começam a surgir sintomas de esfriamento dos membros inferiores.

Ação magnética, através de passes concentrados sobre o centro emocional (centro cardíaco), relaxa, em continuação, os elos que mantêm "a coesão celular" nesse centro, com imediata repercussão no coração, que passa a funcionar desreguladamente, ao mesmo tempo em que nova "cota de substância desprende-se do corpo, do epigastro à garganta". Foge, então, o pulso, cessa a capacidade de raciocinar e sobrevém o coma.

Nessa oportunidade, o perispírito entra em processo de desligamento. Inversamente do que acontece na encarnação, dilui-se, agora, a sustentação psicossômica das estruturas citoplasmáticas, através dos bióforos,[3] prenunciando a histólise do invólucro físico.

---

[3] O termo "bióforo" foi criado por August WEISMANN (1834-1914), biólogo alemão em seus estudos sobre a hereditariedade. Admitia Weismann, em teoria considerada a mais bem elaborada do período pré-experimental, uma distinção fundamental entre o *protoplasma nutriente* (morfoplasma) e um *idioplasma*, portador de tendências hereditárias, constituído de um grande número de unidades, os *bióforos*. Vários bióforos formariam um "determinante". A reunião de vários determinantes formariam um "ide". Os "ides" agrupar-se-iam em "idantes", que corresponderiam aos cromossomos.

Em Espiritismo, conforme o conceito do Espírito ANDRÉ LUIZ, os bióforos – para WEISMANN, elementos constitutivos básicos das estruturas vivas, como visto – representam "*unidades de força*" psicossômica atuando no citoplasma, e

Logo após, operação com especial concentração de energias na região cerebral (*centros coronário* e *cerebral*) provoca o surgimento de "brilhante chama violeta-dourada", emitindo luz quase impossível de ser fitada, a qual, desligando-se da região craniana, absorve "instantaneamente a vasta porção de substância leitosa já exteriorizada", transformando-se na cabeça espiritual do desencarnante; ato contínuo, passa a constituir-se o corpo espiritual, "membro a membro, traço a traço", com a luz violeta-dourada no cérebro desaparecendo e "espraiando-se em seguida, através de todos os escaninhos do organismo perispirítico, assegurando, desse modo, a coesão dos diferentes átomos, nas novas dimensões vibratórias."

Recompondo o perispírito, o desencarnante, já pairando próximo ao corpo em ritmo de rápida cadaverização, permanece a ele ligado por algum tempo mais (em média, vinte e quatro horas), através de "leve cordão prateado, semelhante a sutil elástico, entre o cérebro de matéria densa, abandonado, e o cérebro de matéria rarefeita do organismo liberto".

Para muitos Espíritos, esse tempo em que permanece ligado ao corpo físico representa oportunidade de revitalização energética, após o esforço do desprendimento desencarnatório, uma vez que

---

através das quais são projetados sobre as células os estados da mente, determinando, até mesmo, a saúde ou a doença, o equilíbrio orgânico, ou não. (**XAVIER, Francisco Cândido. VIEIRA, Waldo. "Evolução em Dois Mundos"**. 13ª ed., FEB, 1993, cit., p. 59: Cap. VII).

Esse tema, aliás, não é novo. Na década de 1930, escrevia Geraldine Cummins, conceituada médium inglesa: "A mente não opera diretamente sobre o cérebro. Existe um corpo etérico que é o elo entre a mente e as células do cérebro. (...) Partículas corpusculares, muito menores do que os cientistas já conhecem, viajam ao longo de fibras do corpo etérico ou duplo, para certas regiões do corpo e para o cérebro. Eu poderia chamar-lhes unidades de vida...". (**CUMMINS, Geraldine. "*Beyond Human Personality*"**. Londres: NICHOLSON & WATSON, 1935. Conf. **OSTRANDER, S. SCHROEDER, L. "Experiências Psíquicas além da Cortina de Ferro"**, CULTRIX, 1974, cit., p. 234).

continuam a ser drenadas energias do veículo físico para o perispírito do desencarnante.

Trata-se, ao que parece (escassas, em verdade, são as notícias a respeito), de forças vitais necessárias, ainda, ao Espírito, em seu retorno à dimensão espiritual, transferidas do corpo etérico antes do seu desprendimento do veículo físico, marcando o início da decomposição orgânica. A quantidade de energia que o desencarnante absorveria dependeria, obviamente, do seu adiantamento, ou seja, de seus condicionamentos, das suas necessidades *materiais*, ainda, e das suas condições de adaptação à nova vida.[4]

Nessas fases, em que o perispírito entra em processo de separação e de reconsolidação – "*histogênese espiritual*", segundo ANDRÉ LUIZ –, ocorre, também, o singular fenômeno conhecido como "visão panorâmica" de todo o passado, em que o Espírito passa a recordar todas as experiências de sua vida, em vertiginosa sucessão de imagens.

Esse fato, aliás, tem sido bem notado. "*Caído o vestuário da carne,*" escreve DENIS, "*a luz penetra-o e sua alma aparece nua, deixando ver o quadro vivo de seus atos, de suas vontades, de seus desejos. Momento solene, exame cheio de angústia e, muitas vezes, de desilusão. As recordações despertam em tropel e a vida inteira desenrola-se com seu cortejo de faltas, de fraquezas, de misérias. Da infância à morte, tudo, pensamentos, palavras, ações, tudo sai da sombra, reaparece à luz, anima-se e revive.*" (**DENIS, Léon. "Depois da Morte"**. 18ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 205: Cap. XXXI, Parte Quarta. Trad. João Lourenço de Souza).[5]

---

[4] Provavelmente, é nesse momento de transferência de energia vital ou logo após, que certos Espíritos conseguem aparecer aos conhecidos, dando sinal de seu passamento...

[5] Esse fenômeno de recapitulação de todos os momentos da existência tem sido registrado, também, de certa forma, nos casos das chamadas Experiências de Quase Morte – EQM (*Near-Death Experiences*), trazidas ao conhecimento geral graças aos esforços e contribuições de destacados pesquisadores, dentre

A importância dessa ocorrência, nos casos de morte efetiva, é dada pelas indicações de que essa recapitulação de todos os lances vividos – "como numa tela cinematográfica" – projetar-se-ia, nas linhas de reconstituição do perispírito, de modo que, em última análise, a tessitura do corpo espiritual se plasmaria segundo o estado mental-evolutivo do desencarnante, ou seja, de acordo com o que é, vive, pensa e sente.

Valiosas, a esse respeito, as observações de ANDRÉ LUIZ, por Francisco C. XAVIER ("**Evolução em Dois Mundos**". 13ª ed., FEB, 1993, cit., p. 93: Cap. XII):

> "*Assim como recapitula, nos primeiros dias da existência intra-uterina, no processo reencarnatório, todos os lan-*

---

eles, os famosos médicos norte-americanos, Elizabeth Kübler-Ross ("*On Death and Dying*" – 1969. Edição brasileira – "Sobre a Morte e o Morrer", São Paulo: EDART, 1977) e Raymond Moody Jr. ("*Life After Life*", 1975. Edição brasileira – "Vida Depois da Vida", Rio de Janeiro: NÓRDICA, 1979), cujos trabalhos têm alcançado repercussão internacional, não só pelos resultados, como pelo rigor científico empregado no acompanhamento dos casos, atraindo, assim, diversos outros renomados pesquisadores, como, p. ex., o respeitado psicólogo da Universidade de Connecticut, Kenneth Ring ("*Life at Death*", 1980), fundador e atual presidente da ***Association for Near-Death Studies*** (ANDS) – Associação de Estudos da Experiência de Quase Morte –, com sede na citada Universidade. (V. **NOBRE, Marlene. "Nossa Vida no Além"**. São Paulo: FE, 1998, pp. 13 e segs.; **MIRANDA, Hermínio C. "A Reinvenção da Morte"**. Niterói, RJ: LACHÂTRE, 1997, pp. 99 e segs.; **KÜBLER-ROSS, Elisabeth. "*Death is of Vital Importance*"**. Nova York: STATION HILL PRESS, 1995).

Esses estudos permitem concluir que tal processo de revisão do passado poderia surgir sempre que se afrouxam mais significativamente os laços perispirituais, resultando, quase sempre, em mudanças decisivas no modo de ser do paciente que sobrevive. "O resultado dessa recapitulação sobre os que sofreram a EQM" – anota o Prof. Guimarães ANDRADE – "é uma mudança radical de comportamento, em que o paciente passa a valorizar imensamente o amor e o conhecimento." (**ANDRADE, Hernani Guimarães. "Morte – Uma Luz no Fim do Túnel"**. São Paulo: FE ED. JORNALÍSTICA, 1999, p. 19: Cap. II).

Naturalmente, em se tratando de desencarnação, propriamente, quando ocorre o efetivo desligamento do perispírito, o processo de recapitulação é peculiarmente mais acentuado, em direção a efeitos fundamentalmente bem mais significativos.

ces de sua evolução filogenética, a consciência examina em retrospecto de minutos ou de longas horas, ao integrar-se definitivamente em seu corpo sutil, pela ***histogênese espiritual****, durante o coma ou a cadaverização do veículo físico, todos os acontecimentos da própria vida, nos prodígios de memória, a que se referem os desencarnados quando descrevem para os homens a grande passagem para o sepulcro.*

É que a mente, no limiar da recomposição de seu próprio veículo, seja no renascimento biológico ou na desencarnação, revisa automaticamente e de modo rápido todas as experiências por ela própria vividas, imprimindo magneticamente às células, que se desdobrarão em unidades físicas e psicossomáticas, no corpo físico e no corpo espiritual, as diretrizes a que estarão sujeitas, dentro do novo ciclo de evolução em que ingressam."

Na etapa derradeira do percurso liberatório – segundo, ainda, o depoimento de ANDRÉ LUIZ (obra precitada) –, o "cordão prateado" é desligado do corpo e absorvido pelo Espírito, que, então, é afastado. Muitas vezes, dependendo de suas condições, esse desligamento só ocorre após o sepultamento dos restos físicos.

Tudo indica que é a partir desse momento, em que é cortado o contato entre o desencarnante e o duplo etérico, que este, acumulando as forças vitais remanescentes, desprende-se dos envoltórios densos, sobrepairando sobre o cadáver durante algum tempo, até dissolver-se.

Assinale-se, a propósito, que o duplo etérico, sustentado por linhas de força perispirituais e aglutinando força vital, como já visto (V. Cap. VI, "O Duplo Etérico"), com a morte do corpo físico, pode perdurar por mais ou menos tempo, de acordo com a evolução do indivíduo. Anota, a respeito, Jorge ANDRÉA:

"Se o ser é medianamente evoluído, este campo persiste por dias ou meses, até desfazer-se, quase sempre auxi-

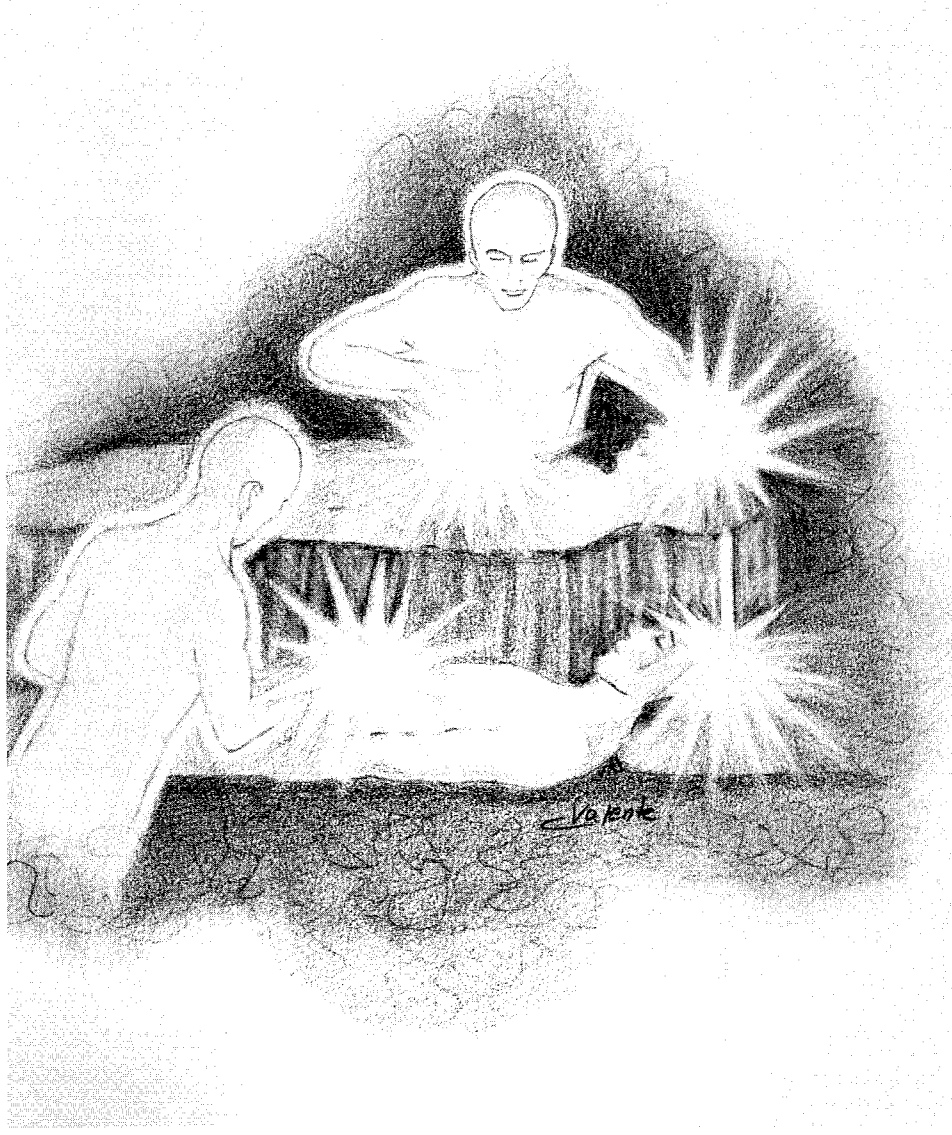
liado pelas equipes espirituais. Isto porque, sendo um campo de energias de predominância física, poderá servir de sustentação a espíritos inferiores."

"Nos indivíduos evoluídos, o duplo-etérico sofre quase que de imediato uma espécie de queima ou desfazimento de suas energias, cujo produto de transformações ao ser entregue à Natureza não estará mais submetido às ligações com o perispírito." (**ANDRÉA, Jorge.** "Morte – Passo Renovatório". "**Revista Internacional de Espiritismo**", Matão, nov., 1994, p. 297).

Completada a desencarnação, com o perispírito plenamente reconstituído, ingressa o Espírito em outra faixa vibratória, variando o grau de consciência e equilíbrio de acordo com suas aquisições. É o momento do reencontro consigo mesmo. Na verdade, como explica EMMANUEL, "***morrer*** *significa penetrar mais profundamente no mundo de nós mesmos, consumindo longo tempo em despir a túnica de nossos reflexos menos felizes, metamorfoseados em região alucinatória decorrente do nosso monoideísmo na sombra, ou transferindo-nos simplesmente de plano, melhorando o clima de nossos reflexos ajustados ao bem, avançando em degraus conseqüentes para novos horizontes de ascensão e de luz.*" (**XAVIER, Francisco Cândido. EMMANUEL, Espírito. "Pensamento e Vida"**. 9ª ed., FEB, 1991, cit., pp. 134 e 135).

Resta claro, assim, que a volta do Espírito depende sempre de seu estado mental.[6] Se já no processo desencarnatório, a "rápida solução do problema liberatório", como salienta BEZERRA DE MENEZES, depende "em grande parte, da vida mental e dos ideais a que se liga o homem na experiência terrestre" (**XAVIER, Francis-**

[6] Muito do medo da morte deve-se – mais do que ao reflexo do instinto de conservação ou ao temor do desconhecido – à consciência que temos de nossas precárias condições pessoais. "O medo da morte" – diz Francisco Cândido XAVIER – "é uma conseqüência das dificuldades que já enfrentamos em outras mortes.



Desencarnação (I)

Geralmente, nunca estamos em posição muito tranqüila com relação à nossa consciência na posição de desencarnados. Desta forma, temos muito receio do retorno ao além, com os complexos de culpa que levamos." (Conf. **MACHADO, Adésio Alves**. "Chico Xavier: a Morte e a Desencarnação". "**Correio Fraterno do ABC**". São Bernardo do Campo, jan., 1999, p. 6).

co Cândido. **IRMÃO JACOB, Espírito**. "**Voltei**". 16ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, p. 56: Cap. 5), emancipado do envoltório material, o estado de perturbação, característico dos momentos de desencarnação do Espírito, pode acompanhá-lo por um certo tempo, se presentes as condições que o favoreçam.

Essa perturbação, segundo se constata, pode apresentar-se, de início, como uma acentuada confusão mental. BOZZANO já observara, a propósito, que os Espíritos "*quando dominados por paixões humanas, se conservam ligados ao meio onde viveram, por um lapso mais ou menos longo de tempo. Segue-se que, não podendo gozar do benefício do sono reparador, esses Espíritos persistem na ilusão de se julgarem ainda vivos, se bem que presas de estranho sonho, ou de um opressivo pesadelo*". (**BOZZANO, Ernesto**. "**A Crise da Morte**". 7ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1990, p. 168).

Nessa linha, a necessidade do encarnado cuidar-se, em caminho para o seu regresso à Espiritualidade, surge evidente. Oportuna, pois, a advertência de IRMÃO JACOB, por F. C. XAVIER:

> " (...) *se o homem não se preparou, convenientemente, para a renúncia aos hábitos antigos e comodidades dos sentidos corporais, demorar-se-á preso ao mesmo campo de luta em que a veste de carne se decompõe e desaparece. E se esse homem complicou o destino, assumindo graves compromissos à frente dos semelhantes, através de ações criminosas, debater-se-á, chorará e reclamará embalde, porque as leis que mantêm coesos os astros do Céu e as células da Terra lhe determinam o encarceramento nas próprias criações inferiores.*" ("**Voltei**", ed. FEB, cit., pp. 63 e 64).

Todavia, de outro lado, sabe-se, depois de um século e meio de comprovações mediúnicas, que outro é o futuro dos que cuidam de seu íntimo. Destaca, a propósito, o Prof. Cícero M. TEIXEIRA:

> " (...) *as pessoas que na vida física pautaram o seu viver em harmonia com a ética do bem praticado e do cum-*

primento dos deveres consagrados, trabalhando construtivamente, amando solidariamente sem paixões egoísticas, puderam de imediato entrar em contato com os planos espirituais mais elevados, sentindo-se felizes na convivência com espíritos afins em colônias espirituais cujo padrão vibratório e ambiental se caracteriza por uma atmosfera luminosa, a refletir beleza, harmonia e plenitude." (**TEIXEIRA, Cícero Marcos. "Anatomia do Desencarne"**. Porto Alegre: KUARUP, 1997, p. 27: Cap. 2).

*

Entende-se, pois, que a desencarnação não passa de mero episódio da vida. Observa, Hernani Guimarães ANDRADE, com muita propriedade: "*O nascer e o morrer são os pontos de inflexão da gigantesca senóide biológica que se desenvolve em alternâncias, às quais ora chamamos de vida, ora chamamos morte. Viver e morrer são os dois aspectos de um mesmo fenômeno, ao qual poderíamos chamar, simplificadamente, de vida apenas, pois a morte já está nela implícita.*" (**ANDRADE, Hernani Guimarães. "Morte, Renascimento, Evolução"**. 9ª ed., São Paulo: PENSAMENTO, 1993, p. 155: Cap. XI).

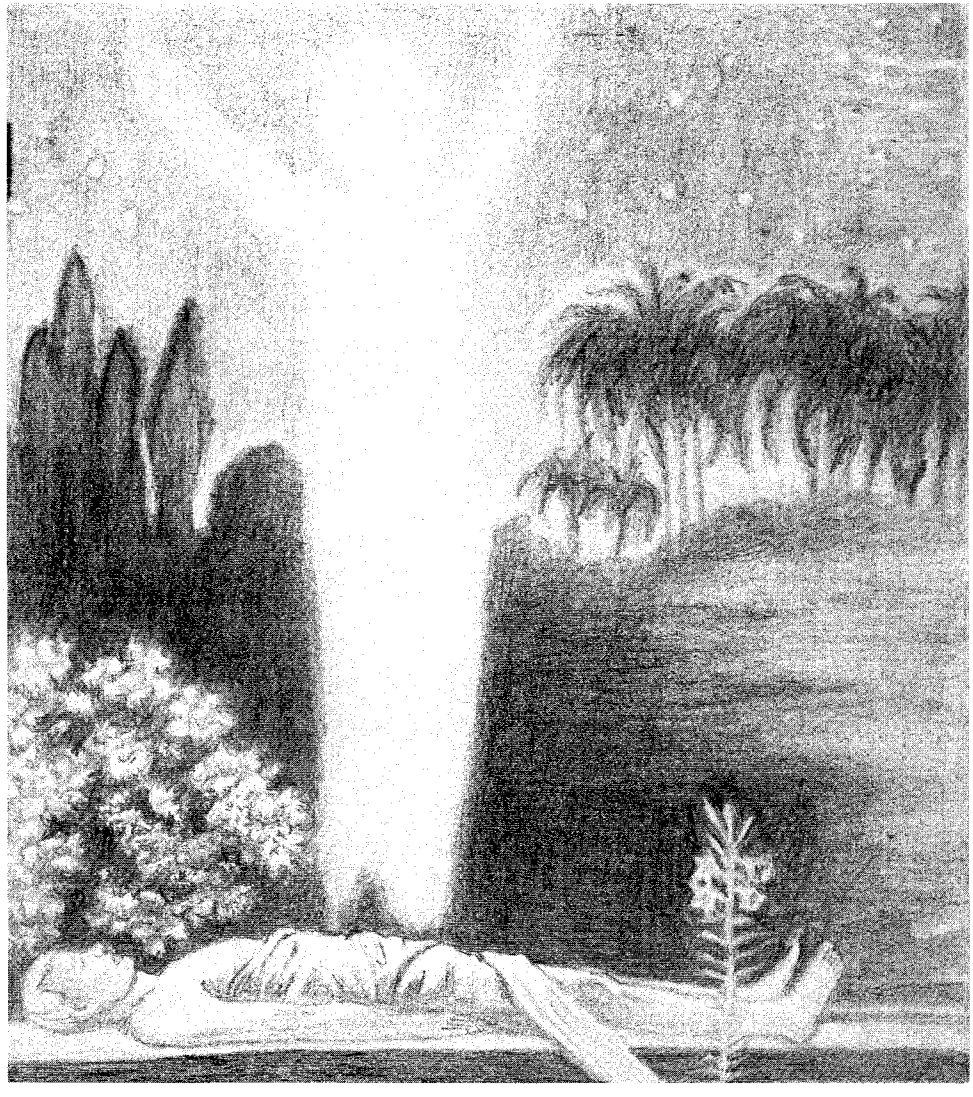
Encarnar e desencarnar, em ritmo constante, esse o processo de vida e aperfeiçoamento na Terra. "*Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei*" ("*Naitre, mourir, renaître encore et progresser sans cesse telle est la loi*"), eis a síntese magistral, inscrita no frontispício do dólmen que ornamenta o túmulo em que jazem os restos físicos de Allan KARDEC, no cemitério Père Lachaise, Paris.

*

Mas há mortes e mortes.

Nem sempre a desencarnação segue o ritmo do processo padrão antes descrito, colhido das informações de ANDRÉ LUIZ,

pois, de fato, cada caso é um caso, dependendo do estado mental do desencarnante e de outras variáveis que, naturalmente, entram em jogo no processo liberatório. Assim, se numa desencarnação regular, nem sempre o Espírito, por suas condições cármicas, deixa de colher sofrimentos – prolongados, às vezes –, nos episódios



Desencarnação (!!)
(Adaptação de uma ilustração de capa, publicada na revista "A Reencarnação", FERGS, Porto Alegre, nov., 1960).

de morte traumática, os choques perispiríticos podem produzir os mais imprevistos e dolorosos efeitos.

Tais efeitos, aliás, não guardam somente relação com os casos de acidente, em que, normalmente, entram em pauta os resgates cármicos, mas, tristemente, com as situações de *suicídio* e outras, de conseqüências não menos perigosas, como, por exemplo, as que dizem com a *cremação*, a *eutanásia*, o *aborto* e, até, em certas circunstâncias, com o *transplante de órgãos* e o próprio *congelamento de corpos*.

*

No caso do *suicídio*, efetivamente, o impacto perispiritual, resultante da interrupção violenta da vida física, causa inenarráveis sofrimentos ao Espírito que nele mergulha. (V. Cap. XIII, "Perispírito e Enfermidade", p. 353).

Desde a dolorosa constatação de que a vida continua e a terrível confusão mental que toma a consciência do desencarnado, até a mais terrível sensação de ser devorado pelos vermes, apropriando-se dos restos físicos em decomposição, os efeitos são os mais dolorosos e angustiantes para a alma que deixa o corpo pela via do suicídio.

É que tais sofrimentos, normalmente, de longa duração, acompanham por vezes o processo de desagregação da carga vital aglutinada ao corpo etérico e ao campo perispirítico, destinada à sustentação das tarefas programadas para a encarnação.

Diferentemente da morte natural, em que a exaustão dos recursos vitais propicia a liberação normal do Espírito, no auto-extermínio deliberado, o Espírito não consegue desligar-se da organização física, senão depois de afrouxadas as resistências oferecidas pelos contingentes vitais que circulam no circuito perispírito – duplo etérico – corpo, e cujo desgaste demanda, seguidamente, tempo igual ao que fora programado para a reencarnação.

Em síntese admirável, explica o Codificador:

"*A observação (...) mostra que os efeitos do suicídio não são idênticos. Alguns há, porém, comuns a todos os casos de morte violenta e que são a conseqüência da interrupção brusca da vida. Há primeiro, a persistência mais prolongada e tenaz do laço que une o Espírito ao corpo, por estar quase sempre esse laço na plenitude da sua força no momento em que é partido, ao passo que, no caso de morte natural, ele se enfraquece gradualmente e muitas vezes se desfaz antes que a vida se haja extinguido completamente. As conseqüências deste estado de coisas são o prolongamento da perturbação espiritual, seguindo-se à ilusão em que, durante mais ou menos tempo, o Espírito se conserva de que ainda pertence ao número dos vivos.*"

"*A afinidade que permanece entre o Espírito e o corpo produz, nalguns suicidas, uma espécie de repercussão do estado do corpo no Espírito, que, assim, a seu mau grado, sente os efeitos da decomposição, donde lhe resulta uma sensação cheia de angústias e de horror, estado esse que também pode durar pelo tempo que deveria durar a vida que sofreu interrupção. Não é geral este efeito; mas, em caso algum, o suicida fica isento das conseqüências da sua falta de coragem e, cedo ou tarde, expia, de um modo ou de outro, a culpa em que incorreu.*" (**KARDEC, Allan. "O Livro dos Espíritos"**. 75ª ed., FEB, 1994, cit., pp. 443 e 444: item 957, nota. Trad. Guillon Ribeiro).[7]

*

[7] O suicídio, pelas terríveis conseqüências que atrai, tem merecido a maior atenção dos Instrutores Maiores, que não poupam esforços no sentido de mostrar o erro em que incidem os que nele pensam. Assim, diversos e importantes trabalhos dedicados ao tema têm surgido em nosso tempo, destacando-se, entre eles, notavelmente, a extraordinária obra da médium brasileira, Yvonne A. PEREIRA, "**Memórias de Um Suicida**", editada pela Federação Espírita Brasileira, que narra, sob a supervisão de LÉON DENIS, as experiências de famoso escritor português (Camilo Castelo Branco) no além-túmulo.

A *cremação*, também, não é ocorrência que possa atrair indiferença. Embora se torne cada vez mais comum, impõe-se observar que nem sempre o Espírito, nesse processo, por suas próprias condições evolutivas, consegue escapar ao choque perispiritual, podendo, inclusive, ficar sujeito a sensações e perturbações realmente desagradáveis.

Já Léon Denis, venerável consolidador do Espiritismo na Europa, tratando do tema, escrevia, no início do século passado:

> "*Pergunta-se, muitas vezes, se a cremação é preferível à inumação sob o ponto de vista da separação do Espírito. Os invisíveis, consultados, respondem que, em tese geral, a cremação provoca desprendimento mais rápido, mais brusco e violento, doloroso mesmo para a alma apegada à Terra por seus hábitos, gostos e paixões. É necessário certo arrebatamento psíquico, certo desapego antecipado dos laços materiais, para sofrer sem dilaceração a operação crematória. É o que se dá com a maior parte dos orientais, entre os quais está em uso a cremação. Em nossos países do Ocidente, em que o homem psíquico está pouco desenvolvido, pouco preparado para a morte, a inumação deve ser preferida* (...) *porque permite aos indivíduos apegados à matéria que o Espírito lhes saia lenta e gradualmente do corpo*". (**DENIS, Léon**, "**O Problema do Ser, do Destino e da Dor**". Rio de Janeiro: FEB, ed. 1995, cit., p. 135).

Não é por outra razão, aliás, que os Instrutores Maiores têm advertido sobre a necessidade de acautelamento em assunto de tão magna importância. Recomenda EMMANUEL:

> "*Na cremação, faz-se mister exercer a piedade com os cadáveres, procrastinando por mais horas o ato de destruição das vísceras materiais, pois, de certo modo, existem sempre muitos ecos de sensibilidade entre o Espírito desencarnado e o corpo onde se extinguiu o "tônus vital", nas primeiras horas seqüentes ao desenlace, em vista dos fluidos orgâ-*

nicos que ainda solicitam a alma para as sensações da existência material." (**XAVIER, Francisco Cândido. EMMANUEL, Espírito. "O Consolador"**. 16ª ed., FEB, 1993, cit., p. 95, it. 151).

Complementando a lição, esclarece, em outro local, Francisco C. XAVIER, que, segundo lição de EMMANUEL, a cremação não deveria ocorrer antes de 72 horas da desencarnação "*de vez que, além da chamada morte clínica, o espírito liberado, em muitos casos, ainda está em processo de mudança, retirando aos poucos os remanescentes da sua própria desencarnação. No caso em exame, será importante que o corpo seja mantido em câmara frigorífica, evitando-se-lhe qualquer indício de decomposição.*" (**NOBRE, Marlene R. S. "Lições de Sabedoria"**. São Paulo: FE ED. JORNALÍSTICA, ed. 1996, cit., p. 46).

De qualquer forma, impõe-se a prudente espera, pois, no precário estádio evolutivo em que estacionamos, lícito é supor que nem todos estejam em condições de desligamento imediato e pleno, mesmo respeitado o tempo mínimo recomendado pelo iluminado Mestre EMMANUEL, acautelando os desprevenidos quanto a possíveis – e desnecessários – padecimentos.

*

Na *eutanásia,*[8] da mesma forma, pode o desencarnante ficar sujeito aos efeitos de um delicado trauma perispirítico, ainda que de repercussão bem menos significativa do que no suicídio – mes-

---

[8] Tecnicamente, o termo *eutanásia* (do gr. ***eu*** + ***tánathos***), conhecido a partir de Francis Bacon (1623), quando o empregou em sua "*História Vitae et Mortis*", no sentido de "boa morte" – sua origem seria mais antiga, com presença, inclusive, no pensamento romano –, refere-se tanto à *eutanásia ativa* (também designada benemortásia ou sanidicídio), como à *eutanásia passiva* ou *ortotanásia.*

No primeiro caso, há deliberação de antecipar a morte do doente, a pedido seu ou de seus familiares, ante a aparente incurabilidade de sua moléstia e da insuportabilidade de seu sofrimento, reconhecido como inútil o tratamento. Em regra, são empregados recursos farmacológicos. (Uma variação é o *suicídio assisti-*

mo porque ausente, na maioria das vezes, a vontade ou a consciência plena do doente.

É que a interrupção da vida orgânica programada – a dizer, provida da reserva vital que lhe diz respeito –, impede que se escoem, normalmente, as forças de sustentação física, ao mesmo tempo em que vão sendo drenadas para a carne as cargas deletérias que ainda impregnam o perispírito, produtos da mente em desequilíbrio e responsáveis pelas mazelas que atormentam e retificam.

Tal a razão que leva a admitir como temerária e irresponsável qualquer decisão, por parte dos encarnados, dirigida ao apressamento do processo desencarnatório de alguém, por mais definitivo possa parecer o quadro. Mesmo porque mui complexos são os fenômenos que acompanham os derradeiros momentos do Espírito no corpo e, na verdade, ainda bastante resta a saber a esse respeito.

KARDEC, a propósito, submetendo a questão a um de seus respeitáveis orientadores espirituais, obteve resposta que ilustra bem o tema e induz à séria meditação:

> "*Ainda que haja chegado ao último extremo um moribundo, ninguém pode afirmar com segurança que lhe haja soado a hora derradeira.*"
>
> "*Sei bem haver casos que se podem, com razão, considerar desesperadores; mas, se não há nenhuma esperança*

---

do, em que o próprio paciente provoca sua morte, orientado por médico ou por terceiros).

Na *ortotanásia* são suspensos os medicamentos ou medidas que aliviem a dor, ou se deixa de usar os meios artificiais para prolongar a vida de um paciente em estado tido como de coma irreversível, a pedido do enfermo ou de seus familiares. É a "eutanásia por omissão".

No pólo contrário, está a *distanásia*, prática dirigida ao prolongamento da vida do enfermo, a todo custo, por obstinação terapêutica.

fundada de um regresso definitivo à vida e à saúde, existe a possibilidade, atestada por inúmeros exemplos, de o doente, no momento mesmo de exalar o último suspiro, reanimar-se e recobrar por alguns instantes as faculdades! Pois bem: essa hora de graça, que lhe é concedida, pode ser-lhe de grande importância. Desconheceis as reflexões que seu Espírito poderá fazer nas convulsões da agonia e quantos tormentos lhe pode poupar um relâmpago de arrependimento."

"O materialista, que apenas vê o corpo e em nenhuma conta tem a alma, é inapto a compreender essas coisas; o espírita, porém, que já sabe o que se passa no além-túmulo, conhece o valor de um último pensamento. Minorai os derradeiros sofrimentos, quanto o puderdes; mas, guardai-vos de abreviar a vida, ainda que de um minuto, porque esse minuto pode evitar muitas lágrimas no futuro." – **S. Luís**, Paris, 1860 ("**O Evangelho segundo o Espiritismo**". 109ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, pp. 124 e 125: Cap. V, it. 28. Trad. Guillon Ribeiro).

*

O *aborto*, como as demais ocorrências citadas, constrói efeitos dos mais nefastos; guardadas as proporções, pode repercutir tão dolorosamente no perispírito da alma rejeitada, como no suicídio.

Com efeito, a interrupção violenta do processo de gestação – seguidamente, com o estraçalhamento do feto – produz, inevitavelmente, um choque doloroso que, embora proporcional ao estádio do desenvolvimento fetal, sempre causa, pela ruptura forçada dos liames que unem o perispírito ao organismo em desenvolvimento, graves perturbações.

São sofrimentos que, associados às frustrações, despertam depois o sentimento de revolta, o fogo do ódio e a sede de vingan-

ça, que vão alimentar as obsessões, plantando a dor e o desespero que queimam as consciências culpadas.

Trata-se, infelizmente, de drama que assola hoje grande parte da Humanidade – e, infelizmente, também detectado entre os que não desconhecem, propriamente, a realidade do Espírito.

Reconheça-se, todavia, que se presente em todas as sociedades e em todos os tempos – e, também, suas terríveis conseqüências –, nunca deixaram de existir as advertências sobre os perigos do aborto voluntário, providenciadas pela Espiritualidade Superior, com base, já, nas próprias legislações penais.

E certo também é que, com o advento do Espiritismo, clarificaram-se definitivamente as responsabilidades espirituais que assumem os autores de tal agressão, a definirem-se, depois, inevitavelmente, ao impulso da culpa, em complexo desajustamento das energias psicossômicas.

Esse desajustamento, a refletir-se em perigoso desequilíbrio funcional da cadeia vital (centros coronário, cerebral e genésico, principalmente), acaba mergulhando homens e mulheres, réus em delito de *lesa-maternidade*, segundo expressão de ANDRÉ LUIZ ("**Evolução em Dois Mundos**", ed. 1993, cit., p. 198), em tristes e prolongadas noites de aflição.[9]

*

[9] Anotam os Instrutores Espirituais em "**O Livro dos Espíritos**": "Uma mãe, ou quem quer que seja, cometerá crime sempre que tirar a vida a uma criança antes do seu nascimento, por isso que impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando." (75ª ed., FEB, 1994, cit., p. 202, item 358).

Observe-se, a propósito, que, em Espiritismo, a única exceção relaciona-se com o caso em que a mãe corra *real* perigo de perder a vida, o do chamado aborto terapêutico (item 359, de "**O Livro dos Espíritos**"). Em tais circunstâncias, é possível que a interrupção da gravidez diga com o próprio mapa cármico do frustrado candidato à reencarnação, como, por exemplo, o caso de um esquartejador que, depois, segundo a narração de BEZERRA DE MENEZES, por Yvonne A.

Com relação aos *transplantes de órgãos*, faz-se necessário considerar que, dependendo das circunstâncias, podem também, às vezes, afetar – embora nem sempre significativamente – tanto o perispírito do doador, como o do receptor.

Assim, em princípio, de parte do doador, se este não fez, previamente, a doação de seus órgãos, movido pelo desprendimento e pela vontade sincera de ajudar os que deles possam necessitar, poderá sentir-se depois, espoliado, chegando mesmo a perturbar-se com a sensação de que lhe faltam os órgãos no corpo espiritual.[10] E tal postura mental pode, ainda, agravar o processo de rejeição que normalmente se instala no organismo do receptor.

Sábia lição de Francisco Cândido XAVIER, a respeito, informa que "*se a pessoa chegou a um ponto de evolução em que a*

PEREIRA, teve de submeter-se ao processo da fetotomia, passando pelo horror de ver dividido em fragmentos o que seria o seu novo corpo... (**PEREIRA, Yvonne A. BEZERRA DE MENEZES, Espírito. "Dramas da Obsessão"**. 8ª ed., Rio de Janeiro: FEB, 1994, pp. 179 e 180: P. Complementar, "A Severidade da Lei", II).

[10] Notícias há de Espíritos que, quando da retirada de seu coração físico, registraram sensação de que algo lhes era dolorosamente retirado, requisitando intervenção espiritual específica para superá-la. E na Inglaterra, séria polêmica instalou-se depois de uma matéria publicada na revista "*Anaesthesia*", em editorial, sugerindo que os doadores fossem anestesiados nos procedimentos de retirada de órgãos, devido à constatação médica de que há aumento da freqüência cardíaca e da pressão arterial durante a cirurgia, o que poderia significar que o corpo sente dor, ainda que boa parte dos médicos entenda que isso não passe de simples "reação orgânica reflexiva" – o que poderia ser possível – e que nas cirurgias normais, o paciente, ao voltar a si, não registra a lembrança de qualquer dor. (Cf. **CIAMPONI, Durval**. "Dor e Morte". "**Jornal Espírita**". São Paulo, FEESP, nov. 2000, p. 3).

A respeito, importa considerar, de um lado, que mesmo na morte encefálica (a envolver o cérebro e o tronco, distintamente da morte cerebral), há um Espírito ligado ao corpo e, de outro, que, dada a relevância do fato, o paciente é sempre assistido pela Espiritualidade Superior, de modo a obstar qualquer sofrimento desnecessário.

noção da posse não mais a preocupa, esta criatura está em condições de doar, porque não vai afetar o perispírito em coisa alguma." Mas, se a pessoa "*tiver qualquer apego à posse, inclusive dos objetos, das propriedades, dos afetos, ela não deve dar, porque se perturbará.*"

Explicando, mais, elucida o apóstolo da Verdade e do Amor:

> "*Quando o doador é pessoa habituada ao desprendimento da posse de quaisquer objetos e desinteressada desse ou daquele domínio sobre pessoas e situações, a doação prévia de órgãos que lhe pertençam, por ocasião da morte física, não afeta o corpo espiritual do doador a que nos referimos. Entretanto, se estamos à frente de alguém que não atingiu o desprendimento que mencionamos, será importante pensar que esse alguém não se encontra com a precisa habilitação para doar recursos além da desencarnação, que provavelmente reclamará.*" (**NOBRE, Marlene Rossi Severino. "Lições de Sabedoria"**, FE EDIT. JORNALÍSTICA, 1996, cit., pp. 47 e 48: Cap. IV).

Compreende-se, então, que o receptor, diante das reclamações do Espírito que se sentir lesado, possa ter seu perispírito afetado pelo pensamento nocivo deste.

De outro lado, uma eventual incompatibilidade perispirítica entre o receptor e o doador, que as condições espirituais daquele não possam superar, poderá resultar – mesmo que o doador não reclame o que lhe foi tirado – em trauma que torne incontrolável a rejeição da peça transplantada. (Há sempre uma clara relação entre a histocompatibilidade e a compatibilidade perispiritual).

Pela sua complexidade, a envolver aspectos os mais diversos, o transplante, em verdade, apresenta-se como tema ainda não resolvido.

De fato, se a doação é ato sublime, denotador de clara evo-

lução espiritual, impõe-se, de outra face, respeitar a vida que estaria prestes a findar, para que nenhuma oportunidade de aproveitamento perispiritual seja subtraída ao possível desencarnante.

E aí surgem as dificuldades, uma vez que o órgão a ser transplantado deve ser retirado estando o doador, ainda, com vitalidade.

O primeiro questionamento diz com a chamada morte encefálica (morte de todo encéfalo, abrangendo o córtex e o tronco cerebral, e que pode ocorrer antes da morte cardiológica, propriamente).

Embora com seu conceito relativamente definido, desde 1968, a partir de trabalhos desenvolvidos na Faculdade de Medicina de Harvard, Estados Unidos, e ainda que respeitáveis critérios clínicos de diagnóstico,[11] acompanhados de exames complementares com certas condições de aferir a reatividade elétricoencefálica, o desempenho do processo circulatório cerebral (perfusão sangüíneo-encefálica) ou a atividade metabólico-encefálica, mesmo diante desses extraordinários avanços, persiste, inegavelmente, no caso de uma ocorrência de morte encefálica, a dúvida sobre o direito que alguém possa se arrogar de fazer cessar a vida orgânica de seu semelhante, coisificando-o, sejam quais forem as condições.

É que, realmente, uma efetiva constatação de morte encefálica, no estado atual de nossos conhecimentos, pode, em tese, apenas apontar a possibilidade de um processo desencarnatório, não alcançando, obviamente, nenhuma certeza acerca do tempo em que poderá ocorrer o efetivo desligamento do Espírito, o que

[11] Persiste, em Biodireito, o questionamento acerca dos critérios de determinação da morte encefálica, a partir, já, do fato de que se referem mais a prognósticos, que a diagnósticos, propriamente.

permite conjeturar sobre a hipótese de que a retirada de órgãos, seguida da cessação definitiva da vida, equivalha, afinal, de certa forma, e guardadas as diferenças quanto aos efeitos perispiríticos, à própria eutanásia.[12]

No futuro, certamente, ou o desenvolvimento científico permitirá a retirada de órgãos sem que o ritmo de desencarnação efetiva seja afetado por constrangimentos perispirituais desnecessários, ou os recursos tecnológicos, associados aos das ciências que informam a Medicina, propiciarão a construção de órgãos artificiais que substituam os que hoje são transplantados – se, antes, avanços no campo da genômica e da engenharia genética, ou engenharia de tecidos, já não possibilitarem, com suporte no perispírito do necessitado, meios de sustentação ou revitalização (ou, até, substituição) do órgão afetado, sem o trauma do transplante.

Entrementes, permanece o conforto da certeza de que na doação desejada, iluminada pelo sentimento de solidariedade, faz-se sempre presente a ostensiva assistência espiritual, cortando sofrimentos e agasalhando o doador com o manto do bem-estar; e também, de que, sejam quais forem as circunstâncias, tanto com relação ao receptor, como ao doador, vige, soberana, a Lei do Merecimento, sustentando a realidade de que "*a vida não erra*" (ANDRÉ LUIZ).

*

[12] Não são poucas as manifestações que contestam a possibilidade de se chegar a um diagnóstico certo sobre a morte encefálica. "O diagnóstico da morte encefálica não tem apoio, atualmente, no meio científico" – ressalta o médico brasileiro, Cícero G. COIMBRA – "(...) Como não existe atualmente uma técnica que possa garantir ética e cientificamente a comprovação da morte, ele [o transplante cardíaco] deve ser abandonado com urgência, até que haja uma forma de garantir efetivamente que o cadáver é um cadáver." (**COIMBRA, Cícero Galli.** "Transplante Cardíaco Deve Ser Abandonado". São Paulo: "**Folha Espírita**". FE EDIT. JORN., nov., 1999, p. 4).

Por último, no que diz respeito ao *congelamento de corpos*, também antes referido, importa admitir que a aplicação atual do processo criogênico para a conservação de corpos humanos, na expectativa de uma futura possibilidade de cura para os males que os acometeram, pode, também, repercutir de forma muito aflitiva, uma vez que o perispírito, sujeito a *ficar retido no corpo congelado*, por tempo indeterminado, se assim ditarem suas condições, torna-se passível dos efeitos dos impactos da operação.[13]

Esclarece EMMANUEL, a propósito, por intermédio de Francisco Cândido XAVIER:

> " (...) *o congelamento do corpo ocupado pelo Espírito, em processo de desencarnação, pode retê-lo, por algum tempo, junto à forma física, ocasionando para ele dificuldade e perturbações. Isso, de algum modo, já sucedia no Egito Antigo, quando o embalsamento nos retinha, por tempo indeterminado, aos pés das formas que teimávamos em conservar. Semelhante retenção, porém, só se verifica na pauta da Lei de Causa e Efeito. E, quanto ao congelamento, se alguns dos interessados – por força da provação deles mesmos – retornarem ao corpo frio a fim de reaquecê-lo, a Ciência não pode assegurar-lhes um equipamento orgânico claramente ideal, como seria de desejar, especialmente no tocante ao cérebro, que o congelamento indeterminado deixará em condições imprevisíveis.*" [14] ("**Folha Espírita**", São Paulo: FE EDIT. JORNALÍSTICA, 1974. Conf. **LOUREIRO, Carlos Bernardo.** "A Visão Espírita da Morte". Salvador, BA: TELMA, 1996, p. 83).

---

[13] Tal processo tornou-se especialmente conhecido depois que Robert Ettinger, fundador do Instituto de Criogenia, em Michigan (1976), colocou em uma criocápsula, mantida a 196 graus negativos, em hidrogênio líquido, o corpo de sua própria mãe...

[14] Assinale-se que o movimento criogênico – que hoje serve a interesses menos éticos – assenta-se na fantasia de que os neurônios são suscetíveis de ser também conservados, quando, como já proclamou a Associação Médica Ameri-

A prática, pois, de processos como o do congelamento – ou da embalsamação –, pode produzir conseqüências até bem perigosas; tanto para os pacientes, como, aliás, para os próprios agentes, conforme sejam seus efetivos propósitos.

Daí, o constante cuidado dos Espíritos em mostrar-nos os verdadeiros efeitos de nossos atos, pois se o livre-arbítrio é marca de progresso, dita responsabilidades e traça o futuro de cada um.

* * * *

cana, em fins da década de 1970, é incogitável a sua preservação após algum tempo de congelamento, uma vez que, por não atravessar a barreira hematoencefálica, e sem possibilidade de se concentrar no cérebro, a substância empregada nesse procedimento não chega a protegê-los contra o fenômeno da cristalização do líquido citoplasmático, a baixas temperaturas, comum às células desprotegidas e submetidas a tais condições. (V. **LOUREIRO, Carlos Bernardo. Op. cit.**, cap. XVI).

OBSERVAÇÕES FINAIS

Compreende-se claramente, pelo que exposto ficou, que um conhecimento mais avançado do perispírito pressupõe condição humana bem superior à atual.

Por isso, a tentativa de uma abordagem, mesmo periférica, como a aqui realizada, de um tema tão complexo e importante como o Perispírito – fundamental, mesmo, para o entendimento da própria vida –, nada mais significou que uma mera tentativa de indicação do quanto, em verdade, nos falta saber acerca desta maravilhosa estrutura, que PAULO, em sua extraordinária sabedoria e com notável propriedade, definiu como o *corpo espiritual* (**I Coríntios**, 15:44).

O futuro, todavia, embora os tropeços evolutivos, certamente iluminará os horizontes do Conhecimento, ampliando o nível de consciência que o homem tem de si mesmo e de seu papel na Criação.